



**Isla Antonello Terrana de Melo Bezerra Brito**

**Estrutura e liminaridade:  
Um estudo sobre a fofoca no Brasil**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da PUC-RIO.

Orientador: Prof. Roberto Augusto DaMatta

Rio de Janeiro

Maio de 2020



**Isla Antonello Terrana de Melo Bezerra Brito**

**Estrutura e liminaridade:**

**Um estudo sobre a fofoca no Brasil**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da PUC-RIO. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Prof. Roberto Augusto DaMatta**

Orientador

Departamento de Ciências Sociais - PUC-RIO

**Profa. Sonia Maria Giacomini**

Departamento de Ciências Sociais - PUC-RIO

**Prof. Valter Sinder**

Departamento de Ciências Sociais - PUC-RIO

**Profa. Roberta Bivar Carneiro Campos**

UFPE

**Profa. Yvonne Maggie**

UFRJ

Rio da Janeiro 20 de Maio de 2020

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Isla Antonello Terrana de Melo Bezerra Brito**

Graduou-se em Direito na UFF (Universidade Federal Fluminense) em 2011. Fez mestrado em sociologia pelo PPGS – UFF (Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFF) em 2015.

Ficha Catalográfica

Brito, Isla Antonello Terrana de Melo Bezerra

Estrutura e liminaridade : um estudo sobre a fofoca no Brasil / Isla Antonello Terrana de Melo Bezerra Brito ; orientador: Roberto Augusto DaMatta. – 2020.

372 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2020.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Fofoca. 3. Estrutura. 4. Liminaridade. 5. Comunicação. 6. Fenômeno comunicativo. I. DaMatta, Roberto Augusto. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. III. Título.

CDD: 300

## **Agradecimentos.**

Ao Professor Roberto DaMatta pela dedicação, orientação e amizade;

À PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

À minha família pelo apoio durante todo o curso;

Àqueles que ajudaram na pesquisa e escrita, em especial ao Marcus Fabiano, que o fez com tanto interesse e dedicação;

Aos amigos pelas companhias e alegrias;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

## Resumo

Brito, Isla Antonello Terrana de Melo Bezerra; DaMatta, Roberto Augusto. **Estrutura e liminaridade: Um estudo sobre a fofoca no Brasil**. Rio de Janeiro, 2020. 372p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente Tese aborda a fofoca como fenômeno comunicativo, investigando, em específico, seu significado social e cultural no Brasil. A análise teórica concentra-se em três aspectos principais: (1) a dinâmica situacional dos elementos pragmaticamente constitutivos de uma ação caracterizável como fofoca; (2) a recorrência dos conteúdos de mensagens trocadas a tal título e sob outras variantes semânticas e (3) os empregos concretos da fofoca como instrumento na prática social. Uma vez delimitada como fenômeno geral, passo a apreciar a dinâmica específica da fofoca no Brasil. Assim, analiso sua relevância a partir da noção de liminaridade segundo Victor Turner, considerando certos eventos em que a fofoca se manifesta em uma cultura marcada por fortes traços de predomínio da oralidade, fixidez hierárquica e trânsito relacional.

## Palavras- chave

Fofoca; estrutura; liminaridade; comunicação; fenômeno comunicativo.

## **Abstract**

Brito, Isla Antonello Terrana de Melo Bezerra; DaMatta, Roberto Augusto (Advisor). **Structure and liminality: A study on gossip in Brazil.** Rio de Janeiro, 2020. 372p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This Thesis addresses gossip as a communicative phenomenon, investigating, specifically, its social and cultural significance in Brazil. The theoretical analysis focuses on three main aspects: (1) the situational dynamics of the pragmatically constitutive elements of an action characterized as gossip; (2) the recurrence of the contents of messages exchanged under this name and under other semantic variants and (3) the concrete uses of gossip as an instrument in social practice. Once defined as a general phenomenon, I begin to appreciate the specific dynamics of gossip in Brazil. Thus, I analyze its relevance based on the notion of liminality according to Victor Turner, considering certain events in which gossip manifests itself in a culture marked by strong oral predominance, hierarchical fixity and relational transit.

## **Keywords**

Gossip; structure; liminality; communication; communicative phenomenon.

## Sumário

1. Introdução.....	12
1.2. A fofoca como objeto.....	16
1.3. A fofoca como objeto nas ciências sociais – uma breve revisão/apresentação.....	16
1.4. A fofoca como objeto das ciências sociais no Brasil .....	30
2. Uma proposta de estrutura da fofoca como fenômeno: elementos, conteúdos e usos .....	35
2.2. Uma estrutura da fofoca: elementos constitutivos.....	35
2.2.1. A Circulação (difusão). .....	35
2.2.2. A Mistura.....	41
2.2.3. A Ocultação .....	49
2.2.4. A Intenção.....	58
2.2.5. A Informalidade.....	67
2.2.6. Resumo: os cinco elementos da fofoca .....	77
2.3. Os conteúdos da fofoca .....	79
2.3.1. Notícias.....	81
2.3.2. Juízos .....	92
2.3.3. Apanhados de fatos e curiosidades.....	95
2.3.4. Especulações .....	102
2.3.5. Instruções.....	104
2.3.6. Resumo: os conteúdos da fofoca .....	107
2.4. Os usos da fofoca .....	108
2.4.1. Controle social.....	111
2.4.2. Fruição lúdico informacional .....	118
2.4.3. União comunitária e rechaçamento de intrusos.....	122
2.4.4. Criação e manutenção de laços de intimidade e confiança	125
2.4.5. Manipulação .....	136
2.4.6. Aliciamento .....	156
2.4.7. Vingança e inveja e o estigma feminino .....	158
2.4.8. Fofoca e feitiço: o etiquetamento.....	172
2.5. Resumo: os usos da fofoca.....	177

3. A fofoca no Brasil.....	179
3.2. A fofoca como termo originalmente brasileiro: do tagarela e o mexeriqueiro à fofoca e o fofoqueiro.....	179
3.2.1. Moinho: a mecânica da repetição maquina.....	179
3.2.2. Origens intrincadas de intrigas e mexericos .....	188
3.2.3. Fofoca: bantu no brasil .....	194
3.3. Nuances e particularidades da fofoca no Brasil .....	213
3.3.1. Brasil: sociedade oral e relacional .....	215
3.3.2. Fofoca e imprensa no Brasil - Os deslocamentos das ocultações.....	233
3.4. Análise de questionários .....	249
3.4.1. Metodologia da construção e aplicação do questionário: ...	249
3.4.2. A fofoca e o fofoqueiro.....	251
3.4.3. O que não é fofoca. ....	262
3.4.4. Relação com a fofoca: positividade/ negatividade/ ambiguidade; percepções, aprendizado; preferências; sentimentos	267
4. Conclusão.....	311
Bibliografia.....	318
Anexo I .....	326
Anexo II .....	330
Anexo III .....	368

## Lista de figuras

Figura 1 “Chain of gossip”, capa do Saturday evening post (Março 1948) por Norman Rockwell .....	36
Figura 2 “Three gossips”, capa do Saturday evening post (Dezembro 1929) por Norman Rockwell .....	36
Figura 3 “In a Roman Osteria” Carl Bloch, 1866, óleo sobre tela –National Gallery of Denmark, Copenhagen, Dinamarca .....	40
Figura 4 Cartaz com anúncio de vaga de trabalho. Autor desconhecido.	72
Figura 5 “Wanted! for murder – Her careless talk costs lives” (Procurada! Por assassinato – A conversa descuidada dela custa vidas), pôster da OWI, 1944. ....	99
Figura 6 “If you talk too much this man may die” (Se você falar demais esse homem pode morrer.) pôster da OWI, 1943. ....	99
Figura 7 “Loose talk can cost lives. Keep it under your Stetson” (Conversa fiada pode custar vidas, mantenha ela sob seu chapéu - da marca Stetson), 1942. ....	99
Figura 8 “ не болтай!” (Não fofoque/fale à toa!) URSS, 1941.....	100
Figura 9 “Someone talked... Someone listened... someone acted... A ship was sunk. Don’t gossip.”(Alguém falou ... alguém escutou... Alguém agiu... Um navio foi afundado. Não fofoque.). Wartime Information Board, Ottawa, Canadá, 1939 – 1945.....	100
Figura 10 “When troops move keep tongues still! Don’t gossip”. (Quando as tropas se moverem, deixem as línguas quietas! Não fofoque.) .). Wartime Information Board, Ottawa, Canadá , 1941.....	100
Figura 11 Exemplo simplificado de circulação de uma fofoca .....	141
Figura 12 Uma das imagens veiculadas para representar a batalha de Krojanty. ....	146
Figura 13 Capa de edição da revista da juventude Hitlerista de 1939 onde poloneses aparecem atacando tanques com a cavalaria.....	146
Figura 14 “Scold's bridle”, datada entre 1550-1800.....	160
Figura 15 “Scold's bridle” do século XVIII no Märkisches Museum, Berlin. ....	160

Figura 16 Ilustração de moinho com tagarela, trambelha e mó de pedra. Isla Antonello 2019.....	180
Figura 17 Esquema exemplificativo do caminho percorrido pelas palavras do latim e Bantu até o Português .....	203
Figura 18 Janela com cortina de fuxicos, fotografada em Tiradentes, Minas Gerais. Foto da autora. ....	206
Figura 19 Página da revista Cinelândia com a coluna “Mexericos” de Liba Frydman .....	210
Figura 20 Esquema da dinâmica participativa da fofoca: Entendidos, Interessados, Sensibilizados e Envolvidos.....	228
Figura 21 Memes comparando fofoqueiros e idosos a sistemas de vigilância. Autoria desconhecida. ....	274
Figura 22 “loose talk help our enemy” (Conversa fiada ajuda o nosso inimigo.). Outdoor na cidade de Oak Ridge, no período da 2ª guerra mundial.....	326
Figura 23 “Who me?/ Yes you.../ Keep mum about this job” (Quem, eu?/ Sim, você.../ Fique calado a respeito deste trabalho). Mensagem dirigida aos trabalhadores durante o Projeto Manhattan, no período da 2ª guerra mundial.....	326
Figura 24 “what you see here/ What you do here/ what you hear here/ when you leave here/ Let it stay here” (O que você vê aqui/ O que você faz aqui/ O que você ouve aqui/ quando você sai daqui/ deixe ficar aqui). .....	327
Figura 25 “pen and tongue/can be enemy weapons. Watch what you Write and say...” (Sua caneta e sua língua/ podem ser armas do inimigo. Atenção para o que você escreve e fala... ) .....	327
Figura 26 Revista “Tititi” edição de Junho de 2011, número 665 .....	357
Figura 27 Revista “Tititi” edição de Agosto de 2015.....	357
Figura 28 Revista “Tititi” edição de Setembro de 2019, número1073 ....	357
Figura 29 Revista “Tititi” edição de Novembro de 2019 , número 1080 .	357
Figura 30 Revista “Minha Novela” edição de Setembro de 2017, número 939 .....	358
Figura 31 Revista “Minha Novela” edição de Julho 2018, número 985 ..	358
Figura 32 Revista “Minha Novela” edição de Julho 2016, número 879 ..	358

Figura 33 Revista “Minha Novela” edição de Maio de 2013, número 715 .....	358
Figura 34 Revista “Minha Novela” edição de Maio de 2016, número 871 .....	359
Figura 35 Revista “Minha Novela” edição de Outubro de 2019, número 1021 .....	359
Figura 36 Revista “Tititi” edição de Outubro de 2012, número 716 .....	360
Figura 37 Revista “Tititi” edição de Novembro de 2015, número 897 ....	361
Figura 38 Revista “Tititi” edição de Março de 2019, número 1044 .....	361
Figura 39 Revista “Minha Novela” edição de Maio de 2012, número 554 .....	361

# 1. INTRODUÇÃO

O objetivo geral desse trabalho é abordar o fenômeno a que chamamos “fofoca”. E, em especial, o que é a fofoca no Brasil como um fenômeno social e cultural, o que são a fofoca e o fofoqueiro e sob quais formas eles se apresentam numa dinâmica interativa. O desafio em pesquisar tais questões, aparentemente simples, depara-se com um problema comum à antropologia e à sociologia: o fato de que todas as pessoas, e muito especialmente os brasileiros, já têm alguma ideia mais ou menos estabelecida sobre tais temas, muitas vezes, inclusive, com um razoável repertório de debates e casos enfrentados.

Este é certamente o caso da fofoca como objeto acadêmico. Qualquer pessoa a quem se pergunte do que se trata, ou o que pensa a respeito, será capaz de oferecer alguma resposta (opinião) desde a perspectiva do senso comum animado por um longo elenco de ocorrências, sendo este o caso das ideias preconcebidas referidas já em 1895 por Durkheim em “As regras do método sociológico” (DURKHEIM E. , 1984). Tais opiniões dificilmente estarão completamente erradas, embora suas prováveis insuficiências na compreensão de um objeto cuja amplitude só pode ser alcançada por um esforço reflexionante multidisciplinar e metodologicamente rigoroso. É o que pretendo então empreender nessa pesquisa.

Para isso, estruturo a presente tese em três capítulos principais. O primeiro deles consiste em uma revisão bibliográfica, mostrando como se foi colocando, ao longo do tempo, a fofoca como objeto das ciências sociais. O segundo capítulo, por sua vez, trará uma hipótese estrutural e acerca da constituição do fenômeno da fofoca. O terceiro Capítulo consiste em uma investigação do fenômeno a partir das origens polissêmicas do sentido do fofocar, partindo de alguns termos equivalentes e precedentes e pretende ainda situar o tema no Brasil, incluindo o porquê de sua relevância dentro do contexto particular de nossa sociedade, de predominância da expressão oral e relacional.

Assim, no primeiro capítulo apresento como a antropologia e a sociologia vêm lidando com o tema, desde um primeiro momento, na década de 40 no século XX, quando a fofoca começa a surgir, com mais ênfase, no corpo de estudos etnográficos. Sigo à década de 60, quando ela começa a ser elaborada como um

objeto sociologicamente independente, até os mais recentes anos 1990 e 2000, ocasiões nas quais a fofoca, passa a merecer também abordagens interdisciplinares da filosofia e da psicologia social. Indica-se assim que a fofoca saiu assim de uma simples menção geral, em meio a tantos outros aspectos da vida diária de grupos e tribos em observações de campo, e passou a ser objeto de estudo relativamente autônomo, demandando intensa reflexão e elaboração conceitual dos cientistas sociais.

Com efeito, qualquer revisão bibliográfica não poderia contornar os estudos seminais como o artigo de Max Gluckman “*Gossip and Scandal*”<sup>1</sup> publicado em 1963, que sugere no escândalo uma variável importante no conteúdo das fofocas, coisa que produziria nosso tão frequente interesse por elas. Gluckman analisa também o trabalho de Elizabeth Colson em “*The Makah Indians – a study of na indian tribe in Modern American Society*”<sup>2</sup> publicado pela Universidade de Manchester em 1953, onde a fofoca aparece como elemento de alta centralidade nas anotações etnográficas. Colson ali observa como ela é utilizada para a competição por status entre diferentes grupos familiares da comunidade. Trago também à baila a perspectiva do Antropólogo inglês John K. Campbell “*Honour, Family and Patronage. A Study of Institutions and Moral Values in a Greek Mountain Community*”<sup>3</sup> de 1964, onde a fofoca participa na modulação da honra daquela comunidade de pastores em relação aos aldeões, além de ressaltar o importante papel da vergonha gerada produzida pelo efeito de difusão de fofocas.

Trato também da noção de *rumor*, frequentemente referenciado como sinônimo da fofoca (embora corresponda a uma só modalidade de seu conteúdo). Este foi profundamente estudado, entre outros, por Tamotsu Shibutani em seu importante trabalho “*Improvised News: A Sociological Study of Rumor*”<sup>4</sup> publicado em 1966 pela universidade de Cornell (EUA). Este e outros autores são

---

<sup>1</sup> “Fofoca e Escândalo”, em tradução minha.

<sup>2</sup> “Os índios Makah – um estudo de uma tribo indígena na moderna sociedade Americana”, em tradução minha.

<sup>3</sup> “Honra, família e apadrinhamento. Um estudo das instituições e valores morais em uma comunidade grega das montanhas” em tradução minha.

<sup>4</sup> “Notícias improvisadas: um estudo sociológico do rumor” em tradução minha.

naturalmente importantes para o debate e serão devidamente revisitados criticamente ao longo da revisão bibliográfica e da estrutura deste trabalho.

Retraçado este percurso de amadurecimento do tema, dedico-me no segundo capítulo à investigação e sistematização do fenômeno em si, de maneira a buscar para o mesmo uma definição que abarque três aspectos que considero principais para o seu estudo e compreensão. São eles, em breve síntese do que será adiante desenvolvido:

(1) Como se dá a fofoca numa perspectiva situacional, isto é, quais os elementos constitutivos de uma comunicação caracterizável como tal. E estes seriam, no caso, a presença simultânea, cumulativa ou alternada dos seguintes elementos: confusão, ocultação, intenção, circulação e informalidade.

(2) Sob quais formas principais se apresentam os conteúdos das mensagens trocadas a título de fofoca. É dizer: de que maneira enunciativa aparecem os assuntos tratados nas fofocas. Se falo mal do meu vizinho que está tendo um caso extraconjugal, posso fazê-lo de diferentes maneiras, como por exemplo emitindo diretamente um juízo moral (“Sabe o Seu Joaquim? Nem cumprimento ele! Não respeita a mulher, é uma pessoa horrível!”), ou apresentando notícias, fatos, suposições, insinuando alguma conclusão através da manipulação de dosagem das informações (“Esse Seu Joaquim, não sei não. Sai muito, andaram o vendo com a Joana por aí. E a mulher dele em casa, sem saber de nada.”);

(3) Quais são os principais usos da fofoca. Isto é, de que maneira as pessoas se utilizam da fofoca como um instrumento social. Estes podem ser desde o mero entabulamento de assuntos para a manutenção de um interesse flutuante na comunicação corriqueira, até o exercício de um firme e muitas vezes massacrante controle social entre grupos e/ou indivíduos em disputa por prestígio, reconhecimento e posições hierárquicas vantajosas. Pode até mesmo servir para o aliciamento de pessoas exteriores aos acontecimentos, em busca de adesão a alguma causa ou mera confirmação do lugar social daquele que faz a fofoca.

No terceiro capítulo, estabelecidas as bases para a compreensão do fenômeno em sua estrutura geral e abstrata, dirijo-me ao caso particular: a análise da fofoca no contexto específico do Brasil. Parto de uma análise das formações linguísticas mais primevas que buscaram dar conta, em nosso idioma e cultura, do fenômeno comunicativo subjacente à difusão disso que hoje chamamos singelamente de “fofoca”. Procuro então demonstrar a relevância dos antecedentes lexicais e dos

campos semânticos metaforizantes que lhes deram origem e puseram em bem-sucedida circulação. Nessa arqueologia da fofoca, percorrerei os estratos que correspondem ao emprego de termos como *tagarela* e *intriga*, até chegarmos a expressões mais próximas ao sentido ajuizante da *fofoca*, como é o caso do *mexerico*.

Em seguida levanto características da sociedade brasileira relevantes para a compreensão da forma como esta lida com o fenômeno e analiso a importância da liminaridade na fofoca como artifício para um manejo, ou mesmo navegação, através da fixidez hierárquica da nossa sociedade. Contextualizo a fofoca na estrutura de nossa sociedade marcada por traços fortes de predomínio da oralidade, de fixidez hierárquica e de trânsito relacional. Abordo também certas situações, e aspectos da vida social no Brasil, onde a fofoca desempenhe um papel relevante ou mesmo configure a própria tônica da circunstância. Tal abordagem certamente não pretenderá ser exaustiva, uma vez que são virtualmente ilimitadas as possibilidades de utilização da fofoca na vida social.

Analiso a sua presença pioneira em periódicos, como jornais e revistas (principalmente as especializadas em fofoca, tanto sobre a vida de personalidades, como as de novelas). Além disso, destaco também, o jornalismo de “bastidores”, a abordagem da fofoca pela literatura brasileira e ainda o terreno político, onde se nota hoje o nada novo fenômeno das chamadas “notícias falsas”, as chamadas *fake news*, as quais poderiam ser tratadas também como *notícias verossímeis*, mais do que propriamente falsas.

Apresento também os resultados da aplicação de questionários a fim de buscar empiricamente indicativos do que, afinal, o brasileiro entende por fofoca e o que pensa a seu respeito e a respeito do fofoqueiro. A partir da análise dos resultados de tais entrevistas, imagino ter sido possível oferecer um panorama com indícios reveladores a respeito das questões levantadas.

Finalmente, na conclusão apresento um enfeixamento geral dos resultados obtidos ao longo de toda a investigação, tanto reflexiva e teórica quanto empírica, pretendendo responder às duas principais questões colocadas: o que é a fofoca e o que são a fofoca e o fofoqueiro no Brasil.

## 1.2. A FOFOCA COMO OBJETO

### 1.3. A FOFOCA COMO OBJETO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS – UMA BREVE REVISÃO/APRESENTAÇÃO

A fofoca é um tema que não tardou a se fazer presente na antropologia. Em um primeiro momento comparecendo em observações da dinâmica de sociabilidade nos grupos estudados e etnografados. Através de estudos de caso os antropólogos começaram a demarcar onde e como elas ocorriam, em quais circunstâncias para, a partir daí projetar uma resposta a respeito da função da fofoca dentro das sociedades analisadas. Já no início do século passado, como observa Max Gluckman em seu artigo “Gossip and Scandal”<sup>5</sup> de 1963 (GLUCKMAN, 1963, p. 307), temos exemplos de estudos antropológicos onde se descreve a presença insistente da fofoca na vida social, como é o caso citado do estudo de Paul Radin “*Primitive Man as a Philosopher*”<sup>6</sup> de 1927, ou os dois estudos, (estes mais aprofundados no tema como um fenômeno cultural) de Melville J. Herskovits “*Life in a Haitian Valley*”<sup>7</sup> de 1937 e “*Trinidad Village*”<sup>8</sup> de 1947. Nestes trabalhos já começa a despontar, segundo Gluckman, uma investigação acerca do papel dessas fofocas no controle moral das respectivas comunidades e, por conseguinte, na manutenção da coesão do grupo, aspecto ainda mais aprofundado em “*Plainsville*” de James West em 1945. Aqui ele destaca ainda mais o emprego da fofoca entre os habitantes de Plainsville, cidade dos Estados Unidos no controle tanto da religiosidade quanto da moral da comunidade e insere um dado importante: o temor de se tornar objeto da fofoca. Ora, sendo a fofoca negativa indesejada, um indivíduo, para evita-la, se furta a agir de maneira potencialmente reprovável pela comunidade.

A fofoca é capaz de produzir sofrimento psíquico através do sentimento de vergonha. A veiculação de reprovações e juízos negativos podem, assim, gerar no fofocado este sentimento. O Antropólogo inglês John K. Campbell levantou de

---

<sup>5</sup> “Fofoca e escândalo”, em tradução minha.

<sup>6</sup> “O homem primitivo como filósofo”, em tradução minha.

<sup>7</sup> “A vida em um vale Haitiano”, em tradução minha.

<sup>8</sup> “A Vila Trinidad”, em tradução minha.

maneira bem clara em seu livro “*Honour, Family and Patronage. A Study of Institutions and Moral Values in a Greek Mountain Community*”<sup>9</sup> de 1964 a questão do papel da vergonha na produção de efeitos da fofoca:

The fear of gossip and ridicule is closely related to the two concepts of self regard and shame. The prestige of an individual, or a Family, is constantly being evaluated and re-evaluated in the community through gossip about personalities and events. To be gossiped about is in most cases to be criticized adversely, and since people enjoy this recreation they laugh at and ridicule the object of their discussion. The knowledge, or the imagining, of this ridicule and laughter is an important element in a man’s feelings of shame. For if the outside world judges him to be a failure he has also failed to live up to his own ideal image of himself which depends on success. (CAMPBELL, 1964, p. 312)

(...)

I have said enough to indicate how public opinion functioning through gossip and ridicule acts to sanction the community’s prestige values. Gossip and its outcome, ridicule, are in a certain manner the external sanctions which support the sense of shame. The subtlety of gossip and ridicule as sanctions is that, since they do not generally operate in his presence, they offer a man no excuse for violent response. He may respond to the insult of an individual, but not to the laughter of the Community which he senses, but seldom hears. (CAMPBELL, 1964, p. 315)

O ridículo (o riso dos outros) e a rejeição como consequências da fofoca negativa funcionam, conforme observado por Campbell, como uma espécie de sanção externa (social-grupal) sobre o indivíduo, é dizer: o riso a respeito das falhas do indivíduo e a rejeição em decorrência do noticiamento das mesmas são uma maneira da sociedade punir o sujeito, infligindo nele o sofrimento da vergonha. A perspectiva de sofrer a vergonha, por sua vez, funciona como sanção interna, é dizer, um sofrimento causado pelo próprio indivíduo a si no momento em que a mera perspectiva das reações alheias o impedem de agir na cogitação de cenários comportamentais. Ele coloca ainda a perda da autoestima (*self-regard*) também como um sofrimento. Campbell, no entanto, não diferencia uma falha moral de uma falha simples, no que diz respeito à fofoca. Isto porque ele está aqui preocupado com a perda do prestígio dos indivíduos perante a comunidade, o que pode ocorrer em ambos os casos, embora não na mesma intensidade.

No caso daquela comunidade grega (os pastores Sarakatsani), a observação dessas circunstâncias se fez indispensável por conta do grande peso dado à honra individual e familiar, bem como aos efeitos que a fofoca negativa produzia sobre estes. Um uso um tanto peculiar da fofoca levantado por Campbell foi aquele referente, não à competição por parte das famílias por mais honra através da deterioração da honra alheia pela fofoca, mas justamente o contrário: o freio, através

---

<sup>9</sup> “Honra, família e apadrinhamento. Um estudo das instituições e valores morais em uma comunidade grega das montanhas” em tradução minha.

da fofoca, da pretensão de competição por mais honra. Como se vê no trecho a seguir:

(...) it is difficult to talk about competition to win more honor than another man or another Family. Honor is something which most families are presumed to have, but which they may very easily lose if they do not guard it with all their resources of courage and self-discipline. There is, rather, a constant struggle to maintain an ideal state of equality in honor between most individuals and families. And since the downfall of one Family validates and in some sense improves the status of other families, in attempt by every means of allusive gossip and criticism of conduct to deny other their pretentions to honor. (CAMPBELL, 1964, p. 272)

Todas as famílias Sarakatsani gozam de um estatuto de honra relativamente equilibrado, logo, se alguma perde, isso por comparação, elevaria outras. A fofoca aqui é utilizada para conter as pretensões de elevação de umas famílias às custas da queda de outras. Ela funcionaria então como um mecanismo de marcação de status pelo nivelamento homogeneizante e não pela diferenciação.

Esta posição é bem diferente daquela observada por Elizabeth Colson em “*The Makah Indians – a study of na indian tribe in Modern American Society*”<sup>10</sup> publicado pela Universidade de Manchester em 1953, onde a fofoca é usada para a competição explicitamente baseada na promoção da própria família a partir do rebaixamento de outras, chegando ao ponto de configurar uma situação de malestar geral entre elas.

Max Gluckman destaca, em “*Gossip and Scandal*” (GLUCKMAN, 1963), o mérito de James West pelo pioneirismo de suas observações a respeito da fofoca como mecanismo de controle da moralidade e da religiosidade em pequenas comunidades. Não obstante, ele salienta a contribuição da pesquisa de Elizabeth Colson no tema, pela relevância da fofoca demonstrada por ela na dinâmica social dos índios Makah. Apesar de ter sido divulgado em 1953, o estudo de E. Colson se deu em 1942, antes mesmo da publicação do trabalho de James West, o que traz ainda mais originalidade às suas observações.

Os Makah não vivem em constante harmonia entre si, mas em constante disputa e dissenso em relação à “classe” social a que cada família pertence. A classe mais prestigiada era a dos “*chiefs*” (descendentes de chefes), no meio termo havia os “*commoners*” (os comuns) e, por fim, os mais desprestigiados eram os “*slaves*” (escravos). Essas hierarquias pretendiam manter uma distinção de prestígio baseada em uma ancestralidade que já não era mais confirmável por meio da simples

---

<sup>10</sup> “Os índios Makah – um estudo de uma tribo indígena na moderna sociedade Americana” em tradução minha.

memória recente (COLSON, 1953, p. 213). O fato de não haverem registros confiáveis ou aceitáveis de maneira unânime e por terem já perdido os anciãos em cuja memória se poderiam fiar para a determinação das classes de cada família, surgiu uma zona nebulosa na comunidade, onde a pretensão de cada um de pertencer à classe mais prestigiada produziu uma série de disputas internas por meio principalmente da fofoca e da veiculação do que Gluckman chama de “*tongue of scandal*” (língua ou linguagem do escândalo), mais precisamente através da imputação de características ou origens negativas aos ascendentes de outras famílias.

Na ausência de uma genealogia unanimemente confiável, cada família produziu a sua evidentemente elevando o próprio prestígio em detrimento de outras. Ao longo do capítulo VII “*The Makah and their Traditions*”<sup>11</sup>, Colson dedica-se a uma minuciosa investigação que acaba por descobrir uma verdadeira batalha velada ocorrendo entre quase todas as famílias da tribo, concretizada por meio de fofocas enaltecedoras de si e denegridoras da ancestralidade ou mesmo do caráter de membros atuais de outras famílias. O resultado disso é a existência de um sistema de classes apenas virtual, onde não é mais possível identificar a posição de nenhuma família, ou seja, na prática desaparece o próprio horizonte hierárquico em cujo pano de fundo se dá a disputa entre todos. O que nos interessa e interessou também a Gluckman foi o estabelecimento da fofoca e da atribuição de escândalos como uma ferramenta importante para determinar o prestígio social e a dinâmica da interação naquela sociedade. Evidentemente a indisposição para se relacionar com ascendentes “escravos” e mesmo as disputas entre famílias com prerrogativas mais claras pela posição de “chefes” são determinadas por esse pano de fundo da fofoca local.

Há ainda um ponto importante que Gluckman destaca no trabalho de Colson que se refere não mais à disputa, mas aos efeitos agregadores da fofoca naquela tribo:

In this analysis Colson clearly establishes the important point that specific and restricted gossip within a group marks it off from other groups, both like and unlike. The gossip and scandal which are so biting in Makah life unite them into a group outside of general American society. And, as she points out, since this gossip and scandal involve the criticism and assessment of people against the traditional values of Makah Society, they maintain the tribe as Indians against Whites, and as Makah against other Indians. (GLUCKMAN, 1963, p. 311)

---

<sup>11</sup> “Os Makah e suas tradições”, em tradução minha.

Tais fofocas e escândalos só podem ser feitos por quem conhece as tradições da tribo, marcando assim o pertencimento a ela e a distinção entre Makahs, brancos e outros índios. Elas também valorizam as tradições e a própria cultura Makah, ainda que de maneira difusa e o próprio fato de poder responder à altura às fofocas já faz parte da dinâmica de sociabilidade do grupo.

Esse efeito agregador pode também ser observado no estudo de Campbell quando ele coloca que os Sarakatsani utilizam fofocas negativas contra os vilões (gregos não pertencentes àquela comunidade de pastores) de maneira a demarcar bem seus próprios valores e cultura, além de elevá-los moralmente em relação aos demais gregos:

Hostility to villagers is not only a question of a conflict of interests but also a difference of values. The sarakatsani believe that if the material conditions of their life are indeed regrettable, yet the moral life of their community upholds Greek traditional values which villagers, especially in Zagori, have debased and betrayed. (...) these claims are spiced with illustrations. The classic instance is the case of the postman who surprised another villager in the act of intercourse with his wife. he took no action, however, except to observe that this did not seem to him to be the conduct of a good neighbor. (...) the common purpose of these allegations is, simply, to deny that the villagers of Zagori have honor. (CAMPBELL, 1964, p. 213)

As fofocas desmerecendo a honra dos vilões funcionavam, portanto, como um artifício para a valorização da própria moral Sarakatsani, apesar da clara desvantagem material. A veiculação de anedotas maliciosas (verdadeiras ou não) a respeito dos gregos produzia união em torno da própria cultura e referenciais éticos entendidos por eles (os Sarakatsani) como desprezados pelos gregos, além de funcionar também como mecanismo de sociabilidade entre membros da própria comunidade.

Destaco que essa fofoca negativa a respeito de grupos diferentes do próprio é, em maior ou menor grau, observável em quaisquer pequenas comunidades e, como Colson e Campbell bem registraram, tem efeitos importantes sobre a coesão, identidade e referenciais éticos comuns. Em bom português: fofocar e falar mal dos outros que não pertencem ao nosso grupo, reforça nossa união. E esse seria, segundo Gluckman, um efeito positivo da fofoca: o estabelecimento de distinções entre eles e nós. Ele associa também a fofoca ao escândalo como mecanismo social tanto de disputa quanto de união intragrupal:

Scandalizing is one of the principal means by which the group's separateness is expressed, even though it is also the principal manner in which internal struggles are fought. This combination of functions of scandal makes the hostility itself a mode through which the tribe remains united. (GLUCKMAN, 1963, p. 312)

Colson não fala em escândalo separadamente. Parece-me que Gluckman considera como escândalo conteúdos de fofocas mais agressivos, ou que fofocas se alçam ao status de escândalo em decorrência da gravidade de seu conteúdo, acusatório por exemplo, como o caso de imputações de envenenamento descritas por Colson, tópicos evidentemente graves, frequentes entre os Makah e de difícil comprovação veiculados nas fofocas (COLSON, 1953, p. 227). Tratam-se aí de acusações muito mais danosas do que apenas especulações sobre as origens dos ancestrais de tal ou tal família, ou sobre o seu direito a reivindicar para si o status de descendente de chefe. Tal separação feita por ele é razoável diante da diferença de intensidade e efeitos de simples fofocas e fofocas escandalosas. O escândalo se caracterizaria ainda quando essas informações extrapolam os limites da fofoca perdendo um dos seus elementos mais importantes e sem o qual, muitas vezes, não podemos mais chamar a situação de fofoca: a ocultação, ou dissimulação. De fato, quando, por exemplo se faz em público e diante do próprio sujeito uma acusação grave (como foi o caso ilustrado por Gluckman), dificilmente podemos falar em fofoca, pois se tornam explícitas a informação, o informador (a fonte), o informado e mesmo os espectadores. Entendo, então, essa distinção dentro de um contexto de análise que considere o fator “conteúdo” da fofoca, uma vez que se trata do mesmo fenômeno, ocorrendo em diferentes intensidades por conta do conteúdo veiculado em cada ocasião e eventualmente até descaracterizado e tornado outro (com a perda da ocultação<sup>12</sup>). Voltarei a esta discussão importante discussão no Capítulo referente ao estudo do conteúdo da fofoca.

Por agora vemos que quanto mais acirradas as disputas internas da comunidade, mais “escandalosas” as fofocas, mais agudas as reações tanto ativas (contra-fofocas com acusações equivalentemente graves e aviltantes do prestígio do rival), quanto passivas (o desprezo e o silêncio como resposta dignificante e confirmadora da condição de “classe alta” daquele que é atacado). Mas isso se equilibrava perfeitamente dentro da dinâmica convivial da sociedade e esse “jogo” de farpas só podia ser bem desempenhado pelos próprios membros, bons conhecedores de suas nuances, coisa que tanto Colson quanto Gluckman classificam como fator de união daquela comunidade.

---

<sup>12</sup> Acredito, inclusive, que esta situação a que Gluckman chama “escândalo” possa ser algo próximo ao brasileiro “barraco”: agressivo, por vezes com acusações graves e jamais velado.

Importante aqui salientar 2 pontos. (1) Como já pudemos enumerar, a fofoca é estudada no âmbito da moral das comunidades desde ao menos a década de 30 do século XX. (2) Por outro lado, tanto os trabalhos citados por Gluckman quanto o de Campbell são estudos de caso nos quais, dentro de um contexto mais amplo, a fofoca surge com algum destaque em certos aspectos da vida social do grupo estudado. No entanto tais trabalhos não são exclusivamente nem principalmente a seu respeito e não apresentam reflexões mais detalhadas acerca da natureza do fenômeno, focalizando antes seus usos pelas respectivas comunidades e privilegiando, conseqüentemente, a função da fofoca. E como se trata aí da observação do fenômeno no curso de contextos sociais mais ou menos fechados ou delimitados, nenhum deles chega a suscitar a questão do que é a fofoca enquanto conceito ou estrutura fenomênica.

Já o trabalho de Gluckman dá um passo adiante na investigação do fenômeno fofoqueiro ao buscar uma compreensão da sua própria natureza de maneira geral, estabelecendo assim, a fofoca como um fenômeno social autônomo e por si só já digno de investigação. Dede então, a fofoca deixa de apenas aparecer circunstancialmente e passa a ser elevada ao status de objeto e problema específico das ciências sociais.

Gluckman salienta o papel tanto de união da comunidade em relação ao restante da sociedade, desempenhado pela fofoca, quanto o papel de vetor (ou regulador) de disputas entre grupos menores. Tais disputas travadas seriam de difícil interpretação por forasteiros que muitas vezes sequer podem tomar parte nelas por conta de suas peculiaridades temáticas, isto é, pelo desconhecimento das especificidades dos conteúdos e de uma série de informações relevantes sem as quais seria impossível ingressar na interação.

Um outro trabalho de grande importância e em 2 anos posterior ao de Gluckman que trata bem atentamente destas disputas internas de uma mesma comunidade através da fofoca é o trabalho de Norbert Elias e John L. Scotson “Os Estabelecidos e os Outsiders – Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade” de 1965.

Mas neste caso não se trata de uma comunidade culturalmente muito isolada ou diferente daquela do próprio pesquisador. É, bem pelo contrário, uma cidade bastante comum no interior da Inglaterra. Com uma população composta por um

grupo mais antigo, em grande parte ou algum grau aparentado entre si (a “aldeia”, que Elias considera como “os estabelecidos”) e outro grupo de novos residentes (o “loteamento”, constituído por aqueles considerados como “outsiders”) sem grandes correntes de relacionamento entre si, tanto de parentesco quanto de afinidades ou origem e também sem acesso livre ou facilitado a estruturas coletivas de interação (clubes, igrejas, etc.) dominadas pelos residentes mais antigos.

Neste trabalho salienta-se a função de reforço da estratificação e diferenciação social entre os grupos de residentes da cidade por meio da fofoca. Os moradores da “aldeia”, residentes das áreas mais tradicionais da cidade com famílias mais conservadoras, colocadas em empregos melhores e mais estáveis, ao mesmo tempo se uniam, se elevavam e se distinguiam como grupo daqueles integrantes do “loteamento”, estes muito mais desorganizados, em parte por conta da ausência de laços comunitários anteriores à sua mudança para aquela cidade e ainda segregados por certo isolamento agravado pela falta de espaços de socialização.

Essas fofocas se davam em diversas circunstâncias: seja em casa, entre vizinhos, ou nas comunidades reunidas ao redor de instituições como a igreja ou clubes. Eram inclusive feitas com, sobre e para o entrevistador, de maneira a não só incluí-lo no canal como assunto, mas também pressupondo que ele estaria atualizado em seus temas:

Uma moradora da “aldeia”, membro destacado de um grupo de arte dramática paroquial, listou numa entrevista suas amigas que pertenciam ao grupo. Uma atriz conhecida foi omitida da lista e o entrevistador mencionou essa omissão. “O senhor não sabe?”, foi a resposta surpresa: “Eles estão esperando um bebê para o Natal, de modo que desta vez ela não vai participar.” Nessa etapa, os “aldeões” já esperavam que o entrevistador estivesse perfeitamente incluído nos circuitos de transmissão das fofocas, embora, na verdade, ele ainda não estivesse totalmente atualizado. “ (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 122)

Mas um dos elementos mais importantes para a nossa análise do estudo de Elias é ele ter trazido à tona o conceito de fofoca elogiosa (*pride gossip*) (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 121) e ter chamado atenção no mundo das ciências sociais de que não só para a detração serve a fofoca, mas também para a exaltação (comparativa ou não) de pessoas, atitudes, ações, morais, ou mesmo a mera entabulação de assuntos de interesse grupal:

As notícias sobre uns e outros, sobre todas as pessoas publicamente conhecidas, tornavam a vida mais interessante. Assim, excetuadas as fofocas depreciativas, referentes sobretudo a pessoas de fora, e as fofocas elogiosas, que traziam fama para o próprio indivíduo e seu grupo, o fluxo das fofocas continha simples itens de uso do grupo interno, notícias sobre amigos e conhecidos que eram interessantes em si mesmas.

Em todas as suas diversas formas, as fofocas tinham um valor considerável como entretenimento. (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 122)

Essa questão da fofoca como entretenimento é valiosa para seu estudo como um fenômeno social. Talvez seja a chave para nos afastarmos de uma visão unicamente negativa, rancorosa ou moralmente reprovadora da fofoca. Quando Gluckman salienta seu efeito positivo de coesão social no estudo de Elizabeth Colson, ainda vemos um registro nitidamente negativo em relação aos conteúdos daquelas fofocas e do mecanismo no qual se inseriam para produzir uma coesão: eram fofocas negativas, muitas vezes com acusações graves e depreciações maldosas e eventualmente falsas a respeito deste ou daquele membro da própria comunidade, feitas em um contexto de acirrada disputa entre grupos. O efeito positivo da fofoca é, ali, resultado de uma troca social eminentemente negativa em seu contexto. Em “Os Estabelecidos e os Outsiders” essa modalidade também ocorre: os membros da “aldeia” depreciam o comportamento, a moral e qualquer outro elemento que encontrem a respeito dos habitantes do “loteamento” (ou de quem com eles se relacione) reforçando assim a própria coesão, a moral, o prestígio social e mesmo uniformizando comportamentos dos componentes da “aldeia”. Porém este é apenas um dos aspectos em que a fofoca atua na interação social comunitária, havendo também a observação do espaço para a fofoca inofensiva e até positiva. Quando os membros da aldeia exaltam virtudes de seus companheiros, vizinhos, conhecidos, não necessariamente o fazem para depreciar alguém, mas para evidenciar valores apreciados pela comunidade.

Considero, portanto, importante a colocação do conceito de fofoca elogiosa (*pride gossip*) ao lado da fofoca depreciativa (*blame gossip*) e saliento que essa diferenciação dos conteúdos por elas veiculados é de extrema importância para o entendimento de sua distinção.

As condições de interação e laços sociais e familiares foi também crucial para a configuração da dinâmica da fofoca naquela cidade. Na “aldeia” a união prévia (por vezes desde a infância ou por diferentes gerações de famílias) permitia a existência de canais de circulação e compartilhamento de informações mais rápidos e eficazes. No “loteamento” as famílias não tinham esses mesmos canais (por provirem separadamente de diferentes cidades, situações sociais e familiares). Por tal razão, não participavam ativamente nem da fofoca da aldeia ou sequer tinham um canal próprio de fofocas relativamente “unificado” (no qual circulasse o mesmo tipo de informação com os mesmos objetivos ou funções), senão apenas círculos precários e limitados a fofocas restritas ou de baixo espectro em seu alcance.

Seria possível pensar a partir daí que a rede de fofocas específica de uma comunidade assume tamanha importância para sua coesão que, dada sua ausência ou eliminação, certas configurações de sociabilidade tornar-se-iam inviáveis quanto à determinação de objetivos comuns. Isso ressalta a aptidão da fofoca para gerar afinidades, aproximações e cumplicidades entre os envolvidos. A fofoca aproxima as pessoas, também dentro da chave da intimidade, mesmo que isso aconteça apenas em momentos bem específicos ou em relação a temáticas pontuais.

Elias acentua ainda a parcela de reponsabilidade da fofoca na estratificação social naquela cidade. Através da exacerbação dos defeitos e insultos aos habitantes do “loteamento”, os “aldeões” conseguiam tanto reforçar radicalmente a adesão a seus costumes e ética, assegurar a pouca ou nenhuma interação de seus membros com aqueles, inclusive rejeitando e maculando reputações, como ressalta no trecho abaixo:

Assim, as calúnias que acionam os sentimentos de vergonha ou culpa do próprio grupo socialmente inferior, diante de símbolos de inferioridade e sinais do caráter imprestável que lhes é atribuído, bem como a paralisia da capacidade de revide, que costuma acompanhar-los, fazem parte do aparato social com que os grupos socialmente dominantes e superiores mantêm sua dominação e superioridade em relação aos socialmente inferiores.” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 131)

Os forasteiros (“outsiders”), a sua vez, amargavam por longo tempo condições sociais desfavorecedoras, a começar pela dificuldade e indisposição a se integrar tanto entre si quanto com os “aldeões”, desde gerações “estabelecidos” e com uma potente rede familiar e comunitária de suporte à sua disposição. Essa ausência de uma rede de suporte para os habitantes do “loteamento” dificulta (quando já não impossibilita) a própria mobilidade social das famílias, além de suscetibilizá-las à degradação mental e comportamental de seus membros mais vulneráveis. Este foi o caso dos seus jovens que, de tanto serem desprezados e acusados de mau comportamento, acabam refletindo aquela mesma imagem já petrificada e proclamada deles, engajando-se, assim, em comportamentos delitivos correspondentes a um perfil de delinquência esperado. A fofoca depreciativa injusta, naquele caso, pôde, então, induzir à deterioração do comportamento de grupos vulneráveis.

Um último elemento que quero destacar na pesquisa de Elias e Scotson é a aparição da perspectiva aliciadora da fofoca ao longo do estudo. Esta é mais uma das principais modalidades de uso da fofoca das quais pretendo tratar.

A fofoca aliciadora está relacionada a duas questões: quem e para quem se faz a fofoca e a quem ela interessa. Ora, em um primeiro momento poderíamos imaginar que a fofoca só ocorreria entre pessoas familiarizadas com os sujeitos ou seus elementos principais e que não se poderia considerar algo como fofoca quando feito a uma pessoa completamente desinteressada no assunto ou alheia àquele círculo social. Tanto o trabalho de Elizabeth Colson quanto, e principalmente, o de Elias e Scotson eliminam esta suposição. Ao longo de toda a etnografia, os “aldeões” tentam fazer uma espécie de aliciamento dos pesquisadores. Podemos perceber isso nos momentos em que os moradores da “aldeia” depreciam, diretamente para o pesquisador, os habitantes do “loteamento” enquanto enaltecem a si próprios. Para quê fazer fofoca falando mal de outras pessoas para alguém que não as conhece ainda e que pode sequer vir a conhecê-las? Ora, tirando situações muito específicas, normalmente queremos que nosso interlocutor esteja tanto a nosso favor quanto que considere a nossa posição como a mais correta, ou justa. É um meio bastante eficaz forçar-se tal comparação a partir da degradação das posições dos concorrentes, mais ainda quando sabemos que nosso interlocutor não conhece bem e nem conhecerá os indivíduos os alvos de tais fofocas, não podendo assim tirar a prova para a sua própria conclusão.

Entre os índios Makah e Elizabeth Colson isso também ocorreu, e de maneira tão insistente a ponto de fazê-la concluir pela impossibilidade do alcance de uma versão mais precisa dos fatos pesquisados. No caso de Elias, esse aliciamento se torna também evidente quando ele é mesmo desaconselhado pelos fofoqueiros “aldeões” a entrevistar os moradores do loteamento, que possivelmente não confirmariam opiniões depreciativas sobre si mesmos, produzindo, como aconteceu com os Makah, uma deformação na construção de versões, ou mesmo a possível exposição de alguma mentira.

Esse aliciamento funciona justamente para tentar atrair para algum dos lados o interlocutor (no caso os pesquisadores), arrastando-o para uma guerra de versões interna às comunidades e sobre as quais se baseia parte significativa do prestígio social de seus atores. Também pude experimentar esse tipo de situação em uma pesquisa de campo, sobre o que falarei no capítulo dedicado aos usos da fofoca.

Um outro trabalho de destaque na década de 60 é o “*Improvised News - a sociological study of rumor*”<sup>13</sup> de Tamotsu Shibutani. Este, apesar de não ser especificamente sobre a fofoca, mas sobre uma modalidade de seus conteúdos (o rumor), é um trabalho direcionado, assim como o de Gluckman, ao fenômeno em geral. O estudo de Shibutani começou em 1941 com o registro de rumores entre os japoneses habitantes de São Francisco (EUA) os quais, após o início da II Guerra Mundial, passaram a ser suspeitos de atuação inimiga (SHIBUTANI, 1966, p. Prefácio VII).

O problema principal de Shibutani, era, como ele mesmo colocou : “the problem of how people make up their minds in ambiguous situations;” ( o problema de como as pessoas tomam decisões em situações ambíguas) (SHIBUTANI, 1966, p. Prefácio VI). É dizer, um estudo de como as pessoas procedem a tomada de decisões na ausência de um fluxo contínuo e verificável de informações seguras. Ele trata então de elaborar uma teoria sociológica do rumor. Sua importância para nossa pesquisa se destaca a partir de dois aspectos:

1 – Rumor e fofoca são tidos, em muitas circunstâncias, como sinônimos pelo senso comum, apesar de não podermos considerar dessa forma para a investigação formal dos fenômenos.

2 – A abordagem feita por Shibutani, foca na criação de canais importantes para a tomada de decisões em meio a situações, como ele mesmo chama “ambíguas”, eminentemente incertas ou não verificáveis. Esta abordagem é importante para o entendimento de usos da própria fofoca em certos contextos, para além da sua utilização do próprio fenômeno chamado rumor.

Para Shibutani, o rumor é essencialmente um tipo de notícia (*news*) (SHIBUTANI, 1966, p. 17), consiste em uma (1) transação coletiva comunicativa, com (2) baixo teor de formalização, feita por uma cadeia de pessoas que exercem diferentes tipos de papéis na sua conformação, como os de mensageiro, intérprete, cético, protagonista, agitador, auditor e tomador de decisões (SHIBUTANI, 1966, p. 15).

Ele traz à análise o elemento do “erro” frequentemente atribuído ao rumor (SHIBUTANI, 1966, p. 3). Não obstante, ele muda essa perspectiva inicial que se

---

<sup>13</sup> “Notícias improvisadas – um estudo sociológico sobre o rumor”, em tradução minha.

tem do rumor como uma informação simplesmente errada. Mostra, por outro lado, que este é uma informação ou conjunto de informações coletivamente construído, não linearmente a partir dessa transação coletiva comunicativa. Ali, em cada etapa, as respectivas informações passam por uma avaliação e adaptação de plausibilidade, culminando na maioria dos casos, mais em um refinamento e alinhamento com o real do que no pacto com o absurdo.

Ademais o rumor, segundo Shibutani (SHIBUTANI, 1966, p. 23), ocorre em situações ambíguas, como por exemplo aquelas onde faltam ou inexitem canais de informação reconhecidos como oficiais. Ele mesmo trabalha com alguns estudos de caso de situações de guerra, como rumores nos treinamentos de soldados para a Segunda Guerra Mundial, ou situações de desastres onde os canais oficiais de informações tornam-se ineficientes ou imprecisos e se dá a necessidade de tomada de decisões rápidas a partir de dados fragmentários, ainda que informais. Os rumores são, portanto, uma forma de as pessoas lidarem com tais situações ambíguas para orientar suas próprias ações e decisões.

Shibutani entende o rumor como uma improvisação cooperativa de interpretações e como uma espécie de transação coletiva, dotada de início, meio e fim. O rumor tende a se enfraquecer até desaparecer pela cessação das transações informacionais. Ou seja: deixa de ser falado, replicado e remoldado até seu completo desaparecimento. Isso ocorre após cumprida sua função para uma tomada de decisão, ou através de uma sequência de testes de equivocidade que vão refinando a relevância qualitativa da informação (os elementos absurdos ou desmentidos tendem a desaparecer por checagens fáticas, enquanto os plausíveis ou verosímeis tendem a permanecer). Ademais, o rumor pode cessar também quando entra em cena um canal oficial de informação que elimina a necessidade de esclarecimentos ou a incerteza sobre a plausibilidade do mesmo. Contudo, eventualmente alguns rumores ainda deixam alguns resíduos e fragmentos em circulação, mas a grande maioria desaparece quando se tornam intempestivos.

Uma outra característica importante do rumor é justamente esta, a tempestividade. Ele frequentemente ocorre diante da demanda coletiva por informações relevantes diante de eventos importantes em curso, onde há a necessidade da chegada não só da notícia nova ou interessante, mas da notícia a tempo (SHIBUTANI, 1966, p. 41).

O próprio Shibutani diferencia o rumor da fofoca, restringindo seu alcance a pequenos grupos locais, mas não avança muito em uma análise da estrutura de tal fenômeno. Importa, no entanto, salientar que ele não os têm como sinônimos, coisa que discutirei no capítulo sobre os conteúdos da fofoca neste trabalho.

Em 1967 Robert Paine em artigo para o *Journal of Royal Anthropology Institute*, intitulado “*What is gossip about? An Alternative hypothesis.*”<sup>14</sup> entra em discussão com a abordagem de Gluckman e levanta a questão de que a fofoca é sim uma forma de coesão da comunidade, mas traz à tona o indivíduo em detrimento dessa comunidade, salientando que quem fofoca é o indivíduo e não a sociedade e que, por isso, a sua temática deveria ser analisada da perspectiva individual, não comunitária (PAINE, 1967, pp. 280-281).

Isto é, a fofoca versaria e serviria, em primeiro lugar, a interesses individuais e apenas indiretamente como um reforço da ética e da união ou mesmo de uma identidade comunitária.

Além do ponto de vista do indivíduo e seus interesses, Paine traz também o ponto de vista da administração de informações (*information-management*), observando que em certas ocasiões há informações estratégicas.

Não considero este ponto de vista e tampouco o de Gluckman a quem ele critica no artigo como incorretos. Ao que me parece, se analisarmos as mesmas pesquisas de campo onde a fofoca teve alguma relevância na percepção da vida comunitária (a de Elizabeth Colson, trazida por Gluckman ou a de Campbell destacada por Paine) com os dois pontos de vistas, separadamente, chegaríamos a conclusões confirmadoras de ambos, tanto da ênfase comunitária quanto da individual. O próprio Paine utiliza o trabalho de Campbell para confrontar Gluckman, analisando a fofoca entre os Sarakatsani do ponto de vista do indivíduo e de uma administração das informações, enquanto o mesmo trabalho pode, como foi feito por mim acima, confirmar alguns pontos da análise comunitária de Gluckman.

Ambos são, a meu ver, complementares e não contrários. A fofoca mostra-se como um fenômeno muito mais complexo e de estrutura muito mais ampla a ser analisado. Inclusive com a observação do mesmo em três diferentes facetas: (1) a

---

<sup>14</sup> “Sobre o que é a fofoca? Uma hipótese alternativa.”, em tradução minha.

do verbo fofocar que consiste no próprio fenômeno em si (e aqui sim podemos dizer, como Paine, que quem executa o verbo são os indivíduos); a do substantivo: (2) a fofoca como fenômeno feito, em execução, ou mesmo como nome dado ao tipo de conteúdo transmitido; e, finalmente, a do substantivo que pode se converter em adjetivo: (3) o fofocueiro, aquele que executa o ato de fofocar (também um indivíduo, mas que, frequentemente ostenta sua própria função peculiar à sociedade em que está inserido). Esta complementaridade e complexidade será mostrada ao longo deste trabalho.

Encerro aqui, por enquanto, a revisão bibliográfica no sentido do estabelecimento da fofoca como um objeto da sociologia e antropologia. Retomarei ao longo da tese outros desdobramentos do estudo deste fenômeno. Por ora, o problema está suficientemente colocado em sua trajetória de amadurecimentos para estendermos sua análise ao caso do Brasil. É o que faço a seguir.

#### **1.4. A FOFOCA COMO OBJETO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL**

Há, como não poderia deixar de ser, pesquisas brasileiras que abordam direta ou indiretamente a fofoca. Na seara da antropologia destaco o trabalho desenvolvido por Claudia Fonseca, em “Família, Fofoca e Honra”. A pesquisa foi publicada em 2000, mas desenvolvida a partir de 1981, na Vila do Cachorro Sentado, e a partir de 1986, na Vila São João, ambas em Porto Alegre (RS). No que se refere à fofoca, a maioria das observações foram feitas no âmbito da Vila do Cachorro Sentado. Para Claudia Fonseca, a fofoca envolve “o relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento” (FONSECA, 2000, p. 23), ali sempre observada como uma força negativa e prejudicial a quem eventualmente se refira. O seu trabalho se destaca pela análise da relação entre honra e fofoca. Ele encontra, por exemplo elementos que, como Gluckman observou, promovem a agregação do grupo: ali não se fofoca a respeito de estranhos, então quem quer que seja objeto da fofoca, é sempre alguém considerado como previamente pertencente à comunidade local (FONSECA, 2000, p. 23), isto é, se tal pessoa está sendo objeto de fofoca isso significa que de alguma maneira ela é considerada como pertencente àquele grupo. A pesquisadora relata também o que chama de “função educativa da fofoca” ao observar que adultos conseguiam transmitir indiretamente algumas regras de

comportamento prático e ético para os mais jovens através de exemplos levantados nas fofocas. Destaca ainda a função de circulação de informações, novidades e instruções que a fofoca exerce, mencionando o uso que analfabetos fazem dela para obterem notícias de parentes e amigos<sup>15</sup>. Porém a função da fofoca de maior destaque em seu trabalho é a de informar e modular a reputação dos membros das comunidades estudadas.

Claudia Fonseca destaca a dualidade e um equilíbrio de forças proporcionados pela fofoca que funciona como contraponto feminino ao poder da força bruta masculina. Enquanto a atuação masculina em relação à honra implicava na aplicação da violência ou força física em situações de conflito, a atuação feminina, por sua vez, envolvia o recurso à fofoca. Para defender sua honra ou a de uma filha, por exemplo, o homem (a quem a fofoca é ali proibida) fere com a força, a mulher, com a palavra. Naquela comunidade, observa Claudia Fonseca, a fofoca é “domínio feminino por excelência”, domínio dos fisicamente mais fracos (FONSECA, 2000, pp. 24-25). É, finalmente, um instrumento de nivelamento interno. Na dinâmica do convívio comunitário, ela é utilizada para manter todos no mesmo patamar de prestígio, não por meio da elevação do prestígio de uns (o que poderia ser performado pela fofoca elogiosa, por exemplo), mas sim pelo rebaixamento do prestígio de outros. Diferentemente dos Sarakatsani de Campbell, que usam a fofoca para nivelar-se em relação ao exterior (denegrindo a honra dos aldeões), a comunidade da Vila do Cachorro Sentado utiliza a fofoca para se nivelar internamente, o que é coerente com a observação anterior de que ali não se fofoca a respeito de forasteiros.

Voltarei algumas vezes à análise do trabalho de Claudia Fonseca ao longo desta Tese. Por hora é importante saber que trata-se de um trabalho antropológico relevante sobre o tema e, em especial, já baseado no estudo da fofoca como um objeto autônomo e digno de interesse das ciências sociais, como no estudo de Max Gluckman.

---

<sup>15</sup> Em 2014 tive também a oportunidade de observar esse tipo de função da fofoca em minha pesquisa com beneficiárias do Programa Bolsa Família. Diante do desconhecimento das regras envolvidas para a obtenção do benefício, além do problema do analfabetismo funcional, algumas beneficiárias relataram terem obtido as informações (estas muito confusas e truncadas) através de vizinhas e comadres. A fofoca revelou-se como uma das principais fontes de informação sobre toda a dinâmica envolvida no Programa, a despeito dos muitos canais oficiais disponíveis.

Um outro trabalho na área da antropologia com presença importante da fofoca é o do antropólogo Thomas Gregor “Mehináku o Drama da Vida Diária Em uma Aldeia do Alto Xingu” de 1982 (GREGOR, 1982). Aqui a fofoca aparece frequentemente como ponto centralizador de certas atividades da vida diária daquela tribo. Das atividades lúdicas do mexerico risonho e desprezioso, à produção de exemplos de quem tem comportamento aceitável ou inaceitável e até mesmo às acusações de bruxaria e assassinatos, a fofoca figura com frequência como ponto importante no cotidiano da vida Mehináku.

Nesta obra Thomas Gregor não trabalha especificamente sobre a fofoca como tema principal de sua pesquisa, mas como um fenômeno recorrente na vida diária daquela população.

Sua análise é também feita sob a ótica de Gluckman detectando um controle social baseado na formação de exemplos, mesmo a partir da atividade criativa criadora de exemplos reais ou fictícios: a “boa estória” com “verdades emocionais” (GREGOR, 1982, p. 83).

Ele observa e descreve algumas modalidades de uso da fofoca entre os Mehináku, dentre as quais o controle social a partir do desprezo a exemplos de “fascos” sociais (GREGOR, 1982) e o desencorajamento de certos comportamentos.

Salienta a percepção dos Mehináku da fofoca muito atrelada à noção de manipulação através de interpretações forçadas ou desonestas direcionadas a alcançar a reputação ou mesmo emocionalmente alguns membros específicos da comunidade.

Neste estudo Gregor não parece traçar entre os Mehináku uma distinção de gênero na prática da fofoca, tal como acontece na Vila do Cachorro Sentado, em Família fofoca e honra de Cláudia Fonseca, onde a fofoca é atributo feminino e moralmente proibida ao sexo masculino. Ele relata ainda o etiquetamento através da fofoca: “Os homens que passam muito tempo em suas casas são chamados de “mulheres”, nas fofocas da aldeia.” (GREGOR, 1982, p. 57).

Voltarei ainda a esses estudos na Tese de maneira mais analítica. Vejamos agora outros trabalhos brasileiros na área da fofoca e suas adjacências.

Ainda na antropologia, temos estudos da antropóloga Alcida Rita Ramos, que, apesar de não terem sido usados nesta tese, merecem menção por seu pioneirismo ao abordar já em 1975 a dinâmica de circulação de boatos em tribo indígenas. No

estudo “Boato: estrutura e ideologia na situação de contato” publicado no livro “Hierarquia e simbiose. Relações intertribais no Brasil” em 1980 (1980), mas baseado em pesquisa anterior de 1975., Alcida Rita Ramos traz um relato de comunicação através de boatos que acabam por servir de fonte de informação, especificamente a respeito de relações entre tribos inimigas no passado.

Ainda sobre rumor, Alcida tem o curioso “A profecia de um boato: matando por ouro na área Yanomami” publicado em 1996 (1995), onde traz o relato de um boato sobre o assassinato de um índio por garimpeiros que, à época, descobre-se falso. Os boatos são narrados a partir das percepções violentas que os índios têm dos garimpeiros. A morte acaba por concretizar-se 15 anos depois, como nos boatos, justamente pelas mãos de garimpeiros.

Trabalho mais recente, já na área da literatura e semiótica é o de Paula Francinetti da Silva: “A coluna social como gênero de fofoca” de 2011 (SILVA P. F., 2011).

Ali Paula Francinetti analisa um corpus de colunas sociais de Ibrahim Sued e de Carlos Swann, publicadas pelo jornal O Globo entre 1987 e 1989.

Seu trabalho é bastante centrado em uma análise da estrutura comunicativa presente na coluna social, trazendo à tona elementos não óbvios sobre seu objeto. Ela classifica a coluna social como gênero de fofoca a partir da noção de gênero de M. Bakhtin, destaca ainda algumas de suas especificidades. Entre elas estão a concentração temática não só em amenidades e vida pessoal da alta sociedade e artistas, mas também em política e outros temas de interesse tanto dos autores quanto de seus leitores. Assuntos em voga ou polêmicos à época tinham destaque nas colunas a ressaltar a política relacionada à Assembléia Nacional Constituinte que se encontrava em curso naquele intervalo (1987-1988), além da presença não só de informações noticiosas, mas também da emissão de opiniões próprias dos colunistas.

Ela atenta também para características da apresentação visual da coluna social exatamente organizada em colunas nos veículos em que circulam, de maneira a evidenciar uma demarcação do "lugar" daquele gênero de comunicação, particularmente separado do restante das matérias em circulação.

Ela acentua também a importância da personalidade do colunista para a reputação e confiabilidade da coluna. O colunista aparece como um fofoqueiro que assina sua fofoca.

Retornarei novamente ao trabalho de Paula Francinetti no corpo desta Tese.

Há ainda, no Brasil, uma variedade de bibliografia sobre fofoca, em outras áreas, como a psicologia e mesmo a gestão de pessoas, nem sempre centradas no rigor analítico acadêmico, mas ainda assim interessantes para um vislumbre das diversas maneiras como a sociedade brasileira apreende a fofoca.

Entre eles destaco alguns como o “Tratado geral sobre a fofoca - Uma análise da desconfiança humana de 1978” do psicólogo José Ângelo Gaiarsa (GAIARSA, 1978) e “A detração - Breve ensaio sobre o maldizer” de 2016 do Historiador Leandro Karnal (KARNAL, 2016) .

Estas obras tratam, em geral a fofoca sob uma perspectiva negativa, com foco em pontos como o erro, a mentira, as motivações negativas dos autores das fofocas e consequências deletérias de sua prática, mesclados com algumas ponderações mais relativizantes desse aspecto negativo.

Apesar de não ter sido esta a abordagem especificamente buscada nesta Tese, tais trabalhos refletem sim, parte da apreensão social brasileira (principalmente a que é demonstrada de maneira pública) da fofoca e do fofoqueiro.

Por mais que a percepção pessoal dos indivíduos possa chegar mesmo a uma aceitação da naturalidade da fofoca, a postura pública brasileira em relação a ela, salvo exceções, se mantém negativa, como constata-se ao longo desta tese.

Feito este pequeno apanhado, temos já alguma medida das abordagens da fofoca em estudos feitos por brasileiros ou no Brasil. Sigamos agora à etapa de estudo da estrutura do fenômeno.

## **2. UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA DA FOFOCA COMO FENÔMENO: ELEMENTOS, CONTEÚDOS E USOS**

Passo agora a desenvolver uma sistematização do que entendo como a estrutura do fenômeno. Meu objetivo é determinar quais são os elementos constitutivos de uma comunicação caracterizável como “fofoca”, para posteriormente entrar em aspectos como seu eventual conteúdo, seus efeitos e usos. Busco aqui, portanto a estrutura do fenômeno, aplicável a qualquer situação ou mesmo sociedade, quaisquer sejam suas culturas e hábitos. Se há grupos que usam a fofoca para vingança ou para a união entre seus integrantes, ou se há grupos que fofocam mais a respeito da vida sexual de vizinhos ou das mazelas de celebridades, isso veremos mais adiante. Por agora, a ênfase será dada ao fenômeno comunicativo geral.

### **2.2. UMA ESTRUTURA DA FOFOCA: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS**

Ao fazer inicialmente o caminho da análise a partir da linguagem, foi possível separar alguns elementos indispensáveis para a caracterização do fenômeno. Do mexerico e da fofoca o mexer, o circular, da intriga o intrincamento de informações, o esconder proposital e malicioso.

Dessa forma busquei sistematizar dentre alguns elementos frequentemente ocorridos na fofoca quais os essenciais para sua caracterização, desde uma perspectiva analítica e comunicacional. Penso que há principalmente cinco deles que, combinados, caracterizam as ocorrências circunstanciais do fenômeno fofoqueiro. São eles: (1) a circulação (difusão), (2) a confusão/ambiguidade/liminaridade (mistura), (3) a ocultação (o velado, o restrito, o segredo), (4) a intenção (grau de voluntariedade) e (5) a informalidade (canais de difusão). Vejamos agora cada um deles.

#### **2.2.1. A CIRCULAÇÃO (DIFUSÃO).**

O primeiro elemento constitutivo destacado é a circulação, justamente por ser a fofoca um fenômeno comunicativo. Não há fofoca sem a espraiação da informação, seja ela qual for. Uma grande variedade de expressões idiomáticas, imagens e símbolos que nos remetem à fofoca estão relacionadas a esse campo simbólico da difusão. Seja um quadro em que pessoas falam uma ao ouvido da outra em sequência, ou mesmo a conhecida expressão “telefone sem fio”, não há como conceber a fofoca sem a ideia da transmissão informativa de um ponto a outro.



Figura 1 “Chain of gossip”, capa do Saturday evening post (Março 1948) por Norman Rockwell

Figura 2 “Three gossips”, capa do Saturday evening post (Dezembro 1929) por Norman Rockwell

Existe na literatura atual da fofoca um consenso bem estabelecido de que ela possui, no que tange ao tema da circulação, uma estrutura chamada triádica, como se pode ler, por exemplo no estudo de Francesca Giardini e Rafael Wittek “*Gossip and Reputation - a Multidisciplinary Research Program*”<sup>16</sup> de 2019 (GIARDINI & WITTEK, 2019). Tal arranjo teórico pretende que a configuração mínima da fofoca

<sup>16</sup> “Fofoca e reputação – um programa de pesquisa multidisciplinar” em tradução minha.

se dá pela sinergia entre três atores: o falante, o ouvinte (que pode também falar, mas em uma situação simplificada pode ser realmente apenas receptor) e aquele referido nos estudos como “*third party*”, a terceira pessoa. Saliento, no entanto, que nem sempre esse terceiro corresponde exclusivamente a uma pessoa, como em geral se referem os artigos como o de Giardini & Wittek (GIARDINI & WITTEK, 2019). Esse terceiro deve ser considerado não exclusivamente um indivíduo, mas também um “assunto”, pois uma empresa, um governo ou mesmo um cavalo de corridas podem ser objetos do comércio fofoqueiro. Considerar então esse terceiro (*third party*) exclusivamente como uma pessoa é arriscar-se a descartar a possibilidade da fofoca sob esses diversos aspectos que, apesar de não configurarem a ideia mais trivial e vulgar que temos do fenômeno, não podem ser descartados. É dizer: tomar o *third party* como exclusivamente uma pessoa torna truncada a capacidade de análise, com os mesmos instrumentos, da fofoca política, econômica, comercial e mesmo sobre acontecimentos, tragédias ou instituições, nichos estes hoje consolidados ou como campos de investigação acadêmica e/ou como modalidades midiáticas.

Considero que trata-se sim, de uma estrutura elementarmente triádica. Entretanto, não chamarei este *third party* como “terceira parte”, dando a crer que ele deveria ser intrinsecamente dotado de capacidade subjetiva em sua potencial reação moral de quem não é apenas concernido pela fofoca, mas também poderia reagir a ela como instância psíquica e comunicativa idêntica à pessoa. Optarei então por chamar o *third party* de “assunto”, vez que esse termo engloba melhor tanto sujeitos como coisas, de objetos a personalidades jurídicas (instituições, empresas, funções administrativas).

Então a fofoca não é apenas uma informação sobre uma pessoa que não está presente. Ela é também e muito frequentemente isso, mas não só. Daí a importância de buscar a elaboração fenomenológica em elementos (circulação, mistura, ocultação, intenção e informalidade) que os conteúdos circunstanciais podem preencher. Essa estrutura triádica é sim a mínima para configurar a fofoca e, principalmente para compreender sua circulação. O falador ou fofoqueiro dirige-se ao seu ouvinte (que pode permanecer passivo ou se engajar ativamente na fofoca) a respeito de um assunto, que pode ser algo ou alguém. Assim, o que vai determinar a natureza da fofoca não é o conteúdo do que se fala, mas a condição em que algo

é transmitido, principalmente a informalidade e a ocultação das quais tratarei logo em seguida.

Ao contrário do que crê certo senso comum, a fofoca não é um fenômeno apenas oral, marcado pelas características da volatilidade, de suposta apreensão fugidia. Este ponto é praticamente pacífico na teoria contemporânea que reconhece a fofoca em diferentes plataformas (da fala à escrita, da mensagem de texto ao vídeo).

Para efeitos de circulação da informação, a forma exclusiva da oralidade não é imperativa. Uma fofoca pode ser transmitida por um bilhete ou carta, pode ser escrita em um veículo de grande circulação, como um jornal ou revista em forma de recado velado ou coluna social, como salienta o estudo de Paula Francinetti da Silva “A Coluna social como gênero de fofoca” (SILVA P. F., 2011). Para além mesmo da coluna social, temos hoje revistas ou seções inteiras em periódicos dedicadas ao universo das mais variadas fofocas, das novelas à vida pessoal de artistas ou mesmo intrigas políticas.

A fala é tão importante que elementos do campo semântico do sussurro e o sopro são capazes de aludir rapidamente à malícia das palavras que o “vento” levaria inadvertidamente de ouvido a ouvido. O próprio ouvido figura como caminho de entrada da fofoca no “corpo físico” de seu receptor, assim como a boca da fala figura tradicionalmente como o transmissor: “a boca pequena”, a “boca miúda”, a boca de onde saem cobras e lagartos, ou mesmo a boca com “língua de serpente” simbolizam os papéis principais do corpo nesta comunicação.

No entanto a fala e a presencialidade não são essenciais entre os fofocantes (o fofoqueiro e seu receptor). Hoje isso se torna ainda mais evidente com a facilidade da transmissão de mensagens escritas pela via digital. E apesar de fazermos grande parte de nossas fofocas com os dedos que digitam e de as recebermos com os olhos que leem, ainda deve levar algum tempo até que mudem as representações, herdeiras de gestos de tempos milenares de uma humanidade não só analógica, mas principalmente oral e ágrafa.

Há ainda que se considerar que esta circulação de informações (presencial, digital, escrita ou oral) precisa se dar entre pontos distintos, estes representados pelas “pessoas”.

Nesse esquema triádico, há papéis essenciais sem os quais é impossível existir a circulação de informações e, conseqüentemente, a fofoca: quem faz (fala) a

fofoca, quem recebe (ouve) a fofoca e de quem se fala na fofoca (o assunto). Os dois primeiros são verdadeiros atores e são o cerne da sua circulação. O terceiro (o assunto, o fofocado, o alvo ou objeto da fofoca) apesar de necessário, pode como disse anteriormente, nem sempre ser uma pessoa.

É comum nos referirmos à fofoca como “falar dos outros”, “falar mal dos outros” “falar da vida dos outros” e os tipos mais caricatos e corriqueiros de fofoca efetivamente têm essa configuração mínima: uma pessoa que propaga, uma que recebe a informação e a terceira, o objeto da fofoca, que não pode estar fisicamente presente no momento. No entanto, podemos fofocar, sobre alguma novidade que seja ainda um segredo que não deveria ser revelado. Dois apostadores podem fofocar entre si sobre um cavalo de corrida que não anda bem de saúde e que provavelmente não tem chances de vencer. Uma fofoca maliciosa e possivelmente mentirosa a respeito das possibilidades de lucro de uma empresa se espalhada pode derrubar o preço de suas ações na bolsa de valores. Uma fofoca sobre possíveis ou prováveis casos de corrupção ou ingerência econômica pode assombrar por meses um setor do governo. Esse terceiro sujeito o “assunto” da fofoca pode se desdobrar em um ente ou objeto abstrato a quem se julga, de quem se fala, ou sobre quem se especula na fofoca sem, necessariamente corresponder fisicamente a uma pessoa.

Temos, portanto, isolados os três atores mínimos da fofoca: (1) o transmissor (papel mais central no fenômeno); (2) o receptor e (3) o assunto de que ou de quem se fala. Não é possível se reconhecer uma situação como fofoca sem a presença dos três. Não se fofoca sozinho (para si mesmo).<sup>17</sup> O assunto, se pessoa, não pode também estar tomando parte diretamente no ato da fofoca. Não se faz Fofoca sobre fulano na presença ou para o próprio Fulano.

Daí a expressão brasileira “disfarça que “o assunto chegou”. Perfeita para aquele momento em que os amigos estão bem no meio de uma fofoca

---

<sup>17</sup> No “Tratado geral sobre a fofoca - uma análise da desconfiança humana” (GAIARSA, 1978) José Ângelo Gaiarsa argumenta que se faz sim “fofoca para si mesmo” ou consigo mesmo em uma espécie de diálogo com os “velhos confidentes” que criamos em nossa cabeça no papel de superego vigilante e controlador de nossas intenções, sentimentos, dúvidas. Não pretendo adotar aqui essa perspectiva da psicologia de caráter mais introspectivo, porém saliento que estruturalmente ainda assim os papéis se aplicariam, uma vez que fofocar para si mesmo implica em trazer a mensagem de si (1) no primeiro papel para si (2) funcionando como uma instância no segundo papel (no caso exemplificado por ele, o superego) (GAIARSA, 1978, p. 198). Fofocar sobre si mesmo ou sobre outrem, para si mesmo ainda é um ato que mantém a estrutura tripla: (1)quem fala, (1) quem recebe, (3) o assunto.

constrangedora e o “assunto” adentra o recinto para se deparar com expressões semelhantes a estas:



Figura 3 “*In a Roman Osteria*” Carl Bloch, 1866, óleo sobre tela –National Gallery of Denmark, Copenhagen, Dinamarca

O quadro “*In a Roman Osteria*” bem poderia estar representando uma cena de flagrante: a moça ao centro acabava de fazer uma fofoca a seu respeito que parece ter aborrecido bastante o homem à direita. Ao avistar você chegando à osteria, a mulher da esquerda sussurra com olhar irônico “Gente, disfarça que o ‘assunto’ chegou”. Vendo a cena você imediatamente se pergunta: será que estavam falando de mim? Até o gato parece saber de algo comprometedor. A dramatização é necessária pois ela é intrínseca à caracterização comportamental da situação de fofoca. Não sabemos exatamente se era esta situação que o pintor pretendia representar, mas as expressões e toda a composição podem bem nos servir de ilustração e transmitir o sentimento de desconfiança e mesmo certo embaraço.

Quando tal esquema é quebrado, há o desmantelamento completo da fofoca, que se transforma em uma circunstância, por exemplo, de confrontação direta ou mesmo constrangimento, como é o caso do conto de Machado de Assis “Quem conta um conto...”, onde o fofoqueiro Luís da Costa inadvertidamente faz a fofoca diante do seu próprio assunto, o major Gouveia, e se vê em uma situação não só embaraçosa, mas mesmo perigosa, dada a superioridade na hierarquia social do ofendido em relação à sua própria. Mais adiante entrarei em detalhes a respeito do que se trata a fofoca tematizada no conto e seus desdobramentos.

O conto é também de grande capacidade ilustrativa do elemento da circulação na fofoca. Instaurada a situação constrangedora, o ofendido decide tirar satisfações recuperando o caminho da informação (no caso inverídica) através de todos os seus propagadores até chegar na fonte primária. Ele faz assim o caminho contrário do desenvolvimento da fofoca, de pessoa em pessoa, “tirando a limpo” o que cada um ouviu e de quem. Neste caminho podemos ver como a informação foi se distorcendo desde a sua fonte de irradiação inicial que, para surpresa do major, era ele mesmo. Um comentário seu mal interpretado, foi subsequentemente distorcido, aumentado e espalhado por cada um dos elementos da corrente de fofoca. A circulação aqui é evidente, mas vemos também claramente no conto o nosso próximo elemento de investigação: a mistura, confusão, ou seja, o ruído comunicativo, o resultado da deterioração, muitas vezes involuntária, do conteúdo de uma mensagem.

### 2.2.2. A MISTURA

Somente a circulação não é suficiente para caracterizar uma situação como fofoca. Se assim fosse poderíamos chamar toda fala e toda escrita de fofoca. Para alcançar aquela configuração fenomenológica precisamos agregar ainda alguns elementos.

O elemento da mistura pode ser observado justamente através da intriga: o movimento de intrincar (em meio à circulação da informação) diversos fios de discurso, emaranhando-se mensagens que chegam às vezes incompletas, às vezes com perdas ou lacunas em seus conteúdos. Observe-se aí a diversidade de invocações conotativas acionadas pelos paralelismos empregados para se tratar, em termos metalinguísticos, da comunicação fofoqueira: muitas provém do mundo têxtil, universo por excelência da trama discursiva de que se tece a comunicação humana.

A mistura comporta também a adição, proposital ou não, de ruído às informações, a complementação com fragmentos eventualmente contraditórios e vagos para torná-las mais palatáveis ou suscetíveis à circulação, dados parcialmente compreensíveis ou mesmo ambíguos e duvidosos, capazes de potencializar a incerteza de interpretações mesmo no âmbito erradas ou exageradas.

Desde a década de 1960 pesquisas como a de Gordon W. Allport “*The Psychology of rumor*”<sup>18</sup> de 1947 (ALLPORT, 1947) pretendem analisar e compreender o ruído, tão presente na transmissão de informações em etapas. Allport ao estudar a distorção de rumores em seu campo da psicologia social conduziu, inclusive, experiências controladas a fim de analisar da propagação de mensagens e a perda e deformação das informações ao longo da cadeia informativa. Allport pretende até mesmo chegar a um coeficiente para determinara distorção de uma mensagem ao longo das etapas em que é transmitida e suscita o papel da vontade (desejo) na recepção, compreensão e propagação destas. Para este autor a crença e o repasse de informações às vezes já muito alteradas pelo ruído e mesmo relativamente inverossímeis podem ser influenciados por uma agência volitiva de pouco controle, operante no campo de uma sugestividade relativa.

É dizer: às vezes acreditamos em rumores porque de algum modo queremos que aquilo de que se fala aconteça. Seja porque mais interessante, conveniente, ou mesmo apenas capaz de confirmar nossas crenças, inclusive aquelas mais inconfessáveis. A percepção pioneira desses gatilhos psíquicos, investigados por Allport, são aptos a explicarem, em alguma medida, de modo pioneiro, fenômenos de altíssima dissipação grupal, hoje estudados com especial atenção, como as cadeias de boatos da ufologia, lendas urbanas e sobrenaturais e até a mitificação das virtudes morais de candidatos em pleitos políticos.

Parte das experiências de Allport são hoje consideradas datadas ou em certa medida obsoletas, principalmente por serem experiências fechadas e artificialmente controladas (*small world experiments*), mas é dele o mérito de tentar compreender, de maneira sistemática, o mecanismo de difusão, e tendências de produção de ruídos e deformação de informações em cadeias comunicativas.

A mistura é, portanto, um elemento de alta relevância, embora não completamente indispensável, pois nele se constrói grande parte da ambiguidade que dá espaço às interpretações, especulações e indução de opiniões e permite certa suspensão do fofoqueiro (malicioso ou não) para um estado de inimputabilidade, é dizer, uma condição na qual ele não poderia ser moralmente condenado de modo inequívoco.

---

<sup>18</sup> “A psicologia do rumor”, em tradução minha.

É sob o elemento da mistura que ocorre a distorção da mensagem fruto ou não da vontade de seus divulgadores. Essa distorção pode surgir por simples perda informacional gradual, para confundir, para completar de maneira inteligível uma informação que já chegou fragmentada, ou mesmo, como diz Machado de Assis, a fim de adicionar-lhe “certo molho para torná-la mais picante” (ASSIS, 1873, p. 1), entre outras possibilidades combináveis.

Tudo isso dependerá intensamente do uso que se está fazendo da fofoca em cada situação específica. Se para entretenimento, por exemplo, pode bem servir para aumentar o interesse dos interlocutores na fofoca e especular a respeito das possíveis circunstâncias originais. Este é o caso do conto de Machado. Nele um desinteressado comentário do major Gouveia a respeito de sua sobrinha se transforma em um escandaloso caso de amor proibido e fuga através da progressiva incrementação da inocente mensagem original: “O que eu lhe disse foi outra coisa. Disse-lhe que era capaz de castigar a minha sobrinha se ela, estando agora para casar, deitasse os olhos a algum alferes que passasse”. (ASSIS, 1873, p. 5)

No final da sequência, a fala do major já havia se transformado em um belo e escandaloso caso de fuga apaixonada e amor proibido:

“Então fugiu a sobrinha do Gouveia?

(...)

Falou de um namoro com um alferes, da oposição do major ao casamento, do desespero dos pobres namorados, cujo coração, mais eloqüente que a honra, adotara o alvitre de saltar por cima dos moinhos.” (ASSIS, 1873, p. 2)

Já se a intenção é induzir o ouvinte a algum julgamento ou conclusão específica, pode-se transmitir uma mensagem truncada, com omissões, ênfases, ou mesmo fragmentos de informações pertencentes a contextos diferentes daquele central, acionando-se aí diversas técnicas retóricas capazes de semear argumentos falaciosos ou simplesmente de introduzir fundos ficcionais. Até mesmo a adição de alguma mentira flagrante é possível. Essa técnica é também frequentemente utilizada para produzir as chamadas “*clickbait*”<sup>19</sup> e certas modalidades de

---

<sup>19</sup> *Clickbait*, em tradução livre: “iscas de cliques” são manchetes veiculadas na internet projetadas não para informar, mas para induzir o interlocutor a “clique” e acessar a notícia. São em geral manchetes que provocam a curiosidade e induzem a conclusões absurdas, escandalosas ou enganosas como: “fulana de tal revela seu segredo incrível para emagrecer”, “Navios estão afundando na costa e você não vai acreditar na razão”, “Descubra a super planta que te faz emagrecer em uma semana”, “Ninguém consegue descobrir por que esses cavalos correm para o lago”, entre outras.

O objetivo é exclusivamente obter o “clique” do internauta sem o conteúdo a ela anexado sequer corresponder necessariamente à manchete.

manchetes sensacionalistas indutoras de conclusões que não se sustentam, frequentemente referidas como “notícias falsas” ou “*fake news*” (sobre o que falarei no momento adequado).

Com efeito, a fofoca pode servir também para informar. Qualquer mistura ou confusão pode ocorrer mesmo acidentalmente, no processo de tentativa de se completar informações que já chegaram ou se encontram fragmentadas. Esse é o caso da transmissão de rumores estudada por Tamotsu Shibutani (1966).

Para Shibutani, o rumor passa por um processo de apuro, com o objetivo de possibilitar uma tomada de decisão em situações ambíguas, momentos de carência de canais oficiais ou confiáveis de informações. Em um processo sucessivo de testes de hipóteses com erros e acertos, o rumor acaba avançar nas suas inúmeras correntes de variação, geralmente, para resultados mais compatíveis com uma realidade fática ou ao menos plausível. Quando confrontado com um teste de plausibilidade, seja uma notícia precisa oriunda de um canal oficial (ou mais confiável), seja diante da própria realidade lógica ou fática, caso o conteúdo do rumor se apresente como absurdo ou irrazoável, tenderia a desaparecer. Mostrando-se compatível, avançaria, seja na forma de notícia, seja na forma da continuidade do rumor, agora fortalecido. Obviamente estas tendências estão sujeitas à atuação de fatores que podem variar em distintas comunidades ou culturas. A capacidade de análise da realidade fática de um grupo, suas crenças religiosas ou mesmo seus interesses circunstanciais podem afetar este refinamento.

O processo de omissões controladas aparece mais enfaticamente na pesquisa de Allport “*The psychology of rumor*” (ALLPORT, 1947). Anterior a Shibutani no estudo do rumor, Allport traz uma perspectiva onde a vontade tem um protagonismo maior na transmissão e transformação dos rumores ao longo de sua cadeia de dispersão. Allport salienta o gradual desaparecimento, mutações de detalhes, onde a vontade de conformar o mote principal do rumor com suas minudências narrativas, exerce influência na seleção de quais elementos irão desaparecer ou ser destacados na narrativa do rumor. Assim como também influencia na própria performance e sequência de exposição dos elementos, de maneira que “uma ideia

leve à outra, com uma inevitabilidade quase mecânica até que a conclusão final emerja”<sup>20</sup> (ALLPORT, 1947, p. 137).

Um dos exemplos de Allport é o caso de um rumor que surgiu em uma comunidade rural do Maine em 1945, pouco antes da rendição do Japão na 2ª Guerra (ALLPORT, 1947, p. 134). Um professor chinês em suas férias de verão dirigiu até a cidade e pediu informações a respeito de como chegar a certo lugar com uma bela vista. Ele havia descoberto o ponto em um guia de turismo e estava com a foto do local em mãos. Este episódio rapidamente desencadeou um boato com a seguinte narrativa: “um espião japonês subiu a colina para tirar fotografias da região”<sup>21</sup>.

Segundo Allport (ALLPORT, 1947) ao longo da transmissão da notícia entre os locais, portar uma foto tornou-se tirar uma foto (a presença da foto na construção da narrativa migrou do porte à produção); o chinês/oriental tornou-se japonês (o desconhecimento da origem real deu lugar à origem imputável pela referência racial); as circunstâncias de guerra remeteram à imputação da função do sujeito como a de um espião. Estes são os elementos de mistura, emaranhamento e transformação de fragmentos de informações. Note que as ideias fora do lugar não necessariamente produzem uma confusão geral, mas abrem caminho a novas configurações narrativas.

Por fim, a proximidade do fim da guerra e a total falta de importância estratégica da área foram ignoradas. Não por conta de um suposto esquecimento dos noticiantes, mas porque se mencionadas colocariam em xeque a razoabilidade do mote principal cujo apelo era de maior impacto: a veiculação da bombástica e misteriosa notícia de um espião japonês rondando a pacata cidade. Como coloca Allport:

These omissions are scarcely attributable to the unreliability of people’s memory. Rather they are systematic omissions. They dropped out because if told, they would tend to negate the preferred interpretive: “a Japanese spy among us”. We do not know to what extent the omissions are due to a misconception of the situation by the native who first talked with the stranger, and to what extent the details kept dropping out as the story spread from person to person. (ALLPORT, 1947, p. 135)

Isso não significa, porém, que só acreditamos e repassamos rumores porque queremos acreditar, ou porque talvez desejemos que aquilo aconteça. Isso pode

---

<sup>20</sup> “One idea led to the other with almost mechanical inevitability” (ALLPORT, 1947, p. 137)..

<sup>21</sup> “A Japanese spy had ascended the hill to take pictures of the region” (ALLPORT, 1947, p. 134).

ocorrer sim, mas em última instância, não há como determinar com precisão. A seleção segundo o próprio Allport pode ser em função de produzir uma maior conformidade entre a notícia mais interessante que se quer transmitir e seus detalhes narrativos, assim como pode ser também uma maneira de tornar um certo conjunto de fragmentos informacionais em algo minimamente inteligível e verossímil.

Assim também ocorre no processo de teste e refinamento de versões para a melhor orientação e tomada de decisões referido por Shibutani. Para ele há uma tendência ao refinamento final das informações corretas, com descarte das mais absurdas e sobrevivência das mais verossímeis. Apesar de existirem incongruências outras entre os trabalhos de Allport e Shibutani, em ambos os casos o rumor funciona como informação que circula em um contexto de falta de canais de notícias oficiais: “*rumor flies in the absence of News*” (ALLPORT, 1947, p. 15) Hoje, considera-se, em uma perspectiva um pouco mais ampla, que os rumores surgem e circulam como alternativas informacionais em situações de incerteza, como asseveram os psicólogos sociais Nicholas Difonzo e Prashant Bordia em “*A Tale of Two Corporations: Managing Uncertainty During Organizational Change*”<sup>22</sup> de 1998:

In addition, a long line of research (Rosnow, 1991 [summary]) in non-organizational (e.g., Allport & Postman, 1947; Prasad, 1935; Rosnow, Esposito, & Gibney, 1988) and, more recently, in organizational (DiFonzo, Bordia, & Rosnow, 1994; Esposito & Rosnow, 1983) settings has shown that rumors are generated under conditions of uncertainty— uncertainty defined as the psychological state of doubt about what an event signifies or portends. (DIFONZO & BORDIA, 1998, p. 296)

O rumor é essencialmente um tipo de notícia, sutilmente distinto da fofoca que, além de fragmentos de dados, via de regra veicula ainda juízos qualitativos e morais<sup>23</sup>.

Assim, o que nos interessa propriamente desta reflexão sobre os rumores (ou boatos) é o aspecto da deformação informacional ao longo do seu percurso de transmissão. Na fofoca, por outro lado, esse rumor não necessariamente vai se refinar até alcançar uma maior verossimilhança, ou sequer irá passar por testes de veracidade e ser totalmente descartado se provado inverídico. Isso porque a fofoca não serve somente à função de informar, mas também de entreter e mesmo de pôr

---

<sup>22</sup> “Um Conto de Duas Corporações: Gerenciando a Incerteza Durante Mudanças Organizacionais” em tradução minha.

<sup>23</sup> Para uma análise mais elaborada desse tópico ver o capítulo sobre os Conteúdos da fofoca.

à prova os referenciais éticos e culturais dos interlocutores. Uma fofoca absurda, mas interessante pode viver muito mais que um rumor provado inverídico.

O ruído na comunicação é muito relevante para se compreender a estrutura da fofoca e em uma análise superficial poderia se pensar que é indispensável para ela, mas este não é o caso. Ao fazermos uma fofoca ela pode ser também composta de informações absolutamente verdadeiras e bem organizadas. Apesar de se usar popularmente a palavra fofoca para desqualificar certas informações como mentiras, elas podem sim estar presentes, mas isto não é condição para configurar uma fofoca.

Como veremos adiante, a fofoca também não veicula somente notícias. Veicula, entre outras coisas, também juízos e ao transmitir um juízo meu a outrem, posso fazê-lo de forma completamente verdadeira e clara e ainda assim configurar uma fofoca. Posso, fazê-lo em segredo, escondido da pessoa a quem me refiro, veicular também às escondidas, informações e notícias corretas que são segredos de outrem ou mesmo veicular um segredo (e não só em segredo). Posso também granjear níveis distintos de cumplicidade (concordância tácita ou explícita, disponível como potência reprodutora) através do emprego capcioso de infinitas modulações comunicativas que vão do tom de voz à escolha de palavras e fórmulas sintáticas.

Posso contar para a vizinha A que a vizinha B está grávida do vizinho C, que não é seu marido. Posso também, em minha fofoca, adicionar que acho o marido de um péssimo caráter e que a vizinha B deveria trocá-lo de uma vez pelo vizinho C. Todas estas informações podem ser rigorosamente corretas e a vizinha A sequer precisa transmiti-las a mais alguém para que meu ato se caracterize como fofoca, pois a primeira transmissão já foi feita. O que vai caracterizar a fofoca neste caso é o elemento que analiso a seguir no próximo tópico: a ocultação.

Por hora cabe também salientar que não só o fofoqueiro produz a distorção no seu possível falar emaranhado, mas também o ouvinte pode ser responsável por ela a partir de sua interpretação.

Em estudos sobre sociabilidade humana com destaque para a relação entre fofoca e reputação, é possível perceber como isso se dá. O psicólogo social Nicholas

Elmer, em “*Human sociality and psychological foundations*”<sup>24</sup> de 2019 afirma que a atividade da fofoca é uma solução unicamente humana para a necessidade de previsibilidade e controle, necessidade esta servida pela circulação de informação reputacional (ELMER, 2019, p. 59).

Ele parte do argumento de Robert Hogan em “*A socioanalytic perspective on the five-factor model*”<sup>25</sup> (HOGAN, 1996) de que a própria noção da personalidade de um indivíduo consiste nas previsões sobre seu comportamento feitas por terceiros, é dizer, que a personalidade de alguém se confunde com a sua própria reputação.

Estas previsões são justamente feitas a partir de informações que chegam (também através da fofoca) ao indivíduo “A” a respeito do indivíduo “B” deixando claro o caráter relativo da noção de reputação, uma vez que esta fica intrinsecamente sujeita à interpretação de cada interlocutor a partir das possíveis combinações entre informações e percepções que o alcançam.

A reputação está, portanto, sujeita a uma economia muito dinâmica das informações compartilhadas a respeito de si, que culmina justamente na capacidade de cada interlocutor de interpretar todo esse conjunto e produzir, por fim, o seu modelo próprio de previsibilidade da personalidade alheia.

Nesse sentido o elemento da mistura do qual trato e o intrincamento de informações na fofoca podem ocorrer tanto a partir do falante, quanto do ouvinte. Isso significa que a cada ciclo mínimo de comunicação fofoqueira, temos duas instâncias passíveis de produzir ruídos, confusão, e interpretações desviantes da realidade fática.

Por fim, Elmer salienta que também o próprio alvo da fofoca (o assunto) pode agir (de interagir a interferir) como potencial corruptor da respectiva reputação (ELMER, 2019, p. 61). Para tanto, o autor recorre a duas teorias da autorrepresentação de si.

Analisando de acordo com Edward Ellsworth Jones em “*Interpersonal perception*”<sup>26</sup> (JONES, 1990) os atores (indivíduos) buscam performar diante de

---

<sup>24</sup> “Socialidade humana e fundamentos psicológicos” em tradução minha.

<sup>25</sup> “Uma perspectiva socioanalítica sobre o modelo de cinco fatores” em tradução minha.

<sup>26</sup> “Percepção interpessoal” em tradução minha.

suas audiências (interlocutores) de maneira a induzir representações de si mais vantajosas e positivas do que a realidade fática. Sendo também essas representações frequentemente construídas em benefício do próprio ator a despeito de sua audiência. É dizer: Jones entende que nos comportamos diante dos outros de maneira a induzi-los a pensar que somos melhores do que somos.

Já ao falar de Goffman, Elmer (2019, p. 59) entende que a administração da reputação tem mais a ver com esclarecimento que com manipulação, uma vez que o problema do ator não seria propriamente enganar seus interlocutores com uma falsa representação de si, mas atuar de maneira a destacar seus talentos e virtudes nem sempre autoevidentes.

No contexto do indivíduo como fonte primária da fofoca (assunto de que se fala), essa atuação pode, afinal, funcionar em última instância também como um corruptor de percepções e indutor de conclusões a respeito de sua reputação.

Sendo assim, de acordo com os estudos de Elmer (2019) podemos dizer que todos os três pontos da relação triádica básica da fofoca podem ser originadores de distorções. Uma vez que há aqueles que pretendem que terceiros falem de si (falem mal, mas falem de mim) sabemos que o próprio “assunto” da fofoca pode atuar ativamente para a ignição da mesma. E mais ainda, consciente de que isto ocorrerá, pode agir no sentido de orientar o mais positivamente possível tais fofocas a fim de, por meio dos fofocantes, disseminar uma reputação favorável a seu respeito. Não sendo ele merecedor de tal impressão, pode-se dizer que, na condição de “assunto” da fofoca, ele também funciona como um distorcedor voluntário de percepções.

### 2.2.3. A OCULTAÇÃO

A não presença do terceiro papel da relação triádica, o “assunto” (*third party*) da fofoca, é o aspecto mais imediatamente perceptível desse elemento que chamo de ocultação. Mas é necessário que observemos que a ocultação (indispensável para configurar a situação de fofoca) pode comparecer em diferentes aspectos da interação fofoqueira e não só face ao terceiro papel da relação triádica.

Isso é imediatamente perceptível quando o “assunto” é algo diferente de uma pessoa física. Seria forçoso querer imaginar que a fofoca ocorre “pelas costas”, ou “às escondidas” de uma empresa, um governo, ou um assunto qualquer que não corresponda a um sujeito com corpo físico e personalidade autônoma. Para

compreender a ocultação, temos que englobar aspectos relacionados tanto à performance e espacialidade do ato (estar escondido, fazer fora da presença) quanto à natureza contextual ou da forma daquilo em que consiste o assunto (um segredo, uma informação que não deveria ainda estar em circulação) ou mesmo à estratégia de transmissão da informação (escondendo algum dado como, por exemplo, sua fonte).

Trato, portanto, de todos estes aspectos sob a noção de ocultação no presente tópico. Poderia se pensar estar o elemento da ocultação já está presente no tópico anterior se lembrarmos do que foi falado a respeito da ocultação e omissão de partes das informações em fofocas. Não obstante, a ocultação ora apresentada é mais complexa e mais abrangente. Este é um dos elementos imprescindíveis da fofoca e que toma as mais diversas e sutis formas em todo o seu arco fenomenológico, temático e dramático.

A ocultação no âmbito informacional refere-se a omissões no conteúdo das mensagens que o receptor pode supor que estejam estruturalmente faltantes: é a notícia sem fonte precisa, a história que não se sabe de onde veio, o “ouvi dizer”, o “falaram que” o “disse me disse”, o “diz que”, a mensagem com sujeito indeterminado. É uma forma de ocultação presente tanto na fofoca presencial quanto na feita por escrito ou publicada em periódicos. Seu autor pode se esconder por trás de um pseudônimo, ou mesmo não nomear seus alvos, apenas insinuando ou salientando algumas características que podem levar à sua identificação. O responsável pela fofoca, mesmo nominado, pode também se proteger ao não revelar a origem da mesma.

Esta modalidade de ocultação está ligada a manobras do discurso que eliminam a capacidade de confrontação direta, responsabilização e tomada de satisfação dos ofendidos ou interessados para com o fofoqueiro.

Há muitas expressões que podem ser acionadas para produzir esse efeito de apagamento da fonte originária e ambiguidade através da ocultação de sujeitos na fofoca. Expressões estas que podem ser realçadas mesmo por elementos performáticos da fofoca, como olhares na direção do “assunto”, máscaras faciais, ou mesmo um “dar de ombros” para complementar um “ouvi dizer”, ou “não sei quem viu, mas me disseram que foi assim”.

Como tratam-se de informações que o ouvinte sabe que deveriam constar e que, portanto, estão sendo claramente sonegadas (ou porque o fofoqueiro quer, ou

porque realmente não conhece), há a possibilidade da geração de um mal-estar entre os comunicantes. Para isso dispomos de uma grande variedade de expressões para justificar, amenizar ou compensar esta ausência, expressões que fazem mesmo as vezes de escusas a fim de evitar um maior constrangimento imediato do fofoqueiro: “só estou dizendo o que me falaram”, “estão dizendo por aí”.

O recurso ao “Fulano”, ou sua versão mais desdenhosa “Fulaninho”, também aparece nesta modalidade como artifício para não evidenciar o nome do “assunto”, principalmente se ele estiver nas proximidades do ato.

Aa utilização de tais recursos, aliados a essas ocultações também produz um efeito de ambiguidade e transmissão da responsabilidade negativa da fofoca do falante para o receptor. Isso ocorre porque ao deixar lacunas, o fofoqueiro o obriga a fazer suas próprias conjecturas e tirar suas conclusões e não somente receber as informações já completas e prontas. A ocultação pode, aliás, provocar a aparição do elemento anterior: a mistura, se induzir o receptor ao erro ou confusão através de sua própria interpretação. Ao mesmo tempo, o fofoqueiro fica protegido da confrontação direta através da ambiguidade de sua fala.

Não obstante, ocultar nomes e fontes é diferente da perda informacional gradativa e da omissão ou embaralhamento proposital do conteúdo informativo ao qual me referi no tópico anterior. Trato aqui de informações que o interlocutor tem clara capacidade de dar por falta, seja qual for o tema tratado. Vejamos:

#### EXEMPLO

Laila está interessada em Caio. Marcos está interessado em Laila. Para fazer Laila perder o interesse em Caio, Marcos fofoca para ela e outros amigos que esse tal de Caio só vive no bar e que está sempre na Companhia de uma mulher que agora está até grávida. Laila começa a perder o interesse em Caio por entender que ele parece ser uma pessoa problemática e talvez até já comprometido com outra mulher. Marcos, no entanto, omitiu que Caio não sai do bar porque é o proprietário do mesmo e que a grávida que o acompanha é sua irmã.

Laila não tem como saber que há informações sendo omitidas propositalmente. A fofoca de Marcos está, nesse sentido marcada pela mistura através da manipulação de informações. A ocultação (indispensável para configurar a fofoca) está em outro ponto: na ausência de Caio, o “assunto”, na cena. Vejamos agora outro exemplo no qual a ocultação vai além da ausência física do “assunto” na cena:

## EXEMPLO

Léia - Estão dizendo por aí que é aqui da rua o vizinho que anda dando sumiço nos gatos da Dona Maria.

Diná - Ah é? E quem é?

Léia - Não posso dizer porque não fui eu que vi, mas a gente sabe bem quem não gosta de gato por aqui. Também, com aquela quantidade de passarinhos que tem em casa!

Diná - Pois deixe estar que esse Fulaninho logo vai ter o que merece.

Neste caso é evidente quais as informações estão faltando: a fonte (se é que esta existe, pois a fofoca pode ser inteiramente conjectura de Léia, mas isto Diná já não pode saber) e o nome do acusado (o assunto). Fica a cargo de Diná entender de quem se fala através das pistas dadas pela Léia. Aqui a ocultação está marcada tanto pela ausência dos dois itens supracitados quanto a ausência física do sujeito assunto em cena.

Se tratarmos de uma fofoca sobre uma empresa ou uma instituição governamental, já não podemos contar somente com a sua ausência em cena (coisa que sequer é concebível já que estas não são dotadas de corpo ou personalidade moral) para configurar a ocultação e possibilitar a fofoca. Neste caso, a ocultação terá que se dar em outro âmbito. Por exemplo:

## EXEMPLO

Dois funcionários públicos conversam:

Oliveira - Estão dizendo por aí que o governo vai privatizar umas empresas lá para o final do ano. Melhor avisar os conhecidos.

Maciel - Mas será que a nossa também entra?

Oliveira - A nossa não sei, mas parece que tem empresa de energia, de transporte também, comunicação. As que estão dando prejuízo aqui no Estado...

Maciel - Xi. Comunicação? Vou avisar o Mendes!

Oliveira - Avisa então... mas eu não te falei nada!

Maciel - Ok, ok...

Aqui a ocultação figura na ausência de fonte e das identidades das empresas. Além disso o Oliveira sinaliza ao final que trata-se de informação que não deveria estar em circulação (“mas eu não te falei nada!”) ou porque trata-se de um segredo, ou porque ele, por alguma outra circunstância, não a deveria estar veiculando, do que falarei adiante.

O fofoqueiro pode, portanto, ocultar a identidade da sua fonte, e a do próprio objeto da fofoca. Sem nomeá-lo, mas fornecendo certas pistas que levem os seus interlocutores a uma conclusão mais ou menos precisa, é possível assim, produzir na fofoca um de seus efeitos mais marcantes: a ambiguidade que permite imputar

condutas sem nomear e, por conseguinte, aumentando a possibilidade imunizante de ser apontado como fonte originadora.

Ao invés de dizer diretamente à vizinha “A” que a vizinha “B” está grávida do vizinho “C”, pode-se formular: “Olha, não sei não, mas tem gente aí que anda pulando muito a cerca e a barriga está crescendo. O marido já não para em casa mesmo, era melhor até atravessar a rua e ir morar com o outro de uma vez.” Ao fazê-lo, pode-se induzir a vizinha “A” a detectar quem seriam as pessoas referidas. Esse tipo de fofoca pressupõe, certamente, o domínio de uma série de informações contextuais prévias. Mas é uma forma de comunicação conveniente para quem não quer se expor ao papel de mero denunciante.

Ao não nomear a vizinha B, deixo para o meu interlocutor tarefa da conclusão e atribuição das identidades. Dificilmente o acusado poderia vir cobrar ou exigir reparação por qualquer dano causado pela fofoca sem antes admitir e denunciar a si mesmo como efetivo personagem da trama, sem, portanto, “vestir a carapuça”. Ele estaria ainda sujeito a receber como resposta um enfático (e verdadeiro) “eu não disse nada sobre você”. Esse tipo de ocultação permite suspensão da própria responsabilidade pela fofoca e funciona assim, como um mecanismo de amortecimento de um possível (e provável) estresse social.

Em uma fofoca escrita, enviada por carta, ou bilhete, ou publicada sorrateiramente em um periódico pode-se ocultar até mesmo o próprio disseminador da fofoca. Esta ocultação também contribui para a não responsabilização do fofoqueiro, além de poder ser, em certos casos, o único elemento a diferenciar uma fofoca escrita de uma denúncia ou notícia explícita.

### 2.2.3.1. *Configuração cênico-dramática*

A ocultação pode manifestar-se também de diferentes maneiras na configuração cênico-dramática da fofoca. Fazer a fofoca escondido (no mínimo daquele que é seu objeto) é a forma mais comum de ocultação cênica. Ela vai desde a ausência física daquele que é o “assunto” na cena da fofoca, ao conhecido “falar ao pé do ouvido”, ou cochichar, frequentemente representado graficamente pelo gesto de encobrir a boca com a mão enquanto se fala à outra pessoa.

Sua iconografia está, em geral, associada à ocultação ao olhar alheio. Temos também uma série de expressões que remetem ou são sinônimos de fofoca

derivadas desse estar ou fazer escondido, entre elas aquelas relacionadas ao imaginário do próprio cochicho ou o sussurro (falar baixo, ao ouvido, para que só o destinatário correto ouça, murmurar, entre outras) e mesmo do teatro onde temos “por trás das cortinas” (escondido da plateia), a coxia e os bastidores.

Bastidores é, inclusive, um termo muito utilizado desde o século XIX para denominar eufemisticamente (retirando a carga mora negativa que o ato de fofocar carrega) um gênero específico de fofoca no Brasil: aquela sobre minúcias do mundo da política que extrapolam os limites entre a informação oficial e oficiosa, tais como conversas e negociações feitas longe dos olhares do público, intenções ainda não realizadas mas já sutilmente sinalizadas, decisões ainda em gestação e mesmo certas previsões que, justamente por não serem ainda anúncios oficiais, podem eventualmente não se realizar. Mas a elevação da fofoca política para o status do chamado jornalismo de bastidor produz um efeito equilibrante entre a informalidade da fofoca que agrega um conjunto de informações que não poderiam ser obtidas por canais oficiais e, eventualmente não se concretizam por completo e a formalidade e publicidade inerentes ao jornalismo.

O hoje chamado “jornalismo de bastidores” trabalha com a dosagem sutil de vários tipos de ocultação. Desde a não divulgação ao grande público das fontes de informações de conteúdos até a realização das conversas em locais reservados, longe de possíveis espectadores sensíveis.

O jornalista de bastidos pretende construir uma reputação que lhe credencie a noticiar dados oficiosos e ainda assim de maneira relativamente confiável, como comentar sobre o número de votos favoráveis que o governo já tem para a aprovação de tal emenda sem haverem seus titulares assim o declarado abertamente. Sequer existe o compromisso (e o público do jornalismo de bastidores sabe disso) com um número fixo, pois este poderia vir a mudar, visto que se baseia em decisões ainda em articulação. O jornalista de bastidores não dirá, no entanto, de quem seriam tais votos, nem com quem obteve a informação, ficando ela em um tênue limiar entre o reportar e o opinar. Ele alcança, não obstante, através de sua credibilidade cuidadosamente construída, um tipo de influência que, a partir destas conjecturas rumorosas, consegue até mesmo provocar a precipitação de situações fáticas, transformando meras especulações de cenário em realidades praticamente consolidadas.

Ele pode noticiar também que tal ministro está para sair da pasta e que lá não ficará por nem mais uma semana, por razões que extrapolam a mera esfera da vida pública e se infiltram em desentendimentos pessoais, enquanto o próprio governo nada declara a esse respeito ou, se o faz, é de maneira protocolar. O jornalista de bastidores acaba sendo uma espécie de fofoqueiro credenciado (assim como também o é o escritor de coluna social), com uma credibilidade fundada não só em seu histórico de respeito às fontes e interlocutores mas também em sua grande e conhecida rede de conexões.

Ironicamente, apesar de denominar-se jornalismo “de bastidores”, ele não oculta o seu fofoqueiro principal, o próprio jornalista, mas oculta todo o restante do processo. As conversas que geram as informações e conclusões são feitas longe dos olhos do público, e muitas vezes de forma casual, íntima e amigável, como boas fofocas. O jornalista de bastidores, muitas vezes são tidos ou tratados até mesmo como amigos dos seus informantes, senão, ao menos pessoas que gozam para com estes de grande prestígio pessoal.

Essa credibilidade é um fator presente nos dois lados da relação da fofoca de bastidores: (1) dos informantes (que são o assunto) para com o fofoqueiro, pois estes sabem, para além de não serem expostos (pré-requisição inerente à atividade), que não terão suas confianças traídas nas opiniões, conclusões e conjecturas divulgadas. É dizer, o jornalista de bastidor vai dosar a revelação das informações de maneira a não ofender suas fontes que, neste caso, certamente não o receberiam mais. E (2) do fofoqueiro para com os seus informados, uma vez que ele consegue construir uma carreira de jornalista de bastidor justamente através da habilidade na mediação entre o acesso privilegiado, o limiar da indiscrição e a segurança de sua fiabilidade insuspeita (a informação será o mais confiável e correta na medida do possível conjuntural).

O jornalista de bastidor é, portanto, um fofoqueiro credenciado com credibilidade e cuja função pode existir justamente através do bom manejo do elemento da ocultação. Voltarei ainda a abordar este tema sob outros aspectos nesta tese, como a importância cultural da adoção de uma denominação (bastidores) amenizante dos efeitos moralmente negativos associados a uma alcunha mais direta de fofoqueiro.

### 2.2.3.2. O segredo

Outra forma sob a qual o elemento da ocultação pode se manifestar na fofoca é em relação à natureza do seu conteúdo transmitido. O segredo é um exemplo. Como segredo refiro-me aqui a algo que não deveria ser revelado, seja porque foi confiado por outrem ao falante, seja algo que está sendo dito antes do que deveria, ou a quem não se deveria. O status de segredo da informação pode ainda ser ou não conhecido pelo fofoqueiro.

#### EXEMPLO

João, assim que fica sabendo, vai contar à Cláudia que a filha dela vai ter um bebê. João não sabia que a filha é quem pretendia dar a notícia pessoalmente. João fofoqueiro estragou a surpresa e a dinâmica de afetos familiares que a filha almejava mobilizar ao falar pessoalmente com a mãe. Cláudia, por sua vez, fica aborrecida com a filha por ter recebido a notícia de terceiros: “Sou sempre a última a saber das coisas!” - reclama.

Neste caso a informação não era um segredo para todos, mas era um segredo especificamente para a Cláudia. João, o fofoqueiro responsável, por não saber que se tratava de um segredo, não necessariamente cometeu uma falha moral pela quebra de confiança ou por uma traição. Ele sequer o fez com o intuito de produzir algum prejuízo familiar, mas cometeu, no entanto, uma falha de decoro (falou demais, não se aguentou, não teve o cuidado de pensar que a informação poderia ser delicada). João foi, inclusive, um fofoqueiro tagarela.

#### EXEMPLO

Mauro sabe que Darcy é homossexual e que isso é um segredo. Os dois brigam e Mauro resolve espalhar o segredo por toda a vizinhança, inclusive para a mãe de Darcy, gerando comoções, constrangimentos e estresse social que Darcy queria evitar, mas com os quais se vê obrigado a lidar.

Neste caso sim a informação era um segredo geral, do qual Mauro estava bem inteirado e o qual propositalmente revelou a interlocutores especialmente sensíveis. A fofoca de Mauro foi uma completa falha moral pela quebra da confiança que Darcy havia lhe depositado.

O importante é observar que a ocultação além de estar evidente na ausência do “assunto” na cena, figura também na natureza do que é transmitido: o segredo. Normalmente a fofoca com segredo vem já associada à ocultação em relação à pessoa dona do segredo. Não se conta, obviamente, o segredo alheio na frente de seu dono, sob pena de produzir uma situação de flagrante constrangimento, além de

a presença em cena do “assunto” produzir a quebra da relação triádica e da principal forma de ocultação, impossibilitando a própria fofoca.

Pode haver fofocas sobre segredos de Estado, sobre estratégias militares (como veremos adiante), sobre a manutenção de alienígenas na área 51 ou mesmo desastres naturais. Todas essas temáticas podem prescindir de um sujeito unipessoal no papel de “assunto”. A ocultação desse tipo de fofoca pode estar tanto na ausência ou dúvida quanto à sua fonte, quanto na natureza secreta de seu conteúdo de tráfico clandestino de informações.

Veremos que segredos industriais ou de Estado revelados por espionagem, por exemplo, não configuram fofoca, não pela ocultação, mas pelo elemento da informalidade, uma vez que a fofoca é transmitida sempre em um limiar entre o oficial e o oficioso. Sobre isso falarei adiante.

Como vimos, o status de segredo de uma informação oscila conforme as particularidades do contexto. Há que se salientar que às vezes existe apenas uma tênue distinção entre revelar um segredo e manipular informações para produzir um efeito desejado.

A manipulação do segredo alheio é, aliás, uma capacidade altamente associada à fofoca, mas pensar que toda fofoca contém segredos é uma noção errada da dinâmica deste fenômeno.

A fofoca pode circular e manipular sim, informações que para ouvintes específicos sejam segredos (por ser inconveniente sua revelação àquelas pessoas). Mas ela não precisa de um segredo para ser fofoca. Se assim fosse, não seria possível compreender grande parte das fofocas positivas como tal. Tampouco toda inconveniência transmitida pela fofoca é segredo. Uma informação negativa sobre o assunto da fofoca pode ser amplamente conhecida, mas ser, ainda assim trazida, revivida e julgada nas fofocas.

Por outro lado, a fofoca pode conter um segredo, mas nem sempre a revelação de um segredo é uma fofoca. A confissão (ao padre, por exemplo) é a revelação de um segredo sobre você mesmo, impossibilitando o elemento da circulação pela ausência da relação triádica (ali estão presentes apenas duas partes: o ouvinte e o falante, que não pode se confundir com o assunto). Da mesma forma não são fofocas uma sessão de análise com o psicólogo ou um depoimento na polícia.

Uma comunicação interna pode ser confidencial (ocultação pelo segredo) mas não vai configurar fofoca. Se algum funcionário, por outro lado, ler seu conteúdo e

comentar de maneira informal e oficiosa com algum colega ou pessoa de fora, pode sim ser uma fofoca, mais ainda se o fizer omitindo juízos morais e conjecturas:

#### EXEMPLO

Não comente por aí, mas parece que o conselho executivo vai aprovar a demissão de todos na fábrica Tal. Depois que Fulano entrou no conselho, as decisões deles ficaram mais cruéis.

As ocultações podem, assim, estar presentes de diferentes formas em uma mesma situação de fofoca e não é imperativo que apareçam todas simultaneamente. Mas é necessário salientar que não existe fofoca sem ao menos uma modalidade de ocultação.

### 2.2.4. A INTENÇÃO

A intenção é o elemento mais comumente associado (ou confundido) com os eventuais sentimentos que possam levar uma pessoa a fofocar. Principalmente a intenção com carga negativa, seja para fazer o mal, seja para retribuir um mal. Mas veremos aqui que a fofoca nem sempre é um ato de vontade deletéria.

Dizer que uma pessoa fofoca porque é rancorosa, porque tem inveja ou porque está infeliz são meras conjecturas pertencentes a um campo psicológico situacional que podem ou não estar corretas, dependendo exclusivamente do contexto e da subjetividade dos atores de cada caso. Não cabe a esse trabalho emitir um juízo a respeito da moralidade de quem fofoca, até mesmo porque, como já foi colocado, para uma análise acadêmica não se considera que se possa viver sem jamais fofocar, embora nem todos possam ser etiquetados como fofoqueiros.

Não obstante a fofoca ser popularmente associada a uma vontade de provocar o mal (e veremos como isso é presente também na realidade brasileira quando analisarmos os resultados da aplicação de questionários no capítulo correspondente), a intenção aqui estudada refere-se à ação consciente de intrincar os fios do discurso, embaralhando informações, aumentando e floreando situações e, principalmente, dosando o que se esconde e o que se revela com a fofoca. É dizer: a intenção aqui refere-se a um domínio por parte do fofoqueiro ao articular a fofoca tanto em sua mensagem quanto em seu campo situacional e efeitos pretendidos. Um domínio de com quem ele fala, de quem (ou do quê) fala, o que fala, quando e quanto fala e como fala. Este elemento está, aliás, estritamente concentrado no

primeiro papel da relação triádica da fofoca (o falante) e não no seu ouvinte ou seu assunto.

#### 2.2.4.1. *A intenção de esconder, confundir e aumentar*

Há diferenças a serem notadas entre a fofoca onde faltam, se confundem e misturam informações de maneira intencional ou não intencional. Os dois casos podem ocorrer. O elemento da intenção está presente naquela situação onde o fofoqueiro, por exemplo, floreia a anedota para além do que viu ou ouviu, aumentando o seu potencial dramático e de aceitabilidade. É o caso do conto de Machado de Assis “Quem conta um conto...” (ASSIS, 1873). Ali, cada um dos elos da corrente da fofoca aumenta um pouco a história que ouviu anteriormente.

O major Gouveia diz ao sr. Pires que “...era capaz de castigar a minha sobrinha se ela, estando agora para casar, deitasse os olhos a algum alferes que passasse.” O Pires, por sua vez, diz a Luís da Costa coisa semelhante: que a moça estava para casar, mas não que havia verdadeiramente um namoro.

Luís da Costa, o grande “alvissareiro” do conto transforma, aumenta e tira criativas conclusões das poucas informações que recebeu. Conta então sua versão da história na loja do Paulo Brito, na presença do próprio major Gouveia: “Então fugiu a sobrinha do Gouveia? (...) O major Gouveia.” E acrescentando “Falou de um namoro com um alferes, da oposição do major ao casamento, do desespero dos pobres namorados, cujo coração, mais eloquente que a honra, adotara o alvitre de saltar por cima dos moinhos.” Acrescenta ainda que o fato havia ocorrido naquele mesmo dia entre as 8 ou 9 horas da manhã, que conhecia o major apenas de nome e que sua sobrinha seria muito bonita. Conta mais uma mentira: “ainda ontem a vi”, sem saber que a moça achava-se, em verdade, há 15 dias em outra cidade bem distante. Termina com conjecturas sobre o suposto romance e mesmo o caráter do alferes: “A segunda circunstância é a crueldade de certos homens em tolher os movimentos do coração da mocidade. O alferes de que se trata dizem-me que é um moço honesto, e o casamento seria, creio eu, excelente. Por que razão queria o major impedi-lo?” (ASSIS, 1873)

Ora, quem “aumenta um ponto” quando “conta um conto” certamente o sabe e o pretende. No caso em questão o “noveleiro” (que hoje seria claramente chamado de fofoqueiro) Luís da Costa o faz com bastante exagero e a situação nos permite

compreender que sua motivação é potencializar o entretenimento de sua audiência, tornar seu conto mais interessante, além de mais crível mas não necessariamente prejudicar a imagem do major a quem em verdade, sequer conhece senão de nome.

O elemento da intenção se manifesta na confusão, ocultação de fatos e mesmo invenção de mentiras propositais. Sempre que houver algum tipo de manipulação voluntária da mensagem, faz-se também presente o elemento da intenção. Os exageros e invenções podem servir inclusive para abonar condutas e alimentar reputações, tendo resultados positivos em relação ao alvo da fofoca. Dessa forma estaremos diante do elemento da intenção, neste caso positiva.

Quando fazemos, por exemplo, uma fofoca sem aumentos e floreios, apenas para contar a novidade, um “falar por falar”, esse elemento já não se faz presente.

Isso não significa de maneira alguma que a fofoca não vá surtir algum efeito. O que existe é a possibilidade de o fofoqueiro não pretender controlá-los. Nesse sentido, é possível considerar a ausência de intenção mesmo que uma fofoca tenha efeitos bombásticos, positivos ou negativos para o seu “assunto”, se o fofoqueiro nada disso almejava. A ocorrência de consequências não está exclusivamente condicionada à existência de intenção na execução do ato. Como bem salientou o antropólogo Robert Merton em seu seminal “*The Unanticipated Consequences of Purposive Social Action*”<sup>27</sup> (1936), as ações pode ter consequências não calculadas pelo seu agente. Assim como Merton, não me refiro necessariamente a consequências indesejadas, mas sim àquelas não antecipadas:

Furthermore, *unforeseen* consequences should not be identified with consequences which are necessarily undesirable (from the standpoint of the actor). For though these results are unintended, they are not upon their occurrence always deemed axiologically negative. In short, undesired effects are not always undesirable effects. (MERTON, 1936, p. 895).

A fofoca pode ter algumas consequências não antecipadas pelo seu agente, assim como este pode não antecipar quaisquer consequências do seu ato.

Há de se salientar, no entanto, que nem sempre a observação da presença ou não da intenção é possível, principalmente se não existe um domínio completo do contexto situacional. Porém, essa dificuldade de detecção não elimina sua existência.

---

<sup>27</sup> "As consequências não antecipadas de ações sociais propositais" em tradução minha.

Pode-se argumentar que toda ação comunicativa é orientada por alguma vontade, mas é preciso esclarecer que a noção de intenção que exponho concerne ao modo como se pratica o ato de fofocar e ao cálculo de suas consequências e não uma intenção meramente relacionada a realizar mecanicamente uma ação. Não trato aqui de ações voluntárias ou involuntárias. Pode-se querer andar em uma direção e cair do precipício e pode-se também querer andar em uma direção *para* cair do precipício. Pode-se querer comunicar e pode-se querer comunicar *para* atingir um objetivo em especial.

A fofoca lúdica sobre amenidades curiosas, ou mesmo a fofoca animada pela comichão e o prazer da novidade podem bem gerar exemplos de fofocas sem o elemento da intenção como o tratamos aqui. Os eventuais laços sociais estabelecidos ou fortalecidos só contariam como intenção caso fossem calculados previamente. Este é, portanto, um elemento que apesar de muito frequente e muito marcante na percepção habitual da fofoca, não é imprescindível para caracterizá-la como tal.

#### 2.2.4.2. *Intenção de manipulação do juízo e etiquetação (o poder das palavras)*

Pode-se detectar a intenção também em situações de fofocas verdadeiras e sem grandes exageros. O fofoqueiro pode selecionar seu interlocutor e seu repertório especificamente para induzir nele conclusões meticulosamente calculadas. Diferentemente do mero entretenimento verbal lúdico, a fofoca manipuladora manifesta sua intencionalidade na dosagem informacional e seleção circunstancial. No entanto, nem sempre é possível detectar essa intencionalidade, o que dependerá da quantidade e qualidade de informações à disposição para análise. O fofoqueiro manipulador geralmente se manifesta em cenários por eles bem dominados, onde conhece as suscetibilidades de cada ator e as consequências da recepção de suas informações.

Não obstante, o que chamo atenção neste momento é que se for possível detectar uma manipulação de informações (falsas ou verdadeiras), seleção meticulosa de público e mesmo local, e indução a conclusões ou juízos, está manifestado aí o elemento da intenção. É o caso, por exemplo do episódio em que a Comadre, personagem de Memórias de um Sargento de Milícias, tenta manipular

Dona Maria com fofocas negativas a respeito de José Manuel, concorrente de seu afilhado Leonardo pela mão de Luízinha, sobrinha de Dona Maria.

Na ocasião, a comadre aguça a curiosidade de Dona Maria sobre o rapto de uma rapariga. Corria pelas fofocas da cidade que a moça havia fugido com um homem enquanto sua família se distraía ajoelhada em preces sob um oratório de pedra. A Comadre então mente ao dizer que estava presente no momento e que sabe quem cometeu o rapto. Ela promete contar quem foi se Dona Maria não contar a mais ninguém (aguçando ainda mais a sua curiosidade com a perspectiva da revelação de um segredo em primeira mão), no que esta consente:

— Só lhe direi, respondeu a comadre depois de alguma hesitação, se me prometerdes guardar todo o segredo, que o caso é muito sério.

— Ora bem sabe que eu... é o mesmo que cair num poço.

Apesar de estarem sós, a comadre inclinou-se ao ouvido de D. Maria, e disse-lhe o mais baixinho que pôde:

— Foi o nosso grande camarada... a boa peça do José Manuel... (MEMÓRIAS P62)

A Comadre não estava presente no acontecimento e não se tem notícia alguma de que poderia ter sido o José Manuel o autor do rapto. Com o claro objetivo de denegrir a reputação do José Manuel diante de Dona Maria, a Comadre escolhe meticulosamente seu alvo, prepara e adapta sua fofoca com mentiras e insinuações e aplica mesmo recursos performáticos (ao se curvar e sussurrar ao ouvido da amiga) para afinal provocar o efeito mais deletério possível. Ainda que a Comadre tivesse fofocado apenas verdades negativas sobre José Manuel, ainda assim a manipulação da situação tornaria clara a presença de uma intenção.

Intenção maligna:

Mentir e inventar para prejudicar outrem são alguns dos aspectos mais desprezados da fofoca. São muitas vezes os mais lembrados e frequentemente confundidos com a totalidade do fenômeno. Pode-se dizer que grande parte da sua rejeição milenar, seja qual nomeação receba, deve-se a este núcleo negativo que, em verdade, compõe apenas uma fração da prática.

Falar mal, seja pela manipulação de narrativas, seja pela veiculação de informações verdadeiras a pessoas especificamente selecionadas para provocar no interlocutor percepções negativas é prática especificamente desprezada e condenada até mesmo por cânones religiosos, como a Bíblia das religiões judaico-cristãs, que a trata (em frequente tradução para o Português) como “murmuração”, destacando, desta maneira, seu aspecto mais traiçoeiro do falar baixo e escondido.

Ora, a combinação da intenção para o mal abre caminho às outras atitudes que remetem ao imaginário da traição à confiança, da conspiração, calúnia e difamação, e demais ataques à honra alheia. Pode-se cometer todos estes atos ao se fazer uma fofoca. Ela, porém, não corresponde somente a eles, como já pudemos averiguar algumas vezes.

Este estudo não se propõe a investigar as relações de amor e ódio contextualmente mais ou menos desenvolvidas entre a humanidade e a fofoca. No entanto em uma perspectiva estrutural do fenômeno, é compreensível a inquietação diante dos potenciais danos à previsibilidade, estabilidade e confiabilidade do convívio em qualquer grupo social. Unidas, a intenção para o mal e a ocultação podem produzir altos riscos à estabilidade e mesmo continuidade da própria vida.

A quebra do sigilo ou do segredo e a manipulação de informações a seu respeito sem a possibilidade de acompanhamento ou controle produzem um aumento na insegurança e diminuição do controle do risco, seja de uma pessoa, de uma família, uma empresa, governo ou do próprio sistema econômico. Falo, obviamente, desde uma perspectiva do aquele que é objeto da fofoca (sua vítima, em casos de fofocas malignas).

É razoável o desejo de controle da própria imagem e sua apreensão por aqueles que o rodeiam. A administração e direção da própria imagem no teatro social é fator importante para a compreensão da censura à fofoca pela percepção pública geral. Saber o que os outros acham de nós é elemento estrategicamente importante do teatro social. A fofoca (principalmente a detrativa, mas não só esta) pode arruinar o que Erwing Goffman em “A representação do eu na vida cotidiana”, chama em 1959 de “fachada” de uma pessoa.

Segundo Goffman, cada um de nós constrói identidades sociais através da representação de papéis em nossa vida cotidiana. Essas representações são exercidas através da elaboração intencional ou não, de fachadas correspondentes a situações específicas que vivenciamos ou grupos sociais que frequentamos rotineiramente. Segundo Goffman:

Será conveniente denominar de fachada a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (GOFFMAN, 2013, p. 34)

Ele ainda especifica dois diferentes tipos de fachada: o “cenário” onde a ação acontece e a “fachada pessoal”, correspondente à própria presença física, ação e atitude do indivíduo:

Primeiro, há o “cenário”, compreendendo a mobília, a decoração, a disposição física de outros elementos do plano de fundo que vão constituir os cenários e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana, executada diante, dentro ou acima dele. (GOFFMAN, 2013, p. 34)

(...)

Se tomarmos o termo “cenário” como referente às partes cênicas de equipamento expressivo, podemos tomar o termo “fachada pessoal” como relativo aos outros itens de equipamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio autor, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência; atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes. (GOFFMAN, 2013, p. 36)

Agimos diferentemente dependendo da situação, local e público presente.

Representamos diferentes papéis até mesmo no decorrer de um mesmo dia. Ao representar o papel de prima, sobrinha ou parente no “cenário” de uma reunião de parentes próximos ajo, por exemplo, com uma “fachada pessoal” extrovertida e informal. Por outro lado, ao representar a função de professora no “cenário” da universidade, o faço com uma “fachada pessoal”, mais séria, cuidadosa com opiniões e mesmo conciliadora de divergências. Desta maneira estaria fazendo minha “identidade social” variar entre minha família e meus colegas de trabalho (ou alunos), de descontraída, piadista a séria e profissionalmente comprometida com níveis de rigor impensáveis no mundo da intimidade familiar.

Nenhuma das duas fachadas é necessariamente falsa ou enganosa, ambas fazem parte do conjunto da mesma personalidade submetida a ambientes e grupos sociais distintos. Somos uma pessoa para a família, outra para os colegas de trabalho, outra para os amigos, outra para o vizinho. Cada uma de nossas identidades sociais pode ser diversa.

No entanto os diferentes grupos sociais para quem representamos com diferentes fachadas podem não reagir bem ao conhecimento de uma outra identidade social em muito discrepante daquelas a que já estão acostumados, mais ainda se expostas por vias colaterais e cheias de incertezas e imprecisões, como pode ocorrer com a fofoca.

Assim, a fofoca pode representar uma ameaça à administração da identidade social. Ela diminui a capacidade de controle das informações a seu respeito em circulação. Corrói sorrateiramente a segurança que este controle traz, justamente por nunca ser feita diante de seu objeto.

### Como coloca Goffman em “Estigma :

Devemos agora considerar a relação entre a identificação pessoal e a identificação social, e proceder à elucidação de alguns de seus entrelaçamentos mais aparentes.

É evidente que para construir uma identificação pessoal de um indivíduo utilizamos aspectos de sua identidade social - junto com tudo o mais que possa estar associado a ele. É claro ainda que o fato de ser capaz de identificar pessoalmente um indivíduo nos dá um recurso de memória para organizar e consolidar a informação referente à sua identidade social - um processo que pode alterar sutilmente o significado das características sociais que lhe imputamos.

Pode-se supor que a posse de um defeito secreto desacreditável adquire um significado mais profundo quando as pessoas para quem o indivíduo ainda não se revelou não são estranhas para ele, mas sim suas amigas. A descoberta prejudica não só a situação social corrente, mas ainda as relações sociais estabelecidas; não apenas a imagem corrente que as outras pessoas têm dele, mas também a que terão no futuro; não só as aparências, mas ainda a reputação. O estigma e o esforço para escondê-lo ou consertá-lo fixam-se como parte da identidade pessoal. (GOFFMAN, 2004, p. 58)

Ao construirmos a identidade pessoal a respeito de um indivíduo, utilizamos os dados que temos ao nosso alcance. Podemos conhecer Beltrano como membro da família, como dono e administrador de uma loja e também como praticante de seu hobby de observar pássaros. Reunimos todas representações para produzir um quadro do que seria sua identidade social para nós e também, como mencionei em outra ocasião, sua reputação.

Se só conhecemos uma fachada, como a do ambiente de trabalho, iremos construir a identidade pessoal do indivíduo com estes dados. Pensamos ser ela verdadeira, assim como o pensamos quando temos mais fachadas para comparar. Se recebemos, no entanto, notícia de um traço muito discrepante, não só colocamos em cheque a identidade que construímos, mas também a vontade que este indivíduo tinha de nos revelá-la ou escondê-la. Ele mentiu? Ele blefou? Se o fez uma vez, poderia ter feito em mais aspectos? Assim se deteriora a credibilidade de sua identidade social. As relações que temos com tal pessoa se estabelecem em novos graus de previsibilidade e estabilidade.

Goffman trata desse assunto ao falar do estigma, não só porque a identidade se deteriora por ser o ato descoberto materialmente ou objetivamente negativo, mas por ser negativo o seu próprio encobrimento, equiparável a uma espécie também de traição.

A fofoca pode trazer clandestinamente mensagens e aspectos da personalidade de alguém a cenários onde eles não são normalmente demonstrados. Estes aspectos, ao chegarem, passarão a compor a identidade pessoal que se tem daquela pessoa:

Em primeiro lugar, a visibilidade de um estigma deve ser diferenciada de sua "possibilidade de ser conhecido". (quando um estigma de um indivíduo é muito visível, o simples fato de

que ele entre em contato com outros levará o seu estigma a ser conhecido). Mas se outras pessoas conhecem ou não o estigma de um indivíduo depende de um outro fator além de sua visibilidade corrente, ou seja, de que elas conheçam, ou não, previamente o indivíduo estigmatizado - e esse conhecimento pode estar baseado em mexericos sobre ele ou num contato anterior com ele durante o qual o estigma mostrou-se visível. (GOFFMAN, 2004, p. 44)

Podemos descobrir, por meio da fofoca que o Beltrano do exemplo anterior escondia de todos seu passado como presidiário condenado por dirigir alcoolizado. Seus parentes e colegas de trabalho, poderiam reagir negativamente a essa descoberta não só por ser o fato materialmente estigmatizante (ter passado por uma punição por conta de uma conduta negativa), mas também por ele o ter ocultado. O estigma pode ser a própria ocultação do fato para aqueles que confiaram nele, como os seus parentes (filhos, esposa, etc.).

Para além da administração da própria identidade social, quanto mais se sabe sobre o que os outros sabem de você, mais certos podem ser seus movimentos no tecido social. A fofoca é inimiga imediata dessa certeza, mais ainda se dotada do elemento da intenção voltada para o prejuízo de seu alvo ou assunto. Ainda segundo Goffman:

Com *preservação da fachada* [*face-work*] que quero designar as ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a fachada. A preservação da fachada serve para neutralizar “incidentes” – quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada. (GOFFMAN, 2016, p. 22)

E ainda:

Se uma pessoa quiser empregar seu repertório de práticas para salvar a fachada, obviamente ela deve, em primeiro lugar, ter consciência das interpretações que os outros podem ter colocado sobre os seus atos, e as interpretações que ela talvez deva colocar sobre os deles. Em outras palavras, ela precisa exercer a perceptividade. (GOFFMAN, 2016, p. 23)

Exercer essa perceptividade fica, portanto, muito mais difícil quando há informações sobre você circulando de maneira deliberadamente oculta.

A questão de “por que” se faz a fofoca manifestamente deletéria, já não está no âmbito deste trabalho. Por vingança, por rancor, por ser mal-amado ou invejoso, por ser uma pessoa de caráter objetivamente mau, por disputa e necessidade de diminuição do oponente, já são deduções que estão, inclusive mais relacionadas aos usos que se faz da fofoca e funções que ela exerce em cada grupo social e ao seu contexto específico. Alguém faz fofoca do outro porque é invejoso, ou porque queria ter o que o outro tem? Podemos afirmar isso com objetividade? Não. Pode ser eventualmente o caso, mas já estamos na seara das conjecturas sobre a subjetividade individual.

O mero comunicar desinteressado, descuidado e voltado ao entretenimento não entra no âmbito do elemento da intenção. Pode-se focar sobre amenidades

tão inofensivas a ponto de servirem para o mais puro deleite dos convivas, com novidades sobre conhecidos ou familiares e juízos sobre situações desconectadas do direto convívio comunitário. Um exemplo seria a fofoca a respeito do caminhar das novelas ou aspectos variados da vida de celebridades.

É possível mesmo fazer fofoca “sem querer”. Esta é a fofoca sem intenção do imprudente, incauto, negligente, incontinente ou mesmo do inadvertido que deixa escapar a fofoca a quem não deveria recebê-la, ou replica uma informação anteriormente contaminada pelo ruído e a confusão, tornando-se assim novo elo de uma longa cadeia.

A intenção é, assim como a confusão, um elemento dispensável para a construção do fenômeno, não obstante a sua alta frequência e marcante presença no próprio imaginário popular da fofoca na forma da intenção maliciosa ou maledicente e no proposital embaralhamento e "floreamento" de narrativas, tal como sugere Machado de Assis em seu célebre conto.

#### 2.2.5. A INFORMALIDADE

A fofoca é sempre uma comunicação informal. Sem o elemento da informalidade a comunicação acabará fatalmente classificada de outra maneira e dificilmente será reconhecida, mesmo por um leigo como fofoca.

O caráter oficioso da fofoca a distância do verdadeiro noticiamento, de maneira que a dúvida acaba por jamais ser descartada. A fofoca, inclusive, frequentemente acaba quando a notícia esclarece satisfatoriamente o tema. Digo frequentemente pois se estiver sendo usada para entretenimento e não exatamente para informação, ela pode continuar indefinidamente, ainda que sempre esclarecida<sup>28</sup>. A fofoca pode ser absolutamente verdadeira, mas sempre estará sujeita ao esclarecimento formal que irá por fim comprová-la, retirando-a do status de fofoca, ou desautorizá-la como falsa. Ainda que trate de opiniões e juízos pessoais ao invés de notícias propriamente ditas, a fofoca está sempre sujeita ao esclarecimento do que foi dito por meio da confrontação cara a cara ou uma

---

<sup>28</sup> Sobre a continuidade e o fim da fofoca, ver capítulo correspondente.

declaração de intenções. A pessoa a quem chamei de trambiqueira na fofoca sempre pode vir “tomar satisfações” comigo, se descobrir sobre a mesma.

Outra marca dessa informalidade é que não existe um “modus operandi” que reja a fofoca como um processo em etapas fixas, uma liturgia preestabelecida. Apesar de ser possível observar com certa frequência a utilização tanto de expressões idiomáticas, quanto gestos performáticos bastante frequentes ou repetitivos antes do início de fofocas em diferentes grupos ou comunidades, estes não só não são uniformes, como também não são necessários. Nada impede fofocas de começarem sem performances preparatórias.

Existem sim elementos que precisam confluir para compor o fenômeno, mas estes elementos, como tenho mostrado até aqui, se manifestam de formas e intensidades muito variadas. Sequer o pacto do anonimato ou do segredo é absolutamente necessário, há fofocas que são feitas para serem espalhadas, ou que sequer foram segredos em primeiro lugar. Há fofocueiros conhecidos e consagrados, até mesmo procurados justamente por suas fofocas.

Mais importante: o elemento da informalidade da fofoca é tão forte e presente que ele tem o poder de mudar e englobar a dinâmica de uma situação inicialmente formal. Uma aula, por exemplo pode se transformar em um grande intervalo se alunos e professor “escorregarem” da matéria para fofocas. Mais ainda: a própria diferenciação hierárquica entre os presentes e participantes pode, durante a fofoca, evaporar completamente produzindo uma horizontalidade na comunicação que permite atitudes, comentários e uma intimidade que não seriam possíveis normalmente naquele cenário. O passageiro estado de informalidade pode se desfazer ao cessar a fofoca. As posições hierárquicas retornam e as fachadas pessoais se recompõem em seus papéis continuando assim, a aula. Este efeito é também o poder de suspensão das ordens vigentes para um estado de liminaridade do qual falarei mais adiante.

O mesmo pode se dar em um ambiente de trabalho em uma empresa: a fofoca pode transformar parte do horário de trabalho em intervalo do cafezinho. Jörg R. Bergmann em “*Discreet indiscretions – The Social organization of Gossip*”<sup>29</sup> de

---

<sup>29</sup> "Discretas indiscrições - A organização social da fofoca" em tradução minha.

1987 traz a expressão “*coffee-klatsch*”<sup>30</sup> para se referir a típicas situações de fofoca em grupo:

Gossip seems to manifest itself in its purest form in the coffee-klatsch. From everyday experience, a coffee-klatsch is typically a circle of acquaintances who – either in a café or at home in a living room – gather for coffee and cake and unburdened by pressing obligations, turn their attention to one thing: the discussion of the flaws and actions of their absent acquaintances and endless talk about things that do not concern them. The coffee-klatsch forms, so to speak, the institutionalized form of gossip communication. It is the social form of sociability reduced to gossip. (BERGMANN, 1993, pp. 71-72)

Ele coloca essa situação eminentemente descontraída e informal como o arquétipo de uma situação de fofoca, dando destaque para sua capacidade de incutir, inclusive, um certo desprezo pela reprovação social (da própria prática da fofoca):

The coffee-klatsch not only brushes aside, like any other gossip, the prohibition of gossip; instead it ignores this prohibition when it refrains from neutralizing its unseemly character through appropriate measures and, thereby implicitly, from respecting the prohibition of gossip. This is precisely the reason, as we shall soon see more clearly, for the particularly bad reputation of the coffee-klatsch. One is not a gossip only because one tells stories. Instead, one is a gossip only if one does this without specific measures of care and neutralization. Therefore, we can also say that the genre of gossip is performed in the coffee-klatsch in its purest form. For in the coffee-klatsch, which like all gossip breaks rules, not one rule goes unbroken that ought not to be observed by a competent gossip. (BERGMANN, 1993, pp. 72-73)

A *coffee-klatsch* de Bergmann não é, portanto, uma fofoca na qual a própria proibição de fofocar é suspensa. Considero que a fofoca tenha essa propriedade suspensiva um tanto mais ampliada uma vez que quando começa, a pressão das obrigações exteriores se suspendem momentaneamente, funcionando mesmo como uma zona de escape e relaxamento. Bergmann traz o exemplo de um episódio noticiado em um jornal sob o título “*Only coffee-klatsch is better*”, onde a tripulação de cabine de uma empresa aérea se distraiu de tal maneira na suspensão gerada pela *koffee-klatsch*, que a aeronave decolou sem nenhum de seus membros (e acabou por ter que retornar) (BERGMANN, 1993, p. 19). Ele termina salientando justamente esse potencial de produzir distração e relaxamento e traz o comentário:

We know that interest in gossip has to be absolutely subordinate to one’s professional obligations. But we also know how time flies when we are lost in gossip. (BERGMANN, 1993, p. 20)

Ora “o tempo voa” quando fofocamos justamente porque com frequência estamos entretidos e relaxamos, esquecendo mesmo nossas obrigações mais imediatas. Mas a noção de esquecer ou de se distrair é diferente da ideia de

---

<sup>30</sup> *Coffee-Klatsch* ou, no original em Alemão, *Kaffeeklatsch* é uma expressão do Alemão que une as palavras café (*Kaffee*) e fofoca (*Klatsch*) e serve para denominar, uma situação onde pessoas estão reunidas e tomam café (ou chá, ou nada, pode ser só uma reunião) e fofocam/conversam sobre frivolidades.

suspensão da ordem em situações sociais com uma arquitetura mais rígida, como o ambiente de trabalho, uma sala de aula, ou um tribunal, onde os atores têm papéis e formas de interação bem definidos.

É inclusive interessante que Bergmann tenha dito justamente que “o interesse na fofoca deve ser absolutamente subordinado às obrigações profissionais”, ou seja, deveria estar subordinado aos papéis correspondentes àquele tipo de interação. Para Bergmann, a afirmação pode estar correta e absolutamente coerente com o senso comportamental e moral de grande parte das pessoas à sua volta, ou talvez esteja ocorrendo uma confusão entre o “como as coisas funcionam” empiricamente e localmente e o “como elas deveriam funcionar” de acordo com diretrizes morais locais.

Há que se pensar se esta máxima não estaria culturalmente modulada. Os níveis de tolerância da atividade da fofoca em diferentes culturas e mesmo ambientes é variável. Escritórios no Japão, na Alemanha (campo de Bergmann) e no Brasil podem ter tolerâncias diferentes em relação à atividade da fofoca. Esta pode até mesmo estar incrustada à dinâmica de disputas de poder e posições.

Em diferentes ambientes de trabalho se configuram condições mais ou menos propícias à atividade fofoqueira, como por exemplo aqueles onde os funcionários estão ao alcance da voz e dos olhos uns dos outros enquanto desempenham atividades cujo automatismo, adquirido mediante treino, permite a liberação de níveis de atenção verbal desconectados do exercício laboral. Um exemplo frequentemente trazido em estudos sobre lugares onde se fofoca é o salão de beleza. O cabeleireiro é um nó comum de muitas redes sociais, ponto para onde convergem com frequência mais ou menos regular pessoas que ficam temporariamente sujeitas à contensão da mobilidade que só pode ser amenizada pela atividade da fala com indivíduos fisicamente próximos: o cabeleireiro e outros clientes na mesma situação.

Da fofoca das fuxiqueiras, lavadeiras aos modernos taxistas, podemos observar uma grande gama de atividades laborais onde a fofoca tolerada ou até mesmo já considerada característica. A própria literatura indica tais associações, como o trecho de Memórias de um sargento de milícias, a respeito da profissão de barbeiro: “Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.” (ALMEIDA, 2011, p. 55).

É notável até mesmo que, com a ascensão dos aplicativos de carona compartilhada, a tagarelice, característica antes considerada comum entre taxistas (e para muitos um verdadeiro incômodo) já não é mais observada com tanta frequência entre os modernos motoristas de aplicativos. Estes, sujeitos a avaliações impessoais por parte dos usuários em relação aos motoristas diante de uma plataforma que considera apenas pontuações, precisam ser bem mais cuidadosos neste quesito. É tão comum a ignição da fala informal e, às vezes mesmo indiscreta, neste tipo de função, que a mais famosa empresa deste segmento, a Uber, está implantando uma nova categoria de viagens em que permite ao passageiro pagar a mais para garantir que o motorista ficará calado (não poderá "puxar conversa"), entre outras exigências (SOPRANA, 2019). O próprio nome da nova modalidade (criada inicialmente nos EUA) de serviço, "Uber Confort", é uma sinalização da comunicação não solicitada vem sendo considerada como um verdadeiro desconforto.

Há, portanto, uma grande gama de locais de trabalho onde é possível observarmos a fofoca. É relativamente comum presenciar caixas de supermercado fofocando entre si, com os ensacadores ou mesmo com o gerente, parado de braços cruzados ao final da esteira de compras. As fofocas não param sequer para a passagem das mercadorias, a fila observa, os clientes chegam e saem, escutam, às vezes até participam com uma opinião ou uma exclamação, e a fofoca segue.

Esta tolerância não é, claro, absoluta, como vimos no caso do serviço de carona compartilhada acima. Está, às vezes, sujeita aos critérios mais ou menos rígidos de cada estabelecimento e mesmo clientela o que, combinado com percepções contextuais, pode gerar anúncios como o abaixo ilustrado:

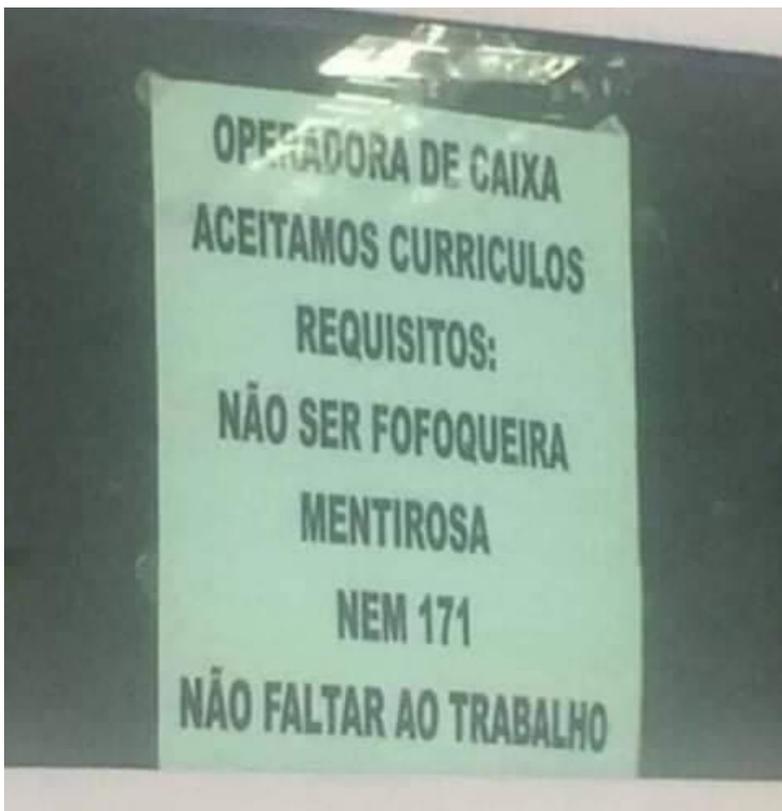


Figura 4 Cartaz com anúncio de vaga de trabalho. Autor desconhecido.

É também nestas condições do trabalho repetitivo e de menor exigência de atenção mais refinada, que outra manifestação oral toma lugar, inclusive em diversas partes do mundo: as canções de trabalho (*work songs*). Estas tinham (e em certos locais ainda têm) não só uma função de preencher o tempo com alguma distração lúdica, mas também, muitas vezes, imprimir um ritmo ao trabalho, ou como definiu Albert Lancaster Lloyd em “*Folk Song in England*”<sup>31</sup>, de coordenar o esforço muscular e distrair a mente do tédio da função (LLOYD, 1967, p. 287). Dos marinheiros britânicos, segundo Michael Pickering, Emma Robertson e Marek Korczynski, (2007), aos escravos coletores de algodão nos EUA, das rendeiras de bilros açorianas às ilhoas de Florianópolis, a voz e o trabalho se combinam e complementam.

A partir das observações e questões colocadas acima, dado que estamos tratando do tema da informalidade da fofoca, seria razoável questionar se o

---

<sup>31</sup> “Músicas populares na Inglaterra” em tradução minha.

ambiente de trabalho não passaria frequentemente por flutuações entre o formal e informal, e se a fofoca teria alguma influência decisiva neste quadro. Estas hipóteses, no entanto, precisariam de uma outra pesquisa para serem testadas. Voltemos ao elemento informalidade.

Já vimos anteriormente diferentes casos onde a ausência de informalidade os desconfigura como fofoca, como a espionagem (seja entre nações, seja industrial) e a confissão (em público ou em particular, para um amigo ou um padre). Temos também o jornalismo que quando permeado por sabida informalidade e ambiguidade das informações (ocultações) acaba por chamar-se de “bastidores”, até mesmo para evitar a alcunha negativa da fofoca. Assim como também ocorre na coluna social, a qual, por sua vez, agrega ainda uma série de juízos morais e opiniões diversas (como se o vestido de certa celebridade tinha um vermelho muito chamativo para a ocasião). O jornalismo que se pretende coerente e preciso afasta-se o quanto pode dos ares da informalidade.

Assim também ocorre, por exemplo, com a História, muitas vezes mal interpretada, que se distancia da fofoca, mesmo quando trata de amenidades (às vezes constrangedoras) da vida pessoal de personagens importantes, através de seus rigorosos métodos de investigação e de sua natureza científica. Por outro lado, uma coletânea de histórias por demais especulativas, carentes de fontes primárias e comprovações formais pode sim cair nas raias da fofoca, assim como o corre com teorias da conspiração.

#### 2.2.5.1. *Demarcadores de formalidade*

A existência de um procedimento, método e/ou ritualização em certas atividades comunicativas servem como demarcadores do limite entre a formalidade da veiculação e a informalidade da fofoca. Vejamos alguns exemplos.

- Espionagem governamental, policial ou industrial

Por mais que a espionagem seja percebida como um tipo de atividade “não oficial” e certamente oculta, seu objetivo último é o alcance de informações o mais precisas possíveis. Um espião pode sim ser enganado e acabar transmitindo fragmentos de informações com ruídos, ou verdadeiras fofocas, mas, neste caso o elemento da mistura ou confusão figuram como dano colateral e não como normalidade. Sua dinâmica de atores é diferente também. O que se busca é sempre

uma informação, de um alvo previamente selecionado (pessoa, governo, instituição), que deve ser retirada de um lugar e transmitida a um terceiro também previamente identificado e credenciado. Não faz parte do procedimento da espionagem a possibilidade de espalhamento aleatório das informações, sob pena, inclusive de retaliações. O espião não pode também exagerar ou inventar aspectos da informação vazada. Existe inclusive um acordo, ainda que tácito, entre as partes para que uma não comprometa a outra. Circunda o fenômeno da espionagem todo um protocolo a ser seguido (ainda que para cometer um crime ou quebras de contratos) que elimina os ares de informalidade do ato. O espião não é, portanto, um fofoqueiro.

Há outros aspectos que diferenciam a espionagem da fofoca. Salientei aqui apenas os que desconfiguram a sua informalidade.

- Denúncia anônima

O mesmo ocorre com a denúncia anônima. Ainda que ela tenha os elementos da ocultação e da circulação de informação, o procedimento, mais uma vez, elimina sua informalidade. Seja para a comunicação de uma atividade ilícita por canais como o serviço Disque Denúncia ou em uma delegacia, seja mesmo uma denúncia anônima publicada em um jornal, há todo um protocolo que vai forçosamente direcionar a situação para a formalidade da mesma que, aliás, é sempre referente a um ato de carga objetivamente negativa, como um crime ou uma incorreção moral. Na denúncia, o fato denunciado fatalmente virá a público se reportado (ele o está sendo justamente para isso). Quem recebe a denúncia é um elemento neutro na relação, como um agente do Estado que vai repassar à polícia a mensagem, ou a pessoa que vai estar encarregada de tomar a nota e publicá-la no jornal, por exemplo. A denúncia anônima tem uma escuta privilegiada e não tem sua fonte difundida: é uma recepção de ouvidoria, cercada de uma série de garantias de sigilo e proteção, é uma forma oficial de contribuição com informações estratégicas. Temos nessa modalidade até mesmo a oferta de recompensa. Ambas as partes pretendem previamente que as informações (ou fragmentos) sejam verdadeiras e que possam servir a um propósito público, seja o de cessar uma conduta nociva, seja a captura de seu agente. A denúncia pressupõe ainda um quadro legal ou moral já estabelecido e sobre o qual denunciante e ouvidor (ou instituição) concordam. Esse quadro já traz organizado o sentido de bem cooperativo das condutas, pretendendo eximir o delator ou denunciante até mesmo de um remorso por conta

de uma alegada traição, quebra de confiança, rompimento de sigilo e outros tantos dilemas morais possível de surgir em ambientes de cumplicidade marcados por códigos de honra e silêncio como o da *omertà* da máfia italiana. A denúncia está associada a um "fazer a coisa certa" que redime previamente o denunciante. A *omertà*, código de silêncio da máfia italiana por exemplo, estava associada a toda uma ritualização de submissão, fidelidade e a admissão de um código de honra comum entre o ingressante (subordinado) e seu suserano, através da criação de um laço não sanguíneo de parentesco entre os membros e um rígido voto de silêncio voltado à absoluta abstenção de cooperação com autoridades da lei. Segundo a criminologista Letizia Paoli em "*Mafia Brotherhoods: Organized Crime, Italian Style*"<sup>32</sup>, esta abstenção era levada às últimas consequências a ponto de ser esperado que um membro acusado e condenado injustamente sequer se pronunciasse para livrar-se, caso isso comprometesse algum outro membro da organização (PAOLI, 2003, p. 109).

Há nesse sentido ainda, relatos da existência da imposição de uma "lei do silêncio" em áreas dominadas tanto pelo tráfico quanto pela milícia no Rio de Janeiro. Jocosamente referida também como "Lei de Murici", segundo a qual "cada um cuida de si", trata-se de uma vedação ameaçadora tanto à fala quanto à ação que possa entrar em conflito com as atividades criminosas ali exercidas. Esta expressão é uma corruptela daquela que Euclides da Cunha em "os Sertões" atribui ao Coronel Tamarindo:

"É tempo de murici cada um cuide de si..."

Foi a sua única ordem do dia. Sentado na caixa de um tambor, chupando longo cachimbo, com o estoicismo doente do próprio desalento, o coronel Tamarindo, respondendo de tal jeito, ou por monossílabos, a todas as consultas, abdicara a missão de remodelar a turba esmorecida e ao milagre de subdividi-la em novas unidades de combate. (CUNHA E. d., 1963, p. 267)

Ela passou, na sua recepção popular, por uma transformação do sentido original mais próximo ao abandono e delegação das atribuições de comando, confiando os subordinados a uma tutela autônoma, para um novo sentido relacionado a uma apatia comportamental em relação ao outro, espontânea ou imposta.

Este "cada um cuida de si", no sentido aqui referido, abrange desde o não agir contra os interesses de seus impositores (como chamar uma ambulância para

---

<sup>32</sup> "Irmandades da máfia: Crime organizado, estilo italiano" em tradução minha.

alguém que foi vítima dos mesmos), até o não falar nem contra, nem sobre eles. A Lei do Silêncio e a Lei de Murici nesta acepção, inibem a atuação desde fofoqueiros, alcaguetes e o moderno X-9 a os chamados “vacilões” (pessoas que falam, traem a confiança, ou agem contra o interesse dos dominadores daquele território), para quem a expressão “vacilão morre cedo” já traz um recado bem explícito.

Assim, para se contrapor a códigos de silêncio a que as pessoas aderem ou imposições que a elas são colocadas, é que o sistema de denúncia pública precisa também, por sua vez, apresentar uma estrutura procedimental principalmente confiável, distante da informalidade. A fofoca, em sua informalidade não apresenta mecanismos com força suficiente para quebrar de maneira segura barreiras rígidas (e para não dizer, perigosas ou arriscadas) da *omertà* e de uma violentamente imposta lei do silêncio.

Quanto à confissão, não seria necessário sequer citá-la por sua quebra do elemento da circulação: não se faz fofoca sobre si mesmo e a confissão, é justamente o ato de revelar algo sobre si. Fica Impedido assim a constituição da relação triádica para a circulação. No entanto, há a possibilidade de uma confissão que faça referência indireta a um terceiro, como: “Senhor Padre, eu confesso que menti ao esconder que sabia do adultério de dona Terezinha para o marido dela”. Para que não haja dúvida, distancio a confissão da fofoca por meio também da informalidade. A confissão aqui não se confunde com o mero “contar um segredo” que pode ser sobre qualquer assunto, mas sim contar algo secreto em relação a si.

A confissão para um amigo perde o elemento da informalidade quando se apresenta o pacto subjacente entre as partes da confiança no sigilo, além da necessidade de uma relação de intimidade prévia. Se o tal amigo descumprir o pacto e espalhar a confissão aí sim podemos falar em fofoca.

A confissão para um padre tem ainda mais elementos padronais e ritualísticos que eliminam a informalidade, a começar pelo seu local. A confissão eclesiástica tem local (o confessionário ou algum local da igreja que seja separado especificamente para abrigar o ato) e atores determinados (o fiel e o padre especificamente treinado para tal). Existe toda uma preparação religiosa para a confissão por parte do fiel (com orações, reflexão e arrependimento dos próprios pecados, por exemplo), sendo o próprio ato da confissão regido também por toda uma liturgia específica, no que se inclui o dever de segredo absoluto do padre. Não

há, portanto, como atribuir a característica da informalidade a uma confissão na igreja.

A formalidade da confissão é construída através de modalidades ritualísticas solenes de busca do confitente pelo asseguramento do sigilo por parte do confidente. Quem confessa um segredo espera que o seu confidente não o espalhe, seja por meio de uma amizade e confiança previamente subjacentes à relação, a simples promessa de sigilo, seja por uma formalidade ritualística mais proeminente como o dever eclesiástico de sigilo do padre confessor. Existem outros tipos de confissão, como a arrancada sob tortura ou a do réu confesso em juízo, mas não considero necessário tratá-las aqui sob o risco de redundância temática.

Situações sem protocolos rígidos direcionados especificamente à troca comunicativa, como festas, encontros de amigos, comentários à porta de casa e outras modalidades de interações, são aquelas com a informalidade necessária para a configuração da fofoca.

#### 2.2.6. RESUMO: OS CINCO ELEMENTOS DA FOFOCA

O fenômeno da fofoca se apresenta através de combinações desses cinco elementos, dentre os quais a presença de três deles é imprescindível e a dos outros dois é frequente, mas dispensável.

Para a configuração de uma situação de fofoca, os três imperativos são a Circulação, a Ocultação e a Informalidade, sem a presença dos quais, a situação dificilmente será reconhecida como tal. Além desses três, ela pode conter os outros dois, mais próximos da atuação psíquica humana (voluntária ou não): a Mistura e a Intenção.

Estes são elementos que interessam principalmente ao pesquisador, seja do fenômeno em si, seja da comunidade onde ele ocorre.

Agora que temos uma estrutura do fenômeno, vamos partir para uma nova fase de análise vendo com que tipos de conteúdos essa estrutura é preenchida e como ela funciona. O aspecto mais popularmente “interessante” ou marcante a respeito da fofoca é justamente o que se fala nela e o que se faz com ela. Isso porque nossa reação emocional ao ouvir sobre ela e a forma como lidamos com a fofoca depende das experiências que tivemos ao longo da vida, que são muito mais

marcadas pelas situações em que nos envolvemos (dependendo de como está sendo usada a fofoca) e pelas mensagens que transmitimos ou vemos transmitir (os efeitos dos seus conteúdos sobre nossa memória).

Partamos então para a análise dos conteúdos e usos da fofoca.

### 2.3. OS CONTEÚDOS DA FOFOCA

Certamente o leitor já percebeu ao longo do texto sinalizações sobre a importância das diferentes formas do conteúdo da fofoca. Mencionei notícias, juízos, rumores, entre outros, sendo possível ter alguma ideia da importância que esses formatos têm na caracterização e, principalmente, na percepção do vastíssimo alcance do fenômeno. Dependendo de uma combinação entre os elementos presentes na fofoca (discutidos acima) e de quais sejam seus conteúdos, há o câmbio também no próximo tópico: os diversos usos sociais dados à fofoca.

Ao observar a fofoca, vemos que estes fatores aparecem intimamente relacionados e dependentes uns dos outros: os usos dependem em grande parte dos conteúdos e da configuração de elementos presentes na fofoca. É até mesmo custoso percebê-los desagregadamente. Mas é exatamente por esse motivo que os apresento aqui em separado: para evitar uma compreensão às vezes transversal ou mesmo contraditória e limitada do fenômeno pela confusão entre seus diferentes eixos analíticos. É comum confundir a fofoca em geral com seus conteúdos (como o rumor, a mentira, a detração) ou com seus usos e funções (como a obtenção de informações valiosas, a diversão leviana, a destruição do oponente), o que produz análises muitas vezes truncadas e confusas sobre um fenômeno que, em teoria, todos conhecem bem. Sistematizo agora, alguns destes formatos do conteúdo da fofoca, buscando reunir as categorias o mais amplas possíveis e ainda diferenciáveis entre si.

Como fenômeno comunicativo a fofoca transporta algo através do acionamento da linguagem (falada ou escrita). Segundo Umberto Eco em “As formas do conteúdo” de 1999:

Para comunicarmos, dispomos de elementos do plano da expressão: sons, imagens, gestos, signos gráficos, materiais de todo tipo. Na sua variedade, esses elementos constituem a Substância da Expressão. Mas para podermos usá-los, selecionamos, no âmbito da Substância, elementos específicos e especificados, arvoramo-los em unidades pertinentes da expressão, organizamo-los num sistema de oposições, dispondo, assim, de uma Forma da Expressão. (...) Uma vez organizada a Forma da Expressão, podemos articular inúmeras cadeias de expressões às quais se atribui um *sentido*. E o que é, a esta altura, o Sentido?

É todo o universo dos possíveis conteúdos da comunicação, e portanto, o Universo. (...) ... o universo através do qual uma cultura organiza sua própria visão do mundo, subdividindo e sistematizando suas próprias experiências.

(...)

O que era a substância do conteúdo, o amontoado impreciso de todas as experiências possíveis, torna-se um sistema de experiências organizadas e *nomeadas*. (...) Para organizar suas próprias experiências, uma cultura deve nomeá-las: isto é, deve fazer corresponder a

elementos de Forma da Expressão, elementos de forma do conteúdo. (ECO, 2010, pp. XII-XIII)

Este acionamento da linguagem de que falei é correspondente ao que Eco chama de a Substância da Expressão: a fala ou a escrita. É maneira pela qual escolhemos nos expressar. Podemos fofocar através da fala ou fazer uma fofoca através da escrita. Não é possível, no entanto, fazer uma fofoca, com uma aquarela, ou esculpir uma fofoca. Posso pintar uma cena de fofoca, mas isso será mostrar uma fofoca e não fofocar em si.

Sendo a Substância da Expressão da fofoca a fala e a escrita, de que maneira elas organizam esse “universo dos possíveis conteúdos da comunicação” especificamente na fofoca? Quais são as Formas da Expressão daquilo que é transmitido através desses dois meios (a fala e a escrita). Essas formas do conteúdo da fofoca são nosso foco principal neste capítulo. Estamos falando de formas da expressão como Juízos, notícias, fatos (curiosidades) e instruções.

Quando fofocamos, damos nossa opinião, contamos casos e novidades. Não o fazemos, por exemplo, por meio do proferimento de ordens. Ações comunicativas como os atos de fala que Austin classifica como ilocucionários (aqueles que propriamente fazem alguma coisa ao serem ditos: eu voto, eu te batizo, eu te prometo, vendido!) também não figuram em fofocas. Numa fofoca não vamos encontrar atos de nomeação, nem ordens. É, aliás, impensável conceber uma fofoca “ordenadora”. Imagine a situação:

Eu chego perto de você, enquanto José vai na outra sala, me curvo levemente na sua direção tapando a boca para que ninguém veja e falo quase sussurrando: “Vá atrás do José e diga a ele para me trazer um café”.

Imagine agora que em vez disso, eu digo: “Acho um absurdo o José ficar saindo o tempo todo da sala, parece que os supervisores estão pensando em demiti-lo por isso, vamos ver.”

Podemos perceber aqui a importância que as Formas da Expressão do conteúdo têm para a própria configuração do fenômeno. Quaisquer conteúdos, temas, assuntos, tratados na fofoca precisam ser expressos nestes formatos dos quais falarei adiante.

Tomemos novamente o exemplo acima a respeito da minha ordem a você: Digamos que você a cumpra e vá falar ao José para me trazer o café. José então, irritado, comenta discretamente com Maria, uma colega que está com ele na cantina:

“Já é a terceira vez essa semana que a Isla me diz para trazer café para ela! Que abusada! Eu posso ser estagiário, mas não é esse o meu trabalho!”

Agora a “ordem” aparece sob a forma de uma notícia. Ao ser expressa desta maneira, ela pode passar a fazer parte de uma fofoca como seu conteúdo.

Os conteúdos propriamente ditos, os temas, os assuntos que podem ser tratados na fofoca, estes são inumeráveis. Mas, apesar de esta afirmação poder parecer um tanto decepcionante, ela é uma marca da versatilidade e universalidade estruturais da fofoca. Se seus assuntos fossem limitados, a sua incidência seria também culturalmente limitada. Não é o caso.

Qualquer coisa pode ser objeto de fofoca dependendo da cultura ou do grupo em questão. Para o leitor, por exemplo, pode ser impensável que a redescoberta da Rolinha do Planalto em algum lugar do Serrado de Minas Gerais possa figurar como conteúdo de uma fofoca. Já para um observador de aves, um biólogo, ou um interessado na avifauna brasileira, esse pode ser assunto de fofoca quentíssima, já que o animal era dado como extinto, desaparecido há mais de 70 anos.

Vejamos então quais são algumas das principais Formas de Expressão desses inumeráveis conteúdos possíveis da fofoca. Digo algumas pois não pretendo ser absolutamente exaustiva, uma vez que talvez não tenha sido possível observar ou imaginar todas as modalidades existentes de fofoca. Pretendo aqui enumerar cinco formas de expressão que são mais recorrentes em fofocas e que são mais popularmente percebidas como tal. São elas as (1) notícias, (2) juízos, (3) enumerações (de fatos, curiosidades), (4) instruções e (5) Especulações, conjecturas. Todas estas Formas de Expressão são atos, estão relacionadas a verbos, a fazer algo: noticiar, julgar, enumerar, instruir e especular.

### 2.3.1. NOTÍCIAS

Escolhi começar pelas notícias por serem elas, junto com os juízos, os itens mais comuns e claramente lembrados quando pensamos na fofoca. Definições como “falar mal de alguém”, “espalhar coisas maldosas sobre alguém” geralmente estão permeadas pela pressuposição desses dois tipos de conteúdo. É também aqui que encontramos o rumor, comumente utilizado como sinônimo da fofoca, de alcance um pouco mais limitado que esta, como veremos.

As notícias estão relacionadas principalmente a fatos posicionados no curso do tempo, passado, presente ou futuro, algo que está acontecendo, aconteceu ou vai acontecer. Frases como “fulano foi atropelado”, “o Presidente vai renunciar”, “disseram que o Bolsa Família vai acabar”, “Luiza está grávida”, ou “vai casar”, são exemplos dessa forma de expressão. São, de acordo com a classificação austiniana (AUSTIN, 1962) dos atos de fala, atos constativos: proferimentos que, como foi dito anteriormente, podem ser verdadeiros ou falsos em relação a fatos. O fato de o Presidente estar prestes a renunciar pode ser verdadeiro ou falso. Já um proferimento como “eu acho que ele vai renunciar” ou mesmo “eu acho o presidente feio” não são atos constativos e, proferidos desta forma não estão sujeitos a uma deliberação de verdadeiro ou falso. São sim, atos performativos (AUSTIN, 1962) onde o sujeito performa sua opinião ou pretende induzir no outro alguma reação (por exemplo concordar consigo).

Quando coloco a forma de expressão como “notícia” e não como “informação”, o faço por ter esta segunda um espectro mais abrangente que a primeira. Quaisquer dos conteúdos da fofoca podem ser considerados “informações” ou mesmo “dados”, assim como conteúdos que a fofoca não comporta (como as já referidas ordens). Uma notícia é uma informação, assim como uma ordem também o é. Mas dado que a fofoca não comporta qualquer forma de expressão de informação, não posso cometer aqui o erro de tentar nomear genericamente esta forma simplesmente como “informação”, sob pena de inviabilizar ou tornar obscura e imprecisa toda a análise dos conteúdos da fofoca.

Daí a escolha pelo termo notícia que, segundo o dicionário Houaiss, é: “1 - Informação a respeito de acontecimento ou mudança recentes; nova, novidade”. Vemos que aí a notícia figura justamente como um gênero de informação.

Estas novidades de que fala Houaiss podem ser dos mais variados temas e interesses. É aqui que encontramos o que seria “todo o universo dos possíveis conteúdos da comunicação” referido anteriormente. É dizer: pode-se falar de tudo, pode-se dar notícias sobre qualquer assunto. O que vai determinar quais são os assuntos pertinentes a uma fofoca são as circunstâncias de sociabilidade de cada grupo em especial. Apostadores de corrida de cavalo podem fofocar sobre como anda de saúde e a disposição cada cavalo, enquanto senhoras aposentadas em uma cidade pequena podem preferir fofocar sobre a vida de seus filhos, netos e vizinhos, o que não tornaria uma situação menos fofoca que a outra.

### 2.3.1.1. Por que nos interessa a vida dos outros

Claro que “a vida dos outros”, em especial se esses “outros” forem seus “conhecidos”, é mundialmente reconhecida como o mais icônico assunto da fofoca, ou seu assunto por excelência. No entanto essa mera temática assuntiva não pode ser considerada automaticamente como fofoca. Sem a configuração de uma situação que combine, de alguma forma os elementos situacionais anteriormente enumerados (circulação, mistura, ocultação, intenção e informalidade), eles podem ser apenas assuntos normais em uma simples conversa em família ou amigos. Dona Maria pode contar às suas amigas que sua filha vai se casar em um pedido de preces para que tudo dê certo, ou mesmo na forma de uma grande anunciação do evento futuro.

Mas a questão de por que essa temática é, há séculos e em todo o mundo, tão veementemente associada à fofoca permanece. Robin Dunbar em seu livro “*Grooming, Gossip and the Evolution of language*”<sup>33</sup> de 1996 traz uma análise dessa questão sob a perspectiva do próprio desenvolvimento social e cognitivo da espécie humana.

Para Dunbar a fofoca (*gossip*) se desenvolveu juntamente com a própria capacidade humana da fala e teve, desde os primeiros grupos humanos, uma importância na produção de laços sociais e estabelecimento de alianças entre os indivíduos. A fofoca, segundo Dunbar, teria, entre os humanos, função semelhante àquela que o comportamento de “catação” (“*grooming*” ou “*social grooming*”) tem em grupos de primatas. A catação entre os primatas é o ato de afagar, escovar com as mãos, catar piolhos, uns dos outros. Esta atividade é recorrente em grupos de primatas e referida por Dunbar como tendo a finalidade de criar e fortalecer laços afetivos e alianças entre os membros do grupo. Os macacos estudados por Dunbar, assim como os humanos, são capazes de calcular de antemão efeitos que certas reações podem provocar e mesmo, calcular as reações que indivíduos conhecidos podem ter diante de determinadas situações.

---

<sup>33</sup> “Catação, fofoca e a evolução da linguagem” em tradução minha.

Pressionados pelas adversidades do ambiente nossos ancestrais teriam encontrado no agrupamento uma forma mais eficiente de sobrevivência e na comunicação a chave para manejar a convivência de grupos cada vez maiores. Dunbar faz então uma analogia entre a importância da fofoca em pequenos grupos como forma de se manter a par de alianças entre os membros e suas opiniões e reações a respeito de determinados contextos. Esse comportamento teria se desenvolvido juntamente com a própria capacidade da fala humana e tido papel determinante no desenvolvimento das habilidades sociais humanas:

Our ancestors must have faced a terrible dilemma: on the one hand there was the relentless ecological pressure to increase group size, while on the other time-budgeting placed a severe upper limit on the size of groups they could maintain. It seems that somehow they managed to square the circle.

The obvious way, of course, is by using language. We do seem to use language in establishing and servicing our relationships. Could it be that language evolved as a kind of vocal grooming to allow us to bond larger groups than was possible using the conventional primate mechanism of physical grooming? (DUNBAR, 1996, p. 78)

A eficiência e chances de sobrevivência do grupo aumentava com a expansão do número de indivíduos. Mas esta expansão esbarrou no que é hoje conhecido como o “Número de Dunbar”, elaborado ao longo das pesquisas de “*Grooming and Gossip and the evolution of language*”.

O Número de Dunbar é um limite numérico de pessoas que um único indivíduo consegue se relacionar socialmente de maneira mais próxima, isto é, conhecendo não só pelo nome, mas suas características individuais de personalidade e o tipo de relações que essas pessoas mantêm com outros indivíduos do grupo. Trata-se efetivamente de um limite cognitivo de indivíduos com quem conseguimos nos relacionar e manter contato social (mesmo com a disponibilidade de meios de comunicação digital). Segundo ele:

Sociologists have long recognized that individuals have a limited network of acquaintances. Even in a modest-sized town, an individual will know only a tiny proportion of those around him by name or face; he will know even fewer of these well enough to consider them genuine members of his social circle. (DUNBAR, 1996, p. 73)

Em “*Grooming and Gossip*” Dunbar trabalha com o número 150, podendo variar um pouco para mais ou para menos (entre 100 e 230 em geral estabiliza-se em torno de 150). Ele trabalha com a observação de que grupos maiores começam a subdividir-se ao aproximarem-se dessa marca:

Indeed, there is a well-established principle in sociology suggesting that social groupings larger than 150 – 200 become increasingly hierarchical in structure. Small social groups tend to lack structure of any kind, relying instead on personal contacts to oil the wheels of social intercourse. But with more people to coordinate, hierarchical structures are required. (DUNBAR, 1996, p. 72)

Segundo ele, o desenvolvimento da linguagem foi o que permitiu a ampliação de grupos humanos para além desse número, com manutenção de coesão. Mas mesmo em grupos maiores essa nossa capacidade é a mesma: continuamos tendo uma habilidade limitada de interação e conhecimento mais próximo de indivíduos, apesar de podermos nos relacionar com diferentes círculos hierárquicos e sociais.

A fofoca funciona como uma forma de se obter informações sobre os indivíduos de nosso círculo próximo ou de interesse mais imediato nesses diferentes níveis de círculos de interação, mais ou menos próximos. A sua prática, como fenômeno comunicativo, torna possível uma projeção mais precisa das ações e reações alheias, permite um trânsito mais facilitado e a previsão e montagem de cenários a partir do conhecimento das relações interindividuais e das personalidades e peculiaridades de cada um.

A fofoca permite mesmo um aumento da capacidade de manipulação das disposições alheias. Não à toa o fofoqueiro é comumente lembrado como ardiloso manipulador. Como já mencionei antes, a fofoca tem essa capacidade de induzir conclusões, emoções, reações e mesmo etiquetamentos nas pessoas. O indivíduo que sabe manipular a dosagem das fofocas pode dela tirar proveito, para o mal ou para o bem.

Mas e em círculos afastados?

O que nos interessa efetivamente desse ponto é aquilo que pode ser o caminho para entender por que as pessoas se interessam tanto por fofocas sobre a “vida dos outros” e, principalmente, como é possível que se interessem pela vida de outros que sequer fazem parte de seus círculos relacionais e de sociabilidade próximos.

Por que teríamos algum interesse em fofocar sobre coisas e pessoas que estão absolutamente distantes de exercer qualquer efeito sobre nossas vidas pessoais ou de ter para nós qualquer utilidade prática?

A resposta, me parece, está justamente na Forma de Expressão do conteúdo da fofoca. As notícias, novidades sobre a vida dos outros, próximos ou distantes, têm a mesma forma e são capazes de nos chamar a atenção por isso.

A forma de expressão de duas notícias como “o neto da rainha da Inglaterra vai casar” e “o neto da Dona Genoveva da rua ao lado vai casar” é a mesma, o que difere é efetivamente o contexto do conteúdo: Dona Genoveva é sua amiga e vizinha, enquanto a rainha da Inglaterra é uma figura pública a quem você não

conhece pessoalmente, mas pode ter desenvolvido algum nível de afinidade curiosa. Ambas podem ser fofocas, se passadas em circunstâncias adequadas.

A fofoca sobre a Dona Genoveva pode ser informação estratégica em nosso círculo próximo de 150 a 200 pessoas conhecidas. Nós tendemos a nos interessar imediatamente por esse tipo de informação. A forma de expressão (notícia sobre a vida privada ou familiar de alguém) nos vai chamar a atenção.

A notícia sobre o neto da rainha é o mesmo tipo de mensagem: notícia sobre a vida pessoal, relações afetivas e privadas alheias. Estamos acostumados a prestar atenção nesse tipo de informação porque ele tem o formato de informação útil em um contexto de proximidade. Minha hipótese é que a resposta para a pergunta “Por que nos interessamos por fofocas da vida de famosos que não têm nada a ver com nossa vida?” está ligada ao fato de as percebermos inicialmente da mesma maneira que as mensagens estrategicamente úteis sobre a vida pessoal de conhecidos. Isso ocorre porque a estrutura das mensagens é a mesma.

Se assim for, porque então nos interessamos pela vida pessoal da rainha da Inglaterra (famosa), mas não pela vida pessoal de um completo desconhecido? Se notícias sobre a vida pessoal de um completo desconhecido forem inseridas numa fofoca, normalmente não criamos o mesmo interesse, apesar de elas terem, também a estrutura já mencionada:

“O neto da Dona Genoveva da rua ao lado vai casar.”

“O neto da rainha da Inglaterra vai casar.”

“O neto da Sra. Desconhecida da rua que nunca fui vai casar.”

Em relação àqueles que conhecemos, temos interesses relacionais, socialmente estratégicos, empáticos e de afinidade. Em relação aos “famosos”, criamos laços de afetividade genérica unilateral devido à nossa previa exposição a aspectos das suas vidas, obras, personalidades, etc. Desenvolvemos com eles uma relação unilateral (porque ela não é recíproca) de afinidade. Se tivemos alguma exposição que nos fez criar um laço unilateral com os indivíduos em questão nós entendemos eles como análogo a alguém que faz parte de nosso grupo próximo, a fofoca sobre eles passa a ser interessante (apesar de não ser estrategicamente útil). O mesmo acontece com personagens de ficção, por exemplo, ou personagens históricos a respeito de quem temos alguma afinidade. Já em relação aos desconhecidos não há qualquer tipo de vínculo que possa fixar o interesse. Mesmo que a Forma de Expressão seja a notícia de detalhes da vida alheia, o que define se

nossa atenção será efetivamente capturada são as relações de afinidade e proximidade que desenvolvemos em relação ao objeto da fofoca.

Por fim, interessante ou não para o interlocutor, ela não deixa de ser fofoca, se presentes os elementos circunstanciais. O que pode acontecer é ela ser esquecida e não passada adiante.

### 2.3.1.2. Rumor - alguns comentários

Dentre as várias modalidades de notícias veiculadas pela fofoca (vida alheia, jornalísticas, esportes e uma infinidade de outras), temos também este que é um fenômeno quase gêmeo e que é, frequentemente, confundido com a própria fofoca: o Rumor.

Em primeiro lugar precisamos deixar claro que o rumor é um dos conteúdos possíveis da fofoca. Na fofoca se transmite rumores, assim como também outras coisas. Ele é um conteúdo na Forma de Expressão Notícia que passa (e está passando quando entra na composição da fofoca) por um processo de transformação e disseminação coletivo. Esse processo vem sendo estudado longa e variadamente desde o início do século XX pelas ciências sociais.

Um dos primeiros a estudar o fenômeno foi Gordon W. Allport em “*The psychology of rumor*” de 1947. Allport estudou o rumor no contexto de durante e pós segunda guerra Mundial. Allport estudou de maneira pioneira a formação e circulação de rumores, principalmente aqueles relacionados ao contexto da guerra. Ele realizou experimentos controlados para compreender o comportamento do rumor em relação à memória social, nivelamento e refinamento das mensagens e mesmo a assimilação emocional e não emocional das informações (daí a ideia de que a vontade pode interferir na seleção e mutação dos detalhes a serem transmitidos na forma de rumor). Em seus experimentos chegou a encontrar padrões de número de palavras retidas ao longo da transmissão das mensagens e a diminuição do número de detalhes conforme é passado adiante o rumor.

Nas décadas seguintes ainda outras pesquisas para determinar o padrão de disseminação e mutação das notícias veiculadas por rumores foram feitas tanto em

laboratório (*small world experiences*<sup>34</sup>) quanto com grupos abertos de indivíduos. Estudos como os de Tamotsu Shibutani (“*Improvised News – a sociological study of rumor*” de 1966), Ralph L. Rosnow e Gary Alan Fine (“*Rumor and gossip – The social psychology of hearsay*”<sup>35</sup> de 1976), Michel-Louis Rouquette (ROUQUETTE, 1975)(“*Les Rumeurs*”<sup>36</sup> de 1975), Jean-Noël Kampferer (KAPFERER, 1987)(“*Rumeurs - Le plus vieux média du monde*”<sup>37</sup> de 1987), François Ploux (PLOUX, 2003) (“*De bouche à oreille – Naissance et propagation des rumeurs dans la France du XIXe siècle*”<sup>38</sup> de 2003), entre outros avançaram na discussão da estrutura, conteúdos, disseminação, e mesmo nascimento e morte dos rumores. Buscaram também padrões de geração de ruído na comunicação, como a experiência do telefone sem fio utilizando a transmissão de mensagem falada, gestual ou mesmo o chamado rumor visual, tratado por Allport (ALLPORT, 1947, p. 58). Da sociologia, antropologia, passando pela psicologia social e até mesmo a história, o rumor vem sendo estudado em seus vários aspectos e frequentemente com alguma proximidade à fofoca.

Shibutani, de quem já falei anteriormente, compreende o rumor como sendo essencialmente um tipo de notícia (SHIBUTANI, 1966, p. 17). E mais: uma notícia tempestiva, pois circula em um contexto de necessidade de informações para a tomada de decisões. Elas circulam, se deformam, completam, perdem e adquirem fragmentos que podem, inclusive (mas não necessariamente) conter conjecturas e deduções.

Os psicólogos sociais Rosnow e Foster também distinguem a fofoca do rumor (ROSNOW & FOSTER, 2005) e descrevem uma estrutura de comportamento deste fenômeno muito semelhante à de Shibutani (SHIBUTANI, 1966), adicionando também a vontade na distorção, assim como fez Allport (ALLPORT, 1947).

#### Segundo Rosnow e Fine:

Here we prefer a broader set of parameters in defining a rumor. First of all, it is a process of information dispersion as well as the product of that process. Secondly, it is a process that

---

<sup>34</sup> “*Small world experiences* “ são experiências em ambiente controlado. No caso, experiências sociais.

<sup>35</sup> “Rumores e fofocas - A psicologia social do boato”, em tradução minha.

<sup>36</sup> “Os rumores”, em tradução minha.

<sup>37</sup> “Rumores – A mais antiga mídia do mundo”, em tradução minha.

<sup>38</sup> “Da boca à orelha - Nascimento e disseminação de rumores na França do século XIX”, em tradução minha.

may be more easily started (and its product more easily disseminated) than stopped. Thirdly, it is communication constructed around unauthenticated information. (ROSNOW & FINE, 1976, p. 11)

Eles defendem ainda a distinção entre fofoca e rumor por cada um funcionar de maneira diferente :

We should distinguish between rumor and gossip, as each appears to function differently in its pure state. Rumors have been described as public communications that are infused with private hypotheses about how the world works (Rosnow, 1991), or more specifically, ways of making sense to help us cope with our anxieties and uncertainties (Rosnow, 1988, 2001). On the other hand, as Wert and Salovey (2004b) noted, "almost as many functions of gossip have been argued as writers to write about gossip" (p. 77). More than rumor, gossip tends to have an "inner-circleness" about it, in that it is customarily passed between people who have a common history or shared interests. Popular usage defines gossip as "small talk" or "idle talk," but gossip is hardly inconsequential or without purpose (e.g., Gluckman, 1963; Goodman & Ben-Ze'ev, 1994; Rosnow & Georgoudi, 1985; Sabini & Silver, 1982; Spitzberg & Cupach, 1998). For example, it has been theorized that gossip played a fundamental role in the evolution of human intelligence and social life (Dunbar, 2004; Davis & McLeod, 2003) and that it continues to play an active role in cultural learning (Baumeister, Zhang, & Vohs, 2004) and as a source of social comparison information (Suls, 1977; Wert & Salovey, 2004a). To be sure, it is often noted that rumor and gossip can also be undeniably aversive and problematic—currently illustrated, for example, in the way that rumor and gossip have generated resistance to medical efforts to deal with HIV and AIDS (e.g., Smith, Lucas, & Latkin, 1999; Stadler, 2003).

(ROSNOW & FINE, 1976, p. 11)

Eles levantam algumas características atribuídas à fofoca e ao rumor por diferentes pesquisadores, desde a fofoca como algo que circula entre pessoas relacionadas entre si e com interesses em comum, como forma de aprendizado social e cultural à teoria de Dunbar previamente já discutida sobre a relação da fofoca com o desenvolvimento da linguagem. Por outro lado, para eles o rumor tem um caráter mais de comunicação que circula publicamente, infiltrada por hipóteses pessoais de como as coisas funcionam.

Independentemente de concordar ou não com todas as diferenciações entre fofoca e rumor assinaladas por Rosnow e Fine, destaco a existência sim de diferenças na estrutura e no comportamento de ambos os fenômenos. Uma delas está justamente relacionada aos conteúdos que cada um apresenta.

Kapferer, em "*Rumeurs - Le plus vieux média du monde*" (KAPFERER, 1987) por sua vez destaca a vida e morte do rumor, suas funções e seus atores, suas interpretações e suas utilizações. Seu principal ponto de partida, como diz o próprio título do livro é a capacidade do rumor substituir, ou complementar a mídia oficial, quando esta não se mostra suficientemente clara ou confiável, trabalhando assim com as noções de verdadeiro e falso, o dito e o não dito. Essa abordagem é também próxima da de Shibutani que trata o rumor como uma "empreitada coletiva" de

refinamento de notícias para a orientação de tomada de decisões em situações ambíguas ou com falta de canais oficiais de informação disponíveis.

Os mecanismos (e até fórmulas) de dispersão, expansão e dinâmica de distorção do rumor estão em discussão até hoje no campo da sociologia e psicologia social. Mas independentemente da maneira como se irradia e distorce, o rumor não deixa de pertencer à categoria da Forma de Expressão “notícia”. Os rumores podem conter distorções por conta da especulação de cada um dos sujeitos que correspondem a um dos elos de sua corrente, mas ele não veicula, por exemplo, outras formas de expressão, como a que veremos no próximo tópico: os juízos. A emissão de um juízo não configura um rumor. Não obstante, a notícia de um juízo já proferido pode figurar como rumor. Vejamos:

#### EXEMPLO

Circula o rumor de que algum dos três porteiros do prédio poderia estar dando cobertura ao ladrão que anda dando sumiço nas bicicletas estacionadas na área comum. O vizinho do apartamento 10 vem reportar ao vizinho do 11 o tal rumor: *“Parece que tem algum porteiro dando cobertura para o ladrão de bicicletas”*. Até aqui temos a expressão na forma de noticiamento do rumor.

O vizinho 10 continua, inserindo agora uma conjectura pessoal: *“Por mim, eu estou achando que foi esse porteiro da noite.”* Ele justifica sua conjectura com um juízo de valor: *“Porque ele não vale nada, é muito malandro!”* E termina com uma opinião: *“Eu se fosse o síndico já teria mandado ele embora há tempos!”*

Temos aqui uma situação de fofoca com a transmissão de um rumor, mas também de juízo e conjectura/opinião. Os outros dois conteúdos da cena não fazem parte do rumor, justamente porque não têm a Forma da Expressão “notícia”, estão, no entanto, todos englobados na cena da fofoca. A opinião do vizinho 10 reforça ainda mais o caráter de fofoca da situação. A maneira pela qual os outros dois conteúdos poderiam ser incorporados ao rumor seria justamente pela mudança de sua Forma de Expressão para a de notícia. Vejamos:

O vizinho 11 também não gosta do porteiro da noite e, após ouvir o vizinho 10, volta para seu apartamento e fala com sua esposa: *“Parece que quem está dando cobertura ao ladrão é esse porteiro da noite. Não somos só nós que não gostamos dele, o vizinho 10 também acha ele um malandro. Disse que já o teria demitido se pudesse.”*

Note que agora a forma da informação passou de juízo para a notícia: O vizinho 11 está reportando o juízo do vizinho 10 para sua esposa em forma de notícia. Não é mais um juízo sendo emitido, é um juízo sendo noticiado. Agora o

fato de o vizinho 10 achar o porteiro um malandro pode passar a compor parte do rumor, se perpetuado.

A opinião só se torna, então, parte do rumor se algum terceiro a adicionar na Forma de Expressão notícia e, mais ainda, na sua ausência, pois a sua presença na situação elimina o caráter dúbio ou não confirmado da mensagem sendo transmitida. Por outro lado, quando a palavra fofoca é usada como substantivo referente ao seu conteúdo, ela pode ser perfeitamente substituída por rumor. Vejamos dois exemplos:

#### Exemplo 1

Pessoa 1: Eu ouvi dizer que a Dona Gladys está pela hora da morte, de cama com pneumonia.

Pessoa 2: Isso é Fofoca! Estive com ela ontem, só teve uma alergia a pólen! Esse povo adora aumentar!

Ou quando se vai tirar a “prova” da fofoca com o seu próprio objeto (ou vítima):

#### Exemplo 2

Pessoa 1: Estão dizendo por aí que você anda recebendo dinheiro para deixar menores de idade entrarem no clube.

Pessoa 2: Isso é fofoca! Esse fofoqueiro deve estar querendo o meu emprego.

Em ambos os casos a utilização da palavra fofoca é referente ao conteúdo que sofreu distorções e poderia ser facilmente substituída por rumor, boato ou, se a intenção fosse ser mais enfático, por “mentira”. Para uma análise mais centrada no provável processo de dispersão e distorção alegadas, essas duas “fofocas” (enquanto conteúdos) são sim rumores. Mas atenção: enquanto fenômenos situacionais, só o exemplo 1 é fofoca. O exemplo dois não pode ser uma fofoca porque quem proferiu a fofoca o está fazendo para o seu próprio objeto. A pessoa 1 está denunciando que há uma fofoca a respeito da pessoa 2 (e querendo saber se esta é verdadeira), não está fofocando para ela.

A fofoca, como fenômeno comunicativo tem uma maior versatilidade de conteúdos que o rumor. Além de comportamentos diferentes em relação mesmo à distorção de informações (a manipulação de informações na fofoca pode ser absolutamente proposital e conscientemente arquitetada, enquanto no rumor a vontade, apesar de poder ser detectada não tem papel tão proeminente e consciente).

A grande semelhança entre rumor e fofoca está na característica da circulação de informações, sem um canal de confirmação daquelas informações

imediatamente disponível, ou seja, há em ambos sempre certa incerteza a respeito dos fatos que podem vir a ser comprovados ou não.

Uma eventual abordagem dos fenômenos da perspectiva de qual seria o “maior” ou o “menor” é de certa forma problemática. Pensar que a fofoca pertence só aos pequenos círculos privados ou às menores dimensões comunicacionais enquanto que o rumor seria fenômeno de maiores proporções seria forçar o não reconhecimento da fofoca a respeito de famosos, por exemplo, ou mesmo ignorar que colunas sociais seriam gênero de fofoca, entre outras coisas. Sob certos aspectos, como vimos a fofoca é capaz até mesmo de englobar o rumor, no momento em que o transmite. Ao mesmo tempo em que o rumor pode também ser transmitido em situações que não configurem fofoca.

Fico então com a avaliação de que, no contexto do estudo da fofoca, o rumor não é seu gêmeo, mas parte de seu conteúdo e não pode, para fins acadêmicos, ser tratado como sinônimo. Sem prejuízo algum de todos os estudos já realizados a respeito do comportamento deste fenômeno e seus processos.

### 2.3.2. JUÍZOS

O leitor já teve a oportunidade de perceber a importância dos juízos para a compreensão da estrutura da fofoca e da sua identificação fenomenológica. Chegou o momento tornar mais claro o que trato aqui por juízo.

Existe uma variedade de definições para o termo, muitas vezes mais amplas do que o que pretendo utilizar. De acordo com o Dicionário de Filosofia José Ferrater Mora:

JUÍZO—Dos numerosos significados que se têm dado ao termo \_juízo examinaremos os seguintes: 1) juízo é a afirmação ou a negação de algo (de um predicado) em relação a algo (um sujeito; Esta é propriamente a definição da proposição, mas pode alargar-se também ao juízo como termo mental correlativo da proposição. 2) Juízo é um acto mental por intermédio do qual se une, ou sintetiza, afirmando ou separando, negando; é uma definição frequente em textos escolásticos e neoescolástico.. 3) Juízo é uma operação do nosso espírito na qual se contem uma proposição que é ou não conforme à verdade e segundo a qual se diz que o juízo é ou não correcto. 4) Juízo é um produto mental enunciativo... 5) Juízo é um acto mental por intermédio do qual pensamos um enunciado; pode encontrar-se esta definição em vários lógicos actuais. (MORA, 1978)

Em primeiro lugar devemos partir da estrutura de um juízo para, então, identificar, dentre as possíveis configurações desta estrutura, a quais nos referimos.

Ainda segundo Ferrater Mora:

Os juízos compõem-se de três elementos: um é o sujeito, que, como é um conceito, pode qualificar-se de conceito-sujeito. O conceito-sujeito, se simboliza mediante a letra \_s,

distingue-se do termo que desempenha a função de sujeito na oração, assim como do objecto a que se refere. Outro elemento é o predicado, que, como é um conceito, pode qualificar-se de conceito-predicado. O conceito-predicado, que se simboliza mediante a letra *p*, distingue-se do termo que desempenha a função de predicado na oração, assim como do objecto a que se refere. Outro elemento, finalmente, é a cópula, que enlaça o conceito-sujeito com o conceito-predicado. A cópula afirma “é” ou nega “não é” o predicado do sujeito. Assim, no juízo “todos os homens são mortais”, “todos os homens” é a expressão que designa o conceito-sujeito, “mortais” é a expressão que designa o conceito-predicado e “são” é a cópula que os enlaça. (MORA, 1978)

Aqueles aos quais me refiro aqui são juízos predicativos. Há uma série de classificações a que podem pertencer os juízos dentro dessa estrutura, mas para o contexto da fofoca em especial, trabalho com os Juízos de Valor. Eles estão relacionados à atribuição por um sujeito de uma qualidade a um predicado. Esta qualidade está, por sua vez, regida por um critério que permite o sujeito posicionar o predicado em um patamar mais ou menos próximo da excelência. São os enunciados imediatamente ligados à opinião qualitativa, valorativa e moral do seu emitente. O enunciado “Dona Maria é manca” é um juízo predicativo mas não é um juízo de valor, enquanto “Dona Maria é uma péssima confeiteira” ou “Eu acho Dona Maria uma pessoa horrível”, “uma pilantra” ou “um amor de pessoa” são.

Refiro-me também à emissão destes juízos de valor em uma atitude de expressão própria do sujeito emitente da fala. Por exemplo, como já salientei anteriormente, dizer que “Fulano acha Beltrano muito ruim de serviço” está na forma do noticiamento, enquanto “eu acho Beltrano muito ruim de serviço” é uma emissão do próprio juízo a respeito de Fulano. Este é o tipo de emissão que consta em fofocas, mas não faz parte, por exemplo, de um rumor, como especifiquei acima. Esse tipo de emissão também não está presente em outros formatos comunicativos, como por exemplo a notícia de jornal. Quando constam juízos de valor em colunas de jornal ou revistas, há uma percepção do câmbio no gênero ali representado: Aquele trecho passa a ser identificado como coluna social, fofoca, coluna de opinião, palavra de comentaristas, etc.

Essa emissão de opiniões não pode ser, no entanto, limitada ao aspecto moral na fofoca, apesar de este ser um dos mais lembrados. A emissão de juízos de valor respeito de um sujeito (ou objeto, coisa), pode ser referente a uma qualidade/critério de excelência moral ou referente a uma qualidade/critério de excelência simples, tornando esses juízos morais ou qualitativos simples.

O juízo moral é referente a um critério que qualifique o sujeito em questão como bom ou mau ente cooperador ou pessoa, por exemplo: “Seu João não presta” (ou seja: seu João não é uma boa pessoa), “Dona Maria é má” (ou seja: Dona Maria

não é uma boa pessoa), ou “Dona Jacira é traiçoeira” (ou seja, dona Jacira não é uma boa pessoa, pois para se ser uma é preciso não ser traiçoeiro, mas confiável).

Já o juízo de valor qualitativo simples é referente a um critério que qualifique a pessoa ou coisa em questão como bom ou mau em relação a uma qualidade funcional ou prática não moral. Por exemplo: para ser um bom padeiro, é necessários fazer ao menos bons pães. Deodoro é padeiro, mas seus pães são horríveis. Se Dona Joaquina diz que “Seu Deodoro é um péssimo padeiro” ou “eu acho os pães dele horríveis” ela está emitindo juízos de valor a respeito de Seu Deodoro, sendo estes juízos qualitativos simples, mas não morais.

Independentemente de serem morais ou simples, ambos podem ter consequências em relação à honra alheia, seja ela moral ou profissional. Isso vai depender do que cada grupo social (e cada indivíduo) compreende como importante para a composição da honra. Em geral aspectos relacionados à moral (os critérios de cada sociedade para definir o que é uma boa pessoa) tendem a ter efeitos importantes sobre a honra, enquanto aspectos qualitativos técnicos podem variar mais em importância (ser um bom caçador pode ser importante componente da honra, enquanto ser um bom descascador de batatas não).

Os juízos a que me refiro aqui têm uma outra característica: não estão imediatamente sujeitos a uma avaliação de falso ou verdadeiro, visto que uma opinião valorativa a respeito de algo ou alguém pode estar equivocada em relação à situação fática, mas não em relação à opinião em si. Explico: Frases como “Eu não gosto de futebol” ou “Eu não gosto do Joaquim”, “Eu acho a roupa dela horrorosa” são proferimentos não sujeitos a uma avaliação de verdadeiro ou falso porque são a expressão direta da opinião daquele que as profere e, portanto, referentes apenas a si mesmas. A proferimentos como estes não cabe uma resposta como “Não, você não acha a roupa horrorosa. Você acha a roupa linda!”, mas sim respostas igualmente opinativas e referentes ao interlocutor, como: “Ah, não é bem assim. A roupa até que é bonita...”.

Por outro lado, “o cachorro é azul”, é um proferimento não opinativo, mas referente a um objeto externo emitente da fala. Ele está sujeito a uma análise de falsidade/veracidade e a uma resposta como: “Não, o cachorro não é azul, é malhado.”

Por fim estão inseridos nesta categoria de juízo também as opiniões não só sobre coisas e pessoas mas sobre situações, por exemplo: “Se eu fosse ele já teria

pedido demissão”, “acho que ela devia aceitar a proposta”, “ eu no lugar dela não aguentava esse desaforo!”. Essas são emissões opinativas pessoais às quais também não cabe uma averiguação de falso ou verdadeiro.

Os juízos a que me refiro são, portanto, aqueles relacionados ao proferimento de opiniões pessoais e valorativas do falante: “Gosto/Não gosto dele”, “ele é mau/bom sujeito”, “ele faz malfeito/ bem-feito” “ele faz certo/errado”.

Os juízos a que me refiro são aqueles relacionados ao proferimento de opiniões pessoais do falante: “Gosto/Não gosto dele”, “ele é mau/bom sujeito”, “ele faz malfeito/ bem-feito” “ele faz certo/errado”. Não figurando entre eles os atos constativos: “a grama é verde”, “a vizinha tem duas pernas”. Atos constativos podem figurar em fofocas, mas não são, neste trabalho, entendidos como juízos.

A classificação e esclarecimento do que entendo por juízos, apesar de parecer um tanto monótona é importante justamente para a apreensão do alcance e funcionamento da fofoca e sua diferenciação de outros fenômenos, como pude mostrar em relação ao rumor, ou mesmo a uma simples conversa.

A fofoca opera, muitas vezes, como um potencializador de juízos de (des)valor que, difundidos a um nível de amplitude alto, procuram converter-se em juízos de realidade (fáticos), mesmo que fundados em entimemas (informações implícitas ou supostamente subentendidas) e falácias retóricas, como a "*comuni opinium*" (a "verdade" da opinião corrente mais estabelecida) e outras modalidades de consensos persuasivos de auditórios.

Compreender as particularidades de seus conteúdos é, portanto, compreender as dimensões de seu funcionamento e alcance.

### 2.3.3. APANHADOS DE FATOS E CURIOSIDADES

Falo aqui de enumerações em geral de fatos, curiosidades como, por exemplo, costumes que uma pessoa possa ter, não necessariamente novos ou relacionados a juízos de valor. São amenidades às vezes inofensivas ou despreziosas, como “você sabia que a Imperatriz Tereza Cristina era manca?”, “Meu vizinho é da Paraíba”, “o Roberto Carlos só usa azul e branco”, “O ator da novela gosta de lasanha e só usa cuecas verdes.”

Poderíamos considerar elas como juízos, uma vez que em sua maioria envolvem, como naqueles, a atribuição de um predicado a um sujeito por meio da

referida “cópula”, em geral um verbo: Meu vizinho (sujeito) + é (cópula) + da Paraíba (predicado). Mas para efeitos de diferenciação e melhor compreensão, optei por chamar esse tipo de enunciado de conteúdo aparentemente neutro de Apanhados de fatos e curiosidades. Essas espécies de enumerações em geral são colocadas como indutoras da curiosidade alheia ou dispositivos provocadores de reações no interlocutor, mas também podem aparecer pura e simplesmente pelo prazer da conversa e da troca de supostas amenidades mais ou menos descuidada. E isso é deveras importante, pois uma maneira altamente eficaz de se difundir uma fofoca é revesti-la com as aparências de uma ingênua preciosidade informativa. Eis uma maneira seguramente arquiviana de se encetar uma conversação: "Olha rapaz, você sabia que?...".

Podem estes parecer pontos mais corriqueiros ou despropositados, mas têm grande importância em relação às possibilidades de manipulação de ânimos. Por exemplo, através da dosagem enfática de simples enumerações aparentemente despreziosas (falsas, verdadeiras ou mesmo distorcidas), a alvos selecionados é possível induzir variadas reações nos interlocutores.

#### EXEMPLO

Catarina e Joana estão interessadas em namorar com Pedro. Joana revela esse interesse a Catarina, sem saber do seu igual interesse: “O João falou comigo hoje, me convidou para sair! Sou apaixonada por ele, nem acredito que ele falou comigo!”

Catarina, por sua vez responde fingindo neutralidade no assunto: “Ah o João? Eu conheço ele. Mora no Lugar Tal - *sendo aquela uma localidade muito desprestigiada* -. O pai dele já morreu, ele cuida dos irmãos, eu acho... E gosta muito de ir a rodeios!

Essas informações podem funcionar apenas como preenchimento frugal da conversação: coisas que se sabe a respeito de alguém ou de algo que foi mencionado. Por outro lado, podem também funcionar como eficazes aspectos influenciadores do interlocutor. Voltemos ao exemplo:

Acontece que Joana é, além de vegetariana e defensora dos animais, uma pessoa que, Catarina sabe, dá muita importância a fatores econômicos e de prestígio social. Joana, ao ouvir tais informações, chega à conclusão: “Pedro é pobre, com dificuldades familiares e ainda tem características consideradas eticamente deploráveis (por ela)– é insensível ao sofrimento dos pobres animais de rodeio, com o que, ainda por cima, se diverte!”

Eis que apenas enumerando fatos aparentemente aleatórios a respeito de um indivíduo, Catarina dissuade Joana da ideia de namorar com Pedro.

Catarina não emitiu nenhum juízo a respeito de Pedro. Também não noticiou acontecimentos nos quais esteve envolvido (por exemplo se dissesse que ele recentemente comprou uma moto para trabalhar com entregas). Mas ainda assim Catarina fofocou com Joana sobre Pedro. Neste caso há um gênero muito específico de fofoca, no qual a troca intersubjetiva de confidências e comentários coroados por juízos implícitos de ambas as partes, dá lugar a um outro procedimento: a instilação estratégica de informações cujo objetivo final é precipitar no interlocutor uma conclusão previamente desejada, sem que se suporte o estigma de fofoqueiro ou inconfidente. É dizer, a sutileza da divulgação capciosa e seletiva de determinados fatos incontestados almeja desonerar o fofoqueiro dessa condição, ao mesmo tempo em que pretende maximizar a eficácia do seu plano manipulatório recorrendo à recepção subjetiva de uma sugestividade calculável.

As enumerações apresentadas podem, inclusive, ser absolutamente verdadeiras, falsas ou podem estar distorcidas: Pedro, de fato, mora ao lado do Lugar Tal, inclusive em um bom apartamento, deixado por seu pai de Herança. Ele cuida dos irmãos administrando a empresa de realização de eventos que, entre outras coisas, cuida da organização logística dos rodeios da região. Se fosse esse o caso, Catarina não teria sequer mentido a Joana, tendo apenas manipulado a dosagem e a omissão das informações e a forma de apresentá-las. Joana, por seu turno, não necessariamente chegaria às conclusões desejadas. A fofoca de Catarina sugere, não determina.

É justamente com esses apanhados de fatos e curiosidades que a fofoca pode se tornar mais traiçoeira ao disfarçar-se de despreziosa, isso porque quem chega a conclusões é o interlocutor, e não o emissor da mensagem, que no caso, não emitiu nenhum juízo próprio. É com elas que se diz, sem dizer, que se imputa sem apontar, que se julga sem se posicionar.

Mas é com elas também que se fofoca pelo simples prazer lúdico da fala e da curiosidade. Da mesma maneira que se pode enumerar fatos a respeito de conhecidos e pessoas altamente implicadas no emaranhado social do próximo, pode-se também o fazer a respeito das maiores frivolidades de personagens históricos a subcelebridades do último reality show, da comida preferida do membro da realeza britânica à frequência com que o Sidney Magal foi ao Chacrinha cantar Sandra Rosa Madalena.

Estas enumerações aleatórias (ou não) auxiliam na tarefa de gerar assunto para as fofocas. O uso que se faz dessas informações é que vai determinar o caráter da fofoca (se negativa, positiva, lúdica, etc.). Sobre isso tratarei mais adiante.

Os Apanhados, principalmente de conteúdo eminentemente lúdico, de curiosidades e banais são, em grande parte, responsáveis pela parcela da fama da fofoca referente à futilidade, preguiça, desocupação, conversa sem utilidade ou objetivo, ou seja, as nossas bem conhecidas “conversa fiada”, “conversa à toa”, “conversa de jogar fora” (ou o “jogar conversa fora”), “papo furado” e outras expressões para trocas banais, sem proveito e, por vezes, suspeitas e/ou potencialmente mentirosas.

Segundo o dicionário Houaiss:

**Conversa fiada:** *infrm.* 1- conversa à toa, sem relevância; conversa mole, lero-lero 2- palavreado com intuito de enganar; falsidade, conversa para boi dormir cf. *conversa-fiada*

**Conversa mole:** *B infrm.m.q* CONVERSA FIADA (acp.1)

**Conversa para boi dormir:** *B infrm.m.q* CONVERSA FIADA (acp.2) (HOUAISS, 2009, p. 542)

Claro que não é só no Brasil que se observa essa conversa “à toa”. Em estudos sobre a fofoca como *gossip*, é incontornável a presença da *small talk*<sup>39</sup> (conversa polida sobre banalidades que se faz em ocasiões de interações sociais superficiais – como conversa de elevador ou quando encontramos um conhecido na rua sem tempo para grandes interações) e da *idle talk* (esta sim mais próxima do que entendemos por conversa fiada: uma conversa frívola, sem propósito, feita em momentos de ociosidade). Apesar de aparecerem em estudos sobre fofoca e sobre rumor, há que se atentar para o fato de que, nem toda conversa fiada é fofoca. Também não tenho certeza se podemos considerar *small talk* como propriamente a nossa conversa fiada, apesar de dicionários indicarem para ambas essa possível correspondência. No entanto, por questões de inteiração com outros estudos na área, considerarei aqui as duas como conversa-fiada.

Já em “*The psychology of rumor*” de Allport podemos encontrar as campanhas realizadas pelo *Office of War Information*<sup>40</sup>(OWI) contra a circulação de informações no período de guerra. Elas miraram, muitas vezes na *small talk*,

---

<sup>39</sup> Segundo o Cambridge Dictionary “*small talk*” é “*polite conversation between people at social events: conversa superficial, banalidades.* Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/small-talk> Acesso em 16/04/2019.

<sup>40</sup> “Departamento de informações de guerra”, em tradução minha.

tendo, segundo Allport, efetivamente diminuído a incidência de “*loose talk*” (conversas soltas em tradução livre), entre a população. A capacidade de não fazê-las e de evitar conversações a respeito de assuntos de guerra tornou-se até mesmo motivo de orgulho nacional à época (ALLPORT, 1947, p. 16).

A prevenção da fofoca, rumor e conversa fiada surge como tática de combate à espionagem na guerra, demonstrando a medida da sua capacidade (e o perigo) de transmissão de informações, inclusive corretas e potencialmente nocivas.

Tanto o governo Norte-Americano, através da OWI, quanto até mesmo empresas privadas engajaram-se em campanhas com a produção de propaganda de guerra anti-fofoca e contra os possíveis agenciamentos da conversa fiada. Como disse, no entanto, nem toda conversa fiada é fofoca.

Abaixo apresento alguns exemplos de cartazes:



Figura 5 “Wanted! for murder – Her careless talk costs lives” (Procurada! Por assassinato – A conversa descuidada dela custa vidas), pôster da OWI, 1944.

Figura 6 “If you talk too much this man may die” (Se você falar demais esse homem pode morrer.) pôster da OWI, 1943.

Figura 7 “Loose talk can cost lives. Keep it under your Stetson” (Conversa fiada pode custar vidas, mantenha ela sob seu chapéu - da marca Stetson), 1942.

A prevenção do vazamento de informações estratégicas através do falatório da população civil e/ou de militares sem patente (isto é, não detentores de informações táticas ou estratégicas relevantes e ao alcance da traição e da espionagem) pode ter consequências decisivas e não se limitou aos Estados Unidos.

Outros países também reconheceram sua importância e moveram suas próprias campanhas, como mostram os cartazes da União Soviética e do Canadá abaixo:



Figura 8 “не болтай!” (Não fofoque/fale à toa!) URSS, 1941.<sup>41</sup>

Figura 9 “Someone talked... Someone listened... someone acted... A ship was sunk. Don't gossip.” (Alguém falou ... alguém escutou... Alguém agiu... Um navio foi afundado. Não fofoque.). Wartime Information Board, Ottawa, Canadá, 1939 – 1945.

Figura 10 “When troops move keep tongues still! Don't gossip”. (Quando as tropas se moverem, deixem as línguas quietas! Não fofoque.). Wartime Information Board, Ottawa, Canadá, 1941.

A disseminação de fofoca e a prática de descuidadas conversas fiadas podem trazer resultados estrategicamente negativos a um dos lados da disputa. Até mesmo em escala mundial. Aliás, não por acaso estes são cartazes do período de guerra, onde há um inimigo bem definido.

Sobre outros desdobramentos de combate à *small talk* e *loose talk* no período da Segunda Guerra mundial, ver Anexo I.

Mas se antes havia uma desconfiança, certa repulsa e até medo a respeito da *small talk*, hoje há abordagens bem diferentes. É o caso da campanha britânica “*small talk saves lives*” de prevenção de suicídios em plataformas de trem por pessoas comuns<sup>42</sup>.

<sup>41</sup> Artistas: N. Vatolina, N. Denisov, Ano: 1941, País: URSS

No pôster lê-se, em tradução para o inglês:

“*Don't chatter/gossip*” (não fale à toa/fofoque) ou também “*Keep your mouth shut!*” (fique de boca fechada!)

Os versos no canto superior direito são de Samuil Marshak, poeta Soviético. Eles dizem:

“*Keep your eyes open./ These days/ Even the walls have ears./ Chatter and gossip/ Go hand in hand with/ Treason.*” (ZAKHAROV, 2007)

<sup>42</sup> Nais informações sobre a campanha em: <https://www.samaritans.org/support-us/campaign/small-talk-saves-lives/> Acesso 18/04/2019

Neste caso há uma abordagem bem mais positiva em relação aos efeitos que uma simples conversa sobre qualquer tema corriqueiro ou banal pode ter na vida de alguém (no exemplo fornecido na publicidade da campanha, vemos o falar sobre o clima): ao invés de matar (pela revelação inconsequente de um segredo estratégico a um inimigo em potencial), salva vidas através da capacidade de aproximação inerente à comunicação informal que pode levar a uma situação da quebra do desamparo e da solidão agravadoras de estados psíquicos depressivos.

Esta capacidade (produção e reforço de laços sociais e interpessoais) é tema frequente no estudo da fofoca desde Gluckman a Robin Dunbar. Mais especificamente a respeito da conversa eminentemente lúdica e de passar o tempo ao redor da fogueira trata a antropóloga Polly W. Wiessner em seu *“Embers of society: Firelight talk among the Ju/'hoansi Bushmen”*<sup>43</sup>. (WIESSNER, 2014)

Este artigo une justamente o elemento do tempo ocioso com a fofoca e a sua relação com a capacidade de gerar intimidade e agregação entre os membros de uma sociedade, (agregando-os, à maneira de Gluckman). Esta atividade se dá também, e justamente em um momento de união grupal ao redor do fogo que, não só cozinha, como ilumina e aquece. Por outro lado, Wiessner traz a hipótese da compreensão da forma como as sociedades e a linguagem se desenvolveram a partir deste manejo da comunicação oral e da descoberta do fogo. Com a ampliação do dia (através da iluminação pelo fogo), e o acesso a um alimento mais facilmente digerível, pelo cozimento, o ser humano, com maior tempo livre, junta-se para fofocar em volta da fogueira. Wiessner pesquisa também, a partir de material empírico de gravação de conversas diurnas e noturnas dos Ju/'hoan, grupo de caçadores-coletores da África austral e descobre diferenças entre as temáticas entre as conversas do dia e da noite ao redor da fogueira, tendendo estas a ter conteúdos materiais de caráter mais lúdico, referente a parentes ou conhecidos não presentes e histórias. Segundo Wiessner:

Control of fire and the capacity for cooking led to major anatomical and residential changes for early humans, starting more than a million years ago. However, little is known about what transpired when the day was extended by firelight. Data from the Ju/'hoan hunter-gatherers of southern Africa show major differences between day and night talk. Day talk centered on practicalities and sanctioning gossip; firelit activities centered on conversations that evoked the imagination, helped people remember and understand others in their external networks, healed rifts of the day, and conveyed information about cultural institutions that generate

---

<sup>43</sup> "Brasas da sociedade: conversa sob a luz do fogo entre os Bosquímanos *Ju/'hoansi*", em tradução minha.

regularity of behavior and corresponding trust. Appetites for firelit settings for intimate conversations and for evening stories remain with us today. (WIESSNER, 2014)

Em ambos os períodos (diurno e noturno) ela refere-se à presença de fofocas (*gossip*), sendo estas conteúdos materiais diferentes em cada um. De dia voltados a temas práticos e de construção e reforço da ética grupal, durante a noite, na fogueira, sobre temas mais leves, como a respeito de pessoas que estão ausentes e trivialidades. O que nos mostra também que em situações socialmente distintas (e isso é regulado pelas características de cada grupo ou cultura), os conteúdos materiais da fofoca (temas) também se diferenciam. Para determinar como eles se diferenciam é necessário estudo caso a caso, com recorte bem determinado. Podemos descobrir, por exemplo que alguns grupos não fofocam jamais sobre determinados assuntos, parecendo-lhes, até mesmo, impensável essa possibilidade, enquanto para outros grupos tais assuntos sejam plenamente plausíveis de figurar em fofocas.

#### 2.3.4. ESPECULAÇÕES

As especulações e conjecturas dos agentes da fofoca são formas de expressão especialmente propícias ao elemento da confusão na fofoca. Adicionar especulações a respeito de notícias e enumerações já mencionadas pode potencializar o poder de ruído na comunicação.

Enunciados como “eu acho que ele está metido em algo”, “se fosse eu já teria largado aquele homem”, “ele não devia aturar mais aqueles desaforos” podem se transformar, no próximo elo da corrente comunicativa, em: “ele está metido em algo”, “ela está prestes a largar aquele homem” e “ele não atura mais aqueles desaforos”. A emissão destas formas de expressão de conteúdo pode funcionar, por exemplo, como um gatilho para a ampliação e metamorfose de um rumor.

Um mero “talvez isso aconteça” pode transformar-se em “isso vai/deve acontecer”, ou em “isso está acontecendo”. Um caso emblemático que pude presenciar foi durante a fatídica greve dos caminhoneiros em Março de 2018, onde o desabastecimento gerou falta de combustível em praticamente todos os postos do Rio de Janeiro (e por muitas outras cidades Brasil afora). Longas filas se formavam a partir de alguns postos de gasolina com motoristas à espera da chegada do caminhão de combustível, o que nem sempre acontecia. O interessante é que em alguns casos, a fila se formava a partir de algum carro que havia enguiçado no posto

por falta de combustível, ou porque alguém havia visto um caminhão parado no local mais cedo (sem saber se este estava cheio ou vazio), ou mesmo porque alguém havia dito que achava que a gasolina chegaria em breve porque aquele era um posto importante na área. Dessa forma, a partir da fofoca cheia de conjecturas que se transformavam ao longo do caminho em notícias, formavam-se os rumores, que, por sua vez, desencadeavam, aumentavam e mantinham firmes filas em postos que não tinham perspectiva alguma de receber qualquer carregamento de combustível.

As conjecturas, mais até que os juízos de valor, são formas de expressão altamente propiciadoras de ruídos no curso da fofoca. O “eu acho que ele está parado ali porque está esperando o caminhão com combustível chegar” (e não “porque o carro quebrou de vez”), soma-se com “eu acho que o caminhão deve chegar”, “eu acho que ele está guardando lugar” e logo se converte em “vai chegar o combustível nesse posto, já tem pessoas esperando”. A “notícia” se consolida por uma reunião de fragmentos e ilações, irradiando-se e, com respostas ambíguas ou incertas dos frentistas - “eu não sei”, “talvez, pode ser” – produzem-se inferências que fazem crescer a fila por horas e quilômetros. Em dado momento, chega uma equipe da imprensa para acompanhar e resolve tirar a dúvida com o próprio dono do posto que explica: não há qualquer previsão para a chegada do combustível. Nada diferente de qualquer outro posto. O dono do primeiro carro (que estava, na verdade enguiçado) é encontrado e esclarece que não recebeu notícia alguma, só foi obrigado a deixar o carro ali. O rumor é, teoricamente, desfeito: as circunstâncias foram elucidadas por um veículo de informação considerado canal confiável e que verificou os fatos (e não as opiniões). O repórter passa então a percorrer a fila avisando às pessoas do mal-entendido. Muitos começam então a se retirar e a fila a se desfazer, mas alguns resistem e dizem ao repórter que ficarão ali, que o combustível viria sim, ao que o jornalista nada mais podia responder.

Isso nos remete a um outro efeito que a presença de especulações e conjecturas na fofoca produz: a sugestão. A emissão de opiniões (não valorativas) sobre situações, sobre como algo deveria ou pode estar prestes a acontecer, pode ser usado também para sugerir conclusões ao interlocutor. No caso do relatado anteriormente essa sugestão foi eficaz de tal forma que aquela conjectura passou a fazer parte do próprio juízo dos indivíduos. Os clientes do posto que permaneceram na fila não o fizeram porque “ouviram dizer” que haveria combustível, mas porque já se tinham convencido de que haveria combustível.

O estabelecimento de conjecturas favorece em muito a capacidade de persuasão e manipulação do ouvinte: induz à adesão a conclusões precárias previamente apresentadas ou supostas como aceitáveis, construindo, via de regra, aquilo que se conhece na Retórica de Aristóteles como entimemas.

A crença na fofoca envolve uma disposição, também para testar o alcance de realização de uma expectativa. E isso pode ocorrer propositalmente ou não. Podemos manipular nosso interlocutor a chegar às mesmas opiniões que nós ou podemos também, desinteressadamente, induzi-lo à partilha de percepções conosco. Isso pode variar a partir do tipo de relação que o fofoqueiro tem com seu interlocutor, ou com o nível de discernimento que o interlocutor tenha sobre o assunto em questão.

A emissão de conjecturas e especulações opinativas tem também o poder de potencializar a informalidade e a intimidade entre os falantes, uma vez que se está a transmitir não mais uma ideia completamente estéril e possivelmente imparcial, mas sim parte das convicções pessoais do falante. Com tal emissão, corre-se o risco (embora nem sempre) de perder a aura de desinteresse que aquela conversa poderia pretender, além de estar-se efetuando uma certa abertura da sua própria intimidade opinativa para aquele interlocutor. Afinal, opinar é também exteriorizar informações sobre si mesmo.

### 2.3.5. INSTRUÇÕES

Considero como instruções sequências de proferimentos que sugerem ou aconselham passos a serem seguidos para que o interlocutor consiga obter êxito (ou o que pensaria ser isso) em uma empreitada, seja ele vestir-se adequadamente para uma festa ou acertar os procedimentos para interagir com o poder público.

Não são, portanto, “ordens” em sentido deontológico estrito, pois têm natureza recomendatória e instrutiva e não impositiva. Certos conselhos, quando não configuram conjecturas podem figurar também aqui. As instruções podem parecer modalidade menos frequente de conteúdo da fofoca, pois não trazem em si ou possibilitam tão facilmente o desdobramento da ironia, malícia e mesmo manipulação que tanto se costuma buscar em uma ideia mais popular de fofoca. Mas é uma forma de expressão de conteúdo não menos importante que outras.

Em uma fofoca lúdica a respeito, por exemplo, de uma festa de casamento vindoura:

#### EXEMPLO

Pessoa 1: “Ai menina você nem sabe, a Léia vai se casar mês que vem com aquele rapaz, vai ser uma festa muito fina! Ela me convidou, eu vou com aquele vestido que usei na sua formatura, lembra? É o melhor que eu tenho!”

Pessoa 2: “Ô, mas você está doida? Aquele vestido é maravilhoso, mas é preto né? Não se vai em casamento de preto! Se não parece que a pessoa está de luto porque a outra vai casar!”

Pessoa 1: Ué, não sabia disso. E agora? Vou ter que arrumar um vestido para ir. A festa vai ser de tarde, naquele clube bonito perto do mar...

Pessoa 2: Mais um motivo para não ir de preto. Casamento à tarde a gente vai com roupas mais claras e até de vestido mais curto. Parecido com aquele que a Odete usou nas bodas dela, lembra? Vou te mostrar umas revistas...

Simples regras de etiqueta podem ser passadas por fofocas, sugerindo soluções ou correções e ajudando na construção de pequenos conhecimentos periféricos, mas relevantes no jogo da sociabilidade próxima. É este frequentemente o caso também dos conteúdos de colunas sociais e algumas revistas de fofoca que ainda funcionam como os célebres manuais de etiqueta da "sociedade".

O que muitas vezes passa por comentários sobre assuntos frívolos e superficiais pode apresentar estratégias e mesmo modelos de comportamento não moral e aumentar o trânsito social dos interlocutores. As pessoas também aprendem através da fofoca, dentro de seus limites de informalidade e, claro, conteúdo material nem sempre verificável.

Em um exemplo pré-internet, dois adolescentes podem descobrir onde comprar e com quem falar para conseguir revistas pornôis: “Na banca em frente à parada de ônibus tem um jornaleiro. Se você chegar para ele e perguntar se ele tem um gato, ele vai te vender a revista. Esse é o código, não espalhe!”.

Curiosamente, foi esta uma das modalidades de proferimentos que me levaram aos primeiros estudos sobre a fofoca. Quando entrevistava beneficiárias do Programa Bolsa Família em 2014, percebi que o conhecimento que elas tinham a respeito tanto do funcionamento do programa, quanto da maneira como elas poderiam interagir com os agentes municipais responsáveis era construído, em grande parte, através de fofocas entre outros beneficiários e vizinhos. Informações como a de que estava em curso o cadastramento, que quem não fizesse poderia perder o benefício, que o cadastramento estava sendo feito excepcionalmente no

centro da cidade, em uma central única municipal, de que era necessário falar com a “assistente social”<sup>44</sup>. Mesmo a própria iniciativa de procurar os agentes municipais para pleitear o benefício, eram em alguns casos construídas e obtidas a partir de fofocas com conhecidos e vizinhos.

Era um conhecimento que se mostrava altamente disperso e lacunar, mas ainda assim suficiente para as beneficiárias conseguirem sustentar a interação com os agentes do programa e se manterem regulares em seu curso. Ficou-me ainda nítido que um substrato narrativo, temporalmente organizado e minimamente dotado de alguma coerência, era a todo instante buscado pelos participantes da cadeia comunicativa, muito embora ali se tratasse do seguimento de instruções: as vias do exemplo e do caso concreto como que encarnavam em episódios palpáveis e didáticos a abstração e a impessoalidade das normas e diretrizes da burocracia estatal, estruturando e ao mesmo tempo fruindo das habilidades para se tramar enredos e histórias (RICOEUR, 1994). Os frágeis nexos de uma suposta causalidade presentes nesta estrutura narrativa são justamente os responsáveis por criar o efeito persuasivo quando cotejados por uma constatação de resultados alegados ou efetivos.

Por mais superficial, confusa e mesmo conflitantes que fosse a percepção do programa pelas beneficiárias, elas eram construídas, entre outras coisas, pelas instruções passadas através de fofocas (BRITO, 2015).

Entretanto, friso não foi somente esse tipo de forma de expressão que detectei nas fofocas das beneficiárias. Apareceram também muitos juízos de valor a respeito do comportamento de outras famílias, assim como conjecturas a respeito do que deveria ser feito sobre aquelas situações. Mas sobre isso falarei mais adiante quando me referir à fofoca aliciadora.

Obviamente, a mera passagem de instruções e comandos ou o ensino formal e aberto de algo não configura imediatamente fofoca. Para tanto é necessária a presença dos elementos que constituem sua base situacional, sobre os quais já falei anteriormente.

---

<sup>44</sup> Muitas vezes qualquer funcionário que representasse o Programa era referido como “assistente social”, mesmo que não o fosse.

### 2.3.6. RESUMO: OS CONTEÚDOS DA FOFOCA

Isto posto, gostaria de destacar que pode haver outras formas de expressão presentes na fofoca que não tenham sido mencionadas, mas acredito que estas aqui elencadas já constituam a grande maioria dos casos.

Necessário destacar também, antes de encerrar este esmiuçamento das Formas de Expressão dos conteúdos da fofoca que histórias, anedotas ou mesmo mitos (narrativas em geral, com começo, meio em fim, ficcionais ou não) são em geral compostas por combinações de várias das formas de expressão acima mencionadas. Sendo, por isso, muito complexas para configurarem uma Forma de Expressão específica. Acabam sendo contempladas indiretamente pelas outras modalidades.

Ademais, quando alguém se engaja na narrativa de histórias que não possam ser entendidas como combinações de Notícias, Apanhados de fatos e curiosidades, Especulações, Instruções e Juízos, em geral já não está mais em uma situação de fofoca pela perda de algum de seus elementos fenomênicos indispensáveis, logo se está sim, em uma conversa ordinária.

Podemos perceber bem essa diferença ao imaginar, de um lado, duas pessoas fofocando sobre um longo caso de triângulo amoroso envolvendo pessoas que fazem ou não parte de seu círculo social próximo (podem ser artistas famosos, políticos, membros da realeza, vizinhos), e de outro lado duas pessoas contando uma fábula, mito ou anedota uma para a outra.

Estas Formas de Expressão estão aqui elencadas para que se possa entender quando alguém está tratando de alguma modalidade de conteúdo enquanto pensa estar tratando do fenômeno como um todo. Agora sabemos que fofoca não é só “falar mal dos outros” ou “contar mentiras a respeito de alguém”. A fofoca pode ter conteúdos nas Formas de Expressão de Notícias, Juízos, Apanhados de fatos e curiosidades, Especulações e Instruções, mas não tem, por exemplo, ordens (“faça isso”), não tem também os chamados atos de fala performativos ilocucionários (declarações de voto, eu te batizo, eu te prometo, vendido!). A fofoca não tem também promessas nem juramentos em seu conteúdo. Pode-se exigir uma promessa de segredo antes ou depois de se fazer a fofoca, mas a promessa não faz parte propriamente da fofoca.

Dessarte, seus conteúdos materiais (seus verdadeiros assuntos) podem ser, se Notícias, tanto falsas como verdadeiras, distorcidas ou não, tempestivas ou intempestivas, negativas ou não, bem-intencionadas ou não. Tudo isso dependerá do contexto e do grupo de pessoas em questão, mas essa variação não elimina o caráter de fofoca. Falar bem dos outros também pode ser fofoca, se apresentados todos os elementos de configuração da fofoca.

Como foi possível ver em diversos momentos até aqui, os tipos de conteúdo da fofoca e a sua variação estão estreitamente ligados aos usos que tanto os indivíduos quanto comunidades inteiras fazem da fofoca. É o que passo a analisar agora.

## 2.4. OS USOS DA FOFOCA

A fofoca, é entendida por pelos sociólogos Francesca Giardini e Rafael Wittek como um fenômeno social multipropositado ou multipropósito (*multipurpose social phenomena*), uma vez que a lista de suas potenciais funções grupais e individuais é longa (GIARDINI & WITTEK, 2019, p. 2). De fato, como demonstram os diversos estudos reunidos até o presente momento desde a área da antropologia, sociologia, e mesmo psicologia social, a versatilidade com que pessoas e grupos se apropriam do fenômeno não pode ser ignorada ou aglutinada em uma ou outra “função” generalizadora sem claros prejuízos à sua grande diversidade de formatos e instrumentalizações.

Chamo este item de “usos” da fofoca e não funções ou consequências por uma questão de abrangência do termo. Como vimos anteriormente, há na história do estudo sobre a fofoca controvérsias a respeito de sua análise sob uma ótica mais individualista (da vontade e ação individual), mais adotada pelas abordagens psicossociais do fenômeno, ou sob uma ótica coletiva, social e comunitária, (alguns estudos até mesmo descritos como funcionalistas), preferida por setores da sociologia e antropologia social.

Optei então pela a utilização da nomenclatura “usos” da fofoca porque esta pode englobar tanto aspectos individuais – como cada um pode se utilizar da fofoca individualmente - quanto aspectos social-grupais – qual o papel a fofoca pode ter para a sociabilidade de uma comunidade específica ou para qualquer comunidade

em geral - como pode ser o caso levantado por Gluckman da função de unir as pessoas pertencentes ao grupo e detectar e manter afastados os forasteiros (que não conseguem participar das fofocas grupais porque não estão completamente inteirados de todos os nomes, disputas e detalhes daquela comunidade).

Trabalho aqui portanto, sob a perspectiva da Pragmática em sua acepção linguística, ou seja, contextual e enunciativa, inaugurada por Charles Sanders Peirce. Busco as modalidades de usos da fofoca levando em conta contexto e configuração situacional, o que se comunica e o que, eventualmente se quer comunicar.

Isto posto, o propósito nesta seção é apurar como a combinação de contexto, emprego e certas cargas idiossincráticas manifestadas no cruzamento entre a sutileza intencional e a economia verbal proporcionada por um cenário de cumplicidade da fofoca, produzem, ao fim, as mais diversas maneiras de se apropriar do fenômeno, seus empregos no contexto social e individual, enfim, seus diversos usos.

Essa cumplicidade frequentemente ajuda na economia discursiva uma vez que reduz o volume verbal necessário demandado para a recepção ótima de uma mensagem. Na fofoca essa economia, associada ao conhecimento das cargas idiossincráticas dos interlocutores (e da atuação das cargas idiossincráticas do próprio agente da fofoca), determina em grande parte como a mensagem será recepcionada pelo ouvinte além de seus efeitos sobre ele.

Há alguns usos que se repetem com grande frequência e dos quais rapidamente nos lembramos ao falar em fofoca, como é o caso da planificação da moral e o controle social. Esses principais usos em geral funcionam em diferentes escalas (social e individual).

Há já uma variedade considerável de estudos que buscam delimitar as frequentemente chamadas “funções” da fofoca, assim como há também estudos que justamente criticam uma análise “funcionalista” do fenômeno, como é o caso do já tratado Jörg Bergmann (1993) e outros, inclusive, que criticam a abordagem social e defendem que esta deva se dar a partir do indivíduo, que é quem efetivamente faz a fofoca, como é o caso do já mencionado artigo de Robert Paine (1967). Minha alternativa é no sentido de promover uma abordagem mais aberta, admitindo a potencial inumerabilidade dos usos de tal fenômeno. É necessário levar em conta as muitas variações culturais já fartamente presentes em diferentes estudos sobre a

fofoca. Estudos cujas incongruências acabam até mesmo por produzir disputas entre as diferentes correntes de pesquisadores quando, na verdade, apenas evidenciam a amplitude e maleabilidade inerente ao próprio fenômeno apropriado por diversos caracteres e culturas.

Considero serem os usos da fofoca potencialmente inumeráveis, pois pode-se mesmo inventar modalidades a partir do contexto: união e separação, guerra psicológica, controle social ou sua burla, vingança e reparação, informação ou desinformação, elogio e maldizer, cooperação, negociação. Pode-se usar a fofoca para derrubar um governo e para vender uma geladeira com defeito, para testar a adesão de um novo membro às regras do grupo e para provocar o caos e a discórdia geral em uma vila ou um casamento. A possibilidade de variações é tal que se poderia preencher páginas e mais páginas com modalidades de interações humanas passíveis de serem mediadas pela fofoca e ainda haveria quem dissesse: “faltou essa ou aquela”.

Não obstante, isso não exige um trabalho que pretenda tratar de maneira ampla o fenômeno de analisar os usos mais gerais, mais comuns ou mais lembrados da fofoca. É o que farei aqui.

Há estudos, como o de Rosnow e Foster “*Rumor and Gossip Research*”<sup>45</sup> (2005) que suscitam três funções fundamentais da fofoca: informar, entreter e influenciar. Essas três funções são também salientadas por Travis J. Grosser, Virginie Lopez-Kidwell e Giuseppe Labianca em “*A social network analysis of positive and negative gossip in organizational life*”<sup>46</sup> de 2010. Mas essas três categorias por serem muito amplas, acabam por tornar-se, em certos contextos, imprecisas ou mesmo acabar por impedir a detecção de formas particulares de usos menos óbvias.

Por exemplo, dentro de “influenciar” podem constar desde a manipulação da opinião por razões torpes, até o uso de algoritmos associados a perfis psicométricos alimentados por big-data, o ensinamento de um preceito moral a uma criança e uma tentativa de aliciamento de um estranho. Por outro lado, nenhuma delas comporta a função destacada por Gluckman de união e coesão de um grupo, ou de detecção

---

<sup>45</sup> “Pesquisa sobre rumor e fofoca” em tradução minha.

<sup>46</sup> “Uma análise de rede social sobre fofocas positivas e negativas na vida organizacional” em tradução minha.

de forasteiros (que não conhecem detalhes das fofocas e não conseguiriam delas participar).

Em certos casos, uma voracidade epistemológica de conceitos com abrangência exagerada pode tornar a teoria refém de uma tal amplitude semântica que tudo e ao mesmo tempo qualquer coisa passam a lhe ser pertinentes e isto é exatamente o oposto do que pretendo aqui.

#### 2.4.1. CONTROLE SOCIAL

Um dos mais patentes e frequentemente detectados usos da fofoca é o dela como controle social. Esse controle pode se dar em um contexto comportamental tanto moral quanto não moral. É dizer, a reprovação e os efeitos sobre a reputação causados pela fofoca negativa (ou mesmo a simples projeção da possibilidade de que um comportamento possa se tornar motivo de fofoca) é muito eficaz na inibição, sugestão e direcionamento de comportamentos. Deixamos de fazer coisas, de agir de certa maneira, para evitar a fofoca reprovadora a nosso respeito, a perda da reputação, o dano à nossa honra ou daqueles conosco relacionados. Até mesmo nossa aparência física pode ser controlada pela projeção de possíveis fofocas. Posso evitar fazer tatuagens ou cortar os cabelos por receio dos comentários que poderiam surgir nas fofocas a esse respeito: “deve estar com algum problema para ter cortado os cabelos tão curtos”, “anda mudando muito, coisa boa não é” “está andando com gente estranha”.

Diversos estudos etnográficos e de antropologia social trouxeram e continuam trazendo à tona esse aspecto da fofoca. É o caso de alguns trabalhos já analisados aqui anteriormente, como o de J. K. Campbell, onde a fofoca entre os pastores Sarakatsani inibe comportamentos através do sofrimento psíquico (ou da perspectiva de sofrimento) causado pela vergonha pela perda da honra (ou da projeção prévia dessa perda) (CAMPBELL, 1964). Esse controle ocorre ali também através do reforço das regras morais e de comportamento daquela comunidade em oposição aos vilões (a população que vive nas vilas). Os Sarakatsani fazem fofocas negativas sobre os comportamentos e costumes dos vilões de modo a demarcar claramente que aqueles são negativos e reprováveis, enquanto reforçam a positividade de seus próprios costumes e morais (CAMPBELL, 1964, p. 123). As

fofocas maldosas produziam ali um efeito de reforço e arredondamento da própria cultura e referenciais éticos.

Esse efeito também aparece na pesquisa realizadas por John Beard Haviland em “*Gossip, Reputation and Knowledge in Zinacantan*”<sup>47</sup> de 1977 (HAVILAND, 1977) a respeito da fofoca no município de San Lorenzo Zinacantan no estado de Chiapas, sul do México. Ao analisar algumas fofocas daquele grupo Haviland diz:

After the story is told, the gossips begin to evaluate what occurred. When all have heard of a man's transgressions or misfortunes, storyteller and interlocutor are moved to comment on the moral implications of the story. (...)

There is a clear sense in which this part of the gossip session is the most active part: people build ethical theories on evaluations of such situations. Zinacantecs Through gossip, continually test ordinary rules and evaluate words against actual behavior. (HAVILAND, 1977, p. 55)

A fofoca, principalmente a negativa, ao trazer à tona fatos que são em geral repudiáveis pelo grupo, juntamente com juízos e conjecturas negativas a respeito de tais eventos ou comportamentos funciona como uma espécie de mecanismo de balanceamento moral da comunidade. Ela espalha e deixa claro quais são as atitudes que não devem ser repetidas e quais as reações de rejeição a respeito das mesmas. O mesmo acontece com as atitudes louváveis, dignas de juízos positivos e aprovações.

Por outro lado, a fofoca é um fenômeno comunicativo com um considerável grau de reciprocidade. Ela não é um pronunciamento público unilateral, mas uma interação interpessoal cuja informalidade favorece a suspensão hierárquica dos falantes e a participação opinativa de ambos os participantes: não é só o fofoqueiro que traz a informação e que opina, mas também seu interlocutor o faz. Aliás, a própria circunstância de uma das partes estar liberando seus juízos e conjecturas a respeito do caso (e desta maneira revelando parte de sua própria personalidade ao outro) convida as outras partes a fazerem o mesmo. Ao externar suas opiniões a respeito de algo ou alguém, esta pessoa está produzindo aproximação através de uma revelação de si mesmo. Nós nos sentimos assim, mais livres e confortáveis para revelarmos nossa própria opinião (às vezes até mesmo caindo ingenuamente em uma armadilha do fofoqueiro).

Dessa maneira, a fofoca permite não só a divulgação, mas também o ajuste da moral e das regras de conduta de um determinado grupo (seja ele uma

---

<sup>47</sup> “Fofoca, reputação e conhecimento em Zinacantan”, em tradução minha.

cidadezinha, seja ele uma roda de amigos) através da expressão, contraposição e comparação das opiniões apresentadas em seu jogo comunicativo.

Se o Fofoqueiro 1 acha que João deveria se envergonhar de ser muito namorador e ter largado a mulher, o Fofoqueiro 2 pode não concordar e argumentar que João não deve nada a ninguém e que sua mulher o tratava mal e mereceu ser deixada. O fofoqueiro 3 pode, por sua vez, concordar que a mulher de João realmente não valia nada, mas que ele deveria parar de cortejar tantas moças solteiras da região.

Não é só as reputações de João e sua mulher que estão em jogo, mas as definições de um bom marido, uma boa mulher e um bom comportamento em relação às moças solteiras disponíveis, sairão rediscutidas e repensadas de cada rodada de fofoca na comunidade.

Mas não há como fixar universalmente os parâmetros dessa dinâmica comportamental. Uma comunidade pode ter um nível maior ou menor de ponderação das regras de controle social em suas fofocas. Isso depende tanto da frequência do conteúdo de suas fofocas quanto da configuração mais corriqueira destas. No caso dos Zinacantecos estudados por Haviland, foi detectado que a dinâmica da fofoca funcionava com menos reciprocidade de emissão de juízos: o fofoqueiro (*storyteller*) que profere a principal fala, contando a nova, é normalmente quem estabelece o tom dos juízos de valor predominantes na fofoca e, frequentemente é o único a emití-los, enquanto o seu interlocutor apenas interage de maneira a manter o ritmo da conversa e em geral aquiescendo às opiniões do *storyteller*, enquanto os demais interlocutores, se presentes, limitam-se a escutar a fofoca (HAVILAND, 1977, pp. 48-51). Quando há mais de um narrador da fofoca, segundo Haviland, algum deles acaba se posicionando como o principal norteador moral da interação. Essa configuração de fofoca acaba funcionando mais como um informativo das transgressões e valores comunitários do que propriamente uma plataforma de discussão e filtragem deles.

No entanto, o uso específico da fofoca para controle social não fica prejudicado, e cada grupo observado pode apresentar uma dinâmica diferente para fazer esse uso. O caso brasileiro não é exceção.

As áreas desse controle variam, evidentemente, com o conteúdo material veiculado pelas fofocas: vida íntima, fidelidade, comportamento financeiro, profissional. Até a forma como nos vestimos ou nos conduzimos na

universidade pode ser objeto de controle social pela fofoca. Basta sabermos que alguém fofoca sobre isso (ou mesmo pensarmos nessa possibilidade).

Outro trabalho já tratado anteriormente que traz este aspecto do controle social bem claro é o de Norbert Elias: *Os Estabelecidos e os outsiders*. Ali as fofocas negativas dos habitantes da aldeia a respeito daqueles do loteamento inibem a interação entre membros de ambos os grupos através da degradação da reputação coletiva dos loteados e da constante rede de fofoqueiros vigilantes ao menor deslize dos aldeões, principalmente daqueles que se prestem a ter algum contato com os loteados. As fofocas marcam também significativamente bem as demandas do grupo pela diferenciação no comportamento (os aldeões não devem ter comportamentos característicos do loteamento) e as definições do que se entende por um bom aldeão (através das fofocas elogiosas a respeito dos pares).

É através da aprovação e reprovação (moral ou simples) de condutas, personalidades e comportamentos que esse controle é exercido. Isso é feito principalmente através da emissão de juízos de valor e conjecturas a respeito do assunto falado, mas pode ser também através de gestos, expressões faciais, ironias e até falsos elogios. Quem nunca rejeitou ou viu algo ser rejeitado por um “Hummmm” acompanhado de um nariz torcido, boca para o lado e um cenho franzido?

O espalhamento de notícias negativas (falsas ou verdadeiras) sobre si podem afetar a reputação do indivíduo em questão, o que dificulta em muito as suas interações de sociabilidade<sup>48</sup>.

O próprio receio de que isso possa vir a ocorrer já é suficiente para regular comportamentos, como relatado pelo antropólogo José Cutilero em seu *A Portuguese Rural Society*<sup>49</sup> de 1971:

The behavior of the *namorados* is assumed to foreshadow the future behavior of the spouses. The girl's modesty and the Young man's capacity to save and look after the Money he earns will show that they are both gearing their lives to marriage. The girl's duties in the relationship are stricter than those of the *namorado*. When she goes to dances she should dance only with him; if he is absent, she should stay away altogether. Talking to unrelated men is reduced to a bare minimum and even her way of walking becomes stiff and self-conscious. The eyes and ears of her village will be only too willing to detect the slightest

---

<sup>48</sup> Um homem que se descobre “cornô” através da fofoca pode se ver em maus bocados caso o grupo em que vive rejeite pessoas nesta condição que não acertem as contas com os responsáveis. Ele pode não conseguir casar as filhas, ser chamado de covarde, ser rechaçado das atividades comunitárias masculinas. A comunidade pode exigir dele, indiretamente por meio da fofoca, a reparação.

<sup>49</sup> “Uma sociedade rural portuguesa”, em tradução minha.

evidence of any behavior improper to her status. And if this happens, her life may become difficult. Even if the rumors or gossip are false, her reputation suffers nonetheless. (CUTILEIRO, 1971, p. 96)

Em seu estudo sobre a cidade de Vila Velha em uma freguesia no sudoeste de Portugal, José Cutilero observa uma situação das mais caricatas formas de controle social exercido através da fofoca. Justamente em relação ao comportamento dos jovens durante o namoro e, em especial, o da moça que precisa se policiar até mais que o namorado diante dos olhos e ouvidos vigilantes da comunidade. Qualquer deslize ou suspeita pode se transformar em fofoca e ter sérias consequências para a sua reputação. Mais adiante Cutilero escreve que as moças de reputação manchada (por comportamentos que indicassem que tinha uma relação íntima com o namorado), se terminassem o namoro sequer poderiam conseguir outro, ficando algumas condenadas a permanecer solteiras.

Somos frequentemente desencorajados a agir de certas maneiras ou fazer certas coisas que possam produzir fofocas negativas a nosso respeito. O exemplo da vila portuguesa é bem próximo da corriqueira realidade brasileira, onde a mulher muitas vezes deixa de ir a uma festa desacompanhada ou de conversar mais frequentemente com outros homens por medo de que a fofoca a esse respeito possa afetar sua reputação e seu relacionamento.

O controle social não ocorre somente através de meras aprovações e reprovações, no conteúdo falado da fofoca, mas pelo consequente manejo da honra, reputação e vergonha alheia, pela reação de antecipação do sofrimento psíquico em consequência da vergonha e perda de laços sociais.

Essa antecipação das consequências se agrava diante dos dois elementos indispensáveis para a fofoca: a circulação e a ocultação. Não há como controlar individualmente quem fala e o que se fala a seu respeito. Trata-se de uma circulação de informações que nem sempre tem como ser rastreada, inibida ou mesmo sequer detectada. Lembremos que a fofoca jamais é dita na presença de seu objeto. A incerteza a respeito da circulação, e muito frequentemente também a possível distorção, de informações sobre si próprio angustiam: Será que falamos de mim? O que estão falando? A projeção da sua circulação social é mais fácil e clara quando sabemos que ideias cada um tem de nós mesmos. A dúvida a esse respeito torna nossos passos inseguros, torna a vida menos previsível e, portanto, mais penosa.

A fofoca pode, afinal, ser utilizada para o controle social através da:

Divulgação e definição das normas de conduta morais e comportamentais do grupo em questão.

- Reprovação e aprovação de condutas e conseqüentes degradação ou exaltação da reputação daqueles que são seu objeto.

- Vigilância não passível de um controle ou sequer rastreio por parte de um indivíduo singularmente por conta dos elementos da circulação e ocultação inerentes à fofoca: não se sabe de onde veio e nem onde vai parar a mensagem da fofoca, tampouco se pode impedi-la eficazmente de circular e mesmo de ser distorcida.

- O medo de tornar-se objeto da fofoca depreciativa e estar sujeito à perda da reputação e à incapacidade de controle da fofoca inibe comportamentos (claro que não de maneira absoluta) considerados transgressivos ou reprováveis.

- O balanceamento de normas e critérios de comportamento através da calibragem de opiniões pela discussão e apresentação de juízos e conjecturas próprios no curso da fofoca.

Cada grupo pode fazer maior ou menor uso da fofoca como instrumento de controle social, isso dependerá, a meu ver, principalmente do tipo de formas de expressão do conteúdo e conteúdos fáticos (assuntos) que forem priorizados em cada um. Quanto mais forem priorizados os juízos de valor (principalmente negativos) e conjecturas a respeito de condutas morais e comportamentais alheios, maior é a capacidade da fofoca ser usada como meio de controle social naquela comunidade. É possível que existam grupos que priorizem conteúdos mais lúdicos ou informativos da fofoca, como notícias e apahados de fatos e curiosidades, o que pode levar a uma maior incidência de outras modalidades de usos da fofoca.

O resultado dependerá, claro, do recorte dado ao contingente analisado: uma cidade, um grupo étnico, frequentadores de eventos de motociclismo, as velhinhas de uma rua que conversam nas janelas e soleiras das portas, um punhado de primos. Mas dificilmente o uso da fofoca no controle social não será detectado, ao menos em algum grau residual, em especial em grupos mais amplos (com a interação de diferentes núcleos familiares ou sociais). Isso porque a própria informalidade e a ocultação da fofoca favorecem a intimidade e a expressão da opinião dos participantes.

Claudia Fonseca, por exemplo, em *Família, fofoca e Honra* (FONSECA, 2000) nos apresenta como a fofoca naquela comunidade (a Vila do Cachorro

Sentado) influi no manejo da honra dos indivíduos. Para manter sua honra intacta membros do grupo regulam comportamentos a fim de evitar situações que possam gerar fofocas. Essas situações são em geral relacionadas a comportamentos rejeitados pelo grupo:

Nossa proposta, neste primeiro ensaio, é demonstrar de que modo, em uma favela, a honra figura como elemento simbólico chave que, ao mesmo tempo, regula o comportamento e define a identidade dos membros do grupo. (FONSECA, 2000, p. 9)

Ao mesmo tempo em que a fofoca é uma atividade ali utilizada para a regulação de comportamentos, ela é também (e notemos aqui as possibilidades de contradições de nossas ações quotidianas) rejeitada em si como comportamento:

Conta-se que tal família ou tal mulher "deixou a vila por causa da fofoca"; ou tal marido perdeu o emprego "por causa das fofocas de um colega". Não se vai à casa da vizinha "para evitar fofoca". Quando alguns vizinhos apedrejaram a casa de uma velhinha, explicaram que era "por causa das suas fofocas" (FONSECA, 2000, p. 23)

A fofoca ao mesmo tempo regula e é regulada como conduta reprovável e apesar de ser muito utilizada, é quase sempre idealmente rejeitada. O fofoqueiro dificilmente escapa de ser ali uma pessoa de modos repudiáveis.

A fofoca envolve, pois, o relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio. Ela é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos. Ninguém se considera fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança. (FONSECA, 2000, p. 23)

A pesquisa de Claudia Fonseca traz bem claramente a relevância para aquele grupo da fofoca como um inibidor de ações. Dentre os usos que se pode fazer da fofoca, um dos mais destacados na Vila do Cachorro Sentado é o de controle social. Inclusive, pode-se fazer fofoca a respeito de alguém ser muito fofoqueiro e, por sua vez, afetar a incidência da própria prática.

Finalmente, a fofoca serve para informar sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública. Sem negar a relevância das outras funções, esta última é sem dúvida a mais pertinente à nossa pesquisa na Vila do Cachorro Sentado. (FONSECA, 2000, p. 23)

Este, no entanto não é o único uso encontrado ali. Claudia Fonseca observou também em sua pesquisa o uso da fofoca como fonte de informação, sobre o que falarei na seção adequada.

Em outra pesquisa realizada também no Brasil, mas dessa vez entre os índios do Xingu, Thomas Gregor observa e descreve algumas modalidades de uso da fofoca entre os Mehináku, dentre as quais o controle social a partir do desprezo a exemplos de "fiascos" (GREGOR, 1982) sociais, como é o caso do índio Macaco Estragado, taxado pelos Mehináku de "homem do quintal" por não "fazer face" ("sentar-se sem fazer nada junto com os outros e olhar o espetáculo que se desenrola") (GREGOR, 1982, p. 192) :

"Homem do quintal" é um título adequado para um homem que evita os demais, pois os quintais estão entre as áreas menos visíveis da aldeia. (GREGOR, 1982, p. 192)  
(...)

Os homens do quintal, como "Macaco Estragado", são malquistos. Alvo das fofocas, são mostrados às crianças como o tipo de gente que elas não devem ser quando crescerem. Apesar disso são tolerados, e sua presença na aldeia é testemunho do desejo Mehináku de acolher um conjunto diversificado de tipos humanos. (GREGOR, 1982, p. 193)

Vemos não só que alguns comportamentos são diretamente desencorajados diante dos membros da comunidade por meio da fofoca, mas também que qualquer deslize em relação às expectativas comunitárias sobre o seu papel social pode atrair a retaliação através das fofocas maldosas:

O pescador entra em sua casa e deita-se na rede enquanto sua mulher prepara um fogo para o beiju e para cozinhar peixe. Ela é chamada de "a dona da cozinha" (wakula weketu), e pessoalmente distribui peixe cozido para todo mundo dentro de sua casa. Depois ela envia porções aos seus próprios parentes e aos de seu marido, que vivem em outras casas. Negligenciar regularmente um parente implica atrair fofoca, represália e, possivelmente, perda da relação de repartição de comida. (GREGOR, 1982, p. 254)

A fofoca figura ali entre o rol das represálias. Isso é observável não só entre índios aldeados no Xingu em 1977, mas também entre pessoas de comunidades carentes nos anos 80 e 90 de Porto Alegre (FONSECA, 2000) e entre uma variedade de outros grupos, inclusive provavelmente algum dos que pertence o próprio leitor, embora certamente não todos.

Desse modo, o controle social não é o único uso da fofoca e nem todas as modalidades de seu uso podem ser entendidas como nuances de controle social. Sendo assim, uma definição apressada da fofoca como "instrumento de controle social" está fadada não ao erro, mas à incompletude. Veremos isso ao analisar outras modalidades.

#### 2.4.2. FRUIÇÃO LÚDICO INFORMACIONAL

Ao longo desta pesquisa já foi possível vislumbrar algumas vezes esta modalidade de uso da fofoca. Como fenômeno comunicativo que é, obviamente transporta informações, úteis ou não entre seus participantes. Falamos para contar, para aprender e mesmo apenas para nos entreter.

Já mencionei anteriormente o trabalho de Polly Wiessner "*Embers of Society*", onde ela estuda as diferenças nas fofocas durante o período do dia e da noite, ao redor da luz da fogueira. Entre os Ju/'hoan da África austral as fofocas durante o dia concentravam-se mais em temas práticos, econômicos e morais como críticas, sanções verbais, obrigações de compartilhar alimentos e obrigações para com parentes:

Social regulation was largely the agenda of the day as breaches of norms and values were adjusted by complaint, criticism, and gossip. Sixty-seven percent or more of conversations regarding egalitarian relations, kinship dues, food sharing, xaro exchange, and land tenure involved verbal sanctioning. (WIESSNER, 2014, p. 3)

Por outro lado, nas fofocas da noite da noite o foco se tornava mais lúdico e imaginativo, com histórias interessantes, lembranças de parentes e conhecidos ausentes:

The focus of conversation changed radically as economic concerns and social gripes were put aside. At this time 81% of lengthy conversations involving many people were devoted to stories; these stories were largely about known people and amusing, exciting, or endearing escapades. Storytellers did not praise heroes or moralize; advancing oneself in the moral hierarchy or demoting others was avoided, as was any form of self-promotion. (WIESSNER, 2014, p. 3)

Wiessner levanta a perspectiva do uso da fofoca tanto como uma fonte de aprendizado (como o conhecer e lembrar de pessoas que estão ausentes ou vivem em outros lugares ou de eventos importantes que aconteceram no passado), quanto de verdadeiro divertimento daquela comunidade.

Claudia Fonseca detecta esse mesmo uso informacional da fofoca, principalmente em seu aspecto mais prático do conseguimento de informes sobre pessoas ausentes e sobre os status sociais de indivíduos próximos:

A fofoca também pode ter grande importância em termos de comunicação, sobretudo entre analfabetos; é assim que se descobre o novo endereço de um parente e o paradeiro de velhos amigos (ver Hannerz, 1969, sobre uma comunidade negra em Washington, EUA). Finalmente, a fofoca serve para informar sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública. (FONSECA, 2000, p. 23)

O uso para fruição lúdica informacional da fofoca permite assim que se conheça melhor a configuração das relações entre indivíduos pertencentes a um grupo. A fofoca informa a respeito das relações que os componentes do grupo têm uns com os outros, as genealogias de alianças e desavenças, permitindo assim uma projeção da atuação e o acompanhamento dos passos de cada um naquele teatro social.

Há estudos em diversas áreas e com diferentes recortes a esse respeito. Este é o caso do aprendizado cultural (*Cultural Learning*) trazido por Roy F. Baumeister, Liqing Zhang e Kathleen D. Vohs no artigo “*Gossip as Cultural Learning*”<sup>50</sup> (2004). Ali eles destacam como os indivíduos descobrem caminhos para melhor solução de problemas cotidianos através do compartilhamento, mesmo que fragmentário, de fofocas a respeito de tentativas bem ou mal sucedidas. Esse efeito de aprendizado cultural se dá através de um ganho informacional promovido pela

---

<sup>50</sup> “Fofoca como aprendizado cultural”, em tradução minha.

circulação da informação pela fofoca, ainda que não necessariamente planejado ou intencional:

(...) gossip may serve the function of cultural learning even though people may be drawn to gossip without being aware of any desire to promote cultural learning. BAUMEISTER et al. (2004, p. 113)

Baumeister et al. destacam também a importância da percepção da fofoca como uma forma de controle social e a função dela no aprendizado social tanto moral quanto de práticas culturais. O uso edificante da fofoca para o aprendizado é destacado mesmo no meio profissional, no exemplo de um caso em que novos empregados da HP e da IBM utilizavam a fofoca como uma fonte central de informações para aprender sobre as empresas, o que falar ou não aos superiores e fluxos de informações não oficiais BAUMEISTER et al. (2004, p. 115).

Essa utilização no meio profissional é destacada também por Grosser et al. no artigo “*A Social Network Analysis of Positive and Negative Gossip in Organizational Life*” (2010). Os autores tratam, entre outras coisas, da melhora na performance social e autoaperfeiçoamento individual através do uso informacional da fofoca, inclusive em recortes como ambiente profissional e empresarial. Ali a fofoca se mostrou capaz de prevenir a respeito de performances bem e malsucedidas profissionalmente, de fornecer referências e funcionar como um norte para o autoaperfeiçoamento (pessoal, social e profissional). Eles constataram neste estudo também que a compreensão do funcionamento das redes informais de comunicação organizacional (isto é, dentro de instituições, empresas, corporações públicas ou privadas ) pode ajudar os administradores a usufruir o lado positivo das fofocas (com a maior disseminação de informações úteis), aproveitando que já há pesquisas que comprovam que a transmissão de informações em corporações ocorre com maior velocidade através das redes de fofoca já estabelecidas do que através dos canais oficiais (GROSSER et al. (2010). A fofoca, quando circulando através de suas redes já estabelecidas (de conhecidos, colegas, vizinhos, etc.), é capaz de informar mais rápido e com maior eficácia que os canais institucionais, embora nem sempre com a mesma precisão que estes, devido à possibilidade do surgimento de ruídos (como opiniões e conjecturas que se transformam em parte das notícias ao longo da rede).

Ainda nesse contexto organizacional, Grosser, et al. concluem que as redes de fofoca funcionam, não só como veículo, mas como fonte de informação a respeito da organização. Segundo eles um panorama das redes de fofoca fornece

dados para um diagnóstico do estado da força de trabalho em questão (GROSSER et al. (2010, p. 208).

O conhecimento das características temperamentais, relações, alianças e inimizades entre as pessoas podem favorecer também o trânsito social e a produção das próprias alianças. Robin Dunbar (1996) ao comparar a fofoca humana como um meio de socialização equivalente ao processo de catação dos primatas, salienta esse aspecto de difusão de informações estratégicas da fofoca e a sua relação com a capacidade de previsibilidade das ações na vida social. O compartilhamento de informações auxilia, os indivíduos a produzirem um mapa relacional de sua comunidade, assim como na distribuição de funções e na manipulação das configurações desse mesmo mapa. A disputa informacional pode (entre outras coisas) produzir e desfazer alianças e reações, alimentar disputas internas e degradar reputações.

A fofoca pode desempenhar papel importante como veículo da guerra informacional em pequena ou grande escala, abordando temas dos íntimos e pessoais aos econômicos e políticos.

Mas o uso informacional da fofoca não é só estratégico, de aprendizado social, ele tem também seu caráter meramente lúdico: a contação despreocupada de anedotas, histórias sobre conhecidos ou desconhecidos, curiosidades inúteis para preencher o tempo. A troca de informações através da fofoca no tempo livre ao redor da fogueira como estudado em *Embers of Society* (WIESSNER, 2014) ou durante a execução de tarefas repetitivas (como as conversas de lavadeiras) pode ter um fim em si mesmo: a fala pela fala, a fofoca pelo próprio prazer de fofocar, preencher um tempo vazio executando uma atividade que se considera também prazerosa ou não. Os apanhados de fatos e curiosidades têm um papel importante nesse uso informacional lúdico da fofoca, embora possamos contar aqui também notável presença de notícias, novidades.

As modalidades de usos não se excluem, no entanto: pode-se aprender, planejar, entreter e controlar ao mesmo tempo com a fofoca. A tentativa de engessar cada caso em uma categoria de uso pode levar a uma interpretação parcial e desfalcada do fenômeno em um contexto de recorte mesmo que bastante pontual.

### 2.4.3. UNIÃO COMUNITÁRIA, IDENTIFICAÇÃO E RECHAÇAMENTO DE INTRUSOS

O uso da fofoca na coesão social, união comunitária, foi um dos primeiros a ser observados justamente por ter sido apresentado no artigo de Max Gluckman (1963), inaugural no sentido de estabelecimento da fofoca como um tema em si digno de atenção na antropologia. Gluckman (GLUCKMAN, 1963) salienta esta função de manutenção da coesão do grupo tanto pela via positiva (pela recepção e inclusão na fofoca dos pertencentes), quanto pela negativa (com exclusão e rejeição da fofoca aos não pertencentes). Um dos primeiros a estudá-la foi também dos primeiros a trazer à luz justamente um aspecto positivo de um fenômeno tão mal afamado.

Na união pela via positiva das semelhanças há o compartilhamento de interesses, afinidades e conhecimentos necessários até mesmo para se participar da fofoca. Os participantes reforçam seus laços e suas afinidades através de constantes demonstrações de experiências, conhecimentos e morais comuns, demonstrando assim seu pertencimento. A própria capacidade de participação ativa na fofoca pode ser essa demonstração. É neste contexto que Gluckman destaca, por exemplo, a situação do antropólogo que se vê marcadamente diferenciado pela incapacidade de penetrar mais eficazmente nas conversas.

Essa demonstração de pertencimento não é, no entanto, pré-requisito indispensável para se participar de uma fofoca, como já vimos anteriormente.

Já a manutenção da coesão do grupo pela via negativa do contraste com outros grupos se dá em geral através da concordância na crítica a trejeitos, comportamentos e traços morais característicos de outros grupos dos quais se pretende diferenciar. Trata-se de uma fofoca eminentemente de rejeição do comportamento de um grupo diferente do seu. É o caso patente do já bastante trabalhado estudo de Campbell (1964) onde os Sarakatsani destacavam nas fofocas as negatividade dos costumes e moral dos habitantes das vilas, demarcando e elevando seus próprios valores e cultura em relação aos demais gregos. Falando mal dos vilões eles elevavam a si mesmos e fortaleciam os preceitos de sua própria cultura.

No Brasil, esse uso parece estar também presente em *Família Fofoca e Honra* (2000) quando Cláudia Fonseca observa que se pode identificar quem faz e quem não faz parte do grupo pelo fato de se poder fazer fofoca sobre alguém:

A fofoca seria instrumental da definição dos limites do grupo — não se faz fofoca sobre estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas; ser objeto, sujeito da fofoca, representa a integração no grupo. (FONSECA, 2000, p. 23)

Cada grupo ou comunidade pode se apropriar e fazer uso do artifício da fofoca de uma maneira absolutamente peculiar às suas condições circunstanciais. Neste caso ser assunto da fofoca era uma demonstração de que aquela pessoa era entendida como parte do grupo porque ali não se fofoca sobre estranhos. Para um observador externo isso pode soar até mesmo absurdo, pois não há qualquer impedimento prático ou material para que se fofoque sobre qualquer pessoa. O impedimento ali é justamente organizado pela cultura e costume locais, que orienta as cargas idiossincráticas dos atores.

Por isso é importante percebermos que o assunto material da fala não é parte da estrutura do fenômeno, mas apenas parte da forma que ele toma circunstancialmente. É dizer: o assunto não pode ser a definição do fenômeno. Dizer que “a fofoca é falar da vida dos outros”, ou que é “falar mal dos outros” é cometer esse erro. Assim como para a Vila do cachorro sentado não se fofoca sobre forasteiros, pode haver grupos onde só se pratica a fofoca positiva, por exemplo, ou onde é vedada a fofoca sobre os vizinhos ou sobre os pertencentes à sua própria aldeia, como na observação feita por Campbell (1964).

John Haviland em *Gossip, Reputation and knowledge in Zinacantan* (HAVILAND, 1977) observa, como Gluckman, a distinção entre quem pertence ao grupo e quem é de fora através da capacidade de participação nas fofocas:

When I first began to pay serious attention to gossip in Zinacantan, although I could understand people's *words* (...), I could not understand the gossip itself. It took me some time to discover what knowledge and skills I was lacking. I heard a good deal of interesting conversation (...) but I was unsure how to record it (...); and I was often completely at a loss to appreciate its significance, not knowing the protagonists, their histories, or the background of convention that rendered their exploits noteworthy. (HAVILAND, 1977, p. 48)

Como Antropólogo entre os nativos de Zinacantan, ele conseguia entender o que se falava, mas não exatamente todo o contexto das fofocas. Faltava uma série de conhecimentos que ele só poderia obter com uma maior integração, como quem eram as pessoas de quem se falava, ou o plano de fundo de certas histórias e situações. Ficou bem claro para ele esse aspecto da demarcação da união e identidade comunitária.

Pode-se argumentar que alguns dos exemplos acima não se tratam de casos de uso da fofoca para a união do grupo, mas como meio de controle social, tendo até mesmo sido usados para exemplificar tal uso. Ao invés dos Sarakatsani estarem reforçando seus laços e as premissas de sua própria cultura, pode-se argumentar que estão, desta forma apenas reforçando as normas de controle comportamental através do exemplo daquilo que é rejeitado. Ora, nada impede que sejam ambos, união e controle, simultaneamente. O objetivo aqui não é engessar a visão dos usos da fofoca mas trazer uma luz às suas diversas nuances.

Por outro lado, a fofoca não é também exclusivamente para os já conhecidos e iniciados justamente por comportar diferentes modalidades de conteúdos. Ao ser confrontada com a narração de uma história onde os personagens tomam atitudes com implicações morais ou mesmo práticas, um interlocutor, ainda que completamente leigo a respeito das identidades dos sujeitos envolvidos pode ter sua opinião requisitada por um “O que você acha disso?” ou “o que você faria no meu lugar?”. O interlocutor pode até mesmo emitir esses juízos e participar da fofoca sem ser expressamente requisitado, apenas aderindo ao fluxo falante com suas próprias perspectivas, sem conhecer completamente o contexto e plano de fundo daquela fofoca. Ele pode ser rechaçado por isso e ser privado de dar opiniões ou fazer quaisquer participações ativas em determinado grupo, mas isso não é imperativo e pode também não ocorrer.

A antropóloga Elizabeth Colson, ao ouvir as fofocas dos Makah, se tivesse podido lançar suas próprias opiniões como “Oh meu Deus! Mas isso é horrível, ele não devia ter feito isso” ou “no lugar dela eu teria feito isso ou aquilo”, mesmo não conhecendo exatamente de quais indivíduos se falava, mas só o que tais pessoas ou seus ancestrais teriam feito, teria participado mais ativamente da fofoca. No caso, segundo ela, os Índios Makah não permitiam esse tipo de atitude mais participativa, sendo especificamente refratários a intromissões de forasteiros. Ali a prerrogativa de falar e mesmo opinar a respeito dos membros do grupo era mantida apenas entre os próprios membros. Esta não é, no entanto, a única opção possível. Outros grupos ou indivíduos podem ser menos refratários à participação opinativa de forasteiros em suas fofocas ou podem ser muito receptivos e até mesmo requisitar essa intromissão.

Em se tratando de Brasil, essa possibilidade é muito plausível. É o caso de fofocas em filas de supermercados ou mesmo com a própria caixa que registra as

compras enquanto conversa com outras caixas, os ensacadores ou o gerente sobre atitudes lamentáveis de sua vizinha ou ex-namorado. Vendo que você (obviamente) escuta, ela lança: “Pode uma coisa dessas, moça?” É um convite à fofoca que pode ser aceito com o proferimento de sua opinião e complementado ainda contando um caso próprio. As mercadorias terminam de passar, você paga, se despede e deseja boa sorte no caso. Nenhum dos interlocutores se conhece sequer pelo nome, menos ainda os terceiros de quem se falava, mas a fofoca aconteceu, entre estranhos e sobre estranhos.

Essa situação talvez fosse impensável para uma ou outra cultura (para um alemão ou um canadense, talvez). Poderia desencadear uma situação extremamente desconfortável ou constrangedora, ao invés de desdobrar-se em uma fofoca leve e descontraída que alivia o tédio e a dureza do dia de trabalho da caixa.

Os códigos e as disposições de interação entre diferentes grupos, sociedades e culturas podem, obviamente, variar, no entanto não produzem espécies diferentes de fenômenos, mas variações nas apropriações do mesmo. Justamente o fato de esta diferença poder ocorrer é que salienta a importância de se explicitar a amplitude da gama de variações dos usos da fofoca. Há que se evitar que uma noção hermética e incompleta, baseada, por exemplo, apenas na cultura anglo saxã ou germânica, pretenda explicar a totalidade de um fenômeno tão onipresentemente variável.

Claro que podemos pensar ainda que essa participação do forasteiro ou do estranho na fofoca pode servir para detectar o pertencimento deste a um conjunto mais amplo que um grupo de conhecidos ou uma aldeia. A fofoca pode servir para testar o engajamento moral do forasteiro ou do amigo. Sobre isso falarei à frente.

#### 2.4.4. CRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DE LAÇOS DE INTIMIDADE E CONFIANÇA

O uso da fofoca para a criação e manutenção de laços de afinidade, intimidade e confiança é também importante, apesar de não receber uma atenção muito destacada, possivelmente por tratar-se de uso aplicado em uma escala mais íntima e individual. É mais comum observarmos a abordagem deste aspecto da fofoca em estudos de psicologia social.

Este uso da fofoca é bem peculiar pois ele pode funcionar muito claramente como instrumento estratégico de influência, seja individual, seja em grande escala.

Pode ser aplicado, por exemplo, na política de empresas como técnicas para superiores lidarem com seu corpo de empregados, ou mesmo em searas da política (inclusive digital), na formação de público digital fidelizado, no treinamento de agentes para operações militares e de inteligência, entre outras modalidades, além das lúdicas situações de divertimento ou onde as pessoas pretendem simplesmente se conhecer melhor de maneira descontraída. O próprio elemento da informalidade inerente ao fenômeno também favorece a aproximação na fofoca. Em um ambiente de suspensão da ordem, inclusive hierárquica, torna-se mais fácil as pessoas se sentirem próximas.

Pessoas engajadas em fofocas podem identificar umas nas outras uma série de afinidades de pensamento que as levem a se abrir mais. Quem nunca falou demais levado pelo calor e descontração do momento?

Outro elemento da fofoca que favorece esse uso é a ocultação. Certos graus de ocultação, quando percebidos pelo interlocutor podem gerar nele a impressão de que o fofoqueiro deposita nele alguma confiança. O compartilhamento de fofocas une as pessoas pela percepção da confiança: informações que o interlocutor percebe estarem de alguma forma imbuídas do elemento da ocultação como segredos, intimidades, coisas que não se pode dizer na frente daquele que é diretamente implicado, fatos que não se pode dizer explicitamente sobre quem se referem, assuntos que não se deve falar na frente de uma ou outra pessoa, informações de cunho íntimo, que não deveriam estar sendo compartilhadas, ou que não se sabe como foram obtidas, entre outras formas de ocultação.

O fofoqueiro (ou o fofocante), quando compartilha algo que não deveria, geralmente não o faz a qualquer um, ele confia a informação delicada a alguém. É preciso fazer uma seleção para que a o procedimento da fofoca não se transforme em um problema. Se faço, sem saber, uma fofoca maldosa a respeito de uma mulher para a sua própria mãe, é provável que isso produza uma deterioração na relação que tenho com essa pessoa. Se faço uma fofoca positiva, para um inimigo dessa mesma mulher, ele pode tornar-se meu inimigo também. O interlocutor da fofoca precisa ser selecionado sob pena de uma perturbação nas relações interpessoais dos envolvidos. Quando alguém percebe que está em uma situação de fofoca, pode perceber essa seleção: a outra pessoa está confiando e compartilhando informações delicadas com você.

Ainda que o fofoqueiro esteja falando com a intenção de que as informações se espalhem, ele precisa eleger para quem falar. O que nos leva a um outro aspecto dessa modalidade de uso da fofoca: A utilização desta intimidade e confiança para inculcar credibilidade nas informações materiais transmitidas na fofoca, a estratégia de produzir ou forjar uma relação de intimidade e confiança com o interlocutor para induzi-lo a acreditar mais fortemente no conteúdo que é passado.

É comum a associação da fofoca com a noção de informações imprecisas, com ruídos ou mesmo mentirosas, por conta de uma dinâmica de perda informacional e de precisão gradual, inerente a comunicações informais interpessoais, sujeitas a todo tipo de contaminação por juízos e conjecturas os mais variados e anexação de novas informações no curso comunicativo. Isso não é sempre correto por a fofoca poder transmitir informações completamente verdadeiras e também, por juízos morais e de valor pessoais presentes nas fofocas não estarem sujeitos a uma ponderação entre falso ou verdadeiro.

Este é um ponto importante da fofoca: por que acreditar nela quando estão disponíveis outras fontes de canais oficiais com informações que possivelmente a contradizem ou deslegitimam? Shibutani (SHIBUTANI, 1966) salienta esse aspecto na sua pesquisa sobre a persistência de alguns rumores e a resposta está justamente na confiança e nas relações pessoais entre as pessoas envolvidas. No sentido específico do substantivo “fofoca” referente ao conteúdo da informação (e não ao fenômeno em curso - estar fazendo fofoca) é possível, como salientei antes, utilizar a palavra rumor como sinônimo de fofoca (assim como de mentira, intriga, etc.). Como bem observou Shibutani, tendemos a confiar mais no julgamento daqueles que nos são próximos, ou naqueles com quem estamos relacionados de alguma forma, do que em pessoas ou veículos com os quais não temos relação alguma.

Isso ocorre porque já tivemos oportunidades de verificar nestas pessoas ou fontes a presença de elementos que consideramos como critério de confiabilidade. Esses critérios podem variar como a presença de traços morais semelhantes aos nossos, a reiterada transmissão de informações ou opiniões testadas e comprovadas como corretas, etc. As informações provenientes destes indivíduos têm, ao menos aparentemente, maior previsibilidade. Por outro lado, para elementos com quem não temos afinidades ou intimidade, essa previsibilidade diminui.

Outros estudos sobre rumor como o de Zhiwei Qin, Jian Cai e H.Z. Wangchen, “*How Rumors Spread and Stop over Social Media: a Multi-Layered Communication Model and Empirical Analysis*”<sup>51</sup> (QIN, CAI, & WANGCHEN, 2015). posteriormente reafirmaram e testaram essa assertiva de que tendemos a confiar mais firmemente em informações passadas por pessoas com quem já possuímos algum tipo de relação ou laços positivos, como de confiança social. Em outras palavras: preferimos acreditar no que nos diz um amigo ou conhecido do que no que diz um estranho.

Quando, por exemplo, os veículos da mídia tradicional perdem essa capacidade de conexão e transmissão de confiança com o público (ou com alguma parcela dele), esse público migra para outras fontes que considere mais capazes de produzir essa proximidade.

Esse elemento é muito importante para entender como o fenômeno (nada novo) das chamadas “*fake news*” pode gerar disseminação e o compartilhamento em larga escala de notícias até mesmo estapafúrdias através de aplicativos de mensagens como o WhatsApp.

#### 2.4.4.1. *Sobre fake news, ilusão da verdade e a dinâmica do WhatsApp*

No artigo “*Cognitive ability and vulnerability to Fake news*”<sup>52</sup> de 2018 que analisa como as pessoas reagem à exposição repetitiva a informações tanto falsas como verdadeiras, o psicólogo David Z. Hambrick e a neurocientista Madeline Marquardt, constataram que quanto maior a exposição, mais as pessoas tendem a confundir a sensação de familiaridade com a de verdade semântica do discurso. Daí resulta o chamado “efeito de ilusão da verdade” (*illusion of truth effect*). Segundo Hambrick e Marquardt, ocorre uma confusão entre familiaridade e veracidade:

Meanwhile, other research is shedding light on the mechanisms underlying the effects of misinformation. Repeating a false claim increases its believability, giving it an air of what Stephen Colbert famously called “truthiness.” Known as the illusion of truth effect, this phenomenon was first demonstrated in the laboratory by Hasher and her colleagues. On each of three days, subjects listened to plausible

---

<sup>51</sup> “Como os rumores se espalham e param nas mídias sociais: um modelo de comunicação multi-camadas e análise empírica”, em tradução minha.

<sup>52</sup> “Capacidade cognitiva e vulnerabilidade às notícias falsas”, em tradução minha.

sounding statements and rated each on whether they thought it was true. Half of the statements were in fact true, such as Australia is approximately equal in area to the continental United States, whereas the other half were false, such as Zachary Taylor was the first president to die in office (it was William Henry Harrison). Some of the statements were repeated across days, whereas others were presented only once. The results showed that the average truth rating increased from day to day for the repeated statements, but remained constant for the non-repeated statements, indicating that subjects mistook familiarity for verity. (HAMBRICK & MARQUARDT, 2018, p. 3)

A repetição exerce, portanto, papel importante na construção da sensação verdade. Há um efeito de fixação das informações por meio da repetição que pode gerar, justamente dessa associação da familiaridade com a verdade, uma dificuldade na rejeição de informações incorretas (HAMBRICK & MARQUARDT, 2018, p. 2). Utilizamos a repetição para aprender, tanto de maneira abstrata quanto sensorial: aquilo que é visto, a princípio existe, é real, é também verdadeiro, da mesma forma que a utilizamos muitas vezes para fixar um conhecimento, como decorar nomes ou a tabuada.

Um exemplo de atuação do efeito da ilusão da verdade veiculado por notícia falsa talvez seja o caso ocorrido nas eleições brasileiras de 1945. Nesta época o empresário Hugo Borghi divulgou falsamente que o candidato à presidência Brigadeiro Eduardo Gomes (da União Democrática Nacional - UDN) em disputa com Eurico Gaspar Dutra (do Partido Social Democrático - PSD) teria declarado em um discurso no Teatro Municipal do Rio de Janeiro: “Não preciso do voto dos marmiteiros”.

A verdadeira declaração foi de que ele não precisava dos votos “desta malta de desocupados que apoia o ditador”, em referência aos partidários de Getúlio Vargas.

A declaração foi distorcida por Hugo Borghi, apoiador do candidato do PSD, que inseriu o termo “marmiteiros”, termo utilizado para denominar pejorativamente os apoiadores de Getúlio Vargas e, insultoso também em relação aos trabalhadores em geral, como se utilizar marmitas fosse algo vergonhoso.

O resultado foi uma grande reviravolta na reta final de uma campanha que se tinha já por definida. O Brigadeiro que tinha a vitória como certa, a menos de um mês das eleições perdeu votos e apoiadores sem conseguir desmentir a situação e acabou sendo muito prejudicado. Eurico Gaspar Dutra venceu as eleições e ainda em 1945 Hugo Borghi vangloriou-se publicamente de ter inventado a declaração dos marmiteiros (ABREU, 2020)

Esta foi uma notícia falsa utilizada justamente para produzir efeitos nefastos durante as eleições e, uma vez em curso de disseminação, com escassos meios para a divulgação de um desmentido e para averiguação, tornou-se ela mesma uma verdade em suas consequências. O esclarecimento não foi capaz de se sobrepor ao efeito da ilusão da verdade que fixou a reação pública.

Esta é uma forma de aquisição de conhecimento não reflexiva e, portanto, sujeita a ruídos e erros interpretativos, se apresentada ao indivíduo de maneira sensorial ou materialmente confusa ou imprecisa. É dizer: estamos sujeitos a erros interpretativos diante de informações que exigem algum tipo de reflexão para além da mera constatação sensorial imediata. Assim, as cargas idiossincráticas associadas a contextos (mais ou menos claros) influenciam na interpretação semântica do fenômeno presenciado.

A exposição repetitiva a situações de interpretação difícil, ambígua ou que intencionalmente direcionam ao erro podem assim, fixar compreensões erradas, mas familiares, como se fossem verdadeiras. Esse efeito de fixação é tão poderoso que, como constataram os psicólogos sociais Jonas De Keersmaecker e Arne Roets em seu estudo “

*'Fake news': Incorrect, but hard to correct. The role of cognitive ability on the impact of false information on social impressions*” de 2017 gera mesmo uma resistência por parte dos indivíduos a abandonarem as informações erradas, mesmo depois do esclarecimento. Esse efeito é mais persistente ainda se a primeira exposição do indivíduo àquele tema foi a partir de informação falsa.

Os artigos de Keersmaecker e Roets e o de Hambrick e Marquardt falam justamente sobre como a reiterada exposição às *fake news* dificulta cognitivamente um trabalho de retificação das informações.

Por outro lado, associados a esses fatores inerentes à cognição e construção da memória e conhecimento, há outros que influenciam na apreensão, fixação e disseminação dessas informações.

A vocação consequencialista da coerência argumentativa e situacional tende a induzir o pensamento narrativo a buscar, de modo retrospectivo, razões e fundamentos até mesmo em notícias parcialmente falsas ou incorretas, contornando-se assim o efeito desmoralizador do desmentido e a pecha depreciativa de fofoqueiro. A condição básica desse fenômeno é a temporalização sucessiva tanto de fatos como de relatos que buscam retratá-los. Trato assim de

pressuposições temerárias, generalizações precipitadas e do *non-sequitur*<sup>53</sup>, a falácia do não seguimento do conseqüente, também conhecida pela tomada de correlações como causalidades dadas, segundo o brocardo "*post hoc ergo propter hoc*": depois disso, logo, aquilo<sup>54</sup>. Ora, tais atitudes adaptativas dependerão sempre duplamente de dois fatores essenciais: (1) das habilidades mentais, linguísticas e mesmo do empenho na sustentação da coerência persuasiva em contextos comunicacionais, e (2) da capacidade crítico-hermenêutica dos receptores em distinguir, aceitar ou rejeitar níveis mais ousados ou faticamente precários de encadeamentos associativos.

A necessidade e tendência à produção de narrativas que façam algum sentido sobre o mundo em redor e seus acontecimentos (a necessidade de dar sentido ao mundo) permite a atuação de tais falácias e outras armadilhas da interpretação.

Isso ocorre ainda por fatores como o *Confirmation Bias*<sup>55</sup> que influencia na preferência por concordar, acreditar e reproduzir informações que confirmam as hipóteses e inclinações prévias dos atores, além de elementos culturais que direcionam as formas dos indivíduos desenvolverem e organizarem uma economia da atenção capaz de destacar certos meios de aquisição de conhecimentos (e informações) e mesmo orientar suas temáticas materiais.

A circulação de informações, entre fofocas, *fake news*, rumores, teorias da conspiração, lendas urbanas, memes, montagens e notícias de jornal descontextualizadas ou mesmo com manchetes desonestamente estruturadas pelo WhatsApp e outros aplicativos de mensagem semelhantes permite que os usuários sejam expostos diariamente a um fluxo de informações imprecisas, enviesadas por

---

<sup>53</sup> *Non sequitur* é uma expressão do latim que denomina uma falácia lógica onde a conclusão pode ser verdadeira ou falsa, mas os argumentos (ou premissas) utilizados não se conectam efetivamente à conclusão. É o caso, por exemplo, de: "Chá de pata de veado campeiro é bom para as articulações, artrite e reumatismo, porque o bicho pula e corre muito, tem as articulações boas."

<sup>54</sup> *Post hoc ergo propter hoc*, ou correlação coincidente é outra falácia lógica que consiste em compreender dois eventos cronologicamente subsequentes como necessariamente relacionados como causa e efeito. É extrair conclusões a partir da ordem dos acontecimentos ignorando outros fatores possivelmente relacionados.

<sup>55</sup> "*Confirmation Bias*" ou "Viés de Confirmação" é um tipo de viés cognitivo que, segundo o psicólogo social Scott Plous (PLOUS, 1993). referente à tendência a se preferir informações que confirmem ou sejam consistentes com hipóteses previamente existentes e não com informações a elas opostas. Essa tendência influencia a lembrança, busca, pesquisa e absorção de informações que confirmem uma hipótese ou ideia já preexistente no indivíduo. Ela ao mesmo tempo que auxilia na capacidade de reforçar e testar positivamente conhecimentos adquiridos, também torna mais difícil o abandono de hipóteses erradas que tenham aparência de correção.

opiniões, juízos morais e conjecturas de toda sorte, além de lhes permitir a discussão, resposta e compartilhamento dessas informações

em contrapartida. Toda essa dinâmica dos aplicativos de mensagens, em especial o WhatsApp, propicia condições à ocorrência tanto do efeito da ilusão da verdade, quanto de interpretações enviesadas. Quantas vezes por dia somos expostos ao assunto ou à polêmica do momento que de tanto serem repetidas, podem não ser, mas passam a parecer verdadeiras. O efeito da ilusão da verdade, em especial, tem aí terreno especialmente propício, mais ainda se combinado com a ausência de instrumentos para a interpretação e verificação das informações.

A associação de efeitos como o da ilusão da verdade, o *Confirmation Bias*, a dificuldades causadas pela ausência de instrumentos interpretativos (da capacidade de associar corretamente causa e efeito à simples falta material de conhecimentos básicos necessários) torna-se receita propícia à fixação e propagação de fluxos de fofocas, rumores, notícias falsas e todo tipo de conspirações como movimentos anti-vacinas e terraplanismo, problemas tão atuais e potencializados pela facilidade e rapidez da comunicação digital.

Considero que alguns fatores culturais brasileiros tenham especial papel em tornar o WhatsApp um veículo muito potente de fixação de certezas, conhecimentos e opiniões e construção de narrativas, ainda que altamente imprecisas ou mesmo erradas. É dizer: O WhatsApp tem um potencial especial para o espalhamento e fixação de *fake news* no Brasil e alguns destes fatores podem ser culturais. Vejamos.

Considero que o viés altamente relacional de nossa sociedade permite que as relações de proximidade e confiança, inclusive as estabelecidas na e através da fofoca, tornem-se um poderoso impulsor de credibilidade. A confiança que depositamos naqueles que nos são próximos e a fofoca estão diretamente implicados nessa construção da percepção da realidade.

O WhatsApp tem uma estrutura bem peculiar que favorece a fofoca e o espalhamento de rumores e notícias não verificáveis. Diferente de outras redes sociais, ele não está atrelado a um perfil público, mas ao nosso número telefônico. Para que alguém nos alcance através do WhatsApp foi necessária em algum momento a concessão do nosso número de telefone. Mesmo nos grupos, as pessoas estão sendo conectadas pelo compartilhamento do interesse no tema ou finalidade do grupo. Seja um grupo da família, do trabalho ou dos protetores dos gatos do Aterro do Flamengo, alguém precisou ter o nosso número para nos adicionar ali.

Em geral temos alguma relação ou de afinidade, ou prática com as pessoas conectadas a nós através desta plataforma.

Com a possibilidade de, hoje se comprar pacotes com centenas de milhares de dados pessoais, inclusive o número telefônico e ser, portanto, possível adicionar essas pessoas à revelia de sua vontade em grupos e listas de envios, dificilmente permanecemos em grupos de WhatsApp que não sabemos quem nos adicionou ou que tratem de temas que não sejam de nosso interesse. Mais estranho será receber mensagens de números desconhecido, tornando necessária uma averiguação mais próxima do efeito que os disparos automáticos de mensagens tem sobre o público brasileiro. Sabemos ou suspeitamos que tais disparos tanto com notícias falsas quanto com verdadeiras para milhares de pessoas simultaneamente ocorrem. Os números de pessoas alcançadas por tais mensagens são exorbitantes, mas atingir o celular não significa atingir a convicção de alguém. Convém perguntar: o brasileiro abre e considera tais mensagens vindas de estranhos? Qual a capacidade de influência de uma mensagem dessas comparada a interações mesmo digitais com pessoas conhecidas? O que se sente ao receber mensagens de números desconhecidos?

Por ali recebemos diretamente uma série de comunicações, tanto pessoais como em grupo, de todo tipo, e, inclusive fazemos fofocas. Imaginemos agora a situação:

Sua mãe, ou seu companheiro lhe envia a notícia de que as vigas desaparecidas da Perimetral foram encontradas em um sítio em Rezende. Você a descobre falsa, manipulada ou exagerada e pede satisfações àquele que lhe enviou e recebe a seguinte resposta: “mas foi seu tio que enviou, ele é de confiança”. Esse tio, por sua vez, recebeu de uma outra pessoa de confiança cujo julgamento ele não contesta e aquela recebeu também de uma outra longa cadeia de pessoas de confiança.

Temos aqui uma sequência longa de comunicações compartimentalizadas em relações bilaterais, com ou sem ruído, mas que não tem sua cadeia visível para a ponta ou para qualquer de seus compartimentos. Mais importante, cada compartimento (núcleo de comunicação de envio e recepção de mensagem) tem um componente, ainda que meramente aparente, de personalidade, de relação direta entre as duas pessoas: uma parte envia a mensagem especificamente para a outra, à espera, inclusive, de uma resposta ou reação.

É diferente, por exemplo, de receber uma matéria ou notícia compartilhada em seu *feed* no Facebook. Ali a mensagem não é direcionada especialmente a você, mas sim colocada à disposição dos amigos e seguidores daquele que compartilhou. O mesmo acontece no Instagram que mantém uma área de atualizações das postagens dos perfis que seguimos. A iniciativa de engajar-se na leitura ou inteiração acaba subordinada ao nosso interesse (positivo ou negativo) a respeito do assunto em questão, e não a uma demanda direta de um interlocutor com quem temos algum nível de relação.

Em relação à cadeia de transmissão, o caminho que aquela mensagem percorreu para chegar até você não é visível. Conhecemos apenas, a princípio, a sua fonte imediatamente próxima. Isso significa que grande parte da credibilidade da mensagem depende apenas da relação de confiança que temos com quem no-la enviou. Ora, se a minha mãe (ou meu irmão, ou meus amigos, colegas da faculdade ou do trabalho) não costuma mentir aleatoriamente ou sistematicamente para mim, e se não tenho razões para desconfiar do seu julgamento ou inteligência, por que eu não acreditaria que as vigas da Perimetral foram achadas em Rezende?

A questão é que esse processo pode se repetir sistematicamente por milhares de ciclos de envio e atribuição de plausibilidade relacional sem jamais ser faticamente verificado. Isso ocorreria não por negligência de cada um dos envolvidos, mas como simples consequência da confiança que as pessoas têm umas nas outras e a relativa invisibilidade do longo caminho percorrido pela mensagem.

Se ele fosse visível, e as pessoas percebessem que a confiabilidade daquela mensagem não está tão atrelada àquele que a enviou, mas sim ao seu autor original, com quem o recebedor provavelmente não compartilha qualquer relação ou afinidade, o ímpeto pela desconfiança e checagem da informação seria muito maior. Não por acaso a plataforma implementou, como uma das medidas para combater o alastramento de notícias falsas, a sinalização de que a mensagem foi “encaminhada” e, portanto, não originalmente redigida pelo seu remetente. Esta sinalização não esclarece, no entanto, nem o autor original, nem o tamanho do caminho percorrido, mantendo ainda grande parte da ponderação a respeito da mensagem atrelada à relação entre remetente e destinatário. A abstenção da conferência não está relacionada a uma falta de conhecimento ou atenção, mas a uma abdicação da conferência em favor da confiança que se tem naquele que é a fonte imediata da

mensagem. Por conseguinte, a corrente de transmissão só para quando alguém na ponta se dá ao trabalho de conferir.

A “polêmica do ovo de plástico chinês” é um exemplo recente bem caricato de disseminação e extinção rápida de um boato estapafúrdio. Começou a circular através de aplicativos de mensagens um texto acompanhado de algumas imagens e um vídeo onde se afirmava, resumidamente, que na China haviam fábricas onde se transformavam restos humanos (?) e plástico em objetos semelhantes a ovos de galinha (havia até um suposto número de dúzias produzidas por ano) que eram, então, exportados e vendidos para o Brasil. As fotos que acompanhavam eram de ovos fritos ou pessoas manuseando ovos crus com gema estourada. O vídeo consistia em uma senhora repetindo que era verdadeiro o boato enquanto manuseava ovos que dizia terem a casca muito fina e uma membrana plástica firme em seu interior.

Recebi a mensagem de uma pessoa em quem confio muito e por isso mesmo, li atentamente tudo que me envia. Esta pessoa, por sua vez, dizia ter ficado preocupada por saber que eu gosto muito de ovo e que recebeu a notícia de uma outra pessoa a quem chamou na mensagem em seguida de “uma pessoa séria e esclarecida”. Pois bem.

Minha relação com aquela pessoa me predispõe a confiar no seu julgamento, mas também a ter interesse pelo que ela me envia, o que fez com que eu imediatamente lesse atentamente todo o conteúdo. Meu amigo, por sua vez, leu apenas as letras em caixa alta do texto encaminhado e assistiu ao vídeo, abdicando, em função de sua confiança naquele que lhe enviara, de ler por completo o texto flagrantemente estapafúrdio. Ao apontar problemas como a inviabilidade prática de se produzir uma planta industrial na China especializada processar “restos humanos” e plástico em ovos, ou o fato de que o Brasil não importa ovos da China, enfrentei ainda certa resistência sob a justificativa da confiabilidade da “pessoa séria e esclarecida” e o testemunho dramático no vídeo. Apenas ao apontar com veemência o trecho que falava em “restos humanos” e uma série de erros ortográficos ao longo do texto pude convencer meu amigo de que se tratava claramente de um boato sem pé nem cabeça. Poucas horas depois vi minhas redes sociais serem povoadas com diversas versões do mesmo boato (em geral sem o detalhe dos “restos humanos” que funcionariam facilmente como ponto de detecção de fraude) acompanhadas de questionamentos a seu respeito. No dia seguinte já

circulavam alertas sobre a falsidade da história e em menos de uma semana a grande mídia já produzia extensas matérias explicando aos últimos ingênuos a sua inveracidade.

As redes sociais muitas vezes funcionam como um termômetro desse tipo de corrente de boatos polêmicos, pois dependendo da sua composição funciona como instância de teste e refinamento e não só como disseminadoras. Isso ocorre quando o boato atinge algumas pessoas que se dão a esse trabalho de conferência, detectam as inconsistências e rapidamente passam a divulgar a falsidade do conteúdo original. Sua rede de relações passa então a receber tanto o boato quanto seu desmentido.

Em plataformas mais abertas ou públicas, como o Facebook ou Twitter, diferentemente do WhatsApp, se pode ver mais claramente o caminho da mensagem e ali a relação pessoal entre quem envia e quem recebe não tem mais um papel tão crucial na deliberação do recebedor.

O uso da fofoca para a criação e manutenção de laços de intimidade e confiança pode funcionar também em searas muito mais aprazíveis, como da formação e o fortalecimento de amizades, maior entrosamento entre colegas de trabalho e até mesmo no combate à sensação de solidão. Fofocar também une e alivia as pessoas.

No entanto a relação de confiança que a fofoca proporciona pode ser ainda aliciada para outras modalidades de uso, como é o caso da manipulação das informações, situações, emoções e reações, como vemos a seguir.

#### 2.4.5. MANIPULAÇÃO

O uso da fofoca para manipulação é uma das suas modalidades mais notáveis e lembradas, tanto em relação às suas consequências negativas para o interlocutor: enganar, induzir ao erro de julgamento, mentir; quanto em relação ao aspecto reputacional negativo do fofoqueiro: aquele que produz intrigas, que joga pessoas umas contra as outras, que quer obter alguma vantagem a partir da desgraça alheia.

Este uso está claramente conectado com os dois elementos muito frequentes nas fofocas (mas não absolutamente indispensáveis, como vimos): A Mistura e principalmente a Intenção, como veremos.

Trato aqui da manipulação no sentido de se influenciar a percepção da realidade, as conclusões ou compreensões e o comportamento de indivíduos ou grupos através da fofoca. Isso implica na seleção cuidadosa de informações, abordagens e interlocutores para a configuração de um quadro final que venha a produzir o resultado desejado. É nessa seleção cuidadosa que se torna indelével a presença do elemento da Intenção (mesmo que apenas no estágio inicial da fofoca, ou seja, no momento em que a primeira fofoca sobre um tema é proferida).

No uso da fofoca para a manipulação de opiniões e comportamentos, a intenção pode não estar presente em toda a cadeia de fofocas, mas apenas em seu ignitor (iniciador). Neste caso o uso da fofoca para manipulação é feito apenas por ele, e não necessariamente pelos demais repetidores da fofoca. Por exemplo:

Na obra de Manuel Antônio de Almeida “Memórias de um Sargento de milícias” de 1854, a personagem Comadre, com o objetivo de denegrir a imagem de José Manuel diante de Dona Maria, conta-lhe uma fofoca completamente mentirosa. José Manuel é concorrente de Leonardo (afilhado da Comadre) na pretensão à mão de Luízinha, sobrinha de Dona Maria. A Comadre diz então a D. Maria que o responsável pelo rapto de uma mocinha sob o Oratório de Pedra (fofoca que circulava pela cidade) era José Manuel. A Comadre se faz ainda passar por testemunha ocular do fato, agregando assim, maior credibilidade à sua fala e tornando, ao mesmo tempo, o conteúdo da fofoca mais interessante e mais grave sua mentira.

A manipulação é imediatamente eficaz: D. Maria começa a duvidar da reputação e honestidade de José Manuel. Vendo seu sucesso no convencimento, a Comadre continua sua fofoca manipuladora:

A comadre, vendo estas boas disposições, aproveitava-se delas para fazer melhor o seu papel, e respondeu:

— Pois também o que se havia de esperar de um sujeito como aquele?... um homem que não abre a boca que não minta... que tem uma língua de Lúcifer?... Quem contasse com aquilo era mesmo para se perder.

— É verdade, senhora; nunca vi mentiroso, nem maldizente maior...

Nunca D. Maria até então tinha encontrado em José Manuel as qualidades que agora descobria tanto em relevo. (ALMEIDA, 2011, p. 141)

O uso que a Comadre faz da fofoca neste episódio é claramente manipulativo e teria sido eficaz, não fosse o desmentido posterior. Mas esse uso é claro justamente por estar sendo feito pela ignitora da fofoca (a Comadre) diretamente ao alvo da manipulação (a D. Maria). Se a Comadre, ao invés de ir direto a seu alvo, preferisse fazer a fofoca a uma amiga próxima de D. Maria, ou seja, se a Comadre

espalhasse a fofoca para que, através de uma rede de repetidores esta chegasse indiretamente à Dona Maria, não necessariamente estes repetidores estariam envolvidos como diretos manipuladores, mas provavelmente como manipulados pela Comadre.

Isto porque eles não necessariamente estariam interessados em danificar a reputação de José Manuel (e talvez sequer o conhecessem), mas sim em contar a novidade uns para os outros. A deterioração da reputação de José Manuel perante D. Maria seria, para eles, apenas um efeito colateral, enquanto que para a ignora da fofoca seria seu objetivo manipulatório direto. O uso da fofoca para manipulação não seria então, necessariamente, protagonizado por eles.

No caso desta modalidade de uso, o elemento da intenção precisa estar associado ao menos ao ignitor da fofoca. Já o elemento da mistura não é imprescindível, apesar de ser muito frequente. No exemplo acima ele ocorre: a Comadre envia fatos que já estão em circulação nas redes de fofocas da cidade com as suas próprias mentiras para potencializar os efeitos de sua fofoca.

Mas também é possível manipular as pessoas a partir da dosagem de informações completamente verdadeiras (como já exemplifiquei anteriormente), ou por informações de caráter narrativo ou memorial não definitivamente verificáveis, como é o exemplo do uso da fofoca para manipulação presente no trabalho de Elizabeth Colson. Ela relata que cada família Makah fofoca a respeito das outras famílias rivais de maneira a desmerecer a reivindicação de status mais elevado (o de descendentes de chefes) daquelas. A disputa interfamiliar por status e poder se dá ali fortemente no campo das fofocas, que, entre outras coisas, tentam manipular opiniões, reputações e narrativas em favor próprio e desfavor alheio.

Se elas são ou não eficientes, isso já não interfere na sua modalidade de uso, pois este uso está justamente atrelado à intenção do fofocador (ou fofocante) e não somente aos resultados. O uso manipulatório da fofoca pressupõe a vontade do seu ignitor. Por outro lado, temos também o vislumbre de que nem toda fofoca é usada para a manipulação, apesar de pensarmos tão frequentemente nisso.

A fofoca tem diferentes tipos de atores, ainda que aparentemente estejam no mesmo lado da relação. Aquele que fala a fofoca pode muito bem ser seu autor (estar ele iniciando o fluxo com informações em primeira mão, ou mesmo sendo o primeiro a organizá-las em uma fofoca), seu repetidor (estar contando e espalhando uma fofoca através de mais fofoca feita por ele mesmo) ou mesmo um pouco de

cada, se estiver adicionando elementos próprios como opiniões e juízos a fofocas que escutou anteriormente. É possível que sequer seja viável, em alguns casos, detectar propriamente quem é o fofocante e quem é o interlocutor, uma vez que ambos podem participar ativamente e que a fofoca não se trata apenas da informação transmitida, mas da situação em si. É ingenuidade pensar que sempre encontraremos a configuração ideal de um fofoqueiro comunicando a fofoca perfeita para seu interlocutor que apenas escuta atento e em silêncio. É necessário também atentar para os momentos em que se trata da fofoca como substantivo referente ao conteúdo e quando se trata dela como situação para não confundí-los<sup>56</sup>.

Entre os Mehináku estudados por Thomas Gregor, por exemplo, a percepção da fofoca parece intimamente atrelada a essa visão da manipulação através de interpretações forçadas, maliciosas ou mesmo falseadas, para ferir ou atacar outras pessoas. O uso da fofoca dessa maneira é tão frequente que os Mehináku se mostram céticos em relação ao que lhes é dito. A ponto de Thomas Gregor acentuar a sua ligação com a noção de mentira e falsidade e comentar o fato de a palavra “mentiroso” ser habitual em seu vocabulário mesmo desde a infância:

Uma limitação à comunicação verbal é o saudável ceticismo dos Mehináku sobre muito do que eles ouvem. Este ceticismo é baseado em duras experiências. Eles sabem que muitas das notícias e fofocas que circulam pela aldeia resultam falsas. (GREGOR, 1982, p. 98)

(...)

Embora os Mehináku não sejam conscientes sobre fontes de erro na transmissão de notícias, sua principal explicação para a comunicação falha é a falsidade deliberada. As notícias que se revelam incorretas são normalmente chamadas *miulikí*, mentira ou rumor intencionalmente falsos. (GREGOR, 1982, p. 100)

Ele chama atenção justamente para o elemento da intenção para o mal, a “falsidade deliberada”, marca da percepção dos Mehináku sobre a fofoca. Gregor destaca o uso para “ferir uns aos outros por meio de histórias odiosas” que ali se faz a fofoca, consequência e motivador dessa percepção negativa:

Tanto quanto com a fofoca, os habitantes da aldeia ajudam deliberadamente a ferir uns aos outros por meio de histórias odiosas. O mentiroso “adiciona dor” ou “pimenta” à fofoca para fazê-la ferir. Para ilustrar, um dos habitantes da aldeia fora reconhecidamente tido como mentiroso mal-intencionado. Suas histórias eram tão incisivas que ele era chamado “o que faz bem a coisa” (*awushatumalaitsi*) (...) Seu principal método era tomar um conjunto de fatos geralmente conhecidos e interpretá-los de maneira desonesta. (GREGOR, 1982, p. 101)

Nessa manipulação para fazer o mal ficam claras tanto a intenção (de prejudicar, de manipular opiniões em um sentido negativo), quanto a mistura,

---

<sup>56</sup> Sobre as diferenças entre os papéis desempenhados pelas pessoas dentro da estrutura mais ampla da fofoca, isto é, seu grau de envolvimento, como ignitores, espalhadores/repetidores, vítimas, alvos e etc, falarei mais adiante.

quando ele fala na “adição de pimenta” e na interpretação desonesta de fatos conhecidos, não necessariamente falsos.

Mas o uso da fofoca para manipulação não funciona apenas na pequena escala (ou na escala pessoal). Tanto por ser a fofoca capaz de carregar diferentes tipos de conteúdo quanto por poder ser feita não só no boca-a-boca (ou melhor, boca-a-ouvido), mas também por escrito, o que é altamente potencializado pelas novas plataformas e mídias digitais cada vez mais naturalizadas em nosso cotidiano comunicativo.

#### *2.4.5.1. A fofoca como veículo de manipulação de populações: operação em larga escala*

Muito além da esfera íntima e individual, podemos também detectar o uso da fofoca para manipulação em grande escala. Estando esse uso sempre atrelado a uma intenção, é imprescindível a identificação do seu sujeito. Vejamos o exemplo de uma sequência de fofocas onde F representa alguém que fofoca ativamente, I é um interlocutor que não fofoca exteriormente (não repassa a fofoca que recebe) e IF é um interlocutor que recebe e repassa a fofoca através também de uma fofoca - e não através de alguma outra modalidade de comunicação que não envolva transmissão, ocultação e informalidade, como seria o caso de um noticiamento transparente da fofoca em jornal, uma análise da fofoca em um estudo antropológico, como o de Elizabeth Colson ou em uma assembleia em público.

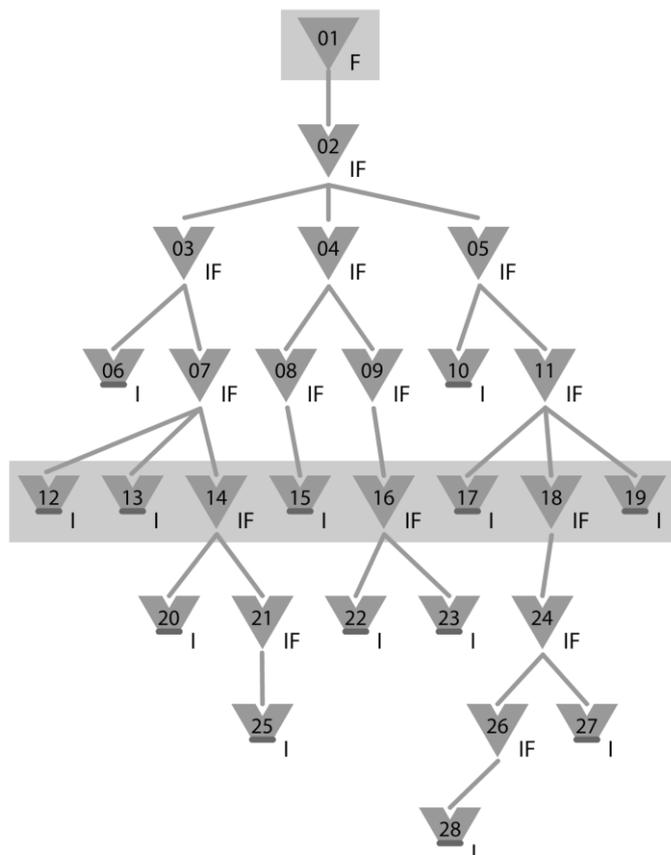


Figura 11 Exemplo simplificado de circulação de uma fofoca

Se F1 (Fofoqueiro 1) pretende usar a fofoca para manipular opiniões acerca de um assunto em especial como política ou moral ou acerca de uma pessoa determinada, seja ela um particular conhecido apenas pela comunidade, seja ela muito famosa, ele não precisa fofocar pessoalmente com cada um dos indivíduos de nº 2 a 28.

Digamos que seu objetivo seja destruir a reputação de uma pessoa que sequer o conhece, mas que concorre com F1 por uma vaga de emprego. F1 faz uma varredura nas redes sociais de sua vítima e “desenterra” vários eventos antigos, conexões, opiniões e piadas desabonadoras de sua reputação especificamente em relação àquela vaga de emprego.

#### EXEMPLO

Digamos que as pessoas encarregadas da seleção estão na coluna entre I12 e I19, e não fazem parte do círculo pessoal de F1. Ele não poderia ir diretamente fofocar a respeito de seu concorrente a elas porque não as conhece e porque restaria óbvio a sua tentativa não necessariamente desonesta, mas moralmente reprovável e mesquinha de desabonar seu concorrente. Ele vai então até IF2 que é seu amigo e conhece pessoas que trabalham na empresa (ou ele mesmo trabalha) e faz sua fofoca revelando as informações controversas, aproveitando para adicionar

suas opiniões negativas pessoais sobre aquela pessoa. Ele usa informações verdadeiras que coletou, mas escolhe especificamente um interlocutor que compartilha de suas opiniões e que vai muito provavelmente repercutir aquelas informações. IF2 então fofoca com outros colegas (IF3 a IF5) sobre o tipo de pessoa que é um dos candidatos à vaga, não necessariamente com a intenção de beneficiar F1. A intenção pode ser apenas de entretenimento ou geração de assunto durante um intervalo de trabalho. IF3, 4 e 5, por sua vez, dão segmento à fofoca para I6 a IF11. Mas eis que IF5 conhece 2 componentes da equipe de seleção (I10 e IF11) e acha por bem informá-los a respeito das características censuráveis de um dos candidatos, inclusive sem saber que elas foram espalhadas por seu concorrente. I10 e IF11 de posse dessas informações negativas decidem então dar a vaga a F1 de quem não receberam qualquer comentário (negativo ou positivo). F1 termina por ser avaliado por seu currículo e seu concorrente pela reputação maculada.

Pouco importa para F1 se as informações chegaram à comissão exatamente como ele as fofocou. E pouco importa para nós se IF5 transferiu essas informações a I10 e IF11 através de uma fofoca (durante uma conversa na hora do café, no elevador, sem que outras pessoas vissem, ou mesmo precedida por um “não comente com ninguém, mas...”) ou em qualquer tipo de comunicação pública ou institucional, como através de um e-mail recomendando a reprovação daquele que não condiz com os parâmetros éticos da empresa por tais e tais motivos. O que nos importa é que a fofoca de F1 foi produzida para manipulação de conclusões e ações alheias e, neste caso, surtiu o efeito desejado. Ainda que não tivesse alcançado os membros da comissão, ainda que nenhum dos outros agentes de comunicação tenha continuado a espalhar a fofoca pelas mesmas razões (para manipulação), e ainda que a fofoca tenha chegado a outras pessoas que não eram seu alvo, F1 usou a fofoca para manipulação. Para quaisquer dos outros agentes o uso pode ter sido outro como o lúdico informacional, por exemplo.

Agora imaginemos se a intenção de F1 não fosse só denegrir um concorrente no emprego, mas sim eleger ou derrubar um presidente, ou subir o preço das ações de uma empresa. E se F1 não é necessariamente uma única pessoa, mas um grupo, ou mesmo uma organização inteira agindo de maneira coordenada.

Esse uso manipulatório da fofoca e de redes de fofocas já consolidadas, pode ser também aplicado em larga escala e para fins muito variados, da política ao mercado de ações, da reputação de um grande ator às disposições de cooperação e não cooperação de uma população tutelada na guerra.

O espalhamento de rumores (boatos, notícias interpretadas de maneira truncada ou desonesta, teorias da conspiração, etc.) através das redes de fofocas (pessoais ou mesmo através de meios digitais), principalmente em núcleos já estabelecidos (como entre grupos de pessoas que já compartilham algum tipo de afinidade política, familiar, identitária, de interesses, etc.) tem sido constantemente utilizado para manipulação de opiniões em grande escala.

É neste ponto que o estudo da fofoca se aproxima muito de fenômenos como o propagação de *fake news*, teorias da conspiração e rumores. A fofoca tanto espalha rumores (porque ele pode ser uma de suas modalidades de conteúdo) quanto os rumores podem também ser espalhados por meios que não são a fofoca, como por exemplo sites, blogues de jornalismo duvidoso, ou até cartazes incitativos colados pelas ruas.

As redes comunitárias de fofoca podem se tornar veículos de disseminação e, inclusive de distorção muito eficazes, rápidos e convincentes. Por redes de fofocas me refiro não à capacidade de fofocar de apenas duas pessoas, mas à recorrência de fofocas em um fluxo e ambiente determinado. Por exemplo quando sabemos que as pessoas de um bairro, de um clube ou de uma igreja costumam fofocar entre si, e que se falarmos algo de interesse para o membro A ou B deste grupo, é provável que em breve todo o grupo saiba ou que certos membros específicos o saibam.

Redes de fofocas se formam em geral entre pessoas que têm algo em comum entre si, desde parentesco, proximidade geográfica ou interesses comuns. A sua formação depende, claro, das características e disposições de cada grupo social.

Hoje com a importância do meio digital na comunicação, a fofoca pode ter alcances muito mais amplos e diversos. Novas redes e conexões interpessoais antes improváveis tornam-se importantes para a disseminação e ação de fofocas, mesmo entre pessoas desconhecidas entre si. Um exemplo muito marcante é a atividade em grupos de interesses no Facebook.

Observei grupos de moradores de bairros, onde a rede de fofocas é extremamente ativa, e onde transitam os mais variados assuntos: dos gatos de rua aos assaltos, do alagamento pela chuva a vizinhos colocando fogo no matagal, do problema na entrega de ceias de natal encomendadas, ao pedreiro acusado de paquerar a dona da casa que contratou seus serviços em troca de um sofá usado.

Há também pessoas que funcionam como nós comunicativos. São aquelas que têm muitos pontos de comunicação e confiança com outras pessoas, grande

capacidade de influência (seja qual for o motivo), acesso a diferentes redes de comunicação ou, como interessa ao nosso estudo, porque são muito fofocueiras mesmo.

A identificação de redes de fofoca e de seus perfis -chave (os nós) e seu monitoramento pode permitir uma medição de como andam os humores e tendências de uma comunidade e, mais importante: facilitar a manipulação destes.

As PSYOPS (*Psychological operations* / Operações psicológicas) especificamente dos Estados Unidos, operações que trabalham geralmente com a dosagem de informações para influenciar o comportamento, decisões, disposições e mesmo sentimentos de pessoas, grupos e até governos, frequentemente utilizam a disseminação de rumores através de redes de fofoca para alcançar seus objetivos.

Em “*Triangle of death: Strategic communication, conter-insurgency operations, and the rumor mil*”<sup>57</sup> dos especialistas em teoria narrativa, comunicação estratégica e estudos de mídia Daniel Bernardi e Scott W. Ruston (2013), temos uma ideia de como redes resilientes de rumores podem facilitar ou mesmo impedir a comunicação estratégica em certos territórios, em tempos de instabilidade política, ansiedade coletiva e levantes sociais (2013, p. 71).

Ali Bernardi e Ruston relatam as dificuldades que a Coalizão Norte-americana teve no Iraque em 2005 com a sua comunicação de contra-insurgência. Os “insurgentes”<sup>58</sup>, através do acionamento de redes de rumor já bem estabelecidas na região, impediam com grande eficácia o estabelecimento da imagem das forças de Coalizão como libertadoras. Segundo os autores, o Iraque já possuía desde o governo de Sadan Hussein sólidas redes de rumor. Estas eram tidas pela população como fontes seguras de informação, principalmente nas áreas rurais, provavelmente por conta da precariedade dos meios de comunicação e pela confiabilidade de certos elos dessa rede (certas pessoas). Sabendo disso os insurgentes espalharam, entre outros rumores, o de que a Coalizão pretendia matar de fome a população através do envenenamento das criações de animais dos fazendeiros (aproveitando uma ação de vacinação em massa do gado por ela perpetrada).

---

<sup>57</sup> “Triângulo da morte: Comunicação estratégica, operações de contra-insurgência e o moinho do rumor”, em tradução minha.

<sup>58</sup> “Insurgentes” é o termo utilizado para denominar indivíduos rebelados remanescentes em um território já dominado. Táticas de contra-insurgência são principalmente estratégico-militares de contenção da atuação de tais indivíduos em um território.

A estabilidade das redes, o estado de espírito, a maneira como aquela população encara este tipo de comunicação (como sendo confiável e plausível), e a própria força dos rumores permitiram que os insurgentes tornassem inócua ou dificultada a comunicação e relacionamento da Coalizão com a população. Isso deixou a população mais aberta a cooperações com as ações insurgentes (seja de maneira direta com o engajamento de força, seja de indireta com a tolerância de suas atividades).

Neste caso, quem conseguiu manipular as redes de comunicação informal (porque as conheciam melhor e mais de perto) foram os insurgentes, muitos destes pertencentes às próprias comunidades e detentores de laços afetivos, comunitários e de parentesco ali. A Coalizão precisou compreender o funcionamento dessa rede para ao menos conter parte dos efeitos dos rumores.

É necessário notar que, apesar de o estudo falar apenas em rumores, isso ocorre por conta de seu enfoque no conteúdo das informações, suas mutações e seus efeitos. Mas quando se fala em espalhar rumores (*spread rumors*), devemos levar em conta que isso se faz também através da prática da fofoca. Se o foco do estudo fosse também na forma como se constituíam e mantinham unidas as redes de rumor e a forma como se davam essas transmissões, é provável que se chegasse nas fofocas. Até mesmo para se desencadear alguns rumores com eficácia, seriam necessárias algumas fofocas incisivas e opinativas. Afinal não se espalha um rumor apenas indo em praça pública ler um comunicado ou falar sobre um palanque.

A fofoca, com suas redes bem mapeadas e estrategicamente direcionada pode literalmente funcionar como arma de guerra. E assim como seus assuntos podem trazer uma pista da disposição emocional de quem a pratica, a fofoca pode também manipular esses mesmos ânimos de uma população. Um caso bem conhecido desse gênero foi a tentativa dos alemães nazistas de baixarem a moral e denegrir a reputação das tropas polonesas na Segunda Guerra Mundial espalhando a fofoca de que eles estavam atacando os tanques a cavalo e golpes de lança como se fossem idiotas sem dimensão da diferença de poderio de uma divisão de tanques contra uma cavalaria. O que aconteceu de fato foi a Batalha de Krojanty em 1º de setembro de 1939, onde a cavalaria polonesa conseguiu dispersar com grande vantagem os soldados da infantaria alemã, retardando o seu avanço. Quando os tanques alemães efetivamente chegaram junto com metralhadoras, os poloneses se retiraram imediatamente, perdendo sim a batalha, mas não como loucos.

Correspondentes de guerra aliados aos alemães foram chamados, assim como foram produzidas imagens fictícias para documentar a batalha de maneira a ridicularizar os Poloneses.



Figura 12 Uma das imagens veiculadas para representar a batalha de Krojanty.

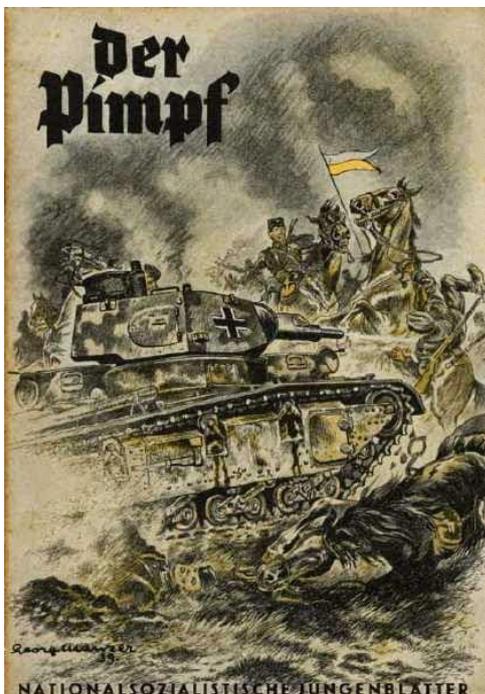


Figura 13 Capa de edição da revista da juventude Hitlerista de 1939 onde poloneses aparecem atacando tanques com a cavalaria.

Tal empreitada narrativa foi tão bem sucedida que até hoje há quem pense ser verdadeira a carga da cavalaria polonesa contra a divisão de tanques alemã, moldando por um longo tempo, mesmo relato histórico desta batalha.

Hoje o uso da fofoca para manipulação tem a possibilidade de se expandir em escalas muito mais amplas e, mesmo, de ser aplicado de maneira muito mais eficaz. Isso ocorre porque agora é possível selecionar com maior precisão tanto os alvos quanto os fofoqueiros (espalhadores) mais eficientes.

Com a capacidade de análise de dados na escala do *big data*<sup>59</sup>, é viável traçar possíveis redes de fofocas (tanto no mundo das relações pessoais quanto digitais), calcular seus alcances detectar pessoas mais suscetíveis a espalhá-las, com mais conexões, alcançando assim mais pessoas.

Qualquer campo das relações humanas que esteja sujeito à opinião de seus atores (e não somente a métodos científicos, por exemplo) é um campo manipulável pela fofoca, desde os mais corriqueiros cenários da vida privada aos campos político e econômico.

Já existem estudos hoje que são capazes de rastrear e mapear em ambiente digital os caminhos frequentes de disseminação de informações, tanto concernentes às relações sociais que as pessoas cultivam entre si (vizinhos, conhecidos, colegas, parentes, patrão e empregado), quanto em relação às camadas comunicativas existentes em ambientes on-line (como os influenciadores digitais, mas também caminhos tradicionais, como blogues e sites de notícias verificadas ou não, geridos por pessoas com as quais não necessariamente temos algum tipo de relação fora do campo informativo).

No atrigo “*How Rumors Spread and Stop over Social Media: a Multi-Layered Communication Model and Empirical Analysis*” de Zhiwei Qin, Jian Cai e H.Z. Wangchen, já referido anteriormente, eles trazem um método de análise do espalhamento e desaparecimento de rumores em mídias sociais que leva em conta

---

<sup>59</sup> “*Big data*” é o termo utilizado em tecnologia da Informação para se referir à área do conhecimento que se dedica a tratar e analisar conjuntos muito grandes de dados e deles obter informações, seja diretamente, seja a partir do cruzamento desses mesmos dados. São também conjuntos de dados muito grandes para serem processados manualmente ou por sistemas comuns. Exemplos de conjuntos de *big data* podem ser bancos com senhas, e-mails, nomes e dados pessoais de milhares de consumidores de uma dada empresa, ou de perfis do Facebook associados a informações de suas atividades online, de compras a comentários.

esses dois campos de relações interpessoais, as sociais e as de comunicação (o que chamam de “*Multi-Layered Communication Model*” (QIN, CAI, & WANGCHEN, 2015).

De acordo com seus estudos é possível detectar núcleos de disseminação de rumores. Pessoas com muitas conexões sociais são em geral fortes irradiadoras de rumores, pois podem repassá-los a mais pessoas que os tomarão por verdade (ainda que parcialmente) com base na relação estabelecida entre indivíduos. Pessoas com grandes números de conexões comunicacionais também são fortes irradiadoras de rumores, para uma esfera mais ampla. Esses pontos (pessoas) com grande número de conexões são chamados de nodos “*nodes*”. Quando duas camadas se cruzam (a das relações com a da comunicação) e esses nodos coincidem, eles se mostram ainda mais poderosos. Por exemplo, acreditamos (e repercutimos) mais em informações quando desenvolvemos algum tipo de relação afetiva, afinidade ou de confiança, ainda que unilateral, com aquele nodo. É o caso de um influenciador digital do qual gostamos e no qual acreditamos, ou mesmo um jornalista de nossa confiança, um âncora de jornal, ou um fofoqueiro com credibilidade. A estratégia de manter jornalistas âncoras em jornais diários é uma forma simples e eficaz de produzir essa anuência da audiência a partir da construção de uma familiaridade e afinidade com apresentador que repetidas vezes já noticiou de maneira verificada como confiável: “Se o Boechat falou, deve ser verdade, confio nele.”

O que poderia parecer bastante óbvio (é claro que pessoas com mais conexões podem transmitir rumores e fofocas com mais eficácia em termos de alcance), passa a ser rastreável e quantificável em ambientes digitais.

O estudo de Zhiwei Qin, Jian Cai e H.Z. Wangchen constrói , não só uma maneira de detectar esses nodos, como também de detectar a rede de nodos menores à sua volta, tornando possível a visualização do caminho do rumor, assim como outros aspectos típicos das informações não oficiais e não confirmadas: a produção de ruídos pela deterioração das informações (e anexação de especulações) e o efeitos de eventuais confrontamentos com informações verificadas aos quais elas são submetidas ao longo do caminho.

O cruzamento de todos esses dados pode fornecer pontos onde plantar fofocas pode ser mais estrategicamente vantajoso e eficaz. Cálculos que, em escala comunitária, o típico fofoqueiro já saberia fazer muito bem (saber com quais

interessados falar para que cada fofoca se espalhe mais rápido e melhor) passam a ser aplicáveis à grande escala.

Recentemente ocorreu o episódio já bastante documentado pela mídia do uso de *big data* para seleção de perfis para o espalhamento de notícias falsas na eleição norte americana. Esse evento e a crescente onda das chamadas “*fake news*” que enganam e influenciam politicamente a população são de interesse para o nosso tema, uma vez que estas são assiduamente disseminadas através da fofoca (fenômeno) e funcionam como fofocas (substantivo referente ao conteúdo). São frequentemente informações com alguma carga de ambiguidade e de difícil confirmação, além de possuírem elementos opinativos e morais, conteúdos muito mais caros à categoria da fofoca que à jornalística. Nem toda *fake news* é fofoca, muitas são apenas notícias tendenciosas ou interpretadas maliciosamente, mas sem necessariamente apresentar alguma carga de ocultação ou informalidade que permita a configuração da fofoca. Muitas das notícias classificadas como falsas sequer o são. Notícias podem ser falsas para suas vítimas e verdadeiras para seus beneficiados, sejam elas maliciosamente distorcidas ou não. Vejamos:

#### EXEMPLO

Joãozinho foi aos Estados Unidos fazer uma especialização na área de investigação criminal. Essa especialização se deu na forma de um curso ministrado por pessoal da área técnica de investigação do FBI. Joãozinho voltou para o Brasil com um “FBI” escrito no diploma do curso. Jornais e blogues noticiam as seguintes manchetes:

- 1- Joãozinho foi fazer uma especialização sobre investigação criminal nos EUA;
- 2- Joãozinho foi fazer uma especialização sobre investigação criminal no FBI;
- 3- Joãozinho foi fazer um treinamento no FBI;
- 4- Joãozinho foi treinado pelo FBI;

As duas últimas são manchetes chamativas e mais tendenciosas, de interpretação duvidosa, mas que não são completamente falsas nem verdadeiras, mas ambíguas. Uma vez complementadas em seu interior com o restante do conteúdo da notícia, elas podem ser melhor esclarecidas. Mas nem todos leem para além da manchete e, mesmo que o façam, já podem ter sua própria interpretação influenciada tanto pelo título, quanto por algum viés do *Confirmation Bias*.

Aqueles com inclinações favoráveis a Joãozinho podem chamar as duas últimas manchetes de *fake news*, enquanto aqueles com inclinações contrárias podem clamá-las verdadeiras. Aquele que se intitule neutro, provavelmente não poderia dizer nada além do “não é bem assim, mas não está totalmente errado”.

Ficamos à mercê das interpretações, nossas e alheias e de quais interpretações chegam até nós.

Levando em conta a carga simbólica contida na sigla “FBI”, inculcida e amplificada pela indústria cinematográfica, aqueles que são contra Joãozinho e, portanto, já têm uma inclinação a desconfiar dele podem chegar a conclusões como:

- 1- Joãozinho é treinado pelo FBI para atuar em favor de seus interesses;
- 2- Joãozinho é agente do FBI;
- 3- Joãozinho está a serviço do FBI;
- 4- Joãozinho é um agente e está a serviço do governo norte americano e para isso foi treinado pelo FBI.

É a circulação destas conclusões que se dá através da fofoca (fenômeno) e como fofoca (conteúdo), amplificadas pela apresentação das manchetes 3 e 4 como comprovação das hipóteses. O que as transforma em fofoca é justamente o ruído que elas adquirem através do boca-a-boca, ou seja: as pessoas as transformam em fofoca quando as transmitem e, principalmente, adicionam suas próprias opiniões e interpretações.

No caso das eleições americanas esse efeito foi potencializado pela união das notícias tendenciosas e manifestamente falsas ao “*microtargeting*”, seleção deliberada de perfis de personalidade e uma modalidade de postagem chamada “*dark posts*”.

A técnica do “*microtargeting*” é o direcionamento da ação para perfis alvo. Empresas como a Cambridge Analytica processam e separam perfis baseados nos dados comprados ou obtidos de empresas de redes sociais. Através do cruzamento desses dados com informações demográficas gerais (idade, sexo) com até 5000 pontos de informações a respeito de cada pessoa foram criados, no caso, 32 tipos de personalidades com tendências comportamentais e preferências próximas, permitindo uma seleção muito mais refinada de quem será exposto a qual tipo de informação.

*Dark posts* são uma espécie de conteúdo volátil direcionado, isto é: aparecem por um período curto de tempo para usuários específicos. Foram desenvolvidos como uma ferramenta de publicidade eficiente para o Facebook que permite que marcas ou empresas lancem propagandas para públicos muito específicos sem que estas postagens apareçam para todos e nem na página principal da empresa. O objetivo original desse mecanismo era evitar que usuários recebessem publicidade repetitiva de produtos ou serviços os quais já possuem ou não adequados a seus

perfis. Se uma empresa oferece produtos para escritório e donas de casa, uns não precisam ver os anúncios dos outros.

O que produziu o salto entre a notícia ambígua ou manifestamente falsa e o enorme fluxo de fofoca de alcance maior e mais rápido do que a capacidade de qualquer veículo de comunicação ou campanha eleitoral de controlar ou desfazer foi essa combinação entre *microtargeting* e *dark posts*. Durante a campanha à presidência Norte americana de 2016 ao invés de publicidade comum, esses *dark posts* foram deliberadamente utilizados para expor indivíduos específicos a notícias relacionadas à eleição, para disseminar notícias falsas, intrigas e conspirações a usuários volúveis no Facebook. Estas postagens aparecem de acordo com a pegada digital (*digital footprint*) de cada indivíduo – quais horas e por quanto tempo a pessoa fica online e onde. São postagens visíveis só pelos seus alvos e que desaparecem horas depois do horário estabelecido. Sendo invisíveis pelo público, outras pessoas não sabem que aquele alvo está exposto a elas, não podendo, portanto, reagir.

Vejam os a partir do exemplo de uma notícia completamente esdrúxula que alcançava tanto o aspecto da ilegalidade quanto da imoralidade mais revoltante e que circulou de maneira tão eficaz a ponto de produzir uma ação de justiça.

Circulou durante a campanha eleitoral norte-americana de 2016 que haveria, uma rede de prostituição infantil subordinada à Hillary Clinton, com sede em uma pizzeria em Washington.

Uma pessoa com perfil mais perspicaz, se exposta a esse tipo de informação, possivelmente a descartaria de plano, dado o seu nível de excentricidade e inverossimilhança. A partir do *microtargeting*, no entanto, é possível selecionar perfis que estariam mais propensos a acreditar e repercutir a história, como os neuróticos, pessoas que acreditam em teorias da conspiração, ingênuos, ou mesmo curiosos e pessoas que gostam de polemizar. Pessoas propensas a desconfiarem da notícia não eram expostas a ela de maneira direta.

Os *dark posts* além de seletivos são também voláteis: são enviados, mas não ficam disponíveis permanentemente e nem são visíveis na página inicial dos locais ou grupos que os enviam. Tornam-se assim informações fugidias e de difícil retorno para averiguação e contestação. Em caso de dúvida é mais difícil voltar a lê-la algum tempo depois. Dessa maneira, a informação é disseminada e não pode ser compartilhada ou confrontada senão via boca a boca, porque as postagens

desaparecem, deixando margem à deliberação opinativa de seus disseminadores e discussores.

Está aí dado o passo: com a seleção e o desaparecimento das notícias “semente”, sua difusão entra em nova fase pessoal e especulativa, onde fragmentos de notícias originais se misturam a ruídos, esquecimentos, interpretações, especulações, juízos e mesmo invenções de novos “fatos” em circulação em grupos de discussão, fóruns, WhatsApp, troca de mensagens, fotos, prints, telefonemas, entre outros. Quando alcança proporções grandes o suficiente para chamar a atenção da mídia, de pessoas que possam criticar ou desmentir fatos de opiniões ou mesmo da polícia, já é tarde demais, a rede rumorosa já está implantada e se ampliando com a força da curiosidade e paranoia aliada à vontade de desabonar a reputação, no caso, do adversário político, entre outras motivações.

Já nessa escala da fofoca digital, um outro artifício ajuda a ampliar suas proporções e a deixar, digamos, mais venenosa e inflamada: a utilização de perfis robôs<sup>60</sup>, em grupos de discussão principalmente no Facebook. Esses robôs se parecem com pessoas comuns e são programados para reagir de determinada maneira nem discussões (postagens públicas ou pessoais, comentários de blogues, e sites de notícias, etc.), além de replicar notícias, postagens e comentários favoráveis ao seu objetivo.

Há estudos a respeito do impacto de esclarecimentos, informações oficiais ou desambiguadoras sobre essas redes de fofocas e espalhamento de rumores. Em grande parte as fofocas sobre informações falsas são debeladas e têm sua incidência diminuída, ou passam para o debate público aberto, o que aí descaracteriza o fenômeno como fofoca. No estudo de (QIN, CAI, & WANGCHEN, 2015, p. 384) é possível ver graficamente que após a chegada de notícias devidamente verificadas, a rede de conexões e espalhamento de rumor deixam de se expandir, caindo assim, o número de novos conteúdos referentes ao tema produzidos por minuto.

---

<sup>60</sup> Os robôs são perfis não correspondentes a pessoas reais programados para, automaticamente, interagir com usuários e divulgar informações (falsas ou não), em geral enfatizando alguma ideia ou posição, que pode variar da moral à política ou determinados bens de consumo.

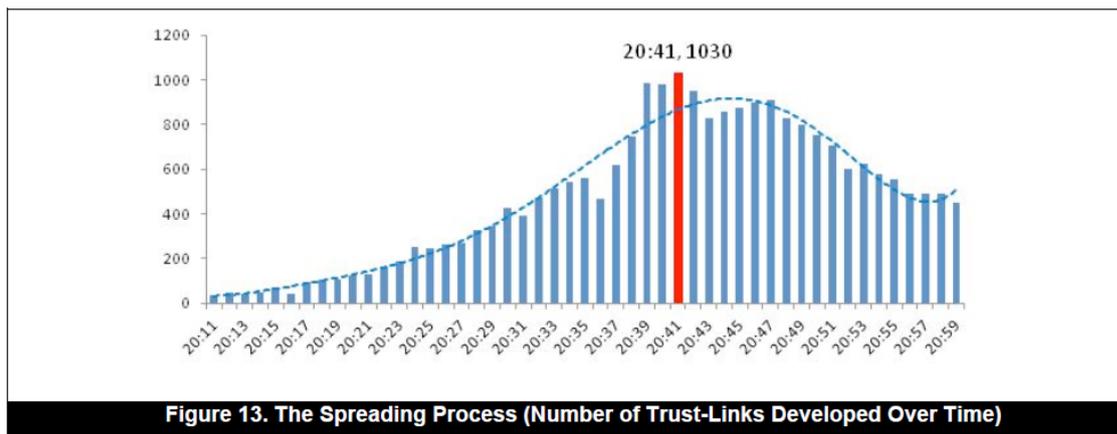


Figure 13 illustrates the total number of contents produced every minute. The red line shows the arrival of verified news. We included the emergent phase (20:11-20:21), the formation phase (20:21-20:36), and the spreading phase (20:36-20:41).

Gráfico 1 O impacto da chegada de notícias verificadas no processo de espalhamento de rumores, segundo estudo de QIN, CAI, & WANGCHEN (2015)

Este gráfico é uma comprovação do que desde os primeiros estudos sobre fofoca e rumor, como aquele de Allport (ALLPORT, 1947) já se aponta: o rumor e a fofoca morrem (em grande medida mas não sempre) quando a informação é esclarecida, quando desaparece a incerteza a respeito da informação<sup>61</sup>.

Mas para produzir seus efeitos sobre um episódio crítico específico e delimitado no tempo (no caso, prejudicar um dos candidatos na eleição presidencial), trata-se de uma estratégia muito eficiente. Pouco importa para os fomentadores da notícia falsa o que se faz dela depois, desde que surta seu efeito imediato desejado, seja em eleições, protestos ou mesmo na bolsa de valores.

Uma outra tática utilizada também para manipular a percepção através da impossibilidade proposital de rastreio da origem das mensagens é o “Astroturfing” a desinformação popular planejada ou orquestrada.

A expressão se origina da relação com outra expressão do inglês “grassroots” (raízes de grama) utilizada para denominar uma base de apoio popular legítima a ideias ou demandas. Uma demanda no congresso sem *grassroots* era algo sem

<sup>61</sup> Digo “em grande medida, mas nem sempre” pois, como demonstrei anteriormente, fofocas podem ser a respeito de fatos completamente verdadeiros e até bastante conhecidos. Três vizinhas podem focar sobre os casos extra-conjugais de uma outra bem conhecida e dos quais todas já têm conhecimento apenas para reforçar e demonstrar as bases morais às quais as três estão filiadas.

conexão ou apoio de uma base popular, portanto, sem um contingente de votos associados.

De acordo com Thomas P. Lyon e John W. Maxwell, em “*Astroturf: Interest Group Lobbying and Corporate Strategy*” de 2004, o termo “*Astroturf lobbying*” (fazer lobby Astroturf) foi cunhado a partir da referência em uma marca de grama artificial chamada “*Astroturf*”, insinuando que as *grassroots* (o apoio popular) do lobby seriam também fabricadas artificialmente (LYON & MAXWELL, 2004).

O *astroturfing* é bastante voltado para a produção de reações no campo político, mas não exclusivamente. Ele consiste em se fazer parecer que uma ideia, movimento ou iniciativa tem origens populares e espontâneas e não induzidas ou plantadas por seus interessados mais diretos. Funciona como uma estratégia corporativa de manipulação de público com ocultação dos seus investimentos financeiros direcionantes.

As pessoas não gostam de perceber que estão sendo manipuladas por interesses corporativos e políticos, mais ainda por ações financiadas, além de defenderem com muito mais paixão e convicção ideias às quais pensam terem chegado por si mesmas, ou pensam estar fazendo por iniciativa própria.

O objetivo da técnica é invisibilizar conexões financeiras (patrocínios, investimentos) de empresas, governos, grupos políticos, com as ideias e fazer com que elas tenham origem aparente em movimentos populares espontâneos.

Para além das técnicas já tradicionais, arriscadas e custosas de espionagem e infiltração de pessoal, uma das maneiras de se fazer *astroturfing* em ambiente digital é através da utilização dos já mencionados perfis robôs em sítios de debates públicos estratégicos, como blogues movimentados, postagens de perfis “nodo” (pessoas que representam enclaves com grande número de conexões, mesmo de diferentes áreas) como jornalistas e influenciadores, ou grupos de discussão tópica também bastante ativos.

A ilusão de espontaneidade dessa desinformação popular planejada pode ser criada através da simulação de um debate público e proferimento de opiniões protagonizados ou alavancados por estes perfis robôs. Sua quantidade e verossimilhança com perfis reais cria a ilusão de relevância para temas que talvez sequer fossem cogitados espontaneamente, ou de que opiniões que jamais teriam alguma repercussão.

Os verdadeiros ignitores daqueles assuntos acabam passando despercebidos pela maioria das pessoas, são descobertos às vezes com dificuldades por quem esteja efetivamente fazendo um rastreamento.

Por outro lado, quanto mais verossímeis são tais robôs, mais engajamento eles conseguem e mais difíceis de serem detectados. Hoje, com a ampla divulgação na mídia da existência de tais perfis frequentemente referidos como “falsos”, já é possível presenciar pessoas em discussões on-line detectando e denunciando a atuação de robôs, ainda que nem sempre acertadamente.

A questão que fica é que grandes volumes de robôs são capazes de fundar e impulsionar discussões (mesmo com a elevação da relevância de *hashtags* – tópicos - no Twitter), polêmicas, ações, demandas, e mesmo produzir pressão política, inibindo ações de governo, ou criando na sociedade a demanda de um produto que não surgiria espontaneamente. Uma vez conquistando o engajamento de pessoas reais nesses tópicos artificialmente inchados, o *astroturfing* está estabelecido.

Técnicas de manipulação de opiniões em grande escala mediante a disseminação de rumores por redes de fofoca locais já eram utilizadas mesmo antes da explosão da tecnologia digital pela qual passamos. Vide o exemplo dos rumores implantados para despistar informações a respeito do projeto Manhattan já mencionado anteriormente. Empresas de SCYOPS (operações psicológicas) que cruzam hoje a utilização de análise de *big data* com psicologia social já atuam em várias frentes, inclusive na guerra. Há estudos a respeito das SCYOPS especificamente centradas nas redes de rumor locais executadas em situações de guerra no Iraque e Afeganistão, como o já mencionado “*Triangle of death - Strategic communication, counterinsurgency operations, and the rumor mill*”<sup>62</sup> de Daniel Bernardi e Scott W. Ruston (2013) e “*Rumors in Iraq a guide to winning hearts and minds*”<sup>63</sup> de Stephanie R. Kelley (KELLEY, 2004), este último produzido como tese de doutorado na Naval Postgraduate School, mostrando como conhecimentos sobre a dinâmica de espalhamento informal de mensagens por redes de comunicação interpessoal são estratégicos e pesquisados e produzidos e utilizados pelas próprias forças armadas norte americanas.

---

<sup>62</sup> “Triângulo da morte - Comunicação estratégica, operações de contra-insurgência e o moinho de rumores”, em tradução minha.

<sup>63</sup> “Rumores no Iraque são um guia para conquistar corações e mentes”, em tradução minha.

Para muito além da manipulação dramática, pessoal e mesmo mesquinha do dia a dia, a fofoca bem manejada pode erguer ou derrubar carreiras, grupos de poder, empresas e mesmo governos.

#### 2.4.6. ALICIAMENTO

Vejam agora uma modalidade de uso à qual já me referi de passagem algumas vezes nesse estudo e que considero bastante peculiar: a fofoca aliciadora.

Nela algumas pré-compreensões a respeito do que é a fofoca cessam de funcionar perfeitamente sem, no entanto, deixarmos de observar que o fenômeno em questão é sim a fofoca.

A fofoca aliciadora é aquela, muitas vezes, que se faz entre desconhecidos e sobre temas ou indivíduos os quais o interlocutor da fofoca não necessariamente conhece ou é familiarizado. Isto significa que aqui, afirmações como “só se fofoca a respeito de pessoas conhecidas ou de coisas sobre as quais estão ambos interessados”, ou “só fofocamos com pessoas conhecidas e nas quais podemos confiar” não se aplicam. Vejam.

A fofoca aliciadora é também com frequência, feita por parte dos interlocutores para o antropólogo ou cientista social que adentra o campo e ainda não conhece todos os seus interlocutores.

Esse parece ter sido em parte o caso de Elizabeth Colson (COLSON, 1953), certamente e documentadamente foi o caso de Norbert Elias (2000) e mesmo eu pude observar tal modalidade de fofoca durante minhas pesquisas sobre o programa Bolsa Família em Niterói (BRITO, 2015).

A fofoca aliciadora se dá quando o indivíduo “A” fofoca para o indivíduo “B” de maneira a buscar que o juízo do indivíduo “B” seja semelhante ao seu em relação ao assunto da fofoca, seja ele uma pessoa em especial, uma coisa ou situação. Essa modalidade é aquela onde o fofoqueiro quer que seu interlocutor tome partido do assunto de maneira a concordar com ele, antes de conhecer pessoalmente o assunto da fofoca.

Poderia ser esta modalidade chamada simplesmente de manipulação, mas aglutinar muitos usos dentro de uma grande categoria seria, de certa forma, fechar os olhos para nuances e variações importantes do fenômeno e dar margem a lapsos

interpretativos comuns, como o de se presumir que só se fofoca a respeito de conhecidos (para ambos).

Este é claramente o caso narrado por Norbert Elias quando relata que alguns moradores da Aldeia (ELIAS & SCOTSON, 2000) fofocam a respeito de moradores do Loteamento os quais ele ainda não visitou e tentam, mesmo, dissuadi-lo de fazê-lo ao relatar condutas e juízos desabonadores a respeito do mesmos. Os moradores da Aldeia estão constantemente tentando aliciar Elias e Scotson para que tenham opinião e atitudes semelhantes às suas diante dos moradores do Loteamento. O fazem até mesmo para que, de preferência, sequer entrem em contato com os mesmos de modo a construírem suas próprias opiniões e, se o fizerem, que estas opiniões já estejam contaminadas pelas fofocas. O próprio Elias percebe e relata esse comportamento.

O mesmo parece se dar com Elizabeth Colson (COLSON, 1953) em relação às fofocas dos índios Makah, que ao defenderem suas versões particulares de quais famílias são descendentes de chefes ou escravos, parecem se aproveitar do fato de ela ser uma forasteira que depende em muito daqueles relatos para produzir uma genealogia da tribo. Cada família quer que seja escrita a sua própria versão e não a dos seus desafetos que são, assim, ainda mais desabonados diante da pesquisadora. Esses desabonamentos tentam também fazer com que ela ou não ouça, desconsidere, ou suspeite dos relatos de outras famílias já depreciadas.

No caso da minha pesquisa em 2013 (BRITO, 2015) as fofocas das beneficiárias do Programa Bolsa Família referiam-se a outras beneficiárias ou famílias sabidamente desconhecidas por mim. Pessoas da vizinhança das beneficiárias, conhecidos seus que não estavam presentes e que as beneficiárias me sabiam ignorados. Mas que sentido poderia haver em falar a alguém a respeito de pessoas que não se sabe quem são? Por que fofocar para uma pessoa que provavelmente sequer encontrará os personagens da trama? Notemos que o foco não seria, obviamente, os personagens da história, mas sim os juízos emitidos a respeito dos fatos narrados, é dizer: o que importa neste tipo de fofoca é a moral da história, ou mesmo o interesse lúdico da narrativa. No caso das beneficiárias, o objetivo parecia ser que eu concordasse com o juízo delas de que aquelas pessoas não mereciam receber o benefício e que outras pessoas que precisavam mais, deveriam ser contempladas em seu lugar. Suas fofocas consistiam em geral, em narrativas de comportamentos que elas consideravam reprováveis para

beneficiárias e uma expectativa pela minha concordância. Talvez elas imaginassem que eu pudesse ter alguma interferência na estrutura ou execução do programa. Elas sugeriam que deveria haver mais fiscalização para detectar estes “não merecedores” e contemplar os merecedores. Desta maneira, haveria uma tentativa de aliciamento da pesquisadora para que essa tomasse um partido e o reforçasse antes mesmo de ter algum contato com o objeto das fofocas.

O ponto principal da fofoca aliciadora é justamente essa busca pela tomada de partido antecipada e pretensão de geração de resultados posteriores. Não se trata, necessariamente de controle social. Elas não querem que eu me comporte daquela maneira, pois sabem que eu não faço parte do programa, (ou daquele contexto) apesar de quererem que eu compartilhe de suas opiniões. Ainda que eu o faça, não há também a possibilidade de as fofocas feitas a mim repercutirem nas suas respectivas vizinhanças e servirem como punição social a outrem. Não tememos tanto as fofocas a nosso respeito feitas a estranhos quanto tememos aquelas feitas a nossos conhecidos.

Nem toda fofoca feita para o antropólogo é aliciadora e tampouco a fofoca aliciadora é feita somente para pesquisadores. Ela é essencialmente uma fofoca que tenta usar o interlocutor alienígena, forasteiro, não necessariamente para objetivos perversos, mas a partir justamente de uma pressuposição de desconhecimento dele sobre o campo em que adentra.

## 2.4.7. VINGANÇA E INVEJA E O ESTIGMA FEMININO

### 2.4.7.1. *Notas sobre o estigma feminino*

Há séculos o sexo feminino é falado como o mais intrigante, muitas vezes invejoso, encenqueiro e associado também à prática da fofoca, além da própria tagarelice e mesmo leviandade na fala. A atividade da atividade da conversa feminina além de dada como frequente é reiteradamente temida ou mesmo condenada e desaconselhada ao longo da história e de diferentes culturas, embora claro, nem todas, mas principalmente nas culturas tidas como “ocidentais”.

Exemplo dessas associações são algumas punições altamente associadas às mulheres registradas desde o século XVI a meados do XIX na Inglaterra e em outras partes da Europa. Como explica David Edward Underdown em “*The Taming of the*

*Scold: the Enforcement of Patriarchal Authority in Early Modern England*<sup>64</sup> (UNDERDOWN, 1985), aqueles que tagarelassem, mas também (e principalmente) aquelas que incitassem motins, distúrbios ou provocassem tumultos nas cidades e no campo, através do recurso à palavra, assim como esposas indóceis que falassem demais, que fossem insurretas contra os maridos ou causadoras de intrigas dentro e fora de casa estavam sujeitas a punições como a “*scold's*<sup>65</sup> *bridle*” (“freio”<sup>66</sup> da rabugenta/resmungona), ou “*brank*” (nome do objeto que consistia em uma armação de ferro presa à cabeça que segurava uma haste de ferro, às vezes com pontas) (UNDERDOWN, 1985), também conhecido como “*Gossip's Bridle*” (freio da fofoqueira). O instrumento não só impedia o seu usuário de falar através da dor que causava ao rasgar gradualmente a língua se esta fosse mexida, mas também era um instrumento de punição pela exposição e vergonha, já que quem o usasse era constantemente também exibido pela cidade, além de serem os aparelhos muitas vezes projetados para chamar a atenção e ridicularizar seu usuário. Como podemos ver nas figuras abaixo, o primeiro possui um guizo erguido na ponta de uma espécie de antena e o segundo possui, além da expressão carrancuda, duas estruturas que se assemelham a um par de orelhas no mínimo ridículas.

---

<sup>64</sup> “A domesticação da rabugenta: a aplicação da autoridade patriarcal no início da Inglaterra moderna”, em tradução minha.

<sup>65</sup> “*Scold*” além de se referir à mulher “rabugenta”, também poderia se referir ao padre que ferisse o voto de segredo das confissões a ele confiadas (PHILLIPS S. E., 2007, p. 52).

<sup>66</sup> “Freio” no sentido do instrumento de guiar e frear o cavalo.



Figura 14 “Scold's bridle”, datada entre 1550-1800

Figura 15 “Scold's bridle” do século XVIII no Märkisches Museum, Berlin.

Esta categoria legal da “*scold*”, passou a ser aplicada com maior frequência na Inglaterra a partir de meados do século XIV segundo Kim M. Phillips em “*The Invention of the Scold*”<sup>67</sup> de 2008 (PHILLIPS K. M., 2008), mas cabe salientar, no entanto, que apesar da forte associação desse objeto à punição da fofoca, seu objetivo imediato, como coloca Underdown, está mais diretamente atrelado a pessoas que causam problemas com sua fala, e a subjugação de mulheres cujo comportamento era considerado impróprio, segundo os padrões que enfatizavam a docilidade, submissão e discrição da época.

Neste sentido, havia um contexto de tolhimento da má língua e da fala que causa o mal na forma da quebra e desafio da normalidade e em comportamentos verbais disruptivos, onde o principal alvo era a população feminina. Segundo Lynda E. Boose, em “*Scolding Bridles and Bridling Scolds: Taming the Woman’s Unruly Member*”<sup>68</sup>(1991) a perseguição ao comportamento feminino se dava mais na supressão discursiva que no comportamento sexual, além de crimes praticados com

<sup>67</sup> “A invenção da rabugenta”, em tradução minha.

<sup>68</sup> “O freio das rabugenta e freando as rabugentas: domando o membro insubmisso das mulheres”, em tradução minha.

a fala como o "*scolding*," (agir como mulher rabugenta, insubmissa), serem considerados exclusivamente femininos:

As the forms of punishment and the assumptions about what officially constituted "crime" became progressively polarized by gender, there emerged a corresponding significant increase in instances of crime defined as exclusively female: "scolding," "witchcraft," and "whoring." But what is striking is that the punishments meted out to women are much more frequently targeted at suppressing women's speech than they are at controlling their sexual transgressions. (BOOSE, 1991, p. 184)

O termo "*scold*", segundo Michelle Wolfe, significa a mulher astuta que amaldiçoa e critica tanto a família quanto a vizinhança, que não conseguiria guardar para si suas palavras negativas ou insubordinadas. (WOLFE, 2008). Já em 1584 Reginald Scot publica "*The discoverie of Witchcraft*"<sup>69</sup>, livro que argumenta que a bruxaria não existe. Ali ele traz uma descrição de como seria uma dita "bruxa". Entre características como pálida, enrugada, e papista, uma bruxa seria também a dita "*scold*" (rabugenta):

One sort of such as are said to bee witches, are women which be commonly old, lame, bleare-eyed, pale, fowle, and full of wrinkles ; poore, sullen, superstitious, and papists ; or such as knowe no religion : in whose drousie minds the divell hath gotten a fine seat ; so as, what mischeefe, mischance, calamitie, or slaughter is brought to passe, they are easilie persuaded the same is doone by themselves ; inprinting in their minds an earnest and constant imagination hereof. They are leane and deformed, shewing melancholie in their faces, to the horror of all that see them. They are doting, scolds, mad, divelish ; and not much differing from them that are thought to be possessed with spirits ; so firme and stedfast in their opinions, as whosoever shall onelie have respect to the constancie of their words uttered, would easilie beleieve they were true indeed. (SCOT & NICHOLSON, 1886, p. 5)

Ainda segundo Wolfe, já neste livro Scot contesta que se alguma acesso de abuso verbal seu coincidissem com um infortúnio local, o "status" da "rabugenta" seria logo deslocado de um simples incômodo na vizinhança para o nível mais ameaçador da "bruxa" (WOLFE, 2008). Scot lamenta já em 1584 essa associação do simples abuso verbal com o crime e a bruxaria:

If more ridiculous or abhominable crimes could have beene invented, these poore women (whose cheefe fault is that they are scolds) should have beene charged with them. (SCOT & NICHOLSON, 1886, p. 26)

Algumas dessas formas de controle do discurso que remontam mesmo à idade média europeia parecem ter ajudado a fixar a percepção leiga que se tem até hoje de que a fofoca seria uma atividade negativa e associada ao sexo feminino. Os esforços de controle do discurso por meio da imposição desde a ilicitude jurídica à incompatibilidade moral ou religiosa, são tratados por Sandy Bardsley, em seu "*Venomous Tongues: Speech and Gender in Late Medieval England*"<sup>70</sup>

<sup>69</sup> "A descoberta da bruxaria", em tradução minha.

<sup>70</sup> "Línguas venenosas: fala e gênero na Inglaterra medieval tardia", em tradução minha.

(BARDSLEY, 2006). Ali Bardsley analisa também como esse manejo da ilicitude do discurso interagiu com o gênero feminino e modificou a percepção e construção deste.

Como dano colateral dessas formas de controle do discurso a fofoca acabou estigmatizada em sua totalidade como gênero comunicativo causador de efeitos negativos, além ter sido estreitamente associada ao sexo feminino comportamentalmente. A partir da perseguição a uma fala desafiadora e incitadora de multidões nas ruas e à fala tida como imoral da estigmatizada “rabugenta” (*scold*), terminou a fala fofoqueira (nem sempre intrigante ou negativa) não só estigmatizada como produto da má língua, mas principalmente da língua venenosa feminina.

De donas de casa a agricultoras, serviçais (BARDSLEY, 2006) e até freiras (BARDSLEY, 2007), as mulheres foram, ao longo do fim da idade média (principalmente a partir de meados do século XIV) até meados do século XIX (UNDERDOWN, 1985) sendo associadas à prática da fofoca e reprovadas por isso. O papel da fofoca ficou de tal maneira associado às mulheres, que homens se fofoqueiros, eram considerados tanto pecadores como afeminados segundo Sandy Bardsley em “*Women's Roles in the Middle Ages*”<sup>71</sup> (2007), movimento que se pode observar também hoje em algumas comunidades.

Mas a sociologia e antropologia já foram capazes, se não de retirar o estigma da fofoca das costas femininas, ao menos de demonstrar através de pesquisas empíricas que esta predileção de gênero é percepção culturalmente orientada e não realidade fática.

Bergmann faz em “*Discreet indiscretions*” (1993) uma importante crítica a trabalhos que tomam como dada a concepção de que as mulheres necessariamente fofocam mais que homens, tentando atrelar o comportamento fofoqueiro à constituição física da mulher, como textos de Etologia que associam o impulso feminino de fofocar a um ímpeto trans-especista (inerente a fêmeas de diferentes espécies como as humanas e as primatas) de cuidado (*caretaking*) com recém nascidos, mesmo alheios. Bergmann critica também aqueles que pretendem que o sexo feminino por ser fisicamente mais fraco que o masculino seria também o

---

<sup>71</sup> “Os papéis das mulheres na idade média”, em tradução minha.

mais vingativo (precisando assim recorrer a meios indiretos de retaliação, e sendo, portanto, mais dado à fofoca) (BERGMANN, 1993, p. 59). Bergmann não levanta exemplos de estudos empíricos que trazem até mesmo modalidades de fofocas especificamente (ou até exclusivamente) masculinas, como a “*talanoa*” da comunidade indiana das ilhas Fiji, descrita por Donald Brenneis em seu “*Grog and Gossip in Bhatgaon: Style and Substance in Fiji Indian Conversation*”<sup>72</sup> (BRENNIS, 1984) (BERGMANN, 1993, p. 60). Ele traz também o estudo de Jack Levin e Arnold Arluke “*An Exploratory Analysis of Sex Differences in Gossip*”<sup>73</sup> (LEVIN & ARLUKE, 1985) onde os autores efetivamente contabilizaram as diferenças nas fofocas entre homens e mulheres no alojamento de estudantes de uma universidade. Eles constataram que tais discrepâncias, tanto na quantidade quanto no tipo de assuntos abordados, eram mínimas. Curiosamente, este estudo publicado em 1985 é até hoje (2019) citado sob diferentes interpretações tanto por aqueles que pretendem desmistificar as tentativas de determinação biológica de uma predileção feminina pela fofoca, quanto pelos que pretendem afirmá-la, defendendo posições mais deterministas. Não obstante, parece haver nele um importante problema metodológico, pois os autores afirmam expressamente que consideram conversas onde aquele que seria o “assunto” (o *third party*) está e não está presente em cena e, como sabemos, conversas em que o seu objeto está presente não podem, sob quaisquer perspectivas, ser consideradas como fofocas.

Já em 1987 Bergmann não considera como refutada a concepção de que a fofoca seria comportamento característico principalmente do sexo feminino:

To be sure, there may be gradual and stylistic differences in the gossip behavior of men and women, and between different societies these differences may in part vary to a great degree. But *on the whole, the argument that gossip is a typically female form of communication can be viewed as refuted* and thereby – as it seems – be put to rest. (BERGMANN, 1993, p. 60) (grifo do autor)

Desde então outros estudos foram realizados sem que se apresentasse uma conclusão definitiva a respeito de quem fofoca mais. Pelo contrário, uma maior diversidade de circunstâncias se apresenta, o que apenas salienta que tal variação não é regulada por algum traço biológico feminino ou masculino, mas sim por

---

<sup>72</sup> “Bebida e fofocas em Bhatgaon: estilo e substância nas conversas indígenas de Fiji”, em tradução minha.

<sup>73</sup> “Uma análise exploratória das diferenças de sexo nas fofocas”, em tradução minha.

diversos aspectos culturais, associados aos inúmeros papéis desempenhados por cada gênero em diferentes grupos ou sociedades.

Um outro aspecto a que se deve atentar quando se atribui a atividade da fofoca a um gênero é que, em geral, se está trabalhando sobre formas flagrantes de fofoca como aquela entre amigos, parentes ou conhecidos a respeito de pessoas próximas. Se atentarmos para o fato de que a fofoca é fenômeno muito mais englobante, fica ainda mais insustentável a afirmação de que mulheres fofocam mais que homens. Fofocas sobre trabalho, futebol (esportes e esportistas em geral), hobbies, política, mercado, dinheiro, são frequentes entre homens e só porque um ou outro grupo decide nomeá-las de outra maneira para escapar à estigmatização, não significa que não o sejam. Jack Levin e Arnold Arluke observaram essa situação onde, dada a rejeição da fofoca, os homens preferem chamar a sua de nomes como “*shop talk*” (conversa de loja), entre outros:

At the same time that it became synonymous with nastiness, gossip was also more and more regarded as a female activity. It was said that men didn't "gossip"; instead, they engaged in "shop talk" or "Locker-room chatter"-they were "shooting the breeze" or "chewing the fat." And those few men unfortunate enough to be caught in the act of "spreading the dirt" were said to be acting like women; they were gossiping "like a bunch of old hens"! (LEVIN & ARLUKE, 1987, p. 8)

Outros estudos dão também conta dessa adaptação da nomenclatura das fofocas masculinas locais para evitar o estigma, como Alexander Rysman (1977) e Francis T. McAndrew em “*Gossip as a Social Skill*”<sup>74</sup>, que assim como Bergmann n, concorda que ainda não se pode dizer que está correto o estereótipo da fofoca como uma atividade majoritariamente feminina (MCANDREW, 2019, p. 182).

Considero, por outro lado, que é tempo de se passar a levar a diversidade da fofoca em linha de conta ou ao menos assinalar de qual modalidade específica de fofoca se está tratando no estudo que pretende quantificá-la por gênero. Não há como avançar na discussão de um tema se os diferentes estudos não estão falando sobre o mesmo objeto, mas apenas sobre um pequeno aspecto deste, pensando-o completo. Isso não significa que todos os estudos estejam chegando a conclusões erradas, mas sim que não é possível chegar a uma conclusão metodologicamente crível sobre o tema se as pesquisas realizadas pretendem tratar do tema em geral quando, em verdade, tratam de algum aspecto parcial. Por exemplo: ou a fofoca é despropositada ou ela é agressiva, ou se especifica qual tipo de fofoca vai-se

---

<sup>74</sup> “Fofoca como habilidade social”, em tradução minha.

considerar no estudo para não cair na armadilha de atribuir às mulheres que simplesmente fofocam muito por entretenimento ou informação (“*idle talk*”), a alcunha de vingativas ou maliciosas.

A fofoca não pode, enfim, ser classificada como uma atividade tipicamente ou majoritariamente feminina. Não existe comprovação de uma diferença na quantidade das fofocas femininas ou masculinas, o que se pode dizer é que existem diferenças na qualidade delas, como temáticas abordadas ou mesmo os usos que cada gênero faz da atividade fofoqueira. E ainda assim, até que se possa produzir um grande cruzamento de dados entre tipos de fofoca, sexo e sociedades, tais conclusões só poderiam ser consideradas culturalmente.

No estudo de Levin e Arluke (1985) com alunos de universidade, eles constataram que apesar de haver uma ligeira diferença (7%) no tempo que passavam fofocando homens (64%) e mulheres (71%), não havia discrepância no tom das conversas, pois fofocas masculinas e femininas tinham as praticamente as mesmas percentagens de fofocas claramente positivas (27%) e claramente negativas (28%) a respeito de terceiros (LEVIN & ARLUKE, 1985, p. 283)<sup>75</sup>. Por outro lado, eles concluíram que mulheres fofocavam mais a respeito de pessoas socialmente próximas enquanto os homens, a respeito de pessoas mais distantes de si.

Ainda assim, essas diferenças de tom, usos e conteúdos da fofoca não podem, a meu ver, ser determinadas definitivamente. As diferenças na qualidade (e mesmo na quantidade) da fofoca feminina e masculina podem variar contextualmente, por exemplo de acordo com o que cada grupo considera ser fofoca, como considera moralmente a mesma e como a usa. É de se notar, por exemplo, as diferenças de tratamento do assunto que se apresentam em trabalhos etnográficos realizados ao longo do século XX. Em alguns, o pesquisador assinala bem quem fofoca e quem não fofoca e sobre o que, especificamente, se fofoca. Um exemplo é o trabalho de Cláudia Fonseca, “Família, fofoca e honra” (FONSECA, 2000), onde os papéis se apresentam bem marcados nesse quesito. Ali, para além de alguns casos de uso informativo, a fofoca é principalmente vista como negativa e sobre temas que podem atacar a honra alheia, além de ser ação reservada principalmente às mulheres:

---

<sup>75</sup> Essa porcentagem de 25% foi modificada para 27% em publicação posterior (LEVIN & ARLUKE, *Gossip: the inside scoop*, 1987) referindo-se à mesma pesquisa.

A fofoca é permitida às mulheres, não aos homens. O homem fofoqueiro diminui-se. A maneira viril de criticar alguém é fazê-lo diretamente por meio de injúrias, e azar do coitado que não tem a força física para sustentar seus insultos. (FONSECA, 2000, p. 25)

Isso não significa que homens não fofocem na Vila do Cachorro Sentado, mas sim que há papéis em destaque para os quais há marcadamente uma aceitação ou não da atividade.

Por outro lado, na pesquisa de Elizabeth Colson “*The Makah Indians*” (COLSON, 1953), não há uma demarcação explícita de papéis pelo sexo. Ali todos fofocam e o fazem principalmente em função das disputas internas, denegrindo a posição social dos ancestrais alheios.

Já em “Os estabelecidos e os Outsiders” de Norbert Elias (ELIAS & SCOTSON, 2000), um grupo não definido pelo sexo, mas pela estratificação social economicamente superior fofoca mais, e a partir de redes de fofocas mais firmemente articuladas, sobre o grupo economicamente em desvantagem que, por sua vez, não possui redes de fofocas bem articuladas. Ali têm destaque não só as fofocas negativas a respeito do círculo rival, mas também as positivas a respeito do próprio círculo.

Em outros estudos estas diferenciações já não são tão claras ou às vezes sequer cogitadas. É o caso dos índios Mehináku estudados por Thomas Gregor (1982), para quem não parece existir qualquer distinção de gênero entre os praticantes da fofoca. Esta se apresenta sob diferentes usos negativos e positivos (do controle social com apresentação de exemplos e rejeição de más condutas, à etiquetagem e mesmo a informação geral ou simples entretenimento).

Já em “*Gossip, Reputation and knowledge in Zinacantan*” de John Beard Haviland (HAVILAND, 1977) a fofoca masculina aparece mais que a feminina nas análises, apesar de não ser tida necessariamente como mais frequente. Haviland destaca principalmente o uso para o entretenimento e principalmente as de uso para controle e construção moral, com “construção de teorias éticas e valorações a partir das situações” (HAVILAND, 1977, p. 55), além de aprendizado do que seriam comportamentos aceitáveis (HAVILAND, 1977, p. 57).

A ausência da sinalização de diferenciações de gênero na fofoca (e mesmo especificações muito detalhadas de seus usos) não significa uma falha do pesquisador em observá-las, mas sim a sua não apresentação deste aspecto como algo importante ou marcante a partir de papéis muito definidos na comunidade.

Há, de outro lado, trabalhos que vêm se apresentando recentemente sob uma perspectiva evolucionista que valem ser destacados pela repercussão e influência que têm causado no campo do estudo da fofoca. É o caso daquele de Adam Davis, Tracy Vaillancourt, Steven Arnocky e Robert Doyel, "*Women's gossip as an intrasexual competition strategy - An evolutionary approach to sex and discrimination*"<sup>76</sup> (DAVIS, VAILLANCOURT, ARNOCKY, & DOYEL, 2019) que considera a fofoca como uma "tática agressiva de baixo custo no contexto da competição por parceiros de relacionamento ("low-cost aggressive tactic, particularly within the realm of mate competition") (DAVIS, VAILLANCOURT, ARNOCKY, & DOYEL, 2019, p. 312), a fofoca seria evolutivamente a arma escolhida pelas mulheres para direcionar a agressividade contra competidoras do mesmo sexo.

Dizer que esse comportamento se desenvolveu como uma estratégia de competição agressiva de baixo custo (que não necessita de embate ou força física) pode sim ajudar e entender uma parte dos diversos usos do fenômeno hoje, como para vingança ou como consequência da inveja. Ali a ação fofoqueira tem especial vantagem justamente pela ausência de confrontação, o que aumenta a sua potência danosa sem que a "vítima" consiga reagir rapidamente. Ora a fofoca pode ser, em alguns casos, de fato uma tática agressiva de baixo custo social bem efetiva, e pode sim, em alguns casos, ser utilizada para agredir indiretamente competidores do mesmo sexo, mas nem sempre e nem só por mulheres. Tais perspectivas podem servir para detectar possíveis usos, dentre muitos, da fofoca, mas não são capazes de dar conta da diversidade de apropriação que cada grupo ou cultura faz dos mesmos.

Para aqueles que pretendam ainda associar a fofoca à mulher como resultado de reminiscências de uma estratégia evolutiva para fazer frente à força física superior masculina, me parece mais interessante buscar uma resposta, ou uma combinação desta adaptação de estratégia de ação a partir do conceito de "poder dos fracos" através do qual é possível explicar a relação de agressividade, vingança e enfrentamento sem embate frontal (seja ele hierárquico ou mesmo físico), sem recorrer a um determinismo que, como já foi aqui tratado, não se sustenta diante de

---

<sup>76</sup> "A fofoca das mulheres como estratégia de competição intra-sexual - Uma abordagem evolutiva do sexo e da discriminação", em tradução minha.

dados empíricos de sociedades diversas. Mesmo porque, há tempos as sociedades já têm muito mais instâncias com muito mais personalidades sobre quem fofocar, muito além de meros potenciais rivais de relacionamentos.

A apropriação que cada grupo faz da fofoca depende de uma variedade de fatores que vai muito além da primordial organização reprodutiva e alimentar de seus membros. A quantidade de instâncias abstratas e instituições de uma sociedade, assim como a frequência e mesmo as formas de contato interpessoal nela viáveis e corriqueiros, vão influenciar, junto a outros fatores, as condições dessa apropriação e formatação do fenômeno.

A fofoca usada para vingança, movida pelo rancor ou inveja, ou mesmo a movida pela competição mesquinha, são modalidades de cargas eminentemente negativas. Talvez por essa carga e o peso do próprio temor que causa o vislumbre de um ataque vindo de alguém que está próximo à sua esfera de relações pessoais, sentimentalmente rancoroso, da inveja, da vingança, do fazer mal a outrem seja um dos aspectos mais lembrados da fofoca. Como já falei anteriormente, nem toda fofoca é sobre coisas negativas ou para objetivos nefastos. Dentre os muitos possíveis usos de uma gama mesquinha da fofoca, analiso, após este desagravo à reputação feminina, o uso da fofoca para a vingança, a chantagem e a retaliação competitiva.

#### 2.4.7.2. *O uso mesquinho da fofoca: por vingança e inveja*

Se, por um lado, quem não deve não teme, por outro, podemos também ter a certeza de que quem tem inimigos, teme ao menos uma coisa: a fofoca. Ela pode ser verdadeira ou falsa, imputatória de fatos terríveis reais, imaginários ou, como é tão comum, emaranhados e distorcidos. Os efeitos sobre a reputação do “assunto” de uma fofoca maligna se dão durante a transmissão, o decorrer do fenômeno, independentemente da verdade ou falsidade de seu conteúdo. Eles permanecerão até que se remedie a situação, sendo o posterior esclarecimento dos ditos, eventualmente falsos, parte de um novo movimento que a vítima deve fazer para se proteger e que não ocorre espontaneamente. Se nada for feito ou se os esclarecimentos não forem suficientes, permanece o dano da fofoca maldosa. Ou seja, quem tem inimigos, mesmo que não deva nada, teme.

A fofoca de vingança, a chantagem e a retaliação competitiva são todas formas de uso da fofoca centrados na sua repercussão ou ameaça de repercussão negativa diante dos interlocutores, especialmente na deterioração da reputação. Todas têm também um alvo, seja ele uma pessoa, uma empresa, um governo e são modalidades de uso da fofoca onde a intenção deliberada do fofoqueiro é imprescindível. Não há vingança, chantagem ou retaliação sem intenção e, particularmente, um planejamento prévio para o alcance dessa intenção.

A vingança é necessariamente uma retaliação, às vezes direta, às vezes indireta. Através da fofoca ela é, justamente, uma modalidade indireta de baixo custo social, como foi referido anteriormente. Isso porque a estrutura da fofoca elimina a necessidade de confrontação face-a-face que pode demandar desde a disponibilidade de uma força física (em uma vingança em que se agride o oponente com um punhal, por exemplo) até um domínio social da situação suficiente para prevenir eventuais constrangimentos e reações dos circundantes. Seria o caso de ir à porta da casa de alguém acusá-lo e receber, em contrapartida uma represália, tendo assim de lidar com a resistência da vizinhança e família que porventura não considerem justa a retaliação.

Ainda que exista um latente custo reputacional para o fofoqueiro vingativo, ele não é sempre certo, nem direto, por isso mesmo é um “baixo-custo”. Se ele for hábil, suas ações fofoqueiras podem sair despercebidas ou impunes e mesmo assim causar os efeitos desejados. Seus interlocutores podem também considerar justa sua ação, assim como os subsequentes transmissores podem não chegar a conhecê-lo. Nesse sentido, a fofoca é vantajosa justamente porque permite um anonimato da autoria original e o deslocamento de sua responsabilidade negativa ao longo da cadeia comunicativa, por meio da aplicação da ocultação, ao mesmo tempo em que produz seus efeitos deletérios.

Outro aspecto que é mister trazer à tona sobre a fofoca de vingança, é que, apesar do que se possa pensar em um primeiro exame, sua forma de retaliação não necessariamente está voltada para a degradação da reputação alheia, mas sim para algum prejuízo para o seu alvo. O dano à reputação é o mais fácil e imediato, mas a fofoca pode trazer à tona segredos, ou transmitir informações que gerem mesmo prejuízos materiais ao seu objeto, sem estarem necessariamente associados à sua representação diante dos seus próximos. Ou seja, a fofoca de vingança não é só “falar mal de alguém”. Ela é, antes, “fazer mal a alguém”.

Faz-se a fofoca para se vingar, justamente porque se sabe que ela será mal recebida e causará sofrimento ou prejuízos ao seu alvo. Por outro lado, não é possível, se queremos atingir alguém em especial, fazer fofoca de vingança para quem não o conheça. Se quero retaliar uma ação de Maria, preciso fofocar para pessoas que a conhecem e que sejam para ela social e relacionalmente relevantes. Ainda que Maria seja uma artista famosa e eu apenas uma fã recalcada, alguém a quem ela não conhece, minha fofoca mesquinha só surtirá real efeito sobre sua vida ou reputação se eu conseguir que esta chegue ou a um número de pessoas grande o suficiente para causar algum impacto, ou até alguém próximo de Maria, cuja relação possa ser abalada pela fofoca. Seja um segredo guardado, um fato desabonador, ou algum potencial causador de prejuízo material, a fofoca de vingança precisa e pressupõe um retorno negativo de pessoas relacionadas, algum nível de contato com seu alvo, para sua própria concepção. Uma fofoca aliciadora, por exemplo, dificilmente será também vingativa, a menos que o forasteiro venha a posteriormente adquirir alguma importância para a vítima da fofoca e possa fornecer esse retorno negativo. A reprovação da plateia e respectiva vergonha da vítima são também elementos importantes para a fofoca vingativa direcionada à reputação.

A modalidade da chantagem, por sua vez, é uma ameaça e manipulação da retaliação alheia. O uso da ameaça da fofoca se baseia justamente na projeção dos efeitos nefastos de sua efetiva execução. Quem não aceita a chantagem está sob risco de ser vítima da fofoca vingativa. Esta terá, por sua vez, também como interlocutores pessoas conhecidas. Não posso chantagear um carioca ameaçando espalhar seu segredo para uma vila de esquimós no Canadá. Os interlocutores precisam ter algum valor para a vítima, sendo este construído a partir de uma identidade comunitária ou relacional. A ameaça de ficar mal falado no seu bairro, ou no seu condomínio é muito mais contundente que a de ficar mal falado na vila dos esquimós. Mais uma vez a reprovação e a vergonha se fazem importantes.

A retaliação competitiva usa também a má recepção da fofoca em desfavor da sua vítima e em favor do fofocueiro ou de algum beneficiado seu. Neste caso a repercussão é importante, mas não porque afeta a vítima a nível de vergonha diante da comunidade, mas porque pode lhe causar prejuízos materiais concretos diante de interlocutores com quem não necessariamente tem grandes conexões. Uma fofoca maldosa feita a funcionários do RH a respeito de algum candidato pode eliminar

suas chances de alcançar o emprego ou uma promoção e ajudar o fofoqueiro, seu concorrente. Mas por sua própria natureza, esse tipo de uso da fofoca pode ser facilmente veiculado para interlocutores não diretamente interessados, ou conhecedores do indivíduo objeto da fofoca. A fofoca de retaliação competitiva manipula muitas vezes o seu interlocutor. Ela associada à competição em ambiente de trabalho, frequentemente referida como fofoca organizacional, é um dos ramos mais estudados, sendo farta a literatura acadêmica a respeito, como “*A Tale of Two Corporations: Managing Uncertainty During Organizational Change*”<sup>77</sup> de Nicholas Difonzo e, Prashant Bordia (1998), “*A social network analysis of positive and negative gossip in organizational life*” de Travis J. Grosser, Virginie Lopez-Kidwell e Giuseppe Labianca (2010), “*Rumors and Rumor Control - A Manager's Guide to Understanding and Combatting Rumors*”<sup>78</sup> de Allan J. Kimmel (2004), “A fofoca como fonte de sofrimento na vida organizacional: um estudo com base na psicodinâmica do trabalho” de Alexandre Muniz (MUNIZ, 2017), entre outros. Há inclusive todo um mercado para livros direcionados a profissionais dos Recursos Humanos, principalmente tratando a fofoca como um verdadeiro problema a ser combatido em ambiente corporativo. Há que se notar, no entanto, que neste caso se trata especificamente dessa fofoca nociva que pode criar um ambiente de competitividade desleal, e não de fofocas meramente despreziosas ou lúdicas.

As frequentes tentativas, em diferentes ambientes, de prevenção de fofoca mesquinha e nociva são fatores que alimentam a ideia de que esse aspecto vil faz parte da própria definição do fenômeno. “como combater fofocas no ambiente de trabalho”, “como evitar fofocas” no condomínio, na vizinhança, na escola, são temas recorrentes dos manuais de administração, recursos humanos, da psicologia à autoajuda de banca de jornal.

É também comum vermos a inveja do fofoqueiro ser apontada como uma grande responsável pela prática da fofoca nociva, seja ela de vingança, chantagem ou retaliação competitiva. Apesar de ser possível dizer que esse tipo de fofoca pode

---

<sup>77</sup> “Um Conto de Duas Corporações: Gerenciando a Incerteza Durante a Mudança Organizacional”, em tradução minha.

<sup>78</sup> “Rumores e controle de rumores - Guia do gerente para entender e combater rumores”, em tradução minha.

sim ser motivada pela inveja, não há como, por outro lado determinar que sempre será este o caso.

É simples para manuais de autoajuda atribuírem um sentimento unanimemente censurável (a inveja) a pessoas que executam ações que seus leitores já estão predispostos a detestar. E pode parecer muito confortável para aquele que se abstém de fofocar ou para aquele que é vítima da fofoca pensar que o fofoqueiro tem em si um sentimento irremediavelmente negativo e desprezível, o que torna aquela pessoa moralmente condenável em oposição à sua cândida e inocente eventual vítima. É muito conveniente e confortável explicar que a pessoa que faz algo que reprovamos (ou que nos é inconveniente) é simplesmente má, ao invés de fazer um esforço de análise da situação.

Mas para quem esteja efetivamente interessado em entender a dinâmica do fenômeno, “o fofoqueiro é um invejoso”, “o fofoqueiro fala mal daquilo que ele queria ter e não pode”, “fofoca é coisa de gente invejosa” são afirmações que só podem ser aplicadas a contextos específicos, sob pena de figurarem apenas como artifícios demagógicos ou falácias no contexto fenomênico geral.

Assim como a inveja e o rancor, há muitas outras emoções que motivam a fofoca nefasta e muitas mais que motivam outras modalidades de fofoca não intencionalmente deletérias. Dentre elas figuram emoções negativas e outras bastante positivas, como a curiosidade de saber novidades nos fuxicos para ter notícias da pessoa amada e a própria alegria de contar um segredo que é boa nova, como um anúncio de casamento ou um novo bebê chegando.

#### 2.4.8. FOFOCA E FEITIÇO: O ETIQUETAMENTO

A fofoca de que trato neste trecho não é aquela sobre feitiços e bruxarias, como algumas já exemplificadas dos índios Mehináku, ou as fofocas do excerto abaixo retirado do estudo do casal de antropólogos Pamela J. Stewart e Andrew Strathern, “*Witchcraft, Sorcery, Rumors, and Gossip*”<sup>79</sup> de 2004:

Knowledge of these experts and the putative actions of people in using their services or indirectly practicing sorcery was a matter of covert community comment and suspicion, maintained by the equivalent of gossip and rumor, since the supposed hostile magicians were never publicly accused or brought to trial.

(...)

---

<sup>79</sup> “Bruxaria, Feitiçaria, Rumores e Fofocas”, em tradução minha.

For example, they would crush chewed fragments of discarded sugarcane into puddles of rainwater whenever possible to “neutralize” their own life-force held in the remnants. People who picked up such remnants were said to do so with improvised tweezers made of twigs, to avoid mingling their own life-force with that of the victim, thereby avoiding the possibility of endangering themselves. People vigilantly watched one another for any signs that this form of “bio-terrorism” was being practiced, and they would spread gossip about any case they thought they had observed.

Claims and counterclaims about the activities of witches and sorcerers tend to exist in the background of community affairs in the societies where such ideas are held. They flourish in the shadows, fed by gossip and rumor, and emerge into public debate or accusations only in times of specific tension, most often following the actual sickness or death of someone in a prominent family.

(STEWART & STRATHERN, 2004 , p. 7)

Aqui Stewart e Strathern tratam de populações que habitam a área de Pangia na Papua-Nova Guiné, onde há uma prática que consiste em empregar na feitiçaria itens utilizados pelas pessoas (e que por isso conteriam parte de sua energia vital). Sabendo disso as pessoas evitam de deixar mesmo restos de comida para trás onde há inimigos.

Ali os nativos fofocam sobre a atividade dos feiticeiros que é envolvida por certa aura de mistério e incerteza. As fofocas imputam a prática da feitiçaria, mas esta não chega a ser publicamente confrontada ou julgada. Além desta imputação flutuante, a fofoca sobre a feitiçaria trata também da possibilidade de feitiços estarem sendo lançados sobre as pessoas. Nela são feitas especulações sobre quem são as vítimas, os culpados, assim como a presença de vestígios que indicavam a iminência da ação de feitiços sobre membros da comunidade.

Stewart e Strathern trazem ainda observações de como a fofoca acusatória de bruxarias e feitiços prolifera especialmente em momentos posteriores a infortúnios pessoais ou grupais, como doenças, epidemias, acidentes. E que são frequentemente direcionadas à acusação de membros situados à margem das comunidade, daqueles não tão bem integrados, como “estrangeiros”, além dos desafetos em geral (STEWART & STRATHERN, 2004 , p. 12).

Mas neste tópico, refiro-me ao uso da fofoca como feitiço e não à fofoca a respeito de feitiços. É aquela fofoca que funciona como feitiço por causar em suas vítimas os problemas decorrentes de um etiquetamento negativo.

Destaco essa notável capacidade de “fazer coisas com palavras” de que é dotada a fofoca. Não só em relação à vida pública e privada dos indivíduos, mas também das instituições, posto que pessoas jurídicas (como empresas) e governos ou partidos também podem ser arruinados ou promovidos por fofocas. Trato aqui a respeito da pragmática social da fofoca ao produzir ações comunicativas para além

de um mero tráfico de mensagens. Desse modo, a análise austiniana dos atos de fala (*speech acts*) torna-se valiosa para a compreensão do fenômeno fofocheiro.

A concepção dos atos de fala, do filósofo inglês John Langshaw Austin (1911-1960), da Oxford University, assinalada em seu “*How to do things with words*”<sup>1</sup> (AUSTIN, 1962) de 1962, teve profundo impacto nas teorias da linguagem, sobretudo naquelas de caráter pragmático. Importa-nos aqui a sua conhecida divisão dos atos de fala, em atos constataivos (aqueles proferimentos que podem ser verdadeiros ou falsos em relação a fatos, como, por exemplo: está chovendo) ou performativos (aqueles que procuram fazer algo, daí *to perform*, ou produzir certo efeito sobre os interlocutores, como, por exemplo: eu penso que está chovendo). No caso dos atos performativos, que não são passíveis de verdade ou falsidade, Austin ainda os divide em três tipos: os locucionários (proferimentos dotados de sentido e referência semântica); os ilocucionários (aqueles que propriamente fazem alguma coisa ao serem ditos: eu voto, eu te batizo, eu te prometo, vendido!) e os perlocucionários (aqueles proferimentos que têm por objetivo provocar sentimentos e/ou induzir ações dos ouvintes). Nesse quadro, fica claro que a fofoca deve ser em geral classificada como ato perlocucionário, já que, não sendo meramente declarativa, tem por objetivo produzir reações emocionais e induzir consequências práticas específicas e de ordem social em seus receptores. Isto ocorre, por exemplo, quando uma fofoca, digamos, muito potente, consegue efetivamente alcançar a honra ou o prestígio social de um indivíduo, alterando sua representação (ou mesmo seu papel social) perante sua comunidade. O indivíduo alvo da fofoca pode assim, ser por ela etiquetado como um “traidor”, um “viciado” ou mesmo como um “herói” ou “curandeiro”.

É justamente por ser considerada como ato perlocucionário que trato do tema da fofoca também como feitiço e, até mesmo, como uma espécie de maldição, contra a qual (como não poderia deixar de ser) existem muitos exemplos de contra-feitiços e simpatias de proteção. Escolhi, portanto, a expressão “feitiço” para denominar a capacidade de etiquetamento quase que mágica, instantânea e por muitas vezes irremovível que a fofoca pode ter sobre a imagem das pessoas. É possível jogar em alguém bênçãos ou maldições através da fofoca quase como em um feitiço falado.

Temos o exemplo já aqui mencionado de Thomas Gregor em Mehináku quando este relata o etiquetamento como “mulheres” a homens que ficam muito

tempo em casa: “Os homens que passam muito tempo em suas casas são chamados de “mulheres”, nas fofocas da aldeia.” (GREGOR, 1982, p. 57) A partir da fofoca sobre essas pessoas, seus papéis sociais são renomeados ou mesmo atribuídos. Um exemplo ainda mais contundente é aquele a respeito da acusação feita a um índio de ele ser um feiticeiro:

Se prestarmos atenção ao elenco de personagens mencionados nas histórias que circulam através da comunidade, nota-se que, embora ninguém, com exceção das crianças muito pequenas, esteja isento de ser mencionado, há estrelas e superestrelas cujos nomes aparecem repetidamente. Destes, o mais notável era Ipyana, cuja carreira terminou em 1961, quando foi morto como feiticeiro. Segundo o mexerico, que em grande parte era exato, Ipyana era um ladrão descarado, que se rebaixava a ponto de roubar peixe e farinha de mandioca. (GREGOR, 1982, p. 83)

(...)

Atualmente circulam rumores de que um neto de Ipyana, totalmente inocente, é um feiticeiro tal e qual o avô. Até mesmo a respeito de meu amigo Kwaumutin, um cidadão tão sério quanto se possa imaginar, correram boatos de praticar feitiçaria. (GREGOR, 1982, p. 84) 84

Aqui o etiquetamento chegou a um nível tão drástico que já não havia mais dúvidas de que Ipyana era realmente um feiticeiro, a ponto de ele acabar morto por isso.

Houve aí uma extrapolação daquela ambiguidade tão característica da comunicação fofocueira, onde a própria identidade e papel social daquele indivíduo foram redefinidos pela fofoca e levados às últimas consequências.

Gregor analisa o papel da fofoca entre os Mehináku sob a ótica de Gluckman em relação a um controle social baseado no fornecimento de exemplos (que se deve ou não seguir) e também com uma dinâmica da atividade criativa, com a veiculação de “boa história” com “verdades emocionais”, mesmo que factualmente erradas (GREGOR, 1982, p. 83). Chamo a atenção para como o processo de etiquetamento também aparece ali, sejam os rótulos atribuídos a Ipyana verdadeiros (ladrão) ou falsos (feiticeiro) e como eles se tornam tão proeminentes a ponto de causar sua própria morte e irem gradativamente contaminando também a imagem de outras pessoas que orbitavam ao seu redor (seu neto e seu amigo).

Ora, não seriam, no fim das contas, os fofocueiros os verdadeiros feiticeiros? Aqueles que transformaram Ipyana com seus fuxicos, de ladrãozinho e desafeto a feiticeiro poderoso e temido, digno de ser assassinado por vingança e proteção de toda a tribo?

O efeito mágico da fofoca é justamente essa transformação que ela provoca e que, muitas vezes, só pode ser desfeita com um forte contrafeitiço: um desmentido ainda mais poderoso que a convicção dos fofocueiros. Algo que os convencesse a mudar a imagem de Ipyana diante de todos. A fofoca tem esse poder que ultrapassa

mesmo os limites dos papéis na hierarquia social: aquele que está abaixo pode fofocar e “enfeitiçar” quem está acima e marcar nele uma imagem às vezes de maneira mais eficiente do que através de outros meios mais explícitos e afrontosos. A fofoca faz seus efeitos sem um confronto direto, ela enfeitiça pelas sombras, pelas costas. Isso está também ligado à propriedade da liminaridade da fofoca que suspende a hierarquia e mesmo as ordens dos papéis sociais daqueles que participam dela, seja como atores, seja como alvos. Mas sobre isso falarei especificamente ao abordar a liminaridade da fofoca no Brasil.

O próprio Gregor atenta para o etiquetamento decorrente da fofoca, aquele associando ao controle social baseado na demonstração do bom/mau exemplo:

Se interpretamos o mexerico como uma sanção para controlar o mau comportamento, ou como um artifício para traçar fronteiras entre grupos, ou como uma apresentação de ego sob uma luz favorável, ou como uma forma da arte narrativa, não podemos ter dúvidas sobre sua efetividade dentro da comunidade Mehináku. A despeito da natureza privada de muitas das histórias e da transmissão embaraçosa de pessoa para pessoa, elas se espalham pela aldeia em apenas poucas horas e marcam suas vítimas como ladrões; feiticeiros e adúlteros. (GREGOR, 1982, p. 85)

A importância de observar este uso em separado é justamente atentar para o fato de que ele não será sempre necessariamente um etiquetamento para produzir “exemplos” aprováveis ou rejeitáveis. Uma pessoa pode ser transformada, através da fofoca em uma grande cozinheira, alguém que entende de mapas, ou de conserto de roupas por exemplo. O etiquetamento não precisa estar estritamente relacionado a uma referência moral ou de função na sociedade, pode se referir a qualquer característica digna de destaque segundo os critérios do fofocueiro e seus interlocutores. O etiquetamento pela fofoca sequer precisa ser efetivamente de uma pessoa. Pode ser um lugar, um objeto, um evento.

A fofoca pode transformar uma casa em assombrada, uma simpatia simples em algo muito eficiente para o amor e uma pedra no meio do deserto em zona de pouso de OVINIs.

O etiquetamento não precisa ter qualquer correspondência com a realidade fática. Para que tome lugar basta a transmissão de opiniões, juízos dos fofocantes e a atribuição e repercussão de algumas histórias verdadeiras ou inventadas a respeito do tal objeto.

Apesar de podermos intuir que os etiquetamentos negativos sejam muito mais eficientes que os positivos, isso não é necessariamente verdade, além de nem todos eles poderem ser ditos qualitativos. Certo lugar ficar conhecido como área de pouso de OVINIs não o torna, necessariamente, melhor ou pior, assim como ser etiquetado

de “desenhista” da turma também não. Tudo vai depender do valor e das expectativas subjetivas das pessoas em relação a tais qualidades em cada contexto.

## 2.5. RESUMO: OS USOS DA FOFOCA

Há muitas outras formas de usos possíveis e também consequências, intencionais ou não, da fofoca. Minha intenção foi trazer alguns usos mais comuns, relevantes ou mesmo curiosos, não para uma classificação fechada ou uma coleção de tipos, mas para revelar de maneira didática nuances do fenômeno que uma classificação mais ampla e por demais geral não seria capaz.

Gary Alan Fine e Ralph L. Rosnow em seu artigo “*Gossip, Gossipers, Gossiping*”<sup>80</sup> de 1978 afirmam que a fofoca exerce três tipos de funções gerais: informar, influenciar e entreter. “In general, there appear to be three main functions served by gossiping – information, influence and entertainment.” (FINE & ROSNOW, 1978, p. 163)

É certo que poderíamos apenas considerar usos como o controle social, manipulação, aliciamento e vingança simplesmente como a função de influenciar. Mas deixaríamos assim de observar todas as grandes diferenças e mesmo consequências entre eles, assim como perderíamos de vista certas nuances não intencionais da utilização da fofoca. O uso do controle social, como vimos, nem sempre é feito conscientemente e pode ainda assim produzir seus efeitos. Por outro lado, onde colocaríamos usos como união comunitária, identidade e etiquetamento entre o informar, influenciar e entreter de Rosnow e Fine? A partir do recurso ao termo usos da fofoca e não propriamente funções, permanecemos abertos a novas formas de utilização (que frequentemente dependem do conteúdo transmitido e do contexto).

Desta maneira, podemos continuar detectando a presença do fenômeno da fofoca a partir de sua estrutura de funcionamento situacional e não restrita a conteúdos ou aplicações altamente variáveis. Para a estrutura do fenômeno é irrelevante se na Alemanha não se fofoca a respeito de crianças pequenas e no Brasil

---

<sup>80</sup> “Fofoca, fofocantes e o fofocar”, em tradução minha.

sim, ou se entre os Makah se usa a fofoca para o aliciamento de antropólogos e na Vila do Cachorro Sentado não. Em todos os casos estamos diante de fofoca e não são seus usos e conteúdos que assim o definem, mas a estrutura da interação com a presença e combinação dos elementos de circulação, ocultação e informalidade mais a mistura e intenção.

A partir desta análise estrutural, parto agora para o segundo grande bloco desta tese: A análise da fofoca no contexto do Brasil.

### 3. A FOFOCA NO BRASIL

#### 3.2. A FOFOCA COMO TERMO ORIGINALMENTE BRASILEIRO: DO TAGARELA E O MEXERIQUEIRO À FOFOCA E O FOFOQUEIRO

##### 3.2.1. MOINHO: A MECÂNICA DA REPETIÇÃO MAQUÍNICA

A respeito do volume e da qualidade da comunicação capazes de marcar o caráter de um interlocutor, pode-se dizer que ele seja um tagarela, coisas que, entretanto, não se confunde hoje com o fofoqueiro. A tagarelice consiste na disposição verborrágica ou em certa loquacidade cujo afobamento não deixa tempo à escuta ou sequer pausa ao silêncio. Tagarela, assim, é aquele que se rende à imoderação de um ímpeto que pode ser entendido como pura e simples inclinação à facúndia<sup>81</sup>, causando certo incômodo gerado pela falta de economia comunicativa notada por aqueles indivíduos mais reservados ou taciturnos.

A própria origem do termo “tagarela” já diz muito do que esperar do sujeito com tal alcunha. Substantivo feminino, a tagarela, também chamada tramela, tarambela, taramela, tarela ou tarelo é um tipo de guia de madeira que nos moinhos tange a pedra de mó em movimento, provocando com o atrito de seu trepidar um ruído constante e uma vibração que, transferida para o quelho (ou quelha), provoca a derrubada gradual e constante dos grãos no olho da mó. Tal qual a tagarela do moinho que soa na constância e fluxo da força que move a mó, também vozeia o nosso falador palavroso, incessante e muitas vezes irritante como o som da madeira arranhando na pedra que gira.

---

<sup>81</sup> Eloquência, aptidão para discursar, excesso de comunicação.

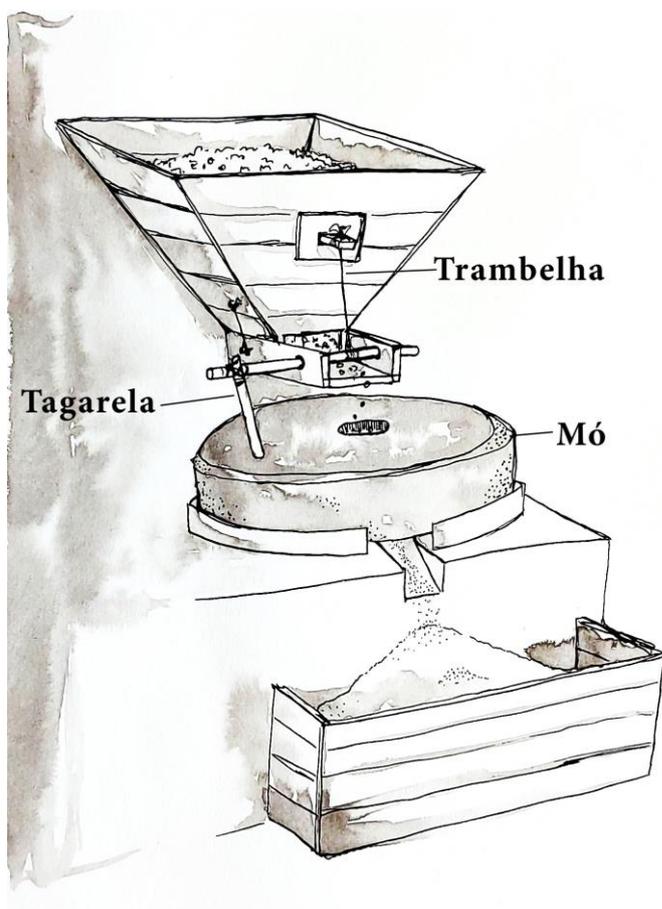


Figura 16 Ilustração de moinho com tagarela, trambelha e mó de pedra. Isla Antonello 2019.

Podemos logo imaginar a cena de séculos atrás: o moleiro em sua faina no moinho, habituado a ouvir aquele som repetitivo e primitivamente maquinal, arranhado e tremido, chegando na aldeia para encontrar pessoas cuja fala desarvorada lhe enche os ouvidos como a quelha enchia o olho da mó sob o comando da tagarela. E em dado momento, torna-se praticamente inevitável uma associação analógica e onomatopeica entre a constância do ruído mecânico e o fluxo incontínente de uma fala verbosa. Surge assim, no meio rural e em pleno espaço do trabalho, certa expressão de grande apelo popular para definir aquilo desde Camões (1556) era expresso por termos do campo semântico da “facúndia”, cuja derivações, entretanto, orientavam-se para o terreno culto da habilidade oratória.

Segundo o Dicionário “Diccionario da Lingua Portuguesa” do Padre D. Rafael Bluteau:

FACUNDIA, f.f. eloquência.

FACUNDO, adj. eloquente. Uliss. I. 27. o facundo. Ulisses Camões 8. 5. \_\_\_ lingua.

Arraes 5. 5. „facundos advogados.

§ Que inspira facundia,, nas facundas águas de Hypoerene,, Uliss. 4. 24. (BLUTEAU, 1789)

A tramela ou a tagarela refere-se, assim, ao loquaz do camponês que transformou um evento observável e audível em significado e substantivo abstrato e aplicável à sua comunidade comunicativa. O mais antigo dicionário da língua portuguesa já é testemunha desse desdobramento. O “Diccionario da Lingua Portugueza” do Padre D. Rafael Bluteau foi inicialmente publicado em Coimbra em 1728. Na sua versão já revisada por um brasileiro do Rio de Janeiro, Antonio de Moraes Silva, publicada um mês antes da eclosão da revolução francesa, já trazia em conjunto, além do “facundo” mencionado acima, também “taramela” e seu desdobramento que chegaria bem vivo até nós, “tagarela”.

TARAMELA, f.f. ou tramela, peça de madeira, cravada num prego, onde se volve, para se enbeber em algum buraco, ou atravessar as batentes da porta; ou cancela.

§ Nos moinhos he taboa pendente sobre a roda, e faz som em quanto ella se move, v. Citola.  
§ *Dar á taramela*, tr. vulg. fallar muito. Prestes f. 108.

TARAMELEAR, v. n. fallar muito. Arraes 7. 9.

(...)

TAGARELLA, f.f. gritaria, motim.

§ f.A pessoa que falla muito, e desentoadamente.  
(BLUTEAU, 1789)

Contudo, nem só nos léxicos se pode buscar a ancianidade e os desdobramentos de tais termos. Muito antes dos inventários terminológicos, em *corpus* vivos de literaturas, tanto eruditas quanto populares, somos capazes de flagrar a ascensão, queda e desuso de tais vocábulos. Em Camões, como já mencionado, temos presente a forma mais literata e culta do falador eloquente (este que, aliás, também já aparece no dicionário em 1789), o “facundo” e suas variações, como no Canto VIII transcrito abaixo:

Canto VIII

Parágrafo 5

«Ulisses é, o que faz a santa casa  
À Deusa que lhe dá língua facunda;  
Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,  
Cá na Europa Lisboa ingente funda.»  
(RUAS, 2000, p. 291)

No entanto, na longa epopeia humana do desenvolvimento da linguagem e do mais primevo “dar nome às coisas”, o bicho veio, certamente, antes da máquina. No campo semântico da falação podemos ver, por exemplo, as palavras anteriores ao surgimento do tagarela como grande falador: garrular, garrulice e gárrulo. Elas não se referem ao grande e habilidoso falador, eloquente como o facundo, mas sim ao mesmo tipo de falador que o tagarela: aquele que fala sem parar ao ponto de se transformar em um transtorno aos ouvidos, o sem medida.

Segundo o dicionário Houaiss, garrular refere-se a falar demais, palrar, tagarelar e também à ave emitir seu som característico, grulhar. Estes termos, apesar de datados como contemporâneos a Camões<sup>82</sup>, vêm de muito antes associados à falação, uma vez que garrular vem do latim *garrulare* (CUNHA A. G., 1982), verbo que significa palrar, tagarelar e este, por sua vez de *Garrulitas* (substantivo), cujo sentido próprio, segundo Faria, é chilreio (das aves) e, em sentido figurado tagarelice (de criança e em geral) (FARIA, 1956). Apesar de o moinho de cereais movido a água do qual saiu a analogia do tagarela já existir no mundo romano (ANDRADE, 2015), a analogia onomatopaica do som do animal (o chilreio das aves) para o falatório é mais antiga que a do som da máquina.

### 3.2.1.1. *Tramela*

Já a “tramela” por outro lado, origem certa do nosso tagarela, comparece em textos posteriores, de meados do século XVIII, momento no qual se encontra inclusive dicionarizada. No século XIX, a “tramela” ainda divide espaço com a sua epêntese<sup>83</sup>, “taramela” (como no exemplo trazido abaixo) e, finalmente no século XX, escasseia-se e praticamente desaparece em seu uso relativo à frequência da fala, restando apenas o nosso contemporâneo “tagarela” em uso frequente. Vejamos então o trecho de “A festa de Baldo, poema mixto em oito cantos”, de Álvaro Teixeira de Macedo (MACEDO Á. T., 1847, p. 38) :

Trinta e sete;! « diz Clara, é bem verdade,  
O tempo voa, e nos ficamos velhas!  
Tendo dado á traméla um bom pedaço,  
Despediram-se em fim, por ser forçoso  
Dos governos da casa ir ocupar-se.

Hoje, porém, tal expressão tem caído em desuso, ao menos no referido sentido da loquacidade, o que inclusive consta em sua dicionarização, que remete diretamente para a sinonímia da abundância da fala da entrada de *tagarela*, como vemos no verbete do Dicionário Houaiss (HOUAISS, 2009):

Tramela: substantivo feminino  
1 m.q. taramela  
2 Regionalismo: Sul do Brasil.  
pequena tábua que se prende no pescoço dos bezerros para desmamá-los, quando se pretende engordar as vacas

<sup>82</sup> Segundo o dicionário Houaiss, datam do século XIV

<sup>83</sup> Epêntese é o fenômeno de deslocamento de um fonema dentro de um vocábulo por acomodação articulatória da fala e não por razões etimológicas. No caso trata-se do deslocamento e desaparecimento do “a” de taramela para tramela.

3 Rubrica: costura.

tira de pano empregada esp. sobre o libré ou traje militar, ger. sustentada por dois botões, a fim de evitar que se desfaça a prega traseira deste tipo de vestimenta.

Sinônimos/Variantes:

ver sinonímia de tagarela

Encontramos, por sua vez, o taramela em “A moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo, na fala do personagem Tobias “escravo de meu Senhor. Crioulo de qualidades: fiel como um cão, e vivo como um gato.” (MACEDO J. M., 1844, pp. 29-30):

— Nestas coisas o Tobias não cochila : com licença de meo Snr., eu cá sou doutor nisto: meos parceiros me chamão orelha de cesto, pé de coelho, e boca de **taramela**. Vá dizendo o que quizer, que em menos de dez minutos minha Senhora sabe tudo : o recado de meo Senhor é uma carambolla, que batendo no meo ouvido vai logo bater no da Senhora D. Joanninha. (MACEDO J. M., 1844, pp. 29-30)

Neste trecho temos, junto à expressão destacada, uma segunda situação de que tratarei mais aprofundadamente adiante: o estereótipo da criadagem (empregados, pajens, escravos domésticos ou quaisquer outros gêneros de serviçais próximos à rotina da casa) indiscreta a respeito dos costumes e acontecimentos domésticos. Temos também o precioso ofício do portador de mensagens, que, do menino de recados ao emissário militar e ao estafeta<sup>84</sup>, leva consigo informações, orais ou escritas, a serem transmitidas com os mais diferentes graus de sigilo e relevância. Ora, é natural, nesse particular, que a escolha das circunstâncias de revelação, tanto do momento como do destinatário/receptor, criem uma situação especialíssima de poder para esse que se ocupa de portar e guardar consigo uma mensagem.

Ou seja: há uma outra dimensão da atividade de cativos e subordinados como aqueles que podem ver, ouvir e falar em demasia, inclusive de maneira estrategicamente vantajosa para si mesmos. E o controle de tal fluxo de informações inclui tanto o que chega até esse ator quanto e o que ele decide passar adiante e para quem. O serviçal que ouve, vê, fala, transporta e até mesmo trafica informações (com ou sem permissões expressas) é figura importante desde o mais remoto mundo antigo, passando-se por todo o período colonial do Brasil até o serviço doméstico plenamente livre junto à família e aos seus edifícios urbanos, tendo reflexos cruciais até hoje na sociabilidade e na intimidade do lar de grande parte da vida dos brasileiros que recorrem a uma empregada doméstica e são recepcionados em seus lares por um prestativo porteiro.

---

<sup>84</sup> Estafeta é um funcionário mensageiro, entregador de cartas, pacotes, encomendas e mensagens.

Dono (e porque não, guardião) inevitável dos segredos de seu patrão, prestador de serviços que de tão próximo à intimidade alheia acaba por incorporá-la à sua, a função de confidente, cúmplice e, às vezes, até amigo. Tal categoria existe sob diferentes roupagens independente do regime, bastando para isso unir serviço, hierarquia e confiança.

Outro exemplo desta relação da criadagem com os segredos da casa na literatura pode ser visto no romance de Eça de Queiroz “O primo Basílio”. Ali a empregada Juliana descobre as cartas que a patroa Luísa troca com o amante, seu primo Basílio. Juliana então a chantageia, inicialmente através de insinuações e gradativamente de maneira mais e mais exigente até quase inverter a hierarquia do serviço da casa. No auge da situação, a patroa está quase esfarrapada e extenuada, fazendo os piores e mais pesados trabalhos domésticos, enquanto Juliana já pouco trabalha, ganha bem e arrecada todas as melhores roupas e fazendas de Luísa para si.

Trata-se de situação, inclusive, que trespassa barreiras culturais. Bergmann n (1993) analisa aspectos da profissão das lavadeiras que lhes teria atribuído a alcunha de “*gossipers*”:

Yet the washing place assumed special significance because while doing their wash, which contained the bodily dirt of its user, "revealing" stains and worn out places and holes, the women constantly came across traces of the private and intimate affairs of others. Washerwomen thereby structurally assumed the position of gossip producers who acquired morally contaminated information about the private affairs of others or at least could figure this out from traces (visible evidence). (BERGMANN, 1993, p. 63)

Mesmo na Idade Média Europeia é possível encontrar referências à associação da atividade das lavadeiras e a fofoca. Segundo a medievalista Sandy Bardsley:

According to folklore, washhouses were the site of much gossip as women enjoyed each other's company while soaping and rinsing their families' clothes. (BARDSLEY, Women's Roles in the Middle Ages , 2007 )

A profissão de lavadeira, no Brasil, carregava também esse estigma da fofoca, (de onde vem a expressão “conversa de lavadeira”) não só por fofocarem durante o trabalho até mesmo para entretenimento próprio, mas também por esse sutil acesso às áreas mais íntimas da vida privada de seus patrões.

O escravo Tobias dantes referido, reflete bem o modelo do criado com acesso aos segredos do patrão no Brasil: Ele ouve tudo e presta atenção no que se passa (não só em recados diretos, mas também no que acontece à sua volta – “orelha de cesto”) e logo se apressa em (“pé de coelho”) levar tudo que captou a quem merece escutá-lo (boca de taramela). Perceba-se que, na autodefinição do personagem

acima transcrita, ele mostra-se ligeiramente orgulhoso ao reforçar duas características complementares: submissão e fidelidade (signos de confiança) e vivacidade para servir (eficiência no trânsito e transmissão de mensagens). O que demonstra os diferentes níveis sociais de tolerância de tal comportamento: para uns é estigma, para outros, motivo de orgulho.

Feito este parêntesis, voltemos à análise da tramela. Diferentemente desta, a taramela ainda se encontra dicionarizada com referência explícita tanto à fala quanto à peça do moinho. Diz o verbete no Dicionário Houaiss (HOUAISS, 2009):

Taramela: substantivo feminino

1 trava, ger. de madeira ou metal, que gira presa a prego ou similar pregado em porta, postigo etc. para fechá-los; cravelha, cravelho

2 no moinho, peça que comunica à tremonha o movimento trêmulo da mó superior, fazendo que os grãos caiam aos poucos para serem esmagados; cítola

3 Rubrica: termo de marinha. Diacronismo: antigo.

cunha de madeira grossa us. para firmar a retranca

4 Derivação: por metáfora. Uso: jocoso.

a língua

Ex.: cortar a t. a alguém

5 vozerio de muitas pessoas ou murmuração, boataria

- adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros

6 que ou quem é excessivo no falar; taramela

Mas a vibração da taramela parece ter também nomeado uma outra marca articulatória da fala: a gagueira, o tartamudear. Segundo Zenóbia Collares Moreira em seu Dicionário da Língua Portuguesa Arcaica:

Taramela s. Pequena trave com que se fechavam portas, janelas, porteiras, tramela; gagueira.

Taramelar v. Gaguejar (...)

(MOREIRA, 2005, p. 541)

### 3.2.1.2. *A trave e o tartamudo*

Esta característica trepidante do som da trave na mó do moinho desdobrou-se também por um caminho diferente daquele relacionada à prodigalidade da fala: prestou-se a ilustrar metaforicamente a repetição e a interferência lembradas pela vibração da quelha tremelicando ao deixar cair seus grãos. A tramela prestou-se assim a dizer o tartamelear do balbucio, isto é, o tartamudear instável do gaguejo, opondo ao fluxo do tagarela o entrecortado do “tac tac tac tac” da trave na mó, enfocando onomatopaicamente a ciclicidade disfêmica da gagueira.

Abaixo temos o tartamudo e seus desdobramentos no século XVIII (BLUTEAU, 1789) e, em seguida, no “Diccionario da Lingua Portugueza”, de Antonio de Moraes Silva, já do século seguinte (SILVA A. d., 1813) com pequenas variações.

TARTAMUDEAR. v.n. gaguejar.

§ Balbuciar. Arraes.  
 TARTAMUDO, adj. gago.  
 (...)
 TARTAREAR, v.n. chulo, tar.amelear. Eufr. 5.8  
 (BLUTEAU, 1789)

TARTAMELEAR, v.n. Balbuciar, falar mal de medo, ou susto. F. Mend. c.19. "e começando eu já neste tempo a tartamelear." id. c. 117.  
 TARTAMUDEAR, v.n. Gaguejar.  
 § Balbuciar. Arraes.  
 TARTAMUDO, adj. Gago. Arraes, 10.4.  
 (...)
 TARTAREAR, v.n.chulo. Taramelar. Eufr. 5.8. fallar tataro, ou tartaro, linguagem ininteligível.  
 (SILVA A. d., 1813)

É no mínimo curioso ver o caminho percorrido pela “trave” do latim “*traben*” ou “*trabs*”. Originalmente, a palavra *traben* nomeava uma árvore crescida como uma vara, algum pedaço de madeira ou lenho que se prestava a ser viga (FARIA, 1956) para ofícios de marcenaria ou carpintaria. Logo em seguida, uma específica função dessa sua forma, em dimensões bem reduzidas, graças aos moinhos, associou-se a experiências de sons e movimentos que transformariam uma simples trave em um tagarela e em um tartamudo.

### 3.2.1.3. Tagarela

Retorno então ao tagarela, muito mais familiar aos nossos ouvidos e dominante nos séculos XX e XXI, conquanto já abundante desde o XIX, como demonstra esse fragmento de “Guerra dos Mascates (O Prólogo)” de José de Alencar (ALENCAR, 1871, pp. 15-16):

Trazia-me o mirifico alferes uma carta de recommendação, que lhe dava o direito de importunar-me uma hora, á contar sua genealogia, como prólogo necessário e importante da biographia. Mas nunca um tagarela cahiu-me tão a propósito do céo como aquelle.  
 — Sr. Beltrão, meus pequenos serviços estão a sua disposição; mas não tenho valimento. É bom que procure os deputados de sua província.  
 — Qual, Sr. doutor. São uns ingratos; já estou escarmentado d'elles. Não viu este que sahia quando entrei? Depois que se encarapitou, faz que não conhece a gente. Não gosto de fallar... Mas si não fosse eu, elle não estaria hoje— senhor deputado!

Esse tagarela mencionado por José de Alencar serve à perfeição para ilustrar o que pretendo: mal é apresentado na narrativa, já emenda uma fofoca, falando em tom maliciosamente crítico a respeito de pessoa que acabara de deixar o recinto, dando ironicamente a entender que aquele lhe deveria até mesmo alguma reverência. Ora, este tagarela poderia ser apenas um falastrão, “falar pelos cotovelos” sem ser necessariamente um fofoqueiro, mas o é justamente partir do momento em que faz a típica referência mordaz a respeito de alguém que não está presente. E procurando abrandar, ao menos em parte, o efeito negativo de sua

conduta ferina, ainda declara “não gosto de fallar”, como quem precavidamente dissesse: “não pense que sou fofoqueiro, nem sempre faço isso”.

Aqui chegamos a um ponto importante, pois a reprovação do fofoqueiro é muito maior que a dispensada ao tagarela, posto que ao primeiro paulatinamente se vai acumulando um juízo réprobo. Lembremos o escravo Tobias, de Joaquim Manuel de Macedo, do exemplo anterior: ele chega mesmo a jactar-se da sua tagarelice, enquanto o alferes de José de Alencar, após proferir uma fofoca e imaginando que ela pudesse ser mal percebida, adianta-se em sua própria defesa, quase que se escusando pela atitude. É dizer: estamos aqui diante de um elemento altamente delicado, e que será doravante abordado em minúcia: os custos sociais do estigma do fofoqueiro.

Ser tagarela pode, embora nem sempre, representar uma alcunha negativa, enquanto ser chamado de fofoqueiro sempre o é, ainda que o conteúdo da fofoca não chegue a ser explicitamente negativo. Mais importante ainda é saber que ser tagarela é um defeito de comportamento registrado no âmbito mais superficial da etiqueta, o tagarela pode ser maçante, por exemplo, uma pessoa cuja incontinência verbal apenas irrita, alguém que não administra o silêncio ou a moderação na própria verbosidade. De outro lado, ser fofoqueiro já pode ser considerado um defeito de caráter, uma falha moral de quem pratica uma indiscrição merecedora de indignação ou censura, e não a simples crítica a que está sujeito o falastrão. O tagarela padece assim do descontrolo da medida, da quantidade de fala, não de sua qualidade e/ou intencionalidade. A sua falha de conduta (quando considerada como tal) pode ser comparada ao descuido daquele que fala alto demais no cinema, ou do aluno que conversa durante uma aula. Já o fofoqueiro é, em sentido ético, considerado uma má pessoa. Note-se que o verbete atual para “tagarela” somente em sua segunda acepção indica alguma negatividade certa nesta condição (HOUAISS, 2009), enquanto o dicionário Aurélio simplesmente não registra nenhum juízo negativo quanto a tal atividade, vejamos:

TAGARELA: adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros  
1 que ou aquele que fala muito; linguarudo  
2 que ou quem não guarda segredo; indiscreto

adjetivo de dois gêneros  
3 que faz ruído ou murmúrio constante  
4 que pia ou canta sem parar

□ substantivo feminino  
5 aglomeração de pessoas; gritaria, balbúrdia, alvoroço

6 Regionalismo: Brasil.

peça que controla a velocidade das mós nos moinhos

sinônimos:

como adj.2g.s.2g.: aldeaga, bacharel, bocarela, boca-rota, boquirroto, chocalheiro, conversador, espanta-lobos, falador, francelho, galrão, golelheiro, gralhador, grazina, linguarudo, loquaz, palavroso, palrador, pararaca, tarambela, taramela, tarameleiro, tarela, tarelo, tartalha, terlinta, traga-malha, tramela, verboso; como s.f.: ver tb. sinonímia de assuada

AURÉLIO

tagarela

[De formação expressiva, poss.]

Adjetivo de dois gêneros.

1. Que fala muito e à toa; galrão.

Substantivo de dois gêneros.

2. Pessoa tagarela; tramela, taramela, tarelo, galrão.

Substantivo feminino.

3. Gritaria, barulho, motim.

4. Bras. Peça dos moinhos de fubá, que regula a velocidade das mós.

De outro lado, já não podemos dizer o mesmo para a fofoca (HOUAISS,

2009):

Fofoca: substantivo feminino

Regionalismo: Brasil, Angola, Moçambique. Uso: informal.

1 ato ou efeito de fofocar

2 dito maldoso; mexerico, disse me disse

3 afirmação não baseada em fatos concretos; especulação

4 aquilo que é comentado em segredo sobre outrem

O viés réprobo da fofoca aparece explicitado em sua própria definição dicionarizada. Não quero com isso insinuar precipitadamente que a fofoca seja sempre algo maligno, ou que todas as fofocas o sejam, apenas saliento que a percepção comum em relação a esse termo tem conotações majoritariamente negativas. É sempre ruim ser chamado de fofoqueiro, mas nem todos que fazem fofoca (e que inclusive trabalham com ela) são efetivamente chamados de fofoqueiros e tampouco fazem sempre fofocas com algum teor negativo. Tal problema será tratado com mais profundidade posteriormente, mas é conveniente tê-lo já em mente para a argumentação que se seguirá, guardando-se a cautela de se estabelecer essas linhas gerais antes de avançar no tema, sobretudo para que o leitor esteja atento à sutileza das diferenciações e não trate ou perceba certos termos como sinônimos perfeitamente intercambiáveis em uma perspectiva marcada pelo senso comum.

### 3.2.2. ORIGENS INTRINCADAS DE INTRIGAS E MEXERICOS

Passemos agora ao estudo de algumas variantes anteriores ao termo fofoca. Para um falastrão passar a fofoqueiro é necessária a inserção de certos elementos no conteúdo do que é dito ou nas condições em que se faz o seu dizer. Em 1789, a fofoca não figurava ainda entre os verbetes do Dicionário Bluteau, o que nos faz imaginar essa nomenclatura posterior à época. Mas paralelamente à anterioridade do facundo em relação ao tagarela, temos também dois equivalentes na genealogia da fofoca: o mexeriqueiro e aquele que promove intrigas.

Antigo como as caravelas e os espalhadores de intrigas, os mexeriqueiros antecedem mesmo os fuxiqueiros<sup>85</sup> e os fofoqueiros brasileiros. Vejamos o que diz Bluteau a respeito deles em seu Vocabulário:

MEXEDOR, f.m. pessoa que mexe.

§ Instrumento com que se mexe.

§ Enredador, tecedor. *Ulispo* f. 175. *mexedora de conluyos*.

MEXER, v.at. misturar movendo as partes, do que se mexe.

§ f. bulir em alguma coisa, tocar.

§ Perturbar.

§ *Não se mexer bem entre si*, i.e. não se dão bem.

MEXERICAR, v.at. *mexericar alguém com outrem*: contar aquilo que se ouviu de hum em segredo, principalmente coisa de que há já dissensão, ou que cheira a acusação.

§ *mexericar-se* no t. descobrir-se por si v.g. "*as madeixas mais compridas, que a toalha que as encobria se mexericavão pelos extremos das pontas*" *Lobo*.

MEXERICO, f.m. conto, do que se ouviu em segredo a alguém, a seu inimigo, ou amigo para os inimizar. *Barros*.

MEXERIQUEIRA, f.f. de Mexeriqueiro.

MEXERIQUEIRO, f.m. o que faz mexericos, Orden.

§ adj. *Caravella mexeriqueira*, a que vai observar os movimentos das esquadras navaes inimigas.

(BLUTEAU, 1789)

Sobre intrigas:

INTRINCADAMENTE, adv. embaraçada, enredadamente.

INTRICADO, part. pass. de intrincar v.g. "*hum laberinto de ruas intricado; caminho intricado; negocio intricado; reposta intricado; historias intricadas; Vieira D. Frane. Man. Varella. Lobo*" *guerras muito mais intricadas*.

§ *Cabello intricado*, v. plica.

INTRICAR, v.at. v. intrincar.

INTRIGA, f.f. enredo oculto para obra má mod. adopt.

INTRIGANTE, f.c. pessoa; que intriga.

INTRIGAR, v.n. fazer intriga.

---

<sup>85</sup> Fuxico, segundo Houaiss é tido como alteração de futricar/futicar. Futricar é um regionalismo brasileiro usado informalmente para referir pilhéia impertinente e provocação ou o próprio fuxico. Segundo Houaiss (HOUAISS, 2009) e Antônio Geraldo da Cunha (CUNHA A. G., 1982) futricar vem de futre: bandalho, homem desprezível, indivíduo sem importância social. Tal palavra tem origem no francês *Foutre/foutriquet*: homenzinho insignificante de que não se faz caso. De onde podemos inferir que o desprezo pela coisa insignificante foi transferido para uma conversa sobre coisas insignificantes, ou conversa sobre amenidades desprezíveis do fuxico que conhecemos. A técnica artesanal denominada fuxico, por sua vez, seria assim denominada por que de as artesãs reunidas para produzir os fuxicos trocariam conversas e fofocas e conversas enquanto trabalham.

INTRINCADO, adj. v. intricado: *palavras intrincadas*, construídas, on concebidas de sorte que fica perplexo, e difícil o seu sentido. Repert. da Orden.

§ Enredada, emaranhada. *M. Conq.* 4.25. *não ficou fera na intrincada serra.*

Consideremos as palavras acima dicionarizadas na seguinte ordem: (1) Mexer, (2) Intriga/ intrigar/ intrincado, (3) Mexeriqueiro, (4) Mexerocar e, finalmente, (5) Mexerico. Através dessa sequência já podemos vislumbrar a complexa acomodação semântico-pragmática que acabaria por incorporar no terreno de uma corrente sinonímia o elemento cinético do mexerico (mexer) à nossa hoje tão prosaica fala fofqueira.

### 3.2.2.1. *O Mexer, a intriga, o Mexeriqueiro e o Mexerocar*

O verbo mexer vem do Latim *miscere* (reunir, juntar, acumular, agitar, perturbar) (CUNHA A. G., 1982). Ele representa movimento, mistura e troca de partes ou objetos, mudança de lugar, elementos importantes para a concepção de fofoca ao lembrarmos que ela consiste, dentre outras coisas, na circulação (passagem entre interlocutores) de informações (objetos, mensagens) e mesmo a confusão ou deformação (mistura) de tais elementos. O movimento do mexer é um dos principais campos semânticos ao redor do qual surgiram sinônimos e termos próximos à fofoca no Brasil. Os outros são o sussurro, e o maldizer .

Com algumas noções subjacentes semelhantes à de mistura, temos a (2) intriga, cuja origem remonta ao universo das fibras naturais têxteis e capilares: fios, linhas, cabos, cordames, cabelos, ou tudo mais que pode ser fiado, trançado, tramado, enovelado ou até mesmo que acabe por se esgrouvinhar em um maranhão de cuja meada não se tenha mais certeza de onde estão as pontas. Na definição do verbo intrincar, Houaiss assevera:

INTRINCAR: verbo transitivo direto e pronominal

1 tornar(-se) emaranhado; embarçar(-se)

Exs.: i. os fios da meada

intrincou-se o novelo de lã

transitivo direto e pronominal

2 tornar(-se) confuso, complicado; complicar(-se), enredar(-se)

Obs.: f. geral mais cor. e menos us.: intricar

Exs.: essas revelações intrincaram a questão

o caso intrincou-se

Estamos aqui justamente em um âmbito em tudo adverso à continuidade do fio discursivo. Metaforicamente, enredos e emaranhados tornam-se campos analógicos estendidos para informações e tramas narrativas propensas a confusões e complicações. Naturalmente, tais palavras não se referem mais apenas a um movimento (como o do mexer), mas já retratam um resultado desorganizador. Temos aqui o elemento necessário para a ideia do que chamamos, por exemplo, de

telefone (ironicamente) sem fio: a sequência de passagens de informações que vão se distorcendo, aumentando ou intrincando a cada estação (ouvinte)

Intrincar e intricar (seu sinônimo) são movimentos que embaraçam, o mover que embola, que torna mais difícil o discernimento de um fio ou de um feixe destes. O resultado emaranhado ou enleado é tão palpável que o próprio Bluteau o abona com o exemplo do “cabello intricado”. Intrincar, intricar e intrigar têm a mesma origem latina no verbo *intricāre*, *intricō* que significa também confundir, embaraçar (FARIA, 1956). No entanto, intrigar adquire uma carga de intenção psicológica subjetiva muito maior, que desloca a palavra de seu terreno analogizante mais concreto. Ou seja: intrigar já não é necessariamente mais apenas confundir ou embaraçar, mas voluntariamente produzir desentendimentos ou cizânias. E neste ponto chegamos enfim ao elemento que é praticamente unânime na percepção das pessoas a respeito da fofoca: a voluntariedade do mal (embora, pragmaticamente a fofoca não seja sempre má).

A intriga ocasiona a circulação de um enredo construído com o propósito de embaraçar percepções de pessoas em âmbito moral ou cognitivo, isto é, em relação a fatos ou juízos. Logo, não é mais uma simples maçaroca de fios, é agora um enleio provocado no discurso com o intuito de desviar ou manipular voluntariamente certa (in)compreensão, isto é, como quando se diz que alguém está “enredando” (com ardil) outrem na teia de suas artimanhas discursivas. Ainda mais vil pode tornar-se esse enredo caso haja a inserção de um outro elemento igualmente caro à fofoca: o oculto, o secreto. A intriga não é apenas um emaranhado a que se submetem fatos e ideias para confundir uma vítima. Ela é um enredo fabricado às escuras que engana não por ser necessariamente confuso ou falso em sua estrutura final, mas por estar oculto na origem e revestido de certa verossimilhança crível, despistando o caminho efetivo ou a verdade dos elementos que o compõem. O mal dessa intriga consiste, portanto, na intenção deliberada de enganar pela confusão que se escamoteia.

A confusão (mistura), o escondido (oculto/segredo), a intenção e a circulação, todos esses elementos estão contidos nessas duas palavras (intriga e mexerico) que se tornaram a base fenomenológica desse complexo evento que hoje entendemos sucintamente por fofoca. Naturalmente, dela existem vários tipos, de acordo com situação, interlocutores, intenções, conteúdos e alcance. Mas o que faz com que a fofoca seja distinta de uma comezinha troca conversacional, é a presença de ao

menos dois desses quatro elementos acima referidos, que ainda devem estar somados ao elemento da informalidade, o qual será em momento oportuno analisado separadamente.

Contudo, ainda não chegamos ao final desse percurso, pois ainda estamos distantes da fofoca brasileira. Chegamos, no entanto ao português Mexeriqueiro.

Assim como o verbo “mexer”, mexeriqueiro, mexericar e mexerico vêm do Latim *miscere* (CUNHA A. G., 1982). Mas como saímos da seara do movimento e entramos na fala? Através justamente do elemento “intriga”. Como vimos acima, mexeriqueiro é “quem faz intrigas” é, portanto, aquele que as transporta, que “mexe” as intrigas de um ouvido a outro. Tal movimento se torna ainda mais claro quando vemos o termo, citado pelo próprio Bluteau, “caravellas mexeriqueiras”, também chamada “nao de espia” (SILVA A. d., 1813) e mais modernamente “navio mexeriqueiro”, cuja função na esquadra em geral era aproximar-se e observar (espia) a movimentação das embarcações inimigas, além de funcionar como navio de recados, por ser embarcação menor, mais leve e ágil que as demais, como esclarece Jaime Martins Barata: (CARAVELA - Artigo escrito para a Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, s.d.)

#### Caravela mexeriqueira: naus do descobrimento:

Descobertas as costas que era possível descobrir, começaram as grandes viagens de comércio e de ocupação, feitas já por armadas de naus, depois por armadas de naus e de galeões, navios redondos no velame, bojudos, lentos, mais os primeiros do que os segundos, e cuja arqueação foi crescendo durante os sécs. XVI e XVIII. Essas armadas não podiam seguir os caminhos, mais directos, das lestras CARAVELAS latinas, e tomavam rotas muito mais largas. Para recados entre esses barcos pesados e a terra, para anúncios e notícias, com eles iam algumas das lépidas pequenas CARAVELAS latinas, chamadas, em virtude das suas funções, «mexeriqueiras». (BARATA, Caravela, 1970-1980)

As caravelas são conhecidas por serem navios leves e ágeis em decorrência de suas velas chamadas latinas (velas triangulares) que lhes permitiam, inclusive, ser manobradas com maior facilidade. Esta agilidade é justamente um atributo necessário ao mexeriqueiro eficaz: fazer a fofoca chegar antes da notícia oficial, uma vez que a fofoca intempestiva deixa de ser interessante e até mesmo valiosa como informação estratégica.

Estamos então falando de navios “fofoqueiros”? Certamente que não. A atribuição do nome “mexeriqueiras” às caravelas se deve a uma série de fatores metaforicamente e não literalmente relacionados à fofoca tal como a conhecemos hoje. As caravelas são mexeriqueiras porque: (a) levam, transportam (mexem, mudam o lugar de objetos), (b) mensagens, notícias, enredos, (c) rapidamente, (d)

de ouvido (navio) em ouvido, além de exercerem também a função de (e) espiãs (nau de espia) de armadas (f) inimigas (desafetos) ao aproximar-se rápida e sorrateiramente destas para observar-lhes a movimentação e táticas de batalha e poder, na sequência, (g) acusá-las (intriga) para as naus amigas. Temos então ao menos 7 razões para compreender a metáfora das caravellas mexeriqueiras.

Nomeados os circuladores de intrigas, garante-se a eles verbo próprio, mexericar (4), e substantivo específico, o mexerico (5).

Não pretendo aqui afirmar que tais palavras surgiram nessa ordem, o que exigiria uma investigação lexicográfica profunda em manuscritos para se poder se estabelecer a ordem em que a primeira menção de cada uma destas variantes ocorreu. Isto, por certo, tomaria o trabalho e o tempo de uma tese inteira e possivelmente sequer seja realizável. Meu intento, por outro lado, foi fazer uma fenomenologia do campo semântico da palavra mais próxima de “fofoca” no português, o mexerico e, com isso extrair de suas raízes funcionais os elementos necessários para compreender o próprio fenômeno e produzir para ele uma definição precisa.

Afinal e, curiosamente, a fruta que também chamamos mexerica (além de tangerina, mandarina, bergamota, entre outros) ganhou popularmente este nome pelo fato de ter um odor muito forte, característico e fixante, difícil de disfarçar. Dessa maneira ela “conta para os outros”, através do odor, que você a comeu (CUNHA A. G., 1982) (e que talvez não a tenha dividido com os amigos).

Do mexeriqueiro em diante está feita a fusão de elementos necessária para caracterizar o fenômeno que entendemos por fofoca. Contudo o mexerico não é ainda a fofoca. Enquanto o mexerico é genuinamente português, a fofoca, como a compreendemos, é africana e brasileira. Esta origem comum possivelmente tem reflexos sobre a maneira como lidamos com o próprio fenômeno assim nomeado, como por exemplo, as resistências da imprensa e da literatura em empregar a palavra “fofoca” até meados do século XX. O mexerico tornou-se logo uma palavra de uso tanto popular quanto corrente na comunicação entre fidalgos. Na literatura e na fala popular, assim como na expressão erudita, se encontram intrigas e mexericos enquanto a fofoca, em nosso português brasileiro, é um termo bem mais desprestigiado, por vezes configurando até mesmo uma espécie de chulismo. Sobre o desprestígio a respeito da fofoca e até mesmo as tentativas de “mascarar” seu nome no Português do Brasil falarei mais extensamente adiante. Apresento agora

alguns exemplos do uso dos mexericos na literatura lusa e portuguesa em diferentes tipos e hierarquias de expressão.

### 3.2.3. FOFOCA: BANTU NO BRASIL

#### 3.2.3.1. *Línguas africanas e os portugueses*

A presença dos negros se deu também desde muito cedo no processo de colonização, em virtude da substituição dos escravizados indígenas. O contato dos portugueses com culturas africanas antecede a chegada ao Brasil e passou por relações muito além do tráfico negreiro, envolvendo desde o comércio, à convivência com diferentes culturas, religiões e status sociais em territórios africanos ou mesmo na própria capital Lisboa.

Foi grande a influência das línguas africanas no Português desde o árabe às línguas subsaarianas. No Brasil isso se deu destacadamente por meio do grande fluxo do tráfico negreiro. Em geral os escravos chegavam ao Brasil sem saber falar Português (os chamados “negros boçais”) e, salvo raros exceções, eram também iletrados. Dependiam, assim, quase que exclusivamente da oralidade para qualquer forma de subsistência de seus idiomas originais, coisa que era ainda dificultada com a separação das famílias e conterrâneos ao serem vendidos e distribuídos pelo território brasileiro. Por certo, tais circunstâncias contribuíram em muito para a introdução de palavras africanas no Português, assim como o próprio Português foi, através também da fala, se impondo e tomando o lugar daqueles muitos dialetos nativos do continente.

Da sociologia e antropologia à linguística, há farto número de estudos a respeito dessa influência tanto na fala quotidiana quanto mesmo na integração ao léxico oficial, como a conhecida análise de Gilberto Freyre sobre a introdução de diversos termos africanos e duplicação de sílabas nas palavras do vocabulário infantil propagado através das amas negras:

A linguagem infantil também aqui se amoleceu ao contato da criança com a ama negra. Algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influência da boca africana. Da boca africana aliada ao clima - outro corruptor das línguas européias, na fervura por que passaram na América tropical e subtropical.

O processo de reduplicação da sílaba tônica, tão das línguas selvagens e da linguagem das crianças, atuou sobre várias palavras dando ao nosso vocabulário infantil um especial encanto. O "dói" dos grandes tornou-se o "dodói" dos meninos. Palavra muito mais dengosa. A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as

sílabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem rr nem 55; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: cacá, pipi, bumbum, tentem, neném, tatá, papá, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, dindinho, bimbina. Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. As Antônias ficaram Dondons, Toninhas, Totonhas; as Teresas, Tetés; os Manuéis, Nezinhos, Mandus, Manes; os Franciscos, Chico, Chiquinho, Chico; os Pedros, Pepés; os Albertos, Bebetos, Betinhos. Isto sem falarmos das laias, dos Ioiôs, das Sinhás, dos Manus, Calus, Bembens, Dedés, Marocas, Nocas, Nonocas, Gegês. (FREYRE, 2003, p. 414)

Estudos importantíssimos sobre o tema foram realizados desde então, como as obras da etnolinguista Yeda Pessoa de Castro, primeira brasileira a defender tese na África (1976) e autora de diversos livros e estudos sobre a influência das línguas africanas na cultura brasileira e no próprio Português<sup>86</sup>.

Grande parte das etnias africanas trazidas ao Brasil pertenciam às regiões de línguas banto (ou bantu). Como assevera Yeda Pessoa de Castro em “A influência das línguas africanas no português brasileiro” (CASTRO Y. p., 2005), foram duas as principais regiões de onde vieram os negros escravizados, ambas da África subsaariana:

A região banto, situada ao longo da extensão sul da linha do equador, e a região oesteafricana ou “sudanesa”, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria.” Englobando a região banto 300 línguas dentre as quais o quicongo, o quimbundo e o umbundo tiveram mais falantes trazidos ao Brasil (CASTRO Y. p., 2005).

O Quibundu (ou Kimbundu), idioma falado principalmente na região que hoje compreende a Angola central, era tão abundante no Brasil que já no século 16 apareceram dicionários Kimbundu-Português :

No que concerne à influência banto, ela é muito mais profunda em razão da antiguidade do povo banto no Brasil, denominado tradicionalmente de congo-angola, da densidade demográfica e amplitude geográfica alcançada pela sua distribuição humana em território brasileiro.

A sua presença foi tão marcante no Brasil no século XVII que, em 1697, é publicada, em Lisboa, “A Arte da língua de Angola”, do padre Pedro Dias. Trata-se da mais antiga gramática de uma língua banto, escrita na Bahia, para uso dos jesuítas, com o objetivo de facilitar a doutrinação dos “25.000 etíopes”, segundo Antônio Vieira, que se encontravam na cidade do Salvador sem falar português (CASTRO Y. p., 2005)

Já as línguas oeste-africanas mais presentes no Brasil foram, também segundo

Yeda Castro, aquelas chamadas de “sudanesas”, dentre as quais:

As mais importantes foram as línguas da família kwa, faladas no Golfo do Benim. Seus principais representantes no Brasil foram os iorubás e os povos de línguas do grupo ewe-fon que foram apelidados pelo tráfico, de minas ou jejes. O iorubá é uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais concentrados no sudoeste da Nigéria (ijexá, oió, ifé, ondô, etc.) e no antigo Reino de Queto (Ketu), hoje, no Benim, onde é chamada de nagô,

<sup>86</sup> Como o “Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro” de (2009) Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda.

denominação pela qual os iorubás ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil. (CASTRO Y. p., 2005)

A dinâmica dessa circulação é também tratada por Pierre Verger em sua célebre tese “Fluxo e refluxo” (VERGER, 2002). E não obstante a grande diversidade tanto cultural quanto de desdobramentos linguísticos e dialetais, todas estas têm uma origem comum no que Yeda chama de “grande família linguística Níger-Congo” (CASTRO Y. p., 2005).

Toda essa diversidade africana chegou falando suas próprias línguas ao litoral brasileiro e foi aos poucos adentrando o território, seja nas lavouras ou casas, nas capitais ou pequenas vilas do interior. Essas línguas sobreviveram e se mesclaram de diversas maneiras no novo continente, seja por meio da manutenção do vocabulário especializado religioso próprio (e cabe salientar que assim como a língua, as religiões Yoruba e Bantu se diferenciam), seja pela incorporação dos termos pelo seu uso e associação quotidianos. Tudo o que aquelas populações africanas trouxeram consigo (costumes, receitas, crenças e mesmo atitudes), elas trouxeram com seus próprios nomes. Este parece ter sido justamente o caso do que veio a dar origem à nossa brasileira fofoca. E apesar das diferenças linguísticas e culturais existentes entre as populações africanas diaspóricas, tudo indica que um uso subdialetal de termos comuns à comunidade negra tornou-se responsável por difundir jargões e falares cujos ritmos e sentidos mais específicos não nos deixaram senão rastros indiciários. Talvez a sobrevivência da palavra “fofoca”, na contramão de todo o fluxo do padrão de uma norma culta desenvolvida também por uma ciosa triagem lexical, constitua-se em uma relíquia de todo um universo de oralidades perdidas ou diluídas.

### 3.2.3.2. *Fofoca - Fuka*

A fofoca, como fenômeno existe em todas as culturas, mas não necessariamente é nomeada integralmente em seus aspectos por uma única palavra. É dizer: podem ser necessários diversos termos combinados para se abarcar a completude do fenômeno que nós, brasileiros, rapidamente entendemos quando se pronuncia tal palavra. Ora, não importa como nomeamos o fenômeno fofocueiro, todos fofocam: índios, portugueses, ingleses, africanos, chineses, sobre isso já há um consenso. Mas a maneira com que cada comunidade, cultura, grupo associa certas ideias ao fenômeno não é a mesma. Vimos isso através do esmiuçamento do mexerico e da intriga portuguesas que carregam a nuvem semântica da fofoca com

ideias que vão do mexer ao embolado, do complicado ao falso, do escondido ao sussurrado. Outras línguas desenvolveram nomenclaturas por caminhos analogisantes distintos, como é o caso de *gossip* no inglês, para citar um exemplo muito utilizado em diversos estudos sobre a fofoca. Enquanto mexerico deriva de um processo de significação oriundo de mexer, falar, embolar, transportar (e, em níveis mais complexamente metaforizantes, de enganar, distorcer e intrigar), a nuvem semântica de *gossip* provém de *God sip*, termo associado à intimidade familiar, às relações de compadrio e apadrinhamento oriundas do batizado cristão e do círculo religioso e familiar onde se tem acesso aos aspectos mais íntimos da vida no núcleo familiar família. Logo, *gossip* não provém de algum paralelismo físico ligado à abstração do sentido de deslocamento e mistura que chegam ao mundo das informações. Talvez por isso a cultura anglófona module mais enfaticamente a noção de fofoca (*gossip*) para a intimidade, reservando o rumor (*rumor*) para a mais ampla circulação comunicativa, suscetível à distorção (este sim semanticamente referente ao cochicho) circulação e ruído nas informações.

As áreas referenciais acionadas ao se tratar do *mexerico* para um falante do português brasileiro são diferentes daquelas invocadas pela *gossip* do anglófono, não obstante se referirem ao mesmo fenômeno e serem entendidas como tal nas mais consagradas traduções.

A percepção do fenômeno por um ou outro se dará a partir do acionamento desses diferentes arcabouços de analogias, gerando uma diferenciação eminentemente cultural capaz de produzir interpretações distintas de vários matizes ou dimensão do mesmo fenômeno. Além disso, não se pode desconsiderar, no mundo contemporâneo, que o termo fofoca, em qualquer idioma moderno, conquistou sua autonomia pragmática (e semântica) independentemente de tais passados etimológicos.

Em Inglês o verbo, o substantivo e o adjetivo são a mesma palavra: *To gossip* (fofocar), *the gossip* (a fofoca), *the gossip* (a fofoqueira), com destaque para o detalhe de ser o emissor da fofoca, na língua inglesa, sempre feminino (fofoqueira), mesmo que se refira a um elemento masculino, embora a língua inglesa não exiba marcadores de gênero na sua substantivação ou no seu emprego pronominal (BERGMANN, 1993). Segundo Bergmann n, isso indicaria, uma percepção do termo por parte dos falantes daquela língua. Estaria, pois, a fofoca associada ao gênero feminino. E inclusive o mesmo se dá com a palavra referente ao enunciador

da fofoca na língua alemã: *die Klatschbase*, a fofoqueira. (BERGMANN, 1993, p. 55). No Português, por outro lado, somente o substantivo “fofoca” tem gênero, também feminino, mas seu ator suporta a flexão de gênero. Isso não interfere objetivamente em quem fofoca mais, homens ou mulheres, mas sim na apreensão do fenômeno tanto em relação às pessoas que estabeleceram o gênero da palavra ao longo da história (que percebiam a atividade como feminina ou possuíam algum outro termo para denominar o fofoqueiro masculino), quanto em relação às pessoas que usam a palavra hoje (que podem ter sua percepção influenciada por seu gênero).

A expressão inglesa *God sib* refere-se ao compadrio, às fortes relações que se estabelecem entre a família de parentesco sanguíneo, a confiança da amizade e os laços de convívio onde a relação de proximidade é tão forte que a pessoa é convidada para ser padrinho ou madrinha das crianças, os *godparents*. Ou seja, trata-se, como salienta Jörg Bergmann em seu *Discreet Indiscretions – the social Organization of Gossip* (BERGMANN, 1993, p. 56), de uma pessoa que passa a ter acesso a um círculo íntimo e a informações que em geral são reservadas às órbitas da parentela mais próxima.

Ainda segundo Bergmann, tanto a palavra do Alemão para fofoca, *Klatsch*, quanto palavras do Francês, *comméragé*, e do Espanhol, *comadreria*, referentes ao que ele chama de *idle talk* (próximo ao nosso “conversa fiada”), são palavras etimologicamente ligadas a esse universo das relações de amizade, parentesco e confiança (BERGMANN, 1993, p. 56).

De fato, *comméragé* e *comadreria* compartilham até mesmo a origem latina em *commater*. *Comadreria* (fofoca) vem de *comadre* (que, em espanhol significa parteira, madrinha do batismo ou, em uso coloquial, uma mulher que interfere e intercede sobre um relacionamento amoroso – para ajudar ou prejudicar). *Comadre*, por sua vez, vem do latim *commater*, que tem a mesma acepção de parteira ou madrinha (ROBERTS, CELA, & PASTOR, 2013). Ao mesmo tempo, *comméragé* (fofoca) em Francês tem a mesma origem latina em *commater* através de *commère* (madrinha, comadre, fofoqueira, mexeriqueira) (CNRTL, 2019).

Dessa maneira, ideias cinéticas como a mistura, o mexer (mexerico), o intrincar (intriga) e o embolar (enrolado) de informações, ficam de fora (ou ao menos mais distantes) do campo semântico evocado pela palavra *gossip*. De outro lado, as relações de confiança, e os vínculos de compadrio que se irradiam da amizade à intimidade são evocados de forma bem mais imediata pelo registro

anglo-saxão. Portanto, não admira que Bergmann n, ao fazer sua análise sobre o fofoqueiro a partir da intimidade relacional de suas fontes informacionais, não tenha utilizado em sua comparação os homólogos do português (mexerico) ou mesmo do espanhol (*chisme*) associados a fofoca, rumor, notícia falsa, vocábulo que provém do latim «*cimex*» como alteração do grego «*schisma*», racha, divisão, ganhando o sentido de provocação intencional da discórdia ou semeio de divergências (ROBERTS, CELA, & PASTOR, 2013).

Nenhuma dessas duas acepções concernem ao universo da intimidade que Bergmann n explora etimologicamente. Ele trabalha em torno dessa noção para buscar seus sinônimos nas línguas vizinhas ao seu nativo alemão. Este passo, a meu ver, conduziu a uma tendência interpretativa do fenômeno atrelada a uma percepção da fofoca como “vazamento” da órbita de uma privacidade relativamente fechada e na sua relação com as informações caras a esse meio para uma esfera de maior alcance ou ao menos comunitária.

Em culturas onde a intimidade, no nível da economia da informação, é protegida pelos protocolos especializados da etiqueta (maneiras, pudor), a fofoca acaba por exercer um papel de subversão discreta dessa barreira. É dizer: a fofoca burla as convenções do recato, promovendo tráficos comunicativos mais sorrateiros. Não por acaso, Bergmann n conclui que a fofoca consiste em uma forma de cometer “discretas indiscrições”. (BERGMANN, 1993)

Todas essas asserções estão, a meu ver, corretas e coerentes, inclusive com parte da realidade brasileira onde, como sabemos, se fofoca também a respeito da intimidade alheia. No entanto, embora coerentes, não se mostram suficientes para abarcar todo o fenômeno. A fofoca nem sempre é uma indiscrição, porque, entre outras razões, ela nem sempre fala da intimidade de alguém, apesar de isso ser um dos traços mais comumente notados a seu respeito. Este “alguém”, esse terceiro que é tema ou assunto da fofoca, nem sempre é uma pessoa dotada de um círculo de intimidade familiar, podendo ser até mesmo, por exemplo, uma empresa a respeito da qual a noção de “discretas indiscrições” não explicaria ser alvo de fofocas no mercado financeiro. Ademais, sequer é suficiente a abordagem de Bergmann n para explicar fofocas entre ou sobre pessoas que não necessariamente se conhecem, coisa quase anormal em sociedades de intimidade mais fechada e protegida pela já mencionada etiqueta, como a anglo-saxã ou a alemã e a francesa. É, no entanto, ostensivamente observável onde tais barreiras se encontram corroídas ela

informalidade e a espontaneidade, ou mesmo organizadas de maneiras diversas ou menos rigorosas, como no Brasil, onde se fofoca com desconhecidos até no elevador, com o vizinho que nunca vimos, sobre política ou sobre o síndico que ambos detestamos, mas mal conhecemos, ou mesmo na caixa do mercado e fila do banco sobre dramas familiares e referenciais éticos comuns ou conflitantes.

Outra decorrência desta interpretação, orientada por um enfoque etimológico e centrada na intimidade, é que quem não tem intimidade, ou quem não tivesse capacidade de modular a revelação e o segredo de sua própria intimidade, não estaria sujeito à fofoca. Bergmann não acaba por chegar a esta conclusão a respeito das crianças pequenas. Segundo este autor, não se pode fofocar sobre crianças muito pequenas ou bebês porque estes não teriam nem uma intimidade já formada, nem uma quota suficiente de segredos a guardar. (BERGMANN, 1993, p. 54) Bem, pode ser que na Alemanha não se fofoque a respeito de crianças pequenas, mas se isso ocorre é por razões culturais e não por conta da estrutura da fofoca. No Brasil, fofocar sobre crianças pequenas não parece ser problema algum: fofocas maldosas (ou não) sobre como a criança será no futuro, sobre seu (mau) gênio herdado de pai ou da mãe são relativamente comuns, mais ainda em vizinhanças próximas e de alta competitividade, como é o caso ilustrado por Manuel Antônio de Almeida em “Memórias de um sargento de milícias” de 1852-1853, onde a Vizinha fofoca maldosamente a sobre o menino Leonardo para um outro, justamente nomeado no livro como Compadre:

Vagou depois por muito tempo pela rua, e só se recolheu para casa estando já a noite adiantada. Ao chegar à porta de casa abriu-se o postigo de uma rótula contígua, e uma voz de mulher perguntou:

— Então vizinho, nada?

— Nada, vizinha, respondeu o compadre com voz desanimada.

— Ora, quando eu lhe digo que aquela criança tem maus bofes...

— Vizinha, isto não são coisas que se digam...

— Digo-lhe e repito-lhe que tem maus bofes... Deus permita que não, mas aquilo não tem bom fim...

— Oh! senhora, replicou o compadre muito irritado, que tem a senhora com a minha vida e mais das coisas que me pertencem? Meta-se consigo, cuide nos seus bilros e na sua renda, e deixe a vida alheia.

Entrou depois para casa murmurando:

— Um dia faço aqui uma estralada<sup>54</sup> com esta mulher: é sempre isto! parece um agouro!

(ALMEIDA, 2011, pp. 41-42)

A situação é tão caricata e corriqueira nas vizinhanças que se repete mesmo na narrativa. Desta vez a Vizinha fofoca com uma amiga sem saber que outra personagem relacionada ao menino, a Comadre a escuta. A Vizinha, agora fofoca

negativamente sobre toda a família do menino e sobre seu mau futuro e comportamento:

Assim não procurava o Leonardo muitas vezes; havia muito tempo que não sabia notícia dele, nem da Maria, nem do afilhado, quando um dia na Sé ouviu entre duas beatas de mantilha a seguinte conversa:  
 — É o que lhe digo: a saloiazinha era da pele do tinhoso!  
 — E parecia uma santinha... e o Leonardo o que lhe fez?  
 — Ora, desancou-a de murros, e foi o que fez com que ela abalasse mais depressa com o capitão... pois olhe, não teve razão; o Leonardo é um rapagão; ganhava boas patacas, e tratava dela como de uma senhora!...  
 — E o filho... que assim mesmo pequeno era um malcriadão...  
 — O padrinho tomou conta dele; quer-lhe um bem extraordinário... está maluco o coitado do homem, diz que o menino há de por força ser padre... mas qual padre, se ele é um endiabrado!... (ALMEIDA, 2011, pp. 47-48)

A despeito da análise que venho fazendo do caminho semiológico das definições do fenômeno no português a partir do mexerico e da intriga, meu objetivo é produzir uma análise estrutural do fenômeno que possa suportar as mais variadas referências culturais, tornando-se capaz de englobar tanto a noção de mistura quanto a de intimidade, e mesmo outras que venham a se apresentar em quaisquer línguas. Prossigo, portanto, com a elaboração semântica do termo fofoca no Brasil, procurando a relação do português brasileiro com a estrutura mais universal do fenômeno.

## FOFOCA FUKA

Segundo Yeda Pessoa de Castro em: “De l'intégration des apports africains dans les parleurs de Bahia, au Brésil (tomo I, parte II, Faculté des Lettres, Lubumbashi, Congo, 1976)” (CASTRO Y. P., De l'intégration des apports africains dans les parleurs de Bahia, au Brésil, 1976) e, recentemente confirmado pela própria, o vocábulo “fofoca” tem origem provavelmente no Quimbundo (ou Kimbundu), língua da família Bantu (ou Banto). A fofoca teria surgido a partir do Quimbundu “fuka” que significa mexer, remexer, revolver.

“fofoca é um aporte lexical banto da língua kimbundo ou kikongo no Português brasileiro, línguas tipologicamente muito próximas, a exemplo do português e espanhol entre as línguas românicas.

Provavelmente vem do étimo, assim escrito em kimb/ kik. nfwasuka/ nfwasoka, daí, por assimilação, nfwafoka, fofoca, mexerico, deverbais de kusoka, mexer.” (CASTRO Y. P., ARQUIVO PESSOAL, 2018)

É de extrema relevância para nosso estudo esta descoberta, pois notamos que os dois vocábulos que descrevem sinonimicamente o mesmo fenômeno seguiram

caminhos semânticos semelhantes: do movimento à fala (mexer em português e *fuka* em quimbundo)

Dessa maneira, elementos debatidos acima como o emaranhamento e a circulação existentes no fenômeno social da fofoca, foram também identificados e associados pelos falantes quimbundo ao seu próprio “mexer” (*fuka*).

É possível encontrar ainda outras palavras associadas ao campo semântico do mexer e da fofoca no quimbundo, como por exemplo a palavra com o radical “fuka”, Kufúka, segundo o Dicionário Kimbundu – Português de Assis Jr:

Kufúka, v.tr. e intr.. Afocinhar; forçar: *kurifunga nî utumbu jingulu ji ku fúka*. |dar focinhadas.|\ v. tr. Revolver; remexer, (com focinho). (ASSIS JÚNIOR, 1967)

O nariz é figura bastante presente no imaginário fofoqueiro do Brasil, principalmente ao lembrarmos de expressões como “meter o nariz” (onde não é chamado, do que é variante a expressão “meter o bedelho”), fuçar, chafurdar, narigudo, mexer o focinho, enxerido, xereta, cafungar, entre outras. Todas elas estão associadas ao universo da fofoca tanto por meio do mexer (em algo que não se deve) quanto por meio do nariz, primeiro a aparecer quando se está espiando às escondidas. Interessante salientar, inclusive, que temos maior associação da fofoca com o nariz do xereta, o futriqueiro, do que com o ouvido ou os olhos do curioso. Teria a relação entre fofoca e esse sentido de *chafurdar* e *remexer* (vasculhar, escrutinar, bisbilhotar) com o focinho do porco na “lama alheia” também suas raízes no Kimbundu africano aportado no Brasil?

Outros indícios apontam para uma resposta positiva, como é o caso justamente do verbo *cafungar*, cuja etimologia remete à mesma raiz de onde vem a fofoca. Vejamos:

Segundo o Dicionário Michaelis:

Cafungar - ca·fun·gar

vtd e vint

1 Procurar minuciosamente; catar: Já cafunguei tanto minha carteira, mas não a encontrei. Passou a tarde toda no jardim a cafungar.

vtd e vint

2 Analisar em detalhes; examinar minuciosamente; esmiuçar, investigar: Cafungou a vida pregressa de todos os presentes. O delegado queria saber de toda a situação e foi para as ruas cafungar.

vtd e vint

3 Fungar, cheirar fungando Ficou lá cafungando o pescoço da moça. Vai aos bailes e finge que dança só para cafungar.

ETIMOLOGIA

der do quimbundu *kufunga+ar*.<sup>87</sup>

Segundo o Novo dicionário Banto do Brasil:

Cafungar:[1], v. t. d. Procurar minuciosamente; esmiuçar, catar (BH) – Do quimbundo *kufunga*, fuçar, focinhar, farejar. (LOPES, 2003, p. 55)

E ainda, segundo Yeda Pessoa:

Cafunga(r) (banto)1. (°LP) – v. procurar, catar, meter o nariz onde não é chamado. Cf. **cafungage(m)**. Kik. *Kufubga/ Kavuka*. (CASTRO Y. P., 2001, p. 190)

Podemos então imaginar que o caminho do sentido do *fuka* tenha propiciado tanto a fofoca quanto um de seus sinônimos colaterais: *cafungar* (em seu sentido de fuçar, xeretar, meter o nariz, futricar) e, desta maneira também tenha contribuído para introduzir, ou fortalecer a associação do nariz à fofoca no Brasil.

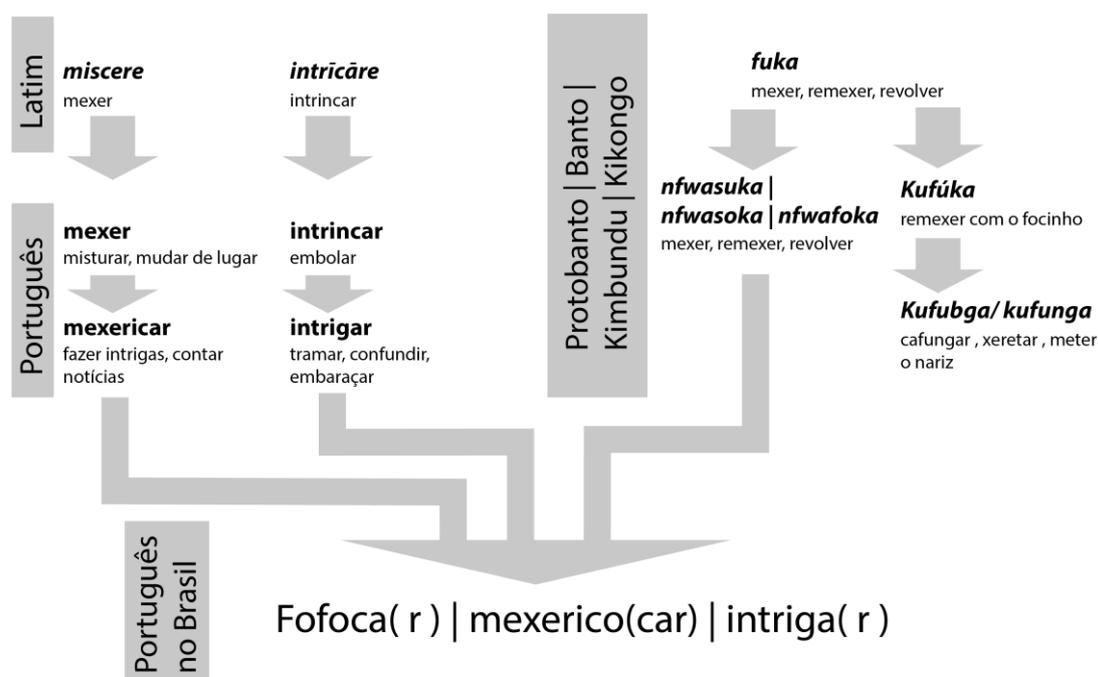


Figura 17 Esquema exemplificativo do caminho percorrido pelas palavras do latim e Bantu até o Português

Com efeito, importantes e atuais pesquisas de sociolinguística de *corpus* convergem em atestar que o termo “fofoca” e seus derivantes “fofoqueiro” e

87

URL:

[http://michaelis.uol.com.br/busca?id=LGWZ&fbclid=IwAR13qg9iETBqze3OIEA\\_TMh4vK6e6c597mycAnlMqZ2ByXk3pdqFuOpjiaE](http://michaelis.uol.com.br/busca?id=LGWZ&fbclid=IwAR13qg9iETBqze3OIEA_TMh4vK6e6c597mycAnlMqZ2ByXk3pdqFuOpjiaE) > ACESSO 30.01.2019

“fofocar” constituem-se em genuínos brasileirismos diatópicos<sup>88</sup> de circulação nacional e que chegaram a atingir a esfera internacional da comunidade lusófona, provavelmente graças ao impulsionamento pelos meios de comunicação de massa (como por exemplo a muito intensa exportação de telenovelas brasileiras). Laura Aparecida Ferreira do Carmo em sua tese de doutorado “O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX” de 2015 comenta esta movimentação referente ao século XIX:

Mesmo que a identificação de alguns regionalismos seja algo quase intangível, ainda mais contemporaneamente, na medida em que a comunicação entre diferentes países e regiões tem cada vez menos barreiras, há uma parcela do léxico que permanece marcada como brasileira ou como identificada com o Brasil (mesmo quando usada em Portugal). Além disso, há a mobilidade: o que era peculiar a uma região numa época, num curto espaço de tempo pode deixar de sê-lo, se for incorporado pelos meios de comunicação.

*Nota:* Como exemplo de recentes incorporações do vocabulário do português brasileiro pelo europeu: fofoca e derivados e bagunça e derivados. (CARMO, 2015, p. 33)

Já sobre o século XX, Brayna Conceição dos Santos Cardoso em seu trabalho linguístico “A variação diatópica no dicionário escolar” também de 2015 classifica “fofoca” e “fofoqueiro” como marcas diatópicas indicadoras de brasileirismo (CARDOSO, 2015, p. 125). Essas pesquisas indicam que a possível suplantação das noções de intriga e mexerico pela a fofoca teria ocorrido sim território brasileiro.

Outras confirmações de que tal mudança tenha ocorrido em nosso território, são o fato de que também em Angola, por exemplo, a fofoca é considerada uma palavra brasileira que fora lá introduzida juntamente com outras que teriam percorrido o mesmo caminho.

Desse modo, a palavra tornou-se hoje utilizada em todo o território falante do Português. Em alguns lugares mais, outros menos. Em Angola, a fofoca é considerada como uma palavra tomada de empréstimo do Português do Brasil, segundo a tese de doutorado defendida por Jean-Pierre Chavagne “*La langue portugaise d’Angola. Etudes des écarts par rapport à la norme européenne du portugais*”<sup>89</sup> Afirma Chavagne:

En usage récent en Angola et venus récemment du Brésil : lanchonete (commerce où on vend des sandwiches), boteco (bar, café), bufunfa (argent), fofoca (médisance, ragot), kenga

---

<sup>88</sup>Segundo o Dicionário Houaiss, “Diatópico”: que se distribui geograficamente (diz-se, p.ex., de variante linguística, p.ex., o s "chiado" dos cariocas e o s "sibilado" de outras regiões do Brasil); geográfico, espacial, regional, horizontal

<sup>89</sup> “A língua portuguesa de Angola. Estudos de desvios do padrão europeu do Português”, em tradução minha.

(prostituée), lorota (sornette), muamba (bénéfice d'une affaire). (CHAVAGNE, 2005, pp. 143-161)

Ademais, na tese “Caracterização da norma do Português em Angola” (UNDOLO, 2014, p. 249) Márcio Undolo classifica o termo “fofocar” como um neologismo em relação ao vocabulário angolano. Não obstante em Moçambique, outro território africano que tem a língua portuguesa como oficial convivendo com a forte presença de mais de 40 outros idiomas do tronco bantu, o termo fofoca é fartamente utilizado no quotidiano. E lá como aqui, temos outras definições mais locais para o termo como *zongola*: (fofoqueiro em Angola) e *waapa* (fofocar em Moçambique).

Uma outra palavra utilizada como sinônimo da fofoca - o fuxico - não veio do mexer, mas aproximou-se desse sentido de forma colateral, justamente por ter se relacionado com o tempo à fofoca.

A origem do termo fuxico é ainda considerada relativamente obscura, apesar de haver algumas teorias diferentes a respeito de sua origem. O que se pôde traçar até hoje é que o substantivo fuxico deriva também do mundo dos trabalhos manuais, em especial, da costura. Segundo Houaiss, fuxicar vem de “futicar” (datado de 1899 – Houaiss), vejamos:

Fuxico:

n substantivo masculino

Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

**1** comentário que é espalhado com base em suposições, quase sempre desleal; futrica, futrico, intriga, mexerico

**2** intromissão no que não lhe diz respeito; bisbilhotice

**3** Regionalismo: Brasil.

cerzidura ou remendo malfeito

**4** namoro exibicionista ou escandaloso

**5** Regionalismo: Nordeste do Brasil.

amizade muito estreita

E ainda, segundo Houaiss:

Fuxicar:

n verbo

Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

transitivo direto e intransitivo

**1** mexer intencionalmente em (ger. provocando desordem); futucar, remexer, revolver

Exs.: *f. as gavetas*

*passou o dia fuxicando por aí, enfasiado*

transitivo direto

**2** fazer (algo) apressadamente, sem capricho

intransitivo

**3** fazer fuxico(s), intriga(s); futicar, mexericar

transitivo direto e intransitivo

**4** m.q. **futicar** ('causar rugas', 'coser', 'ser inoportuno')

aA

Além de denominar a comunicação da fofoca, tanto fuxico quanto fuxicar estão ligados ao trabalho de coser ou alinhar o tecido com agulha e linha

formando rugas, pequenas pregas. Há um tipo de artesanato bastante comum no Brasil e em Portugal em que se forma pequenas trouxinhas de tecido desta maneira conhecidas como fuxico.



*Figura 18 Janela com cortina de fuxicos, fotografada em Tiradentes, Minas Gerais. Foto da autora.*

Mais uma vez estamos diante do mundo do trabalho nomeando por analogia a comunicação comunitária. Versa a anedota que este trabalho manual teria passado a nomear o fenômeno comunicativo por ficarem as artesãs juntas, horas a fio, a conversar e coser as pregas no tecido, contando notícias, falando das novidades e conhecidos e tecendo eventuais intrigas. O fuxicar da artesanaria é atividade que ocupa as mãos, mas deixa livre as línguas de seus praticantes, em geral mulheres.

O fuxico e o fuxicar podem ser considerados, portanto, parte de um grupo de sinônimos da fofoca derivados do mundo do trabalho repetitivo e, principalmente, manual. Aquele que, justamente, deixam livres as línguas e próximas as pessoas nele envolvidas. O futicar, por sua vez, parece corresponder a um estágio mais

primitivo desta passagem, onde o trabalho se associa também ao falar, mas não necessariamente ao intrigar, mais a um certo “incomodar”, talvez, como no caso da tagarela, pela repetição ou ininterrupção, mas nesse caso já entramos num campo mais especulativo.

Não é certo, por outro lado, se o nome da peça artesanal fuxico é anterior ou posterior à associação do fuxicar à fala fofoqueira. É improvável que o seja. Mais certo seria pensar que o nome da trouxinha de pano deriva da forma como é construída: a partir da formação das muitas preguinhas no tecido.

Há algumas outras versões informais (porque sem comprovação especializada) da origem da palavra fuxico como fofoca. Uma bastante difundida é a de que a palavra derivaria do sobrenome de Joseph Fouché (1759 – 1820) por conta de sua história e reputação e da semelhança na sonoridade do sobrenome “Fouché” com o fuxico.

Joseph Fouché foi um político francês conhecido por ser ardiloso, sem caráter e por ter atravessado diferentes períodos conturbados da história francesa (da Revolução Francesa, a Primeira República Francesa e o Primeiro Império Francês, até o reinado de Luís XVIII) se beneficiando política e financeiramente de suas intrigas e manipulações. Arquetizado golpes, comprado votos, subornado informantes, dentre eles a própria Josephine Bonaparte. Tornou-se personagem histórico notoriamente reconhecido como perverso e moralmente desprezível e merecedor de alcunhas como trapaceiro, regicida e mesmo “traidor perfeito” atribuída a ele pelo próprio Napoleão Bonaparte.

Fuxico derivaria de Fouché através da associação de seu nome à trapaça, transgressão moral, manipulação de segredos e ação “nas sombras”, coisas também popularmente ligadas ao imaginário da fofoca. Tal associação é também plausível e significativa por ser ele um personagem de atuação eminentemente política, explicitando uma percepção popular de que a fofoca transcende os temas de alcova e privados, familiares e as fúteis intrigas entre comadres, para abranger áreas muito mais amplas e difusas, como a política e membros da sociedade em posição de destaque e poder e cujas ações têm consequências na esfera pública.

No entanto, essa teoria derivada do nome, fama e atitudes de Joseph Fouché desconsidera a já estabelecida origem do fuxico no fuxicar, que por sua vez não tem semelhança sonora com o referido nome. É mesmo forçoso pensar que se tenha derivado daquele personagem político um nome para atividade manual sem

qualquer relação com sua história e personalidade. É mais factível que trate-se de uma falsa etimologia resultante tanto da sonoridade semelhante entre Fouché e a palavra mais recente da cadeia, o fuxico, quanto de uma relação da sórdida reputação de tal personagem com o significado relacionado à fala do fuxico. Essa confusão não seria possível, no entanto com relação à sonoridade de Fouché e o seu anterior futicar, o que inviabiliza, em grande parte, a conexão etimológica.

Há também uma outra associação de fuxico e fuxicar com o futricar (datado de 1899- houaiss) e futrica (datado de 1862- Houaiss). Todos estes funcionam tanto no português brasileiro quanto de Portugal como sinônimos de fofoca, entre outras acepções. Mas estes têm sua significação derivada de outra área que não a da fala. Parece mais derivar de ideias relacionadas à aglomeração e confusão. Isto porque futrica, além de mexerico, significa também uma espécie de taberna, ou bodega, pequena loja de vinho e objetos de consumo cotidiano, além de pessoa fútil, insignificante. Segundo Houaiss:

Futrica:

n substantivo feminino

1 local onde se vende esp. vinho; taberna, bodega

2 qualquer local pequeno onde se vendam bebidas, frutas, legumes etc.; baiuca, bodega, quitanda

3 amontoado de coisas velhas, trastes sem valor; caranguejola

4 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

pilhéria impertinente; provocação

5 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

m.q. fuxico ('comentário')

n substantivo masculino

6 m.q. futre (subst.)

7 Regionalismo: Brasil.

indivíduo sem importância social

Futrica, por sua vez, tem sua origem em futre (datado de 1827- Houaiss) que designa, como vimos acima, uma pessoa de importância diminuta ou portadora de outras qualidades socialmente reprováveis. Segundo Houaiss:

Futre:

n substantivo masculino

1 indivíduo desprezível, reles; bandalho, futrica

2 indivíduo avaro, sovina

n adjetivo de dois gêneros

3 sem importância, valor; insignificante, reles

Futre tem sua etimologia já estabelecida derivando do Francês *foutre* - ter relações sexuais com uma mulher- que vem, por sua vez, do latim *futuere* (HOUAISS, 2009), com a mesma acepção.

Não obstante, não é possível estabelecer com segurança uma conexão entre estas duas vertentes e a atual significação de fuxico em relacionada à fofoca. O que sabemos é que esta acepção é especificamente considerada como um regionalismo brasileiro. É possível, portanto, que a referência ao fuxico como fofoca tenha surgido ou ao menos tenha se fixado no Brasil, assim como ocorreu com a palavra fofoca.

### 3.2.3.3. *O desprezo pela fofoca*

Os principais lexicólogos brasileiros, Antônio Houaiss e Aurélio Buarque de Holanda datam a fofoca como uma ocorrência deveras recente, de 1975. Uma das descobertas que fiz ao longo da pesquisa foi justamente que esta data é bastante imprecisa, uma vez que, por exemplo, temos já em 1958 a “Marcha da fofoca”, uma marchinha de carnaval composta e publicada na revista Cinelândia N° 127 do mesmo ano:

Marcha Da Fofoca Interpretada Por: César De Alencar

Compositores: Castro, Jorge de - Batista, Wilson

Letra:

Fala, fala, fala / Fofoqueira

Fala, fala, fala / Faladeira

Venha conhecer minha maloca

Deixa de fofoca

Intriga é contra a moral

Fofoca e eu sou tão legal

A minha orelha quer se refrescar

Me dá uma colher de chá

(CINELÂNDIA, 1958, p. 63)

Curiosamente, o registro mais antigo que encontrei em impresso foi justamente essa expressão tão popular em um gênero musical especialmente composto para uma ocasião (DAMATTA, 1993, p. 59), ambientada no contexto de inversão ou suspensão próprio do carnaval (DAMATTA, 1997b). Agora, a menção da palavra “fofoca” em um periódico impresso, coisa incomum ou excepcional, tornou-se tolerável, preterindo-se finalmente o mexerico. O carnaval brasileiro é palco de dramatizações de papéis sociais, de acordo com a vivência e percepção cotidiana de forma inclusive caricata (DAMATTA, 1997b), como é exatamente o caso da fofoqueira na marchinha., que “fala fala fala”, parecendo mesmo uma boa tagarela. Tais dramatizações reforçam, inclusive por zombaria, os próprios critérios éticos, como é o caso da estrofe que diz “Intriga é contra a moral”, onde se insere

também o elemento da intriga (a má intenção) que descaracteriza o falar da fofocreira como mero descontrole verborrágico.

Por conta desse contexto da suspensão da ordem, a marchinha adquire também seu caráter de expressão de desejos ou expectativas normalmente inexprimíveis ou irrealizáveis dentro de uma hierarquia social rígida e de papéis sociais em regime normal de funcionamento. Ela tem esse “poder mágico das músicas de carnaval” (DAMATTA, 1993) de realizar coisas e, ao mesmo tempo também de ser veículo através do qual a sociedade se revela (DAMATTA, 1993, p. 60). Revelada está ali então, pelo escracho à faladeira, a própria centralidade da fofoca, que assim invade um “lugar” onde normalmente não seria aceita, desfilando com naturalidade e alegria através desse veículo de um ritual que inverte papéis e suspende sanções.

Na busca que fiz em periódicos com o intuito de averiguar a hipótese desse desprezo editorial pela fofoca, pude recolher alguns exemplos de sua publicação anterior a 75 além desse primeiro resultado da marchinha. Todos são posteriores e a maior parte deles esse mesmo periódico: a revista dirigida por Roberto Marinho de nome “Cinelândia”.

Esta revista em particular era especializada em notícias do mundo do cinema, principalmente atenta à vida e à carreira dos artistas, não necessariamente nos roteiros dos filmes. Encontrei a fofoca justamente em edições da coluna “Mexericos” de Liba Frydman:



Figura 19 Página da revista Cinelândia com a coluna “Mexericos” de Liba Frydman

## MEXERICOS

RETIRADA inteiramente das atividades artísticas, a estrela italiana Lia Amanda, ora radicada em São Paulo, limita-se a ser excelente dona de casa e mãe de família, tendo já três

filhos de seu casamento com Arnaldo Carraro. O exemplo de Lia é raro. O contrário é que costuma acontecer frequentemente.

ENTUSIASMADA com a Europa, onde teve ocasião de revelar um talento até então desconhecido, o de jornalista profissional, Odete Lara não pretende retornar tão cedo a São Paulo, nem que por isso perca o papel em “Caminho do pecado”, ex- “Moral em concordata”. E é por isso que Fernando de Barros tem sido visto em companhia de algumas aspirantes ao estrelato, não se sabendo até agora qual será a detentora do papel, embora a mais cotada seja Luci Reis.

MUITOS CINEASTAS ficaram decepcionadíssimos com o resultado das últimas eleições em São Paulo. Outros, por sua vez, ficaram entusiasmadíssimos, porque acham, que agora, sim, o cinema vai. Aqui entre nós, um pouco menos de fofoca não fariam nada mal ao periclitante cinema paulista, que no caminho que vai, não está nada bem.

ALGUMAS GRANDES amizadas, cimentadas em “boites” com noitadas regadas a “whisky”, não estão valendo mais nada atualmente. Os boatos a respeito são desencontrados, e também não muito edificantes.

APESAR DE muito anunciada, não se realizará mais a viagem de Marisa Prado ao Brasil. A bela morena, que está completamente radicada na Espanha, não tem tempo para dar um pulo até aqui, tantos são os compromissos que a prendem no cinema ibérico.

QUEM ANDA contente da vida é a Liana Duval. Depois de dez anos de profissão, ela acabou mesmo ingressando no TBC, sonho de toda atriz de teatro que se preze. A estas horas Liana já está no Rio de Janeiro, interpretando um dos papéis de “Rua São Luís, 27 – 8º and.”

EMBORA SEJA vista de vez em quando com artistas e galãs, o coração de Ana Maria Nabuco pertence a alguém que não frequenta o meio cinematográfico. Dizem que ele é advogado, que está apaixonado, mas que por enquanto o casório está fora de cogitações. (FRYDMAN, Mexericos, 1958, p. 66)

Note-se que aqui já se nota a presença das características gráficas de uma típica coluna social, segundo descreve Paula Francinetti da Silva em seu livro “A coluna social como gênero de fofoca”:

Essa é a origem do que a linguagem jornalística define como coluna social, texto que é redigido cobrindo-se um espaço da cabeça ao pé da página, na horizontal ou texto que é redigido cobrindo-se um espaço da cabeça ao pé da página, na horizontal ou verticalmente. Diferencia-se das demais partes do jornal pela autoria, pois nela a objetividade do fazer jornalístico quebra-se na proximidade do auto/leitor e dissipa-se a autoridade formal do escrito nos relatos e comentários das atividades da vida mundana, da política, da economia e dos eventos. (SILVA P. F., 2011, p. 27)

No caso da revista em questão, notamos o claro foco em uma série de trivialidades a respeito das vidas e carreiras de artistas, nacionais ou não, e do mundo do cinema em geral, bem como uma série de insinuações sobre as conjunturas do mundo do espetáculo. Mas podemos ver que no texto específico da coluna, a escrita procura produzir um pouco mais de familiaridade com o leitor, preparando o terreno para a emissão de alguma opinião mais enfática e mesmo de uma alfinetada crítica ou irônica, como se pode ler no trecho:

Muitos cineastas ficaram decepcionadíssimos com o resultado das últimas eleições em São Paulo. Outros, por sua vez, ficaram entusiasmadíssimos, porque acham, que agora sim, o cinema vai. Aqui entre nós, um pouco mais de união e um pouco menos de fofoca não faria

nada mal ao periclitante cinema paulista, que no caminho que vai, não está nada bem. (FRYDMAN, Mexericos, 1958, p. 66)

Contudo, para nomear a própria coluna que trata de noticiar e mesmo fazer algumas fofocas, ainda usa-se o termo “mexericos”, enquanto para designar uma atividade que se quer fazer entender como danosa ou moralmente reprovável (“um pouco mais de união e um pouco menos de fofoca”), dá-se, aí sim, o nome de fofoca. Logo, o que se pode fazer no terreno da banalidade é considerado ali como mexerico: o inofensivo, o trivial. Mas o que não se deve fazer é chamado de fofoca. O mesmo ocorre em outra edição da dita coluna, onde se lê:

Sem dar pelota para as más línguas, Alberto Ruschel vai de vento em popa como "public relations" de importante firma de automóveis. "Falem mal mas falem de mim..." diz êle, sempre que alguém vem lhe contar nova fofoca a seu respeito.

Por falar em fofocas, tem sido muito comentada a bela Ziva Rodann, estrêla israelense, que filmou recentemente em Guarujá. Dizem que ela conhece todos os conversíveis daquela estância, mas que suas preferências estão voltadas para um vermelho, de propriedade de conhecido milionário do Paraná... (FRYDMAN, Mexericos, 1959)

Passa-se aí uma efetiva diferenciação de significados, com um desprezo específico dirigido à fofoca, mais popular ou concernente às condutas réprobas, mesmo de estrelas do cinema.

Com base nos indícios anteriormente levantados a respeito da participação significativa dos falares africanos no processo de construção e assimilação da palavra fofoca, surgiu a hipótese de que certo desprezo por parte de uma elite ainda apegada ao velho termo português deva-se, ao menos em parte, a essa origem africana da palavra. Deu-se com o tempo um claro embate entre a fixidez da língua escrita e a imposição de uma provável torrência oral do termo mais falado, originário dos círculos da majoritária parcela de brasileiros não letrados, negros ou mestiços. Foi assim que, aos poucos, a palavra fofoca se foi despojando dos seus marcadores como termo rude ou grosseiro, mais próprio ou digno do populacho, para frequentar as tipografias da imprensa.

De um ponto de vista pragmático, o étimo carrega marcas dialetais de baixo prestígio social em função de sua origem africana, o que contribuiu para a sua evitação nos registros cultos na variante brasileira da língua portuguesa, incluindo-se os acadêmicos até bem pouco tempo. Sendo assim, a segregada “fofoca” foi reservada para designar ou descrever atividades contextualmente desprezíveis que remetiam seu uso a uma espécie de “calão da ralé”, enquanto o português mexerico, do alto de seu status de norma culta da língua, designava exatamente a mesma atividade como fenômeno, mas para aqueles que não queriam trazer para si ou para

outrem os comprometimentos decorrentes de uma associação entre um termo, uma conduta e o grupo social que mais a praticaria.

Assim, apesar de o registro da fofoca ser um pouco anterior a 1975, parece razoável supor que seu surgimento e utilização corriqueira pelas camadas populares seja bem anterior, tendo sido de certa forma inibido em seus rastros impressos por conta justamente desse desprezo não só ao ato, mas sim à própria origem da palavra em si. Esta antiguidade pôde ser atestada pela normalização do léxico de alguns falantes nascidos antes de 1975 e mesmo 1958 com os quais tive contato. Todos enfatizaram já conhecerem bem, desde a infância, a palavra fofoca, alguns inclusive recordando que seus pais já a empregavam sem restrição alguma. Mas para além desse cada vez mais escasso testemunho dos ainda vivos, pouco se pode fazer para mais precisamente projetar ou atestar a “idade” retroativa da fofoca no registro oral, dada a natureza fugidia da fala praticada anteriormente aos equipamentos de gravação.

### **3.3. NUANCES E PARTICULARIDADES DA FOFUCA NO BRASIL**

Analiso agora algumas particularidades do fenômeno da fofoca no Brasil, desde como denominamos alguém “fofoqueiro” a situações em que a fofoca tem algum destaque na dinâmica social. Não pretendo, porém, esgotar completamente o tema, mas sim destacar pontos em que a presença da fofoca é importante, notória ou, no mínimo, curiosa<sup>90</sup>.

Para tanto, utilizo tanto análise bibliográfica, observações e pesquisas pessoais e também a aplicação de questionário a pessoas de diferentes idades, sexo e profissão. Por pretender fazer uma pesquisa exploratória e relativamente ampla em seus tópicos temáticos, optei por não delimitá-la à observação de um pequeno grupo específico. Meu foco, desde o início foi a análise da estrutura fenomenológica da fofoca e não conteúdos específicos em que uma pequena comunidade delimitada pudesse se ater. Por isso minha área de análise não é algo como “a fofoca entre os alunos da PUC RIO” ou “a fofoca dos residentes de um certo prédio no bairro da Glória”, ou “na Favela da Rocinha”. Tais projetos são certamente realizáveis, mas

---

<sup>90</sup> Algumas destas nuances podem ser encontradas no Anexo II e constam a título de peculiaridades curiosas que foram sendo reunidas ao longo da pesquisa.

pesquisas mais focalizadas fornecem uma visão parcial do funcionamento de um fenômeno, limitada à circunscrição do seu objeto. Como os conteúdos e os usos da fofoca são também determinados pelo contexto, é provável que uma pesquisa entre os alunos da PUC descobrisse que as fofocas ali giram principalmente em torno das atividades acadêmicas e dos indivíduos a elas relacionados (professores, colegas, etc.) e talvez apenas residualmente referissem a aspectos mais íntimos das vidas pessoais dos fofocantes. Talvez não fosse assim, possível ter uma visão mais geral do fenômeno, observar diferentes nuances de fofocas e grande variedade de conteúdos e usos.

Nosso interesse é saber o que as pessoas no Brasil entendem por fofoca e fofoqueiro e detectar algumas áreas onde a fofoca é culturalmente relevante. Certamente não posso pretender esgotar o tema ou contemplar absolutamente todas as percepções possíveis, coisa que uma pesquisa mais limitada também não poderia fazer, mas é possível buscar um caminho para tal tarefa.

Não pretendi também buscar marcadores gestuais e discursivos caracterizadores da fofoca, pela mesma razão: certamente, cada ambiente, situação e grupo comunitário pode ter os seus específicos, do nível macro regional ao micro familiar e, principalmente, dependendo do uso que se está a fazer dela e do seu conteúdo.

Podemos imaginar uma pessoa chegando perto da outra e falando introduzindo a fofoca com um “não conte a ninguém, mas...”, “só falo se prometer segredo...” ou um “estão dizendo por aí que...”, mas, como já salientei anteriormente, estes artifícios de aproximação e iniciação existem sim, e frequentemente funcionam como um “amortecedor” das possíveis tensões de sociabilidade decorrentes da fofoca, mas elas não são imprescindíveis para uma fofoca ser efetivamente uma fofoca.

Tal tarefa de buscar marcadores gestuais e discursivos está fora do alcance desta pesquisa e seria, esta sim, mais palpável se delimitada a grupos fechados e reduzidos.

Recolhi ainda, materiais, questionários, referências e observações de diferentes regiões do Brasil, mas com concentração maior no Estado do Rio de Janeiro, local-sede de minha pesquisa.

Farei então uma reflexão a respeito da importância geral da fofoca como expressão oral suspensiva de (e quase que imune a) empecilhos de classe, status e

papéis sociais no Brasil. Em seguida farei uma análise dos resultados dos questionários aplicados, com ênfase na questão de como o brasileiro entende a fofoca e o fofoqueiro. Apresentarei também a relação que os entrevistados fazem da fofoca com áreas de influência e atuação da mesma na vida social brasileira, deste ambientes como a imprensa, literatura e mesmo a religião.

### 3.3.1. BRASIL: SOCIEDADE ORAL E RELACIONAL

O Brasil é, segundo Roberto DaMatta, uma sociedade relacional (DAMATTA, 1997a), onde “quem” e “de quem” se fala é com frequência mais importante do que “o que” se fala. Temos também (em parte como consequência disso) um forte componente da oralidade: aquilo que é transmitido pessoal e oralmente de indivíduo a indivíduo ganha certa prioridade em detrimento de outros veículos mais impessoais, principalmente impulsionado pelas múltiplas relações de proximidade possíveis entre indivíduos. A relação de proximidade e confiança é muito importante para determinar a nossa ponderação de plausibilidade. Um bom exemplo disso é o modo como a narrativa literária do romance adquiriu prestígio no Brasil através da passagem da vulgarização para o mundo das radionovelas e para as telenovelas, capazes de gerar um vivo interesse pelas próprias pessoas (atores) por trás dos personagens, ensejando a noção de “personalidade” como representação de um prestígio célebre de quem “é muito falado”, a atual “celebridade”, ou “os famosos”.

Basta observarmos os acachapantes dados que confirmam que “o brasileiro lê pouco”, ou lê muito menos que os países da Europa ou, ainda, prestarmos atenção nas mais corriqueiras e populares representações do entretenimento nacional. Anúncios de novelas e demais peças de diversão nacionais investem mais tempo enumerando os nomes das “personalidades” escaladas e do seu subsequente “grande elenco” do que propriamente apresentando de que trata a sua trama. Trama esta que, aliás, acaba tendo sua atratividade gerada no contexto da audiência televisiva e no comparecimento às salas de cinema através do engajamento direto pelos nomes. Muitas vezes terminamos de assistir ao trailer de um filme brasileiro sem saber propriamente do que trata o enredo, mas a com uma lista já certa dos nomes das (sub)celebridades, diretores, produtores, autores e “participações especiais” (esta categoria de atuação que fica abaixo do principal e acima do

coadjuvante justamente por seu nome ser capaz de atrair espectadores independentemente da relevância de seu papel).

Aqui o nome chega antes da obra ou da ação, pois a oralidade, associada à personalidade, tem papel importantíssimo na dinâmica das interações em nossa sociedade. A fofoca, apesar suas formas escritas cada vez mais variadas e presentes, é eminentemente (ou em um primeiro momento) um evento de natureza oral e pessoal.

Comunicação de pessoa para pessoa, falada, sussurrada e de maneira mais ou menos oculta, ela reina no espaço movediço da liminaridade - aqui entendida na perspectiva de Victor Turner em seu “Floresta de Símbolos” (1967). O que chamo de liminaridade, ou espaço liminar, é a situação de suspensão análoga ao que Turner descreve a respeito do momento posterior ao início de um rito de passagem e ainda anterior à sua conclusão, isto é, quando certo indivíduo, objeto do rito, já não pertence mais ao estágio anterior e nem chegou ainda ao estágio posterior. Em um uso metafórico dessa categoria, como o próprio Turner sugere para tratar de “fenômenos e pessoas em sociedades complexas de larga escala” (TURNER, 2015, p. 38), refiro-me então a situações nas quais a suspensão inconclusa se manifesta como dúvida, curiosidade ou incerteza expectante, searas estas bastante caras ao fenômeno da fofoca.

É justamente essa sua característica do trânsito oral e relacional, unido à sua versatilidade em lidar com assuntos sensíveis referentes às personalidades, que a torna tão relevante como objeto de estudo no Brasil. Quando fofocamos, o fazemos principalmente de modo oral e pessoal, emitimos juízos sobre fatos, atos ou notícias cujo desenrolar pode ou não ainda encontrar-se em curso e/ou em geral a respeito de atuações de pessoas sobre as quais temos muito frequentemente algum interesse, embora nem sempre alguma relação direta.

A fofoca é até mesmo, atividade de conexão, ou de interface entre os mundos da casa e da rua, bem demarcados no Brasil, segundo Roberto DaMatta (1997a). Ela acontece em ambos os ambientes, e interconecta temas e pessoas de dentro e de fora. Temos tanto as fofocas e intrigas de alcova e familiares, temos também as fofocas nas portas e janelas das casas onde tanto a intimidade extrapola a soleira e cai na “boca do povo”, quanto circulam as notícias próprias e já originalmente habitantes das ruas, as novidades, as doenças, mortes, casamentos, políticas, festas e tudo mais. A fofoca leva também para dentro da casa os assuntos da rua, onde

eles são devidamente avaliados e julgados conforme cada particular ética doméstica. João do Rio traz em 1908 uma bela percepção dessa dinâmica da casa e a rua mediada pela fofoca como murmuração:

No espírito humano a rua chega a ser uma imagem que se liga a todos os sentimentos e serve para todas as comparações. Basta percorrer a poesia anônima para constatar a flagrante verdade. É quase sempre na rua que se fala mal do próximo. Folheemos uma coleção de fados. Lá está a ideia:

Adeus, ó Rua Direita

Ó Rua da Murmuração.

Onde se faz audiência

Sem juiz nem escrivão. (RIO, 2007, p. 10)

“Rua Direita” é como se chamava em muitas cidades de predominância portuguesa a rua principal, ou uma das grandes principais. O termo “Direita” está relacionado à rua ser um caminho direto (entre pontos importantes da cidade), e não necessariamente a ela ser uma linha reta. No Rio de Janeiro, por exemplo, a Rua Primeiro de Março é a antiga Rua Direita.

Essa pequena quadra que João do Rio cita refere-se à mudança do nome da rua Direita de São João Del Rey, rua que liga as principais igrejas da cidade e onde se passava parte importante de sua vida religiosa e secular que é, aliás, até hoje acompanhada pelos moradores das pequenas janelas de suas casas e sobrados agora tombados.

Interessante notar que na quadra, “Direita” pode ser entendido também como correta, decente, o que produz um contraste por ela se tornar a Rua da “Murmuração” (da fofoca), acentuando assim a crítica que a poesia pretende produzir a partir de uma inferência à decadência moral dos frequentadores daquela rua. Tal efeito se intensifica ao sabermos que à época do poema (1908) a tal rua já não se chamava “Direita”, mas Rua Duque de Caxias há mais de duas décadas<sup>91</sup>. A intenção de contrapor moralmente Direita e Murmuração fica, assim, bastante evidente.

### 3.3.1.1. *A Liminaridade da fofoca*

---

<sup>91</sup> A Rua Direita era assim conhecida ao menos desde 1719. Passou a Rua Duque de Caxias em 1883. Em 1908 o Jornal "O Repórter" publicou a quadra que no mesmo ano foi citada por João do Rio em "A alma encantadora das ruas". Posteriormente ainda, passou a chamar-se, não "Rua da Murmuração" como nos versos, mas "Rua Getúlio Vargas", nome que conserva até hoje

A fofoca através da insinuação transmite informações, sonda dados e reações, além de provocar curiosidades e posicionamentos. Sem confrontar diretamente as estruturas hierárquicas vigentes, o fofoqueiro tem em suas mãos (ou melhor, em sua boca) o poder de colocar em xeque autoridades, reputações, arruinar ou reforçar status (não por acaso a referi sob a metáfora do feitiço). Este poder mágico da fofoca é possível e mais potente justamente por conta desse efeito liminar da suspensão hierárquica produzido por ela. Para alcançar aquele que é socialmente inalcançável, para ultrapassar as barreiras hierárquicas, o feitiço da fofoca precisa da suspensão liminar. Considero, no entanto, que a potência deste efeito possa variar entre sociedades, para o que seriam necessários maiores estudos comparativos: Será que a fofoca é capaz de suspender a ordem hierárquica tanto no Brasil como na China ou Alemanha? Isso dependeria de quem, como e onde se faz fofoca em cada lugar. Já me referi a essas possíveis diferenças ao comentar a tolerância da fofoca em ambientes de trabalho em comparação à visão de Bergmann (1993).

Como já salientei, no Brasil se fofoca praticamente em qualquer lugar, do cabelereiro à sala de aula. Se performada em locais onde os papéis sociais são mais rigidamente separados e distribuídos (como a sala de aula), exerce o poder liminar de efetivamente suspender a configuração do cênica desses papéis sociais da atividade em curso, as barreiras hierárquicas e mesmo de derreter a estrutura daquela interação social, transformando uma sala de aula em uma sala de visitas.

Ademais, ao circular e mesmo ferir sem confrontar, a fofoca consegue transitar por uma sociedade onde as próprias posições dificilmente se movem. Pode-se assim atingir, por exemplo, indivíduos considerados mais privilegiados, sem se precisar destruir integralmente toda uma certa hierarquia social aí implicada no regime de prestígios e posições.

É a aludida liminaridade da fofoca que permite justamente esse “trânsito”. Na fofoca não arrostamos aquele de quem falamos. Não fofocamos sobre Maria para ela própria, assim como não o fazemos na presença da mesma sem ao menos disfarçar. Se isso acontece, o fofoqueiro pode sujeitar-se a sérios constrangimentos e vergonhas, mais ainda se o objeto da fofoca negativa for seu superior. Este foi o caso do fofoqueiro retratado por Machado de Assis em seu célebre “Quem conta um conto...” (ASSIS, 1873). Ali Machado chama elegantemente de “noveleiro” o fofoqueiro Luís da Costa, sujeito “extremamente amigo de espalhar novas”. O conto

trata inicialmente do desenrolar constrangedor dos fatos após Luís da Costa espalhar fofoca sobre a fuga da sobrinha do major Gouveia, sem saber, na frente do próprio. Naquele caso, por ironia do destino, não só a estrutura da fofoca foi desfeita ao estar presente ali parte de seu objeto (o “assunto” da relação triádica), mas também a possibilidade de liminaridade foi quebrada, na medida em que a quebra da relação triádica explicita um trânsito teoricamente “irregular” (socialmente ilícito) daquele sujeito que, de uma posição social muito inferior, maldiz a reputação e reprova as ações de indivíduos em posições muito superiores à sua própria. Ora, isso jamais poderia ocorrer pacificamente sem uma ruptura drástica de uma hierarquia social assentada na pessoalidade. O inferior (Luís da Costa) perdeu o manto da impessoalidade, sob o qual se ocultava, para relatar eventos particularmente desprestigiados à honra de alguém de posição marcadamente superior (o major e sua sobrinha) e, por isso acaba sendo punido ele próprio com o constrangimento e, pior, com a obrigação humilhante do esclarecimento dos fatos.

Luís da Costa é obrigado a acompanhar o major enquanto este refaz todo o caminho da fofoca, visitando cada pessoa que a repassou e incrementou, tendo também todas as suas próprias invenções e exageros expostos diante da instância superior implicada (o major). O conto de Machado mostra a liminaridade sendo desfeita pela quebra da estrutura de uma fofoca arquetípica (negativa, a respeito de pessoa ausente, com mentiras e exageros – tem todos os elementos da fofoca: circulação, ocultação, informalidade, mistura e intenção). Ela é desmontada fio a fio, justamente por aquele que representa a quebra de sua estrutura, instância superior a quem o inferior deve (socialmente) reverência. As coisas vão, ao longo do conto, sendo colocadas de volta em seu “lugar” social-hierarquicamente devido.

Considero, portanto, que o conceito de liminaridade é importante para compreendermos a forma como o brasileiro lida com a fofoca e mesmo a utiliza em diversas situações da vida cotidiana, até mesmo como forma de aliviar a pressão social exercida pelo peso desta hierarquia por demais rígida e massacrante.

A fofoca pode, neste sentido, ser entendida como um “poder dos fracos” na acepção trazida por Iowan Lewis em seu artigo “*Dualism in somali notions of power*”<sup>92</sup> de 1963, tratado por Victor Turner em “O processo Ritual – Estrutura e

---

<sup>92</sup> “Dualismo em noções somali de poder”, em tradução minha.

anti-estrutura” de 1969 (1974, p. 122) e referida também por James C. Scott em seu “*Weapons of the Weak : Everyday Forms of Peasant Resistance*”<sup>93</sup> (SCOTT, 1985).

O “poder dos fracos” é uma espécie de poder socialmente compensatório pertencente a um grupo de pessoas que ocupa posição inferior na sociedade, seja ela hierárquica ou de prestígio social.

Tanto no caso citado por Turner quanto trazido por Lewis, trata-se de poderes místicos, relacionados a feitiços e encantamentos. Setores hierarquicamente inferiores na sociedade seriam os únicos a possuir tais poderes (tanto para o bem quanto para o mal) em detrimento de classes de maior prestígio social como os guerreiros e autoridades políticas. Trata-se de princípio parecido com a origem do poder de apelação divina daqueles que se sujeitam a suplícios e privações voluntariamente como os eremitas, estilitas, anacoretas e ascetas cristãos. A situação desfavorável em que se encontram confere a eles a propriedade de estarem mais próximos de Deus com poderes mágicos fora do alcance daqueles em situação mais confortável: fazer milagres, interceder mais efetivamente perante Deus, curar, iluminar, etc.

O poder dos fracos vem ainda associado, para Turner, à noção de *communitas*. Como salienta Marcos Milner (2019):

Victor Turner (2013) utiliza a noção associada à ideia de *communitas*. A *communitas*, como vimos, é um tipo de irmandade externa, complementar, justaposta à sociedade — enquanto um sistema estruturado, diferenciado e “frequentemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas, com muitos tipos de avaliação, separando os homens de acordo com as noções de ‘mais’ ou de ‘menos’.” (Turner, 2013: 99). A *communitas* é uma sociedade provisória estabelecida pelos neófitos em período liminar aguardando o retorno às estruturas; ou então, na sociedade ocidental contemporânea, um tipo de organização que agrega aqueles que optaram por abandonar a “ordem social ligada ao status e adquiriram os estigmas dos mais humildes, vestindo-se como ‘vagabundos’, ambulantes em seus hábitos, ‘populares’ no gosto musical e subalternos em qualquer ocupação social de que se incumbam” (2013: 111). Em outras palavras, a *communitas* transgride ou simplesmente anula as regras que normalmente governam as relações sociais, é um refúgio para os que ocupam posições marginalizadas na sociedade estruturada; a *communitas*, suplementar, rudimentar, que “irrompe nos interstícios da estrutura” (2013: 114) é ela própria uma espécie de antiestrutura e, como tal, todas as suas manifestações continuadas aparecem como perigosas e caóticas aos olhos daqueles que estão estruturalmente encaixados. (MILNER, 2019, p. 151)

Aplicando de maneira análoga, a fofoca também produz uma *communitas* entre aqueles que a praticam, no momento em que a praticam sob o manto da liminaridade. Quando a liminaridade atua com esse efeito de antiestrutura que rasga a hierarquia social, ela o faz para aqueles que estão a praticar a fofoca. Fofoqueiros

---

<sup>93</sup> “As armas dos fracos: formas cotidianas de resistência camponesa”, em tradução minha.

e interlocutores participam desta *communitas* momentânea, entram todos no estado de liminaridade, suspensos no teatro social, podendo ignorar certas barreiras, falar de quem e o que não se pode falar, julgar moralmente superiores, tornando-os inferiores, não só durante a vigência da *communitas*, mas com efeitos externos a ela, projetados entre outros aspectos na reputação de seus objetos. No caso, por exemplo, das fofocas negativas, a *communitas*, através dos efeitos da liminaridade lança o feitiço do etiquetamento negativo sobre a reputação dos “mais fortes”.

É possível, então, compreender a fofoca como uma modalidade de poder dos fracos para além de seu poder de etiquetamento, através da liminaridade, como algo capaz de rasgar a trama hierárquica social a partir de seus elos mais desfavorecidos. É dizer: a possibilidade de fofocar e influenciar ou mesmo arruinar a reputação daqueles que estão acima de si é um poder dos fracos promovido pela liminaridade que, de certa forma, pode lhes trazer uma compensação para a posição subalterna, seja ela relacional, hierárquica, econômica, etc.

James C. Scott em seu “*Weapons of the Weak : Everyday Forms of Peasant Resistance*” de 1985, Elenca a fofoca como poder dos fracos ao falar sobre as contendas entre os ricos e pobres em Sedaka, na Malásia. Ali a fofoca, juntamente com outros recursos de enfrentamento de bastidores (calúnias, assassinatos de personalidades e reputações, apelidos depreciativos, gestos de desprezo), figura como arma onde a necessidade da confrontação direta com os mais poderosos é eliminada sem tanto prejuízo para a eficácia dos ataques, dado um contexto de visão de mundo compartilhada por todos (fortes e fracos, ricos e pobres):

The struggle between rich and poor in Sedaka is not merely a struggle over work, property rights, grain, and cash. It is also a struggle over the appropriation of symbols, a struggle over how the past and present shall be understood and labeled, a struggle to identify causes and assess blame, a contentious effort to give partisan meaning to local history. The details of this struggle are not pretty, as they entail backbiting, gossip, character assassination, rude nicknames, gestures, and silences of contempt which, for the most part, are confined to the backstage of village life. In public life that is to say, in power-laden settings a carefully calculated conformity prevails for the most part. What is remarkable about this aspect of class conflict is the extent to which it requires a shared worldview. Neither gossip nor character assassination, for example, makes much sense unless there are shared standards of what is deviant, unworthy, impolite. (SCOTT, 1985, p. XVII)

No entanto é necessário atentar para o fato de que, diferentemente dos casos trazidos por Turner e Lewis, não se trata de um poder exclusivo. Ele funciona tanto verticalmente em qualquer sentido (do mais fraco para o mais forte ou vice-versa), quanto horizontalmente (entre iguais). O que permite efetivamente fazer uma analogia da fofoca com um poder dos fracos não é a exclusividade, mas a

liminaridade que permite a quebra da ordem pelos fracos. Ademais, na fofoca feita para causar dano, sofre mais quem tem mais a perder.

Como bem sinalizou o antropólogo Ralph Linton em “O Homem: uma introdução à antropologia”, de 1959, a estrutura de uma sociedade com pouca mobilidade limita as ambições dos indivíduos a um arco próximo de sua própria posição (arco este que se extrapola, muitas vezes apenas a título de “sonho” ou exceção). Mas esta estrutura social também delimita (reduzindo) e identifica mais nitidamente quem são os potenciais competidores em relação a uma mesma posição (LINTON R. , 1959, p. 151).

Em uma sociedade como esta, a utilização do “você sabe com quem está falando”, conforme coloca Roberto DaMatta em “Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro”, de 1979, funciona bem para demarcar ou reforçar posições sociais em situações ambíguas, localizando os indivíduos e delimitando aquela zona de competição ou mesmo eliminando a própria possibilidade, ao assinalar posições que se pretendem inquestionavelmente dominantes desde uma perspectiva da autoridade ou do prestígio (1997b).

A fofoca, no entanto, com sua capacidade de trânsito de informações dentro dessas posições bem demarcadas, muitas vezes promove uma espécie de “você sabe DE QUEM se está falando?”, na medida em que, sem confrontar pode reposicionar os indivíduos dentro da escala de prestígio social sem necessariamente os remover de sua posição real. Dentro da fofoca, a “granfina” pode ter seu prestígio colocado abaixo da “diarista”, em algum quesito importante para os participantes da conversa, como por exemplo a fidelidade ao marido, o trato com os próprios filhos, ou mesmo coisas mais abstratas como avareza ou religiosidade. Essa mudança de posições dificilmente ocorre em público, ao menos sem algum tipo de confrontação, aí já escapando dos limites do fenômeno. O poder prático da fofoca é o de corroer (como, por exemplo, através de uma ridicularização) ou mesmo anular (como, por exemplo, através da inconfidência de um segredo valioso) esse clamor por reconhecimento de maior dignidade. Diante dos receptores corretos, a fofoca consegue anular a assim chamada “carteirada” sem maiores embates.

Em outra perspectiva, a fofoca interpessoal, principalmente a oral, pode operar como um artifício também de competição, informação e posicionamento tanto dentro de um grupo delimitado pela hierarquia social, quanto dentro de uma comunidade delimitada pela proximidade física. A fofoca é, por vezes, instrumento

importante para a tomada de decisões em um ambiente em que canais de informação mais estabelecidos não alcançam, desde a mera escolha de possíveis pares para um namoro na comunidade, à decisão sobre em que colégio colocar os filhos ou com qual vizinha ou cuidadora é seguro deixá-los. Isso certamente, sem falarmos na sua utilidade evidente na geração de assuntos interessantes para conversas despropositadas, nossas tão comuns e caras “conversas fiadas” (a já tratada *small talk*).

A fofoca se torna tão socialmente relevante quanto mais oral e relacional é a sociedade, isto é, quanto mais esta valoriza e confia na informação vinda de “pessoa de confiança”, compadres, comadres, amigos, conhecidos ou “eleitos” dignos de crédito. Tais consequências em uma sociabilidade relacional se refletem e se espalham para além do campo do contato mais imediato, sobretudo em contextos de franca inovação tecnológica na mediação da difusão informativa (TV) e mesmo do convívio digital (interação por mídias sociais).

Isso ocorre ao ponto de uma mensagem ou informação oriunda de canais oficiais ser suplantada em aderência pela opinião, mesmo que estapafúrdia, de algum artista popular, por exemplo. No Brasil, em vez de chamarmos especialistas em pedagogia infantil para elaborar material educativos para escolas, certo Ministro da Educação firmou uma pareceria com a apresentadora de programas infantis Xuxa Meneghel. Em vez de biólogos e grandes expoentes de pesquisas em geologia e engenharia ambiental para recuperar o Rio Doce, uma das maiores tragédias ambientais brasileiras, chama-se como “consultor” da questão o célebre Sebastião Salgado, fotógrafo. Soa absurdo, mas para além da discussão do marketing e apadrinhamento político, é até previsível em uma sociedade onde “quem” vem antes de “o quê”, onde a “relação” vem antes da “ação” e onde o “quem disse” vem antes de “o que disse”.

Cabe agora salientar que este “dizer” não precisa ser necessariamente pessoal e oral, mas também por escrito. É possível se fofocar em jornais, revistas, colunas sociais, bilhetes, cartas secretas, mensagens eletrônicas enviadas por celular, tanto quanto pessoalmente. Este fofocar escrito alcançou recentemente muito maior amplitude, mas é justo pensar que seja tão antigo quanto a própria escrita. Já mencionei alguns exemplos de fofocas por carta no século XVI. A importância da fofoca escrita permanece no seu papel como fenômeno comunicativo estratégico

em nossa sociedade. Quanto a isso, o fato de se fazer fofoca escrita não a prejudica estruturalmente, nem em relação a seus usos e conteúdos.

Mas estando o escrito “publicado”, não estaria ele assim também explícito e, portanto, desprovido do elemento da ocultação e a sua capacidade de trânsito nas esferas da liminaridade? Eis uma questão interessante. Neste caso há uma mudança não *da*, mas *na* característica do próprio oculto. Para ser fofoca alguma ocultação é necessária, mas ela não precisa se dar obrigatoriamente na forma de duas pessoas fofocando espacialmente escondidas de uma terceira. Além de poder se deslocar na configuração da situação, ela pode figurar também através da revelação de segredos ou “coisas que não deveriam ser ditas”, como já mencionei anteriormente no tópico a respeito deste elemento.

Mesmo na fofoca escrita algo desaparece: a fonte da informação, o nome do sujeito da fofoca (mas não certas características que o possam identificar, ao menos pelos principais destinatários da mensagem) ou também frequentemente o nome do próprio autor da mensagem, apesar de ser impossível ocultar seu veículo, como um jornal, ou aplicativo de mensagem.

Considero para este estudo o Brasil, como sociedade de baixa mobilidade social, referente tanto ao aspecto da riqueza como ao do status, coisa que podemos vislumbrar em ditos como “ela sai da favela, mas a favela não sai dela” que indica que, ainda que exista um deslocamento no patamar econômico, o marcador de pertencimento a uma determinada condição social não desaparece.

Desde muito tempo utiliza-se da fofoca como fenômeno comunicativo capaz de atravessar essas rígidas barreiras sociais. Nossos impressos periódicos, principalmente regionais, desde muito cedo têm suas seções dedicadas às mais variadas modalidades de fofocas, isso quando não eram inteiramente voltados ao assunto. É o caso do periódico belenense “O Binóculo”, que em seu primeiro número, a primeiro de Janeiro de 1897, já traz uma boa variedade de “fofocas” da sociedade local. Vejamos esse exemplo magistral que se lê na segunda página do número de estreia do periódico:

INFÂMIA!...<sup>94</sup>

Tomamos, indignados, a defesa de uma moça, filha de família pobre, que é atualmente vítima de boatos infamantes, que nestes últimos dias tomou vulto nesta capital.

---

<sup>94</sup> A grafia aqui está adaptada da original à nova ortografia.

Atribuíram a essa pobre menina um ato que, por sua natureza, toda pessoa sensata não pode nem deve dar crédito.

Consta-nos que essa infâmia partiu de uma mulher desafeta àquela família, por motivos de ciúmes de um rapaz que mostra dispensar toda a atenção à vítima de tal calúnia.

Calculamos a dor que vai pelo seio da família difamada, que hoje está acabrunhada sob o peso d'uma infâmia sem nome, nascida d'uma criatura sem coração!

Esse boato foi dito pela tal heroína, na estação de bondes de São João, entre cocheiros e condutores que não trepidaram em espalhar, sem escrúpulo, por toda a cidade.

Nós, que prometemos, em nosso programa dedicarmo-nos exclusivamente aos interesses do povo, não podemos deixar de, em nome da família paraense, lançar um protesto veemente contra tais boatos que vêm ferir a dignidade de uma família merecedora de todo respeito, envolvendo-a em um caso tão degradante, quanto é o ente que na ideia o concebeu.

Consta-nos que o chefe dessa família acha-se ausente, o que mais nos levou a tomar sua defesa, sem mesmo conhece-la, apenas baseados em informações de pessoa que nos merece a mais inteira confiança.

Consta-nos mais que a polícia procura descobrir a autora dessa infâmia para dar o conveniente prêmio da lei.

Cá ficamos em nosso posto. (O BINÓCULO, Infâmia!, 1897)

Neste trecho se revelam quase todos os elementos do fenômeno fofoqueiro, e mesmo alguns da própria sociedade brasileira. Em primeiro lugar, nenhum nome é revelado. A vítima, a família e seu chefe, o rapaz desejado pela vilã do caso, ironicamente chamada “heroína”, e nem mesmo o autor da coluna são nomeados. Sob o véu da aparente discrição, o jornal que denuncia e reprova os “boatos infamantes” faz ele mesmo a sua fofoca através de insinuações. Ele conta aí com o reconhecimento dos leitores tanto da história quanto de seus personagens concretos e suas respectivas circunstâncias. O mais próximo que temos de uma identificação é a profissão dos cocheiros e condutores da estação de bondes de São João, supostos responsáveis pela disseminação da dita “infâmia”. Sequer a fonte da informação é revelada pelos editores. Ademais, a coluna se posiciona supostamente em defesa da “moça” não com base em uma investigação, mas na credibilidade pessoal de certo indivíduo igualmente não revelado. É dizer: fica claro que a credibilidade da informação se baseia em uma relação, e isto é tão importante socialmente que os editores consideram necessário explicitar.

Vemos aqui quão forte é a conexão do fenômeno da fofoca com a sociedade relacional. A tomada de posição dos autores da coluna em relação às circunstâncias do boato espalhado pela fofoca geral se baseia unicamente na relação que estes autores têm com o fofoqueiro que lhes veio informar e não em uma investigação prévia. Como a própria coluna destaca: “o que mais nos levou a tomar sua defesa [da moça], sem mesmo conhecê-la, apenas baseados em informações de pessoa que nos merece a mais inteira confiança.”.

Até mesmo o conteúdo específico do boato a respeito da moça nos é omitido. Não sabemos afinal de contas que ato terrível está sendo imputado a ela. Só o que

sabemos é que tal ato presumivelmente atentaria contra sua reputação e a de sua família. Trata-se quase que de uma comunicação cifrada, que só pode ser entendida pela comunidade envolvida, no caso a sociedade belenense. Os autores da coluna, assim como a sociedade para quem escrevem, são capazes de decifrar a mensagem e entender de que se trata. Esse ciframento inclusive impede que a fofoca se espalhe ainda mais para quem já não a conhece. É uma fofoca que se comunica e se direciona aos já entendidos do assunto. Falarei mais minuciosamente sobre essa importante distinção, entre entendidos e não entendidos, logo abaixo, após o fim da análise da presente coluna.

Uma investigação parece ter sido feita, mas não sabemos se pelos autores ou pelo seu sujeito de confiança. O que podemos saber é que se chegou à pessoa e ao seu local inicial de irradiação: A tal “heroína”, “criatura sem coração” espalhou o boato em um local diabolicamente conveniente (a estação de bondes, ponto de grande circulação) e para pessoas convenientemente selecionadas, os tais cocheiros e condutores, profissionais de contato constante e variado com inúmeras sortes de pessoas. Fosse nos dias de hoje, isso seria o equivalente a espalhar um boato no ponto de táxi de uma cidade pequena, nas bancas de jornal do centro da cidade ou no grupo do Facebook do bairro.

Por fim, a coluna toda é uma paradoxal tomada de posição, pública e anônima ao mesmo tempo, com base na relação dos autores com um outro anônimo de confiança, sobre um caso cujos personagens são também simultaneamente anônimos e bem conhecidos de todos. Mais ainda: a coluna endereça ainda, embora veladamente, uma ameaça à suposta responsável pelo desencadeamento do boato. Nesse quadro geral, temos aí uma boa expressão no português brasileiro para essa situação: “a quem a carapuça servir”. Àquela “heroína” a quem *a carapuça servir*: a polícia já sabe quem é e vem dar-lhe “o conveniente prêmio da lei”.

A coluna, permeada de ambiguidades, mistério e opiniões, se chegou a atingir seus objetivos, o fez através do caminho da liminaridade, sem confrontar nenhum dos seus atores diretamente, mesmo o fazendo através de uma publicação. Dessa forma, ela se diferencia completamente de uma notícia comum, de uma intimação ou mesmo de um “*J'accuse*”.

É exatamente nesta ocultação que repousa e sobrevive a liminaridade da fofoca publicada. Contudo ela não precisa ter tantos elementos de ocultação quanto nesse episódio acima transcrito. Basta alguma omissão, blefe, generalidade ou uma

distorção (que é distinto de realmente não se saber), do sujeito fonte da informação (como é o caso dos bastidores jornalísticos da política), ou mesmo do próprio autor do escrito.

### 3.3.1.2. *Entendidos, Interessados, Sensibilizados e Envolvidos*

Voltemos agora à questão de a fofoca aqui representada ser construída para ser compreendida apenas por entendidos no assunto. Esta situação nos remete à descrita por Gluckman (GLUCKMAN, 1963) onde a fofoca, por um lado, une uma comunidade por meio de uma mensagem comum (quem a conhece participa), e, por outro lado, exclui daquela atividade de troca aqueles que não conhecem os detalhes da mensagem. O antropólogo não consegue entrar com maior profundidade em certos aspectos da vida social de uma comunidade porque, para isso teria de conhecer toda uma gama de assuntos caros e particulares a ela. Esta situação aparece também para Elizabeth Colson em “*The Makah Indians*” (COLSON, 1953) quando esta percebe que forasteiros (ela aí inclusa) não podem participar das fofocas tão importantes na sociabilidade e disputas internas daquela tribo. Aquelas fofocas são extremamente valiosas porque versam a respeito do status social, ascendência e prestígio das famílias integrantes da tribo e a sua disseminação e efetividade interferem na vida e estrutura social local. Os forasteiros não têm conhecimento suficiente para produzir qualquer narrativa verossímil naqueles temas, o que reforça e evidencia sua posição de exteriores à comunidade. A fofoca, nesta perspectiva, tem uma função de garantir a coesão do grupo e excluir os forasteiros.

Mas existem espectros de envolvimento com o fenômeno que, se considerarmos, tornam a fofoca, em verdade, uma circulação comunicativa bem mais aberta. Isto porque “entender” é bem diferente de “se interessar”. Para “entender” a fofoca, incluindo aí a capacidade de participar como um nativo dela, precisamos conhecer fatos e detalhes necessário à completa compreensão da situação específica tratada. É o caso do antropólogo desajeitadamente se desdobrando para mesclar-se à comunidade em uma etnografia. Mas há outras maneiras de participar deste fenômeno.

Para estarmos interessados na fofoca não precisamos necessariamente compreender-lhe todos os detalhes. Ora, se o antropólogo não consegue participar como elo ativo dessa cadeia, inserindo novo elementos às fofocas tribais, ele é,

certamente, um interessado nelas e frequentemente tematizado por elas: ele pode não falar algo de valioso para o contexto da comunidade, mas pode ser falado por ela – e é bem provável que pouco lhe confidenciem a esse respeito. Assim, ele é englobado pelo fenômeno exatamente na medida em que torna-se um ouvinte que pode ainda eventualmente, ser demandado a tomar posição a respeito, como é o caso da já tratada fofoca aliciadora. Tal experiência eu mesma vivi, em relação a fofocas de beneficiárias do Programa Bolsa Família a quem entrevistei. (BRITO, 2015)

Ademais, interessar-se pela fofoca é ainda diferente de importar-se (sensibilizar-se) com seu conteúdo e de estar envolvido (ser diretamente concernido, como vítima, atingido, ou mesmo “criador” de tal conteúdo). Assim, identifiquei diversos espectros de envolvimento no fenômeno fofoqueiro. Para facilitar tal percepção, vejamos o esquema:

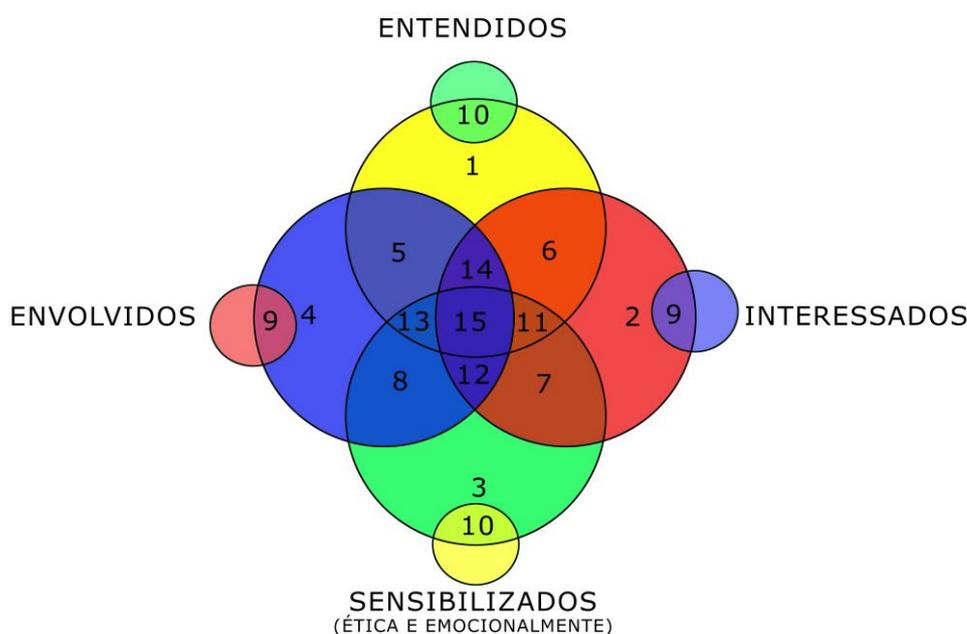


Figura 20 Esquema da dinâmica participativa da fofoca: Entendidos, Interessados, Sensibilizados e Envolvidos

No esquema acima:

1- Entendidos: são as pessoas que detêm um conjunto suficiente de informações e referências necessário para compreender de que(m) se trata e o que se passa na fofoca;

2- Interessados: são as pessoas que enxergam ou demonstram algum valor específico na fofoca em questão, podendo variar em grau, de meros curiosos a observadores científicos ou literários.

3- Sensibilizados: são aquelas pessoas que demonstram algum tipo de envolvimento ou reação emotiva ou moral com a fofoca, desde a simples piedade até a indignação.

4- Envolvidos: são (a) os “personagens” concretos da fofoca, aqueles diretamente concernidos, implicados, acusados, vitimados, atingidos e (b) também alguns responsáveis pela primeira onda de difusão “original” da mensagem, criadores de conteúdo novo ou simples fabricantes de boatos. Há também (c) os “agentes” da fofoca: aqueles não diretamente concernidos, mas que inauguram e compõem os diversos níveis de irradiação que mantêm circulante a mensagem de maneira ativa (como, por exemplo espalhando-a, confirmando-a, atualizando-a). Temos então, neste item, os personagens, os fabricantes e os difusores da fofoca.

Os limites do fenômeno, isto é, onde não há fofoca, estão na área completamente exterior aos círculos. Dentro deles temos 4 espectros de alcance da fofoca. O primeiro caso, marcado pelos números 1, 2, 3 e 4, ocorre quando o indivíduo relaciona-se com apenas um aspecto do fenômeno fofoqueiro: como entendido, interessado, sensibilizado ou envolvido. As duas intersecções seguintes são aquelas nas quais o indivíduo é alcançado por dois aspectos (os numerados por 5, 6, 7, 8, 9 e 10) ou por três aspectos do fenômeno (os numerados por 11, 12, 13 e 14). Finalmente, o último caso é o marcado pelo número 15, em que o indivíduo encontra-se englobado pelos quatro aspectos simultaneamente.

Proponho então um exercício para a compreensão dos limites do fenômeno: posicionar alguns casos mencionados anteriormente no esquema proposto.

Os antropólogos Gluckman e Colson, por exemplo, consideram-se como não Entendidos (1), no entanto são efetivamente Interessados (2), entrando já no primeiro nível de espectro do fenômeno. O fato de escutarem passivamente as fofocas não os torna necessariamente Envolvidos. Eles seriam envolvidos apenas se dessem continuidade à fofoca recontando-a (como fofoca e não como material ou relatório de pesquisa etnográfica) a alguém. Neste caso, poderíamos posicioná-los no ponto 9 do gráfico, já no segundo espectro de alcance do fenômeno. Mas como isso não ocorre, eles situam-se definitivamente apenas na primeira zona do fenômeno (posição 2, como Interessados).

Em relação à coluna “Infâmia” do periódico “O Binóculo”, acima transcrita, podemos posicionar a “moça” vítima da fofoca, com as informações que temos, na zona 13 do gráfico. Ela é diretamente Envolvida nos fatos narrados da fofoca e, claro, vítima da má repercussão que esta produziu. É ainda Entendida, por ter muitas (se não todas) informações necessárias para saber o que se passa na fofoca. É, por fim, Sensibilizada com a existência da fofoca (temos a informação de que a mesma está a sofrer, junto com a família, por conta do espalhamento da mesma).

É provável que seja também Interessada na fofoca, por ser envolvida, mas não temos essa informação no corpo do texto. Cabe apenas salientar que é sim possível alguém ser envolvido, mas não interessado. A pessoa pode pretender deliberadamente não querer saber o que se fala a seu próprio respeito, por estratégia ou mesmo por completo desinteresse. E essa pode ser inclusive uma maneira prática de se procurar anular alguns dos efeitos da repercussão da fofoca: a demonstração do desinteresse por ela ou ao menos a simulação de uma não afetação. O desinteresse é, inclusive, um dos inimigos mortais da fofoca, pois ele a limita e até mesmo estabelece um impedimento à sua replicação.

Já dos editores do jornal O Binóculo (escritores da coluna) podemos dizer estarem no espectro mais completo da fofoca, o de número 15, senão vejamos. Eles são claramente Entendidos, pois têm elementos suficientes para entender de modo razoável certos fatos e suas consequências (apesar de não os revelarem – não dizem, afinal, o que se imputa à moça, mas alegam sabê-lo), também têm algum conhecimento dos personagens, mesmo que não pessoalmente. São também Interessados a ponto de procederem investigação para chegar à autora original da fofoca. Tiveram uma conduta ativa em relação aos fatos narrados, o que os torna também Envolvidos, além de terem, por meio da publicação, dado impulso à continuidade da fofoca, mesmo que de maneira cifrada (para outros entendedores). Na realidade, a própria coluna é uma fofoca. Por fim, eles são também Sensibilizados e o declaram já na primeira linha: estão indignados com a situação, o que lhes impeliu a tomar uma atitude em relação ao caso.

Eu mesma seria englobada apenas no espectro mais externo do fenômeno em questão. Não sou Entendida, pois não conheço nenhum dos envolvidos, sequer sei quais as imputações circulavam, enfim, não tenho elementos para entender o que se passa com mais clareza. Não sou certamente Envolvida, pois não estou implicada, direta ou indiretamente, nem fofoquei a respeito do caso. Não sou Sensibilizada,

em nada me importa o que aconteceu ou não aos envolvidos, tampouco me indigna a situação. Mas isso não me impediu de ficar curiosa a seu respeito e de desejar (em vão) saber mais sobre uma fofoca de 121 anos atrás. Estou, portanto, englobada, ainda que perifericamente, no fenômeno. Minha posição, portanto, seria a de número 2.

Por fim, uma pessoa que sequer demonstra qualquer interesse, está efetivamente fora do fenômeno. É aí que a fofoca “morre” completamente, quando ela encontra um limite de irradiação que esbarra na falta de pertinência ou interesse de uma pessoa que esteja fora de qualquer dos círculos do esquema.

### *Como matar uma fofoca*

Com isso conseguimos visualizar os limites do fenômeno, inclusive onde não há mais fofoca: a morte, o fim da fofoca, o esquecimento. A fofoca, tal como ocorre com o rumor (SHIBUTANI, 1966), morre, extingue-se quando nos esquecemos dela, quando se para de falar a seu respeito e de se interessar por ela e seus desdobramentos. Logo, é correto dizer que as fofocas, como emissões comunicativas, têm vida e duração: nascem, crescem (se espalham), sobrevivem por certo lapso de tempo, e morrem, quando são esquecidas ou deixamos de fazê-las. No entanto elas também ressuscitam (para o desgosto e desespero de alguns Envolvidos) quando as “desenterramos” e a fazemos circular novamente por força e graça de alguma curiosidade, pesquisa ou mera contingência memorialística.

Alguma fofoca a respeito, por exemplo, das peripécias extraconjugais de Dom Pedro I, há muito tempo enterrada e esquecida, pode, por meio de um bilhete ou anotação de diário encontrada por um historiador, voltar à tona e ganhar nova circulação, caso haja Entendidos e Interessados suficientes para tanto. Existe, inclusive, farta literatura a respeito desse frequente interesse pela história da vida privada e a proliferação dos chamados “*faits divers*” ao longo da história na imprensa como o já mencionado “*De Bouche à oreille - Naissance et propagation des rumeurs dans la France du XIX<sup>o</sup> siècle*” de François Ploux (PLOUX, 2003). Um outro exemplo é o mencionado por Georges Minois em “A história do Suicídio” (MINOIS, 2018), onde a farta divulgação pela imprensa inglesa de casos de suicídio, às vezes de maneira efetivamente espetacular e escandalosa, em detrimento da baixa divulgação dos mesmos pela imprensa francesa, inclusive devido a restrições legais, contribuiu para reforçar a ideia que vinha se formando

desde o século XVII de que o suicídio seria uma “*maladie anglaise*” (um mal inglês).

Esses *faits divers* circulavam abundantemente, produzindo uma crônica mais ou menos atualizada dos fatos, não só através da imprensa, mas até mesmo da poesia e de *chansonniers* (cancioneiros), como trata Robert Darnton em “Poesia e Polícia” (2014, p. 68).

Já mencionei também anteriormente, com base na teoria do número de Dunbar (DUNBAR, 1996) que, para além de uma mera curiosidade aleatória, essas coleções de informações são estruturalmente semelhantes ao tipo que seria importante se saber para a vida em comunidades pequenas, o que pode produzir em nós um interesse mais que residual por elas.

O “esclarecimento” é também uma maneira de matar uma fofoca, caso esta esteja fundada em algum tipo de mentira ou dúvida. No Brasil em particular, há algumas fofocas que de tanto serem, de tempos em tempos, extintas pelo esclarecimento e “ressuscitadas” pela lembrança e o interesse, já se tornaram verdadeiros “clássicos” do gênero. É o caso da conhecidíssima “polêmica da cenoura”. Em 1984, Mário Gomes era um ator de sucesso e em franca ascensão na TV e no teatro. Foi quando um poderoso desafeto seu resolveu espalhar a história (já adiante: falsa) de que o mesmo havia dado entrada em um hospital com uma cenoura enterrada em seu ânus, insinuando assim, a homossexualidade de um artista que era eminentemente um galã em uma sociedade com referências ainda muito conservadoras em relação à sexualidade alheia. A fofoca teve consequências terríveis para a carreira e mesmo a saúde psicológica do ator e, apesar de já ter sido inúmeras vezes esclarecida, inclusive pelos responsáveis por sua divulgação inicial, continua voltando, de tempos em tempos, à tona. Hoje, mais de 30 anos depois, já não há razão alguma para se acreditar que possa ser verdadeira tal narrativa, mas sequer o esclarecimento foi eficaz para a sua aniquilação: as pessoas continuam morbidamente interessadas no assunto, seguem achando graça em falar maliciosamente e especular a seu respeito, alimentando uma ou outra dúvida rumorosa. É uma típica fofoca morta-viva, com inúmeros casos de ressurreição.

O “motor” desta fofoca não é, portanto, apenas a dúvida ou a confusão. Se o fosse, ela morreria definitivamente com o esclarecimento. Não é o caso. Por que então continua a ser repetida? O que produz o interesse nela? Seu foco de interesse não é a dúvida, mas, entre outras coisas, os juízos morais suscitados pela qualidade

intrínseca dos fatos narrados. Não se pretende discutir a veracidade dos fatos, mas testar os referenciais éticos de pudor dos convivas (os já mencionados uso para controle social, ou para união comunitária), ou só contar uma anedota engraçada (uso para o entretenimento, ou criação de laços de intimidade e confiança).

### 3.3.2. FOFOCA E IMPRENSA NO BRASIL - Os deslocamentos das oclutações

Feito este parêntese, volto à ambiguidade na fofoca escrita (impressa) no Brasil. Podemos pensar que publicar fofocas em veículos “oficiais” de imprensa (canais oficiais), seria uma forma de publicizá-las, expô-las e, por isso, eliminar sua tão importante característica de oclutação, mistério e dúvida (que é o que lhe permite trânsito facilitado até mesmo de mensagens ferinas). Mas já vimos que isso não ocorre. A fofoca não deixa de ser fofoca quando publicizada, se guardadas certas reservas.

Isso porque há diversas maneiras e técnicas de se manter uma sensação de ambiguidade na fofoca em veículos de imprensa, pela oclutação proposital de informações, como o seu informante, o seu autor ou mesmo o seu alvo. Vejamos mais alguns exemplos. No mesmo periódico referido anteriormente, temos, em suas duas primeiras edições, uma seção bem curiosa e de assunto corriqueiro nas fofocas mais comezinhas: os namoros. Mas não nos enganemos, pois não tratam apenas de simples fofocas enunciativas de “quem namora com quem”, mas de maliciosas insinuações da reprovação dos redatores (e quiçá da sociedade que as lê e testemunha). Vejamos a coluna de namoros da primeira e da segunda edição:

DE BINÓCULO - Os namoros<sup>95</sup>

Primeiro distrito

Rua Dr. Malcher;

Terceiro quarteirão – Sobrado – Um verdadeiro namoro sem ventura, a ponto do *pelintra* não procurar mais emprego. A sua estada a toda hora na oficina de sapateiro, um italiano, deu a este motivo, a semana passada de perguntar ao cujo, se queria aprender a bater sola ou então, que lhe pagasse o aluguel do banquinho, que ocupa todos dias.

Pobre sapateiro! (O BINÓCULO, 1897, p. 2)

DE BINÓCULO - Os namoros<sup>96</sup>

Quarto distrito

---

<sup>95</sup> Grafia adaptada à nova ortografia.

<sup>96</sup> Grafia adaptada à nova ortografia.

T<sup>97</sup>.14 de Março:

Primeiro quarteirão – casa baixa - Torna-se vergonhoso o namoro aí, para quem já tem conhecimento e aos que já tiveram ocasião de assistir os beijos – *às claras!*

Isso assim, não pode continuar, quando quiserem se beijar, tenham mais cuidado, que o público é sério!... (O BINÓCULO, 1897, p. 2)

Em ambos os casos é tal a malícia dos editores que, mesmo não nomeando os “personagens” é perfeitamente possível para as pessoas daquela cidade, identificá-los. Embora não seja colocado o endereço completo, este fica claro com a especificação, além da rua, do feitiço da casa em questão, a ponto de os interessados e curiosos poderem ir ao local averiguar por conta própria o tal namoro.

No primeiro caso é ainda mais clara a insinuação, pois sabemos até mesmo que trata-se de uma oficina de um sapateiro italiano. É provável que, mesmo quem não soubesse dos fatos, identificasse os envolvidos ao ler a coluna.

Na primeira temos o recurso a uma ironia bastante ferina contra o rapaz. Tanto a “ausência de procura por emprego” quanto a “cobrança de aluguel” do banquinho em que ele fica horas sentado (provavelmente a admirar e papear com a moça de quem está enamorado) são recursos irônicos, para passar indiretamente a mensagem de que ele é um verdadeiro incômodo, praticante da “vadiagem” e uma inconveniência no local. A coluna é uma reprovação cáustica ao comportamento e é provável que o rapaz em questão, a tendo lido, tenha se envergonhado muito profundamente, sabendo que era a si que a coluna se referia. O pai da moça (o tal sapateiro italiano), por outro lado deve ter se sentido de certa forma, além de constrangido, também amparado pela solidariedade comunitária ao ver que não estava sozinho naquela sua reprovação às atitudes do rapaz.

Não tendo o seu nome sido revelado, o rapaz não pode exigir satisfações ou sequer tentar justificar seus atos sem antes confessar, ou admitir ser ele o representado na fofoca (sem “vestir a carapuça”), o que lhe faria, provavelmente, passar uma vergonha ainda maior. Ele encontra-se, assim, em um beco sem saída e sem direito de resposta. Tudo isso a pequena coluna consegue, como uma boa fofoca, sem confrontar diretamente o seu principal alvo.

Na segunda edição temos uma coluna “os namoros” ainda mais polêmica. Outra vez apresenta-se quase o endereço completo dos namorados, podendo os habitantes da cidade facilmente identifica-los, apesar de eles não serem nomeados.

---

<sup>97</sup> Travessa.

Desta vez não temos, no entanto, o recurso à ironia para envergonhar os implicados. A coisa aqui é muito mais grave, categoricamente “vergonhosa”: beijos “às claras!”. A situação parece exigir então uma comunicação também clara, uma demanda de pudor e atenção aos bons costumes: “ao menos não o façam à vista”.

Esta, diferente da coluna “Infâmia”, não está cifrada e não objetiva verdadeiramente preservar a honra dos envolvidos, mas só reprová-los, fazê-los sentir embaraço pelo que fazem.

Em ambas as colunas “Os namoros”, os editores contam a fofoca e demonstram certa indignação a seu respeito, mais ou menos explicitamente. Mas mesmo sendo tão diretos, a coluna não perde o caráter de fofoca, pois mantém o elemento de ocultação e insinuação. Se tivesse revelado os nomes dos envolvidos, já não seria ela uma verdadeira fofoca, mas sim uma denúncia de imoralidades, provavelmente com consequências bem mais graves para os diretamente envolvidos<sup>98</sup>.

Intrigas amorosas e namoros inconvenientes, apesar de comporem parte importante das fofocas mais corriqueiras, não são os únicos assuntos abordados. Assim também é na imprensa. Sem ser visto pode-se também enviar recados intrigantes e ameaçadores, ou mesmo iniciar especulações a respeito de fatos graves e de alta repercussão pública. Os jornais são usados também por vezes, para se enviar as conhecidas “indiretas” que, certamente, ao serem vistas por todo um público, fabricam imediatamente uma horda de interessados e especuladores, como deve ter sido o caso do tal “perna inchada”, publicado na Gazeta de Notícias em 1881:

O perna inchada

B...F...

Quem muito quer saber, mexerico quer fazer. É esta a resposta que te dou. Pergunto: para que não fizeste o enterro do tal T... que dizes ter visto às 5 ½ da manhã do dia 16 de abril, já que tomaste tanto cuidado por ele, meu grande lorpa<sup>99</sup>?

*O caixeiro do Pasteleiro.* (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1881 ed 109, p. 3)

---

<sup>98</sup> O próprio nome do periódico “O Binóculo” já nos dá um indício de que eles não estariam muito inclinados a fazer denúncias explícitas. Com o binóculo, enxerga-se mantendo-se a distância. É também uma boa invocação da confortável e indiscreta sensação de ver sem ser visto. Ora, não seria essa uma situação perfeita para se fofocar? Confortavelmente à distância (do alto de seu camarote na ópera, talvez por traz de uma gelosia), vendo tudo, opinando e ao mesmo tempo furtando-se a ser visto, como faziam os membros da Corte nas Igrejas e Teatros que lhes reservavam lugares especiais?

<sup>99</sup> Segundo o dicionário Houaiss: “Lorpa” - que ou aquele que demonstra ser pouco inteligente, que ou aquele que é desprovido de vivacidade, de vigor; imbecil, idiota, palerma

Ora, o tal senhor “*caixeiro do Pasteleiro*” (que se identifica apenas de maneira indireta e um tanto cômica) não poderia ter dado essa resposta ao B.F. pessoalmente? Ou mesmo por carta? Em vez disso, escolheu pagar pela publicação de sua mensagem, cheia de insinuações, em um espaço semelhante a um anúncio de classificados no jornal.

A capacidade da fofoca de falar através da ambiguidade, da dúvida e da ironia é tão grande que neste caso, em poucas linhas, o seu autor insinua que o B.F. pode ter alguma ligação com a morte do “T.”, ironiza o cuidado que este dizia ter pelo falecido de modo a fazê-lo parecer mentiroso ou até suspeito. E ainda o chama de “lorpa”, que pode ser entendido como uma espécie de “sonso” ou “palerma”, nos levando a crer que o “B.F.” finge-se de tolo ao ser questionado sobre o assunto.

Terminamos a leitura do trecho suspeitando se, na verdade, “B.F.” poderia ser responsável, envolvido ou interessado na morte de “T”. E mais: quem seria o tal “*caixeiro do Pasteleiro*”, autor da mensagem? Saberá “B.F.” de quem se trata?

Temos aqui uma fofoca perigosa. Acusa sem acusar, põem em dúvida versões e identidades, envolve em mistério um caso de morte que parecia já solucionado. Sua veiculação em um jornal e não no “boca-a-boca” em nada a descaracteriza como fofoca, ao contrário: a potencializa. Agora quem quer que tenha notícia de morte suspeita ou assassinato se porá a especular se não se trata do caso em questão. A forma como se apresenta atiza também a curiosidade mesmo de quem não saiba quem são exatamente aquelas pessoas participantes, especulando e aumentando o poder rumoroso da fofoca. Imaginemos os sussurros: “Já soube do caso do assassinato?”, “Será que foi mesmo? Quem terá sido o autor? E o motivo?”, “Meu vizinho sabe de um caso... diz que pode ser aquele...”, “Será que já solucionaram?”, “E se não foi com Fulano? Morreu tão de repente uma noite dessas...nem doente estava!”, “Pode ser, não andava em boas companhias...” E assim vai sucedendo-se uma ordem inescrutável de palpites e conjecturas que tantas vezes assumem dimensões incomensuráveis e até bizarras. Uma verdadeira bomba, para desespero do verdadeiro “B.F.”, que ao ler, certamente identificou-se e agora tem sobre si uma cidade inteira a especular. O “*caixeiro do Pasteleiro*” ocultando a própria identidade, certamente inaugurou uma bela fofoca na cidade, entre entendidos e não entendidos. Neste caso vemos inclusive o uso da fofoca como vingança pelo que pode produzir, além de uma ameaça: alguém sabe ou alguém desconfia de você.

A Gazeta de Notícias tem também em seu acervo muitas variedades do que ela mesma intitula “mexericos”. E muitos destes, mais do que simplesmente “noticiar”, acabam por também alimentar a fofoca, justamente por meio da ocultação, como lê-se abaixo:

#### MEXERICOS

Anda por aí um mexerico que é um verdadeiro primor.

A coisa a ser exata, é engenhosa. Há quem se queixe, e com toda razão, de ser frequentemente acompanhado nas ruas, por uns tipos muito parecidos com os conhecidos agentes secretos da polícia. O caso é de arreliar<sup>100</sup> e desagradabilíssimo. Não há o direito de vexar ninguém, pondo-lhe um espião no encalce, mas o melhor do fato, é que parece estar o justo pagando pelo pecador. Nem a polícia mandou espiar ninguém, nem os espiões são agentes de polícia. A espionagem é feita, ao que se diz, por conta de particulares, é uma espionagem não da polícia, mas contra a polícia.

Enfim se a coisa não for mexerico, há de ficar tirada a limpo essa esperteza de rato. (GAZETA DE NOTÍCIAS, Mexericos, 1901, p. 1)

Aqui não há mencionado um nome sequer, a ponto de tornar o caso confuso.

O jornal noticia que há uma situação reprovável, de constrangimento injusto a uma pessoa, e demanda a averiguação do caso (“há de ficar tirada a limpo essa esperteza de rato”). Mas como tirar a limpo uma situação da qual não se conhece os atores? O que o jornal faz, na verdade é alimentar o mexerico e enviar, veladamente um recado aos seus alvos: “estamos vendo o que vocês estão fazendo”, esses prováveis precursores do trabalho de investigação privada própria de detetives particulares.

Talvez depois desse mexerico, os responsáveis tenham se intimidado, talvez as autoridades tenham se empenhado em detê-los. O fato é que, sob o pretexto da divulgação de um “mexerico”, o jornal envia um recado velado. Intima (ou intimida) publicamente os praticantes de tal conduta sem nomeá-los e, portanto, confrontá-los. Há aqui uma mediação (ou tentativa de mediação) da situação sem a exposição de nenhum dos envolvidos. Ninguém é ferido em sua honra, ninguém é rebaixado pela vergonha, enfim, ninguém é retirado ou desafiado em sua posição dentro da sociedade. Cada um, de sua respectiva posição envia e recebe seu recado. A vergonha que a coluna no jornal poderia gerar aos dois “espiões”, se ocorrer, o fará só para os próprios. Se a exposição fosse maior, com a revelação de seus nomes ou alguma indicação que pudesse remeter às suas identidades, o caso seria muito mais grave.

---

<sup>100</sup> Segundo o dicionário Houaiss: “Arreliar” - causar a ou experimentar aborrecimento ou zanga; aborrecer(-se), apoquentar(-se)

Aqui o mexerico serviu para o próprio jornal dar seu recado bem à maneira dessa sociedade hierárquica, onde as posições são tão bem marcadas: sem ferir suscetibilidades ou reputações.

Neste caso a ocultação é bastante abrangente, mas há ainda outros onde ela não é necessária em tão grande escala, apesar de se manter em alguma. Às vezes, para ser um mexerico, basta ele não ter sua fonte revelada. Apenas a omissão desta pequena informação já pode trazer a ambiguidade necessária para a mudança de uma notícia para uma fofoca. E, em muitas ocasiões, a ocultação da fonte é justamente a condição *sine qua non* para a revelação da informação, por inúmeros motivos, como por exemplo a exigência do segredo em relação à mesma, a incerteza a respeito de sua acuidade ou veracidade ou mesmo por serem elas meros palpites, baseados em conjuntos de informações frequentemente acertadas.

Este é o caso de muitos do que chamamos hoje de “bastidores”, principalmente os do mundo da política, tão populares com a ascensão de blogues jornalísticos especulativos e até de correspondentes especializados na cobertura das altas esferas do poder.

### 3.3.2.1. *Bastidores da política: Palpites afinados, de fofoqueiros especializados*

Os bastidores da política existem desde o início da história editorial do Brasil. Isso não significa, obviamente, que tenham sido inventados aqui. O surgimento a Imprensa no Brasil é bastante tardio por conta da proibição por Portugal de se construir tipografias e imprimir livros e papéis avulsos. Só em 1808 com a chegada da corte portuguesa ao Brasil é que esta proibição foi suspensa.

Os estudos sobre fofoca, rumor e a imprensa associados à política são bastante amplos e já há bastante tempo estabelecidos. Temos na antropologia, entre outros, “*Gossip and the everyday production of politics*”<sup>101</sup> de Nico Besnier (2009) (BESNIER, 2009), e na história “*De Bouche à oreille - Naissance et propagation des rumeurs dans la France du XIX<sup>o</sup> siècle*” de François Ploux (2003) (PLOUX, 2003), este último situado especificamente na imprensa francesa do século XIX. Há também trabalhos de Robert Darnton que tratam do assunto. Em Poesia e Polícia

---

<sup>101</sup> “Fofoca e a produção diária de política”, em tradução minha.

(DARNTON, 2014) ele trata de como mexericos políticos trocados em bilhetes e declamados em forma de canções ou poemas funcionavam ao mesmo tempo como diversão, dispersores de ideias políticas e fofocas a respeito da intimidade e condutas morais desabonadoras de grandes funcionários, membros da corte, etc.

Os dossiês dão conta de um ambiente de abades mundanos, escreventes da justiça e estudantes, que brincavam de se fazer de *beaux-esprits* e apreciavam a troca de mexericos políticos rimados. (DARNTON, 2014, p. 28)

Vale lembrar que antes da configuração da imprensa e do jornalismo como nós o conhecemos hoje, a poesia e as canções decoradas e declamadas eram um veículo importantíssimo para as trocas orais e a disseminação de informações.

Como coloca o próprio Darnton:

Os parisienses muitas vezes compunham letras novas para melodias antigas. Não raro, as letras se referiam a fatos do momento e, à medida que os fatos se desdobravam, a criatividade anônima acrescentava versos novos. Por conseguinte, as canções proporcionam uma crônica a respeito das questões públicas, e existem em número tão grande que podemos perceber como as letras trocadas entre os Catorze se enquadram em ciclos de canções que levavam mensagens por todas as ruas de Paris. (DARNTON, 2014, p. 10)

Quando falamos em fofoca e política, vemos envolvido também o tema da opinião pública. O próprio Darnton trata desse grande poder que as fofocas mais comezinhas sobre a vida íntima e mesmo sexual de governantes podem ter sobre a opinião pública e, conseqüentemente sobre os rumos da política. Tanto em “Poesia e Política” quanto em “O diabo na água benta - ou a arte de calúnia e da difamação de Luís XVI a Napoleão” (DARNTON, 2012) ele trata dos efeitos que a publicação e disseminação de fofocas tanto políticas quanto a respeito das vidas pessoais dos envolvidos nela podem ser devastadores quando têm êxito em influenciar fortemente a opinião pública, provocando a queda de ministros, altos funcionários ou mesmo monarcas. Em “O diabo na água Benta” ele traz exemplos de fofocas que circulavam tanto oralmente quanto por panfletos nos cafés de Paris a respeito da impotência de Luís XVI e a infidelidade de Maria Antonieta e analisa como a difamação da aristocracia reinante através de panfletos, discursos e fofocas tiveram importante papel no processo da formação da opinião pública na Revolução Francesa (DARNTON, 2012).

Mas nosso assunto aqui em questão não é propriamente a opinião pública, mas sim os fofoqueiros credenciados que têm entrada e fontes no meio político e que não tratam só sobre políticos e suas vidas pessoais, mas, e principalmente, a respeito de movimentações políticas, acordos, nomeações, humores, disposições e suscetibilidades enfim, elementos determinantes do jogo político não necessariamente ligados à esfera pessoal dos atores mas sim a seus respectivos

papéis. Já discorri a respeito do jornalismo de bastidores da política anteriormente, concentro agora a análise em alguns exemplos brasileiros da atividade.

Nesse sentido, temos no Brasil exemplos de colunas dedicadas aos bastidores da política mesmo antes deles serem assim chamados. Surgiram em nossos primeiros periódicos e não escondiam sua natureza ao referirem, elas próprias, à suas informações como mexericos, o equivalente da fofoca à época.

Vejamos então um exemplo destes palpites afinados, de fofoqueiros especializados com acesso privilegiado: os mexericos da política na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro:

Este mexerico vai com todas as reservas, porque apesar de nos haver sido cochichada por pessoa bem informada, cheira-nos muito a balela.

Mexericam que por estes dias aparecerá um importante documento político, no qual um grupo de cidadãos, até agora fieis às suas ideias, contrárias ao atual regime, aconselham aos seus correligionários não hostilizarem a candidatura do ilustre Sr. Dr. Rodrigues Alves. (1902, p. 1)

Já aqui temos presente uma série de marcadores indicando a natureza fofoqueira da atividade. Para além da própria nomeação da informação como “mexerico”, temos também o cochicho (indicação de trata-se de conteúdo passado às escondidas ou sorrateiramente), a balela (possibilidade de erro ou imprecisão na informação, indicando o elemento da mistura), além do cuidado em não revelar as identidades de quaisquer dos envolvidos na ação (tanto o autor, quanto sua fonte e até mesmo os personagens), cuidando apenas de deixar pistas para o leitor especular quem seriam os atores referidos.

Já temos aqui elementos bastante característicos dos atuais bastidores da política, como a antecipação de movimentações do alto escalão governamental através da revelação de uma informação adquirida pelo acesso privilegiado. No entanto outros traços característicos da atualidade não aparecem. Hoje o jornalista de bastidor político não é um anônimo, muito antes pelo contrário, ele é uma personalidade conhecida por exercer esta atividade e concentra em si mesmo a credibilidade e confiabilidade da informação, ainda que esta possa vir a não se confirmar depois. Ele agora também apresenta geralmente, para além de informações “quentes”, também palpites sobre os efeitos das ações, muitas vezes beirando as raias do efeito psicológico que os acontecimentos podem provocar sobre certos atores políticos importantes, tamanha a sua desenvoltura e intimidade com seus “objetos”.

Os mexericos da política da Gazeta de Notícias parecem não ter alcançado tal nível de profundidade, ficando ainda restritos à seara da revelação truncada de novidades políticas pretensamente secretas e incertas. Vejamos outros exemplos em na coluna nomeada “Mexericos” da mesma Gazeta de Notícias:

MEXERICOS

O resultado da reunião dos políticos da Bahia desiludiu um grande número de alviçareiros<sup>102</sup>. Contavam como certo que de lá viesse a indicação do futuro presidente e verificaram que na reunião nem de tal se tratou e que apenas o Sr. Manuel Caetano aproveitou o ensejo para engrossar o Sr. Severino Vieira.

-

Outro mexerico, que também parece inteiramente desfeito ou pelo menos já não produz efeito, é o de que o Sr. presidente da República já tenha dito a alguém ter candidato predilecto. Nesta mexericada todos são os pretendentes ou os amigos dos pretendentes que atribuem essas predileções a S.Ex.

-

O único mexerico que não parece sel-o<sup>103</sup>, e pelo contrário parece ser cousa verdadeira, é a longa conferencia realisada<sup>104</sup> em Petropolis entre os Srs. Glycerio e Quintino Bocayuva. Já o Sr. Glycerio estava na estação para descer e os echos do palacio repetiam a palavra ... aliança.

-

Em S. Paulo, ainda a mexericada ferve mais do que aqui. a Única diferença é que não se vê o cachão da fervura. Por enquanto estão encobertas as baterias de ambos os lados e todo o trabalhinho está sendo feito à surdina. Parece que só depois de conhecido particularmente o resultado da consulta aos diretórios locais é que essa consulta será feita publicamente.

C'est selon...

-

Nas eleições do Estado do Rio, a realizarem-se<sup>105</sup> no dia 31, parece que será eleito senador o Sr. Dr. Martins Torres e deputado o Sr. Belisário Augusto. (GAZETA DE NOTÍCIAS, Mexerico, 1901, p. 1)

Mais uma vez, podemos identificar importantes elementos das notícias hoje chamadas de bastidores da política. Neste trecho temos maiores especulações sobre a falsidade ou veracidade de rumores em circulação, o claro acesso privilegiado aos círculos da política ou a informantes críveis nos principais núcleos de sociabilidade dos membros do poder à época. Veja que ele apresenta (e desmente) mexericos do Rio e de Petrópolis, locais politicamente importantes para a então jovem república, além também da Bahia, outro centro político relevante.

Hoje, com a profissionalização da atividade e a revelação daquele que apresenta a informação, foi necessária uma mudança de alcunha, para evitar o estigma negativo associado ao mexeriqueiro e, mais ainda, ao fofoqueiro. A referência então, aos bastidores, funciona bem para proteger a reputação da

---

<sup>102</sup> Grafia original.

<sup>103</sup> Grafia original

<sup>104</sup> Grafia original

<sup>105</sup> Grafia original

atividade, ajudando a diferenciá-lo de outro tipo de conteúdo também frequente em periódicos brasileiros e decorrente de atividade ainda mais associada à fofoca como a coluna social.

Ademais, para uma imprensa que hoje pretende cultivar uma imagem de maior respeitabilidade, credibilidade e imparcialidade, mais ainda em tempos de tantas ondas de notícias falsas e falseadas, já não há lugar para termos malquistos como "mexeriqueiros e fofoqueiros" na seara da imprensa política que se pretende séria e confiável.

Considero, portanto o jornalismo de bastidores como gênero de fofoca em seu aspecto estrutural, sendo aqui utilizado o conceito de gênero na acepção que Paula Francinetti da Silva em "A coluna social como gênero de fofoca" (SILVA P. F., 2011).

Curiosamente, a coluna social e os bastidores da política, embora exemplos de um mesmo fenômeno comunicativo, têm recepções muito diferentes entre si. Enquanto a coluna social, segundo Paula Francinetti, é "geralmente, vinculada à frivolidade e superficialidade" (SILVA A. d., 1813), o jornalismo de bastidores sobrevive em um delicado equilíbrio entre a credibilidade do informador e de suas fontes e a possível (mas aceitável) imprecisão pela impossibilidade de confirmação explícita das informações, além de um equilíbrio também com a inerente importância e seriedade de seu "assunto" principal.

Embora nos bastidores da política, a vida pessoal, a personalidade, os humores, e mesmo amizades e inimizades dos atores também sejam fatores cada vez mais propensos a balancear as relações de poder, eles não surgem como temas diretos, como na coluna social, mas sim colaterais em relação ao principal.

Os personagens políticos podem também figurar nas colunas sociais, mas com focos informacionais bem diferentes. Se o político "A" é amigo ou aliado do político "B", a coluna social pode comentar o quanto essa amizade é forte e duradoura envolvendo as famílias, ou como o político "A" sempre comparece às recepções promovidas pelo "B", cortês e mesmo bem vestido. O bastidor político, por outro lado, vai noticiar que é provável que o político "A" vote favoravelmente ao projeto do político "B" por conta desta afinidade tanto política quanto pessoal e que, inclusive, estes votos parecem ter sido discutidos e possivelmente combinados na última confraternização informal na casa de "B", da qual "A" e outros membros de seu partido participaram.

Trata-se de uma série de conjecturas, previsões e pequenos elementos contextuais nem sempre confirmáveis, mas detectáveis a partir de sensibilidade e conhecimento cultivados através de um trânsito convivial mais íntimo que o mero jornalismo protocolar.

Não obstante, tal natureza da atividade não desabona de maneira alguma a função do jornalismo de bastidor. Os principais expoentes brasileiros nesta modalidade são considerados verdadeiros especialistas políticos, mais ainda em um país onde as atividades de bastidor, as relações pessoais e negociações em âmbito privado se confundem com a própria atividade da política.

Os conteúdos de bastidores não estão hoje vinculados a um formato específico como a coluna no jornal. Aqueles de maior destaque na mídia a nível nacional em geral, além de proferirem suas informações como comentaristas de política, sustentam blogues, em geral em plataformas de conteúdo jornalístico, além de exercerem também atividades corriqueiras ao jornalismo como entrevistas abertas e elaboração de matérias propriamente jornalísticas de conteúdo verificável em fontes oficiais.

O jornalista de bastidor oferece uma mediação refinada entre a fonte e o informado, principalmente porque, no seu caso, a fonte da informação é frequentemente o seu próprio objeto com quem ele, não raro, precisa também estabelecer uma relação de confiança recíproca um tanto mais especial que uma mera formalidade contratual, ainda que profissional.

Um jornalista pode conseguir informações capazes de produzir um grande furo de reportagem que vai prejudicar muito seu objeto e eventualmente gerar um escândalo, um entrevistador pode, até ao vivo, colocar seu entrevistado em situações embaraçosas ou desagradáveis, confrontá-lo com questões que ele não quer enfrentar. Ele consegue continuar sua profissão, contactar informantes e buscar, de maneira investigativa, novas fontes, inclusive oficiais para seu trabalho.

Já no jornalismo de bastidores, a revelação deste “furo” pode lhe custar o próprio acesso posterior ao seu objeto. O ministro não vai recebê-lo em sua casa para explicar suas intenções e inclinações decisórias depois de ter uma opinião controversa por ele revelada. O jornalista de bastidores precisa ser muito cuidadoso para produzir comentários que sejam ao mesmo tempo verossímeis e úteis e não agridam a reputação e confiança de seu objeto.

Vemos nos exemplos da Gazeta de Notícias que este aspecto já se faz presente: nenhuma das as informações trazidas tem capacidade de prejudicar diretamente ou de induzir uma opinião negativa do leitor a respeito dos seus objetos. Eles apenas especulam a sobre suas movimentações, conhecimentos e dados não necessariamente confirmáveis ou repassáveis para o público. É, inclusive, mais conveniente chamar suas manifestações de “comentários” e “opiniões” do que propriamente de “notícias” como, de fato, ocorre hoje. Esses comentários e opiniões estão também presentes no exemplo acima: a insinuação de uma possível “aliança” política entre Glycerio e Quintino Bocayuva, a indicação de que “todo o trabalho está sendo feito à surdina” sem especificar por quem ou de que maneira além da projeção da futura eleição de dois candidatos a senador e deputado.

Trata-se além disso, de atividade muito fundada no aspecto relacional da convivência e troca informacional. O jornalista de bastidor pode ser mesmo considerado amigo de alguns de seus objetos (políticos, figuras, juizes, etc.).

Temos no Brasil um especial destaque no espaço editorial para essa modalidade de jornalismo que, repito, não tem qualquer demérito. Muito pelo contrário, é modalidade de alta relevância para entender a dinâmica da política em um país onde as relações pessoais importam tanto para as tomadas de decisão e onde grande parte da movimentação política se desenrola em almoços nas churrascarias, jantares e cafés da manhã reservados, conversas de corredor, visitas não oficiais e encontros casuais nas residências oficiais, não raro restando para o espaço público e institucional, apenas a encenação de um mero teatro social de cartas já há muito barganhadas e marcadas, por atores com papéis institucionais aparentemente rígidos mas já minuciosamente costurados e reelaborados nas coxias do poder. O conhecimento de perfis, relações e suscetibilidades se torna tanto mais importante quanto mais o debate de ideias e convicções dá lugar ao embate entre personalidades carismáticas e personagens caricatos.

Até mesmo o afastamento geográfico da política a nível federal dos grandes centros populacionais e culturais tradicionais (tanto o núcleo do sudeste com Rio e São Paulo, quanto os mais antigos no Nordeste, também distantes da atual capital Brasília), pode ser um fator que tenha contribuído para uma distorção onde os bastidores da política, em certo momento, são a própria política pragmática. Seu conteúdo se transforma no próprio fazer político das altas cúpulas, afastadas da relação com a população e de suas possíveis reações, agora geograficamente

distantes. Não por acaso, o comentário político de bastidores seja também, concentrado na seara da política federal, centralizada em Brasília.

Os jornalistas de bastidores têm, portanto, um papel importante na compreensão e interpretação do cenário político em seu aspecto dinâmico e, principalmente, relacional. Para além de um simples intérprete, ele é um mediador e modulador especializado da apreensão pública das movimentações políticas nacionais.

Mas justamente esta proximidade relacional que é seu trunfo para a obtenção de informações relevantes pode desencadear a sua queda em um cenário de mudança brusca ou de reconfiguração do Poder.

Recentemente, com a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência da República e, junto com ele, um extenso grupo de novos (ou anteriormente não tão destacados) atores políticos, houve uma reorganização da dinâmica das relações, tanto entre os próprios titulares do poder, quanto destes com a imprensa convencional.

Em um cenário como esse a capacidade de antecipação e opinião do jornalista de bastidores pode sofrer, ainda que parcial e momentaneamente, um blackout. Isso porque ele precisa também reajustar sua malha de relações para manter seu fluxo informacional. O fofoqueiro especializado precisa descobrir os novos enredos, intimidades, intrigas, relações e mexericos a que estarão sujeitas as próximas movimentações políticas.

O presente caso é de especial relevância dada a expressa desconfiança do Presidente para com determinados setores da imprensa e a sua pretensão de rejeitar mediadores, prestando ele mesmo os esclarecimentos que considera necessários em diferentes plataformas digitais, sejam elas oficiais ou não, pessoais ou públicas, inclusive através da participação recorrentes em “*lives*” (transmissões ao vivo via celular comumente improvisadas) em redes sociais.

Mas esta tentativa de comunicação direta não é, nem poderia ser, completamente eficaz. Ninguém consegue ser absolutamente claro e transparente a ponto de evitar quaisquer especulações a respeito de seus atos. Uma vez estabelecidas as novas redes de comunicação e confiança interpessoais, uma também nova rede de fofocas se forma. E quanto mais se pretender controlar ou restringir as narrativas, eliminando os canais já institucionalizados para tal, como é o caso da imprensa convencional, mais canais “clandestinos”, sem modulação e passíveis de distorção se formarão.

Como coloca Shibutani: sem os canais oficiais de informação, as pessoas buscarão formas alternativas de se informar para tomada de decisões. É dizer, a rejeição da imprensa tradicional (por mais tendenciosa para um ou outro lado que ela possa ou pareça ser) pode gerar fluxos alternativos de informações e especulações muito mais sujeitos a distorções.

Por outro lado, no cenário atual, alguns elementos que antes permaneciam nos bastidores afloram agora ao público, como a atuação das relações familiares sobre as tomadas de decisão e mesmo comunicações públicas. Elementos caros ao mundo da fofoca, como a intimidade familiar, relações entre pai e filhos, amizades e inimizades, que antes estariam encobertas pelo véu da discrição e decoro próprios aos papéis sociais e institucionais exercidos, transbordam para o cenário público. Fatores que seriam levados em conta, mas não explicitados pelo jornalista de bastidor, passam a ser o próprio objeto de discussão imediata.

Há que se pensar, mesmo, se não estamos diante da ascensão de uma política da fofoca, onde as especulações, ruídos, provocações e insinuações tomam o lugar do debate e temas anteriormente reservados aos bastidores borbulham emergindo, contaminando as pautas públicas e entulhando de picuinhas e trivialidades a já abatida capacidade de apreensão e deliberação de uma população esturricada pela confusa e brutalizada realidade social brasileira.

Me parece, no entanto, que trata-se de algo mais que uma estratégia planejada de abarrotamento da opinião pública de um volume de informações que esta não é capaz de processar criticamente de maneira satisfatória ou razoável. Robert Colville em “*The great acceleration*”<sup>106</sup> de 2016, chama de “*permanent campaign*” (campanha permanente) (COLVILLE, 2016, p. 160), essa estratégia de manter a mídia convencional permanentemente em estado de atenção e ocupada com algum evento referente ao governo (ou ao candidato). Sua aplicação, segundo Colville, começou a se tornar mais relevante já na campanha e primeiro ano governo de Barack Obama (2008 – 2009) (além, também da administração de James Cameron no Reino Unido) (COLVILLE, 2016, p. 179), com elementos que vão desde a superexposição da figura pública (em aparições públicas, televisionadas, etc.) à

---

<sup>106</sup> “A grande aceleração”, em tradução minha.

inundação da mídia com grande velocidade e volume de fatos a respeito do alvo em questão, de maneira a não deixar espaços vazios para quaisquer especulações:

Another variant on this approach, adopted by Obama and Nicolas Sarkozy, is to try to overwhelm the media, and your opponents, with your speed. The idea is to push the government machine into overdrive in the hope that your goals will be reached before the engine stalls. Washington in the early days of Obama, says Alter, ‘was a blur of activity’. no one could possibly keep up with the Niagara of news coming out of the administration.’ The problem is that such an approach also breeds errors: getting something – anything – done takes precedence over making sure it is the right thing. (COLVILLE, 2016, p. 179)

Além de minimizar a imposição de pautas de maneira ativa pela imprensa, essa estratégia ocupa-a em administrar a sede pública por informações e discussão sobre as pautas já levantadas pelo próprio governo. Um dos problemas pragmáticos dessa estratégia é, como salientou Colville, que o protagonista precisa estar fazendo algo, não necessariamente certo ou proveitoso, apenas algo.

No caso brasileiro, parece que se extrapolou a temática das atividades institucionais e houve uma incorporação (acidental ou não) desta seara altamente relacional dos bastidores, da intimidade e das opiniões pessoais de membros das altas cúpulas uns sobre os outros.

A campanha permanente aqui se dá não só com a sobrecarga da imprensa (e da opinião pública) com a divulgação de participações em entrevistas, jantares beneficentes, inauguração de obras ou elaboração de projetos, mas também com a chegada a público de verdadeiras intrigas pessoais, fofocas de quem falou mal de quem, disse-me-disses e tomadas de satisfação, além de problemas familiares, doenças de parentes, religião e até aniversários de criança. A fofoca extrapola assim, em muito a seara dos bastidores e se mistura à política aberta que se vê, em contrapartida, cada vez mais obrigada a dar-lhe constante resposta.

Some-se a isso o processo de adaptação da própria sociedade na lida com as novas tecnologias de comunicação. Aplicativos de mensagens e as diversas redes sociais permitem não só uma comunicação muito ágil como têm eliminado parte da volatilidade inerente ao simples boca-a-boca. É dizer: hoje as conversas estão registradas, podem ser muito facilmente gravadas, “printadas”, compartilhadas. A intimidade, as relações, opiniões estão permanentemente indexadas e, portanto, passíveis de divulgação por quem quer que tenha acesso, lícito ou não, a elas.

Essa política da fofoca consiste também no fato de seus protagonistas estarem sob a constante iminência de terem suas próprias fofocas, com opiniões controversas, segredos, e mesmo baixarias expostos e transformados, eles mesmos, em assunto de fofoca.

Há que se pensar em como o mundo da política vai se adaptar a essa realidade que tem muitas vezes sido tratada sob o registro da “*fake news*” e que, a meu ver, está mais próxima de uma “fofoca-da-fofoca” alheia.

É o caso, por exemplo, do vazamento prints ou vídeos de conversas privadas onde o político ou o agente público “A” fala horrores sobre o político “B”, emite opiniões negativas, juízos morais, xinga a sua mãe. Se tal coisa não fosse revelada, quiçá a relação entre “A” e “B” corresse na mais absoluta paz e protocolo institucional e jamais descambasse para qualquer desavença digna de nota. No entanto, uma vez ocorrido o vazamento, os protagonistas (ofensor e ofendido) tornam-se até mesmo publicamente constrangidos a responderem à situação, a reagirem como se a agressão tivesse sido absolutamente direta, talvez até contra a própria vontade pessoal de fazê-lo.

O custo reputacional que a força da opinião pública pode gerar diante da ausência de uma “resposta à altura” pode ser alto a ponto de as figuras públicas sentirem-se obrigadas a manter um vai e vem de respostas abertas que talvez sequer fossem pessoalmente necessárias. A ofensa pessoal não se pode “deixar barato”, é exigida a contrapartida de uma reação, cobrança, reparação, sob risco desgaste reputação pessoal do ofendido que não buscá-la.

Nesta política da fofoca, os seus agentes precisam lidar com e produzir respostas para a intimidade da conversa particular, sem filtros de etiqueta e polidez, sendo revelada nua, crua, sem mediações e frequentemente fora de contexto. Há que se compreender mesmo que o próprio contexto para o proferimento de certas barbaridades é a suposta segurança da intimidade, que todos têm e onde certamente não há santos (nem entre políticos, nem no mais humilde agricultor).

Temos tido, no caso brasileiro ao menos, certa dificuldade para distinguir entre picuinhas pessoais, fofoca de bastidores e assuntos de relevância nacional, talvez por conta da importância que a intimidade e as relações pessoais atingem em nosso trânsito social cotidiano. Há que se ver ainda, onde essa política da fofoca vai desembocar: se em um torvelinho de escândalos em fluxo absurdante, ou em uma eventual calibragem até mesmo da inteligência emocional e senso de prioridades da opinião pública.

Teremos de decidir se o que o deputado acha da mãe do presidente é efetivamente tão digno de atenção pública quanto os rumos da economia. Por enquanto, ao que parece, ainda estamos na dúvida.

### 3.4. ANÁLISE DE QUESTIONÁRIOS

Passo agora, dentro dessa etapa de investigação da fofoca no contexto brasileiro, à análise dos resultados da aplicação de questionários direcionados à obtenção de dados sobre a percepção pessoal dos brasileiros sobre a fofoca e o fofoqueiro.

Este questionário não pretendeu (nem poderia) alcançar uma amostragem de dimensão suficiente para representar todo o país, mas sim, buscar indicativos que pudessem direcionar percepções e investigações, aprimorar e levantar novas questões não autoevidentes e indicar caminhos interpretativos. A lista com todas as perguntas apresentadas aos interlocutores e seus respectivos formatos de respostas encontra-se no Anexo III ao final desta tese.

#### 3.4.1. METODOLOGIA DA CONSTRUÇÃO E APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO:

O questionário foi construído ao redor da pergunta geral “O que é a fofoca e o fofoqueiro para o brasileiro?”. Para tanto, foram elaboradas questões de localização social do indivíduo (para detectar, em uma perspectiva geral, sua abrangência), questões focadas em impressões sobre o funcionamento da fofoca em sua estrutura e seu contexto de fenômeno social, questões para compreender ou vislumbrar abordagens morais e reações emocionais diante dos diferentes atores da fofoca, questões para indicar áreas de interesse temático, além interpretações de proximidades de sentidos e associações semânticas.

Dependendo do objetivo de cada questão, elas foram elaboradas algumas como de múltipla escolha e outras discursivas. O questionário contém 31 questões e encontra-se em anexo (anexo 1). Foram levados em conta, além da estrutura e características inerentes ao fenômeno em geral, alguns estudos já consagrados sobre a fofoca que trabalharam com questionários como o já mencionado “*Gossip as Cultural Learning*” de Baumeister, et al. (2004).

O questionário foi aplicado de maneira aleatória através da internet e também presencialmente na cidade de Niterói (RJ), todos com preenchimento pelo próprio interlocutor e sem interferência nas respostas pela aplicadora. Apesar de ter mantido

uma concentração grande no estado do Rio de Janeiro e na cidade de Niterói, foram coletadas respostas de outros estados de todas as regiões do país.

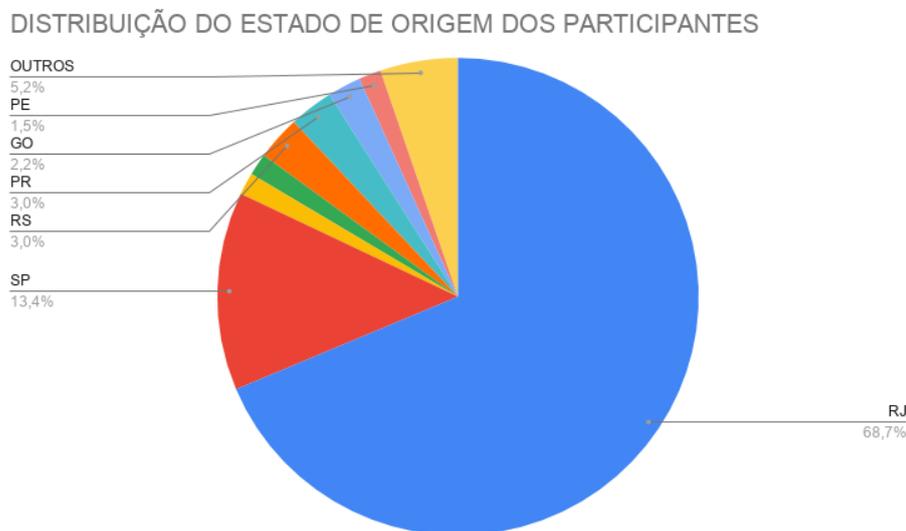


Gráfico 2 Distribuição do Estado de origem dos participantes do questionário

Por conta das circunstâncias de distribuição do questionário, houve também uma concentração em pessoas com ensino superior (graduação, mestrado e doutorado).

#### 4- QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

136 respostas

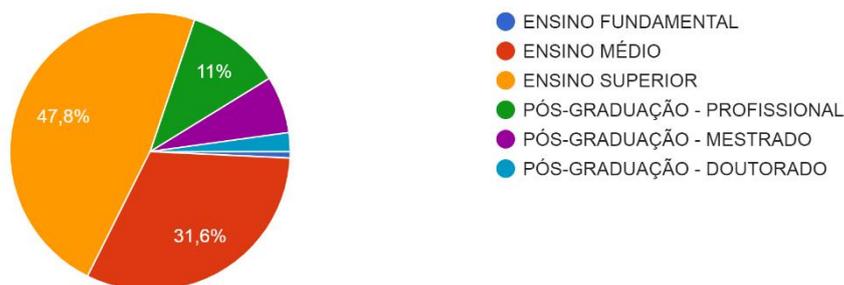


Gráfico 3 Distribuição da escolaridade dos participantes do questionário

Obviamente, a amostragem não é suficiente para produzir um mapeamento nacional da fofoca. Para tanto seria até mesmo mais interessante buscar pesquisas de grupos relativamente fechados (como bairros ou comunidades específicas). Esta pesquisa foi feita para apresentar alguns indicativos e direcionamentos do que se pensa a respeito da fofoca por aqui, além de precisar ser combinado com outros

elementos culturais relacionados à fofoca que se apresentam de forma mais pública, e que não necessariamente aparecem nas percepções das pessoas em uma pesquisa opinativa, como o jornalismo de bastidor e as colunas sociais (apesar de a fofoca sobre famosos, artistas e pessoas públicas terem aparecido nas principais áreas de interesses das fofocas, não foram elaborados de maneira mais complexa).

Embora não seja possível determinar a função social da fofoca em uma cultura a partir só da opinião geral a seu respeito, podemos fazê-lo também através da análise dos diferentes papéis que ela exerce na sociedade como um todo, mesmo que este não seja imediatamente apreendido pelas pessoas quotidianamente.

É necessário levar em conta também a delicadeza do assunto. Popularmente a fofoca é tida como uma coisa moralmente negativa. Ainda que pessoal e internamente as pessoas não pensem que é bem assim, elas podem projetar o julgamento reprovador dos outros casos elas respondam coisas positivas sobre a fofoca. Podem também se sentirem constrangidas pela vergonha a se justificarem, o que tornaria a simples resposta de que a fofoca é ruim em todos os sentidos muito mais fácil e socialmente palatável, por exemplo. Por esse motivo decidi pela aplicação de questionários preenchidos pelos próprios interlocutores, com perguntas diretas. O anonimato e a ausência da pressão de uma outra pessoa durante o preenchimento poderia favorecer uma maior autenticidade nas respostas.

Tal tática parece realmente ter surtido efeito dados os resultados até certo ponto inusitados ou surpreendentes, como para a pergunta “Você pensa na fofoca como uma coisa: boa, ruim/negativa ou neutra/normal”.

### 3.4.2. A FOFOCA E O FOFOQUEIRO

#### 3.4.2.1. *O que se pensa sobre a fofoca*

Inicialmente, dada a tradicional má reputação moral e social da fofoca, já não era esperado que as pessoas respondessem que a entendem como uma coisa “boa”. No entanto, surpreendentemente, ao ser adicionada no questionário uma opção intermediária, onde se coloca a fofoca como uma coisa neutra/normal, esta tomou uma relevância muito maior que o esperado, aproximando-se do número daqueles que ressaltaram o aspecto negativo da fofoca.

Das 135 respostas, 67 (49,6%) foram para “ruim/negativa”, enquanto 66 (48,9%) responderam “neutra/normal” e apenas 2 (1,5%) responderam “boa”:

## 6- VOCÊ PENSA NA FOFOCA COMO UMA COISA:

135 respostas

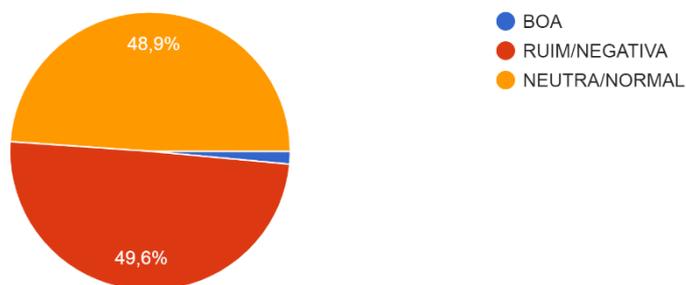


Gráfico 4 Respostas à pergunta “Você pensa na fofoca como uma coisa: boa ; ruim/negativa; neutra/normal”

Seria muito fácil apenas constatar a vitória (ainda que apertadíssima) do “ruim” em relação às outras percepções, mas mais que destacar uma confirmação do senso comum, chamo a atenção para o fato de que a diferença entre “ruim” e “normal” foi de apenas uma resposta. Isto é relevante em um contexto onde a reputação geral (ou pública) do fenômeno costuma ser dada e tratada como negativa, associada a sentimentos, pessoas e atos reprováveis.

Ao mesmo tempo em que este resultado foi um tanto surpreendente, trata-se de um fenômeno que tem em sua própria estrutura a ambiguidade. É assim razoável o surgimento destacado de respostas não pragmáticas. Observemos também que o “neutro” não drenou seus votos do “bom”, mas muito provavelmente tratou-se de uma calibragem da rejeição do “ruim”. Dada a possibilidade de entender a fofoca de maneira ambígua e um pouco mais distante do extremo negativo, muitas pessoas decidiram por fazê-lo.

Podemos supor que a possibilidade de responderem questionários não identificados tenha proporcionado um nível de franqueza que não seria possível com uma entrevista mais pessoal. Seria provavelmente mais desgastante emocionalmente ter que lidar, até mesmo com a possível (imaginável) vergonha e estresse social de defender uma posição que difere do amplamente conhecido como “moral” e “normal”. No papel (ou no computador), sem ninguém olhando, é mais fácil ser sincero, dizer que algo amplamente colocado como mau, ou reprovável, na verdade, “depende”. Uma nova aplicação desta pergunta em especial em averiguação cara-a-cara pode trazer uma confirmação nesse sentido.

Por outro lado, foi-me questionado se quem afirmou que a fofoca não é uma coisa negativa, poderia tê-lo feito para justificar o próprio comportamento fofoqueiro. Porém, dos 61 que responderam que a fofoca é uma coisa boa ou neutra/normal, a maioria (40) disse que não se considera fofoqueiro, que fofoca medianamente ou pouco (48 no total) e que acha moralmente normal ser fofoqueiro (44).

Pensar que colocariam tais respostas para esconder sua situação de fofoqueiros e a culpa (ou desgaste social) que isso implicaria, já seria avançar para conjecturas e especulações. O que temos são dados que sugerem uma recepção de tolerância em relação ao fenômeno da fofoca e do fofoqueiro em geral.

Não obstante, temos assinalada uma intuição comum, ainda que não seja publicamente expressa, de que a fofoca não é para arte expressiva do público em questão (que vai do estudante de Direito ao dono de bar) sempre moralmente negativa, em especial em relação a seus conteúdos e consequências.

Outros resultados nos sugerem igualmente a percepção do elemento lúdico e informativo e até instrumental da fofoca de maneira desconectada com a moral especificamente negativa, é dizer, se elas não incentivam ou louvam a fofoca, ao menos a toleram ao não condená-la peremptoriamente ligada ao mal.

Foi o caso de quando perguntadas sobre o que acham a respeito de fofocas sobre si mesmas:

7- QUANDO A FOFOCA É A SEU RESPEITO, VOCÊ ACHA ISSO:

135 respostas

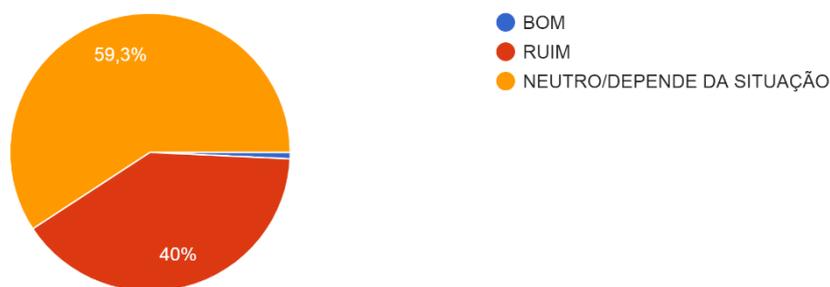


Gráfico 5 Respostas à pergunta “Quando a fofoca é a seu respeito, você acha isso: bom; ruim; neutro/depende da situação”

Ao ser apresentada a opção de respostas com alguma ambiguidade, ou espaço para a ponderação, esta foi a escolha da maioria, dessa vez com maior margem: 80 respostas para “neutro/depende da situação” (59,3%), 54 para “ruim” (40%) e 1

para “bom” (0,7%). Ora, se uma fofoca sobre si “depende da situação”, podemos entender que ao menos para 59% dos interlocutores, existe a noção de que ela pode ser tanto positiva quanto negativa. Alguém pode estar falando bem de si, não apenas mal e podemos, inclusive, nos beneficiar disso.

A ambiguidade está presente, portanto, também na maneira que as pessoas apreendem o fenômeno em seu aspecto circunstancial (vantajoso/desvantajoso) e não apenas moral (bom/mau).

Por outro lado, nosso interesse específico agora é saber se a fofoca e o fofoqueiro são considerados de maneira moralmente e circunstancialmente idêntica ou não. Além de testar a hipótese de que nem todos que fofocam são considerados fofoqueiros, e que para isso, certos critérios precisam ser cumpridos. Critérios estes que, há que se salientar, são eminentemente culturais, e, portanto, não necessariamente universais.

### 3.4.2.2. O que se pensa sobre o fofoqueiro

A fofoca pode, como vimos, ser algo considerado algo “normal” ou tolerável para o brasileiro, mas vejamos agora uma indicação do que é necessário para ser considerado “fofoqueiro”.

Ao serem perguntados: “você acha que (moralmente) ser fofoqueiro é: bom/ruim/normal”, de 137 pessoas, 80 (58,4%) responderam que ser fofoqueiro é moralmente ruim, contra 56 (40,9%) que responderam que é normal e apenas 1 (0,7%) que afirmou ser bom.

13- VOCÊ ACHA QUE (MORALMENTE) SER FOFOQUEIRO É:  
137 respostas

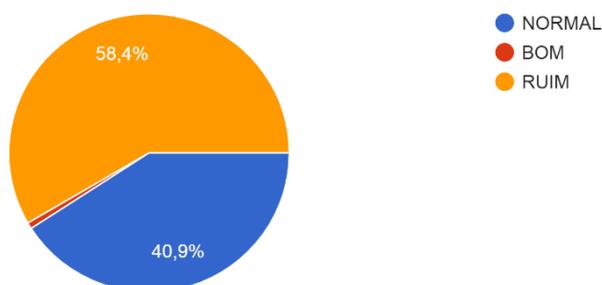


Gráfico 6 Respostas à pergunta “Você acha que (normalmente) ser fofoqueiro é: normal; bom; ruim”

No caso do fofoqueiro, temos uma diferenciação bem mais marcante e menos ambígua entre normal e ruim do que no caso da fofoca em geral. E para tornar tal resultado mais consistente, podemos observar que poucas pessoas quiseram considerar a si mesmas como fofoqueiras, como mostra o resultado da pergunta “Você se acha fofoqueiro(a)? sim/ sim, muito/não”

#### 12- VOCÊ SE ACHA FOFOQUEIRO(A)?

136 respostas

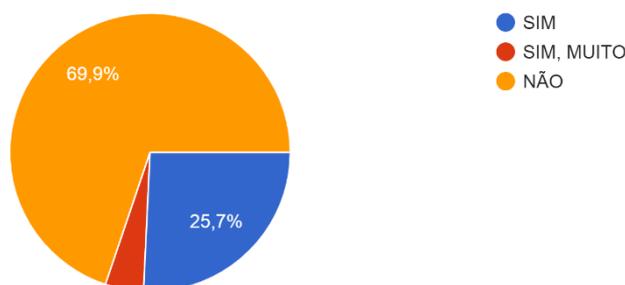


Gráfico 7 Respostas à pergunta “Você se acha fofoqueiro(a)?”

Coloquei a opção “sim, muito”, para tentar, a partir do cruzamento com outras respostas, averiguar se para aqueles que admitem não necessariamente um excesso, mas uma alta frequência na atividade fofoqueira, tratariam tal comportamento com irreverência ou mesmo um certo orgulho, ou se o abordariam a partir da lógica da culpa e autorreprovação.

Das 136 respostas obtidas, 6 (4,4%) foram para “sim, muito” e 35 (25,7%) para sim, o que, globalmente, corresponde a 41 (30,1%) de pessoas que se consideram fofoqueiras contra uma relevante maioria de 95 pessoas (69,9%) que não se consideram.

Cruzando as respostas das duas questões anteriores, a maioria das pessoas que se acham fofoqueiras, consideraram isso normal (29). Não há, portanto, um indicativo da presença de culpa ou autorreprovação pelo comportamento fofoqueiro, mas o reforço de uma percepção de tolerância e normalidade em relação à atividade por parte de seus próprios praticantes, em contraste com o quadro geral de reprovação. A maioria reprova o fofoqueiro, mas quem o admite ser, não se sente mal por isso.

Por outro lado, dentre aqueles que disseram que a fofoca é uma coisa boa ou normal, a maioria não se considera fofoqueira (40 não contra 20 sim), indicativo de que as pessoas não estariam utilizando a insinuação de normalidade para justificar ou amenizar um comportamento próprio potencialmente reprovável (não dizem, por exemplo: “sou fofoqueiro, mas isso é normal”). Muito pelo contrário, a maioria das pessoas que acham a fofoca boa ou normal, fofoca medianamente ou pouco (48 de 61), Isso reforça a percepção de que não há necessariamente uma relação de justificação comportamental na relativização moral da fofoca, pois as pessoas que consideram a fofoca uma coisa boa ou normal, sequer se consideram grandes adeptos da prática. Há sim o indicativo de uma apreensão tolerante e de normalidade em relação à fofoca (mas não necessariamente ao fofoqueiro).

Embora seja alto o índice de normalidade (48,9 %) da fofoca (quase pareado com a sua rejeição - 49,6 %), nota-se um contraste com a incontestável rejeição ao indivíduo com alcunha de fofoqueiro (58,4 % ruim contra 40,9 % normal). E maior ainda é rejeição à atribuição da alcunha a si mesmo (69,9 % não se acham fofoqueiros). Ora, se fazer fofoca é quase normal, mas ser fofoqueiro é claramente ruim, este resultado indica que há condições especiais para denominar alguém como fofoqueiro, alcunha. Fofoqueiro não é só alguém que emite fofocas. É preciso que algo mais seja adicionado a seu comportamento para merecer o título.

### 3.4.2.3. *Comparativo: fofoca x fofoqueiro*

Para detectar quais critérios seriam esses, coloquei duas questões a serem respondidas de forma discursiva: “Para você, o que é a fofoca? (escreva uma definição)” e “Para você o que é um(a) fofoqueiro(a)?”. Dessa maneira poderia comparar os entendimentos dos interlocutores, as semelhanças e diferenças. Diante da diversidade de perspectivas apresentadas, agrupei as respostas da primeira questão em 11 áreas de sentidos, e as da segunda em sete (7) áreas de sentidos, onde ambas as perguntas comportam respostas que se refiram a diversas áreas de sentido diferentes, portanto, o total de menções de sentidos é menor que o total de respostas computadas.

De um total de 136 respostas para a questão “Para você, o que é a fofoca? (escreva uma definição)”, os sentidos que se apresentaram com maior frequência, foram, respectivamente:

- 1- Falar de terceiro ausente, ou objeto/fato (84) ;
- 2- Sem permissão, consentimento, assunto privado (27);
- 3- Especulação, incerteza, mentira (23);
- 4- Para fazer mal, depreciar, falar mal (15);
- 5- Outros (15);
- 6- Conteúdo bom ou ruim (11);
- 7- Falta do que fazer, recalque, infelicidade (8);
- 8- Comportamento moralmente mau ou objetivamente mau (7);
- 9- Assunto da moda, em alta circulação, fazer circular (6);
- 10- Conteúdo falso ou verdadeiro (6);
- 11- Moralmente neutro, natural (4).

O QUE É A FOFOCA? 136 RESPOSTAS

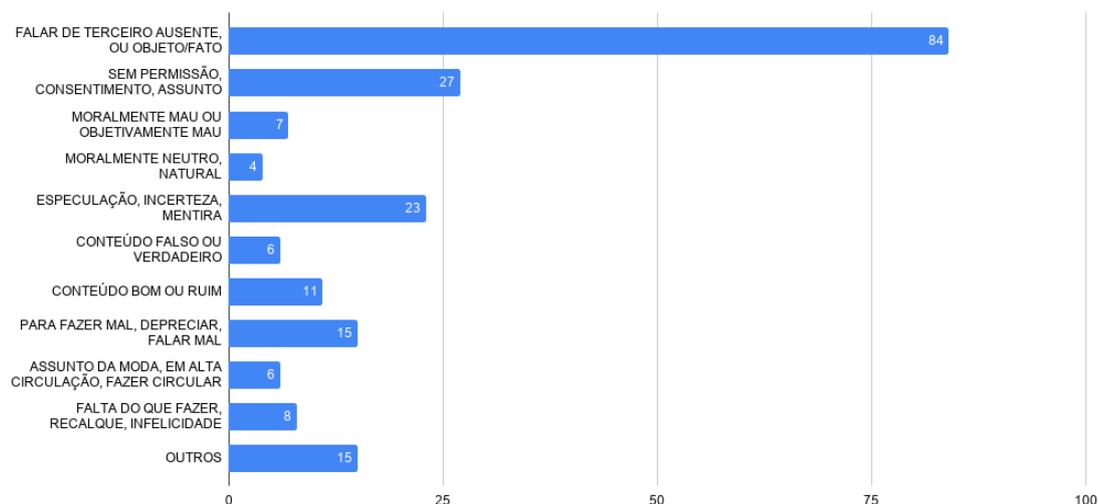


Gráfico 8 Sentidos gerais das respostas à pergunta “O que é a fofoca?”

As definições de fofoca apontam fortemente para a sua estrutura triádica comunicativa (falar de terceiro ausente), indicando o tipo de relação que os interlocutores têm com a própria convivência presencial do fenômeno. Notemos também que nos quatro sentidos mais mencionados, estão presentes quatro dos cinco elementos inerentes à fofoca aos quais me referi no capítulo anterior, ficando de fora, de maneira explícita apenas a informalidade: “Falar de terceiro ausente, ou objeto/fato” Traz à tona a relação triádica demonstrando a percepção da circulação de informação, além da presença da ocultação); “Sem permissão, consentimento, assunto privado”, salienta o elemento da ocultação, “especulação, incerteza, mentira”, destacam a percepção da possibilidade de presença do elemento da mistura e, finalmente “Para fazer mal, depreciar, falar mal” destaca o elemento da intenção, aqui eminentemente negativa.

Este aspecto da permissão (implícita pela anterior publicidade, ou explícita, expressa) do compartilhamento das informações também se faz presente nas

respostas à pergunta "O que você acha que não é assunto de fofoca? Ou o que não é fofoca?", reforçando a noção para aquelas pessoas de que não se configura fofoca quando o que se fala tem certa permissão para ser falado. O ponto nevrálgico desse aspecto é a ambiguidade dessa permissão, que pode existir de maneiras e em graus variados, como é, por exemplo, o caso de uma informação que pode ser pública, ou conhecida por quase todos os membros de uma família ou comunidade, mas cuja revelação para um indivíduo em especial seja inconveniente ou claramente prejudicial. É de se imaginar, portanto, que as pessoas colocam tais assertivas pensando em informações compartilhadas a respeito de pessoas conhecidas e de quem se pode obter tal permissão ou de quem se pode receber alguma cobrança direta pela veiculação. Voltaremos à análise do que não é fofoca adiante.

Por outro lado, reações diretamente negativas ao fenômeno apareceram com menor intensidade, sendo a classificação como algo objetivamente mau ("Comportamento moralmente mau ou objetivamente mau" – apenas sete menções) ou danoso ("Para fazer mal, depreciar, falar mal" – 15 menções) menos presentes de maneira comparativa geral.

Dessa maneira, me parece que a elaboração de uma natureza negativa do fenômeno se dá apenas após a concatenação de sua estrutura de funcionamento, com grande destaque para a circulação, esse "mexer" de lá para cá de informações tão caro à semiologia da palavra no Brasil através tanto do mexerico quanto da fofoca.

Por outro lado, de um total de 133 respostas à questão "Para você o que é um(a) fofoqueiro(a)?", os sentidos que se destacaram, foram, respectivamente:

- 1- Prodigalidade, incontinência, quantidade, frequência (46 menções);
- 2- Interesse, busca da informação ou fomento, cuidar, intrometer-se (40 menções);
- 3- Descrição triádica não qualificativa: Falar de terceiro/ da vida de terceiro ausente (25 menções);
- 4- Outros (17 menções);
- 5- Erro, mentira, ruído, invenção, aumento, desconsideração pela verdade (16 menções);
- 6- Indiscrição, burla à privacidade, revelação de segredo (14 menções);
- 7- Causar mal, falar coisas negativas, denegrir (11 menções).

## O QUE É O FOFOQUEIRO? 133 RESPOSTAS

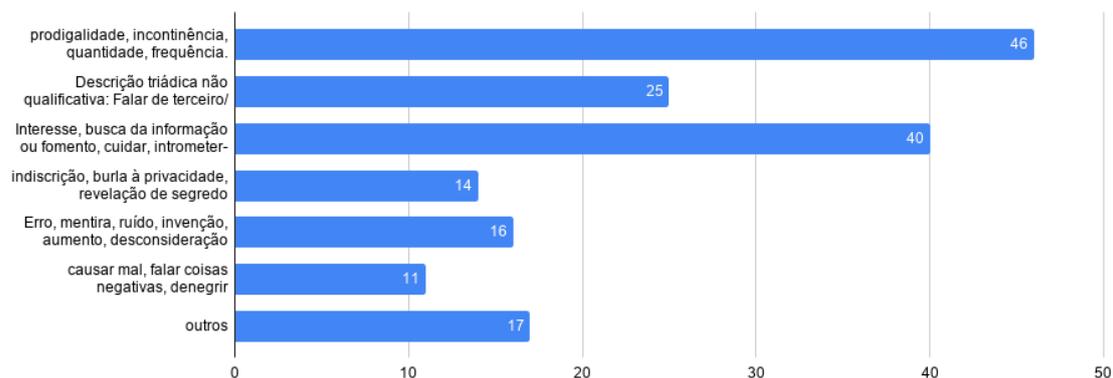


Gráfico 9 Sentidos gerais das respostas à pergunta “O que é o fofoqueiro?”

Aqui a estrutura das respostas é um tanto diferente. Há aquelas que se limitam a descrever a ação que o fofoqueiro executa, com assertivas do gênero “é aquele que faz fofoca” ou “que fala da vida dos outros” ou mesmo “que passa informação de outros”, mas estas sequer representam a maioria delas (ficando em terceiro lugar com 25 menções) e, apesar de representarem também a relação dos interlocutores com a categoria do fofoqueiro, não a definem qualificativamente, isto é: não apontam elementos a título de critério para definir a categoria além da simples prática da atividade em questão.

A partir desse tipo de resposta poderíamos identificar apenas que “qualquer pessoa que faz fofoca é fofoqueira”, mas se assim for, se praticamente todos focam, todos são fofoqueiros. Não haveria, portanto, critério e fofoqueiro não seria qualificativo algum (se todos são, ninguém é, não há diferença). O que pode sustentar tal forma de resposta (para além de uma gama de circunstâncias externas ao questionário que vão da preguiça de escrever à vergonha ou mesmo indecisão) é que os interlocutores não se posicionaram de maneira muito assertiva em relação a se é possível ou não viver sem focar, como demonstra o gráfico:

## 9- É POSSÍVEL VIVER SEM FOFOCAR?

137 respostas

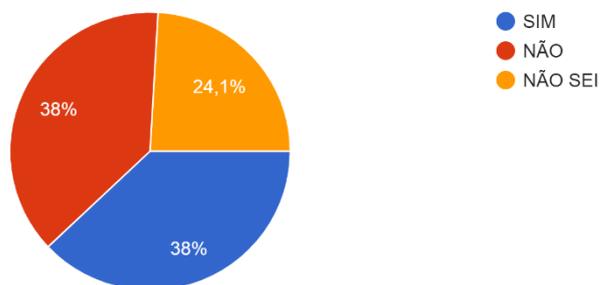


Gráfico 10 Respostas à pergunta “É possível viver sem fofocar?”

Das 137 respostas obtidas, 52 pessoas responderam sim e outras exatas 52 responderam que não é possível viver sem fofocar.

No entanto, como vimos, esta não foi a resposta mais mencionada a respeito do fofoqueiro. Os aspectos que mais se repetiram foram justamente aqueles de teor mais descritivos, qualificativos, permitindo a detecção dos critérios atentados pelos interlocutores para decidirem se alguém merece ou não o epíteto de “fofoqueiro”. São eles justamente (1) a prodigalidade, incontinência, quantidade, frequência (46 menções) e (2) o Interesse, a busca ou fomento da informação, o cuidar, intrometer-se (40 menções);

O primeiro refere-se justamente àquilo que o fofoqueiro e o tagarela (segundo os interlocutores) têm em comum: o excesso. Ali estão computadas respostas que salientam a incapacidade do fofoqueiro de se conter, o seu excesso no fofocar, a quantidade de fofocas acima daquilo que seria considerado normal fazer ou transmitir, a frequência também acima de um “normal” (este subjetivo em relação aos critérios do interlocutor). Ou seja, assim como o tagarela é aquele que fala muito, o fofoqueiro, para estes 46 interlocutores, é aquele que não só fofoca, mas que o faz em excesso.

O segundo tópico mais mencionado, por seu turno, refere-se não à quantidade, mas a um outro tipo de incontinência: o interesse além do esperado. Neste caso, o fofoqueiro é aquele que vai atrás da informação (o que “mete o nariz”), aquele que puxa a fofoca na conversa tanto para passá-la quanto para recebe-la, ele vai atrás, tem curiosidade, chega a intrometer-se onde não lhe concerne, sendo aquele que,

ironicamente, “cuida” da vida dos outros, não um cuidado caridoso mas, ao contrário, um cuidado no mínimo duvidoso e interessado.

Esse interesse, entretanto, não se apresenta especificamente conectado à ideia de intimidade e a invasão desta. Curiosamente, a “Indiscrição, burla à privacidade, revelação de segredo” só aparece em sexto lugar com 14 menções em geral e apenas uma das respostas reuniu expressamente a busca pelas informações à invasão e espalhamento (indevido) de informações íntimas (juntamente ainda com outros aspectos). A maioria das respostas não salientou expressamente (diretamente) o aspecto da intimidade.

Isso indica que essa curiosidade que caracteriza o fofoqueiro não está necessariamente direcionada a um aspecto específico da tantas vezes referida “vida” das pessoas, como é o caso da vida íntima, familiar ou sexual, mas é sim, bem mais abrangente.

Em especial, para caracterizar o fofoqueiro o excesso de comunicação associado a esse interesse por assuntos que possam ser transformados em fofoca já parecem suficientes.

O aspecto do “erro, mentira, ruído, invenção, aumento, desconsideração pela verdade” com suas 16 menções, merece também consideração, guardadas as devidas proporções, já que a diferença de 46 e 40 menções (ao excesso e à curiosidade) para 16 é grande. A repetição expressa deste tema indica a noção de que o fofoqueiro é também frequentemente (mas não necessariamente) alguém que distorce, ou permite a introdução de ruído no fluxo comunicativo, abrangendo desde aquele que não checa as informações que repassa, até aquele que deliberadamente as distorce ou inventa.

O mal, ou a intenção para o mal, por fim, teve também alguma relevância, apesar de limitada, com 11 menções em 133 respostas. Se lembrarmos que a proporção da rejeição moral ao fofoqueiro é bem mais alta, temos um indicativo de que o “mal” da atividade não estaria necessariamente associado a uma intencionalidade maligna inerente ou direta do seu executor (o fofoqueiro), mas mais aos seus possíveis efeitos deletérios. Ou seja, é possível que a rejeição ao fofoqueiro se dê mais por conta da incerteza que ele provoca no campo da administração do fluxo de informações sobre si, do que propriamente por conta de sua intenção ou mesmo natureza de conteúdo.

A partir dos dados colhidos, temos a indicação de que a fofoca no Brasil é percebida, em geral de maneira equilibrada entre o negativo e o neutro, sendo assim atividade de grande ambiguidade e passível de tolerância moral e comportamental. A fofoca em si é entendida como falar de terceiro ausente, sem o seu consentimento, com certo grau de ruído e incerteza nas informações, não necessariamente para causar algum mal.

O fofoqueiro, por sua vez, está sujeito a uma percepção menos ambígua. Para o brasileiro, ser fofoqueiro é bem mais moralmente mau que normal, além de não ser simplesmente qualquer um que fofoque, mas, de acordo com o que indicam as opiniões colhidas, é alguém que fofoca muito e que tem a curiosidade da busca pelas fofocas.

Quem inventa mentiras ou aumenta e confunde situações, quem expõe a privacidade e os segredos alheios e, finalmente, quem fofoca para fazer mal e denegrir os outros, também é chamado de fofoqueiro, apesar de estas características não serem exigidas para classificar alguém como tal. Pode-se ser fofoqueiro só por fofocar muito, sem necessariamente inventar, confundir ou fazer mal.

Não é fofoqueira uma pessoa que faça uma ou outra fofoca esporadicamente, ou que, apesar de participar eventualmente de uma ou outra fofoca, não busca por elas, não está diretamente interessada na vida alheia. Nem todos que fofocam são fofoqueiros.

### 3.4.3. O QUE NÃO É FOFOCA.

Coloquei no questionário a pergunta “O que você acha que não é assunto de fofoca? Ou o que não é fofoca?” Em busca de indicações de quais assuntos ou situações o brasileiro não entende como fofoca. Porém, as respostas se dividiram em diferentes sentidos, alguns respondendo o que não deveria ser assunto de fofoca e outros o que, de fato, não entendiam como fofoca. Algumas respostas ficaram contextualmente ambíguas, não sendo possível detectar sobre quais dos sentidos referiam-se e outras eram bem explícitas ao salientar o que não deveria ser assunto de fofoca.

Neste último caso, ficou claro que a maior rejeição se deu àqueles assuntos de difícil ou sofrido manejo social, associados à intimidade e também à dor, luto ou dificuldade.

Em 104 respostas, a intimidade e família foram mencionadas 22 vezes, principalmente por aqueles que se referiam ao que não deveria ser assunto de fofoca. Um aspecto bastante específico que apareceu espontaneamente chamou a atenção: a doença, morte e tragédias são referidas 11 vezes como coisas que ou não são, ou não deveriam ser assunto de fofoca.

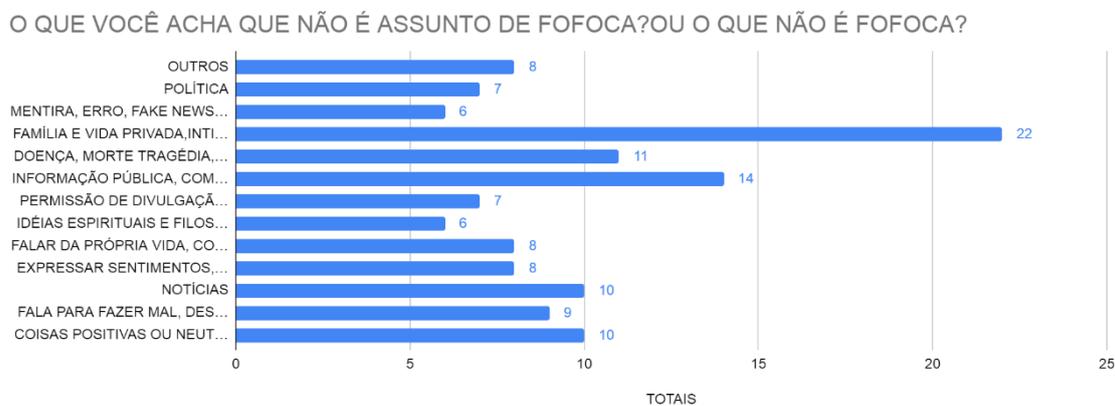


Gráfico 11 Sentidos gerais das respostas à pergunta “O que você acha que não é assunto de fofoca? Ou o que não é fofoca?”

Entre os assuntos que se destacaram especificamente como não sendo assunto de fofoca, os mais mencionados foram: tudo pode ser fofoca (14); informações públicas ou já comprovadas (14); notícias em geral (10); coisas positivas ou neutras a respeito de alguém (10); falar de si mesmo (8) e informações com permissão de divulgação (7).

Não entender informações públicas e notícias como fofocas pode indicar uma percepção de que nestes casos tanto a ocultação quanto a informalidade se ausentam da dinâmica da situação. Como já vimos, existem exceções, mas uma análise profunda da estrutura da fofoca não pode ser exigida dos interlocutores que, ainda assim, apontaram direções significativas. Há que se salientar que esta questão é relevante para pensarmos a possibilidade de disseminação de fofocas e

Se o brasileiro não associa notícias e coisas públicas à fofoca, fica mais fácil introduzir as mesmas em veículos de circulação sem que se possa levantar um olhar crítico em relação à ambiguidade do assunto tratado. É dizer: se o brasileiro não entende notícias e coisas públicas como fofocas, é mais fácil introduzir e conduzir fofocas em veículos de comunicação considerados sérios e legitimados pela publicidade, sem que o brasileiro perceba e, principalmente, sem que possa reagir criticamente a isso.

As pessoas estão, portanto, desatentas ou desarmadas diante desse tipo de veiculação e mais sujeitas às tão comuns distorções e ambiguidades da fofoca. Estão até mesmo sujeitas a não distinguirem fofocas tendenciosas, sem fundamentos ou importância real, por exemplo no âmbito político, de efetivas notícias verificáveis e não (muito) manipuladas.

Tal resultado pode ajudar a entender a absorção e a suscetibilidade do brasileiro a esse fenômeno que vem sendo nomeado de espalhamento das “*fake news*” que, em verdade, trata-se de uma ampliação da circulação e absorção de informações ruidosas ou deliberadamente distorcidas e falsas, informais e de procedência duvidosa, através de cada vez mais veículos e plataformas de interação.

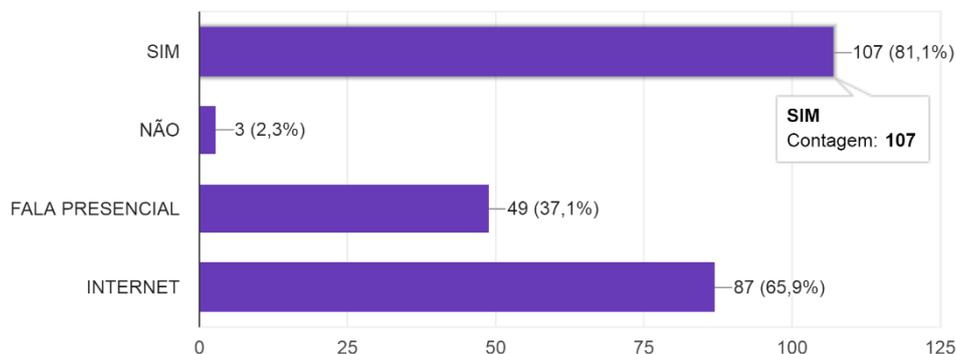
As *fake news* frequentemente não passam de fofocas e rumores com mobilidade aumentada e o que determina seu grau de espalhamento vai desde o nível de acesso que a população tem às suas plataformas de veiculação às suscetibilidades desta mesma população a introjetar tais informações. Suscetibilidade esta moldada tanto por uma educação básica coletiva que viabilize a participação em um debate público a respeito das questões em pauta, quanto por fatores como a confiabilidade que se deposita em tais veículos.

Há que se pensar, portanto em pesquisar de maneira mais extensa o quanto as pessoas desconsideram como fofoca aquilo que está em circulação pública e, mais ainda, o que elas entendem como assuntos e veículos de circulação pública. Isso poderia revelar o quanto estamos desarmados diante de veículos altamente parciais, como páginas de divulgação de teorias da conspiração, blogues, jornalecos politicamente tendenciosos e mesmo as famosas correntes de WhatsApp.

Por outro lado, 81,1% das pessoas responderam positivamente, ao serem perguntadas se é possível fofocar por escrito e pela internet. E 65,9% responderam que hoje em dia se fofoca mais pela internet que pessoalmente através da fala. Tal impressão revela justamente a natureza ambígua, e versátil da fofoca como recurso comunicativo, nem sempre imediatamente claro para os interlocutores.

32- VOCÊ ACHA QUE TAMBÉM SE PODE FOFOCAR POR ESCRITO OU PELA INTERNET? SE SIM, COMO ACHA QUE MAIS SE FOFOCA HOJE EM DIA (PELA FALA PRESENCIAL OU PELA INTERNET)?

132 respostas



*Gráfico 12 Sentidos gerais das respostas à pergunta “Você acha que também se pode fofocar por escrito ou pela internet? Se sim, como acha que mais se fofoca hoje em dia (pela fala presencial ou pela internet)?”*

A cada pergunta é possível perceber uma nova faceta sua, contra a visão geral menos complexa que geralmente utilizamos no dia a dia para responder aos pequenos problemas cotidianos que se apresentam. Ao trazer perguntas que não são completamente óbvias em relação ao fenômeno, o interlocutor é estimulado a buscar e exercitar certas reflexões que não necessariamente ele faria normalmente.

Talvez não seja possível efetivamente contabilizar numericamente como se fofoca mais hoje em dia, mas é importante detectar que a percepção das pessoas é de que se faz mais através da internet e da escrita, especialmente a partir da importância que os aplicativos de mensagens instantâneas têm ganhado na comunicação interpessoal (e mesmo íntima) cotidiana.

Há ainda que se pensar onde estão as barreiras entre o público e o privado para o brasileiro em relação à internet, uma vez que as mensagens privadas produzem um efeito, às vezes falso, de reserva, intimidade e proteção da vista e dos ouvidos alheios. O fato de as mensagens privadas enviadas e recebidas diretamente de pessoa para pessoa estarem de certa forma protegidas ou circunscritas por um espaço físico limitado (a tela do celular em nossas mãos, ou de nosso computador pessoal) pode produzir a falsa impressão de que esta circunscrição engloba toda a dinâmica do fenômeno. Outro elemento que pode confundir é o fato de que as pessoas não se veem ao trocarem as mensagens. A ausência da presença física e da vista do seu interlocutor pode provocar a sensação de proteção e até anonimato. Pelo celular, não temos a sensação de que estamos expostos e falando com alguém,

mas que estamos escondidos por trás da proteção da tela do aparelho. Assim, sem contato visual, mesmo a mentira e o fingimento se tornam muito mais fáceis: quem nunca mandou gargalhadas por mensagem sem sequer ter esboçado verdadeiramente qualquer sorriso? Ou mesmo quem não mandou uma mensagem dizendo que já estava saindo de casa para um compromisso sem ter, e verdade, sequer terminado de se arrumar? Mas tais percepções precisam ser ainda averiguadas com maior refinamento.

A internet e as redes sociais foram ainda mencionadas com bastante ênfase (21 vezes, como mostra o gráfico abaixo) como locais de fofoca pelos interlocutores na pergunta “Onde as pessoas fofocam mais (em que lugares ou situações)?”, que será melhor analisada adiante. Esta forte associação a locais e situações de fofoca mostra o quão importante a comunicação por meios digitais tem sido na adaptação do imaginário comunicativo às (não tão) novas plataformas quotidianas.

Há ainda que se pensar onde estão as barreiras entre o público e o privado para o brasileiro em relação à internet, mas isso é tarefa para uma pesquisa específica.

De volta à questão do que não é fofoca, uma percepção interessante é a de que assim como os conteúdos públicos, os de teor positivo ou neutro a respeito de alguém não seriam fofoca. Ou seja, falar bem de alguém ou apenas comentar de maneira não opinativa não é percebido como fofoca (ainda que na ausência do objeto da fala). Isso reforçaria a visão negativa que já vimos anteriormente, a ponto de algumas pessoas considerarem que coisas positivas ou neutras não podem ser fofoca. No entanto, ao serem perguntadas diretamente sobre se o que se fala na fofoca é sempre negativo, a grande maioria respondeu que não: 72,8% (99 de 136 respostas).

Está claro que tal visão de que coisas positivas ou neutras não podem ser fofoca está mais contida dentro de uma minoria coerente, pois esta opinião aparece 10 vezes dentro da questão sobre o que não é fofoca, enquanto aqueles que pensam que a fofoca é sempre negativa correspondem a 37 pessoas (27,2%).

17- VOCÊ ACHA QUE O QUE SE FALA NA FOFUCA É SEMPRE NEGATIVO?

136 respostas

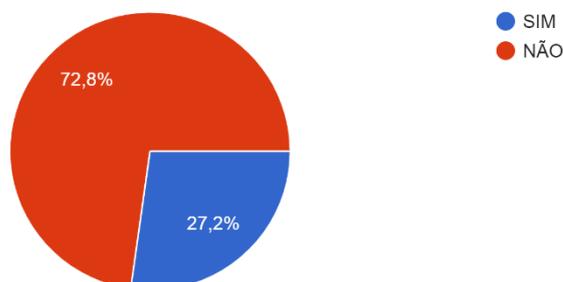


Gráfico 13 Respostas à pergunta “Você acha que o que se fala na fofoca é sempre negativo”

Por outro lado, a aparição deste quesito nas respostas pode indicar a elaboração por parte dos interlocutores de uma diferença ente a conversa corriqueira e potencialmente “inocente” da conversa fofoqueira.

Por último, falar da própria vida também teve destaque (8 menções) dentre o que não é considerado fofoca, indicando a percepção da estrutura triádica essencial ao fenômeno, onde aquele que é o “assunto” não pode estar presente.

#### 3.4.4. RELAÇÃO COM A FOFUCA: POSITIVIDADE/ NEGATIVIDADE/ AMBIGUIDADE; PERCEPÇÕES, APRENDIZADO; PREFERÊNCIAS; SENTIMENTOS

Passemos agora a uma análise de aspectos que retratam a relação do brasileiro com a fofoca e suas percepções dela a partir dos indicativos que se apresentaram nos resultados dos questionários. Partiremos da percepção de positividade/negatividade/ ambiguidade até questões de aprendizado (moral, instrumental e social), preferências de assuntos, temas, lugares até relações sentimentais com a fofoca.

##### 3.4.4.1. Positividade/ negatividade/ ambiguidade

Já tratei inicialmente da percepção majoritariamente negativa, mas muito ambígua da fofoca. Neste tópico o foco se dará sobre a opinião a respeito dos efeitos da fofoca e não especificamente sobre a qualidade intrínseca ou moral do ato em si.

Vejam os resultados para as questões “Você conhece alguma fofoca que prejudicou alguém?” e “Você já foi prejudicado(a) por uma fofoca negativa?”:

26- VOCÊ CONHECE ALGUMA FOFOCA QUE PREJUDICOU ALGUÉM?

133 respostas

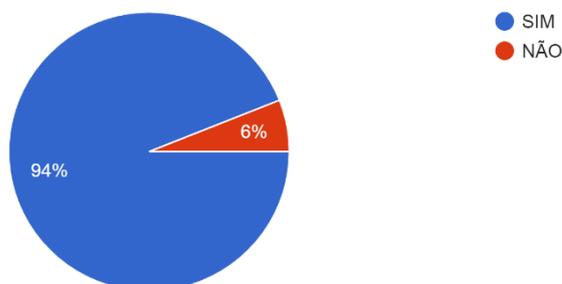


Gráfico 14 Respostas à pergunta “Você conhece alguma fofoca que prejudicou alguém?”

27- VOCÊ JÁ FOI PREJUDICADO(A) POR UMA FOFOCA NEGATIVA?

133 respostas

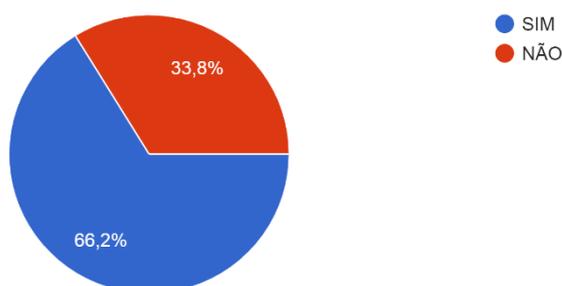


Gráfico 15 Respostas à pergunta “Você já foi prejudicado(a) por uma fofoca negativa?”

Nestas duas questões a experiência pessoal dos entrevistados destaca em sua maioria a percepção predominante de um estresse social na lida com informações circulando sem o controle de seu alvo, principalmente as informações negativas. As experiências negativas, fortemente marcadas nas respostas acima, dão o tom de como os interlocutores entram em contato principalmente com as consequências da circulação da fofoca e como administram isso no campo da previsibilidade do trato social. A fofoca, principalmente a negativa, é percebida como algo a ser tratado com cautela pois definitivamente prejudica outros e frequentemente pode prejudicar a si mesmo, ainda que este não seja sempre o caso.

Vejam agora as respostas para a pergunta “Você já prejudicou alguém com uma fofoca negativa?”:

## 28- VOCÊ JÁ PREJUDICOU ALGUÉM COM UMA FOFOCA NEGATIVA?

132 respostas

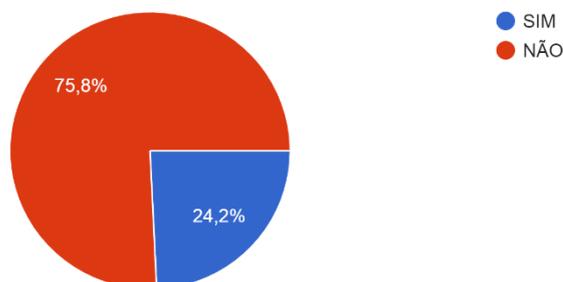


Gráfico 16 Respostas à pergunta "Você já prejudicou alguém com uma fofoca negativa?"

Apesar da percepção negativa da fofoca, quando esta parte de si, a maioria dos interlocutores não entendem que ela tenha gerado efeitos negativos (75,8%, 100 de 132 respostas), o que demonstra que, além de saberem que nem toda fofoca é negativa, não entendem (ou não admitem) que as próprias fofocas tenham de fato prejudicado alguém, ou não o fizeram por não tratarem de temas negativos nelas. O que está coerente com o resultado da pergunta "Você acha que o que se fala na fofoca é sempre negativo?", onde 72,8% (99 pessoas) responderam que não.

Por outro lado, a proximidade dos resultados para a pergunta "Você conhece alguma fofoca que ajudou alguém?" demonstra um equilíbrio na percepção de que a fofoca pode servir tanto para denegrir, como diz o conhecimento geral, quanto para melhorar a reputação e a situação de alguém.

## 25- VOCÊ CONHECE ALGUMA FOFOCA QUE AJUDOU ALGUÉM?

133 respostas

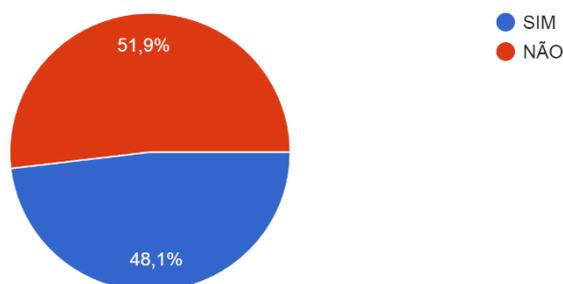


Gráfico 17 Respostas à pergunta "Você conhece alguma fofoca que ajudou alguém?"

Esta pergunta ficou quase no meio a meio. Poderia destacar o fato de que a maioria disse que não conhecer fofoca que ajudou alguém, mas destaco, ao invés

disso, o fato de a diferença entre aqueles que conhecem e não conhecem ser mínima: 69 (51,9) contra 64 (48,1%) estando, portanto o quadro bastante equilibrado entre o positivo e o negativo. Não só os interlocutores entendem que nem toda fofoca é de conteúdo negativo, mas também parte considerável conhece exemplos de fofocas que produziram vantagens. Uma fofoca negativa pode prejudicar um e, assim, beneficiar outro, mas está aí percebida também parte de sua ambiguidade (e positividade).

Os interlocutores entendem assim, de maneira cotidiana, que certas situações são sim de fofoca, mesmo que positivas, o que demonstra uma percepção não só a partir dos conteúdos compartilhados, mas também a partir da própria estrutura e elementos da ação comunicativa.

### *Bom, mau, neutro*

No quadro geral, temos o indicativo de uma visão ambígua e tolerante em relação aos resultados da fofoca. Os entrevistados consideram que a fofoca tem nuances positivas e negativas, apesar de uma tendência à rejeição de seus aspectos negativos. Esta rejeição parece vir tanto do campo da moral, como vimos anteriormente (fazer fofoca é moralmente mau), quanto do campo da própria experiência prática.

Os interlocutores transitam entre os efeitos negativos e positivos a partir das próprias experiências e não apresentam respostas que indiquem uma fixação irreduzível no aspecto negativo. Muitas fofocas podem sim, prejudicar e já se voltaram contra os próprios interlocutores, mas mesmo assim eles não enxergam que essa seja a única maneira de se fofocar, nem o único efeito possível do ato, pois a fofoca pode sim ter consequências positivas na vida de alguém.

Ainda assim, trata-se a fofoca com certo cuidado, por conta dos exemplos negativos já observados para outros e para si mesmo. Vejamos agora outras nuances da percepção da fofoca para os brasileiros também relacionadas à experiência própria.

### PERCEPÇÕES

#### A fofoca a seu respeito

Um resultado interessante e mesmo particularmente inesperado foi o da questão “Quando a fofoca é a seu respeito, você acha isso: bom; ruim; neutro/depende”. Aqui, devido à natural inconveniência da impossibilidade de rastrear e controlar as informações a seu próprio respeito em circulação e que,

consequentemente, podem produzir todo tipo de efeito sobre sua persona social e sua reputação, esperava-se que o resultado tendesse mais para o negativo. É dizer: era esperado que as pessoas achassem ruim (inconveniente) a circulação de fofocas a seu próprio respeito, não por ser a fofoca apenas sobre informações negativas, mas pela impossibilidade de rastreamento e controle. Mas não foi esse o resultado como já vimos anteriormente:

7- QUANDO A FOFOCA É A SEU RESPEITO, VOCÊ ACHA ISSO:

135 respostas

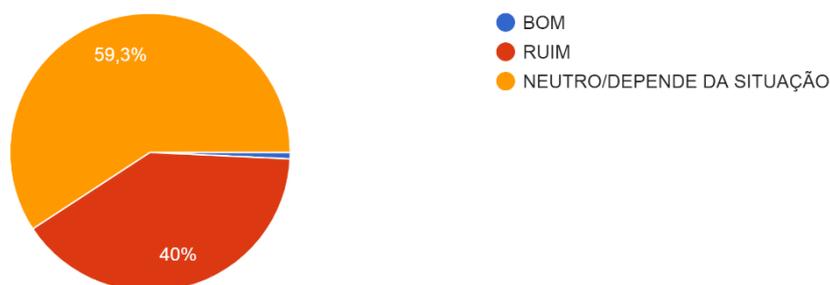


Gráfico 18 Respostas à pergunta “Quando a fofoca é a seu respeito você acha isso: bom; ruim; neutro/depende da situação”

A maioria dos interlocutores (59,3%, 80 de 135 respostas) acha que é neutro ou depende da situação. Apenas 40% (54 respostas) consideraram invariavelmente ruim e uma pessoa (0,7%) considerou isso invariavelmente bom (seria este aquele que se encaixa no ditado “falem mal, mas falem de mim”?).

Se a maioria entende que trata-se de algo neutro, ou que depende da situação isso traz à tona mais uma vez que uma percepção de que a fofoca pode ser positiva ou negativa, que o que se fala pode ser bom e vantajoso, ou mesmo que não seja nada de mais para se preocupar. Quando se diz “depende”, está aberto o espaço da ambiguidade e da necessidade de avaliação da situação contextual. Por outro lado, o “neutro” pode levantar a mesma ideia de necessidade de averiguação ou que não há necessidade de (ou utilidade em) se importar com o que os outros estão a comentar sobre si, seja o conteúdo que for. Esta é uma atitude mais próxima da consideração pela normalidade do fenômeno da fofoca.

Tanto uma como a outra hipótese, no entanto, se sobrepuseram a uma antes suposta negatividade inerente à fofoca sobre si (ao menos em nível de manejo

estratégico de informações). Para essa maioria de 59,6%, portanto, a opinião negativa não está necessariamente fixada.

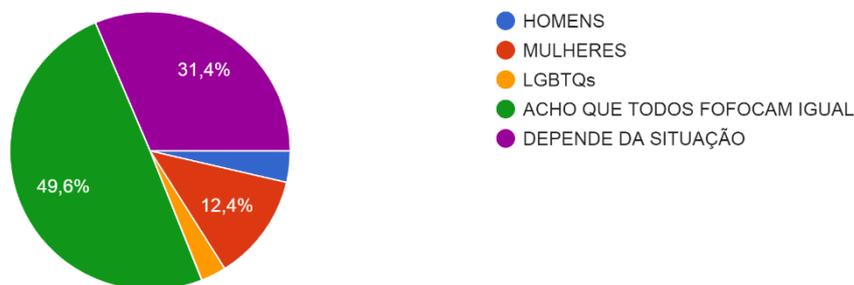
Vejamos agora outras nuances de percepções.

#### QUEM FOFOCA MAIS?

As perguntas “Quem você acha que fofoca mais? – Homens; Mulheres, LGBTQs; Acho que todos fofocam igual; depende da situação.” e “Em qual idade se fofoca mais?” são outras que poderiam ter seguido estereótipos bastante difundidos, e que não o fizeram, uma tendendo mais à ambiguidade da situação, enquanto a outra talvez a questões mais práticas e de experiência dos interlocutores. Analisarei as duas juntas:

#### 14 - QUEM VOCÊ ACHA QUE FOFOCA MAIS?

137 respostas



	acho que todos fofocam igual	depende da situação	mulheres	homens	LGBTQs
Número de respostas	68	43	17	5	4
porcentagem do total	49,60%	31,40%	12,40%	3,60%	2,90%

Gráfico 19 Respostas à pergunta “Quem você acha que fofoca mais? homens; mulheres; LGBTQs; acho que todos fofocam igual; depende da situação”

Como já foi tratado neste trabalho, existe um estereótipo que relaciona a fofoca ao sexo feminino e que não necessariamente corresponde à realidade. Esperava-se, no entanto, que, ao responderem às perguntas do questionário com suas opiniões, os interlocutores dessem destaque a tais estereótipos, coisa que não

ocorreu nem neste caso, nem no da questão a seguir. Aqui prevaleceu de maneira esmagadora a ambiguidade na resposta “acho que todos fofocam igual” com 68 de 137 respostas (49,6% do total), seguida pela opção “depende da situação” com 43 respostas (31,4%). Juntas, estas correspondem a esmagadores 81% das respostas, deixando as outras opções quase que insignificantes. A mulher aparece apenas em terceiro lugar com tímidas 17 respostas (12% do total).

O indicativo é, portanto, de que o brasileiro não acha que a mulher fofoca mais, apesar de frequentemente repetir (e rir de) tal assertiva. Quando a questão é levada ao campo interpretativo da realidade experimentada, ele prefere ser mais cauteloso para fazer sua afirmação, o que possivelmente reflete também a atitude que este tem diante da compreensão e interação com as situações de fofoca. Para agir e interagir, ele precisa estar consciente da realidade, não só de um estereótipo, e é neste ponto que a mulher deixa de ser a grande fofoqueira e passa a apenas uma entre as muitas possibilidades, mesmo na área da percepção superficial.

Lembremos ainda que “todos fofocarem igual” é diferente de “depende da situação”, pois enquanto um se refere a uma ideia de equilíbrio entre os gêneros e de não distinção, a outra, por seu turno, salienta sim uma diferença, mas baseada em contextos passíveis de interpretação (situação, lugar, cultura, etc.).

15 - EM QUAL IDADE SE FOFOCA MAIS ? (marque no máximo 2)

135 respostas

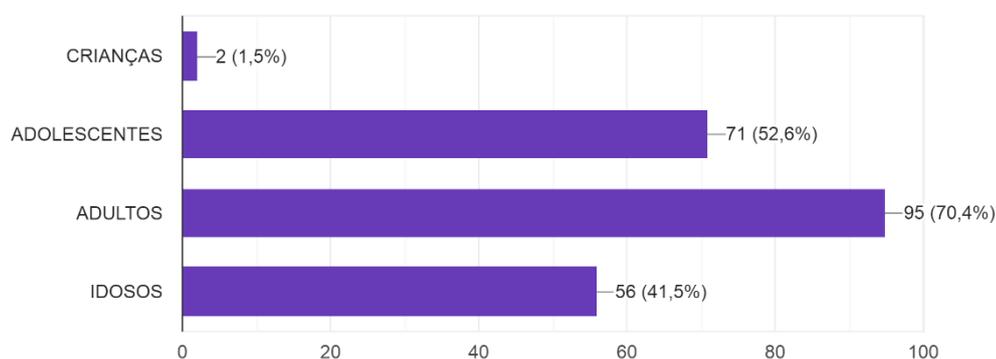


Gráfico 20 Respostas à pergunta “Em qual idade se fofoca mais?”

Outro estereótipo bastante comum é aquele relacionado à faixa etária das pessoas que costumam fofocar mais. Quem nunca viu alguma referência a idosos (aposentados, donas de casa já com os filhos crescidos) como pessoas que teoricamente não teriam mais o que fazer além de “cuidar” da vida dos parentes,

vizinhos, pessoas da rua ou bairro. Esse tipo de afirmação pode, inclusive, em alguns casos gerar sérias acusações de gerontofobia, ainda que enraizadas no imaginário popular da fofoca. Lembradas tanto nas velhas piadas e personagens caricatos quanto nas mais atuais formas de exteriorização de um humor popular, as senhoras idosas são dos mais comuns estereótipos da fofoca de bairro.

Lembremos, por exemplo, da proliferação de memes sobre fofoca comparando fofoqueiras a verdadeiros sistemas de vigilância (câmeras) representados por idosas atentas nas portas e janelas. A graça da piada seria justamente falar como a vigilância ali é feita pelas fofoqueiras que veem e registram tudo que acontece na comunidade:



Figura 21 Memes comparando fofoqueiros e idosos a sistemas de vigilância. Autoria desconhecida.

Esses modelos de memes e piada sequer são exclusivos do Brasil, sendo bastante comum encontrar adaptações dos mesmos em diferentes línguas e para diferentes comunidades.

Mas os resultados das perguntas relacionadas a esse tema, como vimos, não foram tão consistentes com mais esse estereótipo. Para os interlocutores, as idades

em que se fofoca mais são, respectivamente, a adulta (marcada por 70,4% das 135 pessoas que responderam à questão), seguida pela adolescência (marcada por 52,6% das pessoas) e, só em terceiro lugar vieram os idosos, assinalados por apenas 41% dos respondentes. A infância teve presença irrelevante nesta questão, o que não significa, no entanto, que os interlocutores entendam que crianças não fofocam, mas sim que elas não representam uma categoria que fofoque mais que as outras.

Os resultados apesar de estarem em conflito com estereótipos populares, se mostraram coerentes com as respostas de outras questões levantadas.

Talvez seja o caso de considerar uma relação entre a concentração na idade adulta e adolescência e as próprias atividades que estes grupos exercem e que tipos de temáticas lhes são tão caras quanto úteis no manejo estratégico das suscetibilidades e conflitos quotidianos.

Assuntos relacionados ao exercício de papéis sociais exteriores ao grupo familiar, como as atividades profissionais e de estudo, estas geralmente desenvolvidas na vida jovem/adulta, apareceram com algum destaque em certas questões, apesar de jamais terem um protagonismo acima dos assuntos mais triviais da fofoca como a vida alheia em geral (de parentes, amigos, famosos).

Falarei quais temas os interlocutores acham mais interessantes e quais mencionam com maior frequência ao relatarem fofocas interessantes mais adiante quando tratar das preferências de assuntos. Por hora, trago o que nos revelou a pergunta “quais temas você acha mais frequentes na fofoca?” onde o interlocutor podia marcar mais de uma alternativa por vez.

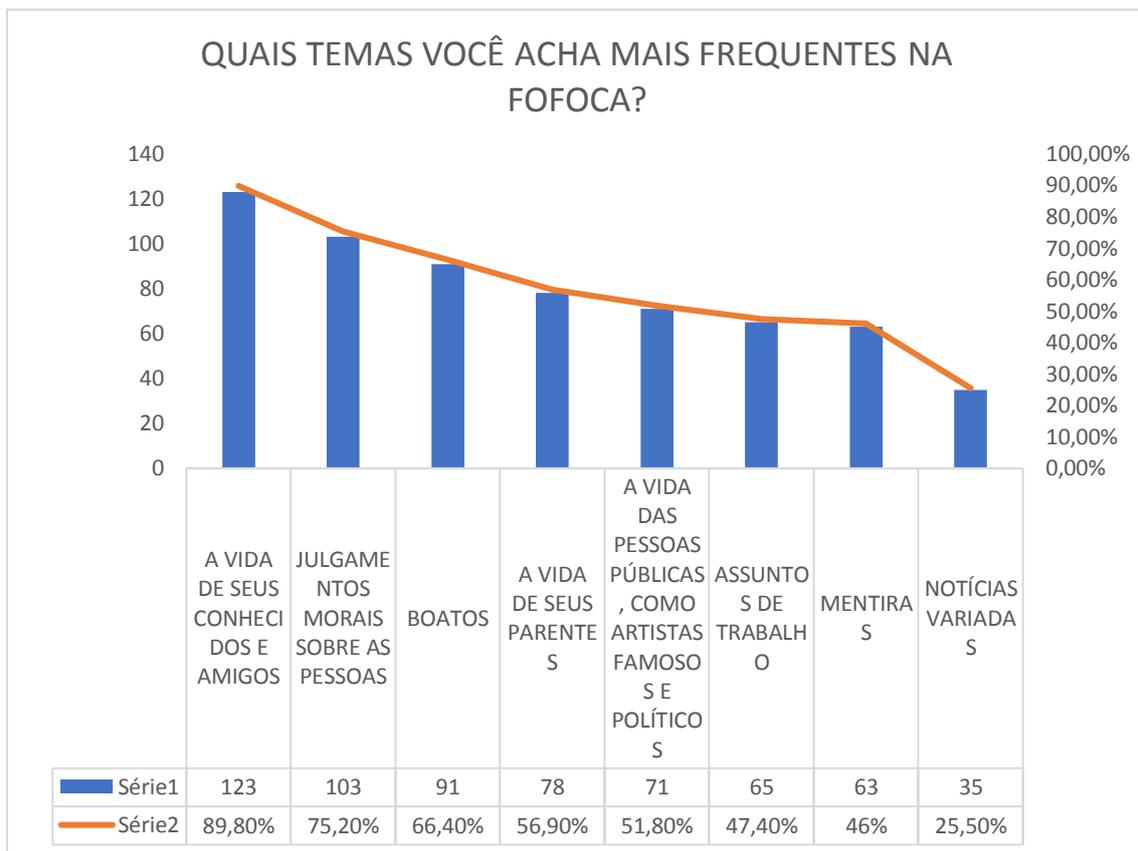


Gráfico 21 Respostas à pergunta “Quais temas você acha mais frequentes na fofoca?”

Esta não é uma pergunta referente à preferência do interlocutor, mas à sua percepção de como se dão os fatos. Aqui, diferentemente das duas questões anteriores, alguns estereótipos se confirmaram. Como era possível marcar mais de uma opção, temos um indicativo a partir da frequência e não necessariamente por eliminação de temas.

Para os interlocutores, os temas mais frequentes na fofoca são “a vida de seus conhecidos e amigos”, item marcado por 89,8% das pessoas que responderam (123 de 137), seguido por “julgamentos morais sobre as pessoas” com marcação de 75,2% e “boatos” com 66,4%. A percepção do conteúdo aponta prioridade para o círculo social próximo, para a emissão de opiniões (julgamentos) morais e a disseminação informal de informações maculadas por uma aura de incerteza, apesar de também não serem necessariamente falsas (boatos). Um dos pontos a serem destacados é justamente a pouca relevância dada às mentiras, o que demonstra que para eles a ideia de fofoca não está sempre ligada à de mentira. A fofoca não é uma mentira ou uma informação completamente falsa, mas muito mais uma informação ainda não confirmada (boato).

### 3.4.4.2. *Aprendizado*

Decidi colocar a questão do aprendizado em uma seção separada por tratar-se de aspecto multifacetado. Muitas são as modalidades de aprendizado que podem ocorrer a partir da fofoca, do campo da sociabilidade interpessoal (detectar aliados e inimigos, descobrir ídolos, saber em quem confiar), diretrizes morais (o que é bom, o que é mau) e culturais (como agir em quais situações), aos mais corriqueiros, práticos e instrumentais aspectos (como descobrir o horário de funcionamento de um posto de saúde, o número do ônibus ou o dia em que vai haver distribuição de cestas básicas pela igreja).

Por esta razão era esperada uma gama bastante variada de respostas à pergunta “Você já aprendeu algo que pudesse ser usado para a sua vida numa fofoca?”. Por serem as respostas discursivas livres, agrupei-as em chaves com sentido próximo entre si, gerando o seguinte resultado:



Gráfico 22 Sentidos gerais das respostas à pergunta “Você já aprendeu algo que pudesse usar para a sua vida numa fofoca?”

Tal questionamento sobre o potencial de aprendizado em fofocas já foi realizado em outros estudos, como o de Baumeister et al., onde um curioso fenômeno ocorreu.

Ao pedir a seus voluntários que relatassem a fofoca mais interessante que se lembrassem, constataram que muitas dessas fofocas estavam relacionadas ao aprendizado de algum tipo de informação útil e, talvez por isso mesmo, figurassem para os participantes como fofocas interessantes ou importantes BAUMEISTER et al. (2004, p. 118). Decidi aplicar então a mesma pergunta e observar se o mesmo ocorreria entre os interlocutores brasileiros, coisa que não se concretizou efetivamente. Como veremos adiante, as fofocas narradas não se concentraram

nesse perfil de algum aprendizado, mesmo moral, mas em áreas que se apresentaram mais como focos de interesse pessoal ou experiências emocionalmente marcantes (seja pelo sofrimento, seja pelo júbilo ou curiosidade).

Claro que, em última instância, poderíamos dizer que as áreas são de interesse porque teriam algum grau de transmissão útil de informação, servindo sempre para se “aprender” algo, mas isso seria forçar demais a elasticidade desse entendimento.

Baumeister et al. (2004) concluíram que esse seu resultado relacionado ao aprendizado de informações úteis se apresenta como uma evidência contra uma suposta “inutilidade” da fofoca, frequentemente referenciada pelo senso comum. Apesar de não ter obtido resultado semelhante a partir da mesma averiguação, mas sim de outra mais direta, concordo com esta conclusão.

O fato de as fofocas contadas pelos interlocutores do estudo de Baumeister et al. (2004) e do meu não terem apresentado zonas de concentração instrumental semelhantes pode estar relacionado, inclusive, a uma variável cultural que determine o foco de interesse das diferentes populações. O brasileiro pode, por exemplo, estar menos interessado em assuntos com alguma utilidade prática (seja social ou pragmática) e mais em estímulos morais ou emocionais. Segundo Baumeister et al:

Gossip provides a mechanism for learning the local culture's implicit rules and regulations. As Ben-Ze'ev (1994) pointed out, gossip does not tend to focus, for example, on discussing the results of the latest survey tallying up the average amounts of sex in the United States; rather, people gossip about the amounts of sex their friends and neighbors are having. Thus, gossip is uniquely cultural, both in terms of the content of the information and in terms of the consequences of the information. In some cultures having a great deal of sex with one's partner would not be cause for negative talk (and may be cause for positive talk), whereas in other cultures it would be cause for scandal. BAUMEISTER et al. (2004, p. 115).

Isto é, os pontos de foco dos assuntos da fofoca são mais determinados pela ação dos pontos de foco da própria cultura (o que é importante, o que é escandaloso, o que é engraçado) do que por um senso de utilidade prática geral autônoma.

Mas averiguar mais a fundo esse tema demandaria uma pesquisa mais extensa, uma vez que no caso do presente estudo, muitas pessoas optaram por simplesmente não responder à pergunta, tornando a base de dados bastante reduzida, embora interessante e diversa.

Baumeister et al. (2004) pediram ainda aos voluntários que articulassem o que haviam aprendido a partir da fofoca, no que a grande maioria apresentou lições de vida bastante gerais:

We asked people to articulate what they had learned from the gossip. Most of their answers took the form of generalizations that would be useful maxims for their own social life,

including “Just don’t drink”; “Don’t forget your true friends”; “Infidelity will eventually catch up with you”; “Just because someone says they have pictures of something doesn’t mean they do”. BAUMEISTER et al (2004, pp. 118-119)

Debruçada sobre meus resultados, constatei que de 137 respostas no total, 57 disseram que nada aprenderam ou que não se lembram. As outras 80 respostas foram agrupadas em zonas de significados gerais, algumas respostas referindo-se a mais de um tema de aprendizado.

Baumeister, Zhang, e Vohs (2004) distribuíram as respostas em duas categorias : as lições gerais e aquelas que apesar de gerais estavam direcionadas a interesses específicos dos interlocutores. A partir dos resultados obtidos em minha amostra, considere também uma terceira categoria, com aprendizados não em forma de “lições” para a vida, mas informações úteis e vantajosas em algum sentido prático.

A maioria das respostas teve também um tom generalista e relacionado a aspectos da sociabilidade, moral e estratégia de comportamento social que poderiam ser aplicadas a qualquer pessoa, mas houve aquelas focadas em tópicos de interesse pessoal do interlocutor, assim como outras que mencionaram informações de utilidade pragmático instrumental.

Dentre as respostas generalistas temos, por exemplo: “Sim, aprendi que não podia confiar em várias pessoas.”; “Sim, o que as pessoas erram que eu posso evitar.”; “Sim, a não espalhar um fato meu.”; “O que você diz para os outros diz mais sobre você do que o que você comunicou. "fale mais de deus, menos de você para os outros".”; “Sim. A como passar os outros pra trás.”; “A nunca confiar em ninguém. Porque quando se senta em uma mesa para falar dos outros, quando você se levanta o assunto é você.”

Interessante notar a presença de “lições” moralmente não muito positivas, como a capacidade de manipular pessoas, ou “passar os outros pra trás”. Sinal que a há uma consciência de que a fofoca tem capacidade de passagem de conhecimento social tanto a partir de informações positivas e negativas, quanto para fins positivos ou negativos. Tal pode representar ainda mais uma nuance da abordagem ambígua que o brasileiro tem do fenômeno: Ela também ensina pelo mal e para o mal, mas isso é normal.

Já entre as respostas generalistas com pontos de Interesse específico são exemplos:

“Sim, que certos clientes são caloteiros ou não confiáveis, e tipos de pessoas que devo ficar longe”; “Não ser "puxa saco" de chefe.”; “Sim, quando Pedro Scooby se separou de Luana Piovani ele tentou fazer ela parecer louca, aprendi que ex-marido tende a fazer isso quando arruma uma nova namorada, o que eventualmente acabou acontecendo comigo.”; “Sim, informações sobre situações nas quais eu posso me encontrar e notícias.”

Destaco aqui uma em que a interlocutora utiliza um exemplo retirado de fofocas não de conhecidos próximos, mas de um caso ocorrido com pessoas famosas. Isso mostra que essas situações, mesmo não correspondendo às experiências de pessoas imediatamente conhecidas ou relevantes no convívio social do interlocutor, funcionam como referências e modelos de comportamento.

Entre as respostas com utilidade instrumental ou pragmáticas destaco:

“Informações de amigos/adversários.”; “Sim. coisas da vida, oportunidade de estágio.”; “Sim. Experiência em negócios que deram certo e errado que pode fazer e evitar.”; “Sim, se uma pessoa específica tem interesse em mim.”.

Aqui fica claro que o conteúdo daquilo que se aprendeu não foram efetivamente “lições” para a vida, mas informações pontuais que chegaram através de fofocas e tiveram utilidade prática em algum momento específico. Não só a fofoca tem a capacidade de circular potenciais soluções e lições de interação social, mas os interlocutores também a consideram fonte de informação útil.

Por outro lado, temas daquilo que os interlocutores disseram ter aprendido com as fofocas concentraram-se principalmente em 5: (1) Sentido da confiança: em quem confiar ou não confiar; (2) informações sobre pessoas (específicas); (3) coisas que se pode evitar e aprender a partir dos erros e experiências alheios; (4) atenção com as informações que circulam sobre si, que tipos de informações evitar circular e (5) a maneira como as pessoas julgam umas às outras.

O indicativo é de que se usa a fofoca para a aprender esse tipo de informação, também a partir do que há em circulação à disposição das pessoas. Se as experiências associadas a estes temas não estivessem em circulação, não poderiam ser absorvidas. Observemos, inclusive, que muitas destas “lições” estão majoritariamente atreladas a experiências negativas com a fofoca: seja em relação direta (porque os interlocutores foram prejudicados por ela), seja indireta (porque viram outros serem prejudicados).

O indicativo é de que o brasileiro aprende sim, e em muitos sentidos, com a fofoca, desde lições para a convivência e comportamento em grupo, quanto informações úteis e pontualmente práticas. A atenção deste aprendizado, por sua vez, está voltada majoritariamente para assuntos referentes ao refino das relações interpessoais próximas (confiança, reputação, antecipação de juízos e ações, etc. Na fofoca brasileira, aprende-se principalmente a se comportar e se relacionar com os outros.

Vejam agora quais as preferências temáticas nas fofocas, para, entre outras coisas, entendermos se estas estão associadas a esses aprendizados ou se são independentes.

#### 3.4.4.3. *Preferências*

Nestas perguntas foram averiguadas as preferências dos interlocutores, não as suas impressões. Isso significa que não falamos do que eles acham que se trata a fofoca, como a encaram ou como entendem o fenômeno, mas sim como preferem interagir com o mesmo. Ao passo que anteriormente perguntei quais temas os interlocutores consideram mais frequentes na fofoca, agora a pergunta é “Que temas interessam mais na fofoca?”. Juntei a essa, a análise de casos de fofocas narrados, uma vez que suas temáticas podem refletir também núcleos de interesses.

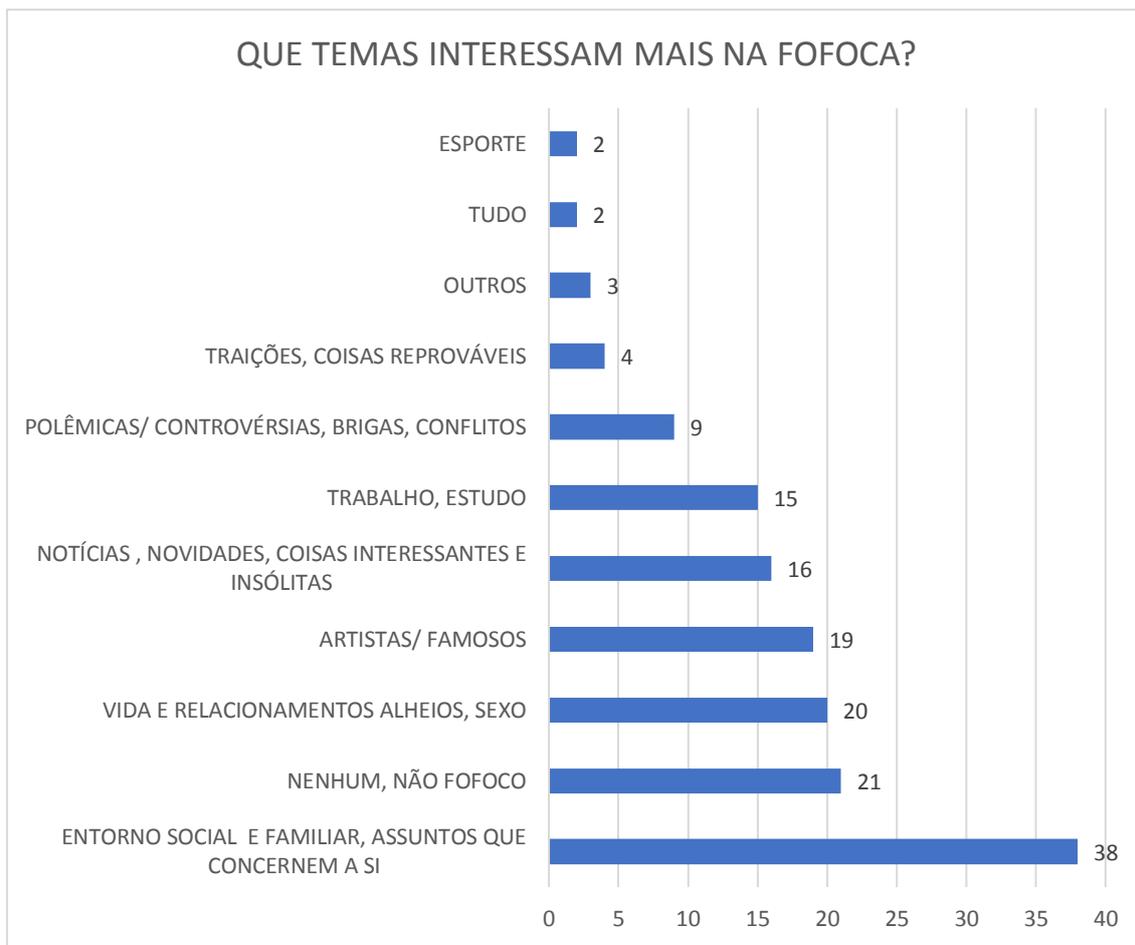


Gráfico 23 Sentidos gerais das respostas à pergunta “Que temas interessam mais na fofoca?”

As respostas discursivas poderiam conter diferentes temas e, por isso os números aqui se referem à quantidade de vezes que os temas foram mencionados ao longo das respostas.

Notamos que a frequência com que são mencionadas certos temas é compatível com um nível de utilidade que informações naquelas temáticas podem representar na vida próxima e prática dos indivíduos. Esta noção da “informação útil” tratada anteriormente sob a ótica de Baumeister et al. (2004) pode ser também salientada aqui. Não obstante, não quero com isso sugerir que as razões das preferências estejam em absoluto atreladas a um senso de utilidade e aprendizado, uma vez que fatores culturais e de estruturação da sociedade podem, através de sua influência, modificar os resultados das preferências de um grupo para outro.

As indicações que tivemos foi de que os interlocutores se interessam, respectivamente, mais por fofocas que abrangem temas do (1) Entorno social e familiar, e assuntos que concernem ao próprio interlocutor; (2) vida e relacionamentos alheios, sexo; (3) assuntos concernentes a artistas ou pessoas

famosas (quando mencionada especificamente o fato de serem as informações de interesse concernentes a estas categorias de indivíduos); (4) notícias, novidades, coisas interessantes e insólitas e, (5) trabalho, estudo.

A presença dos temas como artistas e famosos e “notícias, novidades, coisas interessantes e insólitas” como terceiro e quarto mais importantes destaca o papel do interesse pela curiosidade e o aspecto lúdico da fofoca, mais do que uma utilidade prática.

As informações sobre artistas e famosos está relacionada tanto à área prática e útil da produção (a uma distância relacional segura) de modelos de situações e exemplos de interações sociais com resultados positivos ou negativos a serem repetidos ou repelidos, quanto à pura ludicidade da curiosidade sobre narrativas de vidas com elementos às vezes muitos diferentes das nossas próprias. Acompanhar o casamento dos sonhos de uma atriz famosa com quem temos alguma afinidade pode ter o mesmo efeito que ler um romance ou uma ficção em capítulos. Passeios em ilhas paradisíacas, iates, casamentos em castelos franceses são curiosidades, não modelos de situações ou exemplos de arquétipos morais, apesar de as fofocas sobre famosos comportarem esse tipo de informações também.

Curiosamente, os exemplos de fofocas de “famosos” levantados estão relacionados a outro tema de declarado interesse pelos interlocutores: o sexo e a intimidade. Os casos ficaram concentrados em 2 eventos muito específicos (e relativamente recentes).

Um deles, foi a polêmica da “família Poncio” caso complicadíssimo de adultério, agressão, religião, entre outros, aconteceu em um núcleo familiar de famosos especificamente associados ao mundo evangélico (a relação com a igreja parece ser um elemento de ampliação, ao mesmo tempo do escândalo e do interesse neste caso): "Gabi Brandt com Saulo Poncio. Único que me vem à mente, essa história daria um filme kkk", “O da família Poncio”.

O outro, conhecido como “Surubão de Noronha” tem o núcleo de seu escândalo baseado principalmente no adultério (sexo) e na fama dos envolvidos: “Teve uma época que todo mundo falava sobre a Marina Rui Barbosa ter traído o marido com um ator com quem ela contracenava.”; “Surubão de Noronha”; “O caso da traição da Débora nascimento pelo José Loreto, em que Marina Rui Barbosa foi atacada como sendo o ‘pivô’”. Estes casos específicos parecem ter também uma

capacidade de geração de interesse mais baseada em um pano de fundo de transgressão moral do que na mera curiosidade.

Mas justamente após o tema (2) “vida e relacionamentos alheios, sexo”, com 21 menções, aparecem os (3) Aristas e famosos, dois núcleos principais dos exemplos acima.

O interesse lúdico e curioso (4), vem logo atrás “notícias, novidades, coisas interessantes e insólitas”, com 16 menções.

É a vontade de escutar descobrir coisas engraçadas, bizarras ou curiosas que move esse tipo de resposta e sua posição entre os temas mais mencionados destaca a importância dessa ludicidade na maneira como o brasileiro lida com o fenômeno, especialmente se pensarmos em outros resultados que destacam uma boa parcela de tolerância em relação à fofoca.

Mais instigante ainda torna-se a investigação se observarmos que um universo diametralmente oposto à ludicidade vem logo atrás, mas quase empatado, nos números de menções: o mundo do trabalho e estudo, isto é, o mundo profissional onde as interações não são guiadas por espontâneas afinidades, parentesco ou proximidade da intimidade, mas por todo um outro conjunto de relações de instrumentalidade e, sim, utilidade. Podemos dizer que o mais útil e o mais inútil quase empataram, ficando, ainda o útil pouco atrás. Fofocas na temática do trabalho e da escola, universidade, meio acadêmico, são normalmente portadoras de informações que podem se tornar estratégicas com mais facilidade, dado que referentes a ambientes com níveis de competição muito mais altos que o familiar, por exemplo.

Apesar de nunca nos lugares de maior destaque, o mundo do estudo e do trabalho aparece com bastante consistência nas respostas a diferentes perguntas, mostrando que a fofoca do brasileiro não está focada somente nos mexericos de alcova, da intimidade familiar e sexual, mas abrange uma gama da convivência social bastante ampla. O mundo do trabalho (e de sua preparação pelo estudo) afinal, corresponde a parcela importante do tempo e da ocupação das pessoas e, como seria de se esperar por conta disso, está presente na panóplia temática da fofoca, apesar de a temática de preferência não estar nele fixada.

Interessante notar, finalmente, que a segunda resposta mais repetida é a negativa do interesse (21 menções), o que destaca a necessidade de reafirmação de alguns interlocutores do aspecto negativo da fofoca (ou talvez apenas uma falta de

vontade de responder). Trata-se de resultado coerente com a maioria (ainda que com pouca margem) das opiniões que consideram os aspectos negativos da fofoca.

Vejamos agora temas levantados em fofocas narradas, consideradas interessantes pelos interlocutores, para além do que já foi discutido:

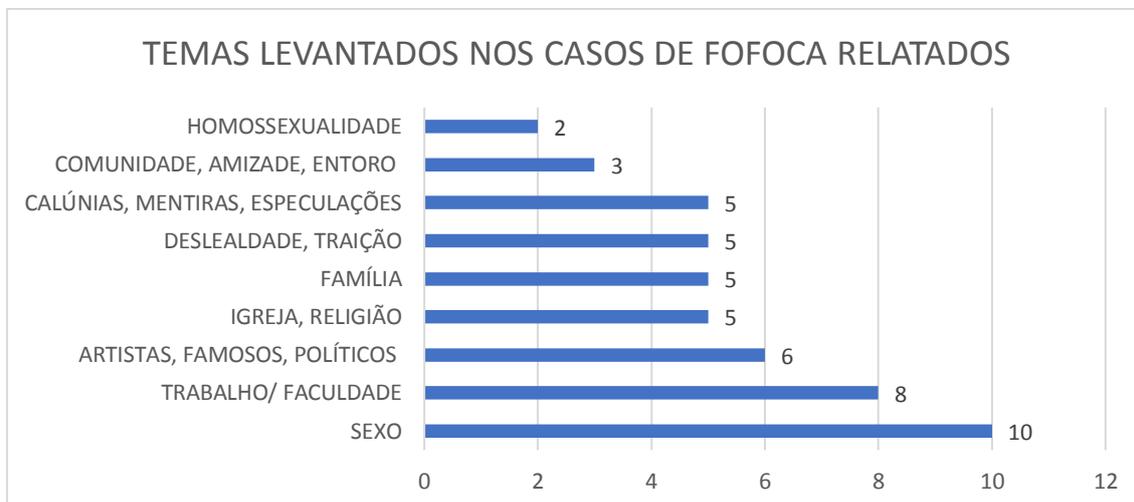


Gráfico 24 Temas levantados nos casos de fofoca relatados

Cabe antes salientar que os temas não foram organizados de forma idêntica à pergunta anterior justamente porque, sendo as respostas de livre expressão, não foram manifestadas de maneira uniforme ou nos mesmos contextos nas duas questões, não sendo possível classificá-los sob os mesmos termos. Os temas foram assinalados conforme mencionados nas curtas narrativas, podendo cada uma conter diversos temas simultaneamente.

O tema mais mencionado nas fofocas interessantes foi, como salientado anteriormente, o sexo, seja ele entre conhecidos, familiares ou famosos, assinalando a permanente relevância da intimidade na temática fofoqueira. Quanto mais um assunto é importante na vida do indivíduo, mais a fofoca sobre ele será também relevante.

Podemos observar indicativos disso pela presença e relevância de temas como trabalho, estudo, política, igreja, religião. Estes são temas relacionadas às atividades importantes na rotina e sociabilidade diárias e que acabam, por isso mesmo, também consistindo em informações tanto para a tomada de decisões quanto para a orientação do comportamento dos indivíduos. Vejamos alguns exemplos:

#### EXEMPLOS RETIRADOS DOS QUESTIONÁRIOS

“Sim. Uma pessoa que se diz assumidamente homofóbica e religiosa, mas que aos fins de semana se relaciona com pessoas do mesmo sexo.”

“Sim, mas não gostaria de contar porque os efeitos foram muito negativos. aconteceu na igreja quando ofenderam/divulgaram que o pastor era dono de uma boate LGBT.”

Nas duas fofocas relatadas acima, a afronta através do sexo e do comportamento sexual “proibidos” aos valores ligados à religiosidade é o foco principal. O ambiente religioso é justamente de alta importância no comportamento moral dos indivíduos, onde códigos de ética e conduta são criados e frequentemente reforçados. É relevante que tenham aparecido casos de fofocas justamente sobre comportamentos considerados moralmente muito transgressivos segundo as diretrizes religiosas.

As pessoas se interessam por fofocas de transgressão justamente em ambientes onde ela é potencializada. Em um outro exemplo, vemos novamente o tema do sexo potencializado pelo que o proíbe (na forma como narrado), a religião:

#### EXEMPLOS RETIRADOS DOS QUESTIONÁRIOS

“Já fiquei sabendo de uma história a qual o filho do pastor da igreja que eu frequentava teve uma relação sexual com a atual nomeada dentro da igreja na área do tabernáculo.”

O sexo proibido ou reprovável, seja pela sociedade em geral, seja dentro de contextos onde a ética assim o torna, como os casos relatados acima, é tema recorrente na fofoca. Mas o ambiente religioso ainda enseja fofocas não relacionadas a coisas que ele especificamente proíbe ou reprovava, como no seguinte caso:

“Mamadeira de piroca e kit gay nas eleições; fofoca dentro das igrejas cristãs, onde se explana os assuntos confidenciais nos grupos de oração.”

Após mencionar dois temas de fofoca que foram frequentes nas eleições presidenciais de 2018, o interlocutor relata a fofoca a respeito de confidências trocadas em grupos de oração nas igrejas. Ora, ao pedirmos orações a respeito de algum tema específico, estamos também revelando aspectos de nossas vidas que podem estar com problemas. É, de fato, um rato cheio para especulações e fofocas.

Fora desses ambientes temos novamente o tema do sexo potencializado pela proibição contextual (sejam adultérios, incestos ou meras inconveniências relacionas):

#### EXEMPLOS RETIRADOS DOS QUESTIONÁRIOS

Fofoca (1) “Uma vez uma funcionária levou um chifre de um funcionário que mantinha relações com a moça do RH, ela engravidou e por isso todo mundo ficou sabendo. Foi épico.”

Fofoca (2) “Sim. Um casal de primos iniciou relacionamento amoroso quando a moça se hospedava na casa da família do rapaz. Ela engravidou. O rapaz, muito mimado pela família a rejeitou e ela foi expulsa da casa da família. No momento do parto a família se reconcilia em nome da criança. O pai do bebê já tem outra mulher, mas não admite que a ex, sua prima, tenha outro namorado. A família julga isso como "coisa de puta". Na última visita familiar a nova mãe pegou sem avisar o iPad do primo, pai de seu filho, que acionou a polícia sabendo que o iPad estava com ela. Tudo poderia ter se resolvido com uma simples conversa, mas a família se divide como torcida organizada. Penso que tudo seja fruto da relação mal resolvida entre os primos, ambos sentem mágoa e tentam se punir por sentimentos que não compreendem, como num enredo de novela.”

Fofoca (3) “Esse ano me acusaram de ter um caso com um homem casado e infernizar a esposa. O rapaz em questão nunca encostou em mim, nem somos amigos e ele está separado há quase 10 anos. Já foi até noivo de outra nesse tempo. Embora a ex queira voltar com ele. Quem espalhou esse boato gosta dele e fez isso porque pensou que ele gostasse de mim. Foi um auê porque colocou muitas pessoas umas contra as outras.”

Notemos que apesar de aparecer insistentemente, o sexo não é propriamente o foco central do interesse nas fofocas. Estas adquirem importância por meio das relações interpessoais e sociais implicadas. Por exemplo, na fofoca (1) o fato do funcionário estar se relacionando com a moça do RH tem sua importância potencializada por conta dos conflitos gerados a partir dos seus vínculos anteriores (o fato de ele ser casado com outra funcionária da mesma empresa) e pelas consequências desse relacionamento: uma gravidez dentro de um contexto socialmente enviesado (ou mesmo reprovável).

O importante não é o fato de uma pessoa ter feito sexo com outra, mas sim as implicações disso para as relações preexistentes ao ato e aquelas que se formarão e modificarão em consequência do mesmo.

De maneira semelhante, na fofoca (2) temos relações preexistentes que, em alguma medida, vetam socialmente a possibilidade de relação (sexual) entre os envolvidos. Aqui temos o sexo ocorrendo entre parentes próximos, o que pode ser interpretado como incesto, caso não haja uma permissão de maneira clara das instâncias competentes (a sociedade ou o restante da família).

A prima que estava vivendo sob o favor da família do primo não recebeu a permissão para aquela relação que poderia, sim, ser tolerada. Relações entre primos não são absolutamente proibidas, apesar de necessitarem de algum nível de

aceitação prévia da parentela. Como essa aceitação não veio (ao menos não a tempo), a moça, que estava em uma situação menos segura, foi a maior prejudicada.

O que confere interesse à fofoca só superficialmente é o sexo, mas este figura na verdade como vetor de aglutinação e entrecruzamento de outras relações que, estas sim, têm alguma relevância como informações: conflitos, alianças (e quebras de alianças), traições, etc.

A relevância do sexo nas fofocas é uma característica de diversas sociedades, não só entre os brasileiros. Há que se pensar se isso não se deve ao fato de a escolha de parceiros sexuais representar uma das formas mais básicas de formação de alianças interpessoais. Além de muitos dos temas que podem ser classificados como “intimidade” ou “vida pessoal alheia”, na verdade poderem ser analisados através da dinâmica da disposição, escolha e troca de parceiros sexuais (esposas, maridos, namorados, “ficantes”, etc.) permitidas, toleradas e desencorajadas na sociedade e a proibição do incesto em suas diferentes variáveis. Segundo Lévi-Strauss em “As estruturas Elementares do Parentesco”:

Não há praticamente necessidade de demonstrar que a proibição do incesto constitui uma regra. Bastará lembrar que a proibição do casamento entre parentes próximos pode ter um campo de aplicação variável, de acordo com o modo como cada grupo define o que entende por parente próximo. (LÉVI-STRAUSS, 2018, p. 46)

No Brasil sabemos que, apesar de a união entre primos não ser estritamente proibida, ela está sujeita a critérios de aceitabilidade difusos, variáveis para cada núcleo familiar, havendo em geral, a necessidade de uma aprovação da parentela, ainda que tácita. Salvo exceções, no Brasil somos comumente próximos de nossos primos no campo das afinidades e relações familiares, uma vez que nossos núcleos familiares têm uma abrangência bastante extensa, não se restringindo aos genitores e prole, mas estende-se frequentemente ainda aos avós, tios e primos.

Elementos como a circulação de parceiros sexuais e a proibição do incesto são relevantes na atração da nossa atenção até mesmo no sentido da criação e incremento de estruturas narrativas. Não à toa na Fofoca (2) o interlocutor finaliza comparando-a a um “enredo de novela.”

Essa atração pode se dar tanto pela curiosidade da burla e transgressão (ainda que tolerada em certos níveis, com retaliações que podem variar da violência física ao meros risos e olhares curiosos), quanto pela previsibilidade da mudança no funcionamento de alianças interpessoais no círculo de sociabilidade médio e próximo (saber quem está com quem e quem está contra quem é estrategicamente

vantajoso). Além da possibilidade de se poder tentar manipular a dinâmica da situação a partir de informações

Como é o caso da Fofoca (3), onde toda a narrativa, apesar de ser permeada pela temática do sexo, em verdade se desenvolve a partir da manipulação das regras para obtenção de parceiros sexuais. Ao dizer que “me acusaram de ter um caso com um homem casado e infernizar a esposa”, a interlocutora mostra que através da fofoca foi levantado o problema do adultério, sendo justamente ela o ponto de instabilidade. Por outro lado, ao mencionar que “Quem espalhou esse boato gosta dele e fez isso porque pensou que ele gostasse de mim” ela traz à baila justamente essa utilização estratégica informações conflitantes com as regras sociais mais básicas para a obtenção de resultados a ela (em tese) desfavoráveis e favoráveis ao inventor da fofoca.

O sexo pode parecer figurar como um tema de relevância central na fofoca brasileira (assim como em outras também), mas há indícios de que o interesse não é na mera enumeração de relações sexuais, mas na implicação que estas têm sobre o quadro das relações de sociabilidade em que os que fofocam estão efetivamente interessados.

Não por acaso, assuntos correlatos como família, deslealdade, traição, aparecem com grande relevância nos resultados, dando uma falsa impressão de que o que interessa às pessoas é a vida íntima de um ou outro de maneira crua e mesmo fútil. Muitas vezes o sexo aparece entrelaçado a temas que têm relevância estratégica também por representarem justamente aspectos importantes da vida social diária dos interlocutores (trabalho, estudo, igreja), como no caso da Fofoca (2).

Há indícios de que o brasileiro não se interessa na fofoca meramente por enumerações de episódios picantes ou polêmicos, mas por relações e pelas consequências para as relações que estes episódios têm ou podem vir a ter.

Mas se quisermos considerar estritamente a temática, sim, temos indícios de que a intimidade alheia como um todo (tanto próxima quanto de pessoas públicas), o mundo da competição interpessoal (trabalho e estudo) e o religioso (o mundo da orientação da moralidade), são os três eixos mais relevantes nas fofocas brasileiras.

## LOCAIS DE FOFOCA

Por outro lado, apesar de a intimidade ter grande relevância como tema da fofoca, ela não parece ser o local próprio para a sua ação. Ou ao menos, as pessoas não parecem assim percebê-lo. Ao serem perguntados “Onde as pessoas fofocam mais (em que lugares ou situações)?” os interlocutores mencionaram na seguinte frequência:

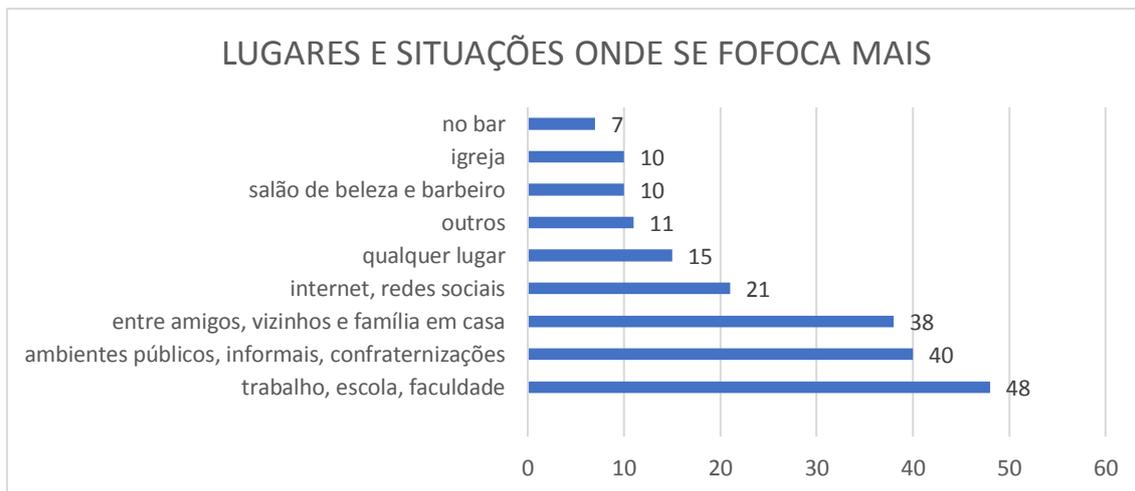


Gráfico 25 Sentidos gerais das respostas à pergunta “Onde as pessoas fofocam mais (em que lugares ou situações)?”

O espaço da intimidade, apesar de ser frequentemente tema da fofoca, ao que tudo indica não é o local da fofoca, ou não é assim percebido pelos interlocutores. Os espaços mais mencionados são justamente aqueles associados à prática da sociabilidade e da convivência diária (trabalho, escola, faculdade, com 48 menções), ou descontraída e informal (ambientes públicos, informais, confraternizações, com 40 menções). Espaços e situações que representam também circunstâncias de intimidade surgem apenas em terceiro lugar (entre amigos, vizinhos e família, em casa, com 38 menções) e, ainda assim, de maneira difusa, ou não especificamente referentes à ideia de intimidade propriamente dita, mas mais a uma proximidade relacional entre os envolvidos na fofoca: a proximidade entre parentes, entre vizinhos e amigos.

Ao que parece, a fofoca brasileira fala muito da intimidade, mas não é necessariamente feita na intimidade, e sim em ambientes de contato social, de encontro, principalmente informais. Um destaque especial deve ser dado para a razoável quantidade de menções (21) da internet e redes sociais como locais de fofoca, a partir da percepção destas como modalidades de locais informais e de encontro dentro de um espaço digital.

É razoável esperar que as pessoas fofocem (ou percebam que fofocam) muito em ambientes claramente competitivos, como é o caso dos locais de trabalho e estudo, assim como também é razoável esperar menções de locais e situações de encontros, especialmente informais.

Mas há uma diferença entre falar sobre locais de encontros de maneira genérica (confraternizações, festas, locais públicos) e nominar locais específicos, como é o caso dos três últimos resultados: salão de beleza e barbeiro (10 menções), da igreja (10) e do bar (7). Para terem sido nominalmente expostos, não são meros locais genéricos de fofoca, mas locais ostensivamente conhecidos pelos interlocutores por frequentemente abrigarem a atividade fofoqueira.

Temos, portanto, indicativos de que o brasileiro fofoca principalmente em locais de competição, locais de informalidade, encontro e confraternização e situações de presença confortável de conhecidos (amigos, família, vizinhos, etc.). E ainda que ele percebe especificamente o salão de beleza e barbeiro, a igreja e o bar como locais de fofoca.

Estes resultados estão razoavelmente em consonância com outros estudos realizados em diferentes contextos e países, como já exemplificado algumas vezes ao longo deste trabalho. Os tipos de locais em geral seguem essas mesmas diretrizes: competição, encontro e informalidade. A grande variação se dá em quais locais essas características se manifestam em cada sociedade. Podem acontecer em beiras de rios onde as lavadeiras se encontram, em bares ou cafés da burguesia parisiense, em casas de chá onde os homens, agricultores e pastores se reúnem em povoados no interior do Afeganistão, na copa, área do cafezinho de alguma grande empresa, na praça da cidade ou no cabeleireiro, os fatores que parecem definir se algum lugar ou situação tem potencial para ser considerado propício à fofoca são justamente estes que tornam possível o encontro entre pessoas e, ao menos em algum momento, certo grau de informalidade, quando não se tratar especificamente de ambiente competitivo, onde a fofoca pode surgir com um viés instrumental para essa mesma competição.

Passo agora à análise de quais temas são considerados de maior interesse em fofocas para os colaboradores da pesquisa de maneira direta. Há algumas discrepâncias com os resultados anteriormente analisados, mas isso mostra o quanto a fofoca é um fenômeno comunicativo amplo e versátil e, mais ainda, como é constantemente percebido de diferentes formas pelos próprios interlocutores,

dependendo da questão colocada. Os tópicos foram organizados de acordo com a menção dos próprios questionados, não foram colocadas opções limitadoras. Temas próximos foram agrupados em categorias gerais para possibilitar uma avaliação.

Abaixo apresento um gráfico com as áreas gerais mais mencionadas. As pessoas ficaram livres para responderem o que quisessem, portanto, algumas se abstiveram, ou responderam coisas fora de contexto ou não analisáveis (como “Não me interessa”). Ao todo foram 97 respostas que mencionaram temas que dividi em 10 tópicos gerais: (1) artistas/ famosos, (2) polêmicas/ controvérsias, brigas, conflitos, (3) vida e relacionamentos alheios, sexo, (4) traições, coisas reprováveis, (5) entorno social e familiar, assuntos que concernem a si, (6) notícias, novidades, coisas interessantes e insólitas, (7) trabalho/ estudo, (8) tudo, (9) esporte, (10) outros. Vejamos quais se destacaram mais:

QUE TEMA(S) TE INTERESSA(M) MAIS EM UMA FOFOCA? 97 REPOSTAS

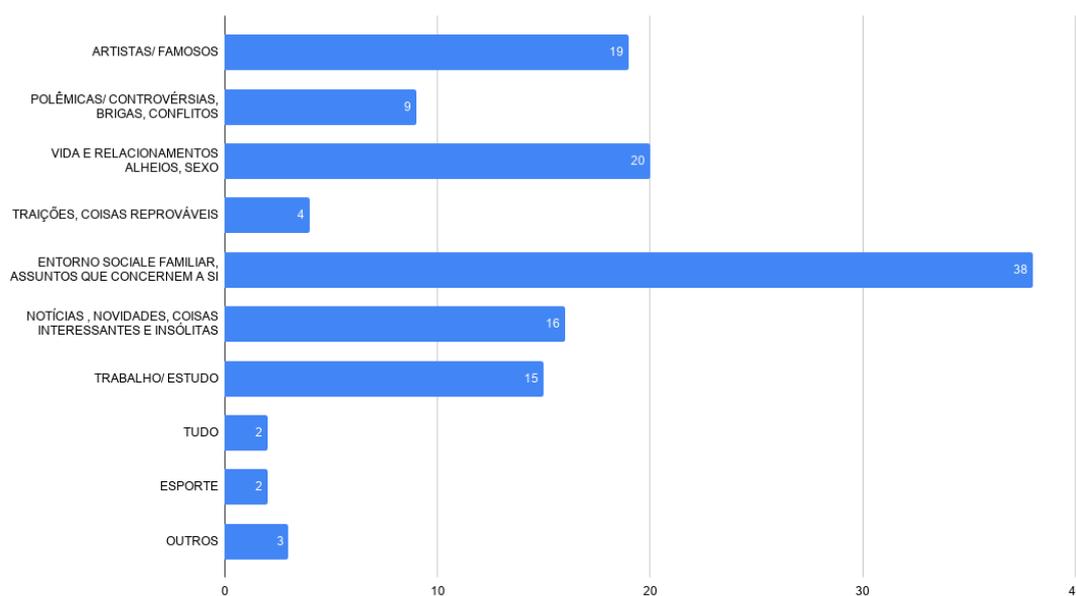


Gráfico 26 Sentidos gerais das respostas à pergunta “Que tema(s) te interessa(m) mais em uma fofoca?”

Os tópicos de maior interesse mencionados com maior frequência foram aqueles relacionados ao entorno social, comunitário e familiar ou capazes de ter alguma influência direta na vida da pessoa (38), seguido por vida, sexo e relacionamentos alheios (20) e fatos relacionados a pessoas públicas (artistas, famosos, políticos). Outros temas medianamente frequentes foram notícias,

novidades, coisas interessantes e insólitas (16) e aqueles relacionados ao ambiente de trabalho/estudo (15).

aquilo que as pessoas dizem motivar seu interesse direto pela fofoca e a busca por essa atividade parece restar completamente justificado na perspectiva dos interlocutores a partir desse resultado. Isso porque a categoria mais mencionada é aquela que pressupõe a presença de informações que naturalmente seriam de interesse de qualquer pessoa: informações sobre o que acontece no seu entorno e podem, por conseguinte, afetar a própria vida do interlocutor.

A relevância dessa categoria traz justamente à tona novamente a questão da fofoca como fonte útil de informação estratégica e possibilidade de antecipação da ação alheia. Esses assuntos concernentes a si e ao seu entorno não são necessariamente informações sobre a sua vida que estão circulando, mas sim informações que podem vir a afetar o curso da sua vida.

Do que podemos concluir que aquilo que nos pode afetar, mesmo que não seja diretamente a nosso respeito, é sim “da nossa conta”.

Esta capacidade de concernência ao interesse certamente é regida por critérios altamente variáveis. Informações que podem afetar nossa vida podem variar daquelas relacionadas às vidas das pessoas no nosso entorno doméstico, familiar, no bairro, de trabalho, religioso, até a informações sobre política e economia ou o que mais pudermos considerar “da nossa conta”.

Neste sentido, os círculos importantes de interação social diária foram direta e nominalmente contemplados (família, comunidade e conhecidos, trabalho, estudo).

já o círculo religioso que vimos ser relativamente relevante na temática da fofoca devido à sua relação com criação e transgressão de normas sociais não apareceu nominalmente como assunto de interesse direto da fofoca, o que não significa necessariamente que não o seja, mas sim que não é especificamente buscado. As fofocas na igreja acontecem, isso não significa que as pessoas querem que elas existam, ou que buscam por elas. Dessa maneira, mesmo que não sejam os temas considerados como objeto de interesse, a igreja aparece tanto nos casos narrados (5 ocorrências), quanto nos locais onde se fofoca mais (10 ocorrências).

Por outro lado, temas que são frequentemente no imaginário da fofoca, como brigas (“tretas”), polêmicas, controvérsias, conflitos, competição, traições e coisas reprováveis em geral, foram mencionados nominalmente de forma mais residual,

indicando que não são necessariamente tão buscados e desejados nelas, apesar de não deixarem de as permear.

Outro elemento que apareceu pouco nos casos contados, apesar de ter destaque, por exemplo, nas descrições do que é a fofoca, são as calúnias, mentiras e especulações (associadas ao ruído e à incerteza). Cabe notar que no que diz respeito ao que as pessoas querem da fofoca (no que se interessam mais) tais elementos praticamente desaparecem.

Ninguém quer ouvir mentiras ou boatos, ninguém busca a comunicação enviesada ou ao menos não buscam recebê-la já adulterada.

Para quem pretende entrar na atividade da fofoca, ao menos no papel de ouvinte, ou receptor da informação, a presença do ruído parece ser um dos seus reveses não esperados.

O indicativo é de que o brasileiro busca, na fofoca principalmente informações relacionadas ao seu próprio entorno social, aquilo que é da sua conta, que lhe concerne em diferentes níveis (pessoal, situacional, profissional, social, familiar), ou também informações curiosas com algum fator que as torne mais interessantes (não necessariamente úteis), como é frequentemente o caso de fatos sobre as vidas de famosos (que são estruturalmente semelhantes a fatos sobre a vida de conhecidos, mas com um alcance social mais amplo), ou as tais “tretas” e polêmicas, quebras (em diferentes intensidades) das diretrizes mais corriqueiras da sociedade (como as já referidas escolhas e trocas de parceiros sexuais e proibição do incesto). Não à toa, brigas, polêmicas, coisas proibidas e traições foram nominalmente mencionados.

Destaco o fato de que todos estes principais interesses na fofoca flutuam em uma zona entre o tolerável, o cômico e o levemente transgressor, nunca alcançando o verdadeiramente aviltante ou insuportável. Assim como as pessoas não buscam por boatos infundados ou por mentiras na fofoca, elas também não buscam por relatos de crimes bárbaros, grandes violências ou acidentes tenebrosos e mortes.

Ainda que esses temas possam aparecer em fofocas, eles não são buscados. O brasileiro engaja-se em ouvir uma fofoca de maneira mais leve, com intenções mais práticas e lúdicas em detrimento de uma atividade moral ou socialmente desgastante. A fofoca que se busca é leve.

Os temas mencionados como os que mais interessam nem sempre correspondem aos percebidos como mais recorrentes, nem como os únicos abordados e também ouve-se o que não quer.

#### 3.4.4.4. Sentimentos

Passemos agora a uma análise voltada aos sentimentos e sensações que movem e que se manifestam nas pessoas ao fofocarem. A razão inicial para essa sequência de perguntas foi averiguar se o brasileiro se sentiria mal, ou culpado ao fofocar, por ser esta uma atividade comumente classificada como negativa. Eis que os resultados das outras questões não corroboraram de maneira sólida esta hipótese da negatividade, ficando a fofoca em um limiar bastante tênue entre o negativo e o neutro. Outrossim, optei por não direcionar estas questões com respostas fixadas, tanto para não direcionar a percepção do interlocutor quanto para permitir que esse se expressasse da maneira que achasse mais conveniente, o que acarretou no surgimento de certas surpresas, como a manifestação do desejo de “confessar-se a um padre” diante da pergunta “O que você sente quando faz (conta) uma fofoca?”.

Neste sentido, assim como nas perguntas anteriores, reuní as respostas em blocos de sentidos gerais para tornar possível a apuração. Vejamos os resultados para a primeira questão da sequência: “O que você sente quando faz (conta) uma fofoca?”.

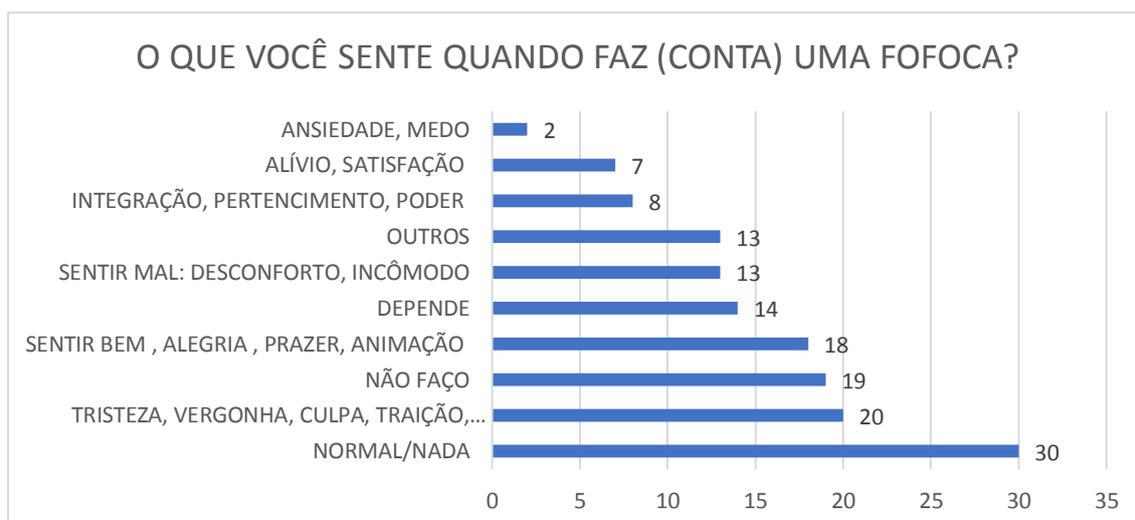


Gráfico 27 Sentidos gerais das respostas à pergunta “O que você sente quando faz (conta) uma fofoca?”

Note-se que sempre há uma parcela de pessoas mais ou menos constante entre as questões, que nega fazer fofoca ou ter alguma relação ativa com o fenômeno. Aqueles que respondem “não faço fofoca”, “não me interessa”, são os que ou efetivamente rejeitam a atividade como coisa má e a negam completamente, ou que não se compreendem inseridos nela, mesmo que de maneira neutra. Estes casos não devem ser confundidos com os que não sentem nada de mais ou que se sentem normais.

A sensação mais mencionada a respeito de fazer fofoca, foi a neutralidade, normalidade ou sensação nenhuma (30 ocorrências), seguida imediatamente pelas inicialmente esperadas negativas: tristeza, vergonha, culpa, traição, arrependimento (20 menções), em contraste com as 18 menções a sensações bem positivas como sentir-se bem, alegria, prazer, animação.

Esta pergunta refere-se à percepção do interlocutor em relação à própria participação como sujeito ativo da relação triádica. Os resultados acima apontam para uma apreensão deste papel com tranquilidade emocional de quem faz algo corriqueiro e normal, ficando apenas em segundo lugar uma reação moral negativa. A atividade de fofocar parece ser compreendida, mais uma vez, como algo normal e corriqueiro e só em segundo plano como um mal.

Cabe salientar que tais sentimentos são referentes à visão de si mesmo como agente ignitor da fofoca, detentor de certa carga de responsabilidade tanto pelo seu início, quanto pela sua eventual propagação para além da sua própria esfera de controle.

Talvez justamente por ter a consciência dessa estrutura de propagação da qual ele está fazendo parte de maneira ativa, estes sentimentos negativos mais preponderantes sejam justamente os com implicações morais. A posição ativa tem mais relevância no resultado final por implicar justamente uma vontade de ação e uma ação efetiva para a qual podem haver consequências. A decisão de praticar esta ação (agir de forma a provocar um bem ou um mal e, por consequência, agir bem ou mal) tem implicâncias morais mais proeminentes que a posição idealmente passiva do ouvinte da fofoca. Como veremos adiante, as reações emocionais negativas em relação à segunda posição (ouvinte) não são eminentemente morais.

Em seguida, vêm os sentimentos positivos, que parecem estar relacionados às motivações que impulsionam o próprio engajamento na atividade fofoqueira (prazer, animação) e não mais às possíveis consequências desse mesmo

engajamento. Temos aqui também uma janela para observar que quase tanto quanto se sente moralmente mal, o brasileiro também gosta, se alegra e se agrada de fofocar.

Consecutivamente, aqueles que responderam de maneira mais ambígua com indicações de que “depende da situação” foram 14, seguidas de mais sensações negativas, estas não moralmente relacionadas, como o desconforto e o incômodo (13 menções).

Separei inicialmente as sensações em nichos próximos e não apenas entre positivas e negativas e neutras. Mostrou-se imprescindível fazer esta distinção entre sensações negativas moralmente implicadas e as que não o são.

As sensações positivas, por outro lado, apesar de terem sentidos diferentes variando entre o prazer, o alívio e um aprimoramento na capacidade social (pertencimento, poder), não ficaram divididas entre sensações moralmente implicadas ou não. O que nos leva a pensar que estão mais relacionadas ao aspecto lúdico da fofoca, (tanto impulsionador, quanto referente a aproveitamento prazeroso da situação, à alegria em falar e se relacionar) do que ao seu caráter de instrumento de controle moral e social.

Se juntarmos todos os resultados apenas nas categorias de sensações "positivas,", "negativas" e "neutras" teremos o seguinte:

- 1- Neutras: 44 referências;
- 2- Negativas: 35 referências;
- 3- Positivas: 33 referências.

Dessa maneira há indicativo de que, ainda que aglutinados os resultados, o brasileiro sente-se majoritariamente neutro ao proferir fofocas, o que reforça a sensação de que para ele esta é uma atividade cujo engajamento ativo é socialmente normal e aceitável.

Vejamos agora como reagem as pessoas ao papel mais passivo da atividade, o de ouvir fofocas:

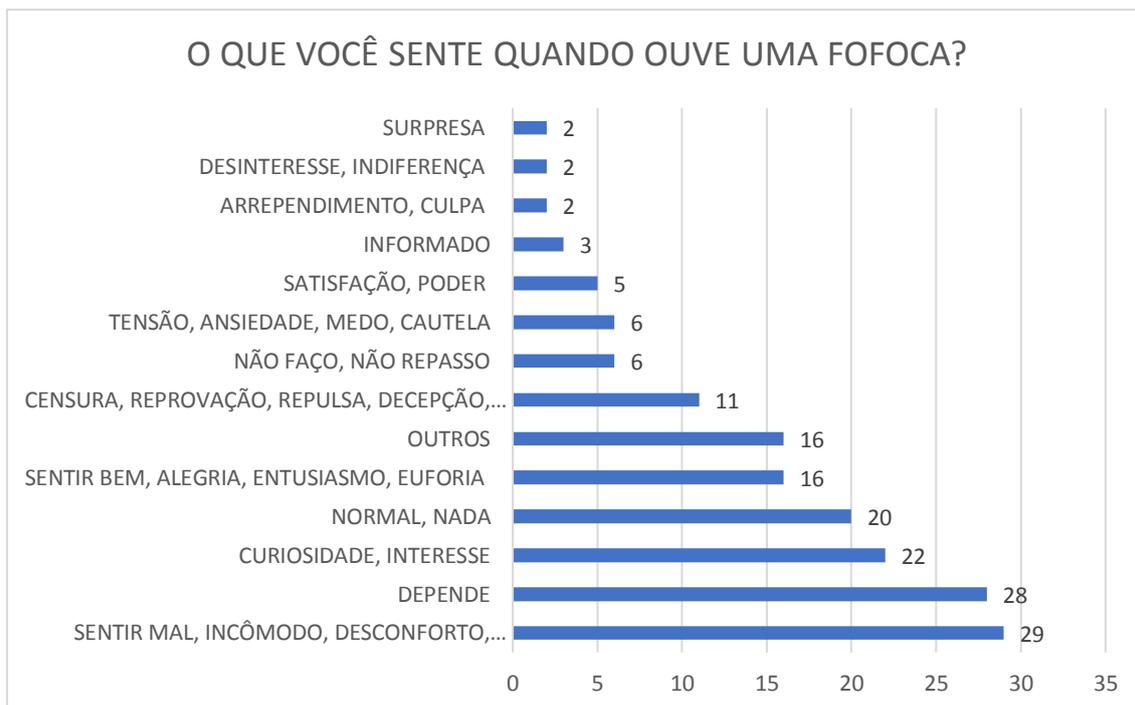


Gráfico 28 Sentidos gerais das respostas à pergunta “O que você sente quando ouve uma fofoca?”

Aqui temos a posição mais comumente passiva da relação triádica. Neste papel a pessoa é inserida e não necessariamente tem alguma conduta ativa. Ela pode opinar, julgar o fofoqueiro e o fofocado, apresentar cenários e dar conselhos, mas pode também simplesmente apenas ouvir e jamais é aquele que dá início à fofoca.

Para esta posição a gama de variação das respostas foi maior e certas sensações mudaram bastante de relevância. Prevaleceu no geral a sensação negativa, de sentir-se mal, incômodo e desconforto (29 ocorrências). Diferente dos primeiros resultados negativos da pergunta anterior, estes não se tratam de sentimentos associados à moral, como a culpa que, neste caso recebeu apenas duas menções.

A carga negativa fica, então delegada quase que totalmente ao participante ativo da fofoca, aquele que fala. O ouvinte se abstém da responsabilidade e se incomoda com a situação em que está sendo colocado e não propriamente com os resultados dela ou com a própria responsabilidade no conjunto. Ao não se compreender como causador, para ele é indiferente se fazer aquela fofoca é um ato bom ou mau em si. Sua preocupação também não é com as consequências, mas sim com o incômodo de ter sido inserido naquela dinâmica comunicativa. Isso fica ainda mais claro quando vemos que, muito mais que culpa, o sentimento moral negativo que os interlocutores mais mencionam são a censura, reprovação, repulsa e

decepção (11 ocorrências), sentimentos estes claramente direcionados não de si para si, mas para outrem, especificamente para o polo ativo da fofoca.

Por outro lado, a neutralidade e a variedade de sentimentos positivos estão bastante equilibradas. Vejamos em apenas três categorias como essas sensações e sentimentos se distribuem:

1- Negativos: 48 referências;

2- Neutros: 55 referências; Sem as categorias “informado” e “surpresa”: 50 referências;

3- Positivos: 43 referências.

Classifiquei surpreso e informado na categoria neutro por não terem os interlocutores especificado se sentiam-se assim positiva ou negativamente, visto que tais reações podem variar de acordo com a situação. Elas parecem, assim, mais adequadas ao lado de "depende" do que em alguma das outras duas categorias.

As respostas discursivas, podiam conter diversas reações e sentimentos, que foram marcados conforme mencionados. Neste caso, o resultado disso foi uma discrepância bem menor entre as três grandes categorias.

No resultado final, temos indicativos de que o brasileiro é em boa medida sentimentalmente indiferente à escuta da fofoca. Os interlocutores encaram com normalidade o ouvir fofocas, deixando para avaliar, no próprio momento, se a situação é boa ou ruim, mas com tendências a um desconforto e à reprovação daquele que faz a fofoca, mas não à própria atitude de ouvir (que, ainda que completamente passiva, continua participativa).

Vejamos agora uma questão ainda voltada à posição passiva do ouvinte da fofoca, mas com uma abordagem que traz à tona elementos de moralidade, como a confiança e sua quebra, a traição e a dúvida em relação à promessa de segredo: a fofoca sobre alguém que goza de sua estima.

### O QUE VOCÊ FAZ OU SENTE QUANDO CHEGA ATÉ VOCÊ FOFOCA SOBRE UMA PESSOA QUE É SUA AMIGA OU PARENTE QUERIDO?

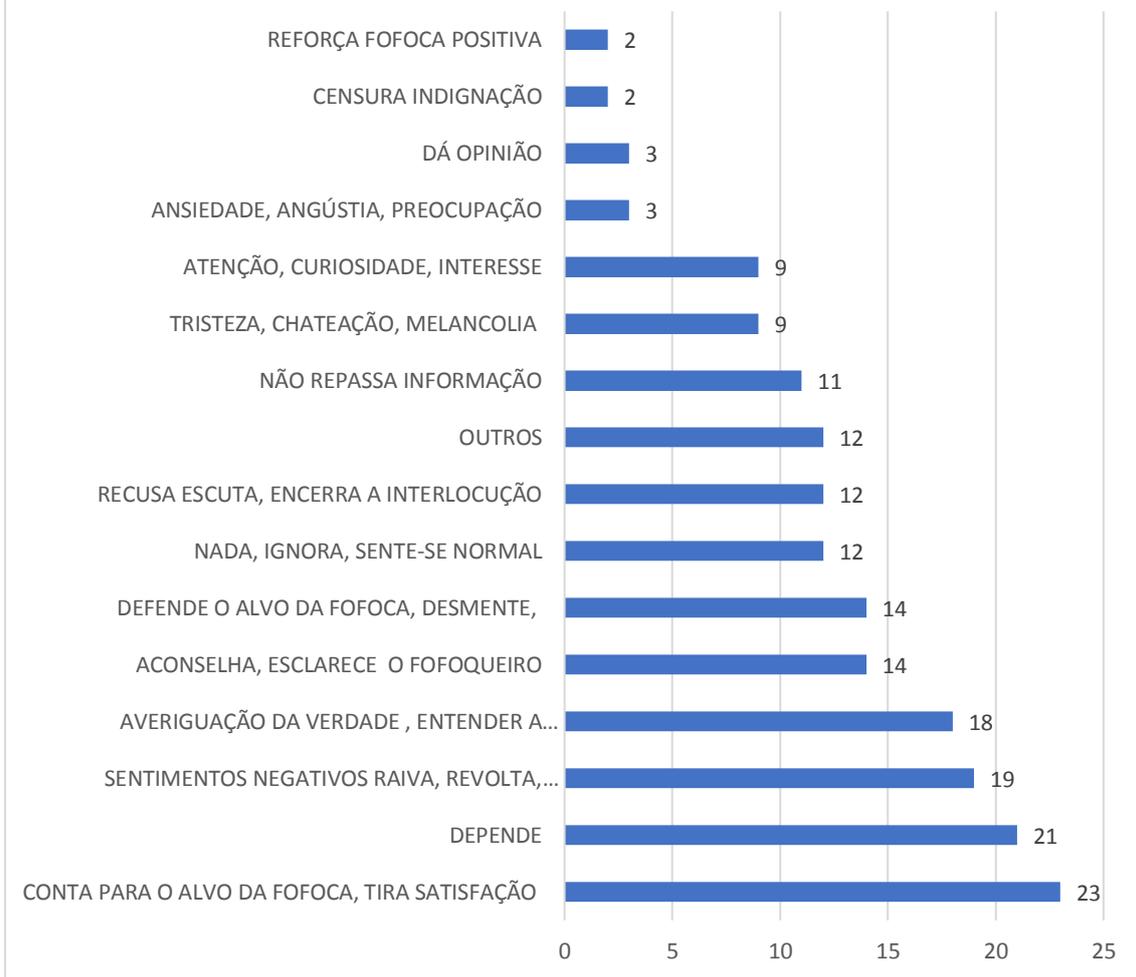


Gráfico 29 Sentidos gerais das respostas à pergunta “O que você faz ou sente quando chega até você fofoca sobre uma pessoa que é sua amiga ou parente querido?”

Esta questão é de análise mais complicada porque enseja não só elementos emocionais, mas também pode provocar reações ativas relacionadas à lealdade à pessoa que é o assunto da conversa, como a sua defesa ou a denúncia da fofoca para seu “assunto”. Este tipo de reação foi o mais mencionado nas respostas: Contar para o alvo da fofoca (que estão fofocando sobre ele) e “tirar satisfações” (pedir explicações e provas, em alguns casos ao autor da fala/fofoca, em outros ao seu próprio alvo) foram mencionadas 23 vezes.

É curioso notar, aliás que neste caso em que a fofoca envolve uma pessoa estimada, a maioria das menções são efetivamente referentes a alguma tomada de atitude e ação (97 menções) e menos a emoções de fato (75 menções). Se

ignorarmos respostas ambíguas como “depende” (que não necessariamente referem-se a emoções ou ações), esta discrepância fica ainda maior, ficando as emoções apenas com 54 menções.

Há indícios, portanto que, quando existe alguma relação pessoal afetiva em jogo na fofoca, o brasileiro não consegue ficar totalmente passivo ou apenas emocionado. Ele precisa reagir, seja em defesa do objeto de sua afetividade, seja, mesmo, para assegurar a estabilidade relacional em algum dos pontos da relação triádica da fofoca: seja com o fofoqueiro, seja com o assunto. Isso se faz a partir da atitude investigatória mais ou menos equilibrada. Ao descobrir quem diz a verdade (se o fofoqueiro ou o seu conhecido querido), a relação entre as três pessoas pode se reequilibrar (seja através do esclarecimento harmônico, seja através da ruptura relacional em algum ponto).

Vemos, por exemplo que as atitudes neutras em relação a esse tipo de fofoca foram mais salientadas que as atitudes meramente negativas:

1- Atitudes negativas em relação à fofoca: Contar para o alvo da fofoca, tirar satisfação (23) + Recusa escuta, encerra interlocução (12). Total: 35 menções

2- Atitudes neutras em relação à fofoca: Averiguação da verdade, entender a situação, esclarecimento, plausibilidade (18) + Aconselha, esclarece o fofoqueiro (14) + Não repassa informação (11) + Dá opinião (3). Total: 46 menções

Note-se que classifiquei “Aconselha, esclarece o fofoqueiro” e “Dá opinião” como atitude neutra pois ao serem mencionadas não indicavam apoio ou repreensão. Pode-se esclarecer e aconselhar sem repreender ou exortar, assim como pode-se opinar de maneira positiva ou negativa. O que importa é que os interlocutores não se colocam como entes performaticamente passivos. Independente de uma reação emotiva, algo deve ser feito.

Este algo a ser feito, porém é mais no sentido de equilibrar a situação do que promover algum enfrentamento positivo ou negativo. As atitudes positivas em relação à fofoca, foram mencionadas bem menos que as modalidades anteriores (16 vezes). Foram classificadas como positivas a defesa imediata da reputação do ente querido, o desmentido (negação de fato negativo imputado ao alvo da fofoca com o apontamento de versão necessariamente positiva) e o reforço de fofoca positiva.

Estes resultados indicam que os interlocutores não tomam imediatamente o partido do ente querido alvo da fofoca. Não entendem, portanto, a fofoca como um ato maligno em si mesmo por parte do fofoqueiro: ela pode ser verdadeira. Assim

como o ente querido não goza de imunidade moral ou confiança absolutas, melhor averiguar os fatos antes de repreender automaticamente o fofoqueiro.

Quanto aos sentimentos externados, destacou-se o fato de que restaram equilibrados os negativos (33 menções) e neutros (33 menções). Como no caso anterior, os sentimentos morais, como a censura e a indignação, não ficaram muito em evidência (apenas duas menções). Inserido o detalhe de o alvo da fofoca ser um ente querido, desapareceram também os sentimentos relacionados à culpa e ao arrependimento. Os negativos que mais se destacaram foram a raiva, revolta, desconforto (19 menções) e a tristeza, chateação, melancolia (9).

Quanto aos sentimentos ou reações neutras, responderam que depende da situação 21 interlocutores, enquanto que outros 12 responderam que sentem nada, ignoram ou sentem-se normais. Isso pode indicar que diante de uma fofoca sobre um ente querido, a posição do brasileiro é de certo enfrentamento (através de ações), mas também de ponderação (representada por uma busca pelo esclarecimento circunstancial daquilo que é falado), além de um desconforto que não chega necessariamente a ter um caráter moral, mas sim relacionado a um potencial confronto entre a imagem que se tem daquele conhecido e a imagem que o fofoqueiro pretende construir, coisa que pode gerar dúvidas e incômodo.

Por seu turno, os sentimentos positivos como atenção, curiosidade, interesse, mencionados 9 vezes, se mostraram muito mais voltados à ânsia pela obtenção de novas informações potencialmente úteis ou atraentes (pois referentes a conhecidos), do que a uma alegria meramente lúdica baseada no prazer do ato de fofocar em si. Isso indica que o brasileiro, quando se entusiasma com uma fofoca sobre seus entes queridos quer descobrir algo, não quer apenas falar por ser o tópico de seu agrado.

Em um quadro geral, quando a fofoca é sobre um ente querido, temos indícios de que o brasileiro mais age (e reage) do que propriamente sente. De maneira geral, o brasileiro se mostra mais próximo a uma busca pelo equilíbrio e esclarecimento da situação do que de uma defesa intransigente do conhecido, ainda que uma rejeição geral à situação e à atitude do fofoqueiro se façam também bastante presentes.

Sem embargo, quando os interlocutores se encontram diante de fofocas sobre si mesmos, essa ponderação do contexto e conteúdo ficam bastante evidentes.

No caso já analisado anteriormente da pergunta “Quando a fofoca é a seu respeito você acha isso: bom; ruim; neutro/depende da situação”, ao todo 80

(59,3%) das respostas apontaram para uma atitude de neutralidade e necessidade de contextualização da fofoca. Isto é, temos indícios de que os interlocutores consideram poder haver fofocas positivas e negativas a seu respeito circulando, havendo a necessidade de averiguação. Indica também que eles não se apresentam absolutamente refratários à circulação de informações sobre si, sem seu controle direto. Tal situação não angustia imediatamente a maioria dos interlocutores, apesar de ser considerável ainda a parcela daqueles que consideram esta situação ruim de imediato (54 respostas, correspondente a 40% do total).

Por fim, apenas uma pessoa considerou a fofoca sobre si como uma coisa boa. Seria esta a representante daqueles que concordam com a máxima “falem mal, mas falem de mim”? O que fica claro é a tendência a uma atitude de neutralidade e ponderação situacional do brasileiro diante dessas configurações de fofoca.

Por último, busquei fazer uma pesquisa direcionada a apontar algumas direções do campo associativo da fofoca, isto é, voltada a descobrir com quais sentidos os brasileiros associam mais ou menos fortemente a palavra fofoca. Para tanto selecionei uma gama de palavras que foram surgindo ao longo da pesquisa tanto da estrutura do fenômeno quanto das peculiaridades culturais brasileiras. No questionário, foi pedido para que os interlocutores marcassem todas as palavras que considerassem associadas à fofoca, produzindo, assim, uma seleção de palavras mais e menos comumente associadas, conforme a quantidade de marcações. Vejamos o resultado para 135 respostas no total:

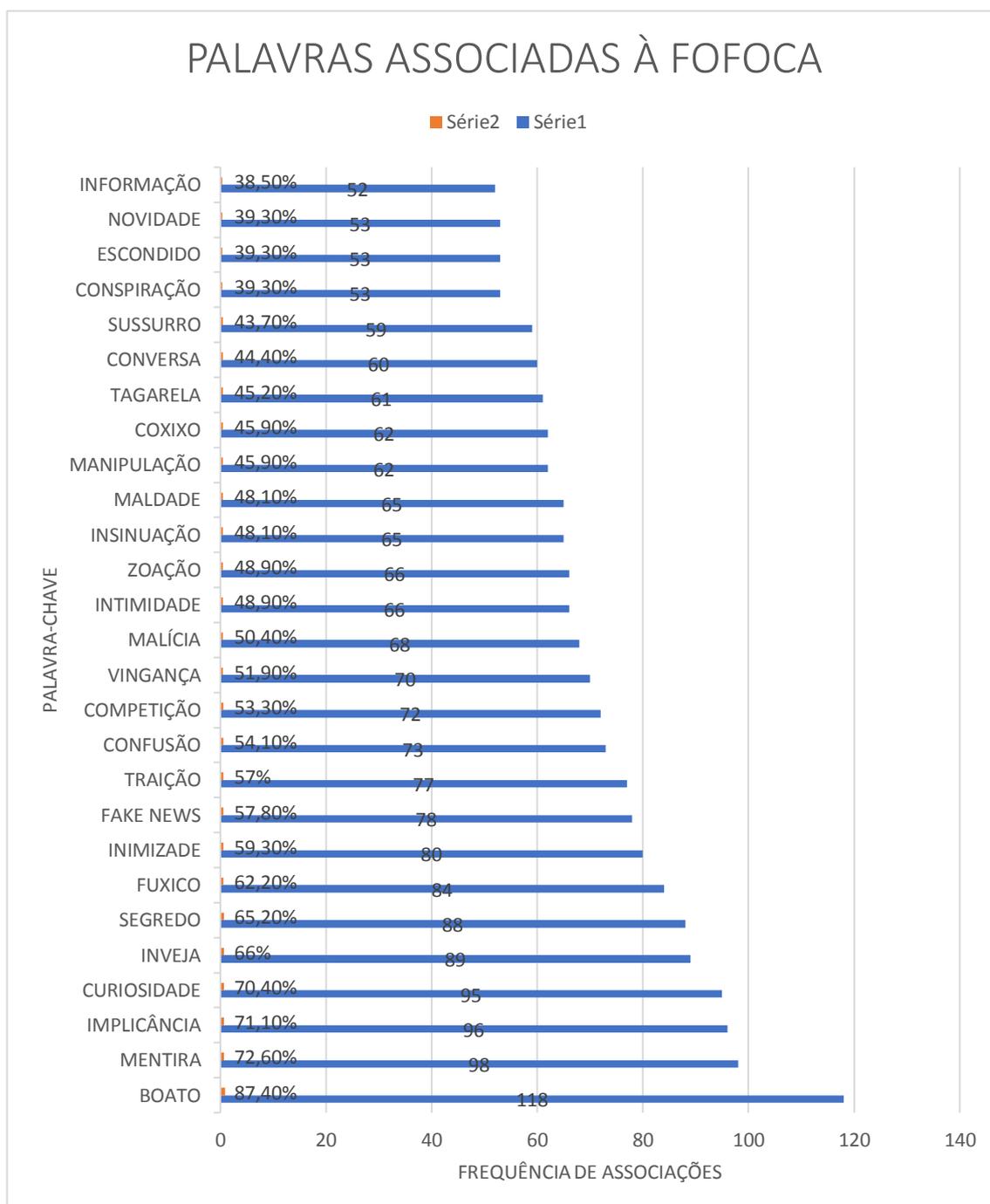


Gráfico 30 Frequência com que as palavras foram consideradas associadas à fofoca

No total foram colocadas à disposição dos interlocutores 41 palavras a serem selecionadas. Acima estão representadas apenas aquelas que foram assinaladas mais de 50 vezes. As outras palavras são foram as seguintes, cada uma com, respectivamente, o número de vezes que foi assinalada e a correspondência desse número no total de respostas à questão: amizade (50) 37%; diversão (47) 34,8%; afronta (44) 32,6%, ironia (43)31,9%; bastidores (40)29,6%; controle (39) 28,9%;

cumplicidade (32) 23,7%; censura (29) 21,5%; ocultação (28) 20,7%; pecado(24) 17,8%; maldição (19) 14,1%; discricção (18) 13,3%; compadrio (17) 12,6%; detração (16) 11,9%. Foram ainda incluídas pelos próprios interlocutores mais duas palavras: ociosidade (1) 0,7% e benefício (1) 0,7%.

A palavra mais associada à fofoca foi, não por acaso, o boato, frequentemente considerado sinônimo de fofoca quando referente ao conteúdo daquilo que é passado. O fuxico, por sua vez, outro sinônimo ainda mais abrangente porque relacionado ao fenômeno e não só ao seu conteúdo, não teve tanto destaque.

Cabe ressaltar que os dois resultados mais proeminentes, boato e mentira, estão relacionados a um imaginário do ruído e da pouca confiabilidade da informação, indicando que o brasileiro entende imediatamente a fofoca como um fenômeno comunicativo que pode carregar imprecisões informacionais.

A alta posição da palavra “implicância” foi uma surpresa, ficando ela, mesmo que por questão de apenas um ponto, à frente até mesmo da palavra “curiosidade”. A implicância está relacionada à atitude do fofoqueiro que profere, principalmente, a fofoca negativa a respeito de alguém. Desta forma torna-se razoável pensar na proeminência da posição de “implicância”: a implicância a respeito de alguém motivaria a fofoca negativa a seu respeito.

Em seguida vemos o destaque de dois termos referentes a sentimentos, um do ouvinte da fofoca (a curiosidade), outro mais voltado àquele que a profere, apesar de também poder ser sentido pelo ouvinte ( a inveja, no caso, daquele que é alvo).

Em seguida temos uma palavra que indica a percepção pelos interlocutores do elemento da ocultação na fofoca: o segredo. Ao associar o segredo à fofoca, os interlocutores mostram-se sensíveis e conscientes tanto do escondido performático (contar em segredo) quanto do material (contar um segredo).

Após o fuxico ao qual já me referi, temos uma sequência de palavras de carga em alguma medida negativa: inimizade, *fake news*, traição e confusão. A “inimizade” tem o mesmo funcionamento que a inveja, uma vez que pode se prestar a funcionar como elemento motivador da fofoca, tanto para o que fala quanto para aquele que ouve. A *fake news* é um termo novo, mas associado a ideias já anteriormente bastante reforçadas na percepção da fofoca: assim como a confusão, funciona na chave de interpretação do ruído comunicativo, a mesma do boato e da mentira.

A traição, por sua vez, tem uma área própria de atuação que não está nem no escondido do segredo, nem na rixa da inimizade ou inveja, mas em uma área limítrofe da quebra de confiança. De todo modo, os quatro são elementos negativos associados à fofoca de maneira bastante incisiva.

Cabe salientar também a significativa referência a algumas palavras não tão esperadas e a escassa referência a palavras que se expectava um maior grau de associação, como foi o caso de “zoeção” (66 marcações) 48,9% do total de respostas; “ironia” (43) 31,9%; “compadrio” (17) 12,6%, “cumplicidade” (32) 23,7% e “amizade” (50) 37%. Senão vejamos:

A palavra “zoeção” foi incluída por uma suspeita de que poderia funcionar como referência à ludicidade moderna. Simbolizando desde uma brincadeira inofensiva até a beira da violência psicológica através de um escárnio maldosamente direcionado ou mesmo um *bullying*, a palavra alcança tanto aspectos negativos quanto positivos da fofoca. Pensei, no entanto, que configuraria referência muito distante do campo associativo da fofoca para ter algum número relevante de marcações, o que não foi o caso. Quase metade (48,9%) das pessoas que responderam à pergunta associaram a zoeção à fofoca. Mesmo variando da ludicidade à malícia, um aspecto da zoeção é certo: a condição de informalidade de que ela necessita para ocorrer. Não existe zoeção formal, assim como não existe fofoca.

Já a ironia fez o caminho contrário. Elemento de papel importante e frequente no enviesamento dos conteúdos da fofoca, não teve grande aderência dos interlocutores (apenas 31,9%). Este pode ser um indicativo não de que a ironia é pouco utilizada na fofoca brasileira, mas sim de que as pessoas pouco a percebem ou que não entendem a fofoca como lugar de grande aplicação da ironia. Esta última poderia estar conectada à percepção de que a fofoca pode ter diferentes vieses em diferentes contextos. Assim, a fofoca, quando positiva, lúdica, informativa, entre outras, não faz relevante ou necessária a ironia, restando para sua atuação apenas a esfera das fofocas negativas, que a maioria dos interlocutores já deixou bem claramente estabelecido saberem não ser a única modalidade.

Compadrio (17) 12,6%, por outro lado, é palavra que seria facilmente associada à *gossip* do Inglês e que tem papel importante na própria definição do fenômeno para estudos sobre fofoca nessa língua acabou, para os brasileiros, sendo de pouca importância, assim como “cumplicidade” (32) 23,7% “amizade” (50)

37%. Ao que parece, isso pode indicar que relações de maior intimidade entre os atores (fofoqueiro e ouvinte) não são imperativas para a ocorrência da fofoca no Brasil. Talvez sejamos nós abertos o suficiente para fofocarmos com pessoas com quem temos relações menos estreitas.

Isto não exclui, por outro lado, nem o fato de que pessoas relacionadas proximamente entre si fofocam, nem a capacidade que a fofoca tem de estreitar as relações entre as pessoas. Apenas mostra que os interlocutores não percebem isso de maneira muito clara ou proeminente.

Igualmente surpreendente foi a baixa associação da palavra “controle” (39) 28,9% à fofoca, dada a sua ampla percepção como meio de “cuidar da vida dos outros”. Ao que parece esse cuidar está mais próximo de uma busca pela informação que do exercício de algum controle sobre a vida alheia.

Através da análise dos resultados dos questionários, temos indicação de que o brasileiro é bastante tolerante em relação à fofoca e a vê como um fenômeno corriqueiro que, apesar de ter má reputação e de ensejar mais desconfiança que confiança, é tido como passível de ser tanto bom quanto mau. Há ainda uma relação de cautela diante da observação e classificação da fofoca: o brasileiro prefere, em geral, averiguar o contexto antes proferir sua opinião definitiva. Ainda que nutra sentimentos negativos e controversos em relação à sua participação em situações de fofoca, ele privilegia a mediação e a ponderação de muitos elementos (conteúdo, contexto, implicados, temática geral) antes (e ao invés) de rejeitar a atividade de maneira peremptória.

Temos indicativos de que para o brasileiro, a fofoca é eminentemente falar da vida alheia, especificamente sem o consentimento da pessoa em questão, com destaque para a presença de informações ruidosas, incertas e por vezes mentirosas (elemento que permeou as respostas em diferentes contextos da percepção dos interlocutores).

Para ele o fofoqueiro é alguém que, principalmente, fofoca (fala da vida alheia) muito, excessivamente, um incontinente. O merecimento da alcunha de fofoqueiro abrange não só o falar, mas a necessidade de buscar fofocas, ser curioso, se meter, cuidar da tal “vida alheia”. Não necessariamente é alguém que fala ou faz mal ou alguém que espalha informações incorretas.

Ser fofoqueiro, fofocar demais é sim, para o brasileiro, moralmente negativo. É esta incontinência na fala, na intriga e na maquinação e o exagero na busca por

novas possíveis fofocas ou por oportunidades de fazê-las que o tornam inconveniente.

Por outro lado, o brasileiro sabe que, apesar de carregar uma má reputação de coisa prejudicial, moralmente incorreta e incerta, a fofoca não é necessariamente para o mal, nem sempre falsa. Ele entende que ela compreende uma gama extensa de temas (que não exclusivamente a vida alheia, apesar de principalmente) detentores de nuances positivas e negativas ou mesmo irrelevantes ou inclassificáveis, ambíguas.

Para ele, as fofocas ajudam, mesmo que através de experiências negativas, a conhecer melhor quem está à nossa volta e a saber em quem podemos confiar e o quanto de informações podemos compartilhar. O brasileiro usa lucidamente a fofoca para se entreter e para aprender, tanto quanto para se orientar. Ele sabe que ela serve também para isso.

Finalmente, o brasileiro parece ser movido e atingido por diferentes, controversos e mesmo contraditórios sentimentos diante da fofoca. E apesar da grande incidência de sentimentos negativos, há uma clara cautela em relação à qualificação imediata da situação, permitindo um movimento de ponderação situacional que considera, inclusive, separadamente o papel de cada ator, bem como relações, contextos e conteúdos.

Tirando certos aspectos onde há uma inegável clareza, como no caso da negatividade moral daquele que é classificável como fofoqueiro, os sentimentos morais negativos como reprovação, censura, revolta, indignação e mesmo culpa e arrependimento, têm menor destaque que outros sentimentos negativos não moralmente implicados, como o desconforto ou incômodo. Dependendo do cenário, os sentimentos morais negativos ficam mesmo atrás de sentimentos positivos ou que partem de algum tipo de entusiasmo, como a curiosidade, a excitação, a alegria, interesse, satisfação, poder, e mesmo a sensação de maior integração social.

O Brasileiro sente, de maneira diversa quanto a cada ator da relação triádica e reage, também de maneira diversa, diante da sua própria participação ou não no fenômeno. Mas em um quadro geral, ele parece bastante condescendente, ou ao menos disposto a compreender a situação antes de julgá-la, talvez até por saber que também fará ou faz parte dela em algum momento. Em contraste, há que se destacar que existe, como vimos, uma parcela bastante consistente dos interlocutores que

permanece coerente, ao longo do questionário, em não admitir sua participação, de maneira alguma, em quaisquer cenários de fofoca.

Temos indicativos, portanto, para considerar o brasileiro de maneira geral bastante condescendente e moderado ao abordar o tema da fofoca e de comportamento mesmo ambíguo diante dela, ainda que em alguns contextos tenda a encará-la primariamente de maneira negativa.

Sinalizo aqui com indicativos porque esta pesquisa não pôde, nem pretendeu, esgotar a temática ou sua abrangência e sequer poderia alcançar uma amostragem representativa muito precisa em grande escala. Para resultados mais precisos seria necessária uma pesquisa amostral mais extensa e abrangente. Por hora podemos apontar direções, por isso, indicativos.

É possível agora adicionar a esses indicativos, alguns elementos culturais relacionados à fofoca que representam, pela forma como aparecem, se moldam e são utilizados, também a relação do brasileiro com esse fenômeno tão diverso.

Passo agora então a complementar a análise dos questionários e aquilo que já foi dito sobre cultura brasileira e fofoca, com mais alguns aspectos culturais onde a fofoca tem algum destaque no Brasil.

A partir daqui exponho uma série de tópicos, quase uma pequena coleção de achados, mais ou menos preciosos, que fiz ao longo da pesquisa. São aspectos da cultura onde a fofoca se faz presente, seja como representação (referenciada), seja configurando a própria situação. Começo pelos seus múltiplos nomes.

## 4. CONCLUSÃO

Ao contrário do que se possa imaginar à primeira vista, a fofoca é um fenômeno social extremamente complexo e abrangente, tanto por sua maleabilidade em ser apropriado e utilizado pelas pessoas como pela natureza pragmática de suas ocorrências. Assim, o que busquei fazer nesta Tese foi uma análise da fofoca como em seus diferentes aspectos, da sua estrutura a seus conteúdos e usos, além da aplicação desta análise à cultura e ao comportamento brasileiro em especial. Enquanto fenômeno comunicacional, a fofoca se expande vertiginosamente desde a passagem da sua primordial oralidade à escrita, atingindo potenciais e escalas planetárias com o advento dos meios de comunicação em massa. Da transmissão de rádio e televisão às publicações em papel e digitais, o caráter instantâneo das trocas de mensagens precipitaram hoje o desenvolvimento de uma rede linguística cuja natureza contrafática tende a ganhar autonomia narrativa ao ponto de rivalizar com a mera verificação das procedências de alegações e corridos pretéritos, terrenos estes de investigação por excelência da historiografia e do jornalismo.

Busquei construir um procedimento analítico capaz de detectar a fofoca a partir de sua estrutura, o qual permitiria ainda abarcar essa sua maleabilidade à vista das novas experiências contemporâneas, sem, no entanto, nunca deixar de compreender as origens mais remotas da natureza ruidosa deste advento. Para tanto, analisei aqui a fofoca a partir da sua (1) estrutura situacional, (2) dos conteúdos que ela carrega e, por fim, (3) dos usos que se pode fazer dela.

Em relação ao funcionamento de sua estrutura situacional, identifiquei a necessidade da presença de três elementos indispensáveis e dois muito frequentes para caracterizar uma situação de fofoca. Os três indispensáveis são a Circulação, a Ocultação e a Informalidade, enquanto os muito frequentes, mas não necessários, são a Intenção e a Mistura.

A Circulação consiste na transferência de informações em uma relação triádica com três papéis principais: o falante (que irradia o conteúdo da fofoca), o ouvinte (que recebe este conteúdo) e o assunto, um terceiro elemento que pode ou não ser uma pessoa (tal como uma empresa ou um governo), alvo da fofoca, o qual necessariamente não pode estar presente na situação.

Vimos ainda que esta relação triádica é a forma mínima da circulação, e que ela pode se manifestar de maneiras mais complexas, com diversos atores em cada um dos papéis.

A Ocultação refere-se tanto à configuração da cena da fofoca, como a ausência do terceiro (o assunto) na situação, ou um estar escondido, quanto a aspectos relacionados às informações passadas, como o ocultar algo (a fonte ou origem da informação, por exemplo, os nomes de quem se fala, ou algum detalhe importante), ou falar algo que deveria ter permanecido escondido, silenciado ou implícito (como um segredo), ou mesmo o autor de uma fofoca escrita que se resguarda por trás de um pseudônimo. A Ocultação, desse modo, destaca-se como um elemento complexo e que pode se deslocar, dependendo do contexto.

Já a Informalidade é um elemento essencialmente situacional e capaz de conferir caráter oficioso à fofoca. Ela interfere na confiabilidade e na capacidade de certificação da fofoca, de modo que as informações ali passadas estão sempre sujeitas a alguma confirmação ou averiguação. Como foi elucidado, quando resta completamente esclarecido um tema, já não se trata mais de fofoca como conteúdo. E inicialmente a hipótese era de uma estrutura da fofoca composta por quatro, e não cinco elementos, onde não constava a informalidade. Porém, ao longo da investigação constatei que esta consistia em um elemento de fato indispensável, pois sem a informalidade não seria possível diferenciar estruturalmente uma fofoca de uma aula ou até mesmo de um relatório de espionagem.

A Mistura ou combinação de dados refere-se ao intrincamento informacional, proposital ou não. O elemento da Mistura está presente quando informações da fofoca apresentam ruído, imprecisões, exageros, confusões, mentiras, ou mesmo arranjos narrativos inusitados, mesclando informações fora de lugar, arbitrárias, mal ou maliciosamente interpretadas. Notícias falsas veiculadas por fofocas em geral têm a presença deste elemento, assim como insinuações enganosas.

Por fim a Intenção refere-se à atuação da vontade daquele que profere a fofoca (o seu falante). Ela está relacionada, geralmente a outros dois elementos: a Ocultação (ocultar deliberadamente certas informações) e a Mistura (embaralhar e enviar propositalmente as informações, induzir ao erro, a conclusões falsas ou mesmo mentir e exagerar deliberadamente). A Intenção está relacionada à própria prática da fofoca de maneira consciente, tal como no difundir proposital de uma

afirmação capaz de causar algum efeito reputacional (positivo ou negativo) a outrem.

Concluí, então, que não há fofoca sem circulação de informações, algum nível de ocultação e informalidade. Os outros dois elementos, a mistura de dados e a intenção, apesar de muito frequentes, tornam-se facultativos e/ou incrementadores.

As combinações desses três (ou até cinco) elementos representam a estrutura pela qual podemos dizer que uma situação é de fofoca. Estabelecida esta estrutura que determina o que é fofoca ou não, analisei as formas de conteúdos que a fofoca transmite a título de informação. Defini aí a diferença entre tais conteúdos e seus assuntos propriamente ditos. São conteúdos que a fofoca transmite: as notícias, os juízos, os apanhados de fatos e curiosidades, as especulações, as instruções. A fofoca não abarca, por outro lado, conteúdos como ordens e pedidos. Quanto aos seus temas ou assuntos materiais, estes podem ter quaisquer fundos, desde que se apresentem nas formas de conteúdo que a fofoca comporta, tais como juízos a respeito de pessoas famosas ou governos, notícias sobre parentes, fantasmas, ou o novo vírus que anda circulando em escala planetária e que é tratado desde a mídia internacional até as conversas de botequim.

Sobre os usos que se pode fazer da fofoca, parti de uma análise pragmática das diferentes apropriações que se pode fazer do fenômeno. Dado que os usos da fofoca estão sujeitos à criatividade com que cada comunidade lida com ela, optei por elencar e analisar aqueles que são mais comumente detectados e documentados, com destaque para o controle social, a fruição lúdico informacional, a união comunitária e rechaçamento de intrusos, a criação e manutenção de laços de intimidade e confiança, a manipulação, o aliciamento, a vingança, e o etiquetamento estigmatizante que funciona como feitiço.

Uma vez finalizada esta etapa de análise e compreensão do funcionamento do fenômeno de maneira geral, lancei-me ao estudo do caso brasileiro.

Neste instante, procedi ao levantamento de uma origem histórico-semântica do fenômeno por seus registros lexicais, iniciando a partir do termo mexerico, mais antigo no Português. Descobri então uma curiosa confluência entre a origem da palavra mexerico, oriunda do “mexer”, e a palavra fofoca, originária do Bantu “*fuka*” que também denomina um “mexer”. Esta confluência mostrou que, em

ambos os casos, o fenômeno foi apreendido a partir de uma metaforização ampliadora da mistura e do deslocamento de ideias ou informações, isto muito mais do que a partir das noções modernas de invasão da esfera privada alheia, aspecto este de maior destaque nas análises da fofoca produzidas a partir de outras línguas, como o Inglês *gossip* e o Alemão *Klatsch*.

Penso ter trazido, portanto, uma abordagem matizadora da construção da ideia de fofoca, capaz de permitir uma análise mais abrangente que a da vida privada e da indiscrição. Concluí também que o sentido atual da palavra “fofoca” foi efetivamente modelado no Brasil a partir de suas origens africanas, constituindo-se assim em um termo genuinamente brasileiro.

Constatei também que o termo é anterior à data de 1975 indicada em importantes dicionários, tendo podido encontrá-lo em uma publicação impressa já em 1958.

Isto feito, procedi à análise da relação do fenômeno com a cultura brasileira sob diferentes aspectos. Discuti sua importância no contexto de uma sociedade relacional e hierárquica, onde constatei a atuação do efeito liminar da fofoca. A fofoca, quando em curso, é capaz de suspender ou abrandar a rígida verticalização social a que estamos submetidos, permitindo que aqueles que estão abaixo possam falar, criticar e mesmo desafiar e atingir, sem os riscos de uma confrontação direta, certos atores hierarquicamente mais bem situados.

Através da fofoca, quem está social e hierarquicamente abaixo pode tornar-se, por exemplo, moralmente superior àquele que normalmente está acima, ou pode atacar, minar ou destruir sua reputação (com ou sem razão), sem precisar fazê-lo de maneira frontal e ainda sem ser por isso diretamente cobrado. Logo, a fofoca opera como uma espécie de poder dos fracos, não exclusivo, mas disponível através da suspensão ou até inversão pela liminaridade dos juízos preconceituais.

Por fim, ao analisar os resultados dos questionários sobre a fofoca, cheguei a alguns indicativos de como os brasileiros entendem, lidam e reagem à fofoca e ao fofoqueiro.

Através dos questionários, detectei indicativos de que o brasileiro entende a fofoca principal ou inicialmente como falar da vida alheia, sem o consentimento da pessoa em questão, frequentemente a partir de informações incertas, não confirmadas ou mesmo mentirosas. Mas esta percepção inicial divide lugar com uma compreensão complexa do funcionamento do fenômeno, que inclui

reconhecimento do funcionamento da sua estrutura, principalmente na dinâmica da relação triádica. Há mesmo uma percepção de algumas nuances não óbvias, como de que a fofoca pode ser positiva, que pode também beneficiar, de que nem toda ela é falsa e movida por um ímpeto deletério, de que se pode aprender coisas e que haveria uma gama extensa de assuntos abordáveis.

Constatei o indicativo de que o brasileiro, apesar de manter uma leve e constante rejeição e desconfiança à prática da fofoca, é também deveras tolerante em relação a ela e a vê, ao fim e ao cabo, como algo ética e praticamente normal, capaz de ser tanto boa quanto má. Sendo assim, os interlocutores se mostraram cautelosos diante da observação e classificação da fofoca, preferindo e salientando a necessidade de se compreender cada contexto antes de julgá-la negativamente. Também restou claro que tais atores percebem e utilizam a fofoca como meio de aprendizado social, mesmo que através de experiências negativas, principalmente para a identificação de indivíduos dignos de confiança e para a medida e a qualidade das informações que se convém partilhar em cada meio. Eles usam a fofoca conscientemente para se entreter, aprender, e mesmo para se orientar.

De outro lado, a rejeição aparece de maneira mais consistente em relação à pessoa do fofocueiro. O fofocueiro não é simplesmente alguém que fofoca. O critério para se merecer tal denominação, segundo apurei, está mais relacionado ao excesso do que à simples prática. O fofocueiro é alguém que fofoca em demasia, alguém sentir necessidade de buscar situações de fofoca (para espalhá-las ou para ouvi-las), é curioso em relação à “vida alheia”, alguém cuja intenção age avidamente para que a fofoca aconteça.

Em relação aos sentimentos dedicados à fofoca, constatei uma diferenciação principalmente em relação ao papel de cada ator, aos contextos e conteúdos transmitidos.

Em relação ao fofocueiro, os sentimentos predominantes são claramente os morais negativos (como reprovação, censura, revolta, indignação e crítica). Se aquele que fofoca é o próprio interlocutor, podem também surgir a culpa e o arrependimento. A maior rejeição moral se concentra sobre quem profere a fofoca. Àquele que fica no papel mais passivo de ouvinte, a rejeição sentimental, quando ocorre, é simples como o incômodo ou a indisposição, e esses sentimentos morais negativos chegam a ter menos destaque que os sentimentos positivos como a curiosidade, a excitação, a alegria, o interesse, a satisfação, o poder, e mesmo a

sensação de maior integração social. Os interlocutores rejeitam moralmente o fofoqueiro e se sentem moralmente mal por se verem neste papel, ao mesmo tempo em que entendem a fofoca como uma atividade trivial e não absolutamente negativa, e não se sentem tão mal em participar dela como ouvintes, muitas vezes até apaixonados. Eis o caráter paradoxal do fenômeno da fofoca, nascido do choque entre a demanda de se produzir alguma reação à situação de fofoca e a cumplicidade inerente a quando o “assunto” (o terceiro – *third party*) é algum conhecido ou pessoa querida. Uma vontade de reação ativa manifesta-se ora como defesa da pessoa/assunto, ora como averiguação de contexto, independentemente de a fofoca ser claramente negativa o positiva.

Finalmente, ao analisar outros aspectos da cultura brasileira onde a fofoca tem papel importante, constatei que, para além de uma rejeição moral consistente e bastante clara manifestada nos questionários, o papel do fofoqueiro em alguma de suas modalidades, goza de tolerância e mesmo admiração.

Há um perdão e indulgência coletivos ao fofoqueiro profissional, seja aquele voltado aos bastidores políticos, seja aquele voltado à fofoca pública sobre celebridades, famosos e figuras de interesse geral. Ele tem um papel mediador no tráfico de informações que ninguém mais parece ser capaz de obter, pois muito mais que a simples investigação, sua atividade demanda um trânsito social e relacional ao qual poucos têm acesso. Trata-se aí de uma autêntica reputação de fofoqueiro perante a audiência e suas fontes, sob a ameaça constante da perda de ambas. Logo, o fofoqueiro profissional é o único que tem licença moral coletiva para atuar. E enquanto ao jornalista de bastidores se faculta um nome de fonte que esconde a natureza de grande parte de seu trabalho (“bastidores” em lugar de fofoca política), ao fofoqueiro profissional, como o de celebridades ou famosos, resta apenas uma rejeição simples pela acusação de futilidade de seus tópicos, coisa que tampouco os impede de gozar de grande notoriedade midiática. Em um momento como o contemporâneo (quando os cruzamentos entre as vidas públicas e privadas transbordam as fronteiras tradicionais marcadas pela discrição e pelos deveres legais e de respeito) tal distinção entre o jornalista de bastidores e o fofoqueiro de banalidades não é meramente acadêmica: o manejo estratégico de informações privadas como tática de reconfiguração do espaço público, em terrenos eleitorais ou não, está na base do êxito de difusão das chamadas *fake news*.

Concluo, pois, afirmando que ainda há muito a se investigar sobre a fofoca no Brasil, tanto no sentido da produção de um inventário temático, quanto no de uma abordagem teorizante reveladora da percepção cultural desse fenômeno em uma sociedade imensa e diversa como a brasileira, sempre tão particularizada por inúmeros regionalismos. Consciente de seus limites, esta Tese pretendeu então trazer algum vislumbre sobre o funcionamento do fenômeno da fofoca no Brasil, primando pela análise de estrutura independentemente das peculiaridades mais locais, com vistas a se retirar da falsa familiaridade do preconceito e da naturalização esta ocorrência comunicativa tão plena de sutilezas.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, A. A. (24 de Janeiro de 2020). *Verbetes: Marmiteiros*. Fonte: CPDOC: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/marmiteiros>
- ALENCAR, J. d. (1871). *Guerra dos Mascates (O Prólogo)*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança
- ALLPORT, G. W. (1947). *The Psychology of rumor*. New York : Russel & Russel . INC.
- ALMEIDA, M. A. (2011). *Memórias de um sargento de milícias*. Brasília: Edições Câmara.
- ANDRADE, F. d. (2015). A presença dos moinhos hidráulicos no Brasil. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*.
- ASSIS JÚNIOR, A. d. (1967). *Dicionário Kimbundu - Português*. Luanda: Argente , Santos & Cia Ltda.
- ASSIS, M. (1873). *Quem conta um conto...* Fonte: Publicado originalmente em Jornal das Famílias: <http://www2.uol.com.br/machadodeassis>
- AUSTIN, J. L. (1962). *How to do things with words*. Oxford : CLARENDON PRESS.
- BARATA, J. M. (1970-1980). Caravela. Em *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo. Acesso em 12 de 09 de 2018, disponível em <http://www.tribop.pt/MBd/Caravela>
- BARATA, J. M. (s.d.). *CARAVELA - Artigo escrito para a Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Fonte: Vida e obra de Jaime Martins Barata.
- BARDSLEY, S. (2006). *Venomous Tongues: Speech and Gender in Late Medieval England*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- BARDSLEY, S. (2007 ). *Women's Roles in the Middle Ages* . Westport, Conn. London : Greenwood Press.
- BAUMEISTER, R. F., ZHANG, L., & VOHS, K. D. (2004). Gossip as Cultural Learning. *Review of general Psychology*, 111-121.
- BERGMANN, J. R. (1993). *Discreet Indiscretions - The social organization of gossip*. New York: Aldine de Gruyter.
- BERNARDI, D., & RUSTON, S. W. (2013). Triangle of death - Strategic communication, counterinsurgency operations, and the rumor mill. Em G. DALZIEL, *Rumor and Communication in Asia in the Internet Age* (pp. 68 - 81). New York: Routledge.
- BERNARDI, D., & RUSTON, S. W. (2013). Triangle of death: Strategic communication, counterinsurgency operations, and the rumor mill . Em G. DALZIEL, *Rumor and communication in Asia in the internet age*. London: Routledge.
- BESNIER, N. (2009). *Cossip and the everyday production of politics*. Honolulu: University of Hawai'i Press.
- BLUTEAU, D. R. (1789). *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Oficina de Simão tadeo ferreira.

- BOOSE, L. E. (1991). Scolding Bridles and Bridling Scolds: Taming the Woman's Unruly Member. *Shakespeare Quarterly*, 42(2), 179–213.
- BRENNEIS, D. (August de 1984). Grog and Gossip in Bhatgaon: Style and Substance in Fiji Indian Conversation. *American Ethnologist*, 11, 487-506.
- BRITO, I. A. (2015). Ética, Liberdades e Justiça: Análítica da Formação de Capacidades no Programa Bolsa Família. *Dissertação de mestrado para o Programa de Pós Graduação em Sociologia - UFF*. Niterói: PPGS- UFF.
- CAMPBELL, J. (1964). *Honor, Family and Patronage*. Oxford: Clarendon Press.
- CARDOSO, B. C. (2015). *A variação diatópica no dicionário escolar*. Belém : Universidade Federal do Pará.
- CARMO, L. a. (2015). *O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX*. Rio de Janeiro: UERJ.
- CASTRO, Y. P. (1976). *De l'intégration des apports africains dans les parleurs de Bahia, au Brésil*. Lubumbashi: Faculté des Lettres.
- CASTRO, Y. P. (2001). *Falares Africanos na Bahia - um vocabulário Afro-Brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras Topbooks.
- CASTRO, Y. p. (2005). Influência das línguas africanas no português brasileiro. Em S. M.-P. (Org), *Pasta de textos da Professora e do Professor*. Salvador: Secretaria Municipal de Educação.
- CASTRO, Y. P. (2018). *ARQUIVO PESSOAL*.
- CHAVAGNE, J.-P. (2005). *La langue portugaise d'Angola. Etudes des écarts par rapport à la norme européenne du portugais*. Lyon: Université de Lyon 2.
- CINELÂNDIA. (1958). Marcha da Fofoca. *Cinelândia*, 63.
- CNRTL, C. N. (02 de 10 de 2019). *Commère*. Fonte: Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales: <https://www.cnrtl.fr/etymologie/comm%C3%A8re>
- COLSON, E. (1953). *The Makah Indians. A Study of an Indian Tribe in Modern American Society*. Manchester: Univesity press.
- COLVILLE, R. (2016). *The Great Acceleration*. London: Bloomsbury.
- COROMINAS, J. (1987). *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid: EDITORIAL GREDOS S.A.
- CUNHA, A. G. (1982). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- CUNHA, E. d. (1963). *Os Sertões*. Brasília: Editôra Universidade de Brasília.
- CUTILEIRO, J. (1971). *A Portuguese rural society*. Oxford: Claredon Press.
- DAMATTA, R. (1976). *Um mundo dividido*. Petrópolis: Vozes.

- DAMATTA, R. (1993). *Conta de mentiroso - Sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: ROCCO.
- DAMATTA, R. (1997). *Relativizando*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DAMATTA, R. (1997a). *A casa e a rua - espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DAMATTA, R. (1997b). *Carnavais, Malandros e Heróis - para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DARNTON, R. (2012). *O diabo na água benta - ou a arte de calúnia e da difamação de Luís XVI a Napoleão*. São Paulo : Companhia das Letras.
- DARNTON, R. (2014). *Poesia e polícia - redes de comunicação da Paris do século XVIII*. São Paulo: companhia das Letras.
- DAVIS, A., VAILLANCOURT, T., ARNOCKY, S., & DOYEL, R. (2019). Women's gossip as an intrasexual competition strategy - An evolutionary approach to sex and discrimination. Em F. GIARDINI, & R. WITTEK, *The Oxford Handbook of Gossip and Reputation* (pp. 312-330). New York: Oxford University Press .
- DE KEERSMAECKER, J., & ROETS, A. (November de 2017). 'Fake news': Incorrect, but hard to correct. The role of cognitive ability on the impact of false information on social impressions. *Intelligence*, 65, 107-110.
- DIFONZO, N., & BORDIA, P. (1998). A Tale of Two Corporations: Managing Uncertainty During Organizational Change. *Human Resource Management*, 37, 295–303.
- DINIS, D. (1995). *Do Cancioneiro de C. Dinis*. São Paulo: FTD.
- DUNBAR, R. I. (1996). *Grooming, Gossip and the Evolution of Language*. London: Faber and Faber Limited.
- DURKHEIM, E. (1984). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Editora Nacional.
- DURKHEIM, É. (1999). *Da divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes.
- DURKHEIM, É. (2013). *Lições de Sociologia*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- ECO, U. (2010). *As formas do Conteúdo*. São Paulo: Perspectiva.
- ELIAS, N. (2001). *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ELIAS, N., & SCOTSON, J. L. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a Partir de Uma Pequena Comunidade* . Rio de Janeiro: Zahar.
- ELIAS, N., & SCOTSON, J. L. (2010 ). *Etablierte und Außenseiter*. Suhrkamp Verlag GmbH.
- ELMER, N. (2019). Human sociality and psychological Foundations. Em F. GIARDINI, & R. (. WITTEK, *The Oxford Handbook of Gossip and Reputation* (pp. 56-77). New York: Oxford University Press.

- ESTUPIÑÁN, R. G. (2008). Review of "Venomous Tongues: Speech and Gender in Late Medieval England". *The Sixteenth Century Journal*, 304-305.
- FARIA, E. (. (1956). *Dicionário escolar Latino-Português*. Rio de Janeiro : Companhia Nacional de Material de Ensino.
- FINE, G. A., & ROSNOW, R. L. (1978). Gossip, Gossipers, Gossiping. *Pers Soc Psychol Bull*, 161-168.
- FLETCHER, A., & STEVENSON, J. (1985 ). *Order and Disorder in Early Modern England* . New York : Cambridge University Press.
- FONSECA, C. (2000). *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: Editora UFRGS.
- FREYRE, G. (2003). *Casa-grande e Senzala*. São Paulo: Global Editora.
- FRYDMAN, L. (1958). Mexericos. *Cinelândia*, 66.
- FRYDMAN, L. (1959). Mexericos. *Cinelândia*, 67.
- GAIARSA, J. Â. (1978). *Tratado geral sobre a fofoca - Uma análise da desconfiança humana*. São Paulo: Summus editorial.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. (1881 ed 109). O perna inchada. *Gazeta de Notícias*, p. 3.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. (05 de Março de 1901). Mexerico. *Gazeta de Notícias*, p. 5.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. (1901). Mexericos. *Gazeta de Notícias*, p. 1.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. (1902). Mexericos de política. *Gazeta de Notícias*, p. 1.
- GIARDINI, F., & WITTEK, R. (2019). Gossip and Reputation - a Multidisciplinary Research Program. Em F. GIARDINI, & R. (. WITTEK, *The Oxford Handbook of Gossip and Reputation* (pp. 11-29). New York: Oxford University Press.
- GLUCKMAN, M. (1963). Gossip and Scandal. *Current Anthropology*, 307-316.
- GOFFMAN, E. (2004). *Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. São Paulo: LTC - Martins Fontes.
- GOFFMAN, E. (2013). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, E. (2016). *Ritual de interação - Ensaio sobre o comportamento face a face* . Petrópolis: Vozes.
- GREGOR, T. (1982). *Mehináku - O drama da vida diária em uma aldeia do alto xingu*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional.
- GROSSER, T. J., LOPEZ-KIDWELL, V., & LABIANCA, G. (2010). A social network analysis of positive and negative gossip in organizational life. *Group & Organizational Management*, 177-212.
- HAMBRICK, D. Z., & MARQUARDT, M. (06 de 02 de 2018). Cognitive ability and vulnerability to Fake News. *Scientific American*. Acesso em 03 de 05 de 2019, disponível em <https://www.scientificamerican.com/article/cognitive-ability-and-vulnerability-to-fake-news/>

- HAVILAND, J. B. (1977). *Gossip, Reputation and knowledge in Zinacantan*. Chicago: University of Chicago Press.
- HEIDEGGER, M. (1996). *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes.
- HEIDEGGER, M. (2006). *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- HOGAN, R. (1996). A socioanalytic perspective on the five-factor model. Em J. WIGGINS, *The five-factor model of personality* (pp. 163-179). New York: Guilford Press.
- HOUAISS, A. (2009). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- JONES, E. E. (1990). *Interpersonal perception*. New York: W H Freeman & Co.
- KAPFERER, J.-N. (1987). *Rumeurs - Le plus vieux média du monde*. Paris: Seuil.
- KARNAL, L. (2016). *A detração - Breve ensaio sobre o maldizer*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- KELLEY, S. R. (2004). *Rumors in Iraq a guide to winning hearts and minds*. Monterey California: Naval Postgraduate School.
- KIMMEL, A. J. (2004). *Rumors and Rumor Control - A Manager's Guide to Understanding and Combatting Rumors*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- KUNETKA, J. (2015). *The General and the Genius: Groves and Oppenheimer - the unlikely partnership that built the atomic bomb*. Washington DC: Regnery Publishing.
- LEVIN, J., & ARLUKE, A. (1985). An Exploratory Analysis of Sex Differences in Gossip. *Sex Roles*, 12, 281-286.
- LEVIN, J., & ARLUKE, A. (1987). *Gossip: the inside scoop*. Berlin/Heidelberg: Springer Science+Business.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2018). *As estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes.
- LINTON, R. (1959). *O Homem: uma introdução à antropologia*.
- LINTON, R. (1968). *o Homem: uma introdução à antropologia*. São Paulo: Martins.
- LLOYD, A. L. (1967). *Folk Song in England*. London: Lawrence and Wishart.
- LOPES, N. (2003). *Novo dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas.
- LYON, T. P., & MAXWELL, J. W. (2004). Astroturf: Interest Group Lobbying and Corporate Strategy. *Journal of Economics & Management Strategy*, 561-597.
- MACEDO, Á. T. (1847). *A festa de Baldo, poema mixto em oito cantos*. Lisboa: Typographia de Antonio José da Rocha.
- MACEDO, J. M. (1844). *A Moreninha*. Rio de Janeiro: Typographia Franceza.
- MARC, P. (1987). *De la bouche ... à l'oreille - Psychologie sociale de la rumeur*. Cousset (Fribourg): Editions Delval.

- MCANDREW, F. T. (2019). Gossip as a Social Skill. Em F. GIARDINI, & R. WITTEK, *The Oxford handbook of Gossip and Reputation* (pp. 173-201). New York: Oxford University Press.
- MERTON, R. K. (December de 1936). The Unanticipated Consequences Of Purposive Social Action. *American sociological review*, 894-904.
- MILNER, M. (2019). Dialética da vingança: um estudo sobre reciprocidade e violência. *Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais — PUC Rio*. Rio de Janeiro: PUC Rio.
- MINOIS, G. (2018). *História do suicídio - A sociedade ocidental diante da morte voluntária*. São Paulo: UNESP.
- MONGELLI, L. M. (1995). O plantador de naus e de versos. Em D. Dinis, *do cancionero de Dom Dinis* (pp. 9-16). São Paulo: FTD.
- MORA, J. F. (1978). *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- MOREIRA, Z. C. (2005). *Dicionário da Língua Portuguesa Arcaica*. Natal: EDUFRN.
- MUNIZ, A. (2017). *A fofoca como fonte de sofrimento na vida organizacional: um estudo com base na psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: FGV.
- O BINÓCULO. (01 de Janeiro de 1897). De binóculos - Os namoros. *O Binóculo*, p. 2.
- O BINÓCULO. (06 de Janeiro de 1897). De Binóculos -Os Namoros. *O Binóculo*, p. 2.
- O BINÓCULO. (01 de Janeiro de 1897). Infâmia! *O Binóculo*, p. 1.
- PAINE, R. (1967). What is gossip about? An alternative hypothesis. *Journal of Royal Anthropology Institute*, pp. 279-285.
- PAOLI, L. (2003). *Mafia Brotherhoods: Organized Crime, Italian Style*. New York: Oxford University Press.
- PAVEAU, M.-A. (2015). *Linguagem e Moral - uma ética das virtudes discursivas*. Campinas: Editora Unicamp.
- PHILLIPS, K. M. (2008). The Invention of the Scold. *History Workshop Journal*, 66, 253–258.
- PHILLIPS, S. E. (2007). *Transforming talk - The Problem with Gossip in Late Medieval England*. University Park: Pennsylvania State University Press.
- PICKERING, M., ROBERTSON, E., & KORCZYNSKI, M. (2007). Rhythms of Labour: The British Work Song Revisited. *Folk Music Journal*, 9, 226-245.
- PLOUS, S. (1993). *The Psychology of Judgment And Decision Making*. New York: McGraw-Hill.
- PLOUX, F. (2003). *De bouche à oreille - Naissance et propagation des rumeurs dans la France du XIX siècle*. Paris: Éditions Flammarion.
- QIN, Z., CAI, J., & WANGCHEN, H. (2015). How Rumors Spread and Stop over Social Media: a Multi-Layered Communication Model and Empirical Analysis. *Communications of the Association for Information Systems*, 369-391.

- RAMOS, A. R. (1980). Boato: estrutura e ideologia na situação de contato Maiongong-Sanumá. Em A. R. RAMOS, *Hierarquia e simbiose. Relações intertribais no Brasil* (pp. 103 - ). São Paulo: Hucitec Editora.
- RAMOS, A. R. (1995). A profecia de um boato: matando por ouro na área Yanomami. *Anuário Antropológico*, 121-150.
- RICOEUR, P. (1994). *Tempo e narrativa. I - A Intriga e a Narrativa Histórica*. Campinas: Papirus Editora.
- RIO, J. d. (2007). *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Imprensa Oficial.
- ROBERTS, E. A., CELA, C. J., & PASTOR, B. (2013). *Diccionario etimológico indoeuropeo de la lengua española*. Alianza Diccionarios .
- ROSNOW, R. L., & FINE, G. A. (1976). *Rumour and Gossip: The Social Psychology of Hearsay*. New York: Elsevier.
- ROSNOW, R. L., & FOSTER, E. K. (Abril de 2005). Rumor and Gossip Research. *Psychological Science Agenda*. EUA. Acesso em 12 de 01 de 2018, disponível em <http://www.apa.org/science/about/psa/2005/04/gossip.aspx>
- ROUQUETTE, M.-L. (1975). *Les Rumeurs*. Vendôme: Presses Universitaires de France.
- RUAS, H. B. (2000). *Os lusíadas de Luís de Camões - Edição comentada e anotada por Henrique Barrilero Ruas*. Porto: Editora Rei dos Livros.
- RYSMAN, A. (1977). How the “Gossip” Became a Woman. *Journal of Communication*, 27, 176–180.
- SARTI, C. A. (2003). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortêz.
- SCOT, R., & NICHOLSON, B. (. (1886). *The discoverie of Witchcraft*. London: Elliot Stock.
- SCOTT, J. C. (1985). *“Weapons of the Weak : Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven and London: Yale University Press .
- SERAFIM, J. C., & CARVALHO, J. A. (2011 ). *Um diálogo epistolar: D. Vicente Nogueira e o Marquês de Niza (1615-1654)* . Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».
- SHIBUTANI, T. (1966). *Improvised news : a sociological study of rumor*. Indianapolis - New York : The Bobbs-Merrill Company.
- SILVA, A. d. (1813). *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina.
- SILVA, P. F. (2011). *A coluna social como gênero de fofoca*. Curitiba: Editora CRV.
- SMITH, A. (1999). *Teoria dos Sentimentos Morais*. São Paulo: Martins Fontes.
- SOPRANA, P. (07 de Outubro de 2019). Passageiro poderá escolher pagar mais e não conversar no uber. *Folha de S Paulo 07. outubro 2019*. Acesso em 15 de Outubro de 2019, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2019/10/passageiro-podera-escolher-pagar-mais-e-nao-conversar-no-uber.shtml>

- SOUSA, A. d. (1944). *Cancioneiro de Entre Douro e Mondego*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- STEWART, P. J., & STRATHERN, A. (2004). *Witchcraft, Sorcery, Rumors, and Gossip*. New York : Cambridge University Press.
- TUGENDHAT, E. (1997). *Ser- Verdad- Acción*. Barcelona: Gedisa.
- TUGENDHAT, E. (1999). *Diálogo en Leticia*. Barcelona: Gedisa.
- TUGENDHAT, E. (2010). *Lições Sobre Ética*. Petrópolis: Editora Vozes.
- TUGENDHAT, E. (2013). *Egocentricidade e mística- um estudo antropológico*. São Paulo: Martins Fontes.
- TURNER, V. W. (1974). *O processo ritual - Estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.
- TURNER, V. W. (2015). *Do Ritual ao Teatro - a seriedade humana de brincar*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- UNDERDOWN, D. E. (1985). The Taming of the Scold: the Enforcement of Patriarchal Authority in Early Modern England. Em A. J. FLETCHER, *Order and Disorder in Early Modern England* (pp. 116-136). Cambridge: Cambridge University Press.
- UNDOLO, M. E. (2014). *Caracterização da norma do Português em Angola*. Évora: Universidade de Évora.
- VERGER, P. (2002). *Fluxo e refluxo: fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Baía de todos os Santos*. Salvador: Corrupio.
- WEST, J. (1945). *Plainville U.S.A*. New York and London: Columbia University Press .
- WIESSNER, P. W. (2014). *Embers of society: Firelight talk among the Ju/'hoansi Bushmen*. University of Michigan.
- WILSON, P. (s.d.). *Filcher of good names: an enquiry into anthropology and gossip*.
- WOLFE, M. (May de 2008). Review of Bardsley, Sandy, *Venomous Tongues: Speech and Gender in Late Medieval England*. *H-Women, H-Net Reviews*. Fonte: <http://www.h-net.org/reviews/showrev.php?id=14508>
- WRIGHT, G. V. (1963). *The Varieties of Goodness*. London: Humanities.
- ZAKHAROV, A. (10 de Dezembro de 2007). *Silence is gold*. Fonte: A soviet poster a day: <http://sovietposter.blogspot.com/2007/12/silence-is-gold.html>

## ANEXO I

### O COMBATE AOS RUMORES NO CONTEXTO DO MANHATTAN PROJECT

A campanha se estendeu mais profundamente nos EUA durante o curso do Manhattan Project (programa de desenvolvimento da bomba atômica). Nas áreas onde haviam instalações relacionadas ao programa nuclear, não só os funcionários eram orientados ao silêncio como também suas famílias e toda a comunidade circundante como mostram os outdoors abaixo:



Figura 22 “loose talk help our enemy” (Conversa fiada ajuda o nosso inimigo.). Outdoor na cidade de Oak Ridge, no período da 2ª guerra mundial.<sup>107</sup>

Figura 23 “Who me?/ Yes you.../ Keep mum about this job” (Quem, eu?/ Sim, você.../ Fique calado a respeito deste trabalho). Mensagem dirigida aos trabalhadores durante o Projeto Manhattan, no período da 2ª guerra mundial.

<sup>107</sup> Outdoor de segurança na cidade de Oak Ridge durante a segunda guerra mundial. Mensagem dirigida aos trabalhadores durante o Projeto Manhattan. Department of Energy archives, foto de Ed Westcott

Acesso: <http://knoxblogs.com/atomiccity/2016/03/22/world-war-ii-security-poster-in-oak-ridge/> 17/04/2017



Figura 24 “what you see here/ What you do here/ what you hear here/ when you leave here/ Let it stay here” (O que você vê aqui/ O que você faz aqui/ O que você ouviu aqui/ quando você sai daqui/ deixe ficar aqui).<sup>108</sup>

Figura 25 “pen and tongue/can be enemy weapons. Watch what you Write and say...” (Sua caneta e sua língua/ podem ser armas do inimigo. Atenção para o que você escreve e fala...) <sup>109</sup>

Como já pudemos observar algumas vezes neste trabalho (e veremos ainda mais) a fofoca pode também ser feita por meios escritos (vide a carta do século XVII trazida como exemplo anteriormente). Cartas para parentes, amigos e conhecidos eram, como são hoje as mensagens de texto em aplicativos (e já mais defasadamente os e-mails), meios férteis para o surgimento de fofocas, mesmo que seus protagonistas ignorassem os potenciais efeitos de seus conteúdos materiais.

Uma inocente carta para uma amiga, com uma aparentemente tola e despreziosa fofoca a respeito de um vizinho pode ser uma verdadeira mina de informações estratégicas, se interceptada pela pessoa certa. Imagine:

#### EXEMPLO

“Meu marido se dá muito bem com o Sr. Moura. São verdadeiros amigos! O Sr. Moura trabalha no mesmo setor do meu marido, mas ele é de posição superior. Eu sei disso porque sempre faz reformas na casa e agora eles têm até piscina! Nos convidaram para usá-la uma vez, maravilhosa! Acho que ele trabalha com engenharia, pois passou o dia inteiro revisando fórmulas à beira da piscina.”

Mesmo sendo apenas uma série de enumerações aparentemente corriqueiras, com essas informações em mãos um “espião” já sabe o endereço do Sr. Moura e que ele reúne elementos para ser um potencial alvo (*target*) como chefe de setor ou que pode ter mesmo dentro de sua casa cálculos e projetos importantes passíveis de furto e transmissíveis ao “inimigo”. Não por acaso a campanha contra a fofoca e

<sup>108</sup> Outdoor na cidade de Oak Ridge. Mensagem dirigida aos trabalhadores durante o Projeto Manhattan, no período da 2ª guerra mundial.

<sup>109</sup> Outdoor em Los Alamos. Mensagem dirigida aos trabalhadores durante o Projeto Manhattan, no período da 2ª guerra mundial.

conversa fiada abrangia não só o que se falava, mas também o que se escrevia nas cartas. Segundo James Kunetka em “*The General and the Genius: Groves and Oppenheimer*”<sup>110</sup> de 2015:

A list of mail regulations prepared by the army was circulated to each staff member and his family. Scientists were forbidden to enclose personal mail with official correspondence to other Manhattan laboratories. Private mail was to be placed in unsealed envelopes and dropped in special mailboxes. Sealed mail would automatically be returned to the sender by the censors. Objectionable content would not be excised or obliterated, but the mail would be returned to the sender with notations on the offending content. Incoming mail would be opened, read, and resealed with official censorship stamps and seals. Among topics never to be discussed were: “(a) Your present location except that it is in New Mexico; (b) the names of your associates and the personnel employed on the project both military and civilian; (c) the professions of personnel employed at the project; (d) the nature or any details of your work; and (e) the number of people at the project either military or civilian.” Oppenheimer tried to avert unfavorable staff reactions by presenting the new regulations as a preventive measure. (KUNETKA, 2015, p. 224)

Oppenheimer em pessoa fez sugestões a respeito das medidas de segurança de informações, das escritas às faladas relacionadas ao projeto em curso na cidade de Los Alamos. A política funcionou tão bem que criou uma verdadeira aura de mistério sobre a cidade e as instalações, acabando por ter, em certos momentos, efeito reverso: quando as pessoas não podem falar sobre um assunto em particular, elas falam sobre não poder falar e falam também sobre o fato de ninguém falar nada sobre aquilo. A ausência também comunica e as pessoas descobrem (ou desconfiam) que há algo secreto ou digno de ser escondido acontecendo, justamente por ninguém sobre isso falar concretamente.

Despite precautions, unintentional, almost comical breaches of security occurred. Ruth and Robert Marshak were on their way to Los Alamos from their home in Montreal when they stopped for gas in Colorado, not far from the New Mexico border. The attendant, seeing their license plate, asked where they were headed. When, as instructed, they said New Mexico, he replied, “Oh, you folks must be going to that secret project.” Apparently he had seen enough travelers with unusual license plates heading south that he had guessed something “secret” was going on in New Mexico. (KUNETKA, 2015, p. 225)

São muitos os exemplos de políticas de contenção de informações de importância estratégica. Uma vez relacionadas a grandes projetos envolvendo muitas pessoas, tornam-se necessárias medidas que levem em conta uma compreensão da dinâmica da fofoca, ainda que em seus aspectos mais triviais. Hoje as estratégias já se aperfeiçoaram na direção não de uma contenção da fala e da comunicação, mas já de uma sobrecarga informacional.

São as chamadas políticas e estratégias de desinformação que ao fim e ao cabo, aproveitam-se das redes de fofocas e do espalhamento desenfreado de

---

<sup>110</sup> “O General e o Gênio: Groves e Oppenheimer” em tradução minha.

rumores para esconder as informações realmente verdadeiras ou importantes em meio a uma torrente de desinformação, especulação e mentiras das mais plausíveis às mais deslavadas.

## ANEXO II

### APONTAMENTOS PARA UM INVENTÁRIO DA FOFOCA NO BRASIL

#### OS NOMES DA FOFOCA

Uma maneira de se avaliar o quanto um tema é culturalmente importante (ao menos a nível popular) é observar a sua variedade de nomes, alcunhas e equivalentes. A fofoca e o fofoqueiro são destes objetos aos quais podemos nos referir com uma bela cornucópia de termos, sejam sinônimos, regionalismos ou expressões mais locais e até mesmo inventar novos, se estes conseguirem alcançar as referências necessárias para que sejam entendidas.

Fiz anteriormente a pesquisa da origem da palavra e dos elementos que compõem a fofoca a partir da comparação com o mexerico, um de seus sinônimos portugueses. Apresento a seguir uma série não exaustiva de palavras que se aproximam, em algum aspecto, ao campo de referências semânticas levantado pelo substantivo fofoca e o verbo fofocar, além de outras que, apesar de não significarem propriamente “fofoca” e “fofocar”, acabam por ser utilizadas popularmente para referirem esses dois termos.

#### UMA LISTA DA FOFOCA E DO FOFOCAR

A boa	Boca-do-povo	Corrilhos
Alcaguetar	Bomba	Corvejar
Alcovitar/ alcoviteirice	Burburinho	Coscuvilhice
Alfinetada	Buxixo	Coxia
Alvissarar	Cacha	Detração/ detratção
Assuada	Cafungar	Diálogo/ dialogar
Assunto	Caguetar	Difamação
Atoada/ atoarda	Calúnia	Disse-me-disse/ diz-que-diz
Babado	Chiste	Dito/ dixemes/ dizem/ ouvi dizer
Bafafá	Chocalhice	Enredo/ enredar
Bafão/ bafo	Cochicho/ cochichada	Escândalo
Balela	Comentário	Especulação
Baralha	Confabulação	Evangelho
Bastidor	Conversa/ conversa de lavadeira/ conversa-fiada	Falácia
Bisbilhotar/bisbilhotice	Correio de jó	Falatório/ falada
Boato	Correr à boca pequena/ correr voz	Fama

Fazer pesquisa	Murmuração/ murmúrio	Sarapatá furubudum
Fofocagem/ fofoca	Notícias falsas/ <i>fake news</i>	Se informar
Futrica/futricar/ futrico	Novas/ novidade	Segredo de Polichinelo
Fuxico/ fuxicar	O herói do dia	Soada
Grita	O ouvi dizer	Sussurro
Indiscrição	Onzenar/ onzenear/	Tagarelice
Intell	onzenice	Telefone sem fio
Intriga/intrigar	Palestra	Tema de todas as palestras
Intromissão	Pantim	<i>The tea</i>
Lábia	Parlatório	Toada
Ladrado	Pavorosa	Trela
Lambança	Picuinha	Treta
Léria	Pôr na boca de alguém	Trica
Lero	Prato do dia	Tricotar
Linguarice	Propalar	Triscar
Maldizer/ maledicência	Prosa	Urdidura/urdimaça
Más línguas/ más notícias	Quizila	Voz/ voz corrente do
Mexerico/ mexericar/	Rosnar	boato/ voz pública
mexericada/ mexerique	Ruge-ruge	Xodó
Milonga	Rumor/rumorejo	Zun-zum

A rigor o sinônimo não tem exatamente o mesmo significado da palavra de referência, mas sim pertence a um campo semântico a ele relacionado a partir de referências reais ou simbólicas.

Apresentei acima termos que vão do formal ao cômico, do regional às alusões cuja metáfora já foi tão diluída por corruptelas de sonoridade e significado que sequer conseguimos traçar sua origem referencial.

Não obstante esta diversidade, ainda assim essa capacidade de referenciar a fofoca através de tantas outras palavras evidencia (e supõe) um plano semântico relacional comum (real ou simbólico) ao menos a boa parte desses termos.

Nesse sentido, detectei na rede de referências com, digamos, seu núcleo posicionado nas palavras fofoca e fofocar, a concentração de sentidos ao redor de 3 principais vertentes metafóricas: o sussurro, o maldizer e o movimento (a mistura e circulação). Estas vertentes metafóricas não dão conta de todas as expressões, mas servem para detectarmos quais pontos do imaginário são acionados pelos brasileiros ao se referirem a estes dois termos.

## OS TRÊS PRINCIPAIS VERTENTES METAFÓRICAS QUE REGEM O SIGNIFICADO DE FOFOCA

### *O sussurro*

Dentro do campo semântico do sussurro temos, entre outras:

Alcoviteirice, assuada, assunto, atoadá/ atoarda, babado, bafafá, bastidores, bisbilhotar, bisbilhotice, boca pequena, boca-a-boca, boca-do-povo, burburinho, buxixo, cochicho, comentário, conversa de lavadeira, coscuvilhice, alcovitar, dialogar, dito, falatório, fofoca, lábia, ladrado, léria, lero, murmuração, murmuração/ murmúrio, prosa, rosar, ruge-ruge, rumor, rumorejo, soada, sussurro, tagarelice, voz, voz/ voz corrente do boato/ voz pública, zum-zum.

Aqui as palavras circulam e se cruzam por referenciais como o sopro, a fala, o escondido, oculto, o por trás de algo, o falar baixo, o vento que sai da boca carregando as palavras, mesmo aquela semicerrada (a boca pequena), o falar de boca tapada para se não ler os lábios, o próprio falar sem permissão, mas também o falar à toa, sem propósito, o soltar ar pela boca, um falar de quem não tem mais o que fazer para passar o tempo.

### *O maldizer*

No campo do maldizer temos, entre outras:

alcaguetar/caguetar, calúnia, chiste, corvejar, detração/detratação, difamação, escândalo, intriga/intrigar, ladrado, maldizer/maledicência, más línguas/más notícias, picuinha, quizila, treta.

Os referenciais aqui circulam entre ideias como o falar coisas ruins negativas, o fazer mal, a maquinação intencional para o enredamento de intrigas, a quebra da confiança depositada da traição, e a indução ao erro proposital e calculado da mentira.

### *O movimento*

No campo do movimento temos, entre outras

Correio de Jó, enredo/ enredar, especulação, fazer pesquisa, futrica/futricar/ futrico, fuxico/ fuxicar, notícias falsas/ *fake news*, novas/ novidade, se informar, telefone sem fio.

No movimento, as ideias em questão oscilam entre a mistura e o deslocamento de informações, sem necessariamente estarem atreladas à atuação de uma vontade. São expressões que transitam ainda pelos campos da chegada e busca pela informação, seu enredamento e incerteza não voluntária.

## UMA LISTA DE FOFOQUEIROS

É certo que nem todas as palavras e expressões utilizadas para a referência à fofoca e o fofocar são contempladas por esses três eixos referenciais, mas podemos, a partir deles, identificar alguns setores do imaginário brasileiro mobilizado quando se fala em fofoca. É de se notar, por exemplo, como já foi apontado em outro contexto anteriormente, que a referência à invasão da intimidade não tem tanto destaque na formação dessas expressões. Em um primeiro momento talvez fosse razoável se pensar que uma zona referencial atrelada à intimidade fosse ser de alguma importância, o que não se provou verdade diante do catálogo de expressões verificado. Há sim referências a esta e a outros campos, mas não com tanta relevância quanto os três acima apontados.

Em relação ao fofoqueiro, já não é possível fazer uma classificação tão enxuta. Vejamos agora uma lista de nomes antigos e novos, da língua culta e populares, usados para referir o fofoqueiro:

Abelhudo	Curva de rio onde para tudo	Indiscreto
Alcaguete/ Caguete	Dedo-duro	Infamador
Alcaide	Dedo de seta	Intrigante/ intriguista
Alcoviteiro	Delator	Intrometido
Alvissareiro/ alvíçaras	Demolidor de reputação	Inzoneiro
Arengador/ Arengueiro	Desocupado	Já soube
Bisbilhoteiro	Detrator	Jornal da rua
Boateiro	Difamador	Lambeta
Boca de caçapa	DIVA (Departamento de	Leva-e-traz
Boca de puta	Investigação da Vida	Língua de cobra
Boca-aberta	Alheia)	Língua de trapo
Boquirroto	Dona Neném	Língua grande
Buchicheiro	Encrenqueiro	Língua solta
Cacarejador	Enredador	Linguarudo
Cafetão	Enxerido	Maldizente/ maldizador
Calhandreiro	Evangélias	Maledicente
Caluniador	Falador/ falastrão	Malédico
Câmera de segurança/ de vigilância	Falcatrua	Mensageiro
Candongueiro	Falsiane	Metediço
Cavaqueador	Falso	Metido
Central de informações do bairro	Fifi	Mexeriqueiro
Chocalheiro/ chocalho	Fofoqueiro	Mimi fofoqueira
Cobra	Fuçador	Murmurador
Conversador	Fuinha	Murmurante
Corriqueiro	Futrica/ Futriqueiro	Narigudo
Coscuvilheiro	Fuxiqueiro	Noticiador
Curioso	G1/ Dona G1	Noveleiro/ novelista
	Inconfidente	Novidadeiro
	Inculcador	Onzeneiro
		Palestrista

Panfletário	Satirista	Traíra
Pasquineiro	Segurança da rua	Tricoteira
Passador	<i>Shade</i>	Turgimão
Porta-novas	Tagarela	Vacilão
Porta-voz	Tecedor	Vagabundo
<i>Power Rangers</i>	Terceiro	X-9
Prosista	Tesoura	Xereta
Rádio pião	Tia Néia	
Repórter Esso	Tias cocotinhas	

Algumas destas expressões foram apresentadas pela primeira vez à pesquisadora pelos interlocutores nos questionários, outros buscados em dicionários e outros, ainda, foram escutados ou lidos durante as pesquisas.

É clara a criatividade e variedade de temas que se fazem presentes no que se refere à nomeação dos fofoqueiros. Diferentemente da definição do próprio fenômeno e do ato de fazê-lo, a definição daquele pratica copiosamente a fofoca parece estar muito mais sujeita às expressões da moda, às referências modernas e mesmo aos memes, ironias, graças e desprezos, às emoções positivas e negativas dos interlocutores e suas peculiaridades nas interpretações morais e sociais da prática.

A sociedade brasileira tem uma forte relação moral, afetiva e cômica com o fofoqueiro.

Cabe salientar que os interlocutores trouxeram muito mais expressões populares, inventadas e em voga para fofoqueiros que efetivamente para a fofoca ou o verbo fofocar.

A atenção criativa parece estar mais voltada ao sujeito da ação que efetivamente ao conjunto do fenômeno em si.

Isto está, inclusive, em consonância com grande os resultados dos questionários, onde o fofoqueiro, quando alvo, recebeu reações muito mais decisivas e consistentes, do que a fofoca como fenômeno geral. O fofoqueiro foi bem mais rejeitado moralmente que a fofoca e seu papel na relação foi alvo de claros sentimentos morais negativos. É claro o estabelecimento de que aquele que é classificado como fofoqueiro é, para a maioria, moralmente mau. A atitude diante da fofoca, por seu turno, oscila de maneira tênue entre a rejeição e a normalidade e ponderação.

A diversidade de referenciais na produção de denominações para o fofoqueiro reflete a relação que as pessoas têm com esse personagem. Muitas destas denominações, já passaram por tantos níveis de metaforização ou de camadas de

referências, que já não é mais possível identificar, de imediato, alguma grande área de significação, como é o caso de “*Power Rangers*” e “*Shade*”.

Outras são referências a situações e personagens específicos que, só quem conhece pode compreender o contexto e quem não conhece apenas pode imitar, sem compreender efetivamente o porquê do nome, como é o caso do “X-9” e do “Repórter Esso”. São termos geralmente associados com a percepção da função exercida pelo fofoqueiro: “X-9” era um agente secreto dos quadrinhos que espionava investigava casos, enquanto o “Repórter Esso” foi um programa de noticiário transmitido por rádio e televisão no Brasil. Ambos são, no entanto, referências que as novas gerações já não conhecem em primeira mão.

Por outro lado, as grandes áreas referenciais predominantes das denominações de fofoqueiro parecem circundar justamente os principais critérios que se sobressaíram nos questionários para determinar o que é um fofoqueiro. São elas o excesso da fala, a busca pela informação e a fala inconveniente. Vejamos.

### *O excesso da fala*

Nesta área de referências temos, entre outros:

Boateiro, boca de caçapa, boca de puta, boca-aberta, boquirroto, buchicheiro, cacarejador, central de informações do bairro, chocalheiro/ chocalho, coscuvilheiro, falador/ falastrão, G1/ Dona G1, já soube, jornal da rua, leva-e-traz, língua de trapo, língua grande, língua solta, linguarudo, mensageiro, mexeriqueiro, murmurador, murmurante, noticiador, noveleiro/ novelista, novidadeiro, palestrista, panfletário, pasquineiro, passador, porta-novas, porta-voz, tagarela.

Esta área é bastante próxima ao à área de referências ao sussurro da fofoca, mas não é a mesma. Aqui o foco é sim, na fala, mas não chega a alcançar o sopro e sim a prodigalidade da mesma. O foco está na torrente de fofoca que se espera do fofoqueiro e não na discrição de um cochicho ao pé do ouvido. É certo que nem todo fofoqueiro o é de maneira escancarada e escandalosa, mas a discrição não é uma condição necessária para considera-lo fofoqueiro.

### *A busca pela informação*

Na área da busca pela informação, temos:

abelhudo, bisbilhoteiro, câmera de segurança/ de vigilância, curioso, curva de rio onde para tudo, desocupado, DIVA (Departamento de Investigação da Vida Alheia), enxerido, fuçador, fuinha, futrica/ futriqueiro, fuxiqueiro, indiscreto, intrometido, metediço, metido

narigudo, Repórter Esso, segurança da rua, segurança da rua, xereta.

Este é o campo onde a prodigalidade já não é da fala, mas da busca. O fofoqueiro brasileiro é, como vimos anteriormente tanto aquele que fala demais quanto o que busca informações e, mais ainda, ocasiões de fofoca. Aqui as ideias que dominam são as da busca, informação, vigilância e a intromissão. Temos ainda neste campo associativo, outras partes do corpo também bastante relacionadas à dinâmica performática da fofoca: os olhos e o nariz. Surgem aqui denominações que circulam desde o curioso que vê e procura por tudo até aquele que “mete o nariz” para “fuçar” a vida alheia.

Curioso pensarmos que para o fofoqueiro não há (ou não há muitas) denominações que façam referência aos ouvidos, parte importante do ato performático da fofoca, tanto para o fofoqueiro, que precisa também escutar as novidades, quanto para aquele que recebe a fofoca, que o faz, obviamente, pelos ouvidos. É notável, aliás que o fofoqueiro seja mais associado àquele que faz a fofoca que àquele que a ouve. Não há uma denominação específica para aquele que “quer saber de tudo”, mas que não necessariamente repassa o que fica sabendo. O fofoqueiro é curioso, mas sempre exporta a informação. Aquele que é só ouvinte (ainda que contumaz) fica na nomenclatura da fofoca livre de alcunha e na moral brasileira, (quase que) isento de culpa.

### *A fala inconveniente*

Alcaguete/ caguete, arengador/ arengueiro, calhandreiro, caluniador, cobra, dedo-duro, dedo de seta, delator, demolidor de reputação, detratador, difamador, encenqueiro, falcatrúia, falsiane, falso, inconfidente, indiscreto, língua de cobra, maldizente/ maldizador, maledicente, malédico, traíra, vacilão, vagabundo, X-9.

Novamente temos aqui uma zona de associação parecida com outra da fofoca (o maldizer), mas, ainda assim, com suas próprias nuances. O fofoqueiro não figura só como um maldizente, que fala coisas negativas ou que deveriam ficar guardadas

sobre alguém (difamador, encrenqueiro). Ele pode ser nesse sentido também um completo inconveniente que beira a mais funesta traição.

Esta visão do fofoqueiro é, aliás, bastante lembrada no imaginário popular em diferentes plataformas, entre elas, as canções populares, sobre as quais falo a seguir.

## MÚSICAS SOBRE FOFOCA

Da moderna Falsiane, amiga em quem não se deve confiar, ao X-9 e o vacilão já marcados pela traição e quiçá jurados de vingança, há muito o cancionero brasileiro

“Fofoca No Morro”

Artista: Jamelão

Mais uma fofoca lá no morro,  
que tem gente pra cachorro,  
que já quer se estourar  
É só você levar um papo com  
a Etelvina sobre o caso da  
Marina, pra ver o rolo que dá

Ela vai dizer que está por fora  
e quem está por dentro agora  
é Vandeia Paraná, mais é tudo  
chave da Etelvina, é que o caso da  
Marina tem um para prá acertar

Só sei que na vendinha do Adelino  
quem chegou com baratino, foi a  
Rosa e a Neném, o que não está dando  
prá entender, é que nesse fuzuê, o  
seu nome figura também.

Pergunte a Neném

Mais uma fofoca lá no morro,  
que tem gente pra cachorro,  
que já quer se estourar  
É só voce levar um papo com  
a Etelvina sobre o caso da  
Marina, pra ver o rolo que dá

Ela vai dizer que está por fora  
e quem está por dentro agora  
é Vandeia Paraná, mais é tudo  
chave da Etelvina, é que o caso da  
Marina tem um para prá acertar

Só sei que na vendinha do Adelino  
quem chegou com baratino, foi a  
Rosa e a Neném, o que não está dando

prá entender, é que nesse fuzuê, o  
seu nome figura também.

Pergunte a Neném  
como tem meu chapa  
como tem mironga

Maria da Pá-virada  
Jackson do Pandeiro  
Quem vem lá, quem vem lá,  
É maria da pá virada  
Quem vem lá, quem vem lá,  
É maria da pá virada

Eu vi que a maria hoje  
Acordou apavorada  
Já entrou no botequim  
Já ficou desboqueada

Maria da pá virada  
É rainha da maloca  
Gosta de tomar biriba  
E dá valor a uma fofoca

Olha aqui vou te contar  
Maria da pá virada  
Já tem três crimes de morte  
Dez assalto a mão armada

Aqui a fofoca se apresenta como prática eminentemente feminina e temática centrada na vida cotidiana. As fofoqueiras da música são todas mulheres, os locais mencionados são de encontro e convívio. Um deles é o morro onde há “gente pra cachorro”, isto é, local onde a habitação é próxima e aglomerada, onde todos se conhecem e se falam. Os outros são a vendinha e o botequim, locais de circulação, encontro e sociabilidade informal e descontraída, muito propícios à prática e disseminação da fofoca.

Este samba descreve as pessoas e caminhos da fofoca no morro. É um pequeno mapa lírico da rede de circulação de fofocas com seus muitos núcleos femininos em destaque, mas não emite efetivamente uma opinião sobre a prática.

Já a próxima canção tem uma abordagem menos lírica e mais refratária ao fofoqueiro, ou, como é chamado ali: falador.

“Falador passa mal”  
Artistas: Os Originais do Samba

Falador passa mal rapaz  
Falador passa mal  
Falador passa mal rapaz  
Falador passa mal rapaz  
Falador passa mal  
Falador passa mal rapaz

Quem mandou você mentir  
 Você vai se machucar  
 Novamente aqui estou  
 Você vai ter de me aturar  
 Falador passa mal rapaz  
 Falador passa mal  
 Falador passa mal rapaz  
 Quem mandou você mentir  
 Você vai se machucar  
 Novamente aqui estou  
 Você vai ter de me aturar  
 Que malandro é você  
 Que não sabe o que diz  
 Cuidado que muita mentira  
 Você pode perder o nariz  
 Olha, eu vou te dá um alô  
 Que é pra você se mancar  
 Olha, eu vou te dá um alô  
 Que é pra você se mancar  
 Se você saiu por aí  
 E não conseguiu  
 Arranjar alguém  
 Deixe que alguém  
 Saia por aí  
 E consiga arranjar você  
 Porque  
 Falador, falador  
 Falador, falador  
 Falador passa mal rapaz  
 Falador passa mal  
 Falador passa...

Destaca-se aqui a ameaça velada e quase elegante ao “falador”. Ele espalhou alguma mentira que causou prejuízo ao autor da canção, que o ameaça quase como quem quer de bom grado alertar para um perigo: “você vai se machucar” e ainda “falador passa mal”, isto é: passarás maus bocados se fizeres novamente.

Aqui o fofoqueiro já não é mais a típica figura feminina, está bem mais próximo de uma figura masculina. “Falador” pode sim, servir de indireta a qualquer um, homem ou mulher, mas o destaque está justamente em não ser referente de forma incontestável a uma mulher.

A seguir, vemos um samba onde o fofoqueiro é claramente apresentado como um homem, coisa que torna-se parte do tema da própria canção.

“Foqueiro É a Imagem do Cão”  
 Autor: Bezerra da Silva

Fofoca pra mulher é feio  
 Pra barbado é pior, podes crer  
 Fofoca pra mulher é feio  
 Pra barbado é pior, podes crer  
 Assim como ele fala de você pra mim  
 Também mete o malho de mim pra você

É que fofoqueiro é um atraso de vida

Não é sujeito homem, é um safadão  
 Cara a cara não fala, só fala por trás  
 Ele até mete o malho na vida do cão  
 E quando o pilantra se vê prensado  
 Ele treme na base e começa a chorar  
 É que o coisa ruim é um tremendo patife  
 Cagueta os irmãos para se aguentar

Fofoca pra mulher é feio  
 Pra barbado é pior, podes crer  
 Fofoca pra mulher é feio  
 Pra barbado é pior, podes crer  
 Assim como ele fala de você pra mim  
 Também mete o malho de mim pra você

É que o língua ferina não é brincadeira  
 Ele faz a caveira até do satanás  
 Faz mulher casada perder o marido  
 E malandro passar o amigo pra trás  
 Esse prego chegou lá no céu  
 Logo organizou um tremendo conflito  
 Fez são pedro pegar são joão de bolacha  
 E são jorge guerreiro atropelou benedito  
 O canalhocrata foi expulso do céu  
 E parou no inferno como um indigente  
 Chegou lá inventou que o saci-pererê  
 Perdeu sua perna mancando com jeito

Fofoca pra mulher é feio  
 Pra barbado é pior, podes crer  
 Fofoca pra mulher é feio  
 Pra barbado é pior, podes crer  
 Assim como ele fala de você pra mim  
 Também mete o malho de mim pra você

Nesta música a fofoca masculina é apresentada como coisa ainda mais reprovável que a feminina (esta considerada, ainda que negativa, já esperada).

Temos, como em “Fofoca no morro”, uma temática centrada na vida cotidiana comum, mas agora com a introdução de elementos de violência contra o fofoqueiro quando notamos que o mesmo morreu.

A morte do fofoqueiro é tema recorrente e parece estar associada a um desejo, ameaça, ou mesmo realização de vingança (pelos efeitos de suas ações), além de também representar uma forma de comunicar aos outros o que pode lhes acontecer.

Bezerra da Silva é um sambista que, particularmente, repetiu com bastante frequência esse tema do fofoqueiro malquisto. Vejamos uma outra música sua onde o “dedo de seta” já faz um papel ambíguo e transitório entre o fofoqueiro, o puro traidor e o olheiro do inimigo, personagem universalmente objeto de desprezo e cuidado.

“Malandragem Dá Um Tempo”  
 Autor: Bezerra da Silva

Vou apertar  
 Mas não vou acender agora  
 Vou apertar  
 Mas não vou acender agora  
 Se segura malandro  
 Pra fazer a cabeça tem hora  
 Se segura malandro  
 Pra fazer a cabeça tem hora

É, você não está vendo  
 Que a boca tá assim de corujão  
 Tem dedo de seta adoidado  
 Todos eles afim  
 De entregar os irmãos  
 Malandragem dá um tempo  
 Deixa essa pá de sujeira ir embora  
 É por isso que eu vou apertar  
 Mas não vou acender agora

Vou apertar  
 Mas não vou acender agora  
 Vou apertar  
 Mas não vou acender agora  
 Se segura malandro  
 Pra fazer a cabeça tem hora  
 Se segura malandro  
 Pra fazer a cabeça tem hora

É que o 281 foi afastado  
 O 16 e o 12 no lugar ficou  
 E uma muvuca de espertos demais  
 Deu mole e o bicho pegou  
 Quando os home da lei grampeia  
 Coro come a toda hora  
 É por isso que eu vou apertar  
 Mas não vou acender agora

Vou apertar  
 Mas não vou acender agora  
 Vou apertar  
 Mas não vou acender agora  
 Se segura malandro  
 Pra fazer a cabeça tem hora  
 Se segura malandro  
 Pra fazer a cabeça tem hora

Destaco a aparição, nesta canção da expressão “entregar os irmãos”. A ideia de fraternidade pressupõe tanto uma relação de igualdade e confiança entre os indivíduos em questão, quanto a demanda de uma lealdade moralmente evidente e cuja quebra, por isso mesmo, torna-se ato muito mais grave. “Entregar os irmãos” não é um ato só objetivamente mau pelas infelicidades que provoca, mas moralmente mau, pela quebra da lealdade. É uma traição é gravíssima.

Apesar de nesta música o “dedo de seta” não morrer, ela funciona como um alerta aos potenciais prejudicados e traz mais um elemento ao contexto do fofoqueiro inconveniente: os entorpecentes.

Bezerra da Silva viveu alguns dos primeiros momentos de organização (inclusive dos códigos morais próprios) do tráfico de entorpecentes no Rio de Janeiro nas décadas de 80 – 90 do século XX. Viveu também em um contexto onde tanto o tráfico quanto o uso de cocaína e maconha (tema da música acima) poderiam levar uma pessoa à cadeia, especialmente uma pessoa pobre, moradora de favela

Nessa época a relação do sistema de honra, confiança e moralidade das organizações de tráfico de entorpecentes com a figura do fofoqueiro, linguarudo, dedo-de-seta das comunidades tomava forma. Agora o fofoqueiro não fala só das mazelas e assuntos da intimidade familiar da comunidade, mas também da movimentação do tráfico e de seus usuários. Ele passa por uma transição da imagem do curioso, xereta, para a do olheiro, inimigo, traidor dos irmãos. Passa também a merecer denominações mais agressivas.

Vejam os dois exemplos de músicas onde o papel do fofoqueiro entra em choque com o mundo do tráfico:

“Dedo-Duro”

Artista: Bezerra da Silva

Fecharam o paletó do dedo duro  
Pra nunca mais apontar  
A lei do morro é barra pesada  
Vacilou levou rajada na idéia de pensar  
A lei do morro é barra pesada  
Vacilou levou rajada na idéia de pensar

A lei do morro é ver ouvir e calar  
Ele sabia, quem mandou ele falar  
Falou de mais e por isso ele dançou  
Favela quando é favela, não deixa morar delator

Fecharam...

“Defunto Caguete”

Artista: Bezerra da Silva

Mas é que eu fui num velório velar um malandro  
Que tremenda decepção  
Eu bati que o esperto era rife ilegal,  
Ele era do time da entregação  
O bicho esticado na mesa  
Era dedo nervoso e eu não sabia  
Enquanto a malandragem fazia a cabeça  
O indicador do defunto tremia

(Refrão)

Era caguete sim!  
Era caguete sim!  
Eu só sei que a policia pintou no velório

E o dedão do safado apontava pra mim  
 Era cagete sim!  
 Era cagete sim!  
 Veja bem que a polícia arroucho o velório  
 E o dedão do coruja apontava pra mim

Cagete é mesmo um tremendo canalha  
 Nem morto não dá sossego  
 Chegou no inferno, entregou o diabo  
 E lá no céu cageteu São Pedro  
 Ainda disse que não adianta  
 Porque a onda dele era mesmo entregar  
 Quando o cagete é um bom cagete  
 Ele cageta em qualquer lugar

Dessa vez o recado é mais que claro. Nas duas músicas o dedo-duro, o vacilão, o cagete já até morreu. Resta o aviso para aquele que quiser ter comportamento semelhante: está sob risco de levar uma “rajada nas ideias”.

Cabe destacar a consolidação da “Lei do morro” como elemento importante no xadrez da sociabilidade. Com esta implantada, a regra passa a ser a do silêncio. Ninguém comenta, ninguém sabe, ninguém viu, quem fala demais pode se deparar com a já estabelecida sentença de morte.

Em “Dedo-duro” é enfatizada a relação do fofoqueiro da comunidade e a morte como consequência de sua traição. Já em “Defunto cagete”, aparece a relação deste com o inimigo: a polícia.

O defunto apontava para a polícia aqueles que “faziam a cabeça” (utilizavam entorpecentes). Neste caso não fica claro se ele morreu em consequência de suas ações como fofoqueiro, ou se por outras. Seja como for, ele é representado como morto, situação em que ninguém quer estar.

A comunicação se dá sempre de forma indireta, sem confrontar e sem deixar todas as relações e papéis claros. Podemos observar em músicas mais contemporâneas uma mudança da sutileza para a explicitação crua, talvez muito em função do papel que tais canções passaram a exercer no contexto da formação, fixação e divulgação de um código de conduta moral próprio do “morro” (hoje comunidade).

Essa moral que despreza, reprova e se indigna com a ação do fofoqueiro cagete construiu de maneira bem firme na sua relação com o mundo e os modos comportamentais do tráfico.

Vejam agora uma versão mais moderna, bem mais direta e agressiva, de música sobre o tema. Trata-se de um funk classificado como “proibidão”, modalidade que em geral traz em sua letra elementos considerados ilícitos e

impublicáveis. Isto faz com que tais músicas sejam classificadas como material impróprio (proibido) para gravação e divulgação por veículos oficiais, tais como gravadoras, rádios e TVs.

Do abuso dos entorpecentes mais nocivos como o crack, referências sexuais explícitas, hinos de guerra comemorando vitórias sobre facções inimigas e até a regulamentação de comportamento (com descrição, avaliação e apontamento das correspondentes sanções – como é o caso da música a seguir) os proibições abrangem uma gama complexa de temas da vida social daqueles envolvidos direta ou indiretamente com o tráfico e mesmo daqueles que vivem sob seus domínios territoriais. Vejamos então o que o proibidão “fogo no X-9” tem para nos mostrar:

“Fogo no X9”

Artistas: Cidinho e Doca

onde nós vivemos  
somos muito queridos,  
vivemos na malandragem,  
mas nós não somos bandidos

se liga sangue bom  
você vai virar raiz  
peixe morre pela boca  
vacilão pelo nariz

se liga no bagulho

o sinal fechou  
e o Doca ficou puto  
Cidinho meteu a mão  
Deu 700 por minuto

bate o tambor,  
bate forte faz barulho  
pra levar a boca à falência  
tem X9 no bagulho

Por isso  
Fogo no X9

Da cabeça aos pés  
O bonde da CBD  
é paz amor e muita fé

Por isso Fogo no X9  
Da cabeça aos pés  
Pega o álcool e o isqueiro  
E taca fogo no mané

Eu não entendo esses caras  
Que se acham valentão  
Valentão coisa nenhuma  
Não passa de vacilão

Ele tudo que vê fala  
 Está desesperado  
 Já deu a endolação  
 E agora é procurado

Tem a boca grande  
 E o dedo de seta  
 Ele vai ficar de bigode  
 Sem dedo e de boca aberta

E vem de bate bola, de gorila e de carrasco  
 Aponta pros irmãozinhos  
 Isso pra mim é um esculacho

E o sinal fechou  
 e o Doca ficou puto  
 Cidinho meteu a mão  
 Deu 700 por minuto

bate o tambor,  
 bate forte faz barulho  
 pra levar a boca à falência  
 tem X9 no bagulho

Figuram aqui, de maneira mais brutalizada, muitos dos elementos já trazidos pelas músicas de Bezerra da Silva: a morte do fofoqueiro, a traição dos “irmãos”, a forma prática de execução da vingança ou retaliação, antes uma “rajada nas ideias”, agora os “700 [tiros] por minuto”, seguidos, também da eliminação do corpo da vítima através da incineração, muito frequente no contexto do tráfico carioca.

O X-9, dedo-de-seta perdeu assim, o direito ao funeral e ao enterro, tão presentes nas canções de Bezerra da Silva. Ele perdeu o restante de reconhecimento como membro (ainda que controverso) comunitário, agora seu destino é ser incinerado no “micro-ondas”. Ele deixa de ser tolerado, ainda que mal quisto, para tornar-se algo a ser sumariamente eliminado, extirpado, inclusive fisicamente, do convívio.

Por outro lado, expressões como “dedo de seta” permanecem em uso para definir o papel do fofoqueiro, agora largamente rejeitado e diretamente ameaçado. O X-9 não é também um mero delator, mas um enxerido que mete o nariz onde não lhe concerne. Podemos ver nos versos “peixe morre pela boca/ vacilão pelo nariz” a referência ao fuçar (com o nariz) a vida alheia ou, no caso, as atividades da “boca” (de fumo), contraposta à boca do peixe, que morre pela comida, e não pela fala. O Vacilão morre por se meter em assuntos que não os seus.

Ainda no contexto do Funk, trago um exemplo do uso da recente expressão “Falsiane”, a amiga mistura de fofoqueira com traidora (falsa), ela é personagem atualmente bastante recorrente no linguajar feminino:

“Amiga Falsiane”  
Artista: MC Mirella

Falsiane falando mal de mim  
Tá falando mal de mim  
Depois quer andar do meu lado  
Se moscar, te dou umas bica  
Falsiane vai caralho

Tá falando mal de mim  
Depois quer andar do meu lado  
Se moscar, te dou umas bica  
Falsiane do caralho

Ela anda comigo  
Com aquele sorriso falso  
Roubou os meus contatos  
Acho que quer pegar os meus gado

Depois vai na minha casa  
Pegar roupa emprestada  
Encostou no baile  
Me difama na quebrada

Falar pouco é bom  
E conserva os dentes  
Amiga falsiane  
A gente vai bater de frente

Apesar de voltada a um público bastante diferente do anterior, vemos ainda a denúncia crítica à atuação traiçoeira da fofoqueira (“tá falando mal de mim” e “me difama na quebrada”), assim como a ameaça de retaliação explícita e velada (“se moscar te dou uma bica” e “falar pouco é bom e conserva os dentes”).

Mas essa retaliação nem sempre vem da vítima da fofoca. Ela pode ser também uma retaliação moral abstrata. Enquanto o mundo secular lida com a fofoca e o fofoqueiro com as próprias mãos e leis, no universo religioso cristão, quem determinou foi Deus: não à murmuração.

Nas duas canções a seguir, trago um pouco da percepção evangélica (gospel) a respeito da fofoca.

“Fofoca”  
Artista: Coluna de fogo

(Refrão)  
se é pra falar de cristo a hora é essa,  
mas se é fofoca por favor não me interessa

Tome cuidado meu irmão com os grupinhos  
que vivem pelos cantinhos toda hora a cochichar  
é nessa hora que o crente não vigia  
e o bicho aproveita e começa a trabalhar

ai já sai quer gravata do pastor,  
e ai que horror o vestido da irmãzinha  
e o irmão que andava a pé jogou na loto,  
só porque comprou uma moto esse crente não vigia

se é pra falar de cristo a hora é essa,  
mas se é fofoca por favor não me interessa

e o pastor não pode nem pensar  
em comprar um carro novo porque senão vai ouvir  
que a igreja está dando muito dinheiro,  
porque se assim não fosse ele comprava uma Poti

toma cuidado o guaraná de garrafa,  
vira o rótulo pra frente pra que o linguarudo veja  
porque senão o que ele vai falar  
é que tu tava na barraca enchendo a cara de cerveja

se é pra falar de cristo a hora é essa,  
mas se é fofoca por favor não me interessa

Crente fofoqueiro lá no céu não entra não  
crente linguarudo lá no céu não entra não  
quem semeia a contenda entre os irmãos  
vai ficar sofrendo com grande tribulação

Tem que nascer da água, tem que nascer do fogo,  
tem que ser do espírito irmão, tem que nascer de novo  
Tem que nascer da água, tem que nascer do fogo,  
tem que ser do espírito irmão, tem que nascer de novo

se é pra falar de cristo a hora é essa,  
mas se é fofoca por favor não me interessa

que maravilha meu irmão  
depois dessas mensagens nunca mais ministérios serão destruídos por causa da fofoca,  
casamentos serão destruídos.  
nós vamos mandar o demônio da fofoca pra bem longe daqui.

“Sai da Fofoca”  
Artista: Wesley Ielsen

Toma cuidado com tua língua meu irmão  
A vida do teu irmão não te interessa  
Toma cuidado com tua língua meu irmão  
Se tu não sair da fofoca lá no céu você não entra

Tem muita gente que não cuida da sua vida  
Gosta de usar a língua pra falar do seu irmão  
Chega da igreja diz que o culto foi peleja  
Fala mal do seu pastor e da sua congregação  
Ele não ora, não jejua, não consagra  
Ele caça coisa errada e fica na murmuração

Acaba o culto ele tá na sua panelinha  
Meu irmão sai da fofoca e vem para oração

Toma cuidado com tua língua meu irmão  
A vida do teu irmão não te interessa  
Toma cuidado com tua língua meu irmão  
Se tu não sair da fofoca lá no céu você não entra

A bíblia fala lá no livro de provérbios  
A parte do fofoqueiro ele abrindo a boca  
Ele fermenta contra a vida do irmão  
Diz até o que não vê e fala que é revelação  
Fique alerta o recado já foi dado Jesus Cristo  
Tem falado: Vigia meu irmão!  
Sai da mentira, da fofoca, do embaraço  
É o laço do adversário pra roubar sua salvação!  
(Misericórdia)

Toma cuidado com tua língua meu irmão  
A vida do teu irmão não te interessa  
Toma cuidado com tua língua meu irmão  
Se tu não sair da fofoca lá no céu você não entra

Toma cuidado irmão, sai da fofoca irmão  
Toma cuidado irmão, sai da fofoca irmão  
Toma cuidado irmão, sai da fofoca  
Vigia aí, vigia meu irmão!!

Toma cuidado com tua língua meu irmão  
A vida do teu irmão não te interessa  
Toma cuidado com tua língua meu irmão  
Se tu não sair da fofoca lá no céu você não entra  
(Vigia crente!)

Notemos: tanto a censura ao comportamento quanto a ameaça da punição persistem, mas ao invés de ela se dar pela “lei do morro” ou, lei dos homens, ela se dá pela lei de Deus. Aquele que fofoca não entra no paraíso, perde a salvação.

As vítimas da fofoca são nestes dois exemplos, passivas em relação à atividade. Ao invés de buscarem vingança, elas tentam proteger-se e confiam na ação divina sobre esse mal.

Desta feita, as fofocas não estão relacionadas à delação ou à traição, como nos exemplos anteriores, mas eminentemente à inveja de uma prosperidade dos “irmãos”, bons crentes. A disputa não é efetivamente entre os irmãos prósperos e os mesquinhos, mas entre Deus e o Diabo. Os bons prosperam, os fofoqueiros estão sob a influência do “demônio da fofoca” e sua punição virá pelas mãos de Deus se não passarem a “vigiar” (atentar e controlar a própria conduta, rejeitarem a influência nefasta do “bicho”).

A música “Fofoca” funciona como uma verdadeira peça de educação moral. Exemplifica, o bom comportamento e exalta a prosperidade daqueles que não

praticam a fofoca (e que são vítimas dela), assevera os males da conduta em questão e seu caráter deletério através de uma clara reprovação e alerta para o castigo inevitável (pois divino) diante da persistência.

A “murmuração”, como é chamada, é de fato criticada e condenada em algumas passagens da Bíblia. A canção “Sai da Fofoca” elenca até mesmo um desses trechos a título de legitimação: “A bíblia fala lá no livro de provérbios/ A parte do fofoqueiro ele abrindo a boca/ Ele fermenta contra a vida do irmão”.

Há algumas passagens em “provérbios” que falam da fofoca:

O que despreza o seu próximo carece de entendimento, mas o homem entendido se mantém calado. O mexeriqueiro revela o segredo, mas o fiel de espírito o mantém em oculto. (Provérbios 11:12-13).

O hipócrita, com a boca, danifica o seu próximo, mas os justos são libertados pelo conhecimento. (Provérbios 11:9)

O homem perverso levanta a contenda, e o difamador separa os maiores amigos. (Provérbios 16:28)

Em todos eles a boa postura é aquela descrita nas músicas para os bons irmãos: calar-se, ser humilde, prosperar, esperar de maneira serena. Não há, de fato, recomendação de retaliação direta, ela virá pela ruína do fofoqueiro.

Esta análise de canções não pretende ser exaustiva e sequer contempla muitos gêneros musicais, mas o notável é que estes temas se apresentam com bastante destaque em gêneros musicais eminentemente populares. Não é de se estranhar: a fofoca, como vimos anteriormente, é frequentemente desprestigiada pelas manifestações culturais que se querem mais “refinadas”.

De qualquer modo, é de se destacar que a maioria das as canções acima sejam negativas em relação à atividade da fofoca e, principalmente, ao papel do fofoqueiro.

Quanto à fofoca, ainda que a atividade não seja reprovada, ela é, no mínimo, desaconselhada a partir de uma mensagem geral recomendando a interrupção da prática em benefício de alguma outra atividade mais proveitosa. Este é o caso da “Marcha da fofoca”, já analisada anteriormente:

“Marcha Da Fofoca”

Compositores: Castro, Jorge de - Batista, Wilson

Fala, fala, fala / Fofoqueira

Fala, fala, fala / Faladeira

Venha conhecer minha maloca

Deixa de fofoca

Intriga é contra a moral

Fofoca e eu sou tão legal

A minha orelha quer se refrescar

Me dá uma colher de chá

O fofoqueiro, por sua vez, até agora não teve sossego nem perdão, no cancionero brasileiro: foi insultado, praguejado, amaldiçoado e, principalmente, ameaçado (quando não já representado vítima das vias de fato).

A aprovação, abonação ou elogio da atividade da fofoca ou do fofoqueiro parece ser mais rara nessa modalidade de manifestação cultural e relacionada a temas lúdicos e por vezes cômicos, além de temas de conhecimento amplo e a vida de pessoas públicas. Como na canção de Alexandre Pires:

“Fofoca”

Artista: Alexandre Pires

A nova paixão nacional  
Não é mais a cerveja  
Muito menos futebol  
Se você quer fazer parte  
Do esporte mais popular  
É só fofocar

REFRÃO

Fofoca!  
Eu tenho uma quentinha  
Uma bombas pra contar  
Fofoca!  
Libera um trocado  
Senão, não vou falar  
Fofoca!

Atenção colunistas  
Atenção jornalistas  
Temos material pra esgotar as revistas

O final de semana rendeu  
Vocês não vão acreditar  
Eu vi a Luana Piovanni beijando um cara no bar  
A linda Luma de Oliveira é fogo de não se apagar  
A Deborah Secco não anda perdendo um show do Rappa  
Ouvi um boato que a Sandy e o Junior vão se separar  
A Xuxa levando a Sasha na escola para estudar  
O Zezé di Camargo mandou um ator praquele lugar  
OK,OK

REFRÃO

Atenção apresentadores  
Olho na concorrência  
Temos material para dar audiência  
Quer saber um pouco da novela  
E tudo que vai acontecer  
é só ligar a televisão a tarde que você vai saber  
No programa de hoje nós vamos dizer quem matou o Lineu  
Coitadinha da Maria Clara a linda já disse...  
Não fui eu  
E não saia daí  
Eu tenho que vender

Daqui a pouco voltamos com mais notícias da novela pra você  
OK, OK

REFRÃO.

Acredite se quiser, tá sentado não levanta  
Um famoso pagodeiro vai tocar na Casa Branca  
Ronaldinho pegou Cicarelli, o cara parece que tem mel  
A Hebe Camargo beijou a boca do cantor Daniel  
Luciana Gimenez adora o rock do bocão  
Adriane Galisteu é capa da próxima edição  
O ministro ganhou um presente da filha e quando abriu  
aa Quem é essa mulher pelada na capa do disco?  
Sua filha ministro... Preta Gil

REFRÃO.

Foqueira, Foqueiro  
Essa vai pra todos os foqueiros do Brasil  
Foqueira, Foqueiro  
Eu tenho uma quentinha e uma bomba pra conta  
Foqueira, Foqueiro  
Fofoca  
Liberá um trocando se não eu não vou fala

Esta canção é particularmente interessante porque percorre todo um circuito do imaginário da fofoca completamente alheio às intenções moralizantes e mesmo coercitivas das abordagens anteriores. A fofoca aqui é lúdica, uma diversão, uma “paixão nacional” comparada até mesmo à cerveja e ao futebol. Ela é referente não mais a assuntos pessoais de pessoas comuns, mas sim às vidas das pessoas consideradas públicas (artistas, cantores, socialites, atletas e mesmo políticos).

Também vemos aqui um outro tema frequentemente reconhecido pelos brasileiros como fofoca, baseada em uma curiosidade não necessariamente a respeito da vida de alguém, mas sobre uma trama narrativa: a fofoca sobre os desdobramentos vindouros das telenovelas, de que falarei mais adiante.

Com o foco em aspectos mais inofensivos (ao menos diretamente) da fofoca, a música de Alexandre Pires torna possível até mesmo imaginar uma exaltação aos “foqueiros do Brasil”, compreendidos, desta vez, não só entre os faladores e detentores da informação, mas também pelos curiosos país afora, interessados em toda essa gama de variedades. A canção atenta mesmo para os principais veículos popularizadores dessa modalidade de fofoca: jornais, revistas, colunas sociais, programas de televisão.

Aqui não há culpa. A fofoca sobre famosos não aparece como algo maligno ou digno de repreensão. Os interessados e foqueiros sequer precisam se esconder: essa fofoca é perdoável, é normal.

Ele não entra, no entanto, no ponto que é frequentemente criticado a respeito dessa modalidade de fofoca: a pretensa futilidade e inutilidade de suas informações.

Apesar dessa bem humorada exaltação dos fofoqueiros, quando a temática volta à vida pessoal de indivíduos comuns (não públicos), a fofoca retorna ao seu status anterior de atividade renegada socialmente, ao menos na arena pública:

Fofoca É Lixo  
Molejo

A minha vida já tá bem encaminhada  
Eu ralei muito pra curtir essa parada  
Não tomo conta da vida de ninguém  
Mas no seu caso, você faz e muito bem

Não que eu pense que você não tá com nada  
Já percebeu que a sua vida tá parada  
Isso tá claro, todo mundo enxerga bem  
Não me preocupo com a vida de ninguém

No alto astral do dia-a-dia  
Nada consegue me parar  
Ninguém consegue me parar  
E nessa onda de alegria  
Eu deixo quem quiser falar

Fofoca é lixo

Deixa eu beber  
Todas minha contas estão em dia  
Eu não admito covardia  
Larga do meu pé, chega pra lá  
Vai se ferrar

Deixa eu beber, deixa eu beber  
Eu gosto de balada e de folia  
Só paro de zoar raiando o dia  
Quem é de fechar chega pra cá, vamos brindar

Deixa eu beber, deixa eu beber  
Todas minha contas estão em dia  
Eu não admito covardia  
Larga do meu pé, chega pra lá  
Vai se ferrar

Deixa eu beber, deixa eu beber  
Eu gosto de balada e de folia  
Só paro de zoar raiando o dia  
Quem é de fechar chega pra cá, vamos brindar

A minha vida já tá bem encaminhada  
Eu ralei muito pra curtir essa parada  
Não tomo conta da vida de ninguém  
Mas no seu caso, você faz e muito bem

Não que eu pense que você não tá com nada  
Já percebeu que a sua vida tá parada  
Isso tá claro, todo mundo enxerga bem

Não me preocupo com a vida de ninguém

No alto astral do dia-a-dia  
Nada consegue me parar  
Ninguém consegue me parar  
E nessa onda de alegria  
Eu deixo quem quiser falar

Em um quadro geral, podemos constatar que a fofoca e o fofoqueiro são raramente bem quistos no cancionário nacional, com maior ou menor intensidade de rejeição de acordo com fatores como traição da confiança, inconveniência ou mesmo intromissão. As exceções são as canções voltadas a aspectos lúdicos e cômicos da fofoca que não prejudiquem diretamente as pessoas envolvidas.

## REVISTAS DE FOFOCA

Das modalidades e temáticas gerais de fofoca, a que parece receber menor rejeição no campo da moral é o que chamarei aqui de maneira geral de “fofoca pública”. Trata-se da fofoca sob pessoas que, queiram ou não, já tem suas atividades rotineiramente devassadas por veículos de informação, sejam jornais, revistas, programas de televisão, blogues digitais, etc.

A análise neste tópico não pretende ser, de maneira alguma, exaustiva. Seu objetivo é buscar algumas características gerais desse gênero de fofoca, assim como, indicativos de qual a razão mesma pela qual eles são chamados de fofoca e mais alguns tópicos de destaque neste contexto no Brasil.

Um ponto que parece ser chave para compreensão da fofoca pública é o nível mais elevado de tolerância social do qual esta categoria desfruta. O direcionamento de sentimentos morais negativos a ela é bem menor, além de ser uma modalidade praticada abertamente. A chave interpretativa da fofoca pública parece situar-se entre o curioso, o engraçado, o lúdico e o opinativo. Não se pode deixar de observar, porém, que a fofoca sobre a vida de famosos também funciona no campo da formação de modelos morais, com uma característica bem específica: não gera desgaste social com membros do círculo próximo. É muito menos custoso criticar o adultério deixando clara a rejeição da sua prática ao fofocar negativamente sobre o “Surubão de Noronha”, do que falando com conhecidos sobre algum caso que aconteceu com seu vizinho, dando “nomes aos bois”. Aí, o risco de estresse social

pode ser muito maior. O vizinho pode vir tirar satisfações, alguma pessoa pode querer defendê-lo ou denunciar para ele a sua fofoca.

Ao se referir a casos com artistas, o efeito de reforço moral ocorre sem o revés de uma possível retaliação. A própria característica da fofoca como comunicação liminar permite mesmo o recurso da referência indireta. A imagem do vizinho adúltero pode ser evocada através do caso das celebridades produzindo assim, o mesmo efeito moral sem confrontação direta.

O que classifica essas informações como fofoca, ou que faz elas serem percebidas como tal, é mais a sua estrutura informacional que as circunstâncias em que são transmitidas. Explico:

1- Estrutura do fenômeno: circulação, informalidade, ocultação.

A fofoca pública possui, ainda que de formas atravessadas, os três elementos indispensáveis para compor a situação de fofoca:

Circulação: Este elemento é bastante evidente até pela plataforma em que aparecem as fofocas. A relação triádica aqui é mediada pela plataforma em que é veiculada a fofoca. O autor da matéria (em nome próprio ou em nome do veículo impresso) ou o fofoqueiro apresentador do quadro (na TV ou rádio) ocupa a posição do falante, a audiência (leitores ou espectadores) ocupam a posição do ouvinte da fofoca e, por fim, as figuras públicas ocupam a posição de assunto. Aqui a circulação é mais que evidente uma vez que as informações extrapolam completamente o círculo social próximo dos referidos e alcançam a arena pública de maneira difusa.

Informalidade: tratam-se de veículos de informação separados (às vezes fisicamente, como é o caso da coluna social) dos veículos tidos como oficiais e sérios. Tanto revistas, colunas e programas funcionam no registro da informalidade tanto na busca quanto no âmbito da passagem da informação, que é feita frequentemente, de maneira mais despojada, opinativa e mesmo cômica.

ocultação - esta se encontra obviamente na ausência dos alvos da fofoca na situação, mas não só. O reforço da ocultação se dá no fato de que essas informações são frequentemente segredos ou coisas cujos alvos não gostariam que estivessem em circulação, além do fato de serem em geral informações sem fonte concreta e rastreável (inclusive por serem compostas também de especulações e conjecturas pessoais do fofoqueiro ) e, por consequência sem a possibilidade de averiguação.

Além destes, ela apresenta com bastante frequência os outros dois elementos, notadamente a mistura, uma vez que regularmente ela vem enviesada de suposições, juízos e opiniões que se mesclam ao próprio conteúdo inicial da mensagem, além de, justamente por não serem informações pessoalmente verificáveis, já serem tratadas como informações maculadas por algum ruído.

Por fim a intenção também aparece nesta modalidade de fofoca, apesar de não ocorrer de forma deletéria com tanta frequência, uma vez que, como veremos, o fofoqueiro profissional precisa moderar suas informações e opiniões para manter sua reputação e nomes com algum nível de credibilidade. Se ele intencionalmente envia demais os fatos, pode colocar sua carreira a perder. No entanto, insinuações e conjecturas que intencionalmente levem a uma ou outra conclusão estão bastante presentes tanto na modalidade escrita da fofoca pública quanto da falada/apresentada.

2- Estrutura das informações: são informações estruturalmente parecidas com aquelas que seriam estrategicamente úteis se fossem a respeito de pessoas do entorno social próximo. Seriam informações úteis para rastrear e projetar formação e quebra de alianças, localização de redes de apoio, rastreio da prosperidade, informações sobre mortes e nascimentos de membros da família ou comunidade. Em núcleos sociais de circunscrição reduzida, como aqueles na escala do já mencionado “Número de Dunbar” (1996) (variável entre 100 e 230 pessoas), seriam interessantes para projeção e antecipação dos movimentos de outros membros da comunidade. A diferença aqui é que, apesar de serem o mesmo tipo de informações e parecerem por isso igualmente interessantes, os seus protagonistas estão fora do círculo social próximo dos interessados, e em geral, sequer os conhecem. Há dois pontos a se destacar nestas circunstâncias: (1) a relação de afinidade unilateral que o interessado na fofoca cria com o seu objeto (o “famoso”) e (2) são informações de trânsito fácil e seguro, por serem a respeito de indivíduos que podem ser alvo de fofoca entre todo um grupo social (porque são por todos conhecidos) e também por serem fofocas de baixo custo e estresse social. Pode-se dar quaisquer opiniões sem reveses com grupos próximos, não se ofende ninguém diretamente.

Levando-se em consideração a estrutura das informações passadas e também seus usos, torna-se possível compreender porque desdobramentos de narrativas ficcionais são enquadrados pelos próprios interessados como fofoca, junto com a

vida real e pessoal de famosos. Tanto assim o é, que as revistas direcionadas a tais assuntos nomeiam a si mesmas frequentemente com sinônimos ou indicativos de fofoca como é o caso, por exemplo, da revista “Tititi” logo abaixo analisada.

Os eventos nas narrativas em foco nestas revistas, no caso, as telenovelas, são habitualmente da mesma natureza que os da vida real e ainda podem ter ampliada a sua dramaticidade através da mistura e aglutinação de situações capazes de acionar o senso moral do espectador.

Não por acaso muitas das manchetes de maior destaque das revistas estão associadas a temas que sinalizam quebras na ordem da estrutura social (crimes, afrontas à hierarquia familiar ou seu desmantelamento). Vejamos alguns exemplos de capas de revistas especializadas em novidades sobre telenovelas e a vida de artistas, popularmente conhecidas como revistas de fofoca:



Figura 26 Revista "Tititi" edição de Junho de 2011, número 665

Figura 27 Revista "Tititi" edição de Agosto de 2015



Figura 28 Revista "Tititi" edição de Setembro de 2019, número 1073

Figura 29 Revista "Tititi" edição de Novembro de 2019, número 1080



Figura 30 Revista “Minha Novela” edição de Setembro de 2017, número 939



Figura 31 Revista “Minha Novela” edição de Julho 2018, número 985



Figura 32 Revista “Minha Novela” edição de Julho 2016, número 879



Figura 33 Revista “Minha Novela” edição de Maio de 2013, número 715



Figura 34 Revista “Minha Novela” edição de Maio de 2016, número 871



Figura 35 Revista “Minha Novela” edição de Outubro de 2019, número 1021

Nas capas acima, os destaques concentram-se em eventos que mobilizam emocional e moralmente o público de interesse. Melhor dizendo: esses temas estão em destaque justamente porque mobilizam o público alvo.

Lembremos que estas publicações se concentram tanto em tramas narrativas fictícias quanto na vida real dos artistas. Os destaques nas manchetes são, em ambos os contextos (realidade e ficção), aqueles que referem-se a algum processo de ruído na estrutura social, seja por meio de um crime (assassinatos, roubos, furtos, violências), inversão ou abalo na estrutura familiar (filho desafiando pai, roubo/troca de bebês, problemas com crianças), incesto (propositais ou acidentais, tolerados e semi-tolerados), e formação e ruptura de alianças matrimoniais (casamentos impedidos, separações, namoros, traições).

Em maior destaque ficam as notícias sobre as narrativas ficcionais, mas quando a vida pessoal de artistas tem episódios que se aproximam em dramaticidade destas narrativas, ganham também espaço nas grandes manchetes, como é o caso abaixo onde o resultado de uma tragédia familiar (um acidente de carro gravíssimo com o filho) é uma decisão dramática (a interrupção da própria

carreira por parte do pai), com repercussão para o público leitor (fim das músicas, shows e apresentações):



Figura 36 Revista “Tititi” edição de Outubro de 2012, número 716

Outros eventos nas narrativas ficcionais, mais próximos da vida cotidiana, que não representam situação de grande ruptura da dinâmica social, ou que não tenham impacto moral ou dramático negativo, dividem espaço nas manchetes menores com trivialidades que, em geral não afetam fortemente o foro íntimo de celebridades, além de outras notícias dramáticas, mas não tanto quanto a da manchete principal. São acontecimentos ainda de interesse do público, mas sem capacidade de comoção semelhante à grande notícia da capa, como casamentos regulares (o da filha do Silvio Santos), vitórias ou conquistas dos personagens ficcionais, entrevistas com atores, acompanhamento de suas atividades fora do contexto das novelas, ou mesmo o desenrolar de uma ou outra subtrama em curso.

A questão é que quanto maior for a capacidade de mobilização emocional, seja pela surpresa, seja pelos sentimentos morais de indignação, a revolta, a demanda por justiça, a vergonha (do personagem) maior o destaque da manchete.

Outras matérias que alcançam o destaque na capa sem necessariamente portarem mensagens por si mesmas emocionalmente relevantes são aquelas com os desfechos ou reestruturação de narrativas (finais de novelas ou grandes mudanças no seu curso).



Figura 37 Revista “Tititi” edição de Novembro de 2015, número 897



Figura 38 Revista “Tititi” edição de Março de 2019, número 1044



Figura 39 Revista “Minha Novela” edição de Maio de 2012, número 554

Estas manchetes, tiram seu destaque da finalidade primeira das revistas que é justamente trazer atualizações e adiantar eventos das novelas. O final da história,

ou uma grande reviravolta são, por si só, tópicos de importância, ainda que possam não trazer notícias tão escandalosas ou emocionantes.

Uma outra observação a ser feita é que a afinidade construída unilateralmente pelo público da revista em relação aos atores em destaque se dá tanto no plano da narrativa ficcional através dos papéis marcantes (a afinidade com o personagem), quanto no acompanhamento da vida pessoal e profissional do ator (a afinidade com artista). A curiosidade sobre o personagem transborda sobre o artista e a afinidade pelo artista alavanca a atenção sobre o personagem.

Outro meio de veiculação de fofocas públicas é a coluna social, este já não mais voltado à ficção, mas à vida real de pessoas de interesse geral.

Das notícias da corte e anúncios e reportes de casamentos, bailes e recepções da alta sociedade do século XIX às mais arquetípicas colunas sociais de Ibrahim Sued na década de 80 do século XX, a vida dos notáveis da sociedade vem sendo relatada e acompanhada.

Segundo Paula Francinetti da Silva, em seu “A coluna Social como gênero de fofoca” (2011), a coluna social há tempos não se atém apenas à vida na alta sociedade:

Entretanto, o corpus indicava que não só de eventos sociais sobrevivia a coluna. Observou-se o predomínio de notas de cunho social (7.050 em Sued e 3.111 em Swann), totalizando 10.161 notas, o que evidenciava ainda a prevalência, na coluna, de assuntos relacionados à sociedade. O segundo maior índice das notas da coluna eram as dedicadas aos assuntos políticos e mostrava-se como indicio de que as colunas nos anos de 1987/88 não se restringiam apenas aos noticiários sobre as pessoas das altas rodas sociais, o high society, mas contemplava outros aspectos. Vale ressaltar que a divisão temática foi meramente metodológica e não representa uma delimitação de fronteiras entre eles, visto que eram entrecortados nos campos do social, da política, da economia e da cultura. (SILVA P. F., 2011, p. 15)

O que caracteriza esse tipo de publicação como fofoca não é, novamente, a temática de seu conteúdo veiculado, mas a estrutura do fenômeno comunicativo. A análise de Francinetti é bastante ampla e sobre um *corpus* de colunas sociais publicado entre janeiro de 1987 a outubro de 1988, justamente época em que corria a constituinte brasileira. A grande ocorrência de comentários sobre política mostra como a fofoca se concentra, para além das trivialidades clássicas, também sobre temáticas de interesse circunstancial, seja ele relevante ou fútil.

Uma das mais conhecidas formas de rejeição à fofoca em geral, mas em especial à fofoca pública, que não é tão moralmente rejeitável, é a acusação de futilidade do seu conteúdo. Alguém não precisa se sentir culpado por querer saber de assuntos que já estão, de qualquer maneira, em ampla circulação, embora

imprecisos, especulativos ou permeados de opiniões que transcendem em importância os próprios fatos em questão.

Temos que lembrar, é claro, que em grande escala tais fofocas podem afetar a reputação, a imagem e mesmo a carreira da pessoa ou coisa a que se referem, como foi o caso da já mencionada “polêmica da cenoura” que teve parte na derrocada da carreira do ator Mário Gomes. Mas nestes casos podemos tranquilamente considerar que a reprovação à fofoca resta mais às costas daquele que a iniciou e não com do público geral, que acaba repercutindo-a.

É ainda notável que, segundo Paula Francinetti, o Brasil seja o país onde o gênero da coluna social tem mais destaque na mídia:

A temática surgiu da constatação de que, apesar de a coluna social ser considerada um segmento não expressivo do jornal impresso diário, torna-se evidente que, em nenhum lugar do planeta, surgiu um jornalismo tão vigoroso e voltado para a alta sociedade quanto no Brasil. Ademais, geralmente ela é inserida na parte que os jornais destinam aos eventos culturais.

(SILVA P. F., 2011, p. 11)

Já fiz referência ao trabalho de Paula Francinetti anteriormente nesta Tese.

Ela, ao analisar as colunas de Ibrahim Sued e Carlos Swan constatou, entre outras coisas, justamente essa variedade de temas e a grande quantidade de conteúdo ambíguo e opinativo.

A fofoca fala do que as pessoas têm interesse no momento. A fofoca pública, justamente por ser direcionada a todos precisa focar em indivíduos e temas conhecidos e de interesse geral, ainda que certos temas se sobressaíam mais ou menos de acordo com os humores da sociedade.

Outro ponto a ser destacado é a autoria da coluna social. Ela tem assinatura do autor que tem reputação como colunista e seu nome confere credibilidade ao que ali é apresentado. O que ele escreve, ainda que seja opinativo e apareça de maneira enviesada, tem grandes chances de estar correto e de ter vindo de fontes seguras. O colunista social é um fofoqueiro que tem uma reputação como tal. Coluna social tem também um formato bem específico:

A industrialização e a queda dos custos de produção do preço do papel, bem como a melhoria das redes de transporte, alargamento do espaço público, expansão da alfabetização, ou seja, o desenvolvimento do capitalismo provocou o aparecimento de um jornal que cultuava a objetividade e o privilégio dos fatos e não das opiniões; os jornalistas passaram a reproduzir as notícias mantendo anônimas as suas fontes.

Entretanto, o público requeria matérias personalizadas, além do anonimato redacional. Advieram seções assinadas por profissionais renomados, “superando a frieza e a impessoalidade do corpo do jornal e originando espaços dotados de valor informativo e de vigor pessoal” (Frazer, 1978, p. 54). Ramos (1994) afirma que, à medida que a massificação jornalística crescia e se consolidava, a celebridade tornou-se o centro das atenções da coluna social.

Essa é a origem do que a linguagem jornalística define como coluna social, texto que é redigido cobrindo-se um espaço da cabeça ao pé da página, na horizontal ou verticalmente. Diferencia-se das demais partes do jornal pela autoria, pois nela a objetividade do fazer jornalístico quebra-se na proximidade do autor/leitor e dissipa-se a autoridade formal do escrito nos relatos e comentários das atividades da vida mundana, da política, da economia e dos eventos. (SILVA P. F., 2011, p. 27)

Para passar e também para conseguir as notícias, o colunista social precisa ter boa reputação. Ele precisa demonstrar (assim como o jornalista de bastidores) que aqueles que passam a eles suas informações não as verão extremamente distorcidas ou usadas contra si nos jornais. Ele é também um mediador da fofoca entre a fonte primária e seus interlocutores, os leitores.

Nas revistas de fofoca especializadas em novelas, algumas apresentam essa dinâmica da autoria, mas nem sempre. Há também aquelas que optam por criar espaços em seu interior (geralmente também colunas) reservados para conteúdos mais opinativos ou enviesados. Esses espaços podem ser assinados por um autor ou mesmo por personagens com nomes fictícios.

Há ainda uma grande gama de modalidades de fofoca pública, cada uma ocupando seu nicho específico e, nem todas associadas a uma assinatura e personalidade do fofoqueiro responsável. Algumas sequer possuem um fofoqueiro como personalidade de referência, como é o caso das revistas focadas apenas na vida pessoal de famosos, cujo conteúdo flutua entre a fofoca propriamente dita (com informações imprecisas, especulações ou “furos” com segredos que não se pretendia que viessem à tona) e a mera enumeração de eventos da vida alheia, sem qualquer ocultação, de maneira formal e documentada. Revistas como a “Caras”, muito conhecida das salas de espera e consultórios, entre outras menos famosas se prestam a esse papel ambíguo e bastante próximo do inofensivo. Esse tipo de publicação, assim como aquelas com foco em novelas geralmente têm sua rejeição direcionada à futilidade de seu conteúdo e não tanto a um juízo moral a respeito do papel e das consequências da publicação ou dos seus autores. Talvez isso se deva a o fato de que se tratam de informações de grande circulação sobre pessoas cuja privacidade é comumente considerada dentro de um limite muito ambíguo, mas é necessária uma investigação mais robusta a esse respeito.

Já em relação aos fofoqueiros de renome, estes são capazes de produzir mesmo fofocas de grife. A fofoca de um fofoqueiro de renome vale muito mais que a de um desconhecido ou iniciante.

No Brasil temos muitos exemplos destes profissionais da fofoca, antes responsáveis por colunas sociais, mas hoje já distribuídos por muitas outras plataformas, das escritas às faladas, dos jornais aos programas de TV, rádio e mesmo no You-Tube. A atuação deles também já não é tão associada a uma repulsa moral. A reprovação é mais sobre quem busca as informações do que sobre os próprios fofoqueiros profissionais e estes parecem contar com uma espécie de licença moral para fofocar.

Esta licença, além da popularidade deste gênero de fofoca, permite que fofoqueiros profissionais tenham liberdade para atuar em tantas plataformas diferentes, como, por exemplo, tendo seus próprios quadros ou mesmo programas na TV aberta. Este é o caso do “Fofocalizando”, programa em forma de revista (noticiamento de trivialidades e curiosidades), onde o principal conteúdo consiste em um elenco de fofoqueiros (que assim se denominam) discutindo, dando opiniões, fazendo insinuações e especulações a respeito das fofocas que eles trazem, sempre sobre famosos.

Há muitos nichos diferentes que dão ensejo a diferentes programas, abordagens e tipos de fofocas e fofoqueiros profissionais com acesso a diferentes círculos. De socialites herdeiras de famílias ricas, a artistas de novela, jogadores de futebol até os novos (e novíssimos) ricos do agronegócio e empresariado, dos bailes funk e MCs às novas celebridades de internet, cada um destes nichos tem seu espaço e relevância no universo de interesses da fofoca pública.

Principalmente ao longo do século XX, estabilizou-se e consagrou-se o lugar do fofoqueiro profissional na cultura de massa brasileira. De nomes consagrados como Ibrahim Sued e Carlos Swann, Nelson Rubens dono dos bordões "Eu aumento, mas não invento" e "Vou destilar o meu veneno", Leão lobo, Amaury Júnior, a nomes como Lívia Andrade, Léo Dias, Fabíola Reipert, Aaron Tura, Felipeh Campos, os fofoqueiros profissionais são, hoje artigos de fácil introdução na grade de programação de emissoras em horários vespertinos na TV ou rádio.

Os mais consagrados conseguem com seu renome, credibilidade e simpatia construir sua própria grife de fofocas, levam consigo sua marca para onde forem, seja em diferentes programas ou canais televisivos, assinando colunas em jornais ou revistas, seja no rádio. Em alguns casos, o fofoqueiro é o próprio programa, como é o caso do Amaury Jr. que, mesmo mudando de emissora leva seu show de

entrevistas, cobertura de festas e fofocas consigo, apenas com ligeiras mudanças no nome e formato.

Eles tornam-se a atração junto com as fofocas, não só por conta da credibilidade, mas também pela forma como emitem suas opiniões, especulações e intuições, além do acesso privilegiado à intimidade daqueles que são seus “assuntos” que só eles são capazes de obter pela via relacional.

A variedade de programas nesse nicho é particularmente ampla, com modalidades onde há um quadro especial para as fofocas sobre famosos. Este é o caso, por exemplo do quadro “Roda da Fofoca” no programa de variedades “A Tarde é Sua” da emissora Rede TV e do “Hora da Venenosa”, quadro dedicado à fofoca dentro de um programa de noticiário policial chamado “Balanço Geral” da Rede Record.

Há também os programas quase que inteiramente dedicados à atividade da fofoca sobre famosos. Estes, em geral têm como atração um fofoqueiro profissional de renome que apresenta ou sustenta a dinâmica mais longa do programa. Este é o caso do “TV Fama” da Rede TV, apresentado por Nelson Rubens e Flávia Noronha, um dos programas mais longevos do gênero, no ar desde 1999. Na mesma emissora temos também o bem mais recente (desde 2018) “Tricotando” apresentado por Lígia Mendes e Franklin David, programa com fofoqueiros mais voltados aos comentários opinativos e cômicos. Em outra emissora, inclusive em disputa pela audiência do programa anterior, temos o já mencionado “Fofocalizando” da emissora SBT, com um grupo de fofoqueiros mesclado entre os já renomados (como Leão Lobo) e em ascensão.

O papel social do fofoqueiro profissional vem, inclusive, frequentemente associado a certos trejeitos e características que, não raro, incluem toques de comicidade e excentricidade, além de simpatia e, em alguns casos de fofoqueiros do sexo masculino, alguma afetação, mas hoje este nem sempre é o caso.

Essas características não são, é claro, uniformes nem sempre presentes, mas se reunidas em um personagem facilmente produzem uma figura popularmente reconhecível e associável ao fofoqueiro profissional.

Arquétipos dos trejeitos, personalidade e certa comicidade dos fofoqueiros profissionais são bastante comuns e de fácil identificação, a ponto de podermos encontrar diversas representações desse papel social na dramaturgia brasileira. É o

caso, por exemplo, do personagem Mário Fofoca interpretado pelo ator Luiz Gustavo Sánchez Blanco na novela “Elas por Elas” de 1982. O personagem é um detetive que busca informações, investiga, de maneira cômica e desajeitada. Foi uma figura de bastante sucesso e aceitação pelo público, a ponto de ganhar série e filme próprios nos anos seguintes (“Programa Mário Fofoca” e o filme “As Aventuras de Mário Fofoca” de 1983) e fazer algumas reaparições bem posteriores, como na refilmagem da novela “Ti ti ti” em 2011. Note-se que neste caso, o que justifica a sua alcunha é a característica do personagem ser um investigador: aquele que busca as informações, que investiga, característica associada ao “cuidar da vida alheia”, mais que a uma fala incontida ou venenosa. Outro personagem mais recente é a Cida Lamounier do quadro de humor “Hora da fofoca” no programa “Se joga” da emissora Globo. Ela apresenta fofocas claramente estapafúrdias e falsas, de maneira performática e cômica tendo mais enfatizado, neste caso, o aspecto da fala expansiva e cheia de trejeitos e as informações truncadas não dignas de confiança. Ambos são personagens cômicos, o que salienta o aspecto do perdão social que é excepcionalmente conferido a essa modalidade de fofoqueiro, o profissional.

Notemos também o uso frequente de expressões que remetem à fofoca para nomear programas, quadros, novelas e os próprios personagens. Enquanto antes se poderia dizer que a palavra fofoca era evitada, hoje já se vê que ela está completamente aceita no vocabulário das plataformas de entretenimento. A fofoca pública tem um perdão social poderoso assim como o fofoqueiro profissional tem hoje certa licença moral para atuar.

O papel social do fofoqueiro é, no entanto, representado em nossa dramaturgia e ficção em ambas as suas modalidades, tanto o profissional quanto o mal quisto, aquele do nosso cotidiano que fala, não das celebridades, mas dos nossos conhecidos e de nós mesmos. Mas os fofoqueiros que ficam efetivamente famosos são os profissionais, dedicados às mazelas e alegrias da vida daqueles não tão próximos, enquanto para o fofoqueiro comum, do bairro, da rua, da família, restam em geral os sentimentos morais negativos da indignação e o eventual esquecimento. O fofoqueiro comum não é visto como cômico, mas como vil, inconveniente, problemático e, eventualmente, digno de retaliação, como pudemos vislumbrar através das respostas aos questionários.

### ANEXO III

## QUESTIONÁRIO - UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A FOFOCA NO BRASIL

- 1- QUAL SUA IDADE? \_\_\_\_\_
- 2- QUAL O SEU SEXO? \_\_\_\_\_
- 3- QUAL A SUA CIDADE E ESTADO?  
\_\_\_\_\_
- 4- QUAL A SUA ESCOLARIDADE?  
 ENSINO FUNDAMENTAL  
 ENSINO MÉDIO  
 ENSINO SUPERIOR  
 PÓS-GRADUAÇÃO - PROFISSIONAL  
 PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO  
 PÓS-GRADUAÇÃO – DOUTORADO
- 5- QUAL A SUA PROFISSÃO/OCUPAÇÃO?  
\_\_\_\_\_
- 6- VOCÊ PENSA NA FOFOCA COMO UMA COISA:  
 BOA       RUIM/NEGATIVA       NEUTRA/NORMAL
- 7- QUANDO A FOFOCA É A SEU REPEITO, VOCÊ ACHA ISSO:  
 BOM       RUIM       NEUTRO/DEPENDE DA SITUAÇÃO
- 8- PARA VOCÊ, O QUE É A FOFOCA? (ESCREVA UMA DEFINIÇÃO)  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 9- É POSSÍVEL VIVER SEM FOFOCAR?

SIM  NÃO  NÃO SEI

10- VOCÊ FOFOCA:

POUCO  NADA  MUITO  MEDIANAMENTE

11- PARA VOCÊ O QUE É UM(A) FOFOQUEIRO(A)?

---

---

---

---

12- VOCÊ SE ACHA FOFOQUEIRO(A)?

SIM  SIM, MUITO  NÃO

13- VOCÊ ACHA QUE (MORALMENTE) SER FOFOQUEIRO É:

NORMAL  BOM  RUIM

14- QUEM VOCÊ ACHA QUE FOFOCA MAIS?

HOMENS  MULHERES  LGBTQs

ACHO QUE TODOS FOFOCAM IGUAL  DEPENDE DA SITUAÇÃO

15- EM QUAL IDADE SE FOFOCA MAIS? (marque no máximo 2)

CRIANÇAS  ADOLESCENTES  ADULTOS  IDOSOS

16- VOCÊ CONHECE PESSOALMENTE UMA PESSOA FOFOQUEIRA?

SIM  SIM, MUITAS  NÃO

17- VOCÊ ACHA QUE O QUE SE FALA NA FOFOCA É SEMPRE NEGATIVO?

SIM  NÃO

18- QUAIS TEMAS VOCÊ ACHA MAIS FREQUENTES NA FOFOCA?

(Marque todas que se aplicam)

A VIDA DE SEUS CONHECIDOS E AMIGOS

ASSUNTOS DE TRABALHO

A VIDA DE SEUS PARENTES

A VIDA DAS PESSOAS PÚBLICAS, COMO ARTISTAS FAMOSOS E POLÍTICOS

JULGAMENTOS MORAIS SOBRE AS PESSOAS

NOTÍCIAS VARIADAS

BOATOS

MENTIRAS

Outro(s):

---

19- QUE TEMA(S) TE INTERESSA(M) MAIS EM UMA FOFOCA?

---

---

20- VOCÊ JÁ APRENDEU ALGO QUE PUDESSE USAR PARA A SUA VIDA NUMA FOFOCA? SE SIM, O QUÊ?

---

---

VOCÊ CONHECE ALGUM CASO INTERESSANTE DE FOFOCA? GOSTARIA DE CONTÁ-LO RESUMIDAMENTE? (não precisa dar nomes)

---

---

O QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO É ASSUNTO DE FOFOCA? OU O QUE NÃO É FOFOCA?

---

---

ONDE AS PESSOAS FOFOCAM MAIS (em que lugares ou situações)?

---

---

MARQUE AS OPÇÕES QUE VOCÊ ACHA RELACIONADAS À FOFOCA: (quantas quiser)

MENTIRA  BOATO  INVEJA  DISCRIÇÃO

IMPLICÂNCIA

VINGANÇA  SEGREDO  CONFUSÃO  IRONIA

AFRONTA

INTIMIDADE  COMPADRIO  TRAIÇÃO

CURIOSIDADE

SUSSURRO  MALDIÇÃO  CONSPIRAÇÃO

DETRAÇÃO

- ( ) CUMPLICIDADE ( ) AMIZADE ( ) INIMIZADE ( )  
 COMPETIÇÃO  
 ( ) CONTROLE ( ) ESCONDIDO ( ) CENSURA ( )  
 TAGARELA  
 ( ) MALÍCIA ( ) BASTIDORES ( ) INSINUAÇÃO ( )  
 NOVIDADE  
 ( ) MALDADE ( ) DIVERSÃO ( ) INFORMAÇÃO ( ) FAKE  
 NEWS  
 ( ) FUXICO ( ) MANIPULAÇÃO ( ) CONVERSA ( )  
 ZOAÇÃO  
 ( ) OCULTAÇÃO ( ) PECADO ( ) COXIXO  
 ( ) ( ) Outro(s):

---

21- VOCÊ CONHECE ALGUMA FOFOCA QUE AJUDOU ALGUÉM?

- ( ) SIM ( ) NÃO

22- VOCÊ CONHECE ALGUMA FOFOCA QUE PREJUDICOU  
 ALGUÉM?

- ( ) SIM ( ) NÃO

23- VOCÊ JÁ FOI PREJUDICADO(A) POR UMA FOFOCA NEGATIVA?

- ( ) SIM ( ) NÃO

24- VOCÊ JÁ PREJUDICOU ALGUÉM COM UMA FOFOCA  
 NEGATIVA?

- ( ) SIM ( ) NÃO

25- O QUE VOCÊ SENTE QUANDO FAZ (CONTA) UMA FOFOCA?

---

O QUE VOCÊ SENTE QUANDO OUVI UMA FOFOCA?

---

O QUE VOCÊ FAZ OU SENTE QUANDO CHEGA ATÉ VOCÊ  
 FOFOCA SOBRE UMA PESSOA QUE É SUA AMIGA OU  
 PARENTE QUERIDO?

---

26- VOCÊ ACHA QUE TAMBÉM SE PODE FOFOCAR POR ESCRITO  
 OU PELA INTERNET? SE SIM, COMO ACHA QUE MAIS SE

FOFOCA HOJE EM DIA (PELA FALA PRESENCIAL OU PELA INTERNET)?

- SIM       NÃO                       FALA PRESENCIAL  
 INTERNET

27- CONHECE ALGUM TERMO DIFERENTE, CURIOSO OU REGIONAL PARA DIZER “FOFOCA” OU “FOFOQUEIRO” QUE NÃO TENHA SIDO MENCIONADO AQUI? SE SIM, QUAL (QUAIS)?

- NÃO  
 SIM \_\_\_\_\_